

DIRECTOR

Valentin Magalhães

A

S

SEMANA

Não se restituem originaes

Redactor-gerente — MAX FLEIUSS

Secretario da Redacção — H. DE MAGALHÃES

Escriptorio, rua dos Ourives n. 71, 2. andar

EDIÇÃO 5.000 EXEMPLARES

AOS COLLEGAS

A todos os nossos collegas de imprensa pedimos a fineza de declararem a procedencia dos trabalhos que das nossas columnas transcreverem.

Podlamos reservar-nos o direito de prohibir a reproduçãõ. Não o fazemos, entretanto, senão para os trabalhos cujos autores o exigirem.

A DIRECÇÃO.

SUMARIO

Historia dos sete dias—*José do Egypto*; G. de Maupassant—*E. Zola*; Plebiscito Litterario; Questão Scientifica; Cega—*Maria Clara*; O Passado—*H. de Magalhães*; Poezia e Poetas—*Ascanio Magnó*; O nosso reaparecimento; A Vida Elegante—*Lorngon*; Correio—*Enrico*; Palcos e Circos—*Flaminio*; Factos e Noticias; Tratos á Bola—*Frei Antonio*.

Historia dos sete dias

Conheci um sujeito, empregado do Thesouro... (Deve estar hoje aposentado ou morto—idéas connexas: o aposentado está morto para o serviço publico, o morto é um aposentado da vida...—) o qual sujeito escrevia havia vinte annos com o mesmo bico de penna. Sim, o mesmo.

Elle costumava dizer-m'o e repetir m'o com orgulho, mostrando-me o pequeno instrumento pontegudo, oxidado pela boa tinta de então, corrosiva e negra; alimpava-o todos os dias, após a faina das minutas e das averbações com um trapo de seda preta e, após, guardava-o na gaveta.

Era um funcionario modelo, com o methodo e a caturrice de rigor. Papel que sahisse rabiscado pela veneravel penna era um primor de estyle official. A felicidade daquelle homem vinha-lhe inteira e directa de haver conservado a penna. Mudar de penna é um erro grande.

Tu, homem feliz que não escreves, não podes calcular como influe sobre as idéas a mudança da penna.

Acredita-se ser o cerebro que dita e a penna que obedece, escrevendo. Profundo engano.

Na realidade o cerebro é que é o escravo, o servo da penna—coisa que existio no Direito medievo, com um só n. Póde o cerebro estar impaciente e acalorado, querer precipitar-se correndo, car... Se a penna é nova, e dura e, sobretudo, se não é das de que o escriptor costuma servir-se, o pensamento ha de entrar no trote e a prosa he de sahir medida, rythmada, egual, como um jornadear de mula de conego numa boa estrada.

Se Zola e Daudet trocassem as pennas quando tinham de escrever—este *Fromont Jeune et Risler aine* e aquelle *L'assomoir*, acredito que Zola crearia *Desideria Delobelle* e Daudet *Gervasia*.

E talvez o embrião de uma theoria isso que, ali fica. Mas a certo é que se comecei digredindo logo por tal sorte, foi para dizer que a penna com que escrevo esta historia dos sete dias não é a mesma com que escrevi a ultima, a 4 de junho de 1887.

Fiz mal em não haver-a guardado. A penna com que estou escrevendo é uma penna nova, de aço virgem, que repelliu, altivo e polido, a sollicita osculação da tinta impudica, que tudo abraça, que tudo lambe, que tudo tisque: uma penna que não me conhece, que nada sabe de mim, que me não ama, que me não quer.

Oh! como a sinto rebelde e ingovernavel! Não tem a boca doce das boas montarias de ha muito affeitase affiçadas ao cavalleiro. A boca desta minha *Perry* bebe mal a *blue black*, não se abebera nella e não a restitue ao papel em caracteres palpitanes de enthusiasmo, agitados de fantasia. Não é a minha penna da primeira *Semana*.

Sete annos envelhecem, então?

Temo que sim. Foi nesse lustro e tanto que me embranqueceram alguns cabellos, cresceram-me uns filhos e nasceram-me outros, e vi definir tristemente a vida mental da minha terra, em um çanação precoce. Para que o artista não envelheça, é preciso que o conserve o meio.

Envelheceo Zorrilla na Espanha? Envelheceo Victor Hugo e envelheceo Dumas em França? Envelheceo Verdi na Italia? Não.

A primavera intellectual que reina, perenne, nessas regiões de velha cultura, continuamente aradas por um trabalho incessante e adubadas pelo fermento de idéas novas sempre, dá frescura e viço, remoça e revigora os

talentos que della vivem cercados...

Mas aqui, Deus meu! Aqui, em que as letras ainda são consideradas occupação de ociosos e a arte uma invenção engenhosa, apenas boa para que os ricos possam mostrar que o são; aqui; o talento apenas abotó e começa de florescer, mirra e extingue-se á mingoa de sol e de agua. Querem uma prova? O nosso Machado de Assis.

«Mas esse não abotoou só; florio e fructificou e fructifera ainda», vão objectar-me.

Sei disso bellamente, e é por saber-o que o digo. O nosso Machado confirma a regra, por excepção que é.

Mas elle mesmo não pouco tem produzido se lhe compararmos a producção á força productiva! Quanto não teria dado se houvesse encontrado o meio que o seu temperamento litterario, completo e finissimo, pedia e pede?

Não exageremos, comtudo. Não affirmo que eu haja envelhecido: tenho apenas esse receio. O renascimento desta folha é talvez um signal da sonhada formação mesologica. Deve sel-o. Esperemos que o seja.

Esperem eu mesmo não perceber no publico que me vae ler saudades da minha penna de ha sete annos. Esperar é crer.

E os sete dias?

Que são sete dias ante a recordação de sete annos? A historia dos sete annos é que eu devia escrever, se tivesse paciencia para tão longe remontar ao passado e coragem para me apunhalar com tantas e tão agudas saudades.

Os primeiros sete dias do meu segundo periodo de chronista d'*A Semana* foram, ai de mim! bem semelhantes a muitos outros sete dias que vivi outr'ora.

Que nos trouxeram elles? Um grande incendio, algumas mortes, um *grand prix* (este francez veio aqui para evitar a semsaboria da rima); um cadaver illustre que chega, um novo banco que se installa, para mostrar que dinheiro só falta aos que o não têm, um ou dois suicidios, dois ou tres assassinatos, meia dusia de casamentos, uma dusia de roubos...

Não, decididamente os sete dias são os mesmos de ha sete annos... A penna é que é outra.

Porque se disse e se acreditou que os dias não se assemelham? A comedia é sempre a mesma; só os actores mudam.

Conhecem a conjugação da vida? Pois é assim: *Indicativo, presente*: eu caso, tu nasceste, elle morre; *preterito*: eu casei, tu nasceste, elle morreo; *futuro*: nós morreremos, etc.

Os verbos são sempre os mesmos; meia dúzia apenas, no mar do tempo, como foijão de pobre: alguns grãos affogados em agua suja.

Os sujeitos é que mudam, saltando de um verbo a outro de nascer a casar, de chorar a rir, de esperar a morrer.

Os acrobatas saltam de um trapezio a outro, até esborracharem-se na arena. Os acontecimentos são os trapezios...

Pobres acrobatas!

José do Egypto.

G. DE MAUPASSANT

Foi a 9 de Julho que baixou ao túmulo este grande escriptor francez, que, ha mais de um anno cahido em estado de completa demencia, succumbio á paralytia consequente.

Em nome da Sociedade dos Homens de Letras e dos Autores Dramaticos pronunciou Emilio Zola um admiravel discurso em que a personalidade do mallogrado romancista é estudada com grande verdade e precisão.

D'elle extrahimos os seguintes trechos, magnificos pela elevação das idéas como pela belleza da fórma:

« A claresa! Eis a fonte da graça, em que eu desejara ver desalterarem-se todas as gerações! Eu amava devéras a Maupassant porque elle era um legitimo representante do nosso sangue latino e pertencia á familia das grandes honestidades litterarias. Certamente que não se deve impor limites á arte, que se deve acceitar os complicados, os refinados, os obscuros; mas parece-me que estes não são mais que o capricho ou o regalo de algum tempo, e que, satisfeito esse passageiro goso, é forçoso volver aos simples e aos claros, como se volve ao pão quotidiano, que nos alimenta sem nos enfastiar nunca.

« E' nesse banho de sol que está a saúde, nessa onda que de todos os lados vos banha.

« E' possível que certa pagina de Maupassant que admiramos lhe haja custado um esforço.

Que importa, porém, se essa fadiga não apparece, se nos reconfortamos na perfeita naturalidade e no tranquillo vigor que della dimanam? Sae-se dessa pagina como alegrado, com a satisfação physica e moral que produz um passeio á larga luz do dia.

« Fóra de sua gloria de escriptor, elle ha de ficar como um dos homens mais felizes e mais desventurados da terra, aquelle em que melhor sentimos a nossa humanidade esperar e partir-se, o irmão adorado, amimado, e subitamente desaparecido em meio das lagrimas.

« E, d'ahi, quem póde afirmar que

a dor e a morte não sabem o que fazem? Seguramente que Maupassant, que em quinze annos havia produzido cerca de vinte volumes, podia viver ainda muito e triplicar esse numero de obras, e encher, só elle, uma estante de bibliotheca.

« Todavia — devo eu dizel-o? — Deante as copiosas producções da nossa epocha, sou, ás vezes, tomado de uma inquietação melancolica.

« Tantos livros accumulados representam de certo uma longa e penosa tarefa e são um bello exemplo de obstinação no trabalho. Sómente, elles são tambem bagagens demasiado pesadas para a gloria, e a memoria humana não gosta de sobrecarregar-se com tão grande peso.

« Dos grandes escriptores cyclicos que tem ficado? Algumas paginas apenas.

« Quem sabe se a immortalidade não está nas trescentas linhas de uma novella, na fabula ou no conto que os escolares dos seculos futuros hão de decorar como o exemplo inatacavel da perfeição classica?

E. Zola.

PLEBLISCITO LITTERARIO

Offerecemos á votação dos leitores a seguinte pergunta:

— QUAES SÃO OS SEIS MELHORES ROMANCES ESCRIPTOS EM LINGUA PORTUGUEZA?

Cada *chapa* deverá indicar declaradamente a ordem de merecimento, de modo que na apuração não venha, por exemplo, a alcançar o primeiro logar o romance que obtiver maior numero de votos, em absoluto, mas sim o que o tiver obtido para o primeiro logar; e assim para o segundo, para o terceiro etc.

O prazo para receber as respostas é de um mez justo, de forma que se encerrará no dia 12 de Setembro vindouro.

Além do titulo do romance dever-se a declarar o nome do autor.

Só serão apuradas *chapas* firmadas com pseudonymos quando estes forem conhecidos e autenticos.

Do romance que obtiver o primeiro logar publicaremos o trecho mais bello ou mais celebre e, sendo possível, o retrato do autor.

As respostas trarão os seguintes dizeres na sobrecarta:

A' Redação d'A *Semana* (Plebiscito litterario.)

Rua dos Ourives n. 71.

Capital Federal.

Os nomes dos votantes não serão pu-

blicados, salvo expressa autorisação delles.

A designação *romance* é restrictiva; a chronica, a novella, o conto, a narrativa puramente historica estão, portanto, excluidos. Mas não ha distincção de escola nem de epocha.

O que é indispensavel é que haja sido publicado em volume, é que seja *livro*.

QUESTÃO SCIENTIFICA

A COMBUSTÃO ESPONTANEA

Emilio Zola ha muitos annos que tinha vontade de estudar e descrever em um de seus romances um caso de combustão espontanea. Era uma verdadeira obsessão esse desejo. Satisfeito agora no derradeiro livro da série monumental dos Rougon-Macquart — *O Doutor Pascal*.

Julgando nós o caso digno de estudo, consultámos sobre elle alguns dos nossos mais illustres medicos, dirigindo-lhes a seguinte carta:

Exm. Sr. Dr...

Tomo a liberdade de incomodar-vos, em nome da Sciencia, para o fim de merecer-vos a fineza de communicar-me a vossa opinião acerca da combustão espontanea, tal como a descreve Emilio Zola em seu recente romance — *Le docteur Pascal*. Macquart é um velho alcoolico, que vive, ha muitos annos, em quasi ininterrompido estado de completa embriaguez, embriaguez produzida pelas bebidas mais fortes — a aguardente, o *rum*, o *cognac* etc. Um dia, estando a fumar, profundamente bebido, cae-lhe uma braza do cachimbo sobre uma das coxas. A braza queima as roupas e depois inflamma-lhe as carnes e Macquart vai sendo lentamente devorado pela inflammação ignea dos proprios tecidos, alimentada pela gordura (elle era obeso). E arde completamente, arde ao ponto de não restar delle senão um punhado de cinza e uma poça de gordura derretida. Não escapa um dente, uma unha, um osso, um cabello, nem um fio de roupa! Muito folgariamos si vos dignasseis de nos instruir sobre a possibilidade de tal combustão espontanea. Poderá ella dar-se por aquella fórma? E' scientificamente admissivel a hypothese engenhosamente imaginada pelo grande romancista? Com a resposta a estas questões e a autorisação para publicar-a nas columnas da *Semana* muito penhorareis ao vosso.

Am.º e obrig.º cr.º e admr.

V. Magalhães.

Se outros medicos, além daquelle a quem nos dirigimos por carta, nos enviarem qualquer communicação acerca deste interessante caso scientifico publical-a-hemos com satisfação.



(NO ALBUM DE ZALINA ROLIM)

Não vejo a luz do sol, não vejo a estrella
Que o firmamento aclara em noite escura ;
Da verde selva a cor formosa e pura
Nunca mais, nunca mais eu hei de vel-a

Estranha dôr que eu sinto ! Compreendel-a
Talvez ninguém o possa. E' desventura
Que tem mixto de fêl e de ternura !
Que é triste e alegre, que é feroz e é bella

Céga ! não vejo o céo, a terra, os mares,
Mas não verei também nos seus olhares
Agros espinhos, perfidos abrolhos !

Céga, ainda posso ser feliz um dia !
E em lagrimas minh'alma viveria
Se Deus não me tirasse a luz dos olhos !

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.



Plena de doce aroma, ó noite amena,
Que vens depois do festival ruidoso
Da amena tarde de harmonias plena,

Vejo, atravez do teu luar saudoso,
Qual se fosse atravez de um telescópio,
Do meu passado o já passado goso...

E como sob a embriaguez do opio,
Vejo ante os olhos lucidas miragens,
Como as miragens de um kaleidoscópio !

São das mortas paixões mortas imagens...
Entre os astros, emtanto, a lua segue,
—Rainha idéal entre milhões de pagens.

E comquanto uma lagrima me regue
A face, então.—perola da saudade,—
A dôr aprisionar-me não consegue.

E' que de outr'ora vejo a Felicidade,
Como quem visse, de um mosteiro escuro,
Uma freira atravez da grossa grade.

Se o Presente é tão triste, e do Futuro
Ha tanto espinho pela longa estrada,
Rompa-se do Passado o espesso muro !

Mas já tão longe vai a madrugada
Da vida e já da vida vem tão perto
A noite, de astros desataviada...

Qual romeiro no meio de um deserto,
Atraz deixando limpidos paizes,
Eu vou caminho de um paiz incerto.

Do Porvir na jornada, os infelizes,
Do Presente, só levam, por lembrança,
Das campanhas da Dôr as cicatrizes !...

Portanto, eu, que só vivo da esperança,
Emquanto a magua atroz, de mim distante,
Cançada de ferir-me a alma, descança ;

Quero varrer da mente, neste instante,
A tristeza que traz-me acabrunhado,
E passar ante o olhar lacrimajante

O longo panorama do Passado.

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

Poesia e poetas

ORVALHOS. *Versos do Sr. Brito Mendes.* — Livro mal impresso, contendo estrophes acceitaveis ; o que nos faz lembrar um vaso de barro, grosseiro, com um ramilhete composto de cravinas, sempre-vivas e perpetuas.

Vistas a certa distancia e de relance, batidas de sol, essas gottas de orvalho que são rimas, podem parecer á gente pedras preciosas ; entregues, porém, ao lapidario paciente, este acaba por conhecer, sem perder muito tempo a examinal-as, que tem apenas entre os dedos alguns pingos d'agua.

Por isso, andou muito bem o Sr. Brito em chamar *Orvalhos*, os seus versos. E é por julgal-os assim que folheei-os de leve, como quem pega num ramo sylvestre borrifado pelo sereno da noite, e teme que, ao menor estremeço do braço, aquelles frageis diamantes desenravem-se do engaste das petalas, e, cahindo no chão, desapareçam, como esparsas no ar desaparecem as bolhas de sabão.

No entanto, como livro de estrêa, não podia ser melhor. Acabassem muitos como começou o Sr. Brito Mendes. Cremos mesmo que os versos hão de durar muito mais na nessa litteratura do que o pranto da noite no seio das flôres. Convence-nos d'isto a sinceridade que notamos na maior parte daquellas paginas. Tem sentimento algumas d'aquellas estrophes ; e o sentimento, que é a alma da Poesia, ferá com que não feneçam aquellas rimas.

Tem defeitos o livro, não ha duvida (e qual o que os não tem ?) mas abundam as bellezas de tal sorte, que estas fazem esquecer aquelles.

Cito de passagem alguns orvalhos, que são quasi perolas e diamantes verdadeiros. São elles *Reminiscencias*, *Ao luar*, *Escreve*, poesias e os sonetos, *O caminho*, *Olhar de mãe*, *Alvorada e Inverno*.

Desagradou-me inteiramente a pequenissima poesia que começa :

« O pranto
Do orvalho,
Cahindo
Do galho. »

Isto já Casimiro de Abreu havia feito e melhor.

Vou concluir sobre esta tira sacudindo um raminho dos 28 de que se compõe o orvalhado ramilhete, para que as gottas de orvalho, d'elle desprendidos, suavisem e perfumem um pouco este insulso artiguete :

INVERNO

Olha, vem já o inverno, partiu Flora,
Partiu a deusa idéal da primavera ;
Murcham as tintas fallidas da aurora,
Murcha a campina que o vigor perdura.

A natureza inteira como a chora,
Com que saudade a sua volta espera,
Vendo pendida a flor, triste e a gora
Os ninhos que a solidão emmudecera.

E tu, que es minha primavera, tu,
Minha amalia, partiste... Inverno erú
Tambem a vida pungo-me de espinhos.

Tambem minh'alma, onde vivia o bando
Das illusoes mais garrulas, cantado,
Ficou deserta e muda como os ninhos.

E digam, depois d'isto, que não fechei
com chave de ouro.

ASCANIO MAGNO.

O nosso reaparecimento

No sabbado passado, 5, apesar de estarmos encarapitados em um bello e elegante segundo andar e dos dois laços de escada que é forçoso galgar para chegar ás salas da redacção, foi desde cedo grande a concurrencia de amigos das letras e dos redactores da *Semana* que vinham comprimental-os e comprimental-as.

Fomos honrados tambem com a visita de algumas Exmas Senhoras.

Infelizmente, apesar de todos os esforços, a folha só pôde apparecer ás 5 horas da tarde e isto mesmo representada por poucas duzias de exemplares.

O *champagne*, o *moscato*, a cidra, a cerveja espoucaram, espumjaram nas taças e nos copos e varios brindes cordiaes foram trocados.

Da imprensa fizeram-se representar O *Paiz*—pelo Sr. Figueiredo Pimentel, O *Diario de Noticias* pelos Srs. Julio de Lemos e Vicente Reis, o *Jornal do Brazil* pelo Sr. Feliciano dos Prazeres, a *Cidade do Rio*, a *Revista dos Estados Unidos do Brazil* pelo seu proprietario Almeida e Silva.

Cartas, cartões e telegrammas foram-nos tambem enviados.

Alem das pessoas referidas, visitaram-nos naquella dia e nos subsequentes os Srs.—Fontoura Xavier, Saíd Ali, João Ribeiro, Americo Moreira, Victor Silva, Luiz Rosa, os artistas Rodolpho Amoedo, Bento Barbosa e Belmiro de Almeida, Arthur Azevedo, e os doutores Luiz e Eduardo Chapot Prevost, Francisco Fajardo, Henrique de Sá, Neves Armond, Rodrigo Octavio, Lucindo dos Passos filho, Silva Ramos, Araripe Junior, Alberto de Oliveira e Commandante Jauffret.

Foi uma festa humilde mas encantadora pela alegria e cordialidade que a animaram.

Devido ao tardio apparecimento, não pôde a folha ser vendida avulsa nas ruas e só á noite foi posta em algumas agencias.

Numerosos foram os senões e descuidos que escaparam na parte material do primeiro numero— pois só a esta nos referimos.

Em vez de VIII sahio VII em relação ao mez e em vez de Anno IV, volume IV sahio anno I, vol. I.

Então a noticia relativa ao nosso cabeçalho, essa vinha em puro cassange.

Oh! todo primeiro numero de folha é sempre isso. Já com o 1.º da primitiva *Semana* foi o mesmo. Os seus redactores trabalharam como mouros para fazel-o leve, catita, arti-tico e elle por fim, appareceu cheio de imperfeições.

E' possível que tambem haja irregularidades no serviço da administração. São tão naturaes como as outras de que tratámos.

Uma vez harmonisados os movimentos da machina, familiarisado o machinista com elles e bem azeitadas as molas (*Pecunia é a marca desse azeite*) a *Semana* não dará mais razão de queixa, esperamol-o.

Agradecendo as expressões nimiammente amaveis com que fomos recebidos por todos os collegas da capital, registramol-as como prova de reconhecimento.

Assim nos receberam os collegas :
O *Jornal do Commercio* :

Reappareceu hontem *A Semana*, da qual é director o Dr. Valentim Magalhães, redactor-gerente o Sr. Max Fleiuss e secretario o Sr. Henrique Magalhães.

O artigo-programma, escripto pelo Dr. Valentim Magalhães, resume do seguinte modo os intuitos da folha:

«*A Semana* terá agora os mesmos collaboradores de então, além dos escriptores novos que a queirão honrar com as suas produções. Não terá prevenções nem *coteries*, nem preconceitos litterarios. Procurará ser moderna, sem acompanhar contudo as extravagancias e despropositos nascidos da sede de ser novo, de ser original por qualquer moda. Procurará abranger em suas columnas todo o movimento intellectual brasileiro e estrangeiro, em suas diversas e variadissimas manifestações—artes, letras, sciencia, industria, de modo a poder ser util a todas as classes de leitores, e especialmente agradavel a algumas.»

—Está muito variado e interessante o 1.º numero, sendo tratados com vantagem diversos assumptos litterarios e artisticos.

Longa e feliz existencia desejamos á *Semana*, que reaparece sob tão bons auspicios.

A *Gazeta de Noticias* :

Está publicado o n. 1 da *Semana*, a interessante folha de Valentim Magalhães. Volta-nos, depois de seis annos de interrupção, com as galas de estylo e com a primorosa redacção a que nos habituara em seu primeiro periodo de existencia. Volta-nos o talentoso jornalista mais velho, e mais experiente, portanto; mas o fogo sagrado não se lhe arrefeceu na alma. Bemvindo seja!

Eis o summario do numero 1.º :
(Segue o summario)

O *Paiz* :

N'um bello e confortavel gabinete, situado no 2.º andar do predio n. 71 da rua dos Ourives, agruparam-se hontem, em intima camaradagem, varios homens de letras. Outros, que tambem deviam comparecer, não o podendo, enviaram cartas, cartões, bilhetes e recados. Alguns de fóra mandaram telegrammas.

Esperava-se *A Semana*, a popular revista de Valentim Magalhães, ontr'ora o cenaculo dos nossos mais distinctos litteratos, que nesse dia reaparecia, depois de quasi seis annos de sepultamento.

Um pouco tarde, embora, infelizmente para o publico, que só hoje lerá o esplendido hebdomadario, Max Fleiuss chegou, sobraçando exemplares d'*A Semana*.

Irrrompeu então a alegría, explodi-

ram garrafas de champagne, e nesse baptismo litterario foram saudados Valentim, Henrique de Magalhães, Max e os collaboradores da interessante folha.

Não falaremos do 1.º numero, porque todos sabem a actividade, o talento e o gosto do seu director. Basta-nos citar o seguinte summario:

(Segue o summario.)

O *Jornal do Brazil* :

Reappareceu ante-hontem o elegante semanario, que em outra epocha tão assignalados serviços prestou ás letras patrias.

Está á frente de sua direcção o seu primitivo redactor e proprietario dr. Valentim Magalhães, sobejamente conhecido em nosso meio litterario, o que equivale a dizer que elle conta com todos os elementos para preencher os altos fins a que é destinado.

Para que se avalie o que elle é e o que será damos aqui o summario do numero presente :

(Segue o summario.)

Ao escriptorio do nosso illustre collega foram ante-hontem saudal-o pelo seu reaparecimento algumas senhoras de nossa sociedade elegante, representantes de quasi toda a imprensa da capital e grande numero de cavalleiros, que eram gentilmente recebidos por Valentim Magalhães e Max Fleiuss.

Fazemos votos para que *A Semana* encontre do publico o acolhimento que merece.

O *Tempo* :

Reappareceu-nos hontem, com a louçania dos seus primitivos tempos, *A Semana*, o periodico litterario de Valentim Magalhães que tem agora como seu auxiliar na parte economica o sr. Max Fleiuss, um moço de reconhecidas aptidões para tal incumbencia.

Como outr'ora, será *A Semana* uma folha exclusivamente litteraria e em circunstanciado artigo explica o seu director os motivos que o levaram a continuar a publicação da nunca esquecida revista. O seu primeiro numero de agora é uma bella promessa e nelle reaparecem os antigos collaboradores d'*A Semana*.

A Valentim Magalhães e seus auxiliares, pois, as nossas cordiaes saudações e votos afim de que consigam o bello *desideratum* que os anima.

O *Diario de Noticias* :

Eil-a de novo na arena. Resuscitou hontem alli pelas 4 horas da tarde no predio n. 71 da rua dos Ourives, onde muitos amigos e collegas de Valentim Magalhães foram levar-lhe o seu contingente de applausos pelo reaparecimento da pequena, mas catita e optimamente redigida folha litteraria que teve sua epocha e ha de agora confirmar o seu passado glorioso.

A's pessoas presentes servio-se uma profusa e delicada mesa de doces, tro-

cando-se por esta occazião muitos brindes.

O numero distribuido hontem está magnifico.

A Gazeta da Tarde :

Está publicado o 1.º numero da nova phase d'A Semana, a estimada revista dirigida por Valentin Magalhães, e de que é redactor gerente o sr. Max Fleiss.

Oito paginas de leitura amena, devida a muitos dos nossos principaes escriptores.

Saudamos o reaparecimento da gentil collega.

No proximo numero começaremos a transcrever as noticias dos collegas dos estados, dando o primeiro lugar ao bello e generoso artigo publicado pelo Sr. Silva Tavares no *Pharos*, de Juiz de Fóra, annunciando o nosso reaparecimento e estudando a obra e a influencia do nosso director sobre o movimento litterario brasileiro.

Vida elegante

Leitoras:

E' vossa, especialmente vossa, como sabeis, esta secção. Só d'aqui me é permitido; claue em punho e nos labios o sorriso dos dias solemnes, offuscar a minha vista empanada já pela myopia, ante o sol da vossa formosura, mais scintilante sem duvida, que o velho Sol do Firmamento.

Só d'aqui me é permittida a invejavel felicidade de convosco, confabular uma vez por semana.

Ides com certeza achar-me a cabeça menos povoada de cabellos, o que não quer dizer que tenho ficado mais povoada de idéas; o bigode menos lustroso, o sorriso quasi tão apagado como um raio de sol no occaso tremeluzindo por entre a brecha de uma ruina (estyllo patchouli) Mas que quereis, leitoras adoraveis? Tudo passa, tudo se acaba, menos o desejo que tenho de vos ser agradável.

O Tempo é inexoravel. Este derreamento que me notaes na espinha, e que me desconcerta um pouco a antiga elegancia, é apenas a troxa dos annos.

Em todo caso julgo isto em parte uma felicidade. Estarei assim sempre sem contragimento em respeitosa curvatura ante vós.

Não obstante, minhas senhoras, o incansavel paladino do torneio das polkas e das temerosas justas das contradanças, sabe ainda correr á gloria occulta dos vossos braços de deusas, ao grito de guerra do *an avant deux!*

Para isto ainda me não tremem as

pernas, e sabe ainda o coração bater com a celeridade dos ditos tempos passados, quando em meio ao turbilhão de uma valsa soluçada pelos violinos, sinto as faces banhadas pelas ondas de uns cabellos negros!

D'esta vez amaveis leituras, por melhor vontade que tivesse nenhuma novidade pude colher pelos salões onde se folga e ri, digna de vos ser relatada.

Na proxima semana por em falar-vos hei do que tiver havido pelos Clubs mais estimados entre os quaes tem um dos primeiros lugares o elegantissimo e perfumado Club des Violetas.

Ap nas tivemos a inauguração do Bellodromo Guanabara.

Como porém, a directoria não teve a amabilidade de convidar-nos e eu a festas inauguraes não vou sem convite nada lhes posso dizer.

Mas não me hão de faltar occasiões de conversar com vossas elegancias.

LOGNON

CORREIO

Sr. Cucufate. — Por havermos embirrado um pouquinho com o começo do seu nome, não pudemos chegar ao fim da sua *poésia*.

Depois aquillo não é peça poetica... Upa! E' coisa muito melhor: é uma verdadeira botica! Tem de tudo: o bello verso de pé quebrado, alguns pés capazes de calçar 59, ricos joannetes, muita batata, alguns desconchavos e... e o diabo! Tem o diabo a poesia do Sr. acima declarado. Olhe, quer o Sr. saber de onde lhe hade vir a gloria? E' do nome. Com elle creio que alcançará mais celebridade do que afamada actriz dos nossos theatros, a qual celebrisou-se exactamente por ter uma só vez, aquillo que S. S. tem duas vezes no nome! Gloria dobrada portanto.

Sr. J. Trancoso. — Porque é que o meu amigo não pede um pouco de inspiração emprestada ao visinho do lado? Isto no caso que não queira compral-a, porque hoje a partir da consciencia com pra-se tudo. Ha um bazar na rua da Gloria onde o amiguinho encontra da quella fazenda em 2.ª mão, que é mesmo de consolar! E' só passar-lhe o espanador e não haverá quem a duas leguas de distancia não diga que aquillo é inspiração acabada de fresco.

Portanto, já sabe amigo Tranca digo Trancoso, inspire-se appareça.

Sr. Bernabé Canguica. — Vou lscanguical-o! Começarei por dizer-lhe que esta equivocto, pensa que a *Semana* publica-se na rua da Valla? Não Sr. E' na rua dos Ourives 71. Dir meha que nã ha mais rua da Valla. Pois amigo, os meus pozames!

Se não tem valla onde possa desparjar o seu conto, veja-se o uza no lenço, sendo conveniente, porém, que se espatrie, afim de não infeccionar o paiz.

E sem mais, mea caro, tome lenha que tambem é canguica.

Sr. Paulo Fernandes Vianna Filho. — A resposta que nos pede seja enviada á rua do Lavradio, damol-a aqui mesmo. Realmente esta folha está disposta a franquear suas columnas aos novos, mas exige-lhes uma coisa: que tenham talento.

Está, portanto, aberta a nossa porta. Traga-nos V. S. cousa bem escripta que não nos recusaremos a publical-a. Cumpre porém, que V. S. não se estenda muito, attendendo ao pequeno espaço de que dispomos. De-nos pouco e bom, que, só assim, dará no vinte.

Sr. Plinio Sylvano. — O Sr. tem embocadura para o theatro, tem. Não nos desagradou a sua comedieta, mas achamol-a um pouquinho longa para as nossas columnas e um pouco curta para o palco de qualquer dos nossos theatros. Neste, o publico acharia comedia de menos, ao passo que naquellas acharia comedia de mais. Em todo caso é possível que a não deixemos nos bastidores. Talvez consigamos fazel-a subir á scena, isto é: á columna; mas se d'ahi ella cahir no porão, não se queixe do empresario! O publico é tão exquisto!

Sr. Alfredo Polly. — Viajamos pelo seu soneto *Mappa Aberto* e nem por isso nos divertimos lá muito. Como a *Judia* do Sr. Thomaz, o Ribeiro, aquelle que nunca tinha vist. Lisboa e tinha pena, como a tal judia que «correu o mappa immenso das montanhas da judéa» fomos do Ladoga ao Aral, do Aral ao Elbruz e do Elbruz ao Itatiaya. Ali comemos um queto, e, reconfortados, *zut!* deixámo-nos rolar de hemistichio em hemistichio e de rima em rima pelos quartetos abaixo, até que fomos quebrar as ventas neste alexandrino duro como jacarandá busina:

«Dentre Africa e Europa, e Asia on
Oceania.»

D'ahi, o ficarmos muito receiosos de que apprehendendo de novo essa arris-

cada viagem, alguém nos possa dizer:
« Onde vae Sr. Pereira de Moraes ?
Se voce vae, não vem cá mais. »

ENRICO

Palcos e circos

*Encore un jour qui luit
Sur notre petite ville !*

Nous allons reprendre aujourd'hui

Notre existence si tranquille,

Quoi de neuf ce matin, voisin ?

— Hélas ! rien de neuf, ma voisine !

Com effeito pelos theatros a novidade a registrar é a continuação das peças que, felizmente para os empresarios, attrahem todas as noutes espectadores aos centos.

No LUCINDA O Tio Celestino é sempre a delicia dos frequentadores do alegre theatrinho do impagavel Peixoto.

No RECREIO o Dias Braga sustenta *Mulheres em penca*.

Os Srs. Milone & Tomba continuam a fazer do Polytheama um theatro em que se póde ouvir regaladamente magnificas operas.

O Sr. Mattos, *Conquista Talismans* no Sant'Anna e no Variedades as enchentes são reaes graças ao *Diabo Cão*, que hoje cede o logar aos *Talismans de Pertinaxim*.

Quanto ao Lyrico de grande marca temos a registrar a conclusão das recitas do Sr. Ferrari, que terminou a sua assignatura com a *Favoreta*, e a chegada do tenor Emilio de Marchi que veio encher de fulgor a companhia do empresario Ducci, e occasionar nova assignatura parcial.

Eis ali, amavel leitor, o que tem havido sobre theatros. Comedias em abundancia não se dado fóra do theatro, mas o patrão é feroz e não me consente que sahia de orbita que me foi traçada.

Flaminio.

FACTOS E NOTICIAS

Da commissão de academicos de São Paulo, incumbida dos festejos commemorativos da fundação dos cursos juridicos, recebemos um amavel convite para assistir ao sarau litterario-musical que hontem allí devia realisar-se.

Ao presidente da mesma commissão Dr. Alcantara Machado telegraphámos

pedindo-lhe a finesa de representar *A Semana* na referida solemidade.

O numero do *Album* que hoje se distribue dá o retrato do nosso director, acompanhado de um esboço biographico escripto por Lucio de Mendonça.

Banco Nacional Brasileiro

Perante crecido numero de accionistas installou-se ante-hontem o noyo Banco Nacional Brasileiro.

O Sr. conde de Figueiredo pronunciou ligeira e significativa allocução.

A reunião foi presidida pelo Sr. conselheiro Frederico Duval, servindo de secretarios o Dr. Alberto de Faria e barão de Aguas Claras. Foi lido o certificado do deposito de cinco mil contos no Thesouro Nacional e foram approvados os estatutos já publicados, e nomeados para a 1ª directoria os Srs. conde de Figueiredo, visconde de Guahy, barão de Salgado Zenha, commendador Pedro Gracie e Manoel Gonçalves Duarte.

Conselho fiscal — Joaquim José de Cerqueira, Matheus Alves de Souza, barão do Sampaio Vianna, Luiz Ribeiro Gomes e Guilherme Pereira da Silva Porto.

Supplentes — João Dale, barão de Aguas Claras, Augusto Weguelin, Custodio M. C. Castaneira, José Joaquim de Queiroz.

Director da caixa filial em Pariz o Sr. Topin.

Fez hontem annos o *Tim-tim*, o primogenito do nosso director.

Abraçamos ao pae e ao filho.

O nosso bonito cabeçalho é obra do habil xylographo Alfredo Pinheiro, que gentilmente nos offereceu o seu valioso concurso artistico.

Veio visitar-nos hontem o nosso distincto amigo Dr. Octavio Mendes, juiz do direito de Sorocaba, e que na antiga *Semana* por varias vezes collaborou.

« A SEMANA » NA EUROPA

São representantes de nossa folha em Lisboa — os Exms. Srs. Dr. João de Paiva, deputado ás cortes Portuguezas, e o commendador José de Paiva e nosso correspondente [o Sr.

Monteiro Ramalho; é nosso representante e correspondente na cidade do Porto Sr. Joaquim de Araujo.

São nossos representantes e correspondentes em Pariz os Srs. Oscar de Araujo e Xavier de Carvalho.

O Dr. Assis Brazil, nosso ministro residente em Buenos Ayres, actualmente entre nós, acaba de passar pelo terrivel golpe de perder seu filho Francisco, o primogenito, um bello menino, intelligente e robusto, que era o orgulho e o embevecimento de seus paes. A elles sinceros pesames.

CHRONICA DOS LIVROS

Por absoluta falta de espaço deixamos de emittir em o numero de hoje o nosso juizo acerca de varias obras que nos têm sido remetidas.

Esperamos poder cumprir esse dever no proximo numero.

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o minucioso annuncio que na segunda pagina de nossa capa faz a conhecida Companhia de Seguros — *A Educadora*

TRATOS Á BOLA

Desta vez é em prosa chilra que vou falar, meus caros charadistas!

Dou-vos a grata noticia de que vos trago hoje um sortimento de charadas e seu rancho, mais especulundrico do que da vez passada. E para que não fiquis durante muito tempo com agua na bocca, á espera, ali vae obra :

I

DECAPITADA POR LETRAS

Esta mulher — quando cantava —

Tudo troçava

Em tom discreto ; —

E ella este verbo conjugava —

E esta traçava

Do alphabeto. —

II

ANTIGA

Queres comel-a ? come-a depressa,

Que has de gostar ;

Pois, do contrario, prega-te a peça

De te matar. — 2

Se tu, ladino, d'ella a primeira
Mudas p'ra — o —,
Tens um petisco... mas petisqueira
X P T O!... — 2
Esta se pode n'uma queixada.
Ver, porém não
Na tal que dantes foi manejada
Pelo Sansão. — 1

CONCEITO

Nella to encosta mas com cautela...
Dizer não sei
Se é de madeira... Bem forte é ella;
Já te expliquei.

LOGOGRIPO

POR LETTRAS

Cousa luxuenta, — 5, 4, 1, 2.
Grande a capricho; — 3, 4, 5, 6, 7.
Prende e atormenta — 1, 2, 5, 6, 7.
Como este bicho. — 6, 7, 3, 2.
Não vês que é fructo — 4, 5, 6, 7.
Da maldição? — 1, 2, 4, 5.
Mal com que luto — 2, 5, 6, 4, 5, 7.
Baivoso então? — 6, 7, 5, 2.
Numa de fogo
Junta-a e assim fico. — 6, 7.
Com esta arma, logo, — 1, 2, 3, 7, 5, 7.
Como-lhe um tico. — 1, 2, 5, 6, 4, 1, 7.

CONCEITO

E ella rescende
Pela amplidão,
Qual flor que ponde
Já para o chão.

IV

NOVISSIMAS

1 — Este verbo tem de bitola o habito
vestido. — 1 — 1 — 1.

—

2 — E' da careca da parenta do es-
criptor. — 1 — 2.

—

3 — Não fales! Esta nota, está na
teta trabalhando. — 2 — 1 — 1.

—

E por hoje é só e já não é pouco.

A's primeiras concorreram Fricinal
Vassico em primeiro lugar (não foi
atôa que o nomeei general) e em 2º
a marechala illustre D. Lilazia. Em
seguida vieram Bombardon (bombar-
deado) Bigode de Arame, Fulustreco,
Falstaffino, L. Trompasio e mais não
disse. Chucháram todos no dedo. Gan-
hou o premio Fricinal, que advinhou
todas e até mesmo uma que sahio er-
rada na contagem das syllabas; fa-
zendo a gentil Lilazia jus ás minhas
homenagens e a uma menção honrosa
como heroica e digna dama que é

Cumpre-me, antes de terminar, dizer
á illustre Lilazia que os seus trabalhos
charadisticos serão recebidos com o
maximo prazer. Para recebê-los já es-
panei e dispuz o coração, que será o
cofre em que guardarei os seus precio-
sos trabalhos.

Eis as decifrações — : *Muralha, Ou-
vidor, Redonda, Icaro, Pechisbeque e
Bilha.*

E até sabbado vindouro.

Frei Antonio.

Instrução Primaria

CURSO ESPECIAL

No

COLLEGIO ABILIO

20, Rua Marquez de Abrantes, 20

Lingua materna

Dr. Joaquim Abilio Borges.
A. Joaquim Jambeiro.
J. Bittencourt, adjunto.
A. Pereira, adjunto.

Mathematica rudi-
mentar

Lydio Th. de Aquino.
José Luiz Ribeiro.
Alzemiro Pinto.
Olyntho Lima.

Geographia e historia

Dr. Raymundo Monteiro da Silva.
Dr. P. Migeland
Miguel Abilio Borges.

Calligraphia

Domingos José Lisboa.
J. Bittencourt.

Lições de cousas

Dr. Joaquim Abilio.
J. Luiz Ribeiro.

Sciencias physicas e
naturaes

Dr. J. A. Aguillar Machado.

Francez Pratico

A. Stievenart de Herven.
Miguel Abilio Borges.
Dr. P. Mirgeband.

Desenho

José Luiz Ribeiro.

Musica vocal

V. Amabile.

Gymnastica

V. Casali.

OBSERVAÇÕES

As aulas começam ás 10 horas da
manhã e terminão ás 4 1/2 horas da
tarde.

Neste curso é exigida a idade mi-
nima de 6 annos.

As aulas do curso secundario estão
funcionando com toda a regularidade.

O director,
Joaquim Abilio Borges

ANNUNCIOS

TOSSES

BRONCHITES, ASTHMA E ROUQUIDÃO

Curam-se com o Xarope Peitoral de
Alcatrão e Jatahy, preparado pelo phar-
maceutico

Honorio do Prado. Vidro 1\$500.

DEPOSITO--115 RUA DO LAVRADIO 115

Dr. P. Rajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas

Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

Dr. V. Ottoni

Molestias Venereas e Siphyliticas

CONSULTORIO E RESIDENCIA

22, RUA DO HOSPICIO, 22

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 - RUA DA QUITANDA - 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 - Laranjeiras

**PIANOS E MUSICAS
FONTES & C.**

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

PAPELARIA LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.

Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.

ESTABELECIMENTO

HYDRO E ELECTRO-THERAPICO
DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado

15 - Rua Sete de Setembro - 15

Rua da Carioca, 12 e 14

FILIAL EM PETROPOLIS

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A' CASA PASCHOAL

CARVALHO PORTUGAL & C.

133, Rua do Ouvidor, 133

Importação por todos os paquetes

Completo sortimento de chapéos para homens,
senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.

Rio de Janeiro

Grande Deposito

- DE -

→ **Pianos e**

Musicas ←

BUSCHMANN & GUIMARÃES

52, RUA DOS OURIVES, 52

Rio de Janeiro.

Gabinete de Cirurgia e Prothese Dentaria

DE

A. F. DE SÁ REGO

1 - Rua de Gonçalves Dias - 1

Este importante e antigo Gabinete, tendo passado pelas reformas exigidas pelos processos da moderna odontologia, acha-se equiparado aos melhores da Europa pelos esplendidos aparelhos e instrumentos de que dispõe habillando a apresentar trabalhos

ainda pouco conhecidos no Brazil

Collocação de dentaduras fixas sem chapa, e sem extracção de raizes ou dentes

TRAVAIL A PIVOT

Extracção de dentes sem dor, por meio do *Coryl* de M. M. JOUBERT, de Paris. Aparelhos para correcção de anomalias de implantação, obturadores para a abobada palatina e veu do paladar, etc., etc.

Obturação e reconstrucção de dentes a ouro perfeitissimas.

Concerta-se qualquer dentadura que não esteja perfeita na bocca mediante pequena retribuição.

Consultas e operações das 8 horas da manhã
ás 10 da noite.

RIO DE JANEIRO

A SEMANA

DIRECTOR VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, rua dos Ourives n. 71, 2.º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO 26 DE AGOSTO DE 1893

EXPERIMENTE:

Assignatura annual. 12\$000

" semestral 7\$000

Numero avulso. \$200

" n.º trazado \$300

SUMMARIO.—Historia dos sete dias, *Just do Egypto*—Direito Autoral, V. M.—Preferencia, soneto, L. *Delpho*—Cavacos medicos, Dr. *Sahen*—Plebiscito litterario; Questão scientifica, Dr. *J. B. de Lacerda*—O nosso reaparecimento; Vendo a noite, poesia, *João André*—Poesia e pnetas, H. de M.—Theatro, *Flaminio e P. Talma*—Factos e Noticias; —Tratos á bola, *Frei Antonio*

Historia dos sete dias

Haverá algum ponto de semelhança ou affinidade entre o infinitamente pequeno e o infinitamente grande? entre o granulo de areia que uma formiga esmaga no seu passo leve e o sol que cósse o dorso adusto das cordilheiras e aquece as aguas eternas dos oceanos?

Ha, sim:—a materia de que ambos são feitos é de certo a mesma.

Pois bem, entre o chronista miserriimo que, ao fim da semana, se debruça á mesa para historiar os factos dos dias idos, e o Creador dos mundos, a Causa das causas, a Alma do Universo, ha tambem uma semelhança.

Lembraes-vos da poesia de Victor Hugo em que Deus, no amago dos céus, sereno, contempla a terra, sorrindo? Traduzio a, ha dez annos, com o primor do costume, o nosso Raymundo Corrêa.

As armadas, enchendo os mares de monstros revéis, as batalhas com o estrondo das cargas formidaveis, Napoleão, bebedor de polvora e fumaça,

" A guerra, o saque, as convulsões, o espanto,

Sebastop I em chammias; de Lepanto

" O váu, de lanças e clarins repleto....

" Homens! tudo isto, emquanto, recolhido,

" Deus souba, passa e sóa-lhe ao ouvido

" Como o rumor das azas de um insecto!

Pois ao fim da semana, quando se debruça á meza para historiar os dias idos, tem o chronista esta semelhança com o Senhor:—os successos da semana, por grandes e estrondosos que hajam sido, afiguram-se-lhe pequeninos, perdidos na distancia, e o seu ruido sóa-lhe ao ouvido como o rumor das azas de um insecto.

A guerra do Rio Grande do Sul deve ter sido na Asia Menór.

As noticias raras que della nos chegam, chegam-nos tão cansadas, tão pallidas, tão mortas que não podem ter vindo de menos longe. O chronista atravessa-as com a imaginação, apoiada á forte espálna da memoria, em busca da visão real desses successos sangrentos e nada colhe, ou quasi nada.

Divisa dois vultos a cavallo, galopando á frente de uma sombra rasteira, que se move para deante... Tavares, Gumersindo...

Mas nem mesmo um zumbir de vespa lhe chega ao ouvido.

E o chronista sorri... Sorri de egoismo, do egoismo de lembrar-se abrigado e seguro, enquanto seus irmãos massacram-se longe, aos milheiros; direis. Não dizeis bem. O chronista sorri-se como podia chorar. Choraria se visse os horrores dessa guerra e se lhe houvisse os gemidos, os ululos, as descargas mortíferas.

Uma phalena é pisada por um gallo, supponde. Ferida de morte, debate-se, agonisa. Em que pode ser mais tragica a morte de um touro que a de uma phalena?

Ouvisseis-lhe os gemidos de dor, visseis-lhe as convulsões e vos commovereis certamente.

Ainda bem que o governo não nos deixa vêr nem ouvir a agonia do Rio Grande do Sul!

Tambem o cholera não commove o chronista. Por que nos ha de elle assustar mais que um bond, que um trem de ferro, que um barco a vapor, que as cascas em que moramos, que as causas de morte que commosco andam e dormem?

E' o prestigio da lenda que o faz terrivel. Não houvera eu lido o *Judeu Errante*, de Eugène Sue, e o cholera-morbus me pareceria tão ameno como a febre amarella.

Mas eu o estou vendo, o sapateiro maldicto que negou ao Nazareno o hanco da sua porta e desse crime de um minuto foi castigado com uma eternidade de soffrimentos; vejo-o a caminhar atravez da noite, por montes e valles, vejo as cruces que na terra, humida de lagrimas, imprimiam os cravos dos seus sapatões; desgrenhada a cabeça aos ventos, enquanto os sinos das aldeias badalavam funebres, e filas de chamas amarellas serpenteavam em direcção aos cemiterios...

E' essa e as outras recordações daquelle grande livro que me fazem assustador o cholera.

Por isso, a minha prophylaxia contra elle é simples, mas decisiva:—Não lei o *Judeu Errante*.

A serenidade do historiador da semana lampouco é perturbada pela demissão do chefe de policia (outro ha de vir, tão bom ou peor do que este).

Mas registra com pezar de pátrio o desapparecimento do grande brasileiro que foi o Visconde de Pelotas, o soldado Corrêa da Camara.

Mais uma espada sagrada pua a sala de armas de nosso Pantheon. Que se não apague na sua lamina o sol de Aquidaban e que nelle vão lieber luz todas as espadas novas que se desembainharem pela defesa da Patria!

Se quereis, porém, que o chronista seja franco, que vos falle com o coração nas mãos, como diz tão pittorescamente o grande poeta Povo, de todos os factos tristes e graves dos sete dias ultimos o unico que, em verdade, o sensibilisou e desfez-lhe o sorriso calmo de contemplador de latas estereis, foi a descripção feita pelo *Journal do Commercio* do estado das crianças recolhidas aos asylos Bernardina Azeredo e Josina Peixoto.

Aquillo é monstruoso! Como esperar homens amanhã, se esmagamos hoje as crianças? Acudamos todos, pelo amor de Deus! acudamos todos e depressa, e já, a essas infelizes creaturinhas que a Estupidez senão a Maldade, mascarada de Philantropia caçou na orphandade e no abandono para martyrisar na treva!

Ricos e pobres, *A Semana* vos pede, pelo amor que tendes aos vossos filhos, uma esmola para aquelles desgraçadinhos!

Elles morrem de frio e de fome, de fome e de frio, no seio desta cidade opulenta, neste fervedouro de prazeres e transacções, de jogatina e de crapula, em que não ha ninguem que acredite na existencia das duas calamidades que aquellas palavras designam —a fome e o frio!

Olhae, o chronista já não tem a pretensão de assemelhar-se ao Deus que Victor Hugo nos descreveu:—a penna treme-lhe nos dedos e uma lagrima nos ciliós...

JOSE DO EGYPTO.

Direito autoral

No dia 7 do corrente foi apresentado pelo deputado Augusto Montenegro, e assignado também pelos deputados N. Novaes e Matta Bacellar, um projecto de lei (que teve o numero 209) regulando o direito autoral, fixando os meios de tomar effectiva a propriedade litteraria, artistica e scientifica.

Lemol-o com curiosa attenção e pensamos que, comquanto aproveitavel, é incompleto e acanhado.

Vamos apreciar-o em rapidos traços.

Estabelece em seu primeiro artigo o garantimento do direito de reprodução ou de autorisar a reprodução aos autores tanto nacionaes como estrangeiros, exigindo para estes o estabelecimento no Brazil de um representante legal com poderes necessarios e bastantes.

Esta disposição é obscura, ou, pelo menos, o pensamento não foi expresso com a precisão necessaria.

Exige o projecto para os autores estrangeiros o procurador legal, aqui.

Mas se elles forem aqui residentes?

Comprehendemos bem que o autor quer referir-se aos estrangeiros ausentes, pois aos residentes a Constituição garante aquelle direito (1) mas fôra para desejar que a redacção do artigo não autorisasse duvidas e interpretações.

Achamos curto o prazo de dez annos de duração da propriedade intellectual após a morte do autor para os herdeiros legitimos, embora saibamos ser esse o prazo adoptado geralmente nas legislações europeas. Deve ser elevado a quinze annos, pelo menos, para a reprodução, podendo subsistir o de dez para a traducção.

A disposição do artigo 4.º não nos parece provida de razão nem de base.

Res a elle assim :

“Artigo 4.º. As obras litterarias, scientificas e artisticas não gozarão de protecção legal se não trouxerem estampado o nome de seu autor.

Paragrapho unico. As produções anonymas, ou assignadas por pseudonymos ou iniciaes, só começarão a gosar da protecção legal quando os nomes de seus autores forem conhecidos pelo modo fixado por este artigo, não sendo interdicta a reprodução emquanto não fôr satisfeita esta disposição.”

Que visou com ella o autor?

Impedir o anonymato?

Se foi isso, é ocioso, porque o anonymato não offerece nenhum perigo, uma vez que todas as obras devem trazer declarada a typographia de que sahiram e que ha a responsabilidade

legal do editor, do impressor, do proprio distribuidor.

Tal disposição não existe, que nos conste, em nenhuma legislação estrangeira. E que exista; nem por isso será mais rasoavel.

A falta de assignatura da obra não deve importar na perda do direito autoral, porque o autor pôde ter razões de varias ordens, todas respeitaveis, para occultar-se.

Se o motivo da disposição foi a difficuldade da prova do direito autoral, por vir occulto o nome do autor, esse motivo é insubsistente, pois tal difficuldade não existe.

Bastaria que o original fosse firmado pelo autor ou que o impressor ou editor entregasse ao autor um documento em que declarasse haver recebido delle o manuscrito.

Além de que a lei não pôde recusar o reconhecimento do direito autoral a quem *provar* ser o autor de qualquer obra, assignada ou não.

Tambem estranhámos bastante a disposição do artigo 6.º que diz assim:

“Os autores de obras litterarias ou scientificas terão o *exclusivo* direito de traduzil-as em qualquer lingua”, e isso durante 10 annos.

Havendo no artigo 1.º o autor se exprimido desta fórma: “direito de reproduzir *ou de autorisar a reprodução*” e aqui não usando tambem da expressão: “direito de autorisar a traducção”, parece-nos licito inferir que foi seu pensamento negar ao autor o direito de autorisar a traducção, só lhe dando o de traduzir, elle proprio; — o que nos enche de pasmo.

Se não é isso, houve omissão daquelle membro de phrase, ou notavel defeito de redacção.

Mas esse direito, mesmo assim restringido, soffre nova restricção no § 1.º, que dispõe o seguinte: “Cessa, porém, o direito garantido por esse artigo, se o autor da obra original não usar delle dentro dos tres primeiros annos”.

Nenhuma razão encontramos que justifique tão ferrea e mesquinha limitação de um direito de traducção, que constitue quasi todo o direito autoral.

No artigo 12. define o autor os actos que não constituem contrafacções, e entre elles include “a reprodução, no corpo de um escripto, de obras de arte figurativas, comtanto que o escripto seja o principal e as figuras sirvam simplesmente para a explicação do texto, sendo, porém, obrigatoria a indicação do nome do autor”.

No “Inferno” illustrado por Gustavo Doré, o principal é a poema, os desenhos apenas servem para explicar o texto.

Qualquer podia, portanto, a vingar esta disposição original, reproduzir *livremente* essas admiraveis illustra-

ções e locupletar-se com os lucros dali providos.

Tal benevolencia... para os contractores fere de morte o direito autoral dos artistas de artes graphicas.

Em summa, para não estender demasiado esta apreciação rapida do projecto, notamos que elle bem pouco adeanta ao que estatue o codigo penal, que foi mais minucioso e completo.

Verdadeiramente só nelle uma novidade se encontra—estender o direito autoral aos estrangeiros legalmente representados.

Mas essa mesma está implicita no espirito do artigo 72 da constituição *in principio*, combinado com o § 26 do mesino artigo, acceita a intelligencia dada por nós á palavra *residentes*—intelligencia que é a unica verdadeira como demonstrámos em artigos anteriormente publicados alhures e na these por nós apresentada e relatada ao Instituto dos Advogados, e que publicaremos no nosso proximo numero.

Releve-nos o illustre deputado estas ligeiras e desprezenciosas observações, que não têm outro fim nem outro merito senão agitar o assumpto e despertar para elle a attenção dos competentes.

V. M.

PREFERENCIA

(INTIMAS)

Na juia de uma estante pequenina
Tinha na alcôva os livros, que escolhia:
E a branca mão de Plúdiás estendia
Para tomar um delles: imagina;

Ante o esplendor d'aquelle mão divina,
Que outro livro ler mais alguém podia?
Lel-os ella era ouvir cantar o dia,
Era ouvir ler a graça peregrina.

No oiro da voz andava ou Dante, ou Homero:
E eu a escutava prêso, attento, e mudo,
E dizia-lhe após, já triste e austêro:

—Quanto mais te ouço e quanto mais estudo,
Sinto que o mesmo céu e o sol não quero,
Que um beijo teu é que preñro a tudo.

LUIZ DELFINO.

CAVACOS MEDICOS

Os estreitos limites d'*A Semana* não permitem as expansões de entusiasmo e admiração que de ha muito nutro pelo Dr. Domingos Freire, emerito trabalhador, que só tem um defeito—ser brasileiro.

Com effeito, se o Dr. Domingos Freire tivesse nascido na Allemanha, em França ou na Italia, o seu nome estaria universalizado, a par dos de Jenner, Pasteur e Kock!

O Brazil, porém, só tem o orgulho lófo e tolo de apregoar ao mundo *que tem a mais opulenta natureza, que possui o sólo mais rico e fertil, que desemrola os mais claros, diaphanos e extensos horizontes, que correm no seu seio os mais limpidos e collossaes Jor-*

[1] Em nosso parecer ella o garante tambem aos não residentes.

des, que tem por lecto o cêo mais luminoso e transparente que aclara a face da terra, deixando incognito o nome de seus filhos illustres, que, ás vezes, desanimados, cahem no meio da estrada do trabalho, desfallecem mesmo no escabroso terreno da investigação e da experiencia!

E, no entanto, carissimo leitor, o nosso incomparavel paiz abraça logo e prefere qualquer novidade que venha da velha Europa em relação ás doutrinas mais recentes, ás experiencias mais modernas, ás substancias medicamentosas que tenham sido descobertas e preconizadas no tratamento de certas molestias!

Não posso comprehender esta falta de amor e de auxilio que o brasileiro tem para o seu compatriota, que incontestavelmente vive no afan de um gabinete de trabalho, a investigar o beneficio, a utilidade, o interesse e o proveito da Humanidade; que se dedica com ardor ao estudo dos livros e passa as noites e os dias alquebrando-se n'esse unico intuito de bemfazer ao proximo!

E' preciso termos mais enthusiasmo pelo que é nosso. O grande mestre, o abalizado professor Torres Homem, disse um dia, movido pela sua longa pratica e frequentes decepções porque teve de passar, que, mesmo em materia de ciencia, nem tudo que brilha é ouro, e estava convencido de que a Europa, ao lado de esplendidas conquistas alcançadas nos ultimos vinte annos, nos differentes ramos de conhecimentos humanos, tributarios da medicina clinica e de que ella se tem aproveitado em beneficio dos doentes, tem-nos mandado como innovações muita coisa inutil, muita banalidade, muitas inexactidões e muita fantasia.

E nós, brasileiros, aceitamos ainda assim, vivemos ligados á tutela scientifica do velho mundo, não temos para com elle a experiencia e a reflexão para separar o joio do trigo, e somos os primeiros a soltar brados de animação ás primeiras noticias que de lá nos chegam.

Nomeiam-se immediatamente commissões de estudo á nova descoberta, gemem os prôcos, endoosando o novel descobridor, organisam-se bandos entusiastas, animando o embryonario investigador, e, no entanto, se elle se chama Lacerda ou Domingos Freire, nota-se o silencio, o escarneo mesmo e a indifferença!

Bem triste e acabruilhadora é a sorte dos filhos desta boa terra de palmeiras onde canta o sabiá!

Para mim, porém, e para aquelles que ainda sentem queimar-lhe o peito o fogo sagrado do amor da patria e do enthusiasmo pelos que trabalham em beneficio da ciencia, seião esses distinctos brasileiros sempre uns benemeritos, tratando de apontar ao mundo pensante os seus nomes, embora em artigos ligeiros e superficiaes, embora fazendo pallido esboço do seu brilliantissimo tirocinio!

Desde 1885 que o Dr. Domingos Freire communicou á imprensa do Rio de Janeiro o resultado das suas investigações sobre a origem parasitaria da affecção cancerosa.

Em 1887 surgiu á publicidade um folheto

intitulado *Prémieres études expérimentales sur la nature du cancer*, do qual tive já occasião de fallar, folheto em que o emerito professor desenvolve a sua theoria sobre a etiologia do carcinoma, descrevendo as propriedades do seu agente productor, que elle diz ser um *bacillo*, derivado da *zoogléa*, facilmente encontrado no sangue dos doentes em estado de cachexia cancerosa.

O professor Schanzen, de Berlim, confirmou as observações do preclaro brasileiro, nos seus essencias pormenores, sendo por muitos outros verificada a descoberta, acolhida tambem com toda a gentileza pela Sociedade de Medicina de Berlim, na sua sessão de 19 de Dezembro de 1887.

No folheto citado e do qual, repito, já tive occasião de fazer o elogio, lê-se como o distincto operario da ciencia isolou da urina de cancerosos cacheticos uma toxina basica, cuja energia physiologica mostrou, determinando em varios animaes a morte. Essa toxina é correlativa com a existencia do bacillo.

O Dr. Domingos Freire attenuou o bacillo, innoculou-o assim em animaes, tornando-os refractarios, por immunnidade adquirida, á acção ulterior das culturas virulentas.

Pois bem! No afan dos seus proveitosos estudos não lhe fallecia a esperanza de encontrar uma therapeutica efficaz para a cura do cancro. Empreheendeu tentativas nesse sentido e não desanimou com o mau resultado das primeiras.

Hoje apresenta como quasi curados dois casos do cancro ulcerado, cujas observações se acham exaradas no *Brasil Medico* de 8 de Agosto corrente, precioso hebdomadario de Azevedo Sodré,—outro benemerito que tem conseguido manter um jornal medico neste paiz, durante sete annos ininterruptamente.

Comprehende o leitor que duas observações não bastam realmente para proclamar a efficacia da descoberta, mas desejo vêr a animação ao illustre investigador e não a inveja, a satyra e as phrases dos zoilos, que já me perpassam pelos ouvidos e que são a causa deste meu pequeno *carroce*.

O campo para a experiencia e a observação do Dr. Domingos Freire é muito pequeno, pois é no Hospicio de N. Senhora da Saude onde as suas tentativas têm sido ensaiadas, mas a sua invenção é já o resultado de longos e penosos estudos de pathologia experimental! Os seus esforços, portanto, são mais dignos de veneração que de zombaria!

Abracemos o glorioso brasileiro e pesemos as suas palavras:

“A idéa de que eu poderia retardar de um só dia tão fagueira probabilidade, chamando á saude e á vida entes condemnados a uma morte certa, impelliu-me a vir pressuroso accenar com esta alvorada de esperanças das columnas desta folha (“*Brasil Medico*”) em cujo limbo fulgurante tento sempre visto gravada a animação ao trabalho e a consolação aos grandes males.”

DR. SAHEN.

Plebiscito Litterario

Offerecemos á votação dos leitores a seguinte pergunta:

—QUAES SAO OS SEIS MELHORES ROMANCES ESCRITOS EM LINGOA PORTUGUEZA?

Cada chapas deverá indicar declaradamente a ordem de merecimento, de modo que na apuração não venha por exemplo, a alcançar o primeiro logar o romance que obtiver maior numero de votos, em absoluto, mas sim o que o tiver obtido para o primeiro logar; e assim para o segundo, para o terceiro etc.

O prazo para recebimento das respostas encerrar-se-á no dia 12 de Setembro vindouro.

Além do titulo do romance, dever-se-á declarar o nome do autor.

Só serão apuradas chapas firmadas com pseudonymos quando estes forem conhecidos e authenticos.

Do romance que obtiver o primeiro logar publicaremos o trecho mais bello ou mais celebre e, sendo possivel, o retrato do autor.

As respostas trarão os seguintes dizeres na sobrecarta:

A Redacção d'A SEMANA (Plebiscito litterario.)
Rua dos Ourives n. 71.
Capital Federal.

Os nomes dos votantes não serão publicados, salvo expressa autorisação d'elles.

A designação “romance” é restrictiva; a chronica, a novella, o conto, a narrativa puramente historica estão, portanto, excluidos. Mas não ha distincção de escola nem de epocha.

O que é indispensavel é que haja sido publicado em volume, e que seja livro.

Tem despertado vivo interesse, a julgar pelas chapas recebidas e pelas discussões travadas em nosso escriptorio, o plebiscito offerecido pela *Semana*, aos seus leitores.

Cabala-se fortemente em favor de *Os Maias* e do *Primo Bazilio*, do *Eurico*, do *Amor de Perdição*, do *Retrato de Ricardina*, das *Pupillas do Sr. Reitor*, do lado dos romances de autores portuguezes; e em favor do *Guarany*, do *Braz Cubas*, da *Casa de Pensão*, do *Ermilão de Muquem*, do lado dos brasileiros.

Para orientar a votação e provocar a comparação e a escolha, vamos inscrever as tres chapas que estão correndo.

Primeira: I *Eurico*, II *Amor de Perdição*, III *Primo Bazilio*, IV *Pupillas do Sr. Reitor*, V *Guarany*, VI *Casa de Pensão*.

SEGUNDA: I *Os Maias*, II *O Primo Bazilio*, III *Braz Cubas*, IV *A Reliquia*, V *O Atheneu*, VI *A Casa de Pensão*.

Esta chapas é *esta*, como se se vê.)

TERCEIRA: I *Euzebio Macario*, II *O monge de Cister*, III *O Guarany*, IV *Os Maias*, V *A Moreninha*, VI *O Cortiço*.

Accettarems votos justificados não excedentes de cinco tiras de papel almaço.

Questão Scientifica

A combustão espontanea

Ilmo. Sr. Director d' A SEMANA.

Pede-me V. S., em nome da sciencia, que dê a minha opinião sobre—a combustão espontanea, tal como a descreve o romancista Emille Zola no seu recente romance — "Le docteur Pascal."

Se o Sr. Zola, summo pontifice da escola litteraria, a que chamam naturalista, se tivesse dado ao trabalho de ouvir a tal respeito um scientista competente, não estaria a esta hora, desafiando a zombaria e os motejos dos homens de sciencia — elle que tem a pretensão de tudo pintar com as côres verdadeiras.

Senão que ouça constricto e penitente estas palavras duras e incisivas de Casper, ainda hoje uma das primeiras autoridades em assumptos de medicina legal.

"Afflige-me ser obrigado, em uma obra scientifica séria, em 1861, a fallar ainda da fabula da "combustão espontanea", que ninguém jámais observou, cujas pretendidas provas repousam sobre os contos dos ignorantes e sobre as anedoctas absurdas dos jornaes e que não resistem á mais leve critica." (*Traité de Médecine Légale*, 1862, T. II. p. 227).

Liebig, em um modelo de critica scientifica, em poucas palavras adduz argumentos irresistíveis para classificar a combustão espontanea do corpo humano entre as mais absurdas fabulas.

Zola pinta o velho Macquart devorado pelas chammas que as proprias carnes alimentam, e depois reduzido a um punhado de cinzas e a uma poça de gordura!

Casper replica ao illustre autor do *Dr. Pascal* n'estas palavras: "Nunca foram encontrados restos humanos reduzidos a cinzas, ainda quando o cadaver tenha ficado no fogo por muitos dias."

Vae por um bom par de annos, quando eu alisava ainda os bancos da escola de medicina, acudi curioso ao deposito de cadaveres da Misericordia, para observar os cadaveres das victimas de uma terrivel explosão de polvora com incendio, que se déra em uma casa commercial da rua da Quitanda.

De tão contrahidos e deformados, mal guardavam as fórmias humanas. Eram massas informes, negras, carbonisadas—não eram um punhado de cinzas.

"Convém lembrar, diz ainda o sabio medico legista allemão, que os factos de combustão espontanea tem sido narrados por sacerdotes, *mirins* e camponezes, e que mais superstição ha na França do que na Allemanha, sendo essa a razão porque a França, é a

patria da combustão espontanea, a qual espero não merecerá mais a honra de comparecer perante a sciencia medica."

Creio, com estas citações e o valor scientifico d'estas autoridades, haver enunciado, mui claramente, a minha opinião.

J. B. DE LACERDA.

O NOSSO REAPPARECIMENTO

Eis o artigo publicado n'O PHAROL de 6 do corrente pelo Sr. Silva Tavares, cuja reprodução prometteramos:

Está por breves dias o reaparecimento da SEMANA, de que muitos, senão todos os que lêem nesta terra dos Brazis devem guardar indeleveis recordações, pelo muito que fez pelas cousas litterarias e artes correlativas, como se dizia nos bons tempos em que ainda vivia uma cousa que se chamava espirito de associação, que hoje em dia anda muito pela hora da morte, louvado Deus, e, até quando sabe-o o mesmo Senhor, que oxalá não nos desampare.

Do que a SEMANA é capaz, sabem-n'o todos quantos conhecem o seu fundador e director, um espirito activo, brilhante irrequieto, e incapaz de abdicar das suas prerogativas de homem de letras, que sabe o que diz e porque o diz, não se contentando, jámais, com uma notoriedade balofa e de encomenda, como a tantos apraz, antes pondo sempre por provas o seu merito real e indiscutível, em artigos e folhetos, livros e discursos, correspondencias e collaborações de todo o genero, para gremios e jornaes, leitores e ouvintes, —em contos magistraes e criticas vibrantes, em poesias inspiradas e de folego, em orações e biographias, pamphletos politicos e litterarios, artisticos, scientificos, philosophicos e de polemica... um nunca acabar, emfim, de produções que por ahi attestam o seu esforço e o seu talento, a sua "vérvé" e o seu "savoir faire", espontaneo e valente, incommensuravel e inultrapassado, no nosso meio artistico pauperrimo, miseravelmente pauperrimo, e desolador!

Do quanto tem trabalhado para que tenhamos uma litteratura esse moço tão digno de inveja nobre e nobre imitação que se chama Valentim Magalhães, sabem-n'o quantos conhecem as suas obras, e os traços da sua vida agitada e laboriosissima, sempre devotada ao seu objectivo, aos seus idéaes, á sua crença no futuro e no trabalho imperterrito, pertinaz e paciente como o de um mineiro obscuro e suarento, aviventado porém, incessantemente e interiormente, por essa eterna visão subjectiva dos crentes e dos energeticos, grandes no executar e no querer, grandes no esforço, na esperança, na resignação contra o desconforto asperrimo das desillusões sempre victoriosas e immanentes do mysterio, grandes no desprezo, grandes no odio, grandes no amor, que é a pedra angular dessas almas privilegiadas, organizações malcaveis e sinceras, rijas e doces, de aspero granito e de petalas setineas, que se chamam—Artistas.

Do quanto é elle capaz, não ha mister dizê-lo. Ahi estão as suas obras como exemplo vivo de um talento aproveitado

e de uma orientação propria, o que já não seria pouco em um meio de "detraquês" e imbecis improductivos e estereis de toda a especie.

Do quanto vale o seu exemplo, digamol-o nós todos seus contemporaneos e compatriotas reconhecidos e sinceros, que sabemos quanto vale o exemplo na escola litteraria e quanto vale a litteratura de um povo para a sua educação e aperfeiçoamento, moral e social, philosophico, politico, e até mesmo—physico!—deixemos passar o paradoxo, se o ha, e concluamos o nosso entusiastico mas justificadissimo arrazoado.

Ha oito annos suspendeu-se a publicação da "SEMANA", que agora vae de novo pôr se á frente das nossas mingudas e despercebidas hostes litterarias, e,—póde e deve crel-o o seu valente director de então e de hoje—nem um momento foi esquecido o seu brilhantismo e coefferencia na orientação popular. Nem um momento foi esquecido o vasio que deixou aberto nas fileiras do jornalismo nacional, onde a sua volta era como que inscientemente desejada, e indispensavel, e preconcebida, e, por dizercom mais simplicidade, e mais scientificamente—necessarla!

Receba o digno dr. Valentim Magalhães estas boas vindas sinceras de um confrade que se orgulha em ser dos ultimos, nos parcos meritos de auctor, desde que lhe concedam um dos primeiros logares pelo amor ao progresso intellectual e artistico, unico mercedor de respeito sagrado e sincero, unico capaz de amparar do abysmo a pobre mocidade que se envaidece de entufado orgulho ignorantão e balofa, em uma Patria tão rica e tão prospera, tão bem fadada e tão capaz de se constituir inimitavel e unica, em tudo e por tudo!

SILVA TAVARES.

VENDO A NOITE

Silencio em tudo. Lá fóra

Desce o luar sobre a folhagem.

—Mas quem minh'alma ha-de, agora,
Encher de argenteo luar, longe de tua imagem?

Trazer-me agora, quem ha-de,

Um raio ethereo de luar,

Se a sombra d'esta saudade

Estendeu sobre mim a aza crepuscular?

Que nova Flamma, erradia,

Virá trazer-me á alma afficta

A luz que, inda ha pouco, a enchia,

Mais que o luar que, lá fóra, enche a noite infinita?

Foi-se a alegria, a ventura,

Que só me anima e seduz

Quando em tua coma escura

Mergulho, auctioso, o olhar em procura da luz.

Foi-se a ventura, e, trevoza,

A noite em meu peito aberto,

Penetra silenciosa

— Monja, errante, a vagar por um claustro deserto.

Desce-me pela alma a dentro

Toda essa treva mortal

E as illusões que eu concentro,

Em meu sei, lá vão n'um dobre funeral.

E o goso, e a calma em que viste

Minh'alma, ha pouco tranquilla,

Vão-se tambem, pois fugiste,

Levando toda a luz dentro em tua pupilla.

Porque um poeta enamorado

Só vive alegre e feliz,

Quando sente que a seu lado

Ha outra alma que entende o que a sua alma diz.

"Mas dormes?... E a noite infinda
Em que en, tacteando, agostou,
Será mais espessa ainda,
Té que a venha dourar o albor de um teu sorriso."

Silencio!... Ella dorme... Adejo
Sobre ella um sonho de amor.
E, em torno ao seu leito, seja
O rumor de seu sonho o unico rumor!

Silencio em tudo! Lá fóra
Desça o luar sobre a folhagem;
E, enquanto repousa a Aurora,
Meu amor véla tu, longe da sua imagem!

1893.

JOÃO ANDRÉ

Poesia e poetas

BANDOLEIROS

Versos de Silva Tavares,

(Juiz de Fóra, 1893)

Abre o livro um bello prefacio de Augusto de Lima, o laureado auctor dos *Symbolos* e das *Contemporaneas* e o interessante soneto do Padre Correia de Almeida, que pedimos venia para transcrever:

"Meu collega e escriptor Silva Tavares, de teu livro se o prologo não faço é porque meu bestunto é tão escasso que mui facil se torna de o notares.

Os teus versos são muito regulares, quanto á syntaxe e metrico compasso; si não és (nem eu sou!) Dante nem Tasso, exprobem-t'o só criticos alvares.

Eu por mim darei palmas e louvores aos magistraes e artisticos labores que adornam tua limpa collecção.

E, visto que attingido tens a méta, eu votaria em ti para poeta, se a cousa dependesse de eleição.

Trinta e duas são as poesias que se contém no pequeno livro e que, enumerando-as, eu muito folgaria se pudesse dizer: trinta e duas joias de subido valor. Umhas tantas, dentre esse numero, não deixam de o ser, e se nem todas o são, é porque algumas são humoristicas, mas de um ligeiro humorismo; não querendo eu dizer com isto que as poesias d'esta especie não possam ser ás vezes chrismadadas de joias litterarias. Mas é que nesse genero faz-se necessario que a graça saia espontanea do verso como sae a espuma da garrafa de *chicquot!* Desde que seja preciso que a gente lhe metta o saca-rolhas da bôa vontade, não ha nada feilto.

Do livro agradou-nos mais a parte não humoristica, a parte que, conquanto se deva chamar seria, não toma comtudo rapé, nem usa lenço de alcobaça; não geme com dores rheumaticas, nem tão pouco esbraveja como um mata-mouros, nem mal-diz de tudo e de todos como quem perdeu ao jogo.

O Sr. Silva Tavares, pelo modo de tratar o verso, de escandi-lo, de aperfeição-o o mais que lhe é possível, procurando ornal-o de mais um vocabulo tintinante, de mais um adjectivo bisarro, de mais uma rima imprevista

e cantante como agua corrente por um declive de pedras claras, mostra que pertence á fileira dos parnasianos, o que é muito de louvar, e que não tem talvez desejo de jurar bandeira no exercito dos nephelibatas, o que não deixa de ser para elle uma grande felicidade!

Chamando ao Sr. Silva Tavares de parnasiano (não extremado, é preciso que se note) não quero com isso dizer que elle não tenha no seu livro commettido defeitos.

Commetteu-os e não poucos e notou-os por duas razões: a primeira por não ser elle o que se chama um principiante, na verdadeira accepção do termo; e a segunda porque é um burlador, um lapidario de phrases, um rebuscador de rimas; e não tem como tal; direito de cochilar no preparo dos seus versos, de um só que seja

Quem, n'um soneto, por exemplo, consegue fazer treze versos com perfeição maxima, não tem perdão se fizer um decimo quarto com uma unha encravada. Trabalhe um pouco mais e dê a obra perfeita.

Das suas poesias as que melhor me soaram aos ouvidos, foram: em primeiro logar *Página em branco*, e depois, *Inexprimível*, *Ritornello*, *Poesia das cousas*, *Le mot de la fin* e mais algumas.

Tem o livro alguns versos errados e outros frouxos, como sejam: á pag. 14:

"E os desejos revoares, graves" frouxo, e este errado:

"Tremem cahindo em telas ficticias," e mais alguns que não vale a pena citar.

Silva Tavares tem o habito de contar as syllabas e letras mudas como uma syllaba.

Foi assim que elle contou o *c* de *ficticia* como uma syllaba, rasão por que sahio-lhe o verso errado. (Mais certo sahio este meu, que eu impingi como prosa: "rasão porque sahio-lhe o verso errado.")

Antes de concluir não posso furtarme ao desejo de roubar ao seu escriptorio uma perola para com ella enfeitar o meu artigo.

Lá vae ella:

Le mot de la fin

"Eu quizera pintar-lhe isto que sinto
Desde a saudosa data d'esse ardente
E duplo olhar que, simultaneamente,
P'rendeu-nos como no encantado cinto.

Porém não sei que extranho labiryntho
Se me apresenta inopinadamente
Que, mais a idéa é clara e vehemente,
Mais se enreda a expressão e eu mintto...
[e mintto]

Até não poder mais. Então, exausto,
De, em vão pedir ao insolente fausto
Das imagens o brilho extraordinario,

Colho nas minhas suas mãos de neve
E, no verbo dos verbos—claro e breve,
Digo o que falta em todo um dictionario."

E não é que o bello soneto é mesmo um rico *mot de la fin*, isto é, um magnifico fecho para um artigo ordinario, que eu não sabia como acabar?

"Certamente que sim," dir-me-ha o leitor.

Pois não se peje de confessar que é mais um favor que me deve.

E, agora, terminando, faço votos para que aquelle que tão bem começou e que tão cheio de esperanças e de doiradas promessas se nos apresenta, não fique só nos seus adoraveis *Bandoleiros* e nos dê um livro de maior folego, dentro em breve, e tão completo, que consiga collocar o seu autor entre os nossos poetas primicias, os que gosam dos foros de principes da Rima.

H. de M.

THEATROS

ABACAXI

Com grande concurrencia subio á scena do Apollo no dia 16 do corrente o *Abacaxi!* revista de Vicente Reis e Moreira Sampaio.

Sobre o enredo da peça nada diremos por uma razão ponderosa: porque enredo é cousa que nella não existe.

Fallemos portanto no desempenho.

Nelle sobressahiram em primeiro logar o Brandão, o compadre da revista, e que tem nella o nome de *Sr. Progresso*, progresso de casquinha, como quizeram certamente os autores dar a entender que é o da nossa terra, e Rosa Villiot, que é a companheira inseparavel do *Progresso* e que, sob o nome de *Transacção*, atravessa toda a peça, illuminando-a com a fascinação da sua brejeirice inimitavel.

Seguem-se em segundo plano Xisto Bahia, que tem no papel de *Chico Positivista* mais uma criação magnifica, e Colás, do qual o mesmo se pôde dizer no papel de influencia eleitoral, em que apresentou um typo de matuto *chacouco*, amarello como uma goiaba madura e ignorante como um Perú... assado.

Desta toupeira lembra-se o *Progresso* de fazer um mestre escola, exactamente por elle nunca n'uma escola se haver perdido. Por ali podem ver como são verberados e satyrisados os typos e os factos na revista de que estamos tratando.

N'ella abundam os que depennam o proximo e os que se deixam depennar por aquelles; isto é, os gatuños e os imbecis.

Vem em seguida Clelia, que se mostrou sempre correcta nos pequenos papeis de que foi incumbida, e Zeferino, fazendo de mantenedor da *Segurança Publica*, que apparece sempre depois que a *Segurança Publica* não precisa de ser mantida exactamente

por já ter sido mandada para a casa do diabo mais velho.

Em terceiro plano apparecem em papeis de menor importancia Pedro Nunes, Mathilde Nunes (uma boa *Quitutes*), Araujo (um *Bota Abaixo* bastante demolidor,) Jeanne Kaylus (uma *Cançoneta* boa como um prego!) Betina (uma *Carne Verde* nada morta e muito para ser saboreada) e Folcini muito discreta nos seus pequenos papeis, sobresahindo na *pelega de 500*, cujo trecho musical cantou muito a contento do publico, mostrando-se assim possidora de uma boa voz, que devia ser aproveitada por ser genero que muito escasseia nos nossos theatros.

Os outros deram conta dos seus recados satisfatoriamente.

A peça está bem vestida e bem encenada, sobresahindo, dentre os scenarios, o palacio do Progresso, a praça da Gloria, a Estalagem da Cabeça de Porco, o armazem do *Chico Positivista*, o scenario dos telhados, a apothose representada por um sem numero de appetosos e enormes abacaxis, e a Ilha dos Melões incendiada, que nos parece ser a scena capital, o *clou*, e que é realmente de um bello effeito scenographico.

A musica, que foi escolhida com dedo feliz por Henrique de Mesquita e Chico Carvalho, é toda ella saltitante e viva como um enxame de abelhas sobre um ramo florido, e em bello dia de sol, sobresahindo os numeros compostos por Luiz Moreira. Achamos superfluo dizer que é toda ella muito brasileira e afandangada como 600 forrobodós!

Digamos agora da peça. Querem que fallemos com a mão na consciencia, como é dever do critico? E' um rico guisado de maxixes, é o que se chama o bello quitute á bahiana com pimenta malagueta por desaforo! Os ditos picantes esvoaçam constantemente como um enxame de vespas, em volta dessa cabeça de porco com firofa, dividida em tres nacos (leiam-se actos).

Os antores deviam pôr nos cartazes: "Revista para Homens", como fiz a Livraria do Povo quando annuncia os seus livros. E olhem que era deste modo que elles conseguiriam ter todas as noites sua peça apreciada pelas familias.

Pensam que os condemnamos por ter decotado tanto a sua revista? Não, senhores. Andaram muito bem.

Não é daquillo exactamente que o publico gosta? Não é de pernas ao léo, exhibindo meias pretas? Não é dos desengonçamentos do Brandão? E mais de mulheres em fralda de camisa e de homens em ceroulas, fugindo dos alfaiates não pagos, e dos ditos frescos?

Pois é andar para frente e deixar correr o marfim!

Para um tal publico, que perdeu a noção do pudor e que pelos seus applausos freneticos ás gregoriadas e ás borracheiras, aos regamboleios e bocagices desenfreadas, obrigam muitas vezes os actores ao maximo exagero da patifaria franca e illustrada a quadros vivos, só isto:—uma revista descabellada, onde a satyra aferretôa como o maribondo caboclo, o desaforo queima como a ortiga brava e a indecencia saracoteia como um macaco ferido!

Isto não quer dizer, porém, que a revista não seja bem feita e não tenha graça ás pillhas. Poucas temos visto que reunam tantos elementos de successo, já pela scenographia, já pelas situações, já pela musica, já pelo espirito que nella fervilha, já pelo desempenho. Parabens pois aos autores e á empresa principalmente, que vai ter com a peça uma mina inesgotavel.

Durante tres mezes, pelo menos, não nos hade faltar *Abacachi*!

P. TALMA.

THEATRO LYRICO

Não ha mais trovoadas! Dissiparam-se as carregadas nuvens que tolavam os nossos horisontes lyricos e que ameaçavam tudo exterminar!... Não soprou um vento forte, mas um violino eximio e *esgrimista* espantou a borrasca e em vez de chuva de pedra e de páo, cahiu um chuveisco de ouro que tudo resolveu.

Parabens damos ao publico por este resultado.

Como porém pôde haver nova tempestade d'aqui alvitramos ao Sr. Ducci uma idéa que ouvimos a um amigo e que nos parece excellente.

O Sr. Ducci devia reunir os assignantes da companhia Lyrica e dizer-lhes em bom portuguez: "meus senhores—estou sem dinheiro, como sabem o theatro não foi todo tomado e além disso a enfermidade do Sr. Gabrielelesco augmentou os embaraços da companhia—o Sr. de Marchi, é incontestavelmente um grande tenor, mas não pôde cantar as operas do repertorio do Sr. Gabrielelesco. Tudo isto reconheço. Mas... acabar agora as representações, quando apenas nos achamos em meio do caminho será horrivel. Assim mesmo em beneficio de V. S^{as}. peço que me concedam permissão para abrir uma assignatura de 10 recitas com preços reduzidos. Desta fórma poderei fazer face aos compromissos e V. S^{as}. terão COM CERTEZA toda a estação lyrica..."

E mais nada. Estou certo de que o pedido seria favoravelmente acolhido por todos.

Nada ha como a mais absoluta sinceridade; experimente o Sr. Ducci e verá que não só o publico como os jornaes prestar-lhe-ão apoio—A Se-

mana desde já hypotheca a sua palavra no sentido de advogar a questão com o maior interesse.

Pois deixaremos partir Mancinelli, Gabbi, Camera, Boronat de modo tão triste?

Não, o publico fluminense tem dado sobejas provas de generosidade e o que é mais—de bom gosto—Não ha de regatear, estou certo, mais esta.

Vamos Sr. Ducci, un bon mouvement et tout finira bien!

FLAMINIO.

LUCINDA

Na segunda-feira passada representou a companhia deste theatro a comedia em 3 actos, de A. Vallabregue, *O primeiro marido de França*.

Esta peça obteve em Pariz um exito colossal, tão grande que tres companhias se organisaram para percorrer as provincias levando-a por todo repertorio.

A comedia é, realmente, engraçadissima, com situações comicas que são verdadeiros achados. O dialogo é vivo, scintillante, repicado, chistoso.

Infelizmente a traducção, que é do Sr. Guilherme da Silveira, estragou em boa parte aquellas excellentes qualidades.

A peça, entretanto, devemos dizello com franqueza, é bastante local. Passada a portuguez, e mal passada, o que é peor, e representada por artistas não francezes, perde cincoenta por cento do seu valor.

Muitos episodios e allusões não são nem podem ser comprehendidos aqui.

O desempenho foi regular.

Peixoto imprimio ao papel de Theophilolo Malivand (o primeiro marido de França) o caracter altamente comico da sua *verve* inesgotavel e teve scenas e inflexões de grande felicidade.

Clementina apresentou-nos uma Valentina elegante, graciosa, fina; mas sem os requintes de uma *cocotte* da mais alta aristocracia do leito, das que *embrulham* em dois tempos e horisontalmente os mais experimentados *viveurs*—o que, aliás, só redundam em elogio da sympathica artista.

Maia foi um correcto Jouvelin, Balbina uma excellente madame Malivand, Manoela uma rasoavel Leonia.

Quem não comprehendeu do seu typo na peça foi o Sr. Fonseca. Tendo de representar o papel de Dr. Thibaudier, que tem 45 annos e é advogado, apresenta-se como um franganote de *boulevard*, embonecado e juvenil, quando a graça do papel está exactamente no contraste do *bilontrismo* secreto do antigo magistrado com as suas apparencias de austeridade.

Essa falta de comprehensão do papel diminuiu muito o effeito comico da impagavel scena do 2º acto em que, graças a uma idéa genial de Va-

lentina, os seus dous amantes julgava-se mutuamente pães da *cocotte*.

A *mise-en-scène* é magnífica.

O scenario do 2º acto é um primor scenographico e foi pintado na Italia.

Raras vezes vemos peças postas com tanto gosto e esmero.

S. PEDRO

Em beneficio do actor João Rosa representou-se hontem a grande peça historica de Garret, *O Alfageme de Santarém*. Quando o panno subia para o primeiro acto, já a nossa folha estava impressa; por isso só no proximo sabbado diremos as impressões deste espectáculo, que será, de certo, soberbo, a julgar pelo exito que obteve em S. Paulo.

Ao correctissimo artista, um dos poucos que ainda honram a sua Arte, as nossas felicitações e os nossos entusiasticos applausos.

P. TALMA.

Factos e Noticias

Felicitamos a *Gazeta de Noticias* pela entrada para o seu corpo de colaboração do illustre escriptor Olavo Bilac.

Naturalmente devido a um equívoco annunciaram os nossos collegas d'*O Telegrapho*, em a capa de seu numero de 21 do corrente, que offerecem como premio aos seus assignantes de anno "um exemplar do *Bric-à-Brac*, prompto a entrar no prélo, especialmente destinado a esse fim."

Devemos declarar aos nossos assignantes que o *Bric-à-Brac*, livro escripto pelo nosso director—Dr. Valentim Magalhães—é de propriedade exclusiva d'*A Semana* que o vac editar afim de satisfazer ao compromisso tomado. E' que, provavelmente, se trata de outro *Bric à brac*. Elle ha tantos!... como se diz em Lisboa.

Ao nosso amigo Sr. Henrique Lombarts damos sinceras condolencias pela perda de sua estremecida esposa.

Foi uma sensível perda para o magisterio publico o fallecimento do Dr. Joaquim Gonçalves Guillon, distincto lente de mathematica elementar no 2º externato do Gymnasio Nacional.

No dia 7 de Setembro abrir-se-ha no edificio do Cassino a exposição juridica promovida pelo Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros.

O Pais, de 19 do corrente, publicou o seguinte telegramma expedido de Porto Alegre:

A imprensa recebeu com sympathia

o reaparecimento da *Semana*, de Valentim Magalhães.

Appareceu ante-hontem o "Correio da Tarde", novo collega que combaterá sob-adirecção preclara do proecto jornalista Dr. Martinho Garcez e a gerencia do Sr. Serpa Junior.

A convite da respectiva redacção, reuniram-se no edificio do "Correio da Tarde" representantes de toda a imprensa fluminense, e ao sahir do prelo o 1º exemplar o Sr. Dr. Garcez brindou á imprensa na pessoa do Sr. Dr. Ruy Barbosa, que respondeu em termos felizes.

Foi uma festa em extremo cordial. Sinceramente desejamos as maiores venturas ao novo collega que surge sob tão bons auspicios.

Seguiu hontem para Minas Sr. Paulo de Roquemare, nosso representante em Ouro Preto.

TRATOS A' BOLA

Charadistas illustres:

Antes de desfiar perante as vossas pupillas offuscadas o rosario das cousas mysteriosas, vou dizer-vos quem abiscolitou desta vez o premio saboroso.

Nesta encarnizada campanha o heroe que conseguiu cantar victoria foi "Pêpe"!

"Fricinal Vassico" não se fez esperar.

Depois destes dois invenciveis thebas, veio a gentil "Lilazea", que teve a infelicidade de não acertar com uma, acontecendo o mesmo a "Pintasilgo". Vieram em seguida e acertaram com todas:

"Suavezinho", que muito nos penhorará se nos mandar os seus trabalhos, e "Perez", a quem agradecemos a lenha que de S. Paulo nos mandou. "Lilazea" mandou-nos a sua decifração em versos, que não publicamos por falta de espaço.

As decifrações do passado numero são estas:

Joaquim, Carioca, Fado, Numero, Fandango, Imperador e Itacolomy.

Meu caro "Pêpe", chegue-se ao premio, para o que deverá fazer uma visita ao redactor-gerente.

Sentido, charadistas, para este novo mel de pau:

Este lugar tem 4 "as"
E tem 2 "cês" (um com cedilha),
Tambem tem "pê"... enfim, tem mais
Um "vê" Então? Veja se o pilha.

E' do Brazil

E não tem til.

A's direitas no ar;

A's avessas no lar.

A's direitas na Igreja;

A's avessas na Igreja.

LOGOGRIPHO

Não creia nisto, não.—6, 7, 8, 9.

Se creê apanha isto.—8, 9, 6, 5.

E nesta parte, então.—1, 2, 3, 5.

Que em animaes hei visto.—6, 5, 8, 9.

Cousa que em muitas ventas

Acentuada está.—4, 5, 6, 7.

E que no hombro agentas

E bem cosida, olá!—1, 2, 6, 9.

Conceito

Se como uma rodella

Girar tua cachola,

Não gira mais do que ella,

Que nisto vence a bola.

FREI ANTONIO.

ANNUNCIOS

Laemmert & C., Editores

Acaba de sahir á luz e acha-se á venda:

LIÇÕES

DE

POLITICA POSITIVA

Professadas na Academia de Bellas Artes

POR

J. V. LASTARRIA

Excmo. Extraordinario e Ministro Plenipotenciario do Chile nas Republicas do Prata e no Brazil, etc

Traduzidas do hespanhol

POR

LUCIO DE MENDONÇA

I VOLUME IN-8 COM PERTO DE 500 PAGINAS, NITIDAMENTE IMPRESSO E BEM ENCADERNADO 10\$000.

INVENTO ABEL PARENTE, no ponto de vista do direito criminal, da moral publica e da medicina clinica pelo Dr. Francisco de Castro, lente cathedratice da facultade de medicina e director da directoria Sanitaria da Capital Federal, 1 vol. com 140 paginas 1\$000.

ESTUDOS DE DIREITO, pelo Dr. Tobias Barreto, publicação posthuma, dirigida pelo Dr. Sylvio Romero, 1 vol. in-8, de perto de 500 paginas, nitidamente impresso, encadernado, 12\$000.

ESTUDOS ALLEMÃES, pelo Dr. Tobias Barreto, publicação posthuma, dirigida por Sylvio Romero, 1 vol. in-8 de 912 paginas, nitidamente impresso, encadernado, 15\$000.

DIAS E NOITES—Poesias de Tobias Barreto, collecção completa, publicadas sob a direcção do Dr. Sylvio Romero. 1 bonito volume brochado 3\$000, encadernado 4\$500.

ENSAIOS JURIDICOS, pelo Dr. Viveiros de Castro (ignotus), 1 nitido volume de 68 paginas, brochado 1\$500, encadernado 2\$500.

COLOMBO e o quarto centenario do descobrimento de um novo mundo, por Sophus Ruge, 1 nitido volume ornado com o veridico retrato de Christovão Colombo. Preço 2\$000.

SOCIEDADES ANONYMAS—Reperitorio completo, contendo o decreto n. 421 de 4 de Julho de 1891, annotado e recapitulado em ordem alphabetica pelo advogado e bacharel João de Sá Albuquerque, 1 vol. brochado 4\$, encadernado 5\$000.

CONTOS AMAZONICOS, contendo: Voluntario — A Felicidade — Amor de Maria — Acauan — O Donativo capitão Silvestre — O Goda do Valha-me Deus — O baile do judeu — A quadrilha de Jacob Patacho — O rebelde, por II. Inglez de Souza, 1 volume nitidamente impresso 3\$000.

DICCIONARIO de conceitos e sentenças proferidas pelos vultos mais eminentes até hoje conhecidos ou livros de consulta para auxilio de estudiosos litteratos, por F. D. Ferreira da Silva, 1 volume brochado 2\$000, encadernado 3\$500.

66 RUA DO OUVIDOR 66
RIO DE JANEIRO.

Dr. P. Pajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas

Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

Dr. V. Ottoni

Molestias Venereas e Siphyliticas

CONSULTORIO E RESIDENCIA

22, RUA DO HOSPICIO, 22

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 - RUA DA QUITANDA - 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 - Laranjeiras

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade: Partos e Molestias das Senhoras

Residencia e Consultorio:

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

**PIANOS E MUSICAS
FONTES & C.**

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

**ESTABELECIMENTO
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO**
DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado

115 - Rua Sete de Setembro - 115

Rua da Carioca, 12 e 14

FILIAL EM PETROPOLIS

Papelaria **LUIZ MACEDO**

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.
Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A' CASA PASCHOAL

CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133

Importação por todos os paquetes

Completo sortimento de chapéus para homens,
senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.

Rio de Janeiro

Grande Deposito

— DE —

→ **Pianos e
Musicas** ←

BUSCHMANN & GUIMARÃES

52, RUA DOS OURIVES, 52

Rio de Janeiro.

Gabinete de Cirurgia e Prothese Dentaria

DE

A. F. DE SÁ REGO

1 - Rua de Gonçalves Dias - 1

Este importante e antigo Gabinete, tendo passado pelas reformas exigidas pelos processos da moderna odontologia, acha-se equiparado aos melhores da Europa pelos esplendidos aparelhos e instrumentos de que dispõe habilitando-se a apresentar trabalhos

ainda pouco conhecidos no Brazil

Collocação de dentaduras fixas, sem chapa, e sem extracção de raízes ou dentes

TRAVAIL A PONT

Extracção de dentes sem dor, por meio do *Coryl* de M. M. JOUBERT, de Paris. Aparelhos para correcção das anomalias de implantação, obturadores para a abobada palatina e veu do paladar, etc., etc.

Obturação e reconstrucção de dentes a ouro **perfeitissimas**

Concerta-se qualquer dentadura que não esteja perfeita na bocca, mediante pequena retribuição.

Consultas e operações das 8 horas da manhã
ás 10 da noite.

RIO DE JANEIRO

A SEMANA

DIRECTOR: VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, rua dos Ourives n. 71, 2.º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 2 DE SETEMBRO DE 1893

KXPEDIKNTK:

Assigntura annual.	120000
" semestral	75000
Numero avulso.	8200
" atrozado	8300

SUMMARIO. — Historia dos sete dias — J. do Egypto; Questão scientifica. — Dr. S. Lima; Medallhões de actizes (Sarah Bernhardt) V. Mendes; Chronica dos livros. — R. Octavi; Lien-Hoa — L. Rosa; Theatros. — Flaminio e P. Talma; Paiza gum africana. — A. de Azevedo Sobrinho; Factos e n. Gênes; Corcio. — Emerico.

Historia dos sete dias

A chuva é boa. É necessaria; menos talvez para dessedentar a terra e dar sangue ás plantas que para queimar a monotonia do sol; mas necessaria, em summa.

É uma boa amiga de Morpion e de Mercurio. É quando as bategas rufam nas tellas e nas vidraças que o somno sabe melhor e mais appetee a busca em familia.

Mas uma semana inteira de chuva é chuva de mais. No Rio de Janeiro, entenda-se. Fora d'elle, dizem pessoas que têm perambulado a Europa, o tempo chuvoso não impede os divertimentos, as visitas, a vida mercantil nem a mundana.

Compreheende-se; lá o carro é barato e bons os calçamentos.

Mas aqui, o carro é, além de archi-carro, ultra-incommodo.

Tem-se, andando nelle, a sensação constante do barbaio passatempo chamado "montanhas russas"; quando se sahe do bojo desse instrumento de supplicio tem-se além dos rins moidos um aggravamento da gastralgia de que todos temos a fortuna de soffrir nesta formosa Dispepsypolis.

Sei que ha o recurso do bonde. Mas o bonde tem a desvantagem fundamental de só andar sobre os trilhos, de não nos levar aonde queremos, mas aonde quer a linha do seu trajecto; depois, é uma continuação da ducha que tomamos pela manha.

Resta ir a pé. É o mesmo que estava ao Dante no seu passeio pelo Inferno — o circulo da lama.

A cidade é toda um lamaçal.

Os sapatos e as botas, que o lodo encrostou densamente, lavam-se nas poças profundas das calçadas para mais adiante tomarem novas bolas de tijoco.

Lama negra, selbosa, feita de sabão e tinta typographica, que se estende por toda a cidade, em todas as ruas. Os transeuntes patinham, escorregam, empocalham-se, eu-defluxam-se, pneumonizam-se.

É ignobil e selvagem. Quando teremos calçamento? quando será transitavel esta

cidade em dia que o céu lacrimeje? Creio que nem as ruas dos bairros pobres de Peking nem as do Cairo antigo se igualam ás nossas nesse triste particular. A cidade do Rio de Janeiro tem a gloria de ser uma das mais sujas do globo.

O largo do Paço é o que se conhece de mais completo como estérquilineo. O estrangeiro apenas desembarca no horrivel cães Pharoux e dá com os olhos naquelle quadro, convence-se immediatamente de que vae ter a "amarella", e é que a tem mesmo.

A nossa bella capital é um verdadeiro queijo Gruyère. Este queijo tem a singularidade de ser feito só de buacos, o que o não impede de ser muito saboroso. Neste ponto é que a cidade não se parece com elle: é toda buacos, sim, mas não sabe a nada sujar-se a gente nelles.

É de esperar que o digno e activo Sr. Prefeito, considerando que de lodo já nós fomos feitos e tudo é lodo no homem, no corpo e na alma, decida-se a estudar os meios de tirar a estacidade a causa unica de não ser a mais salubre do universo — o desaceio.



Outra coisa útil: é vir da Segunda-Feira ao sabbado, isto é: ao largo de S. Francisco de Paula no hord das dez horas da noite.

Fiz hontem essa viagem e ganhei com elle, como lhes vou contar.

Ali pelas alturas da quarta-feira entraram no carro quatro cidadãos — dois fardados de officiaes da Guarda Nacional, generacs ou consa que o valha, e dois paisanos, mas que pelo ar marcialissimo deviam ter igual patente.

Entraram a conversar e eu a fugir que dormia. Abriam-se em queiximes. Lamentava um a desigualdade com que era a lei da Guarda distribuida, de modo a tornala uma cousa séria e severa para uns e para outros, para "os meninos bonitos" uma brincadeira.

Outro chorou sobre os dinheiros que se via forçado a verter em repetidas "facadas" de inferiores — ora a mulher doente, ora um filho a queirar, um par de sapatos a este, um par de botas áquelle, etc.

Por ultimo confabularam acerca dos exercicios. Ali é que foi o lindo!

— Já estou cansado de repetil-o; exclamava um dos guerreiros, com autoridade. Os exercicios com bonecos de chumho (*sic*) não dão resultado. Aquillo entra por um ouvido e sae pelo outro. Exercicios é no campo, com as praças.

Dei um pulo no banco. Elles olharam-me. Eu resmunguei, sorrindo:

— Eu estava sonhando com o grande Napoleão e acordei espantado por uma bomba. Desculpem...

A revellação fóra terrivel.

E até ao sabbado e até á cama e até agora não me sae da imaginação o espectáculo de um exercicio da Guarda Nacional.

Vejo tudo, "de mes yeux vu." Na sala estreita do quartel uma grande mesa ao cen-

tro. Em volta os officiaes, fardados. Um coronel, de espada desembainhada, comanda o exercicio.

— Cerrar fileiras! Irrada.

É um sargento junta os soldados de chumho.

— Bem! Dividir columnas!

É um capitão executa a ordem.

— Ordinario marche!

Como os soldados não são machinados, os officiaes em volta da mesa, marcham... com a bocca: — "piá, cá, tá, pá; piá, cá, tá, pá..." Mas o coronel, de repente:

— Entrem mais dois batallhões, o 12 e o 13.

Um major destampa e despeja sobre o "campo" duas caixas redondas de soldados, que ficam nus sobre os outros. Mas o coronel, impaciente:

— Então? em linha de fogo, vamos!

— Já vae, coronel, estou arrumando elles; responde o major.

É, durante isso, as praças, em suas casas, ou a passeiar pelas ruas! É o militarismo por suggestão. As manobras são feitas com soldados de chumho, mas transmitidas telepaticamente aos de carne e osso.

Mens cumprimentos ao Sr. marechal Malvino Reis.



LOHENGRIN foi o grande acontecimento e o assumpto grande da semana.

Cantada como aqui fóra, ha nove annos, considerava-se não ouvida ainda a famosa opera de Wagner.

Por isso enorme era a expectativa na noite de 28 do passado. Tambem lá estive. Onvi, gostei e dormi.

Dorme, sim. Para que hei de mentir? Prefiro que me lavrem logo o diploma de estúpido. Porque dormi? Pela mesma razão: porque dormem as criancas quando as mães e as amas lhes cantam nma cantilena muito doce, muito doce e muito longa, muito longa...

Aquillo é sublime, é musica do ceu, de um mysticismo ethereo; mas, por isso mesmo, prolongando-se, dá somno.

Duetos de tres quartos de hora! O primeiro quarto delicia-nos, o segundo delicia-nos ainda, mas a attenção vae-se fatigando: o terceiro adormenta e o espectador bocca e cochila.

Sei que aquella musica é tudo o que ha de mais scientifico na arte de Euterpe, que é o substracto da perfeição na harmonia e no contraponto; sei; mas o bonito e o original seria que, sendo tudo isso, não fizesse dormir.

Volto ao LOHENGRIN voltarei sempre que se cantar. Se o acho sublime, se me acalenta, se me adormece deliciosamente, como um côro de serafius!

Wagner é grandê e Mancinelli o seu propheta!

JOSE' DO EGYPTO.

Questão Scientifica

A combustão espontanea

Illmo. Sr. Director d'A SEMANA.

Respondendo á vossa consulta pedindo a minha opinião sobre a combustão humana espontanea, tal como a descreveu Emile Zola no seu recente romance *Le Docteur Pascal*, cumpre-me declarar-vos o seguinte:

Comquanto se devesse entender por combustão humana espontanea a que podesse ter lugar independente de toda a provocação pelo contacto de uma substancia em ignição, applica-se todavia essa expressão aos pretendidos casos em que a inflammação e destruição dos corpos pelas chammas são attribuidas a esse contacto comburentes, augmentada ou favorecida a sua combustibilidade pela impregnação de uma substancia dotada desta propriedade, como o alcool, e pela superabundancia de tecido adiposo (grado).

Ora, a primeira interpretação é absolutamente inverosimil e inadmissivel; póde-se dizer com Legrand du Saullès, que a expressão—combustão *espontanea*, é defeituosa e erronea, porque não ha um só exemplo registado na sciencia de corpo humano que se tenha inflammado e consumido pelas chammas *espontaneamente*.

Casper é ainda mais incisivo sobre este assumpto, quando diz "que afflige vér n'este seculo, em uma obra séria, falar-se ainda d'esta fabula de combustão espontanea, que ninguém viu, que não repousa senão sobre historias de jornaes, e que é contraria ás leis da physica."

Taylor assemelha essa hypothese extravagante ao producto de feitiçaria e sortilégio.

Bocker declara que a combustão espontanea é fructo de phantasia de autores credulos; porque um corpo que encerra 75 por 100 d'agua não póde nem inflammarse, nem continuar a arder, quando mesmo fosse impregnado de todo o alcool que o individuo pudesse beber.

Para Krahmer esse factio é uma antiga superstição.

Wald e Tourdes dizem muito bem que a questão só tem actualmente um interesse historico, e que não temos o direito de considerar a combustão espontanea como real, nem mesmo como possivel. Tudo se limita, diz Tourdes, a verificar se a combustibilidade provocada do corpo humano, que, em absoluto, é um factio inconcusso, póde ser augmentada em certas circumstancias extrinsecas ou intrinsecas; tal é a formula scientifica

e positiva de uma questão que tem tão vivamente impressionado a imaginação do povo e que ha cerca de dous seculos impõe-se ás theorias medicas.

Entre essas circumstancias figuram de um modo geral as que concorrem para a diminuição da grande proporção d'agua que o corpo encerra (75 %), e as representadas por excesso de gordura e impregnação alcoolica, desde que para a queima d'estes principios haja accesso franco de ar e a acção sustentada de chamma extranha ou de uma temperatura elevadissima como nas condições em que se opéra a cremação dos corpos. Mais facilmente, é certo, seriam elles levados ao estado de incineração completa se ao lado de substancias combustiveis, propositalmente se lhes incorporasse principios comburentes, taes como os chloratos e os nitratos alcalinos.

Não é porém esse o caso da chamada combustão humana, mesmo não propriamente espontanea, isto é, essa que se pretende ser o resultado da applicação e contacto de um agente em ignição sobre qualquer parte do corpo, como no caso descripto por E. Zola.

E' já difficil admittir, por absolutamente contrária á observação dos factos, que uma braza calida de um cachimbo, por mais viva que seja a sua incandescencia, não estando em chamma, communique fogo ao corpo mais gordo e mais alcoolisado, por isso mesmo que seria incapaz de fazel-o, lançada sobre a propria gordura ou sobre o proprio alcool em substancia. Produziria n'aquelle caso uma queimadura limitada e apagar-se-hia.

Se o corpo é vestido de roupas leves, sêccas, facilmente inflammaveis, poderão estas ser presas de chammas e determinar queimaduras mais ou menos extensas e profundas, até que sejam as ditas roupas inteiramente consumidas. Extinctas as chammas, o corpo cessará de arder, porque nunca poderá, só pela combustão das vestes, chegar ao gráu de dessecamento que seria necessario para constituir se uma especie de isca, espontaneamente incineravel.

E' este o caso figurado na descriptção de E. Zola; a co-existencia de um punhado de cinza ao lado de uma poça de gordura derretida, como ultimos productos da combustão do infeliz Macquart pela braza de um cachimbo, é um arrojio de imaginação só permittido ás phantasias de um romancista.

Tal é sobre o assumpto da consulta a minha opinião da qual podeis fazer o uso que vos convier.

DR. SOUZA LIMA.

MEDALHÕES DE ACTRIZES

I

SARAH BERNHARDT

Em ella entrando, a scena se illumina,
Do seu talento á poderosa chama.
Tem poemas de amor na voz divina
E em cada gesto e em cada olhar um drama.

O porte senhoril de nobre dama,
De uma esculptura vigorosa e fina,
Em torno o encanto e a seducção derrama,
Como formosa e angusta cesarina.

Naquelle peito fragil toda a escala
Estúa das paixões; no paroxismo
Rugê a vingança, rouxinóla o amor.

Toda a alma humana lala em sua fala;
E ella, a sorrir, enche de céo o abysmo
Do coração, em que soluça a dor.

Junho-1893.

VALERIO MENDES.

CHRONICA DOS LIVROS

A proposito de um livro do Dr. Francisco de Castro

O director da "Semana," de uma vez que subi os cento e um degráos que separão a sala da redacção do resto do mundo, meteu-me nas mãos uma brochura e disse:

—Escreve-me alguma cousa sobre isto.

Lá se vão quinze dias e ainda não satisfiz o pedido de meu amigo. Tambem não era facil a tarefa que, sem maior reflexão, acceitei.

O livro tinha o seguinte titulo, na capa:— "O invento Abel Parente, no ponto de vista do direito criminal, da moral publica e da medicina clinica" e trazia a assignatura de um homem illustre, o Dr. Francisco de Castro.

Mesmo no bond, caminho de casa, comecei a leitura, tendo antes aparado o lapis, companheiro inseparavel do critico. Desde que o director da "Semana" me arvorára em tal, era preciso ao menos que a exterioridade correspondesse á luncção.

Fiz a leitura, recommendada pela artinha, e vi que no livro o autor delende um despacho que proferio, como autoridade sanitaria, nesta cidade, em requerimento apresentado por um clinico. Como é facil de se comprehender, muitas considerações foi-me a leitura suggerindo, que o lapis, em garatuja ia fixando á margem das paginas.

Tinha, ao fim, todos os elementos para a elaboraçao do artigo promettido, se o quizesse, ou antes, se o pudesse escrevel-o. E havia muita cousa a dizer.

Uma observação preliminar e generica me despertou desde logo a leitura do livro.

Anda-se por ahi a dizer que no Brasil não se estuda, que o nosso atrazo cultural só é comparavel ao de certos paizes africanos, de cuja existencia se sabe apenas pela indiscreção dos compendios de geographia.

A depressão sensivel de nossa mentalidade, não trabalhada por cultivo algum, a infelicidade completa dos poucos que se salvão

da nihilidade geral, são phenomenos a que os sociologos vão, sem protesto, dando fóros de axioma.

Entretanto, penso que assim não é.

Não me empenharei em larga demonstração de minha contradicta.

Apenas salientarei alguns factos.

E' certo que, por amor da arte, por simples devoção, é raro que bons livros se façam. Não me refiro aos livros puramente litterarios, dos quaes já vae o nosso mercado sentindo certo incremento, significativamente assignado pelo apparecimento de editores. Refiro-me aos trabalhos scientificos. E' certo que elles raros vêm á luz quando uma circumstancia extraordinaria não determina esse apparecimento. Mas, agita-se por ventura um pleito forense; o advogado recebe os autos para apresentar "razões finais" e apparece com os "Actos inconstitucionaes do executivo e do legislativo ante a justiça federal," formando um livro que é, nada mais, nada menos, que um magistral tratado em que importantes questões de direito publico são estudadas e discutidas com uma proficiencia que desafia os mestres. O Instituto dos Advogados propõe, sobre uma questão de fóros, por exemplo, uma these para discussão; um membro da illustre corporação é designado relator e depõe poucos dias depois, sobre a mesa da directoria uma bellissima e erudita monographia acérca do direito emphyteutico em geral e nas suas applicações ao dominio territorial deste districto, que poderia, com honra, ser apresentado a qualquer corporação juridica das mais notaveis do velho mundo; um medico dirige a uma autoridade sanitario-administrativa, um requerimento concernente ao uso legal de sua profissão, o despacho soffre censura, e, em opposição a essa critica, vem a publico o funcionario e exhibe, nada mais nada menos, que um estudo completo acerca de um melindroso problema social, encarado sob todos os pontos de vista, com uma segurança de pulso e um conhecimento de causa que denuncia o escriptor seguro de sua penna, o estudioso confiado de seu talento.

Esses factos aos quaes não seria difficil incorporar outros e outros, destroem o axioma do abaixamento da mentalidade, da impotencia productora.

Antes deveriamos procurar a explicação de nossa pequena productividade scientifica e litteraria em certas condições mesologicas, physicas e sociaes: o clima, que não convida ao trabalho, a pouca repercução que, em geral, de qualquer esforço dessa natureza se manifesta, que menos estimula ainda.

Mas, desde que, dadas certas circumstancias, a productividade se opera em manifestações da ordem das apresentadas, pelos Drs. Ruy Barboza, Carlos de Carvalho e Francisco de Castro, a que acima me referi, um estado social em que taes phenomenos se observão não pôde ser considerado de infima cultura, nem de baixa mentalidade.

Outra consideração que tambem desde logo se avolumou em meu espirito, á leitura do livro do Dr. F. de Castro, refere-se ao modo porque foi a obra capitulada.

O notavel professor da Faculdade de Me-

dicina dotou nossa litteratura scientifica com um trabalho completo acerca da grave questão do impedimento á livre gestação natural da mulher, nelle nos expondo, proficientemente, a theoria da esterilisação, da infecundação da companheira do homem, apreciada sob todos os seus aspectos.

Pois bem, á sua monographia, erudita e desenvolvida em linguagem castiça e brilhante, foi dado um titulo que apenas traduz referencia a uma questão pendente, que personalisa o estudo e, na apparencia, diminui o valor da obra; com lhe emprestar significação restricta e determinada a um certo caso especial.

A verdade, porem, é que o caso Abel Parente apenas foi pretexto para o trabalho do Dr. F. de Castro. O livro tinha direito a outro titulo, não lhe cabe aquelle rotulo que faz pensar que elle não vem senão fazer concorrência aos "recursos para attrahir clientela" que o despacho do chefe da Directoria Sanitaria apenas vio nos annuncios do Dr. Abel Parente.

Não é isso, porém; o trabalho é dividido em tres partes conforme o problema que nelle se estuda é visto pelo criminalista, pelo philosopho e pelo medico. A primeira parte occupa dois capitulos em que se trata do "aborto criminoso" e da "castração, mutilação e lesões corporaes". Apesar de embrenhar-se o autor por "uma face do assumpto, nada familiar aos seus estudos" sahio-se galhardamente da empreza. Sob o ponto de vista da criminologia a questão é perfeitamente elucidada; todos os codigos são passados em revista e dos commentadores se trouxe o conceito opportuno ao caso estudado.

A ultima parte, aquella em que se estuda o ponto de vista da medicina clinica e são expostas as "indicações medicas" que se referem ao problema, igualmente, até onde pôde chegar o meu conceito, foi tratada com mestria. Em auxilio de sua opinião, nessas paginas desenvolvida, o autor trouxe o curso das mais notaveis celebridades medicas do mundo e, na vasta seára da sciencia experimental, respigou as observações com que illustrou a sua exposição.

Não é porém, incondicional o meu applauso quanto á parte media do trabalho. Aqui falla a saledoria dos povos, que "in medius" quer ver a virtude. O capitulo em que a questão é encarada em face da moral publica poderia retratar um canto da physionomia social da grande capital européa; não se o poderá considerar como palpitação verdadeira da vida de hoje, exluherante e sadia, deste recanto despovoado da America.

Não acompanho o philosopho na apologia que faz da transformação da continencia malthusiana na systematisação das fraudes conjugaes, dos elementos preventivos da productividade humana.

Não ha duvida que nos casos especiaes em que a funcção geradora se houver de manifestar fatalmente, ou mesmo provavelmente, com perigo de vida para a creatura procreadora, ou com a expectativa de soffrimentos e desgraças, transmittidos pela herança, ou pelas condições da gestação ou do parto, para a creatura procreada, será um

beneficio inestimavel a eliminação dessa funcção. Mas, sómente no caso particular, como remedio á excepção pathologica. Como regra geral, como solução commoda para a impertinencia da filiarada, como simples causa da cohabitación impropolifica, não! nem mesmo que me queirão donrar a theoria com o aspecto economico de que a unica solução satisfactoria do problema da população está, não em confiar na mortandade, mas em reduzir os nascimentos.

Para nós, vasto paiz sem habitantes, é muito cedo para cogitar nas consequencias do excesso da população. O problema que nos occupa é justamente o inverso.

Além disso, estamos em um tempo, em nossa terra, em que se apontão com louvor os pais de doze filhos, e, só a precoce corrupção da nossa Capital poude, muito limitadamente ainda assim, ter trazido entre nós, a cogitação systematica dos meios profilaticos da concepção no casamento.

Em todo o caso, diga-se em abono da verdade que, se o autor, no desenvolvimento do seu estudo espósa com enthusiasmo o malthusianismo transformado, a sua opinião, consubstanciada é que, desde que a procreação possa em casos frequentes e inevitaveis, converter-se em infortunio, em agonia, em maldição e em morte, paralyzando a gestação na sua fonte, a sciencia é bemfeitora da humanidade, a sciencia observa para com ella os seus deveres.

Isso, mais ou menos, eu diria e muitas outras observações faria, a regular pelo que o meu lapis foi fixando na garatuja que deixou á margem das paginas do livro, e que eu desenvolveria se por acaso tivesse de escrever alguma cousa sobre elle. Mas, depois de finda a leitura, pensei melhor, reconsidererei a resolução primitiva. A obra é séria, depende de serio estudo, que não posso fazer, de critico só tendo o lapis, aparentemente perpicaz e na realidade apenas rabiscador.

O director d'"A Semana" que veja quem possa competentemente desempenhar-se da incumbencia: declino della.

Deliberei flutear "A Semana"; não escrevo o artigo.

RODRIGO OCTAVIO.

Rio, Agosto, 93.

LIEN-HOA

Por uma manhã de Maio, fresca, palpitante de ninhos e enflorada de lotus, elle, o poeta "exquis," poeta da graça e dos versos trincolajantes de rimas novas, deixando no caminho em festa o palanquim dourado que quatro servos acabam de depôr na calçada, entra apressadamente no jardim e em seguida no pavilhão de Lien-Hoa, a bella flôr chinesa de olhos obliquos e feição graciosa.

Encontra-a no salão azul, cujas paredes desaparecem sob pinturas a fresco, representando quadros historicos e sob a grande variedade de ventarolas de seda e coloridos autographos.

Do tecto esculpido pendem esferas prismaticas, n'um concerto de cores vivas, n'uma harmonia de crystaes iriantes.

A mobilia é singela como a de todas as habitações do celeste imperio: uma grande mesa, algumas cadeiras em

redor della e ainda, a um lado, uma pequena mesa delicada, com incrustações de marfim, onde se colloca todos os dias, duas ou tres vezes, o bello serviço de porcellana para o chá.

Sobre a grande mesa rutila á luz matinal, que entra em borbotões pelas janellas escancaradas, um fino espelho de peço: riem flôres n'um vaso artistico e um rico incensório, collocado bem ao centro do movel, como que pede ao visitante se digne de indicar qual dos dois objectos allí é o mais precioso: si elle com as suas incrustações de bronze luzente e caro, si o relógio de ponteiro de ouro e esphera de madreperola raiada com seus rendilhados foscos e o seu pedestal de marmore roseo.

O visitante que entra naquella aposento áquella hora matinal do dia, de certo detem-se á porta, surpreso de tanta luz e tanta alegria—luz que vibra um delicioso hymno cantante—alegria de passaros papando fóra, dentre os enflorados ramos e cujos gorgeios—vozes flebeis e doces, vibrações sonoras e quentes—entram, com o sol, pelas janellas abertas de par em par, invadem a sala alegrando-a, rumorizando-a toda...

A atmosphera prende logo o espirito, o olfacto do visitante e canta allí dentro um mixto de perfumes suaves—kananga e corylopsis—o perfume dos seios virgens, dos seios pequeninos e immaculos.

Mas, quem empresta, talvez, maior brilho áquelle ninho com a claridade do seu rosto alvo, mas sempre triste, com o fino aspecto do seu corpo flexivel como um vime, com a sua voz gorgoleada a medo, é ella, sem duvida, ella, a formosa Lien-Hoa a amante querida do poeta.

E, no entanto, sentada a um lado, com os pequeninos pés graciosos mettidos em sandalias azues, bordadas a missanga e perolas, ella scisma.

Parece presa de um pensamento doloroso, porque, de quando em vez, leva o lenço aos olhos e limpa duas lagrimas que brilham nos seus ciliós de ouro como duas radiosas gotas de orvalho crystalinas e puras.

Mas por onde voçja assim o seu espirito de mulher moça e amada, nessa hora em que a manhã entreabre todas as suas urnas de essencias e esflora todos os seus cantos ridentes?

Em que scisma a chinesa nessa hora em que Maio pompeia toda a sua gala e o sol expande todo o seu fulgor?

Pensa no amigo querido? Pensa no azul doce e extenso do paiz natal ou nos chalets floridos, nos lagos placidos ou ainda nos kiosques poeticos á sombra dos salgueiros murmuros e dos bambús?

Ninguem o sabe dizer, ninguem; nem mesmo o poeta que tem unida a sua alma á da moça, nem mesmo o amigo que fez do seu coração quasi infantil o cofre de ouro dos seus segredos de moço.

E a chinesa soffre, soffre uma dor occulta que lhe descora as faces e torna-a, de dia para dia, de uma tristeza immensa... e é por isso talvez, que o poeta, nessa manhã, tenta ainda uma vez colher á flôr da sua bocca pequenina e rosea a confissão pedida da sua magua infinita.

— Bella flôr dos jardins chinezes, ha tanta pallidez no teu rosto descorado e triste que eu soffro... Porque não abres o teu coração á minha palma para que ella conheça os segredos da tua magua e a noite escura da tua dôr? Lien-Hoa, a flôr que tem o teu perfume eo teu

nome, abre o seu seio de ambar casto e luminoso aos quentes beijos do Sol e ás lagrimas da Lua...

A moça volve para o lado do poeta o rosto pallido e responde triste, muito triste:

— Mas vem um dia em que o Sol se affasta do seu caminho e a Lua, a bella deusa dos poetas, não tem mais lagrimas para derramar no seu seio. A flôr de lotus então morre de sêde e amor...

— Lien-Hoa! Lien-Hoa! O meu amor não se desvia nunca do seu caminho de sonhos e a minh'alma terá sempre para a tua alma o rocio das lagrimas que purificam.

A bella chinesa estende-lhe a mão flexuosa, de dedos de marfim polido e unhas roseas, que elle beija com ciúme. Em seguida, ella mesma arrasta uma cadeira para junto da sua e faz signal ao poeta para que se sente.

Elle obedece e leva ainda repetidas vezes aos labios as mãos da moça e beija-as...

— Meu bom amigo, queres ouvir uma lenda do meu paiz natal?

— Si quero? Outra cousa não peço bella flôr, que me perfumas a alma!... Nem desejo outra cousa, por Budha o juro!...

— Ouve, pois.

E com a sua voz flebil de ave timida, Lien-Hoa começa:

— Havia outr'ora na China um poeta de nome Song-U que errava, a sós pelos caminhos, a colher rimas e inspiração para os seus versos. Outras vezes viam-n'o á sombra dos bambús e á margem dos lagos fallando aos ninhos e mirando-se no vitreo espelho das aguas. Que doces fallas dizia elle ás emplumadas habitantes dos ramos? Que buscava Song-U no fundo claro dos lagos?

Soubese mais tarde: Song-U procurava vêr nestes o rosto da bella Tien-Ho, e indagava dos ninhos quentes quantas vezes ella, a formosa habitante do chalet de porcellana, passava por allí... por essas estradas floridas. Si elle via o rosto de Tien-Ho nas aguas, não sei dizê-lo, nem elle mesmo soube confessar, como não sei dizer se as aves respondiam ás perguntas curiosas do poeta.

O moço sorriu levemente e ella não se deteve.

— “Apenas direi que Tien-Ho o amava ardentemente e cahiu doente um dia, justamente naquelle em que Song-U a pedira em casamento aos parentes, que o despediram sem uma resposta, sem uma consolação...”

“Porém os seus corações viviam juntos, amavam-se tanto, e mais tarde, quando em toda a China se celebrava a festa das estrellas, os amantes fugiram para uma terra desconhecida, longe, distante do seu pavilhão de porcellana...”

“Queriam-se muito as duas andorinhas fugidias, tinham um ninho tepido, cercado de salgueiros e lagos; mas apesar de toda a sua febre de amor, Tien-Ho começou por mostrar-se triste um anno depois.

“O poeta affligia-se e a tristeza de Tien-Ho redobrava...”

— Melancholia! tristeza! disse então o poeta segurando-lhe as mãos.

— Saudade do seu paiz... saudade dos seus parentes e do seu pavilhão risonho, longe... nas longes terras da China...

— Nostalgia! Nostalgia! repetiu ainda o poeta... E depois, meu amor?

— Depois, um dia, Tien-Ho, como

não pudesse soffrer por mais tempo, escreveu os seguintes versos simplicios, que deu a lêr ao companheiro:

“A flôr nasceu sob o ceu claro de um paiz benefico. Tinha os beijos de um sol para aquecel-a e dar-lhe vida.

“Mas alguém levou um dia a flôr a um outro paiz, onde ella morrerá si não voltar a alimentar-se com os beijos do Sol que a viu nascer...”

— Mas é a tua historia, Lien-Hoa, a historia do nosso amor que me contas?...

— Sim...

— Queres partir?...

A chinesa não responde.

— Queres partir, então?

— Sim...

— Amas de preferencia o sol que te viu naster ao poeta que viu a tua imagem reflectida nas aguas do lago?

— Sim...

Mas é entre uma lagrima e um suspiro que ella o diz.

O poeta ergue-se e fita-a com toda a tristeza no olhar:

— Pois bem, parte, filha, parte quanto antes. Soffres da nostalgia, a molestia por excellencia dos filhos do celeste imperio... Parte, Lien-Hoa, e adeus...

O moço caminha em direcção á porta, mas a bella filha do paiz do sol de um salto, prende-o nos braços flexiveis e tremulos pela commoção que agita todo o seu fragil corpo.

— Lien-Hoa, diz ainda o poeta, queres partir, preferes o sol que te viu nascer ao poeta que fallava aos ninhos dos ramos e ás aguas dos lagos azues?

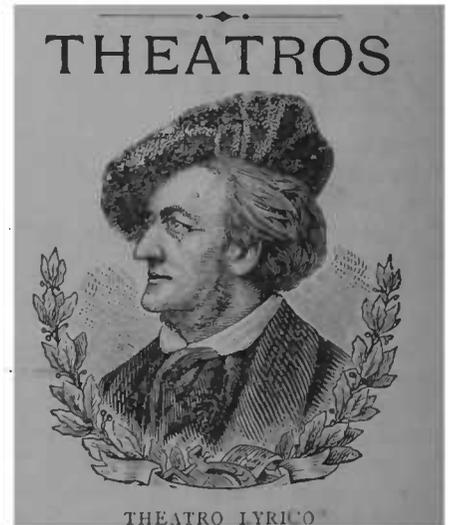
A chinesa fita-o tristemente, mas nesse olhar diz-lhe tudo o que o seu labio tremulo não repete...

— Pois bem, parte... parte... Só assim a flor de Lotus não morrerá... Masouve; o meu amor—o sol, esse nunca se desviará do seu caminho de sonhos. Adeus, Lien-Hoa... Lien-Hoa, adeus...

E aproveitando a presença da criada que entra com o serviço de porcellana para o chá, o poeta arranca-se dos braços da moça e sae a correr da sala e depois do pavilhão da bella flor chinesa, mas suspirando sempre na sua vez tremula pela commoção e pela infinita saudade:

— Adeus, Lien-Hoa, Lien-Hoa, adeus!...

LUIZ ROSA.



O problema wagneriano não está ainda resolvido no Brasil. As genias, mas transcendentissimas operas do grande maestro de Beyreuth, não encontraram completa receptividade psychica por parte do nosso publico.

E isto não deve ser apontado como grave falta; sabemos que o wagnerismo triumphou em Paris sómente n'estes ultimos dous annos, após muitas tentativas, e o publico francez está, é incontestavel, em gráo de adiantamento cultural, e incomparavel ao nosso que, sejamos francos, não passa de simples balbucio.

Habitudos á melodia, por muitas vezes nimiamente banal, das operas italianas e mesmo allemãs, o nosso

dispensa. Com effeito, no "Tannhauser" ha a equitativa distribuição de importancia á parte scenica, á parte coral e á parte orchestral.

Essa distribuição, porém, não se nota de modo tão igual no "Lohengrin", em que a orchestra tem a parte mais saliente, e em que ha trechos que, para os que não se acham preparados, parecem de monotonia monstruosa, sendo ainda para notar a extensão de muitos d'elles, cousa com

grande artista; na *preghiera* do 1º acto esteve sublime e digna dos mais calorosos applausos no dueto do 2º acto, e no do amor. A Sra. Gabbi provou ter entendido o poema, e, por isso, den-nos uma Elsa francamente wagneriana.

D'aqui repetimos as nossas palmas.

De Marchi portou-se admiravelmente e esteve digno dos applausos que obteve.

Camera desempenhou, tambem, a



publico custará a comprehender e a saborear as bellezas d'um poema de Wagner. A sua educação; estou certo, far-se-á; os frequentadores reconhecerão a superioridade extraordinaria do genial reformador da musica, mas esse trabalho evoluirá gradativamente e não será, lóra tolice pretendel-o, obra de uma só audição.

O "Tannhauser", drama musical mais nos moldes da escola nossa conhecida, firmou-se nas primeiras noites e logo foi collocado no numero das operas que o publico fluminense não

que não se coaduna e o nosso povo ávido sempre de variedade.

A' vista d'estas rapidas razões não tememos que nos tachem de paradoxaes se dissermos que o "Lohengrin" foi *sinceramente* applaudido por algumas pessoas e que os *bravi* que irromperam em toda a sala do Lyrico foram em parte uma affectação!

O desempenho foi magistral, cabendo as honras da noute ao extraordinario maestro Marino Mancinelli.

A Sra. Adalgisa Gabbi, mais uma vez confirmou os seus creditos de

sua parte com a gallardia que lhe é habitual, salientando-se na scena do pateo.

Não nos satisfz completamente o desempenho da Sra. Leonardi.

Rossi e De Grazia estiveram excellentes.

Os còros afinados e correctissimos.

Propositalmente deixamos a orchestra para o fim d'esta rapida noticia. Para o fim, pois que desejamos registrar a nossa admiração pelo gigantesco trabalho de Mancinelli, o heróe da noute. O preludeo foi pro-

digiosamente, é o termo—executado, e d'este módo toda a partitura; não houve a mais ligeira descalhada; o trabalho foi d'uma impeccabilidade incrível! E deve-se reconhecer que esse resultado sorprendente foi obra de Marino Mancinelli.

E assim, em homenagem á justiça, acompanhamos os nossos collegas do *Jornal do Commercio* exclamando: *Salve, Mancinelli!*

FLAMINIO.

O ALFAGEME DE SANTAREM

Sexta-feira, 18 do corrente, representou a companhia portugueza que trabalha no theatro S. Pedro de Alcantara o drama historico original de Almeida Garret, *O alfageme de Santarém*.

E' sabido que a peça, comquanto não seja a melhor do theatro de Garret, figura entre as suas mais bellas composições, quer pelo valente sopro de patriotismo que a anima, quer pela feitura das scenas, quer pelo primor castiço da linguagem—velho ouro de lei, cuja musica é uma delicia ouvir.

A recita era em beneficio de João Rosa, que desempenha o formosissimo papel de padre Froilão, uma das mais altas, mais nobres e mais sympathicas figuras do theatro de Garret.

João Rosa deu-lhe interpretação quasi perfeita, fazendo-o com correção, sobriedade, naturalidade e sentimento de um grande artista.

Só no terceiro acto, nas scenas em que se ergue para defende o alfageme deante de condestavel desejarámos menos vigor, menos impeto, pouco justificaveis num velho, paralytico, alquebradissimo.

Brazão, comquanto nos pareça haver carregado um tantinho o caracter austero do personagem, tornando-o frio em scenas de expansão sentimental com Froilão e Alda, deu-lhe um alto e nobre relevo artistico.

Rosa Damaceno não foi a Alda idejada por Garret; achamol-a menos bem sempre que sae das ingenuas rusticas. Disse porém seu papel como actriz consumada que é.

Augusto Rosa foi um elegante e cavalheiresco Nun'Alvares Pereira.

Os demais artistas—muito correctamente.

O que deverá nos encantou da representação foi o conjuncto. Raras vezes temos assistido a peças daquella responsabilidade desempenhadas com tal harmonia e afinação.

Ao illustre beneficiado prodigalisou o publico que, devido á noite borrascosa, não era numeroso, merecidos e calorosos applausos e demonstrações de apreço.

LUCINDA

Com *O primeiro marido de França* e *O lobishomen*—uma engraçada zarzuela em dois actos—vae este theatro

enchendo-se todas as noites, emquanto prepara outras novidades.

VARIEDADES

Por effeito da força magica dos *Talisman de Pirlimpimpim* succedem-se as enchentes neste theatro.

Tem o publico rasão de affluir a elle porque ha naquella peça muita cousa bella que vêr e ouvir. Em ensaios *Madame Diabo*, vaudeville fantastico de Meilhac e Mortier, musica de Gaston Serpette.

RECREIO DRAMATICO

Vae desfiando o vasto e antigo repertorio que é o mais eclectico e variado dos nossos theatros.

N'um dia dá o *Monte Christo* e no seguinte *O Bendegó* e no outro *O commissario de policia* e depois *Os ladrões do mar*. Mas já annuncia uma peça nova—o drama historico portuguez *Diogo Alves*.

POLYTHEAMA

E' difficil noticiar as novidades deste theatro, porque elle os dá todas as noites. Na primeira semana dar-nos-á a *Traviata*.

O beneficio de Tetrzzini foi uma esplendida festa.

APOLLO

Continúa a fazer successo *O Abacaxi*.

P. TALMA.

PAIZAGEM AFRICANA

A JOVINO AVRES

Um sol abrazador, no occaso, desce
E dardeja, na costa, o rijo vento.
Soluça o verde mar como um lamento
E, lentamente, aos poucos, anoitece ...

Vallidê tem o olhar no firmamento,
Emquanto Allah recebe a doce piece,
E, nos seus olhos, subito apparece
A lagrima, a saudade e o soffrimento.

Caminha a caravana no deserto,
Sobre os negros caméllos estafados,
Vencendo leguas para um rumo incerto....

E a meça, revivendo o amor vehemente,
O ardente pranto dos apaixonados
Triste, derrama sobre a areia ardente....

ALVARES DE AZEVEDO SOBRINHO.

Factos e Noticias

Em homenagem aos altos meritos do eminente maestro Marino Mancinelli e, especialmente, ao triumpho por elle obtido com o *Lohengrin*, publicamos hoje o seu retrato.

Nos jornaes como na vida social são os pequenos os que soffrem, os que são sacrificados.

Já em o nosso segundo numero devia ter sido publicada a noticia que fizemos sobre o nosso collega *O Album*; e, no entanto não apparecem nem no 2°, nem no 3° nem no 4°.

A falta de espaço pôl-a de lado como a outras companheiras, para deixar logar aos artigos. Mas desta vez, resgatamos as culpas accumuladas, agradecendo o recolhimento das ultimos numeros d'*O Album* e as amaveis expressões com que registron o nosso reaparecimento. O n. 33 deu o retrato do director d'*A Semana*, acompanhado de um bom artigo biographico da lavra de Lucio de Mendonça, o n. 34 den o retrato do constructor Januzzi e o n. 35 o retrato do nosso Fontoura Xavier, com uma ligeira biographia do punho de Arthur Azevedo.

E' *O Album* uma publicação interessantissima, que recommendamos com calor ás pessoas de bom gosto.

O ultimo numero d'*A Estação* é um primor. Muito obrigados pelas amabilidades dispensadas á *Semana*.

Temos a satisfação de annunciar aos nossos assignantes que, accedendo ao convite do nosso director, prometteram-nos sua collaboração: o Dr. Ruy Barbosa, o eminente juriconsulto e homem de letras que é uma gloria brasileira, immortal em vida; Machado de Assis, o mestre de todos nós, velhos e moços que tratamos letras, e o Dr. Eduardo Prado, o *touriste* de fino e educadissimo gosto e incomparavel humorista.

Aguardando a occasião em que teremos de honrar as nossas paginas com os seus trabalhos, apresentamos os nossos agradecimentos aos illustres escriptores e damos parabens aos leitores d'*A Semana*.

Graças á gentileza do nosso collega do *Rio News* tivemos occasião de apreciar o n. 107 do *New York Daily Gazette*, o primeiro diario que se publicou em New York, datado de 1° de Maio de 1789. Traz a primeira mensagem do presidente Washington ao primeiro congresso americano. E' um curioso documento digno, portanto, de ser attentamente lido, e que talvez não haja figurado na grande exposição da Imprensa, ha pouco realisada em Bruxellas.

Temos o prazer de annunciar que entrou para a redacção d'esta folha o nosso joven e talentoso collaborador Luiz Rosa.

Obteve o premio offerecido pelo Instituto dos Advogados, ao autor da melhor dissertação sobre a the-e por elle posta a concurso, o nosso illustrado collaborador effectivo Dr. Rodrigo Octavio. O premio é uma medalha de ouro. Parabens.

Falleceu ante-hontem o Dr. José Julio de Albuquerque Barros, barão de Sobral, eminente jurista, que occupou no imperio como na republica cargos elevadissimos na admioist açõ e na magistratura.

CORREIO

DR. CAIPHAZ—Qual Caiphaz o que, homem de Deus! Herodes é que você me parece! Herodes da poesia! Na que me mandou encontrel cousas que causaram verdadeiro horror! É um massacre! Que açongue de rimas! Aquel encontra-se um hemestichio com as ventas em papos! Acolá um verso esquarterjado! mais adiante uma rola afflicta; em seguida duas rimas moidas pelinda misericordia, logo depois uma brisa soluçante, além uma estrophe com as tripas de fóra!... Emfim, o diabo. Parece á gente que o Sr. metrificou a Maria de Macedo e nol-a enviou, servindo-se do corrio como do Sol Posto! Livra! Olhe, quer dar no vinte? Mande esta tripa toda para Santa Cruz! É um conselho de amlgo!

SR. ANTHUR MORAES—O seu sonetillito agradou-nos. Dal-o-emos na primeira oportunidade. Realmente tem algum merito o seu trabalho. Fazer um soneto com versos de uma só syllaba não é marimba! É menos marimba é quando se consegue esta Africa sem dizer tolice.

SR. BEL-DIABO—Começarei por pedir-lhe uma cousa: que mude de nome. Este não lhe fica bem. Qual "Bel-Diabo" nem qual nabijas! O nome de "Bel-Droegas" é que lhe assenta mesmo como uma luva! Comece a dar pelo nome de "Beldroegas" e verá como se ha de lumber de gosto a sua beldade!

Passemos agora á sua futrica rimada. Chamou-a o amlgo "Céo neveento". Pois não! Céo neveento, aquillo?! Ora, sou um seu criado! Aquillo é simplesmente uma pouca de usneiras! Que disse eu? Upa! É uma vereadeira trepa d'asnos!

Feira de Soracaba com ella!
Cada um dos bichos que não estiver atacado de mormo, póde dar bem pataca e meia!

SR. BRITO MENDES—Logo que a "Semana" disponha de espaço para as quatorze petalas de flores que nos mandou, terá muito prazer em aromatizar com ellas uma de suas columnas.

SR. Q. P.—A sua poesia "Ao ar livre" só com farofa e molho de tomates. Para prova do que digo, basta citar esta quadra:

" Olha um'ave de azas brancas,
Olha um monte verdejante,
Olha estas arvores francas,
Olha esta flor viajante:"

E olha o diabo que a carregue! E uma figuinha torta tambem não vac?

Meu amigo, se isto não é uma lista de algum hotel "mumbica" do Parnaso, não sei então que diabo venha a ser uma lista de hotel!

Não tem que vêr:—Apollo deitou hospedaria e fez de Castalia lavadouro de pratos. Mas nem mesmo assim, o Sr. paz o seu guisado em pratos limpos!

Estava só vendo o instante em que o meu amigo cantava nos ouvidos da bella, como qualquer caixeiro de fregemoseu:

" Salta uma secca desfiada! Acompanha um china barbado!"

" Olha este ensopado de batatas com caldo de tolices que ferva!"

Sabe que mais? Sua espetada á bahiana não me agrada! Está me cheirando muito a arroz de boi sem sal!

SR. FREDERICO ROSSARD—Sim senhor, lavrou um tento. A sua poesia "Novos carinhos", mereceu os carinhos d'A SEMANA, menina que, como sabe, não é a qualquer que faz foscas. Sahirá quando for possível.

EXMA. SRA. D. PRESILIANA DUARTE—Cumprimentamos respeitosamente a gentil e inspirada poetisa, sentindo não ter um cofre digno de agasalhar as perolas rimadas que se dignou de enviar-nos! Batemos-lhe daqui as palmas, minha senhora, e antecipadamente nos congratulamos pelo prazer que sentiremos quando a A SEMANA puder dispensar um lugar ao mimo com que nos honrou e a que deu o título de "A um poeta".

Beijamos reconhecidos as mãos de V. Ex.

SR. Q. H.—Que bellezas que tem o seu soneto "Tropical"! Bellezas e enygmás. Isto, por exemplo, que quer dizer?

"Mas a rocha d'ameias immortaes..."

A rocha dá mesmo "meias immortaes"? Não creio. Ainda se fosse o Rocha! Ah! quem déra que eu possuísse meias desta especie! Ao menos licaria livre dos "dias santos" e dos remendos nas ditas.

Diz o Sr. no primeiro terno do seu soneto, depois de falar em penedos e neves:

"Essa neve e penedo fui um dia..."

Que pena!... E acrescenta, depois, solícito, afirm de abrandar o susto da gente:

"A neve eterna em lucida agonia

Eu já não sou nem sinto se me olhas!"

Antes isso! porque o Sr. assim nevado, como dizia estar, poderia quando muito dar-nos uma cajuada. Si o Neves já não tivesse morrido, dir-se-hia que o Sr. era o Neves!

Tambem como não ficaria a densa se, ante o seu olhar abrasador, o Sr. continuasse a ser penedo! Que horror!...

Ella a olhar, a olhar, e o Sr. nem como cousa! Cada vez mais penedo! Deus o livre de tal, creatura!... Penedo e demais a mais, coberto de... Virgem Santissima!

Em todo o caso, a estar coberto por outra cousa pior, antes pela neve.

É frio, é, mas... antes assim um tampão de gelo! Só o que póde acontecer é passar o amigo por um poeta fresco.

Em conclusão: Quer saber de uma cousa? Ainda desta vez tem Vmc. de ficar "gelado"!

ENRICO.

ANNUNCIOS

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE
FLORES ARTIFICIAES

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

RUA DO PASSEIO

Tem sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas e flores, etc., etc.

LAEMMERT & C., LIVREIROS

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

CONTOS AMAZONICOS, contendo: Voluntario — A Feticheira — Amor de Maria — Acauan — O Donativo, capitão Silvestre — O Golo do Valha-me Deus — O baile do juden — A quadrilha de Jacob Patacho — O rebelde, por H. Inglez de Souza, 1 volume nitidamente impresso 3\$000.

ESTUDOS ALLEMÃES, pelo Dr. Tobias Barreto, publicação posthuma, dirigida por Sylvio Romero, 1 vol. fies de 912 paginas, nitidamente impresso, encadernado, 15\$000.

COLOMBO e o quarto centenario do descobrimento de um novo mundo, por Sophus Ruge, 1 nitido volume ornado com o veridico retrato de Christovão Colombo. Preço 2\$000.

DIAS E NOITES. Poesias de Tobias Barreto, colleção completa, publicadas sob a direcção do Dr. Sylvio Romero, 1 bonito volume brochado 3\$000, encadernado 4\$500.

NOÇÕES DE ESTATISTICA das Estradas de ferro contendo a determinação de varios elementos de estatistica e a utilização dos wagons de mercadorias pelos engenheiros Henrique Amaral e Paula Pessoa, 1 vol. ornado com 17 gravuras e nitidamente impresso brochado 2\$500.

AZULEIJOS, pequena série de escriptos litterarios em prosa e verso, ornado com o retrato do author por Cesar de Carvalho, 1 vol. bem impresso brochado 3\$000.

AQUARELLAS, contos por Olympio de Araujo, 1 vol. brochado 3\$000.

REGLAMENTO para a cobrança do Imposto do sello anotado por um advogado 1 vol. brochado 1\$000.

LIÇÕES DE POLITICA POSITIVA, por J. V. Lastarria, traducção de Lucio de Mendonça, 1 vol. com perto de 500 paginas nitidamente impresso e bem encadernado, 10\$000.

INVENTO ABEL PARENTE, no ponto de vista do direito criminal, da moral publica e da medicina clinica pelo Dr. Francisco de Castro, lente cathedratice da faculdade de medicina e director da directoria Sanitaria da Capital Federal, 1 vol. com 140 paginas 4\$000.

MICROBIOPATAGENICO da febre amarella trabalho lido perante a Academia Nacional de Medicina e apresentado ao Congresso Medico Pan Americano de Washington pelo Dr. João Baptista de Lacerda, presidente da Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, etc., etc., 1 vol. nitidamente impresso em superior papel enriquecido de diversas gravuras coloridas, brochado 4\$, pelo correio 4\$500.

O MICROBIO DA MALARIA pelo Dr. F. Fajardo, preço 2\$000, pelo correio mais 500 réis. Contem um estudo microscopico sobre o hematozoario do paludismo no Brazil e sobre a phagocytose.

DICCIONARIO de conceitos e sentenças proferidas pelos vultos mais eminentes até hoje conhecidos ou livros de consulta para auxilio de estudiosos litteratos, por F. D. Ferreira da Silva, 1 volume brochado 2\$000, encadernado 3\$500.

66 RUA DO OUVIDOR 66

RIO DE JANEIRO.

Dr. P. Rajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas

Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

Dr. V. Ottoni

Molestias Venereas e Siphyliticas

CONSULTORIO E RESIDENCIA

22, RUA DO HOSPICIO, 22

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade: *Partos e Molestias das Senhoras*

Residencia e Consultorio:

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

**PIANOS E MUSICAS
FONTES & C.**

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

ESTABELECIMENTO

HYDRO E ELECTRO-THERAPICO

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado.

115 — Rua Sete de Setembro — 115

Rua da Carioca, 12 e 14

FILIAL EM PETROPOLIS

Papelaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.
Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A' CASA PASCHOAL

CARVALHO PORTUGAL & C.

133, Rua do Ouvidor, 133

Importação por todos os paquetes

Completo sortimento de chapéos para homens,
senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.

Rio de Janeiro

Grande Deposito

— DE —

**→ Pianos e
Musicas ←**

BUSCHMANN & GUIMARÃES

52, RUA DOS OURIVES, 52

Rio de Janeiro.

Gabinete de Cirurgia e Prothese Dentaria

DE

A. F. DE SÁ REGO

1 — Rua de Gonçalves Dias — 1

Este importante e antigo Gabinete, tendo passado pelas reformas exigidas pelos processos da moderna odontologia, acha-se equiparado aos melhores da Europa pelos esplendidos aparelhos e instrumentos de que dispõe habilitando-o a apresentar trabalhos

ainda pouco conhecidos no Brazil

Collocação de dentaduras fixas, sem chipi, e sem extracção de raizes ou dentes

TRAVAIL A PONT

Extracção de dentes sem dor, por meio do *Coryl* de M. M. JOUBERT, de Paris. Apparelhos para correcção das anomalias de implantação, obturadores para a abobada palatina e veu do paladar, etc., etc.

Obturação e reconstrucção de dentes a ouro perfeitissimas.

Concerta-se qualquer dentadura que não esteja perfeita na bocca, mediante pequena retribuição.

Consultas e operações das 8 horas da manhã
ás 10 da noite.

RIO DE JANEIRO

A SEMANA

DIRECTOR: VALENTIM MAGALHÃES

Redactor—gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, rua dos Ourives n. 71, 2º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 9 DE SETEMBRO DE 1893

EXPEDIENTE:

Assinatura annual.	12\$000
.. semestral	7\$000
Numero avulso.	\$200
.. atrozado	\$300

SUMMARIO. — Historia dos sete dias, José do Egypto. — A propriedade litteraria, V. Magalhães. — Musa Inpassivel, soneto, E. Juliada Silva. — Questão Scientifica, Dr. Martins Teixeira. — Cavacos Medicos, Dr. Saken. — Ironia das aves, soneto, Maria Clara. — Plebiscio Litterario, Theatros, Flaminio e P. Talha. — Wagner e o wagnerismo. — Musica e Dança, Y. Soudro. — Gazetilha Litteraria. — A um poeta, poesia, Presciana D'arte. — O numero 13, D. Meira. — Os c. illegas. — Factos e Noticias. — Triunfo e Hela, Frei Antonio. — Archivo.

Historia dos sete dias

“Ha um facto que é causa para mim de sempiterno espanto e que causará egual estranhese aos que nelle attentarem—é que o Mar não encontrou, não teve ainda o seu poeta.”

Isso escrevia ha quarenta e tres annos um poeta francez, hoje completamente esquecido—J. Autran, da Academia, autor dos Poemas do Mar, no seu primeiro prefacio a esta obra. E, para provar tal asserto, lembrou que, ao “passo que cada uma das principaes scenas da natureza terrestre tem dado origem a uma forma de poema especial, que lhe é proprio:—o valle á egloga; o prado ao idyllo; o campo, em seu conjuncto, á georgica; os campos de batalha á epopeia; as florestas mysteriosas, as ruinas, os velhos castellos á ballada; as cidades á satyra, ao epigramma, á epistola, ao madrigal, á canção, etc.; os templos ao hymno e ao cantico; os palacios ao drama; os cemiterios á elegia; as maravilhas da terra e do céo á ode; o Mar, o Mar sómente não formulou ainda o seu typo especial de poesia, não creou ainda o seu poema!” Autran não esquece a romança nautica e a barcarolla; mas não as considera, com razão, dignas do Mar, nem formas typicas de poesia.

E mostra, em seguida, que nenhum dos grandes povos maritimos produziu um verdadeiro poema—desde a Grecia até Portugal—(o “Lusiadas” não dando ao mar a importancia devida, só cantando os feitos nelle realisados).



A observação é, além de curiosa, justissima. Que ha na Natureza que dá melhor ao homem a idéa de Infinito—essa idéa positiva, que o Positivismo esqueceu e desdenha; no dizer de Pasteur—que o Mar, o magestoso e sublime Oceano? Por que não encontrou elle, entretanto, ainda o seu poeta em tantos que o tem cantado, de Homero a Autran e Richepin?

O Mar tudo faz—perolas e revoluções, tudo produz—garoupas e heroes, tudo transforma—polypos e instituições. Não remontemos ao Pyreo. Olhemos antes para a nossa Guanabara.

Sobre as suas aguas mansas e glaucas como se balouça garbosa a frota dos argonautas brasileiros, que, sob o commando de Custodio Jasão de Mello veio á conquista do vellocino de ouro da Liberdade na Colchida carioca?

E’ a segunda revolução com que o Atlantico nos presenteia! A primeira foi a 23 de Novembro de 1891 e, como desta, era chefe o mesmo mencionado Jasão e tinha o mesmo fim:—a conquista do mesmo vellocino. Sómente o dragão não era o mesmo: o d’aquella chamava-se Deodorus, o desta é Florianus.

O Mar tem sido para esta republica uma caixa de surpresas. Delle sahio a reivindicacão da Legalidade a 23 de novembro de 1891; delle sae agora, outra vez, aquella mesma entidade, corporificada no mesmo leão marinho.

Da primeira vez a victoria foi rapida e facil. Bastou que um balasio disparado do “Aquidaban,” viesse partir a ponta do bico do gallo do cucuruto da torre da egreja da Candelaria para que Deodorus se rendesse, no humanitario proposito de evitar que houvesse mais uma viuva, mais um orphão.

Estava a Legalidade desaggravada e restabelecida. Pois é justamente contra aquelle em cuja pessoa se encarnava ella que o Mar novamente vomita a revolução. O Mar deu o poder a Florianus e o Mar lh’o quer tirar.



Na madrugada de 6 do corrente todos os navios da esquadra, de fogos accesos, com a mesma bandeira branca, não de paz mas de guerra, do 23 de novembro a fluctuar nos mastros, disiam para a Terra, no seu formidavel mutismo de monstros d’aço:—O Mar não precisa da Terra e a Terra precisa do Mar. Rende-te, misera! Só o Mar é grande! Elle deu vida ao Amor e á Gloria. Do seu seio maravilhoso sahio Venus triumphante e sae, de vez em quando, o almirante Custodio para salvar o Brasil. Rende-te, Terra, agacha-te, offerece os hombros humildes ás ondas desdenhosamente calmas do Mar Glorioso!

Mas Florianus, o vice-dragão, não quiz ouvir taes falas e mandou que todos os soldados fossem para as praias... vêr navios. Vêl-os e mettê-os a pique com descargas de Mauser.

E assim se fez:—todas as praias, mesmo aquellas a que só se vae como Mentor!

(“You dar um gyro na praia
Pr’a refrescar as ideias,)

até essas estão guarnecidas de tropas.

Os revoltosos, senhores do Mar, aprêsam quanta embarcação ousa singrar o salso argento e estão surtidos de viveres para muito tempo. Podem, quando só o menor mal queiram fazer ao governo, sahir barra afora e ir de estado em estado, a derrubar a ex-Legalidade em cada um e em todos elles, deixando-nos aqui sem um naviosinho sequer para remedio!

Alguns objectam que a esquadra não conseguirá passar sob o fogo vivo das fortalezas. Que engano! A esquadra gloriosa que forçou a passagem de Humaytá realisando um dos mais extraordinarios e bellos feitos da marinha de guerra do mundo servencida, pelo fogo das fortalezas de Santa Cruz, Lage e S. João!

Não! A esquadra, essa esquadra é a nossa, é a brasileira, é a de Humaytá e os seus chefes lá estiveram fazendo n aquella escola de fogo a sua educação de patriotas!

Não creio na victoria da terra sobre o Mar, nem mesmo com os carteiros do Sr. Demosthenes, armados de panelinhas de lacre e carimbos, promptos a pedir “recibo de volta” de cada tiro e a “registrar” cada golpe.

Já ha um hollandez a pagar o mal que não fez. Era italiano esse hollandez, tinha 23 annos e morreu, baleado pela tropa que guarnecia o caes Pharoux. O seu governo exigio reparação do nosso. E este deu-lh’a. Custa-nos cem contos de réis esse cadaver de italiano. Que é isso, porém? Muito mais nos custa cada cadaver de brasileiro que tomba no Sul e ha muitos mezes que elles cahem diariamente, ás centenas!

Em pouco tempo as forças de terra estarão estafadas pelas noitadas de serviço e semimortas pela promptidão; haverá fome nas fortalezas; haverá desespero na população, segregada assim do resto do paiz, sem poder communicar com parentes e amigos; o cambio cahirá a nove... e no emtanto os monstros d’aço se balouçarão garbosos e fortes sobre as aguas harmoniosas, á espera, sem impacencia!



Emtanto, ó Mar, uma supplica te faço, meu amigo. Que seja esta a ultima vez que te revoltes, que te abras para engolir governos, farto de engolir navios e esquadras! Deixa-nos em paz! Fecha, ó Mar Piedoso, a éra dos pronunciamentos e do militarismo: dá-nos a Paz, a Liberdade, a Prosperidade! Tem juizo, ó Mar! Dá-nos juizo, ó Mar! Salva, purifica, resgata a Terra impura, pusillanime, vil, que treme de medo vendendo-te as iras, contemplando-te a força!

Que a Justiça nasça triumphante das tuas espumas, aljofrada de perolas, trazendo na boca virgem o sorriso da fraternidade e as benções da Paz!

JOSE’ DO EGYPTO.

→ A PROPRIEDADE LITTERARIA ←

Publicamos em seguida a these e respectivo relatorio apresentados ao Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros pelo Dr. Valentim Magalhães:

THESE

A actual legislação brasileira garante a propriedade litteraria aos estrangeiros?

Sendo a propriedade litteraria e artistica uma propriedade especial em sua natureza e em seus effectos, "sui generis", creação relativamente moderna do Direito, não pôde ser subentendida na legislação de um paiz, como a propriedade *communis*, marcial na essencia e nos effectos.

A noção romana do "dominium" não é applicavel áquella com o mesmo rigor e extensão que a esta.

Em mesmo, segundo abalisados juristas, não lhe é de nenhum modo applicavel, sendo que para esses o apothegma de Alphonse Karr não é uma verdade— a propriedade litteraria não é uma propriedade.

Dahi a necessidade do reconhecimento della, expresso, e de ser claramente regulada.

Na Inglaterra ella só o foi em 1709 pelo "bill" de 21 de fevereiro.—Esse primeiro estatuto sobre a propriedade litteraria tomou o nome de "Estatuto da Rainha Anna" e só fixava os direitos dos autores britannicos.

A convenção litteraria anglo-franceza é de 1852. Até essa data, a Inglaterra só reconhecia o direito de propriedade litteraria aos seus naturaes.

Em nenhum paiz como a França tem sido reconhecida essa propriedade ha tanto tempo e tão claramente. Foi talvez isso o que levou o illustrado relator do parecer da Camara dos Deputados Brasileira, sobre a convenção litteraria com a França, este anno, a chamar ao direito de propriedade litteraria "uma creação artificial dos francezes." A legislação desse paiz garante indistinctamente esse direito a todos os autores, nacionaes como estrangeiros.

Prova do character excepcional dessa propriedade é que não é universal e só por meio de tratados e convenções tem sido reconhecida e regulada internacionalmente. Foi na conferencia internacional de Berna (1884-1886) que ella o foi positivamente para varias potencias europeas. Como não é o estudo geral dessa questão o que nos interessa, mas uma face apenas, o saber se a legislação brasileira actual garante essa propriedade aos estrangeiros, vamos restringir e limitar a esse ponto esta ligeira exposição, que outro merito não tem senão o de suggerir ou provocar o estudo da presente these. Para responder ao seu enunciado, estabelecido que a propriedade litteraria differe da *communis*, que precisa de ser claramente expressa para que seja admittida em qualquer legislação, devemos verificar se a nossa a declara. a reconhece, individualmente. Não temos Código Civil. Devemos ir procural-a alhures, portanto. Não a achamos em decreto do Poder Executivo ou do Legislativo. Mas na Constituição, que é a lei das leis, e no Código Penal. Diz com effecto a Constituição no artigo 72, § 26—secção dos direitos do homem: "Aos autores de obras" litterarias e artisticas é garan-

tido o "direito exclusivo" de reproduzilas pela imprensa ou por qualquer outro processo mecanico. "Os herdeiros dos autores gozarão desse direito" pelo tempo que a lei determinar."

O Código Penal vigente, embora dependa ainda da approvação do Congresso, o que lhe não tira a nem diminúe a força, pois está em pleno vigor e execução, o Código Penal, no seu 5º capitulo, artigos 342 a 350, regula completamente a materia, estatuinto penalidades para todas as infracções da propriedade litteraria e artistica. Não ha duvida, pois, que a nossa legislação reconhece-a. Resta ver se ella a torna extensiva aos estrangeiros ou a restringe aos nacionaes.

O nosso estatuto fundamental declara no citado artigo 72: "A constituição assegura a brasileiros e a estrangeiros residentes no paiz a inviolabilidade dos direitos concernentes á liberdade, á segurança individual e á propriedade nos termos seguintes."

Em que accepção tomou a Constituição a palavra "residentes"? Na ampla ou na restricta? Como synonymo de "domiciliados" ou de "assistentes" ou "presentes"? Nesta, affirmamol-o. E fazemol-o porque, se o espirito do texto constitucional fosse restringir as garantias dos direitos individuaes só ao estrangeiros "habitantes, moradores, domiciliados" no Brasil, isso importaria em a negação da validade juridica dos bens moveis e immoveis, contractos, patentes de invenção, garantias, obrigações, titulos, acções, marcas de fabrica, todos os direitos reaes, em summa, até hoje reconhecidos aos estrangeiros em todas as nações cultas.

Ora, a hypothese é tão extravagante que não resiste á mais leve analyse. É absurda. O legislador não podia pensar nem querer semelhante violencia, que nos relegaria para o quadro das nações salvagens, estranhas a toda noção juridica.

O legislador, empregando a expressão "estrangeiros residentes no Brazil," quiz nella abraçar, não só os domiciliados no Brasil, como os que nelle "estão ou assistem" por delegação de poderes, representados em seus procuradores. Mas se assim é—e não pode deixar de ser assim—elle estendeo aos estrangeiros "presentes" (em pessoa ou por procuração, pela representação legal) o direito á propriedade litteraria e artistica.

Não colhe o argumento de ser esta uma propriedade "sui generis," inconfundivel com a *communis*, porque a propria Constituição, no citado artigo 72, § 16, se refere clara e positivamente áquella:

"Aos autores de obras litterarias e artisticas é garantido o direito exclusivo de reproduzilas etc."

Se a Constituição reconhece e tem como equiparada á *communis* a propriedade intellectual, dita litteraria ou artistica, e se garante aquella aos estrangeiros, segue-se que tambem lhes garante esta.

Concluimos, portanto:—1º, que a legislação brasileira actual reconhece a propriedade litteraria; 2º, que a garante igualmente a nacionaes como a estrangeiros, ispensando, assim, qualquer convenção internacional.

Rio de Janeiro, 27 de Julho de 1893.

VALENTIM MAGALHAES.

MUSA IMPASSIVEL

Musa! um gesto siquer de dor ou de sincero
Lucto jamais te afeie o candido semblante!
Deante de um Job, conserva o mesmo orgulho; e deante
De um morto, o mesmo olhar e subrecho austero.

Em teus olhos não quero a lagrima; não quero
Em tua bocca o suave e idyllico descante.
Celebra ora um phantasma anguiforme de Dante,
Ora o vulto marcial de um guerreiro de Homero.

Dá-me o hemistichio d'ouro, a imagem attractiva;
A rima, cujo som, de uma harmonia crebra,
Cante aos ouvidos d'alma; a estrophe limpa e viva;

Versos que lembrem com seus barba ros ruidos
Ora o aspero rumor de um callião que se quebra,
Ora o surdo rumor de marmóes partidos.

FRANCISCA JULIA DA SILVA.

S. Paulo, 1893.

Questão Scientifica

A combustão espontanea

Sr. Director d' A SEMANA.

"Acho inverosimil, senão inadmissivel, o facto figurado. Taes são as difficuldades naturaes oppostas á queima do corpo humano, que a combustão propriamente espontanea é insustentavel, e mesmo a comhunicada por fogo exterior só poderá ter lugar quando a enorme energia deste fôr capaz de dominar aquellas difficuldades, como em um incendio, etc. Ora, não é este o caso figurado.

Tal é o meu modo de pensar, que vos entrego sem reservas.

Dr. MARTINS TEIXEIRA.

Rio de Janeiro, 23 Agosto 1893."

CAVACOS MEDICOS

*O azul de methyleno
é tambem um específico
do paludismo e cura
como a quinina, matando o hematozoario.*

(DR. F. FAJARDO.)

Conhecem o nome que firma essa epigraphe? Conhecem o moço que esse nome indica? Será axiomatica a sua proposição?

Pois é facil o conhecimento do moço e do nome; agora, o que é difficil é responder de prompto á terceira pergunta, dirá o leitor.

E assim é.

O moço é uma figura sympathica, que se destaca do brilhante quadro dos doutorandos de 1888, e que, com a applicação ao estudo e o bom espirito observador, vai conseguindo tornar o seu nome laureado.

A proposição é por emquanto arrojada, embora as excellentes observações dos habillissimos Drs. Rocha Faria, Moncorvo, Clemente Ferreira e Silva Nunes, que têm colhido beneficios do azul de methyleno na malaria.

Mas... vamos á historia que originou este pequeno cavaco.

Temos sobre a mesa de trabalho um folheto do Sr. Dr. F. Fajardo, assistente de

clínica propedeutica, com a denominação *Ensaio de bacteriologia e clinica*, que é o conjunto de pequenos estudos feitos com cuidado e paciência pelo joven medico brasileiro.

O ha illo da tuberculose nas enfermarias de clinica, o hematozoario do paludismo, a phagocytose no paludismo e o azul de methyleno como effizaz no seu tratamento, eis os pontos interessantes com que se occupa, baseado em attentos exames e cuidadosa observação.

O melhor elogio que póde ter o distincto investigador é a carta do professor Laveian, que, entre outras phrases, diz-lhe: "*Je vous félicite des résultats aux quels vous êtes arrivé déjà et j'espère que vous continuerez à travailler cette question.*"

Assumpto realmente interessantissimo como é a determinação do *plasmodium malariae* no diagnostico do impaludismo, obriga-me a enviar um aperto de mão ao Dr. Fajardo, animando-o a proseguir n'esse exame, que está merecendo de seu talento e da sua actividade a grande contribuição que póde dar.

Quanto ao que refere sobre o azul de methyleno, declaro-lhe que já o tenho empregado, mas sem resultado satisfactorio, o que não quer dizer que abandono o seu emprego, porque as observações que possuo são em muito pequeno numero. Não posso, entretanto, collocar-o ainda ao lado da quinina.

Para que o illustre e joven medico não pense que já existe da minha parte alguma prevenção, vou terminar, recommendando á classe medica a sua indicação, mesmo como homenagem ao que nos diz no seu bom folheto:

"As doses têm variado de 0,30 até 1,0 em 24 horas; conservando a dose de 0,30 por 5 ou 10 dias mais, depois do desaparecimento dos accessos. Tenho feito uzar em pilulas, d'este modo:

Azul de methyleno medicinal. 2,0

Não mascada pulv. 1,0

Em pilulas. Para tomar conforme a indicação; ou ainda associado a uma pequena dose de extracto de belladonna."

E... não é que este final preencheu-me a outra secção d'*A Semana*—*Conselhos salutarés?*

DR. SAHEN.

IRONIA DAS AVES

Alvos pombinhos, recortando os ares,
Vão contentes pelo espaço afora,
Trocando beijos e sorrindo á aurora;
Lépidos correm tão formosos pares.

Em revoada voltam, deixam mares
E alheias terras, sem pesar! Embora
Cantem os passaros o amor, outr'ora
Nes-e mesmo logar houve pezares,

Lágrimas negras como a noite escura!
Havia o captivo—atroz tortura,
E havia o tronco,—misera cadeia.

Hoje o tronco é pombal. Ha luz, carinhos,
Passaros cantam, se entrelaçam ninhos...
— Lição sublime, de ironia cheia!

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.

Plebiscito Litterario

—QUAES SÃO OS SEIS MELHORES ROMAN-
CES ESCRIPTOS EM LINGUA PORTUGUEZA?

O prazo para recebimento das repostas encerrar-se-á no dia 12 do corrente.

Além do titulo do romance, dever-se-á declarar o nome do autor.

Só serão apuradas chapas firmadas com pseudonymos quando estes forem conhecidos e authenticos.

Do romance que obtiver o primeiro logar publicaremos o trecho mais bello ou mais celebre e, sendo possível, o retrato do autor.

Os nomes dos votantes não serão publicados, salvo expressa autorisação delles.

A designação "romance" é restrictiva; a chronica, a novella, o conto, a narrativa puramente historica estão, portanto, excluidos. Mas não ha distincção de escola nem de epocha.

O que é indispensavel é que haja sido publicado em volume, e que seja livro.

No proximo numero publicaremos o resultado da votação e alguns dos votos, assignados por pessoas conhecidas no mundo das letras.

THEATROS

THEATRO LYRICO

A representação da *Lucia de Lammermoor* foi um grande successo para a Sra. Boronat.

Comquanto a velha opera de Donizetti tivesse tido optima execução por parte da orchestra e dos còros, se a Sra. Boronat não houvesse cantado a sua longa e difficil parte com o mimo e a arte com que o fez, o fiasco houvera sido terrivel. Mas a gentil e talentosa actriz-cantora salvou a situação, fazendo esquecer todas as faltas dos cantores, inclusive as do Sr. Colli.

Além de haver cantado sempre com muito mimo e expressão todos os actos, cantou o celebre *rondó* final do ultimo, introduzindo nelle a cadencia original da famosa cantora Melba, tão primorosamente que todo o theatro—galerias e plateia—fez-lhe estrondosa e raramente vista ovação, obrigando-a a repetir a ultima parte.

E realmente, ha muitos annos, não era esse *rondó* cantado aqui por aquella fórma.

Que vocalisação delicada, variada, rica, mimosa!

A voz da cantora casou-se á da flauta tão perfeitamente que parecia estar-se ouvindo duas flautas... gemeas! Bravos á Boronat!

No sabbado levou a companhia em recita popular o *Lohengrin*, obtendo boa casa, e correndo a representação satisfactoriamente.

Na terça-feira foi exhibida a famosa e mui justamente apreciada opera de Meyerbeer—*Os Huguenotes*.

Excellent recita sob todos os pontos de vista: casa cheia, execução primorossima.

A Sra. Adalgisa Gabbi esteve admiravel no papel de Valentina, cantou

com muita arte e deu grande colorido á parte dramatica.

A Sra. Boronat alcançou mais um triumpho. A sua voz admiravel e excellente escola são elementos certos de que dispõe a encantadora artista para receber continuas ovações.

A Sra. Zawner foi bem, mas nem por isso fez esquecer a Sra. Scaletti...

De Marchi é um tenor verdadeiramente digno dos maiores applausos. Cantou, pela primeira vez, a grande opera, e cantou-a de modo soberbo, admiravel tendo-a ensaiado duas ou tres vezes, apenas; no duetto final esteve sublime!

O publico soube, felizmente, apreciar o seu bello trabalho.

Rossi foi muito bem e não o applaudiram como elle merecia. Sottolana e os demais artistas portaram-se correctamente. Os còros estiveram bons e a orchestra esplendida sob a rigorosa direcção do extraordinario Mancinelli.

FLAMINIO.

THEATRO S. PEDRO

ALCACER-KIBIR

A peça de D. João da Cmara que foi á scena no S. Pedro d'Alcantara, não se póde considerar como um trabalho completo, mas ha innegavelmente ali algumas scenas bem delineadas e caracteres bem estudados. O de Beltrão, uma especie de Quasimodo, rancoroso e cruel, fanatico e delator, é um typo, interessante, posto que mais romantico do que verdadeiro. Augusto Rosa, caracterizado a primor, imprime-lhe uma feição muito theatral.

Notavel tambem o typo do prior do Crato, reproduzido fielmente do personagem historico e cachetico que sob este nome figurou de rei de Portugal.

E João Rosa, ao interpretar esse padre, encontrou uma bella variante na galeia já longa de papeis ecclesiasticos que ultimamente tem creado.

Mas o autor apurou-se sobretudo ao desenhar o personagem de D. Fuas, mixto de D. Juan e D. Quixote, nobre, altivo, generoso, fanfarrão e valente. Brazão elevou-se tão alto na sua realisação, e seu trabalho é de tal homogeneidade e correcção, tão harmonico, igual e destacado de todos os papeis em que anteriormente o vimos, que é justo collocar esse desempenho a par das mais bellas creações theatraes dos grandes mestres da scena contemporanea.

Rosa Damasceno teve um papel episodico que disse muito delicadamente fazendo com a sua reconhecida arte a descripção da morte da creança, no 3º acto.

A encenação foi pouco cuidada e alguns papeis secundarios, por haverem sido substituidos na *tournee*, resentiram-se da falta de ensaios.

O *Alcacer-Kibir* é, como peça, muito melhor que *Affonso I* do mesmo autor; e o trabalho de Brazão assegura-lhe um futuro ainda longo.

LUCINDA DO CARMO

Com grande concorrência realizou-se no dia 4 do corrente a festa artística desta talentosa actriz da Companhia do theatro D. Maria II, festa que também o era da joven actriz Palmyra.

Representou-se *A madrugada*, a linda peça, em verso, de Fernando Caldeira, em que Rosa Damasceno, Brazão e os irmãos Rosa têm tão notáveis papeis.

Nos intervallos dos actos recitaram as beneficiadas monologos, cantando Lucinda do Carmo uma canção comica *A espiga*, em *travesti*.

Tem a voz agradável, embora fraquinha; mas diz o *couplet* com graça e malícia encantadora, que revelam ser o seu genero o *vau-deville* e não o drama ou mesmo a comedia.

Entretanto, conquanto nos agradasse aquella *Espiga*, achá-mol-a deslocada naquelle palco, em meio daquelles finos e correctos interpretes do que ha de mais bello e melhor no theatro antigo e moderno.

Foram muito brindadas e applaudidas as beneficiadas.

Nos outros theatros continuam a fazer successo as peças já conhecidas.

A nossa opinião, franca e independente, acerca do *Lohengrin* não foi unica. Tivemos o prazer de vê-la manifestada pelo critico musical da *Cidade do Rio*, que é como se sabe, Cardoso de Menezes; pelo J. Guerra, d'*O Paiz*, que é o humorista Urbano Duarte, e por Arthur Azevedo n'*O Album*. Este disse, muito positivamente: "Não nos illudamos, meus senhores; o nosso publico ainda não comprehende nem accêta Wagner. O *Lohengrin* foi recebido com um entusiasmo frio e discreto, um entusiasmo de *noblesse oblige*." Já não estamos sós para a excommunição dos *entendidos*; estamos em boa companhia.

WAGNER E O WAGNERISMO

Em sua ultima obra *A degenerescencia* (*Entartung*, Berlim, 1893, editor Carl Dunker) estuda o eminente autor das *Mentiras Convencionaes* e dos *Paradoxos*, Max Nordau (que mesmo o publico illetrado já conhece das correspondencias que delle publica frequentemente a *Gazeta de Noticias*), ao lado do Preraphaelismo, do Sym-

bolismo, do Tolstoismo, do Peladonismo e do Maeterlinkismo—o culto de Wagner, o wagnerismo.

Sustenta o eminente sabio que este apresenta todos os caracteristicos da degenerescencia mystica.

Nas obras litterarias do mestre de Beireuth reconhece Max Nordau todos os symptomas da graphomania—obscuridade, logomachia, impotencia de exprimir claramente as idéias e, dali, constantes repetições de phrases; a impossibilidade, emfim, de dar uma norma nitida e definitiva a idéias embrulhadas e vagas. Para reconhecê-lo basta analysar a sua theoria sobre os limites e mutuas relações das artes, a qual consiste, em summa, em resumir, englobar e fundir todas as artes n'uma



TENOR DE MARCHI

só — a musica; basta, mesmo, apreciar o estylo inextricavel e metaphysico em que tudo aquillo é exprimido. Outro signal de degenerescencia descobre o critico allemão em Wagner—o erotismo que se manifesta em toda a sua obra, imagem da mulher dominando tudo com uma volupia bestial (*sic*).

Mais um symptoma ainda—a esterilidade de seu talento inventivo. Foi sempre incapaz "de inspirar-se na plenitude da vida," segundo a immortal formula de Goethe, e teve sempre de recorrer á legenda, á tradicção, á fabula. Somente o assumpto dos *Mestres cantores* não foi bebido nos poemas heroicos de Gottfried de Strasbourg, de Wolfram d'Eschenbach etc. Wagner não creou nunca uma alma huma-

quanto á forma, não se conhecem até hoje versos mais chatos nem mais pobres que os seus.

A unica faculdade genial manifestada por elle foi a "imaginação visual" uma imaginação de pintor magnifica. Nietzsche, no *Caso de Wagner* chama-lhe "o magnetizador, o collectionador de *bibelots*, o pintor de *frescos*"

O proprio Wagner confessou que os seus dois grandes amigos Schiller e Schumann, lhe declararam que elle faria melhor em escrever dramas que em fazer operas. (A mesma cousa lhe dissera Offenbach. Quando Wagner escrevia livros, expondo suas idéias sobre musica e questões sociaes, Offenbach escreveo-lhe: "Meu caro Wagner, faça operas." Quando Wagner começou a escrever operas, aconselheu-lhe o genial autor da caricatura musical: — "Meu caro Wagner, faça livros".)

Wagner era incapaz de crear. Um critico musical allemão, Wolzogen, deu-se ao paciente trabalho de estudar o "volapuck wagneriano" e em toda a tetralogia dos *Nibelungen* encontrou apenas noventa *leitmotivs*. Maior numero de palavras possuem os hottentotes para exprimir suas idéias sobre o tempo. E, entretanto, Wagner se desvanecê de poder com aquella ridicula quantidade de vocabulos musicæes exprimir toda a vida intima de seus innumerados deuses e semi-deuses!

E' certo que Wagner no começo de sua carreira creou algumas melodias sublimes, bem definidas em *Tannhauser*, *Lohengrin*, *Navio Fantasma*; depois, sentindo-se exhausto, atirou-se ao recitativo, que não é mais que a forma rudimentar da musica, conhecida pelos selvagens. Si elle tivesse podido, como Mozart, crear melodias caracteristicas para cada um de seus personagens, envolvidos na acção de seus dramas, elle não nos teria imposto nem os *leitmotivs* nem a *melodia sem fim*.

Como seu talento não se adaptava á musica symphonica, declarou que esta morrerá com Beethoven e que o unico caminho a seguir era o da "declamação musical." Não possuindo, apesar de seu talento, a sciencia severa da composição, fez guerra ao contraponto e aos contrapontistas.

O lado morbido do wagnerismo manifesta-se pelo caracter exaltado de seus primeiros adeptos. Entre estes vemos a princesa de Metternich, filha do celebre originalão Conde de Lador; Liszt, o grande *virtuose* e grande mystico, e, por fim, o famoso hysterico Luiz II de Baviera. A fortuna do wagnerismo, que começara ali, accentuou-se depois no chauvinismo militarista, tornando-se Wagner co-

nhecido e adorado pela sua gallophobia e antisemitismo. Aceitou o homem, aceitou-se-lhe a musica, por contrapeso. Além disso o amorplismo da *melodia sem fim* respondia maravilhosamente á preguiça mental das novas gerações. Depois o culto de Beireuth, só sendo accessivel aos ricos, cahio em moda, foi procurrado pelo snobismo cosmopolita, que só acha bom o que é caro.

Foi graça aos peregrinos opulentos que se podiam pagar o luxo do wagnerismo no seu templo proprio que aquelle introduzio-se em França.

Catulle Mendès, um dos poucos wagneristas sinceros, tanto comprehendendo os perigos do wagnerismo, que aconsellhou aos jovens compositores francezes que abandonassem o deus de Beireuth para inspirar-se na fonte viva das melodias populares da França.

X.



Apezar de não ter A SEMANA recebido convite, fui, no domingo ultimo, ao S. Pedro de Alcantara, assistir ao 3º concerto symphonico do maestro V. Cernicchiaro. Muito penalizado ficaria se por qualquer outra circumstancia, que não essa de não ter a nossa revista recebido um bilhete, deixasse de transportar, naquella dia de folga, a vasta e espaçosa casa de espectaculos, em que tive occasião de entrar por diferentes vezes no anno passado, para assistir a excellentes e inolvidaveis festas musicas, não como redactor da SEMANA, (porque nesse tempo a SEMANA não tinha ainda inaugurado a sua segunda epocha de publicação), mas como simples admirador de musica, simples devoto de Verdi e Beethoven, cujas paginas musicas não posso ouvir sem enthusiasmo, sem que sinta a alma repleta de uma estranha sonoridade, de uma alegria immensa. Não foram muitas das peças convidativas do programma, magistralmente organizado, que me levaram áquelle theatro, repentinamente transformado em templo da divina arte,

mas, (e para que não dizel-o?) uma: só uma bastava para attrahir-me, para arrebatarme da doce e desejada paz do meu remanso de dia de festa.

La ser executada a 5ª symphonia em dó menor de Beethoven e eu adoro Beethoven ao ponto de ouvir-o interpretado ao piano ou a grande orchestra (tanto melhor) durante uma noite inteira sem cabecear de somno. Entrei, pois, mais desejoso de ouvir Beethoven que os outros trechos do programma, mas não quer isto dizer que não os ouvisse a todos com amor, com esse interesse que me desperta todo o genero de musica desde que ella se possa ouvir, que seja boa... que seja musica, emfim. E' justo pois que só falle do trecho de Beethoven nesta rapida noticia, dizendo que foi excellentemente a sua execução, que os distinctos artistas encarregados de interpretal-a estiveram dignos dos repetidos applausos que receberam por parte do publico... e digo publico, porque, com effeito, pudemos verificar que ainda ha entre a nossa população, atirada ás tramas politicas, quem se interesse pela adoravel arte que enleva a alma e enche o coração do maior enthusiasmo, da mais estranha alegria. E foi o que me aconteceu ao sahir do S. Pedro, transformado no domingo ultimo, no templo da DIVINA ARTE.

WAGNER E "A WALKIRIA"

Eis como um autorizado critico francez, Arthur Pougin, resume a sua opinião sobre a *Walkiria*, ultimamente cantada na grande Opera de Paris e a musica de Wagner:

"Tal é a obra (a *Walkiria*), tanto quanto posso caracterisal-a: dois actos mortalmente massadores, sobretudo o segundo, e um terceiro, que é uma obra prima, de uma belleza, pujança e grandiosidade inexcediveis. É uma obra systematica, desigual, portanto, mas que só podia salhir das mãos de um grande artista.

"Para Wagner em um drama lyrico o drama deve sobrepujar a musica—o que me parece ser o contrario da verdade, da verdade que elle pretendia abraçar tão estreitamente; e quando se digna de ceder á musica, é aos instrumentos e não aos cantores que a confia; e dali nos dar symphonia applicada á scena em vez de musica scenica.

"Estou convencido que o drama wagneriano não se adapta á nossa indole e ao nosso gosto e que por maior que seja o arruido feito em torno delle nunca se conseguirá acclimal-o definitivamente entre nós. Por sua natureza e conjunto elle é essencialmente contrario aos nossos principios em materia musical e sobre tudo *theatral*."

E' o juizo mais claro e mais conciso (e mais justo talvez) que tem os lips até hoje ácerca da obra do grande reformador allemão.

Entretanto, para sermos imparciaes devemos accrescentar que varios criticos foram menos severos que aquelle, e alguns tiveram phrases de entusiasmismo e fervente admiração.

Um delles, V. Joncières, disse que ao genio de Wagner só faltavam tres cousas para ser completo:—o gosto, a sobriedade e a claresa!

Esse pouco!

As duas horas da tarde, de 10 do corrente, realisa-se no salão do Club Gymnastico Portuguez, a segunda audição do clarinetista portuguez José Barreto Aviz.

Agradecemos o gracioso cartão que nos enviou para aquella festa.

JOÃO SONORO.

GAZETILHA LITTERARIA

AS ESCRIPTORAS

Em *O Paiz* de 26 de Agosto publicou o Sr. Osorio Duque Estrada, um dos mais festejados collaboradores d'aquelle diario, um artigo subordinado á epigraphie *Poetisas e Litteraats*, no qual elle, em resumo, manda as damas que como taes querem passar, que de preferencia se dediquem aos seus deveres e misteres domesticos.

Não estamos longe de concordar com os fundamentos do seu modo de pensar, os quaes já têm sido desenvolvidos por criticos notaveis, Julio Lemaître, inclusive.

Se, porém, pela ingavel superioridade intellectual dos homens (*Ah! se os leões fossem pintores!*), pela sua maior competencia para as sciencias, as letras e as artes, não podem as mulheres egualar-se-lhes, não é logico desenganal-as, vedar-lhes o ingresso nas officinas do trabalho mental, como faz o nosso côlega.

"As maiores escriptoras foram e lião de ser sempre inferiores a um litterato mediocre."

Oh! collega, que barbaridade!

Pois acha Mme. Ackermann inferior a Montépin, Mme. de Girardin a Georges Ohnet, Gyp a Richebourg, Mme. Daudet a Mary?

Que as maiores escriptoras e as maiores artistas não se pódem egualar aos maiores escriptores e aos maiores artistas—de accôrdo; mas dali a afirmar que ellas, apesar de *maiores*, são e *hão de ser sempre* inferiores aos *menores*, ha a distancia de um abysmo. As Stael e as Rosa Bonheur são raras, e isso mesmo demonstra o aserto sobre que assenta o alludido artigo; mas não se pódem concluir dali o que conclue o collega e deixamos impugnado.

Por ultimo, affirmou o collega que "no Brazil *apenas* as Sras. Delia e Julia Lopes fazem excepção á pasmosa mediocridade das nossas letras."

Essas affirmações absolutas e exclusivistas são extremamente perigosas.

Como pôde o articulista esquecer Narcisa Amalia, o talento peregrino, alma de artista delicadissima, poetisa inspirada e correctá, instruída e conhecedora da nossa lingua como nenhuma outra?

Não só o versó, mas também a prosa que lhe sae da penna adamantina é sempre trabalhada a primor.

Narcisa Amalia está de ha muito arredada das letras, é verdade; mas a sua obra já publicada é mais que sufficiente para não autorisar o estranhavel esquecimento do nosso confrade.

Nestes ultimos quinze dias foram publicados nesta cidade os seguintes livros: — *Broquéis*, versos de Cruz e Sousa, *Celeste*, romance de Délia, *Blócos*, contos e phantasias de Isaias de Oliveira, *Encarnação*, romance de José de Alencar (já publicado, ha muitos annos, em folhetim no *Diario Popular*) *A Capital Federal*, de Anselmo Ribas e *A Normalista* de Adolpho Caminha. Desses livros não recebemos ainda *Celeste* e *Blócos*. Dos outros e dos que já nos foram antes remettidos iremos dando conta com a brevidade e a minucia que nos permittir o acanhado espaço de que dispomos.

Morreu em Paris, aos 69 annos de idade Mario Uchard, o autor applaudido de *Fiammina*, peça theatral, e *Mon oncle Barbassou*, romance.

A UM POETA

Aprende a amal-a, mergulhado em pranto.

S. A.

Aprende a amal-a e se transforme em riso
O crystallino pranto de tu'alma!

Aprende a amal-a e seja um paraiso
A vida, que a ventura encanta e acalma...

Aprende a amal-a e toda a natureza
Venha brilhar em torno ao teu noivado!
E as aves cantem a irial grandeza
Da primavera em dia abençoado!

Ah! quem pudéra caminhar sósinho
Pelo oceano indomito da vida,
Achando a cada passo, no caminho,
A indiferença e a dor incomprehendida?

Sim, quando o amor nos illumina o sonho,
Temos horror á gelidez da morte!
Ama, portanto, ficarás risonho,
Serás alegre, corajoso e forte!

PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA.

O NUMERO 13

Pelo intelligente e applicado bibliophilo Domingos Alves Meira, neto, que, comquanto joven, tem uma bella bibliotheca, em que abundam as preciosidades bibliographicas, foi-nos mostrada uma obra curiosissima, inedita, de sua lavra. Intitula-se: SINGULARIDADES DOS NUMEROS.

É um vasto e variadissimo repositório de informações e conhecimentos sobre todos os ramos do saber humano, suggeridos a proposito de cada numero, desde 1 a 1,000.

Expurgada de algumas exerescencias e cousas de somenos utilidade, daria uma curiosa e excellente obra didactica.

Para dar uma idéa do seu plano e valor escolhemos o capitulo referente ao numero 13, que é um numero de máo agouro, geralmente tido como funesto, e transcrevemol-o em seguida.

O 13

Este numero é considerado por pessoas supersticiosas como um numero desgraçado; é chamado o numero de Judas, porque é o numero dos convivas da ceia de Jesus, onde Judas completava os 13.

Por occasião do desmembramento da familia de José em duas tribus, achavam-se 13 convivas na primeira paschoa de Israel, na terra promettida, isto é, 13 tribus na partilha das ceifas de Chanaan. Uma destas tribus foi exterminada, e foi a de Benjamin, o mais moço dos filhos de Jacob. D'ahi veio esta tradição que quando ha treze convivas na mesa, o mais moço morre cedo.

Santo Agostinho contava 13 sibyllas; 13 annos durou a guerra da successão da Hespanha; 13 foram os pontífices do seculo VI; 13 foram os pontífices do seculo XV; 13 foram as campanhas de Cezar—oito contra os gaulezes e cinco contra as legiões de Pompeu; 13 foram as campanhas do principe Eugenio de Saboya, duas contra os turcos, cinco na Italia contra a França, seis sobre o Rheno; em 13 horas chegava uma noticia do acampamento a Paris, por occasião do cerco de Sebastopol; em Bordeaux se fundou uma sociedade denominada dos 13; 13 fidalgos, unidos com os conegos regulares de Santo Agostinho, deram finalmente principio á ordem militar de Santhiago da Espada que o papa Alexandre III approvou em 1175, regulando-lhe as dignidades; a 13 de Agosto de 1792 Luiz XVI entrou prisioneiro no Templo; a 13 de Fevereiro de 1554 foi decapitada Joanna Gray; a 13 de Dezembro de 1553 nasceu Henrique IV; a 13 de Dezembro de 1560 nasceu Sully, o melhor dos ministros e amigos de Henrique IV; o nome de Luiz de Bourbon contém 13 letras; este principe tinha 13 annos quando se casou, e quando subio ao throno foi o "decimo terceiro" rei de França de nome Luiz. A infanta Anna d'Austria, sua esposa, tinha também 13 letras no seu nome; nasceu no mesmo dia, mez e anno que Luiz XIII; e a casa de Hespanha a que pertencia, contava 13 infantas de nome de Anna; 13 são os artigos da fé judaica; o artigo do symbolo israelita relativo á morte é o 13º; em 13 mezes divide Augusto Comte o seu

calendario positivista: 13 quintaes tem a tonelada; 13 gráus do zodiaco percorre todos os dias a lua, do poente para o nascente, tal é a rapidez do seu movimento; de 13 ossos consta a maxilla superior; — dois maxillares superiores, dois nasaes, dois palatinos, dois cornetos ou turbinados, dois molares, dois unguis ou lacrymaes e o vomer; o homem se compõe de 13 elementos: 5 gazosos e 8 solidos; 13 preceitos escreveu Benjamin Franklin, que se comprometteu a seguir-os: 1º temperança, 2º silencio, 3º ordem, 4º resolução, 5º frugalidade, 6º industria, 7º sinceridade, 8º justiça, 9º moderação, 10º acoio, 11º tranquillidade, 12º castidade e 13º humildade.

Rio, 1893.

DOMINGOS ALVES MEIRA, neto.

OS COLLEGAS

Com muito prazer noticiamos a visita feita á *Semana* pelos seguintes jornaes que se publicam nesta capital:

O Telegrapho, *L'Etoile du Sud*, *The Rio News*, *Boletim Postal*, *Diario de Noticias*, *Tymbira*, *Correio da Tarde*, *Cazeta do Sport*, *Revista dos E. U. do Brazil*, que nos recebeu em termos bastante lisongeiros; e *Jornal do Brazil*. Também a *Etoile du Sud* nos dedicou uma noticia bastante amavel, embora um tanto maliciosa *Le français, né malin...* E' natural.

Sentimos que a falta de espaço nos impeça de reproduzir o extenso e magnifico artigo com que o *Correio Paulistano* noticiou o nosso reaparelamento.

Obrigados a *Frei Thomaz* e ao *Correio*.

Recebemos mais os seguintes jornaes, cuja permuta agradecemos:

Bem Publico, de Casa Branca, *Estado de S. Paulo*, *Diario do Amparo*, *O Friburguense*, que se publica na cidade de Friburgo, estado do Rio, *A Opinião Nacional*, de S. Paulo, *O Momento*, diario de Maceió, *O Carmense*, *Gazeta do Povo* e *O Seculo*, tres excellentes jornaes, que se publicam no Estado do Rio; *A Platéa* e *O Popular*, de S. Paulo; *A Verdade*, organ de Itajubá, em Minas Geraes; *Juiz de Fóra* e *Gazeta da Christina*; e *A Tribuna do Norte*, de Pindamonhangaba.

Sobre a nossa mesa temos ainda muitos exemplares de collegas que nos honraram com a sua visita e cujos nomes iremos aos poucos publicando.

A todos, porém, desde já, os nossos sinceros agradecimentos.

Sob a direcção de Julio Pernetta e Dario Vellozo acaba de vêr a luz da publicidade em Curityba, Paraná, um excellente organ bi-mensal com o titulo de *Revista Azul*. O primeiro numero

que recebemos é um conjuncto de agradaveis artigos litterarios, poesias, etc.

A *Gazeta Musical*, periodico que se dedica exclusivamente á arte de Verdi e de Schubert, visitou-nos tambem, garrida, nos seus oito numeros correspondentes ao seu 3º anno de existencia. Agradecemos a gentileza da visita.

O n. 36 d' *O Album* publica uma boa phototypia de João Rosa, o notavel actor portuguez e, além da espi-rituosa chronica do costume, variada collaboração litteraria. Nesse numero lêmos um magnifico, um soberbo conto de Raul Braga, intitulado *Alma Velha*.

Só ha bem poucos dias tivemos o prazer de ler, no popular jornal *O Estado de S. Paulo* uma honrosissima noticia de duas columnas quasi—um artigo! — á nossa folha, noticia essa, ou antes artigo esse, traçado pela pena de José Vicente Sobrinho, um moço que começa a sua lide de imprensa, mas que atravez d'aquellas linhas com que nos honrou a todos nós da redacção, poz em evidencia o seu bello talento de fino chronista e litterato distincto.

Temos immensa satisfação em agradecer ao *Estado de S. Paulo* e ao talentoso collega a amabilidade de suas expressões.

Factos e Noticias

Como um applauso aos altos e re- conhecidos meritos artisticos do tenor Emilio De Marchi, e muito especialmente ao successo por elle obtido com *Os Huguenottes*, publicamos hoje o seu retrato.

Do proximo numero em diante daremos aos nossos leitores uma secção especial de *vadrez*, a cargo de um dos mais distinctos conhecedores d'aquelle excellente divertimento. Mais um attractivo para os leitores da *Semana*, que não poupa esforços para agradar a todos que lêem, aos sabba-dos, as suas oito paginas cleias.

Os conhecidos livreiros editores Fauchon & C.^a offereceram-nos um exemplar de um esplendido mappa-planispherio terrestre indicando as novas descobertas, as colonias europeas e as linhas maritimas dos vapores que fazem escala nos principaes portos do Brazil. Este excellente trabalho foi traçado pelo geographo

Vuillemin e gravado n'uma das principaes officinas de Paris. E' um mimo que muito agradecemos aos conhecidos editores.

A POLITICA

A população desta cidade está desde a manhã de quarta-feira devéras impressionada com a revolução, que, como uma bomba, estalou no nosso seio pacato de população serena e amadora de festas... em que não entrem armas nem munições de guerra. A marinha em peso revoltou-se, tendo á testa o almirante Custodio José de Mello, que içou o seu pavilhão no *Aquidaban* e commanda em chefe toda a esquadra revoltada.

A *Semana*, revista exclusivamente litteraria, tem o direito de não comentar senellante barulho, que vai por ali afóra alastrando-se n'um esparramar de boatos, n'um florescimento de proclamações, noticias mais ou menos assustadoras, o diabo, emfim.

Voltará até o fim da semana proxima o socego ao lar das familias e o silencio á sempre pacata e bonacheirona Capital Federal? Não podemos affiançar semellante cousa aos leitores da *Semana*; o que podemos afirmar é que o illustre contra-almirante Custodio de Mello fez distribuir pela imprensa uma proclamação tesa e coruscante; que *O Paiz* e *O Tempo*, externaram-se francamente governnistas, ao contrario dos outros collegas, que se limitaram á narração dos factos, guardando a respeito uma expectativa natural.

A ordem publica não tem sido alterada. A physionomia da cidade é a mesma de sempre. A população passeia, diverte-se, trata da sua vida com um ar calmo e indifferente de quem está pensando :

—“Isso é lá com os Pereiras.”

Tratos á bola

Em verdade vos digo, meus irmãos, que as charadices do numero ante-pasado tinham as seguintes significações:

1. *Caçapara*.
2. *Ave-Eva*.
3. *Ara*.
4. *Carapeta*.

O Thebas que veio em primeiro lugar d'esta vez foi *Amor Perfeito*.

Em 2º lugar veio *Pépe*.

Seguiram-se depois *Pintasilgo*, *D. Magriço*, *Trinitas*, *Urubú Malandro* e *Rafa Sueixo*.

Erraram *Ababilla*, *Lilazia*, *Thiamor*, *Feros*, *Suavesinho*.

Pode o Sr. Amor Perfeito vir buscar o premio.

Por falta de aspaço, passo o passar-me daqui para fora.

FREI ANTONIO.

ARCHIVO

Recebemos :

— *Regimento das exposições gerates das Bellas Artes*.

— *A Capital Federal* (impressões de um sertanejo) por Anselmo Ribas. Edição especial d' *O Paiz*.

— *Relatorio* apresentado na sessão anniversaria de 23 de Julho de 1893 á “Sociedade de Hygiene do Brazil” pelo seu secretario geral interino, Dr. Carlos Augusto de Brito e Silva.

— *Discurso* proferido por A. R. da Silva Braga na solemnidade do grau dos pharmaceuticos na Escola de Pharmacia de Ouro Preto.

— *Planispherio Terrestre*, de Vuillemin e Zerolo; editores, Fauchon & Cia.

— *L'arte e la Critica* por Carlo Parlagreco. Napoles. L. Chiurazzi, editor.

— *Ensino Agricola*, Escola Agricola da Bahia, serie de artigos publicados no “Jornal de Noticias” por Arlindo Fragozo. Bahia, 1893.

— *Broquéis*, versos de Cruz e Souza. Rio de Janeiro, 1893.

— *A Questão Abel Parente e sua defesa official pelo Dr. Francisco de Castro*, collecção de artigos publicados pelo Dr. Agostinho J. de Souza Lima. Rio de Janeiro, 1893.

— *Encarnação*, romance, por José de Alencar. Rio de Janeiro, 1893.

— *A Normalista*, romance, por A. Caminha. Rio de Janeiro, 1893.

ANNUNCIOS

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE

FLORES ARTIFICIAES

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

RUA DO PASSEIO

Tem sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas e flores, etc., etc.

Dr. R. Rajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas

Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

Dr. V. Ottoni

Molestias Venereas e Siphyliticas

CONSULTORIO E RESIDENCIA

22, RUA DO HOSPICIO, 22

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratice da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 - RUA DA QUITANDA - 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 - Laranjeiras

DR. VIEIRA SOUTO

Médico e Operador

Especialidade : *Partos e Molestias das Senhoras*

Residencia e Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

PIANOS E MUSICAS

FONTES & C.

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

ESTABELECIMENTO

HYDRO E ELECTRO-THERAPICO

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado

115 - Rua Sete de Setembro - 115

Rua da Carioca, 12 e 14

FILIAL EM PETROPOLIS

Papelaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.

Completo sortimento de livros e objectos para escriptorio e de fantasia.

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A' CASA PASCHOAL

CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133

Importação por todos os paquetes

Completo sortimento de chapéus para homens, senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengilas, etc., etc.

Rio de Janeiro

Grande Deposito

- DE -

→ **Pianos e**

Musicas ←

BUSCHMANN & GUIMARÃES

52, RUA DOS OURIVES, 52

Rio de Janeiro.

Gabinete de Cirurgia e Prothese Dentaria

DE

A. F. DE SÁ REGO

1 - Rua de Gonçalves Dias - 1

Este importante e antigo Gabinete, tendo passado pelas reformas exigidas pelos processos da moderna odontologia, acha-se equiparado áos melhores da Europa pelos esplendidos aparelhos e instrumentos de que dispõe habilitando-o a apresentar trabalhos

ainda pouco conhecidos no Brazil

Collocação de dentaduras fixas, sem chipi, e sem extracção de raizes ou dentes

TRAVAIL A PONT

Extracção de dentes sem dor, por meio do *Coyl* de M. M. JOUBERT, de Paris. Apparelhos para correcção das anomalias de implantação, obturadores para a abobada palatina e veu do paladar, etc., etc.

Obturação e reconstrucção de dentes a ouro perfeitissimas.

Concerta-se qualquer dentadura que não esteja perfeita na bocca, mediante pequena retribuição.

Consultas e operações das 8 horas da manhã ás 10 da noite.

RIO DE JANEIRO

A SEMANA

DIRECTOR: VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, rua dos Ourives n.º 71, 2.º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 23 DE SETEMBRO DE 1893

EXPEDIENTE:

Assignatura annual.	12\$000
„ semestral	7\$000
Numero nullo.	\$200
„ atrozado	\$300

SUMMARIO. — Historia dos quinze dias, *José do Egypto*. — “A Semana”, A Direcção; Questão científica, *Dr. P. de Mello e Dr. L. Rocha*. — Medallhões de actrizes, *Eleonora Duse*, soneto, *V. Mendes*; Plebiscito litterario: *Lyris profanados, M. de Azevedo*; Palheta suja, soneto, *H. de Magalhães*; Chronica dos livros, *O Letudo*; Canibal, soneto, *V. Silva*; *Dr. Henrique de Sá, V. Magalhães*; Ciosidades litterarias: *Sangue*, soneto, *Luis Rosa*; *Os que surgem*; *D. Amor, Carlos Dias*; *Novos caminhos*, poesia, *F. Rho-sari*; *Miserere, Placido Junior*; *O Padre, E. Rodriguez*; *Bellas Artes, A. de Cobal*; *Gazetilha litteraria*; *Poesia e Poetas*; *Marcos*; *Pesadello, A. Caminha*; *Correio, Eurico*; *Collaboração*: *Fantila, Lil*; *Na walsa*, soneto, *J. Wernuck*; *Musica e Dansa, J. Sonoro*; *Theatros, Flaminio*; *Os collegas, Factos e Noticias* — *Tratos á bola, Frei Antonio*.

Historia dos quinze dias

Ha duas semanas ria-me eu e brincava com a revolta do dia 6; fazia a apothese do Mar e distribuia innocentes piparotes de troça, com animo equitativo, ao pennacho da Legalidade e ao nariz rubro da Revolta.

E' que o chronista já se habituara ás revoluções de opereta de que tem sido prodigo o nosso novo regimen politico e, por isso, não podia prever que o movimento de 6 do corrente assumisse a importancia e a gravidade que foi gradualmente ganhando.

Não é *A Semana* folha politica, e nisso reside, cremos, uma de suas qualidades mais apreciaveis. Referencias ou conceitos politicos que nella appareçam não devem, portanto, ser considerados senão do ponto de vista litterario.

O assumpto fornecido pela *Custodeida* prestava-se amavelmente a umas phrases menos feias e a umas travessuras alegres. Fizcmol-as. Mas, ao riltombo do primeiro tiro disparado pelos revoltosos contra esta pacifica cidade, desfez-se toda a alegria do historiador da semana, e a alma do folhetinista cedeu lugar á do patriota. Gracejar e rir quando a patria chora e sangra é mais que um desaso, é quasi um crime.

Os quinze dias ultimos foram de ferro e fogo, de sangue e lagrimas. Nem uma nota jovial intercalou a sua alacridade nos lutosos acontecimentos. As folliculas do calendario foram desfolhadas á bala.

As horas alegres do alvorecer do dia, em que os passaros acordam para cantar a gloria

do Sol e os homens para celebrar a honra do Trabalho, e as horas tristes do anoitecer, em que homens e passaros vão refazer-se no somno, umas e outras passaram a ser marcadas pelo troar do canhoneio.

Oh! os dias tragicos!



Esses dias de horror e morte, que por nosso infortunio não foram ainda os derradeiros, ficarão indeleveis na memoria de todos nós.

A hegira do dia 13 (simpliciter este numero funesto!) será de futuro uma das paginas mais dramaticas e mais commoventes da historia agitada da nossa Republica.

Ao cair das primeiras granadas em varios edificios e ruas desta cidade de trabalho e paz, espalhon-se um terror panico por toda ella. A população, em grandissima parte, só teve um pensamento: fugir á morte.

As familias, abandonando tudo, correram espavoridas para a estação central da Estrada de Ferro e outros pontos, a procurar abrigo nos logares mais afastados da *ciudad dolente*. Era pungitivo e tragico esse espectáculo.

No vagalhão convulso dos foragidos viam-se mulheres correndo, mal cobertas por chales, algumas com os proprios trajas caseiros; crianças com as carinhas sujas, umas chorando assustadas, outras rindo, divertidas por aquelle reboliço; velhos tropegos, que ha muito tempo não saham á rua, apressando penosamente os passos, estugados pelo terror; doentes, levados em braços, sacudidos dolorosamente pela corrida louca....

Vimos uma velhinha paralytica carregada ao hombro de um homem, seu filho naturalmente; mães que se arrepellavam por se lhes haverem extraviado os filhos, criancinhas enfermas com as cabeças aconchegadas ao collo materno, abrindo a tantos horrores os tristes olhos que nada viam....

Cada qual levava o que de mais indispensavel ou precioso pudera apanhar na precipitação da fuga; uns levavam trouxas, outros gaiolas com passaros ou caesinhos de estimação; mas a nota mais terna, mais commovente naquelle, salvar de consas amadas, foi para nós um quadro, envolvido em crepe, que uma moça, pallida de medo, sobraçava carinhosamente. De quem era aquelle retrato? De pai, de mãe, de noivo talvez! Quando todos cnidavam de apanhar roupas, utencilios, viveres, ella, a alma delicada e pura, só teve um pensamento: fazer-se acompanhar na fuga pela effigie sagrada do seu querido morto.

E a multidão enchia litteralmente os vagões e os bonds, transbordava, partia a pé, nos primeiros vehiculos que encontrava, sem destino e sem plano. Os que tinham parentes, amigos ou méros conhecidos nos suburbios, invadiam-lhes as casas, implorando hospitalidade. Os outros, coitados, vagueavam pelos campos, apinhavam-se nas estações, arranchavam no matto; e sobre as cabeças desses desgraçados não tardará que se estenda ameaçadora a sombra da Fome. As ruas da cidade, varridas pelo pavor, ficaram desertas e silentes; todas as casas de commercio fecharam as portas, e naquella solidão tremenda repercutiam lugubremente os estampidos do bombardeio.



A vida nacional está suspensa; abriu-se nella um parenthesis de dôr, que não sabemos quando fechará. Ao chronista, entretanto, é summamente grato registrar que, borrifada pelo primeiro rocio de sangue, cresceu e expandiu-se em sua maravilhosa belleza a sagrada flôr do patriotismo—especie de rosa de Jericó, que, parecendo morta, revivesce e reabre-se quando a humedecem lagrimas ou sangue.

Tolos os depositarios da autoridade publica, desde o chefe da Republica até aos mais humildes e menos graduados, têm sabido cumprir o seu dever com uma dedicação admiravel. A resistencia á revolta, que não tem outra bandeira, que se saiba, que não a da morte, nem outro programma conhecido que não seja o da destruição, tem sido formidand, sublimemente epica.

Nestas columnas gracejou-se com a Guarda Nacional—gracejo innocente, aliás, relativo á falta de exercicios militares.

Manda, porém, a justiça que registremos agora que aquella milicia civica teve occasião de prestar serviços e que ella os tem prestado com uma dedicação e um denodo dignos de todos os elogios.



Não somos politicos; repetimol-o mais uma vez. Somos, porém, cidadãos, filhos desta grande patria e temos o dever de nos interessar pela sua felicidade e pelos seus destinos.

Além disto um jornal que se intitula *A Semana* tem o dever de occupar-se com os acontecimentos decorridos nos sete dias comprehendidos em cada numero da folha.

Por isso, sem entrarmos na apreciação dos factos, sem estudarmos as causas complexas, proximas e remotas, que os geraram

não nos é licito passar em silencio as ideias e as impressões produzidas por elles sobre a alma popular.

O povo brasileiro, que ama apaixonadamente a politica mas só no terreno theorico como thema de palestras e discussões, a politica *de linguas* e abandona, com horror, a politica de acção; cujo entusiasmo pela politica *para conversar* só é comparavel ao seu indifferentismo pela politica em acção; ignorante e desdenhoso de todos os seus direitos civicos, o povo brasileiro é, em fundo, um povo de ordem, de paz, de mansidão, de factos consummados.

Aos seus governantes sómente pede que o deixem viver tranquillo, ganhando a sua vida e cuidando da sua familia.

Delles deve merecer, portanto, toda a condescendencia, toda a brandura, toda a bondade.

Não faz revoluções nem motins e foge delles como o diabo da cruz.

Por isso, todas as revoluções e revoltas repugnam-lhe profundamente e nellas não toma parte, nem mesmo para reivindicar os seus direitos, para fazer valer a sua força soberana.

A revolta de 6 do corrente não podia ser-lhe sympathica, quando não fosse por outros motivos pelo, fundamental, de perturbar-lhe a paz, ameaçar-lhe a vida e a propriedade, justamente quando, apesar de todos os erros commettidos pelo Governo e pelo Congresso, e principalmente por este, elle, povo, acreditava que a Legalidade começava de ser uma realidade e que as instituições ha cinco annos fundadas consolidavam-se definitivamente. Para elle o melhor governo é o que consegue manter a ordem e garantir a vida, os direitos particulares e as liberdades publicas.

Um governo que deixe o cidadão ganhar a sua vida tranquillamente, discutir a politica nas esquinas e nos cafés e lhe dê a carne e o pão a preços razoaveis é o melhor dos governos—tenha o mais absurdo dos programmas e faça da Constituição o uso que lhe parecer mais divertido, a elle governo.

Um povo assim é facilissimo de governar. Entretanto, assim não o tem entendido os governos da Republica.

O resultado será, não se illuda ninguém, que o bom povinho acabará por perder a paciencia, e, um bello dia, quando menos se esperar, sacudirá fóra a sua pelle de cordeiro e surgirá o leão que nella se escondia, para reclamar com altos bramidos a restituição integral de seus direitos.

Ora, nós para lá vamos.

A paciencia vae-se esgotando.

O povo já vai reconhecendo que abusam de sua eterna bondade e apparente fraqueza, do seu voluntario renunciamento a fazer-se valer, e não será de espantar que muito breve, mais breve do que se pensa, elle apresente aquella metamorphose extraordinaria.

Nesse momento justiça será feita.

Oxalá não tarde esse momento, porque sem elle chegar, ha de esta terra, destinada a tão brilhante e prospero futuro, continuar a ser o juguete das ambições e a victima dos

odios dos que se arrogam o direito de dirigir.

Sabemos que a educação dos povos faz-se a contragosto delles, pela força das leis que regem a evolução social.

Por isso mesmo não deve ninguém acreditar-se fadado a realisar-a de golpe, por meio de uma revolta ou de uma imposição armada. As revoluções partem de baixo para cima.

Os tempos do direito da força estão felizmente mortos.

Os canhões não se fabricam para obrigar os povos a serem livres, mas para impedir que deixem de sel-o.

Ante a perspectiva angustiosa e tremenda da guerra civil, nos é grato acreditar que a alma popular não está morta e que ella saberá erguer-se, grandiosa e sublime, para repellir a tyrannia que a Força lhe queira impor em nome da Liberdade.

JOSÉ DO EGYPTO.

A SEMANA

Começamos hoje a executar um dos pontos mais importantes do nosso programma — a animar, dar a mão aos novos cultores das letras, portadores de reaes esperanças para ellas e para nós.

Para isso inauguramos duas secções *Os que surgem e Colaboração* — aquella especialmente destinada aos novos que já tem, não obstante o seu apenas incipiente ou ainda curto tirocinio litterario, valor patente, innegavel, individualidade propria, embora apenas esboçada ainda.

A segunda é destinada aos outros, aos que ensaiam os primeiros vôos com azas mal emplumadas e incertas.

Não nos animariamos a tal fazer, receiando nos acoimassem de pretenciosos por nos arrogarmos uma autoidade que nos fallece se não foram as continuas e incessantes solicitações enviadas pelos noveis escriptores ao director d'*Semana*, de quasi todos os pontos do paiz, pedindo-lhe o seu juizo franco sobre os trabalhos que lhe enviam e tendo para com elle a nimia benevolencia de julgal-o juiz competente para tão difficil e melindroso julgamento.

E, se o fazemos, é, portanto, unicamente para, satisfazendo os desejos dos proprios interessados, prestar á nossa litteratura, tão maltratada e mal querida ainda, o pequeno serviço de facilitar-lhe a aquisição de novos obreiros, capazes de erguel-a e opulental-a em um futuro proximo.

Questão Scientifica

A combustão espontanea

Sr. Director d'A SEMANA.

Para corresponder a honrosa distincção que me dispensastes, solicitando a minha mais que humilde opinião sobre o caso da combustão espontanea de Macquart, escripta pelo eminente escriptor E. Zola em seu ultimo romance "*Le Docteur Paschal*", respondo hoje a vossa carta-circular, sem

outra pretensão, evitando mesmo entrar em largas considerações a respeito.

Negando, em absoluto que a combustão de Macquart, originada da queima de suas vestes sobre as quaes cahira-lhe uma braza ao accender o cachimbo, possa ser considerada como espontanea, na significação rigorosa do termo, declaro que julgo ante o estado actual da sciencia, um absurdo a combustão espontanea.

Para quem conhece a acção physiologica do alcool, suas transformações no organismo e o seu modo de eliminação pelas diversas emunctorias, é inteiramente inaceitavel a possibilidade da saturação do corpo humano por este agente e ainda mais conservando elle suas propriedades inflammaveis.

Fallam bem alto em favor da impossibilidade da combustão espontanea, as experiencias feitas em animaes, cujos corpos apezar de embebidos de alcool por meio de injeções pelas arterias, não se tornaram mais combustiveis e apenas demonstraram que essa inibição é uma condição de incompatibilidade para a vida, pois a morte dá-se pela coagulação da albumina, pela parada da circulação e pelas desordens profundas no systema nervoso, sem que assim mesmo obtenha-se a combustão espontanea do cadaver nestas condições especiaes.

Nem é para causar extranhese o resultado de taes experiencias, pois, é sabido que uma substancia por mais combustivel que seja, não póde ao juntar-se a uma outra que o seja em menor gráo, torna-la mais.

As experiencias de Lubig e Bischoff demonstram promptamente.

E' sabido que um corpo em cuja composição entra 25 % d'agua, não se inflamma e nem se entretém a combustão, quando uma vez começada, e consequentemente o corpo humano cuja porcentagem d'agua é de 75 % não pode ser a séde de uma combustão espontanea.

Os ensinamentos para a sciencia, resultantes dos sérios estudos a que se entregaram as grandes celebridades allemãs, quando em 1867 tiveram de guiar a justiça publica e esclarecer-lhe sobre o facto de apparecer morta e meia carbonizada em seu leito, a condessa de Goerslitz, autorisam-nos a considerar a combustão espontanea de Macquart um absurdo ante a sciencia, sem no entretanto deixar de ser uma bella criação daquelle cerebro ardente de Zola que assim procurou incutir o horror e o panico nos que usam e abusam do alcool muitas vezes ignorantes dos seus effeitos desastrosos.

Eis a minha opinião: para os desvios da moral, o horror das penas eternas, para o alcoolismo, a combustão de Macquart.

PUBLICO DE MELLO.

Sr. Director d'A SEMANA.

Em resposta á consulta, que me fizestes, em nome da Sciencia, sobre a questão da combustão espontanea, tal como a descreve Emilio Zola em seu recente romance — "*Le docteur Paschal*" cumpro-me dizer-vos:

O caso de combustão espontanea descripto pelo grande romancista não é uma engenhosa hypothese de sua imaginação, mas a copia fiel de casos descriptos por alguns autores, que, sem o affirmarem (nenhum só dentre elles refere factos de observação propria) dizem que individuos saturados de alcool, approximando-se de pequenos focos de ignição, têm sido devorados pela inflammção ignea dos proprios tecidos.

Nos casos d'esta natureza, dizem estes autores, vê-se a principio uma chamma azulada, semelhante á do alcool, depois a inflammção dos proprios tecidos, espalhando uma fumaça espessa, negra e fetida, restando finalmente um residuo unctoso.

Scientificamente a combustão espontanea é inadmissivel; e esta questão foi perfeitamente resolvida desde o dia em que Liebig e Bischoff apresentaram o resultado das experiencias, a que procederam, por occasião do celebre processo da condessa de Goerlitz, cuja morte foi attribuida a um facto de combustão espontanea.

As conclusões a que chegaram estes illustres investigadores merecem ser citadas:

“1ª Uma substancia difficilmente combustivel, não pôde pelo facto de juntar-se a outra substancia facilmente combustivel, adquirir as propriedades desta ultima. Uma esponja ou um pedaço de papel não se tornam mais combustiveis quando imbedidos em alcool.

“2ª. O corpo humano não pôde ser imbedido de alcool como uma esponja; se tal acontecesse, a vida seria impossivel, a albumina seria coagulada, a circulação parada, e o systema nervoso soffreria alterações incompativeis com a vida.

“3ª Injectando alcool nas arterias de um animal não se obtem uma maior facilidade de combustão; me-mo imbedendo um cadaver de alcool não se determina a combustão espontanea.

“4ª. Um corpo que tem sómente 25% d'agua não se inflamma e não continúa a arder; ora a proporção d'agua nos tecidos animaes é de 75%.”

Assim pois a questão de combustão espontanea, que preoccupou durante muito tempo a attenção de muitos medicos, não merece mais a honra de uma discussão scientifica, e os pretendidos casos de combustão espontanea não passam de queimaduras do sexto gráo, frequentemente observados nos bebedos epilepticos e paralypticos cujas partes podem ficar durante muito tempo expostas á acção do calor.

Eis o que penso sobre o assumpto.

DR. LEONEL J. ROCHA.

MEDALHÕES DE ACTRIZES

II

Eleonora Duse

Tão delicada, vêde, e melindrosa!
Dobrar parece ao beijo de uma brisa.
E' carinhoso o olhar, é carinhosa
A voz, como um regato que deslisa.

Lembra o lyrio e a violeta, não a rosa,
Que, triumphante, ao sol se ruborisa.
Melancolica e doce, é uma amorosa
Que entre beijos e prantos agonisa.

Ha uma sombra de magoa tão suave,
Banhando-lhe o semblante pensativo,
Que se lhe r'ê o intimo soffrer;

E vendo-a assim, formosamente grave,
Esquece-se da actriz o genio altivo
E—francamente!—adora-se a mulher.

Junho—1893.

VALERIO MENDES.

Plebiscito Litterario

Quaes são os seis melhores romances escriptos em lingua portugueza?

Tendo terminado a 12 do corrente o praso para o recebimento das cédulas, apurámos-as no dia 14, havendo o seguinte resultado:

Votação para 1º logar:	
<i>Os Maias</i> , de Eça de Queiroz...	94 votos
<i>Eurico</i> , de A. Herculano.....	53 "
<i>Guarany</i> , de J. Alencar.....	50 "
<i>Primo Basilio</i> , de Eça de Queiroz.	31 "
<i>Monge de Cister</i> , de A. Herculano.	19 "
<i>Braz Cubas</i> , de Machado de Assis	14 "
<i>Volcões de Lama</i> , de C. Castello Branco.....	13 "
<i>Menina e Moça</i> , de B. Ribeiro..	9 "
<i>Eusebio Macario</i> , de C. Castello Branco.....	9 "
Para 2º logar:	
<i>Primo Basilio</i> , de Eça de Queiroz	81 "
<i>Os Maias</i> , do mesmo.....	73 "
<i>A Carne</i> , de Julio Ribeiro.....	44 "
<i>Eurico</i> , de A. Herculano.....	39 "
<i>Amor de Perdição</i> , de C. Castello Branco.....	25 "
<i>Pupillas do Sr. Reitor</i> , de J. Diniz.....	15 "
<i>Guarany</i> , de Alencar.....	8 "
<i>O Cortiço</i> , de Aluisio Azevedo, <i>Senhora</i> , de J. de Alencar, <i>Arco de Sant'Anna</i> , de Gariel, <i>Queda de um Anjo</i> , e <i>Eusebio Macario</i> , de C. Castello Branco, <i>Memorias de um sargento de milicias</i> , de Almeida e Atheneu, de Raul Pompeia 1 cada um..	7 "
Para 3º logar:	
<i>Memorias Posthumas de Braz Cubas</i> , de Machado de Assis..	68 "
<i>A Carne</i> , de Julio Ribeiro.....	63 "
<i>Cortiço</i> , de Aluisio Azevedo.....	56 "
<i>Os Maias</i> , de Eça de Queiroz.....	31 "
<i>A Reliquia</i> , do mesmo.....	22 "
<i>O Crime do Padre Amaro</i> , do mesmo.....	17 "
<i>Amores de Julia</i> , de Souza Monteiro.....	11 "
<i>Amor de Perdição</i> , de C. Castello Branco.....	7 "
<i>Fidalgas da Casa Mourisca</i> , de J. Diniz.....	5 "
<i>Lendas e Narrativas</i> , de A. Herculano.....	5 "
<i>Morgadinha dos Canavieiros</i> , de J. Diniz.....	3 "
<i>Guarany</i> , de J. de Alencar.....	2 "
<i>O Sertanejo</i> , de J. de Alencar e a <i>Senhora</i> do mesmo 1 cada um.	2 "
Para 4º logar:	
<i>A Reliquia</i> , de Eça de Queiroz.	50 "
<i>Amor de Perdição</i> , de C. Castello Branco.....	43 "
<i>Eurico</i> , de A. Herculano.....	41 "
<i>A Moreninha</i> , de J. M. de Macedo.....	36 "
<i>O Atheneu</i> , de Raul Pompeia... 35 "	
<i>O Crime do Padre Amaro</i> , de Eça de Queiroz.....	22 "
<i>Os Maias</i> , do mesmo.....	19 "
<i>Braz Cubas</i> , de Machado de Assis.....	14 "
<i>Guarany</i> , de Alencar.....	13 "
<i>Pupillas do Sr. Reitor</i> , de J. Diniz.....	8 "
<i>Quincas Borba</i> , de Machado de Assis.....	4 "
<i>Tristesas á Beira-Mar</i> , de Pinheiro Chagas.....	3 "
<i>O Gaucho e Iracema</i> , de J. de Alencar, <i>Indio Affonso</i> , de B. Guimarães e a <i>Secca do Cavari</i> , de J. do Patrocinio, 1 cada um.	4 "
Para 5º logar:	
<i>A Mão e a Luva</i> , de Machado Assis.....	49 "
<i>Guarany</i> , de J. de Alencar.....	47 "
<i>Eurico</i> , de A. Herculano.....	45 "
<i>O Atheneu</i> , de R. Pompeia.....	38 "
<i>A Carne</i> , de Julio Ribeiro.....	27 "
<i>Familia Medeiros</i> , de Julia Lopes.....	22 "

<i>Os Maias</i> , de Eça de Queiroz...	19 votos
<i>O Primo Basilio</i> , do mesmo....	14 "
<i>Casa de Pensão</i> , de Aluisio Azevedo.....	14 "
<i>Morgadinha dos Canavieiros</i> , de J. Diniz.....	10 "
<i>Iracema</i> , de J. de Alencar.....	6 "
<i>Ermidão de Atuquem</i> , de B. Guimarães, <i>Memorias de um Doutor</i> , de Lopes de Mendonça e <i>Livro Negro</i> de Castello Branco, 1 cada um.....	3 "

Para 6º logar:

<i>O Atheneu</i> , de Raul Pompeia....	51 "
<i>O Homem</i> , de Aluisio Azevedo..	50 "
<i>Casa de Pensão</i> , do mesmo.....	47 "
<i>Amor de Perdição</i> , de C. Castello Branco.....	47 "
<i>O Guarany</i> , de J. de Alencar... *	35 "
<i>O Cortiço</i> , de Aluisio Azevedo..	27 "
<i>Helena</i> , de Machado de Assis... 15 "	
<i>Iracema</i> , de J. de Alencar.....	8 "
<i>Memorias de um sargento de milicias</i> , de M. de Almeida.....	3 "
<i>O Sertanejo</i> , de J. Alencar, <i>O Chrono</i> de Horacio de Carvalho, <i>Tristesas á Beira-Mar</i> , de Pinheiro Chagas, 2 cada um..	6 "
<i>Innocencia</i> de Sylvio Dinarte e a <i>Redemptora</i> de Ferreira da Rosa e <i>Mamma da Freira</i> , de C. Castello Branco, 1 cada um..	3 "

Apuração final:

1º logar: <i>Os Maias</i> , Eça de Queiroz	94 "
2º logar: <i>Primo Basilio</i> , do mesmo.....	81 "
3º logar: <i>Memorias Posthumas de Braz Cubas</i> , de Machado de Assis.....	68 "
4º logar: <i>A Reliquia</i> , de Eça de Queiroz.....	56 "
5º logar: <i>A Mão e a Luva</i> , de Machado de Assis.....	49 "
6º logar: <i>Atheneu</i> , de Raul Pompeia.....	51 "

Foram recebidas 293 cedulas, uma, porém, não foi tomada em conta por isso que referia-se a traducções. A apuração foi feita com o maior escrupulo

“No plebiscito litterario votamos:

“*Eurico*, o *Presbytero*, de Alexandre Herculano. Estylo levantado, pureza de linguagem e correcção de forma que já deram ao autor a consagração de classico da lingua.

“*Amor de perdição*, de Camillo. —Na vasta collecção dos trabalhos do Mestre é difficil escolher qual o melhor. Esquecel-o porém, é impossivel; seja pois o que preferimos a flôr mimosa da saudade por esse vulto cuja recordação perdura ainda na sua obra immensa de esforços pela elevação da lingua portugueza.

“*Os Maias*, de Eça do Queiroz. —Nos processos modernos do romance é sem duvida este trabalho, na lingua portugueza, o que revela estudo mais attento e acurado da parte do autor.

“*A Moreninha*, de J. M. de Macedo. Bello fructo de um talento que deo tanto e que acabou decahindo nos lugares communs do *jour an jour* pela vida. Escrever hoje para comer amanhã.

“*O Guarany*, de Joé Alencar. —Tratando-se do romance portuguez seria clamorosa injustiça esquecer quem tanto illustrou as letras brazileiras. A sua obra perdura no vasto monumento que levantou pelo talento, observação e estudo.

“*O Homem* de Aluisio Azevedo. —Moço ainda, o auctor revela muito estudo e observação criteriosa, de psychophyslogia. Dos seus trabalhos é este sem duvida aquelle em

que trabalharam simultaneamente a imaginação do romancista e a observação de quem estuda para melhor produzir.

Antonio de Moraes.

“Ao meu paladar litterario mais satisfazer:”

“1°—*Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro, saudosa recordação do classicismo a antevêr as blandicias do romantismo.

“2°—*Memorias de um sargento de milicias*, onde estylo, concepção e historia, imaginação e arte, tudo tem aprimorado culto.

“3°—*Lendas e Narrativas*, de Alexandre Herculano, o mestre, o douto, onde philosophia, critica e sentimento acharam alevantado altar; onde o estylo é de uma lição sublime, onde a forma é de irreprehensivel esmero, monumento builado simultaneamente pelo coração e pela razão.

“4°—*A Mozninha*, de Joaquim Manoel de Macedo, fructo opimo da mocidade de um talento, que depois enveredou-se por más devesas, chegando á fancaria litteraria.

“5°—*A Iracema*, de José de Alencar, o que de mais espontaneo e natural elle escreveu, brasileiro no sentimento, na inspiração, no assumpto, no colorido.

“6°—*O Homem*, de Aluizio Azevedo filho de criteriosa observação, vigorosamente traçado.

Dr. J. J. de Carvalho.

Publicamos em seguida alguns dos votos assignados que recebemos:

I—Os Maias. II—O Primo Bazilio. III—Os fidalgos da Casa Mourisca. IV—O Gaúcho. V—A Mão e a Luva. VI—Memorias de um sargento de milicias.

Lucio de Mendonça.

I—Eurico. II—Euzebio Macario. III—Amores de Julia. IV—Iracema. V—Memorias de um doido. VI—A mumia da freira.

Damião d'Arcos.

I—Primo Bazilio. II—Os Maias. III—A Reliquia. IV—O Atheneu. V—A Carne. VI—O Mulato.

Sylvio Freire.

I—Os Maias. II—O Primo Bazilio. III—O crime do padre Amaro. IV—O Atheneu. V—Casa de pensão. VI—Chromo.

Raul Braga.

I—O Guarany. II—O Atheneu. III—O Cortiço. IV—Quincas Borba. V—A Familia Medeiros. VI—A Redemptora.

Tareco. (Carlos Moraes.)

I—Eurico. II—Pupillas do Sr. Reitor. III—Guarany. IV—Tristeza á beira-mar. V—Emitão de Muquem. VI—Innocencia.

Dr. Bezerra de Menezes.

(Parahyba do Sul)

I—Euzebio Macario. II—A Carne. III—O Cortiço. IV—Braz Cubas. V—A Familia Medeiros. VI—O Chromo.

Dória. (Do Diario Popular de S. Paulo.)

I—O Guarany. II—A Carne. III—Senhora. IV—Eurico. V—O Primo Bazilio. VI—Iracema.

Godofredo Bulhões (S. Paulo.)

I—O Guarany. II—A Carne. III—O Sertanejo. IV—Os Maias. V—Eurico. VI—Casa de pensão.

Alberto Azevedo (S. Paulo)

I—O Guarany. II—Senhora. III—A Carne. IV—Eurico. V—O livro negro. VI—Iracema.

Joaquim X. de Almeida (S. Paulo)

I—O Monge de Cister. II—Arco de Sant'Anna. III—Amor de perdição. IV—As pupillas do Sr. Reitor. V—Os Maias. VI—O Cortiço.

A. de Riva Napoles.

Outro plebiscito vamos hoje offerecer aos leitores. E' o seguinte:

Quaes são os seis melhores contos escriptos por litteratos brasileiros?

Podem ser votados os contos publicados em livros ou em jornaes e revistas litterarias da Capital Federal ou dos Estados.

As demais condições deste plebiscito são inteiramente iguaes ás do que abrimos para os romances.

Para que tenham tempo de votar todos os leitores d'A SEMANA que desejem fazel-o, damos o prazo de dois mezes.

LYRIOS PROFANADOS

Pobre menina, loura e debil, de dez annos—sim, não tens mais que dez annos!—pobre menina, que nesta noite invernosa, sob uma chuva torrencial, atravessas a rua do Ouvidor, com uma cestinha de flores na mão, e entras pelos botequins a offerecer violetas e rosas em botão aos mundanos que ahi vês sentados por essas mesas! Triste creaturinha, rosa em botão tu mesma, que, em toda a eandura da tua inconsciencia infantil, não estremecees ainda ao contacto de tanta alma baixa e de tanto vicio repellente! Vens para aqui porque te mandam vir, e obedeces; ao cahir da tarde, alguém—uma mulher talvez, e essa mulher não córa!—chama-te pelo teu nome—talvez um nome angelico como a tua alma, Cecilia, Maria, Julietta...—e diz-te: Anda, vae vender essas flores!—E ensina-te como deves fazer o sorriso que deves ter nos labios, o geito que deves dar aos olhos, e recomenda-te, porventura: Si te quizerem beijar, deixa que te beijem, porque assim pagarão mais pelas flores, traráis mais dinheiro, entendes?

Tu não entendes, não; ouves esses conselhos, submissa, resignada, e sahes. A noite é negra e horrivel; chove a cantaros; a enxurrada alaga as ruas—que importa? Sahes sempre. E's pequenina ainda; tens medo de andar sósinha; essa gente desconhecida que encontras, esses homens maltrapilhos, sinistros, que vagueiam pelas praças, aterram-te; a humidade faz-te mal; a tosse rasga-te o peito em arrancos febris;—que importa? Sahes, porque tens medo de uma palavra dura, de uma chicotada talvez; porque não tens remedio sinão sahir...

Vens; diriges-te, a mim, diriges-te a qualquer outro:—Quer uma flor? Um brutal repelle-te com modos asperos;

humilde como um cão batido, te afastas, sem dizer nada. Outro, perverso e lubrico, profana-te o corpo todo, o corpo virgem, ignorante de peccado, com olhares impudicos, profana-te os ouvidos com observações e remosques devassos; e tu, innocente, mas aturdida, passas atravez de uma conversa obscena, sem que por um instante o teu espirito se perturbe; roças por esse lodo humano a tua veste branca, sem lhe manchar a fimbria sequer.

Assim é que te acolhem aqui e alli os ociosos, a cuja concupiscencia tu és precocemente offerecida.

E, se alguém, como neste momento, mais pensador ou mais compassivo, te dá alguns minutos de attenção desinteressada e enternecida, e te acompanha carinhosamente com a vista, e trahc no rosto a commoção intima que a tua sorte lhe causa, nem ao menos lhe ficarás grata por esse sentimento mais clegado que lhe inspiraste, pois, victima desditosa, não comprehendes o sacrificio a que, já tão cedo, te votaram. Vem cá, pobre menina; chega-te ao pé de mim. Que eu veja se no teu semblante bello, mas fatigado, se projecta a sombra de uma tristeza prematura, ou o negrume ainda mais carregado de uma expressão desenvolta e cynica.

Dize-me:—como te chamas?—Maria—(Oh! eu bem o suppunha: Maria, nome mais formoso da terra e do ceo!) Tens mãe?—Tenho—E é ella quem te manda vender flores pelos cafés?—E' ella; diz que se deve trabalhar desde eriança.—E teu pae consente?—Meu pae? está fóra de casa o dia inteiro, quando não fica dormindo; costuma entrar alta noite, gritando, e ás vezes bate-me, bate em mamãe...

Pobre menina, loura e debil, de dez annos apenas... E é uma mãe—uma mãe!—quem a obriga a: “trabalhar desde eriança,” emquanto o pae, operario sem serviço, naturalmente, gasta o producto da venda de flores no balcão da taverna, ou dorme no catre do somno da bebedeira! E' uma mãe! Mães, é possivel?

Irás, assim, vendendo flores, hoje, amanhã, mais um anno, mais dois annos; crescerás nessa vida maldicta, que, por emquanto, ainda te não deprava, mas que te depravará mais tarde.

Crescerás; deixarás de ser a criança ingenua e simples que és, para te fazeres pouco a pouco, mulher. Despertará no teu sangue e no teu coração a puberdade; a natureza te ensinará muita coisa, as tuas companheiras se incumbirão de ensinar-te o resto. Tudo o que ignoras hoje, sabel-o-has então; saberás interpretar com exactidão profunda certos sorrisos, certas palavras, que ainda são para ti sem sentido.

Até que, um dia,—tem a certeza d'isto! —um miseravel qualquer abusará de ti, entontecendo-te com juras mentidas, deslumbrando-te com miragens de luxo e de prazer. E depois te abandonará; e depois ainda, outro miseravel, vendo-te bonita e “lucrativa,” pôr-te-ha o corpo em almoceda, carcando-te com todas as seduccões da sua industria: vestidos de seda e de velludo, joias, carruagem de gala, facaios e adoradores.

Eis qual será o teu destino; e no decurso de tua existencia, em quinze, em vinte annos, nem uma idéa de dever e de moral te illuminará a mente—ou, se a illuminar uma vez, será tarde demais, quando te achares estendida, tísica ou rolda de syphilia, num leito de hospital—que é onde vão acabar muitas, que começaram vendendo flores!

Pobre menina, loura e debil...

E neste palz, onde o nome de Christo é conhecido, neste palz, onde alguém teve a coragem de quebrar as cadeias do captivo nos pulsos do escravo, não ha quem se opponha a esse commercio cruel, não ha quem feche esse mercado ignobil—em que se prostituem anjos?

MAGALHÃES DE AZEREDO.

CANNIBAL

Como varrida a um cáos de abrazada poeira
Ahogar, negra visão, que á colera flameja,
Passa espalhando o horror na tribu forasteira,
Que ora as plagas infesta onde o Nilo espumeja.

Mas á noite cedendo a terrível peleja,
Ahogar a rede prende á rude tamareira,
E, emballada ao mugir do simom que braveja,
Sonha que um mar de sangue invade a Nubia inteira.

O Nilo escorre sangue e, tyrio manto aberto,
Cobre o vasto areal, cobre o boabab das mattas:
Tinge o sangue a rolar o seu corpo de treva,

Sangue!... Sangue!... E ella só, dominando o deserto
De sangue, lá vai... lá vai... purpurea onda a leva,
Arrastada ao fragor das rubras cataractas.

Victor Silva.

Rio, 14-7-93.

CHRONICA DOS LIVROS

I.—A CAPITAL FEDERAL, por Anselmo Ribas.

(Impressões de um sertanejo.)

Aproveitando algumas horas de facil des- preocupação, em que o seu scintillante espirito sentia-se alliviado da serie de cousas atrophadoras que constantemente embotam a nossa alacridade e aggravam a dyspepsia, escreveu o Sr. Anselmo Ribas uns magnificos artigos que, afinal, ligou subordinando-os ao titulo acima. Por mais um pouco, o Sr. Ribas, teria enriquecido a nossa litteratura com um esplendido romance, um trabalho que perduraria e que, francamente, não

estaria exposto a cahir no olvido. Deu-nos em todo caso, uma excellente narrativa em que alguns typos são desenhados com summa pericia.

O que porém mais me encantou do livro foi o *humour* que transparece em todas aquellas paginas, escripta n'um estylo simples, confortativo, sem rebuscamentos pedantes. Não ha em todo o trabalho um só momento em que o leitor sintia arder-lhe o nariz, como symptoma de pesar.

Nada; é como si fosse uma boa narração feita entre rapazes de espirito, no Silvestre, ao ar livre, e entresachada por goles de *champagne* e gargalhadas francamente, sinceramente alegres.

Livros como *A Capital Federal* devem ser sempre relidos; é um meio seguro de nos descaptivarnos da melancolia que nos enca-deia ás semporias da vida fluminense.

II.—A NORMALISTA, romance, por A. Caminha.

E' um livro de 297 paginas, que tem coisas boas e coisas más. O assumpto é uma *ficelle* já gasta.

João da Matta, um amanuense que vive amaziado, recebe em sua casa uma afilhada, cujo pae vae para fóra tentar fortuna. O pae morre e a menina cresce n'um meio infecto. O padrinho nota-lhe o desenvolvimento physico, que se traduz n'uma esbeltez admiravel, e invade-o a idéa de possuir aquelle thesouro de voluptia. Acariciando essa idéa faz a conquista da menina e consumma o acto.

A menina engravida e vae ter o pequeno n'uma casinha do arrabalde. E' uma variante da these já explorada. Ha além do assumpto principal, outros assumptos que amparam-n'o e que são bem tractados.

Os personagens são apenas esboçados, nenhum delles está convenientemente estudado, mas em geral a questão se desenvolve habilmente.

O estylo é simples, e quasi sempre correcto; o livro tem cousas verdadeiramente aproveitaveis e denota observação e esforço intellectual.

Não diremos que o Sr. Caminha venha a ser um grande romancista, mas prophetisamos-lhe, si estudar, um bom lugar entre os poucos escriptores nossos que cultivam esse ramo difficil da nossa litteratura.

III.—ENCARNAÇÃO, romance de José de Alencar. Rio de Janeiro, 1893.

Ouvimos dizer que este bonito romance de nosso grande Alencar, foi agora reeditado em volume por seu filho, o poeta Mario de Alencar. Nada sabemos de certo, porque o volume que nos foi destinado não trouxe deicatoria e o livro não tem prefacio explicativo—falta indesculpavel.

Mas, ao que nos affirmou Arthur Azevedo n'O Album, o *Encarnação* fora, ha muitos annos, publicado no rodapé do *Diario de Noticias* (?) e pela primeira vez é editado agora em volume.

Se isso é verdade, não chegamos a com- preender como deixaram durante tantos e

tão longos annos privada da fórma definitiva do livro uma obra que, se não é das melhores do autor de *Tracema*, não pôde ser collocada entre as ultimas.

O assumpto de *Encarnação* é extravagante, original, esquisito; parece vagamente inspirado no *Avatar* e no *Spirite* de Gautier.

Trata-se de um moço que, havendo idealizado um typo de mulher em sua exaltada imaginação de poeta sem versos—a peor, isto é: a melhor especie de poetas—procura encarnal-o sobre a terra. Desposa uma moça que o ama e que o faz feliz durante poucos annos. Viuvo, conserva, como sagradas reliquias, tudo o que á mulher pertencera e tem o culto fervoroso de sua memoria. Chega á afinação de convencer-se de que ella ainda vive e, por isso, continúa a sua feliz vida de esposo tão completamente quanto possivel.

Levado á Europa por um amigo, que procurava distrahi-lo, vê num museu uma pintura de mulher, de classica belleza, e manda fazer duas figuras de cera em que se fundiram os traços da sua fallecida esposa com os da madona celebre.

Depois de volta ao Rio de Janeiro, ouvindo cantar uma visinha—encantadora, por signal—algumas das arias que a sua defunta mais amava, apaixonou-se por ella. Pedea em casamento. Amava, que o amava pelo seu romantismo, accetia-o por marido, após havel-o feito protestar que já havia esquecido a sua primeira esposa.

Mas isso não era verdade. Hermano, casado com Amalia, não ousa beijal-a, para não trahir a sua primeira consorte.

A vesania do coitado vae ao ponto de querer suicidar-se, incendiando a casa. Amalia consegue chegar a tempo de salvar-o por um meio muito agradavel, mas deixa que a casa seja destruida pelas chammias para que com ella desapareçam as sagradas reliquias do primeiro amor do marido, inclusive as figuras de cera.

Eis em duas palhetadas o entrecho do romance.

E' esquisitorio; mas, para expol-o e desenvolver-o, empregou Alencar a magia de seu estylo fluente, elegante, com um saibo original, só delle

Estranhamos, entretanto, numerosos cochilos de composição e syntaxe.

Ha em todo o livro uma ignorancia crassissima da distincção essencial entre a preposição *d* e os artigos simples e contractos. Assim é que se lê: *d* Hermano, *d* pedido, *d* rever-se, *d* este, *d* miudo, *d* um filho, etc., com uma tal coherencia no erro que não é possivel attribuir tres faltas a descuido.

Mas não podemos levar essa ignorancia deploravel do emprego dos artigos simples e das preposições e das contracções de artigo e preposição, bem como a pessima collocação dos pronomes á conta do autor do livro, e sim á de seu editor.

Seja como for, é para desejar que em novas edições appareça o livro expurgado de tão graves senões.

IV — NAUFRAGIOS CELEBRES EN EL CABO POLONIO, BANCO INGLEZ Y OCEANO ATLANTICO 2ª edição, por D. Antonio de Lussich.

Com este titulo acaba de nos ser enviado um elegante volume brochado, de cerca de 300 paginas, muito bem impresso e contendo as descrições mais fiéis e claras dos principaes naufragios havidos no terrivel cabo Polonio e outras costas do mar agitado e alto.

D. Philippe Lussich, o venerando cidadão uruguayo, pae de D. Antonio Lussich, cujo retrato vemos logo ao abrir a primeira pagina dos *Naufragios Celebres*, é um dos mais respeitadros e queridos filhos de Montevideo, pelo muito que tem feito em favor da humanidade. A pureza do seu sentimento de caridade para com os que soffem, levou-o a fundar uma Junta Salvadora, da qual é chefe ha longos annos e que já conta no quadro das suas glorias, que não hão de morrer nunca, para mais de trezentas vidas salvas da furia indomita das ondas encapelladas. Muito ao par dos mais tristes acontecimentos maritimos, conhecedor e talvez mesmo espectador de muitos dramas afflictivos, passados sobre as aguas revoltas, D. Antonio de Lussich descreve com toda a simplicidade de estylo e singeleza de phrase os principaes naufragios occorridos nas costas do seu paiz e tão sincero se mostra na descripção das terriveis catastrophes que, dizemol-o sem rehuços, —D. Antonio de Lussich — com a publicação do presente volume prestou um involvel serviço á historia maritima da Republica do Uruguay e quiçá tambem a alguns paizes estrangeiros.

O naufragio do nosso bello *Solimões* não foi esquecido, alli, n'aquelle repositório de documentos de alto valor historico, pode o leitor apreciar em 16 paginas de descripção facil o desaparecimento do nosso bello navio de guerra, cuja perda foi geralmente sentida e chorada, porque com elle, com o seu casco de ferro e as suas poderosas machinas, partiram para o seio avido e profundo das aguas muitas vidas de patricios nossos, officiaes e marinheiros bravos e dignos, que pouco antes haviam deixado as nossas plagas em demanda de portos estrangeiros numa longa e agitada viagem de instrucção. O auctor dos *Naufragios celebres* termina assim a narrativa que faz da terrivel catastrophe do *Solimões*:

“Despues... el espacio infinito; el pavoroso abismo cerrado tras de la presa conquistada; la noche tenebrosa turbada en su silencio por el bramido del viento, por el rumor cercano de las rompientes al chocar contra las rocas y los bajos, por el grito agorero de los lobos y las aves marinas despertadas bruscamente de su apasible sueño!... mientras la patria, las desventuradas madres, hijos e esposas recibieran, envuelto en el postrer aliento de sus deudos adorados, el ultimo recuerdo de carino que exhalava antes de hundirse para siempre, cubiertos por el inmenso sudario del Atlantico...”

Todo o livro é escripto d'este modo, por D. Antonio de Lussich, que deixou, transparecer em todas as paginas escriptas pelo

seu punho, a doçura da sua alma caritativa e boa.

Os *Naufragios Celebres*, vem ornados de principio a fim de muitas phototypias de navios submergidos no cabo Polonio. Agradecemos a remessa do exemplar e a amabilidade da dedicatória com que nos mimoseou o seu auctor.

O. LETUDO.

DR. HENRIQUE DE SÁ

Com grande prazer recebi e vou desempenhar a incumbencia, que me deu o director do *Album*, de traçar o esboço biographico do Dr. Henrique de Sá.

Somos amigos ha cerca dez annos e cada vez que com elle trato—o que, felizmente, me acontece a miudo — mais me felicito de havel-o conhecido.

Neste fervedouro de invejas, intrigas e maledicencias que é a capital do Brasil, nunca ouvi ninguem se referir ao homem cujo retrato hoje adorna uma das paginas d'este album, que não fosse para elogiar-lhe o character ou o talento—ou ambas as coisas, o que tem sido frequente.

Ha entré elle e o seu obscuro biographo varios pontos de afinidade, de que, naturalmente, proveio a amizade que os liga. Ponho de parte a magresa, o nervosismo, alguma pareença physica, para só me referir ás similhanças moraes.

O Henrique de Sá fez-se por si, devido ao seu proprio esforço, sem pae nem padrinho alcaide; é um trabalhador, um activo; tem um espirito curioso, adiantado, inquieto, sempre cheio de coragem para a luta e de esperança na victoria, independente, feito d'esse estofo moral que não dá tapetes, mas somente mantos de protecção aos que soffrem e bandeiras de batalha.

Nascido em Magé, na ex-provincia do Rio de Janeiro, aos 25 de Abril de 1855, foi por seu pae mandado para Portugal em 1863; lá esteve durante seis annos e lá fez as primeiras letras.

De volta, queria seu pae destinal-o á carreira commercial. Sentindo-se sem nenhuma vocação para ella, e tendo a protecção dos Srs. A. L. Ferreira de Carvalho & C., fez os seus preparatorios e matriculou-se na Faculdade de Medicina d'esta Capital.

Auxiliado sempre por aquelles amigos, e com o producto das lições particulares que dava, foi continuando o curso, juntando-se, quando no terceiro anno, um novo subsidio áquelles —o ordenado de interno do Hospital da Misericordia.

Durante o tirocinio academico, em que foi dos estudantes mais applicados, fundou varios gremios scientificos

e redigio diversas revistas academicas, ao lado de talentos como José Thomaz da Porciuncula, Belisario Augusto, Julio Diniz, Vicente de Sousa, Pedro Paulo e outros.

Além dos artigos com que enriquecia os periodicos academicos, escrevia prosa e verso para a imprensa diaria —o *Diario do Rio de Janeiro*, o *Globo*, a *Gazeta de Noticias*, etc.

No sexto anno entrou em concurso para o logar de interno de clinica medica da Faculdade, e obteve uma menção honrosa, proposta pelo grande Torres Homem,

Lembram-se todos de certo ainda da famosa revolução academica de 1879, que originou o exodo dos sextanistas para a Bahia — revolução sympathica e grandiosa pela nobresa de seus moveis e intuitos como pela firmeza e harmonia de sua execução. Nessa turma de insubmissos briosos estavam Francisco de Castro, Belisario Augustlo, Pedro Paulo, Dermeval da Fonseca, Vicente de Sousa, Henrique Monat, Julio Diniz e outros muitos, egualmente notaveis, d'essa turma foi eleito presidente Henrique de Sá.

Na Bahia conquistou logo sympathias e dedicações. Collaborou no *Jornal de Noticias*, em cujas paginas brilhava o bello talento do mallogrado Aquino da Fonseca.

A these que defendeu (*Diagnostico e tratamento da syphilis visceral*) foi approvada com distincção.

Voltando ao Rio de Janeiro e aqui fixando residencia e consultório, dispunha em breve de vasta clientella.

Não obstante o grande numero de chamados e consultas e de visitas diarias, ainda achava tempo para publicar observações clinicas e estudos nas gazetas medicas, presidir associações de beneficencia, servir como membro da directoria de sociedades medicas, como a de *Medicina e Cirurgia*, a que prestou relevantes serviços, colaborar na *Semana*, sob o pseudonymo de *Dr. Sahen* (que ainda hoje conserva na mesma folha), leccionar no Lyceu Litterario Portuguez (o que lhe valeu o habito da Rosa e a commenda de Christo—de que nunca se servio, nem mesmo do botão symbolico), servir como medico examinador da *Educatora* (companhia nacional de seguros de vida, que tenho a honra de presidir), e, finalmente para ser um marido exemplar e um pae extremosissimo. Infelizmente essa carreira de trabalhos bemditos e de glorias obscuras —que taes são as do medico—foi empanada pela densa treva de um luto irreparavel—a viuvez.

Conheci a companheira do meu amigo e, por isso, tremi por elle, quando o vi perdel-a. Felizmente ella ficou-lhe reproduzida e repartida em

tres filhinhos, e para educal-os continuava elle a trabalhar como d'antes.

O Dr. Henrique de Sá é um ornamento de sua classe. Se tivesse um grão de pedanteria e um pouquinho de geito para a charlatanice, seria uma celebridade e estaria rico. Lamento isso; não pela celebridade, que é vã fumaça, mas pela riqueza que é cousa muito real e... apreciavel.

E ali fica, esboçado a correr, o sympathico perfil do Dr. Henrique de Sá—o medico das crianças.

VALENTIM MAGALHÃES.

(D'O Album, n. 37.)

→ CURIOSIDADES LITTERARIAS ←

Abrimos esta secção, offerecendo aos leitores um soneto de Molière—o unico que se lhe conhece—embora a sua authenticidade não esteja ainda bem provada. Intitula-se *A morte do Christo*.

Alfredo Delvan, em seu livro, hoje raro, *Les sonneurs des sonnets*, publicado em 1867, e que Sainte Beuve chamava "uma joia litteraria e typographica," escreveu com entusiasmo o que se segue, relativamente a esse esplendido soneto:

(Pg. 108 e 109) "Esta *montanha de luz*, junto á qual vão empallidecer os sonetos de Mlle. de la Vallière e de Des Barreaux, foi descoberta pelo poeta Alexandre Piedaguel. Lêde e applaudi, fervorosos amantes da Musa!"

Piedaguel fez minuciosas investigações ácerca do notavel soneto. Tudo leva a crêr que essa obra prima data do 17º seculo, attribuindo-a, uns, ao conde de Modena, poeta natural de Savignon, quasi desconhecido, mesmo de seus contemporaneos.

Entretanto o bibliophilo Jacob inclina-se a attribuir a Molière a autoria do soneto em questão, sendo certo, aliás, que o immortal autor do *Misanthrope* era o amigo inseparavel do conde de Modena, o que, pelo menos, não repelle a idéa da sua colaboração na obra do obscuro poeta de Savignon, dado que a este caibam as honras da paternidade de *La mort du Christ*.

O soneto, sem assignatura, estava gravado sobre a porta principal do cemiterio, que outr'ora circumdava a igreja parochial da Trindade, em Cherbourg.

Mais uma prova da idade respeitavel do maravilhoso soneto, que aqui vie transcripto:

LA MORT DU CHRIST

Lorsque Jésus souffrait pour tout le genre humain,
La Mort, en l'abordant au fort de son supplice,
Parut tout interdite et retira sa main,
N'osant pas sur son Maître exercer son office.

Mais le Christ, en baissant la tête sur son sein,
Fit signe à la terrible et sourde exécutrice,
Que, sans avoir égard au droit du souverain,
Elle achevat sans peur le sanglant sacrifice.

L'implacable obéit, et ce coup sans pareil
Fit trembler la nature et palir le soleil,
Comme si de sa fin le monde eut été proche.

Tout gémit, tout frémit sur la terre e dans l'air:
Et le pécheur fut seul qui prit un cœur de roche,
Quand les roches semblaient en avoir un de chair!

Não haverá algum poeta que se anime a traduzil-o?

SANGUE

A MAX FLEISS

Cravos—rubis enormes—murmurinhos
De astro manchando as arvores já velhas;
As proprias d'halias brancas dos caminhos
A' luz do occaso tornam-se vermelhas.

Riem moangos frescos dentre os linhos,
Frescas papoulas riem das abelhas;
Cheias do aroma lucido dos vinhos,
Pendem pejadas, rubidas, corbelhas.

Purpura em tudo, em tudo esse perfume
Forte, que me allucina a todo o instante,
E dentro em mim a rosa do ciume!

E' por isso, talvez, que ao sol descubro
E em tudo sinto a viva, a rutilante
Nota de um sangue rubro, muito rubro!

Luiz Rosa.

OS QUE SURGEM

D. AMOR

— excerpto d'um romance
historico —

GAPITULO I

Reinado de D. Sebastião. Os tempos iam pouco de trovas e d'amores e somma de fidalgos e gente nobre, moços que em Coimbra estudavam a fazer redondilhas galantes e chacaras d'amor, trocavam o gorro de pluma e a guitarra de trovador pelo elmo de ferro e o montante de guerra; que mais os fascinava ser das fileiras d'El-rei e coroar-se com os louros da victoria, arrancados á morte ao fragor das batalhas, que collares de braços brancos enlaçados ao pescoço, que victoria em combate d'amor, vendo morrer olhos negros...

Lisboa havia-se tornado um arraial de guerra, sempre accordada ao barulho das

charaméllas e timballes, cheia de rumores de gente d'armas, de tropear de cavalladas, toda vistosa de trajares, alegre, linda, guerreira.

Alta noite, a soldadesca accendia fogueiras e cantava hymnos de guerra e de victoria, como se entrados fossem já, portas e arcadas mortas, caminhando sobre loiros e palmas, com a mourama vendida, os esculos pendendo dos muros em signal de vasalagem, e raparigas de Tanger, de Ceuta, de Marrocos, sacerdotisas de Mifoma, a atirar-lhes jasmims e rosas de Alexandria; como se a guerra fosse um torneio onde elles iam buscar glorias e galanteos. Na mouraria, as ruas eram fechadas com cadeias, que as rondas haviam por habito saquear as casarias dos infieis, e misero do perro villão, judeu novo ou mouro, que levasse o atrevimento a andar pelas ruas alta noite, quando no silencio da cidade adormecida, os soldados enchiam os ares com a algazarra das rixas e dos assaltos!

Aquelle tempo as mulheres prostituam-se aos padres e aos guerreiros, e desde o cardeal velho e hoego, que tinha nos carcereiros da Inquisição danças de condemnadas nitas, até ás filalgas que vinham de cadeirinha ás tabernas d'Almada, beber com os archeiros e os arcabuseiros, tudo se entregava a bodas e folias; as mulheres de melo que lhe ficassem na Africa os amantes e os que lhes deram o titulo e o nome, os homens, porque eram homens.

Apenas El-rei, abismado no seu sonho espiritual de mystico, se occupava no mar a desafiar as tempestades, em Lisboa a vigiar as suas tropas, a formar a sua expedição aventureira; no Paço, a rezar e a ler a Tavola Redonda, e os leitos do Cid e do rei Arthur.

N'uma noite escura, as rondas dos Paços d'Almeirim aperceberam uma sombra que trepava pelos muros da torre grande da barbaca, agarrando ás fendas e ás raizes, subindo com a ajuda do punhal, esfaurapando as vestes de encontro ás peiras. Era D. Sebastião que se exercitava aos assaltos. Abaixo da torre, os fossos tinham mais de quatro metros d'agua; um descuido, e o rei de Portugal vinha esmigalhar a caveira de encontro ás lages!

Era assim feito esse monarcha cavalleiro, era forte de corpo como seguro de alma. Os seus musculos, como as suas crenças, eram de ferro. Religioso, elle era um fantasista, mandára fazer uma corôa de oiro, crava-la a pedras da India, para se coroar rei, na Africa.

Nos seus sonhos, Deus vinha fallar-lhe, commandando-lhe a victoria, e esse Deus que em Ourique apparecera a Affonso Henriques, D. Sebastião chamava-o para que lhe apparecesse, a abençoar as conquistas d'essa terra bemfadada pelas legiões dos Ceus, a terra que avassalára meio orbe, que tinha dominios tão grandes que nunca n'elles o sol se escondia, essa terra que firmára o seu pulo em S. Mamede e que se estendera até ás terras doiradas do Prestes João; ao Brazil, o mundo das florestas virgens; á Ethiopia, á Persia, á Arabia, que, battida pelo

mar, subjugava os mares, essa terra que nascera dentro dos muros d'um castello e aprisionára meio mundo...

Elle julgava-se o archanjo de exterminio que Deus armára com a luz celestial a fé, que Deus fizera Rei para vencer, para castigar, e D. Sebastião, de medo de macullar as suas azas brancas de emissario dos Ceus, conservava-se virgem á espera da corôa branca dos bemaventurados. Mas esse mystico era ambicioso; ruivo como uma aguia, elle fitava, como uma preza a que deitar as garras, a Hespanha com todos os seus dominios, e não parava alli a ambição do neto materno de Carlos V, elle sonhava com duas realidades unicas e suseranas, a do Ceu e a de Portugal, a de Deus e a d'elle. Pela Africa queria elle começar, arrecadar o continente negro desde o cabo das Tormentas até ás mesquitas de Fez e de Marrocos. A gloria, o soulo alvinitente e fantasista do asceta rei, era para elle uma fortaleza e uma crença cega. Elle era uma alma feita para a luz, limpida como as aguas do Ceu; romantico, com uma imaginação de lenda, elle tinha visões em que o firmamento abria para elle os thesouros insonháveis dos seus abysmos de maravilhas, e romanticamente mystico, elle sonhava com uma epopeia de feitos que o apresentasse á historia como um escolhido dos Ceus. A sua historia, queria elle fosse um canto epico de assombros, tocado de uma divina magia, e da sua corôa de rei desejava que brotasse uma aureola celestrial de Santo. Tinha extases como Santa Thereza de Jesus e até em seguida a um d'elles foi accomettido de um ataque, depois do qual consideraram epileptico.

Mas esse rei, tão faminto de gloria e nomeada, tinha uma alma simples de valente, partiria para a guerra com o saio de ferro de cavalleiro e o seu montante, que já fôra de Affonso IV, e não seria elle que cuidasse dos jaezes e xaireis do seu cavallo de batalha, nem que o seu escudo fosse entalhado a oiro, nem que o seu gibão fosse do mais rico damasco do Porto ou do burel mais rico de Almedina.

Não acontecia porém o mesmo com a formosa fidalguia de Portugal. A grande guerra, era para elles um sarau, e á porfia cada um cuidava de enfeitar-se; as espadas de guerra tinham os copos adamasquinados como espadins de salão, fazia-se gaibo em empavesar os balsões de familia deante de uma escolta de luxo, e fortunas gastavam-se em arnezes de cavallo e esporas de cavalleiro, que falta haviam de fazer, para os resgatar do captivo, mezes adiante. Vinham de Toledo bullhões e punhaes com os cabos cravejados de joias, e os moços fidalgos prendiam á cintura de guerreiro a escarcella de setim e o punhal, como enfeites; tinham elmos e murriões, mas de gentis que eram, eram tão frageis que um golpe de massa ou de machada lhes racharia a cabeça e lhes tingiria de sangue os cabellos anellados e loiros.

Havia em Lisboa somma de divertimentos, autos de fé e jogos de tavalagem. N'uns ardiam desejos de amor, n'outros carnes de

herejes. N'aquelle tempo, Lisboa, era uma cidade de luxo, e ainda que houvesse acabado com D. Manoel a pompa esplendida e theatral d'essa epocha dos Cesares, e já fosse longe a embaixada a Leão X, que enchera de espanto a Europa inteira e a fizera julgar que tinha sido o imperio romano que viera a Roma, a capital soberba ainda trajava todas as grandezas da sua gloria e o manto roçagante do imperio da India arrastava as suas galas por sobre o dismantelo do paiz apodrecido. Tudo se arvorava em gentilhomen, alçadas de nobreza, fóros de fidalgo, doanças e privilegios; tudo se confundia, todo o burquez rico calçava esporas de oiro e cingia da cinta a espada de fidalgo. Tempos de guerra, tempos de guerra!...

Mercenarios, gente de toda a casta infestavam Lisboa, espalchins de capa rôta e catana ferrugenta, maltrapilhos vindos da Italia, da Alemanha e da França. Bavaros de elmo de ferro e guedelha ruiva, de aspecto mau, gente que behia nas tabernas o soldo recebido e arrastava pelas ruas os saios em farrapos, aventureiros que chegavam de Paris, parasitas perigosos que roubavam de noite as farpellas vistosas que ostentavam de dia, todo aquelle povo cosmopolita, que enchia Lisboa desde a Judearia até á Cathedral, dava um tom feroz de festa á velha cidade.

El-Rei, ora demorava no Palacio d'apar S. Martinho, ou no Paço dos Infantes, que é hoje o Limoeiro, ora vivia em Almeirim, sahindo de manhã para caçar nos brejos.

Os Paços de S. Martinho estavam arvoados em acampamento de guerra. A cada momento, cavalgaduras paravam ante o terreiro, onde havia um estendal de quartel, lésteiros que dormiam ao sol, soldados, gente do duque de Bragança, pagens,aios e escudeiros, archeiros com as suas grandes botas de pelle de gamo e o murrião de pluma encarnada. Amarrados ás argolas de ferro das columnatas do grande pateo, havia sempre mullas e cavallos, e era bello, romanticamente bello, aquelle palacio velho, com as suas trapeiras gradeadas, a sua torre funebre que parecia um cadafalso erguido sobre o telhado, as suas paredes altas e negras, vivendo d'aquella vida de aventura, resoando com os passos dos fidalgos, com os bramidos do rei, a algazarra dos pagens, os risos da soldadesca que namorava as raparigas que passavam, de guarda ao palacio forte e roqueiro do rei virgem.

Atraz do Paço, perto da Judearia, havia a praça da força. Para lá da rua Nova, o outro palacio, o da Inquisição, com as suas decencias de carceres, subterraneos, casa de tortura, tribunal, todo o scenario tetrico d'essa comedia sinistra dos farricócos. Gente nobre do Minho e Douro abandonavam os solares para virem ver Lisboa, a bella, toda empavesada de galhardetes, de balsões, toda alegre do barulho das armas e clarins, e o Tejo com as trezentas galeras alinhadas, — que outras tantas esperavam em Sagres — onde se embarcavam cavallos de batalha nas cavallariças dos porões, com as proas todas reluzentes de doirados como glorias, a mari-

nhagem cantando velhas trovas da India, acompanhadas pelo Tejo sereno, calmo e magestoso, que abria a lyra das suas aguas puras á viração do mar.

Emquanto Lisboa se enfeitava e gentis damas bordavam as tendas para a campanha, na Africa os herbéres aguçavam os chuços e afiavam as cemitarras, attentos, espreitando de longe a vinda dos christãos...

Diziam os poetas e trovadores que uma filha de Muley Hamed, linda como as noites de estrellas, tinha vindo deitar-se aos pés de El-rei, pedindo-lhe soccorro, rogando-lhe que se fosse em salvador da honra do pae deposto e escarnecido, e a moura com o seu olhar de sonho, d'uma tristeza infinda, como que se os desertos da sua terra lhe tivessem ficado todos na vadição d'aquella luz de sombra, diziam os poetas e os trovadores, tinha levado o coração d'El-rei nosso senhor e o juramento solemne de lá ser junto a ella para lhe vingar o pae e rechaçar Muley-Hamed. Assim o diziam os poetas e os trovadores.

As tropas alimentadas d'aquella sonho radiante de gloria, que cegava o seu moço rei, tinham a impaciencia febril de batalhadores inermes; os alfagemes e armeiros de Lisboa já tempo lhes escasseava para o trabalho; que villões e cavalleiros, peões e homens de armas, tudo queria as partasanas luzidias, os picos, as hallabardas e os montantes brunidos e com bom fio, que atraz dos albornozes queriam elles correr, se sonhar é querer e desejo se exprime em o contar... Triste raça de antigos valentes, o que de ti fizeram as fogueiras e os autos de fé! Se entre todos vós, soldados que vistes de Alcacer, hasteando o pendão immorredoiro da gloria victoriosa e que ides para o outro Alcacer da ignominia e da derrota, houvesse gente que bastante fosse, que valesse entre ella toda o vosso pobre rei mystico e virgem, mas com a alma temperada como as folhas de Toledo, com as aguas puras da consciencia, Kibir seria hoje um nome cantante de gloria e não o mausoleu sinistro onde enterraram meio vivo o Portugal de Affonso Henriques, roido pelos vermes de Castella, abocanhado na sua mortalha, por Leão, que leão foi elle, que bramindo fugiu quando os opprimidos succudiram o opprobrio e alçaram o seu pendão de desforra e lucta eterna...

A arraya miuda, os cavalleiros e fidalgos, se entre elles havia que previssessem a hecatombe da Africa, onde D. Sebastião queria levantar mais um throno e empunhar mais um sceptro, que as pedrarias do Oriente não lhe chegavam todas para aureolar a sua coroa real, nem todas as glorias de Portugal eram de numero a saciar a ambição descommedida d'esse cavalleiro andante; esses poucos, timidos e doidos, ainda esperavam que elle viesse, o rei moço n'uma galéra de oiro e de marfim, trazida pelas brizas da manhã, no abrir sideral d'uma aurora cor de ambar e violeta, as ondas rojando-se a seus pés, como escravas rendidas!...

Ah! mas correi caravellas, com todos os pendões de guerra soltos ao vento e as vélas enfesadas á maresia, mostrae ao sol a proa

irradiante das vossas galés, fazei bramir pelos mares o estampido dos vossos canhões, atroae os ceus com o cantar dos vossos clarins de batalha, e vós, fidalgos e infantões, gente nobre, senhores e cavalleiros, vesti os vossos saios rendilhados de ouro sobre os vossos gibões esplendidos de côres, os vossos ginetes e corseis relinham no ventre das galéras, como se toda a frota fosse animada de vida e rompesse subito em brados de guerra, vae lésta oh! marcha triumphal de quinhentas barcas, despejar os terços de fidalgos e as companhias de soldados no tumulto tumultuante dos areaes da Africa... Estendei-vos, quinas sagradas, que os levaeis sob a protecção de vossas santas chagas, chagas vivas hão de elles ficar, chaguentos hão de elles morrer, que os còrvos da Barberia andam esfamados, e o grande sol fulgurante da gloria da Luzitania eclipsou-se para todo o sempre ante o crepitar dos braseiros da Santa Inquisição.

Mas basta, caveira quente de moço, de fantasiar arrebiques de phrases e de idéas, sae pensamento da senda mirambolante da chimera, e enveredae oh! todas as faculdades da minha mente pobre, para o caminho ideal da historia e da verdade.

CARLOS DIAS.

NOVOS CAMINHOS

Vejo-te e tu me vês; que vemos em nos vendo
Não sabemos dizer,—responde o coração:
Em mim, vês d'uma esperança o vil espectro horrendo;
Em ti, d'um sonho morto eu vejo a apparição.

Nosso amor terminou; mas fomos tão felizes
— Quando, após do Ideal, pisando musgo e rosas,
Viamos no horisonte uns tremulos matizes,
Transparentes e azues, de crenças buliçosas—

Que não vale chorar. Animo! os aureos frisos
Dissipou-os o tempo; exhalou os teus olôres...
Não enchamos de dôr um cofre de sorrisos,
Não reguemos com pranto uma porção de flores!

D'antes, ao te fitar, contemplava uma aurora;
Meu olhar, todo amor, scintillava ao vê-lo;
Fitámo-nos depois... e o que era incendio outr'ora,
Hoje, nada mais é que uma pedra de gelo.

Treguas ao coração! em tão mesquinha sorte,
Resta-nos de ventura um rasgado trophéo:
Se na treva da campa ha o silencio da morte,
Após morrer o sol, brilham astros no céu.

Vê tu'alma: é um jardim; fui eu que reflori-o:
Olha meu peito: é mar que só tu navegaste...
Saudemos na amplidão a nuvem que fugio,
Deixando na poeira a flôr roubada á haste.

Agora, que estou só; hoje, que estás sosinha,
— Tu, a rir do passado e no porvir sonhando,
Eu, vendo além pairar das crenças a andorinha,
Vendo esparso no azul, tu, das visões o bando,—

Ao olvido a chymera, esphacelado membro
Que resta de um titan de anémonas formado:
Esquece-me de vez; lembra que me não lembro
De que tanto te amei e tanto fui amado.

P'ra sempre ao te deixar, nem quero que promettas
Nutrir dos votos meus qualquer recordação:
O excessivo calor faz mal ás violetas...
Como ousaste enfrentar a ardência de um vulcão?

Violeta mimosa, em outros paraizos
Melhor vicejarás, enchendo-os de primores...
Não cubramos de dôr um bouquet de sorrisos:
Não reguenos com pranto uma porção de flores!

FREDERICO RUSSARD.

MISERERE

(A Olavo Bilac)

Pela sala, de um vago clarão de candelabros, n'um espraimento de luz esbatida, andava errante a harmonia queixosa do teu piano.

Vibravas o teclado n'um espreguiçamento; quasi que em ti só se encontrava pelo moroso dos accordes, a languidez doentia das ntonjas ferindo harmoniosamente o orgam santo n'um mystico enlevo espiritual de amor.

As tuas mãos levemente andavam como tacteando e o teu olhar, desse sereno azul meridional, n'uma emoção vaga e descuidada, diziam mais do que o santo perfume da musica, que vibravas, como se fosse elle que estivesse cantando toda essa magua, todo esse pranto do *Miserere*.

Ancioso eu escutava. A voz do teu piano desaparecia lentamente; corda por corda, como que se partia aos meus ouvidos.

E de'ntr'e a alluvião dolentissima de toda essa pagina de musica, onde as harmonias bailavam n'uma dansa morosa de egypticia a sillueta de seu corpo me apparecia de envolta com toda a magua, com toda a tristeza da partitura.

A emoção do passado tomou de subito minha alma.

Paginas inteiras de soffrimento, onde cada letra é uma lagrima, vieram presurosas, n'um revoada apunhalante, abertas diante do meu olhar, dizer na sua voz cavernosa de mortas, todos os segredos que escondiam, todas as alegrias que perderam. E pelo *Miserere*, como se tambem fosse uma recordação perenne, vieram o teu olhar, a tua voz, o teu sorriso, o teu beijo, como nas noites estrelladas do nosso amor, embalados na caricia saudosa dos luars, vinham dizer-me os segredos emhalsainados de tua alma.

Por essa musica, saudosa revelação que acorda mortos poemas, veiu rolando a minha alma, de nota em nota, de accorde em accorde, como n'um doce e effluvial desmoronamento.

E quando, perdidos pelo sala, vagueiaram n'um silencio de gemido, as derradeiras harmonias, diante do teu perfil sonhador e pallido, tombou o meu olhar, tão languido, tão morto, como se aquella musica fosse a pagina

mais occulta de meu soffrimento, a ballada tristissima do funeral, das minhas illusões mortas.

PLACIDO JUNIOR.

Setembro, 93.

O PADRE

A' cerimonia em que Julio Renato, do Seminario de Santo Angelo, recebeu ordens sacerdotaes para passar da veste diaconal ao habito de apostolo, viera o bispo Antonio, que estendendo a mão patriarchal sobre a cabeça do moço seminarista, disse: *Acabais, meu querido filho, de contrahir vosso consorcio com a nossa Igreja, que de hoje em diante é vossa esposa e vossa companheira. Eu vos abenço, ide com ella e sede feliz para sempre.*

No outro dia, o moço padre, que no silencio da grande casa onde estudára ia pelos longos jardins, nas horas, enlucadas, entre os álamos annosos, a compôr uns madrigaes ternissimos que lhe ficavam a ferver no coração, oppresso por sentimentos delicados, ou ia pelos pomares em flôr que o sol beijava, solitario sob a quertura das aves que punham a nota melica no silencio dali, vagoroso por entre as brisas que vinham nas fibras da luz, a dedilhar de uma lyra intima uma poesia quasi muda que lhe voava mansamente d'alma, Deus sabe para onde; no outro dia, envolto nas brumas doiradas pelo fogo de uma manhã sadia, o moço padre cavalgava em demanda de Santa Luzia, por cuja estrada larga tallada ao longo das mattas rumorosas, á beira do plantio verdejante, estendia-se a festa matinal feita dos trinos da passrada, do rumor de animaes silvestres, entre revoadas de aromas—halito da madrugada.

A cidade de Santa Luzia—berço de Julio e onde elle fôra exercer os mistéres de pastor christão—ra branca, alegre e attraente como seu povo, pequena como a vaidade de seus filhos, tranquillada como o deslisar de uma lympha, e grande no sentido liberal da vida reinante naquelle recésso de provincia.

Ali, no seio de uma natureza genial e fecunda—especie de paraizo onde o viver, a intelligencia e a liberdade podem se manifestar e expandir livremente n'uma dilatação em obice,—ali aquelle que ainda havia pouco tinha o espirito adstricto á maceração tediosa que afrouxa a idéa, sentiu esse espirito crescer sob as vestes taiares e, alma affeita á luz, sentiu tambem que ella— a sua alma, ja estava subtrahida aos rigores da elocubrações restrictas, e, pois, podia voar livremente, tal qual voava, acompanhando o volitar dos scéres alados n'amplidão estendida

sobre as campinas em flôr, onde folgava a luz brilhante, cuspida do firmamento limpido, sereno e azul de sua terra querida.

Depois, com a imaginação mais calma ou menos ébria da sensação do praser, o Cura pairava a vista sobre a modestia insinuante das casas brancas que num conjuncto gracioso formavam a cidade natal, pensava sobre a alegria constante de quantos existiam ali como rebanho feliz e, cheio de uma philosophia, com ajuda da qual ia galgando deducções e deducções, chegava até proclamar mudamente que a felicidade e os bons principios podem subsistir independentes da grande civilização e das modernas doutrinas.

E os dias foram passando e passaram e passavam entre a calma e a pureza das estações cheias de uma generosidade tonica para a gente.

Julio estudava e recebia na quietude de sua vivenda coberta de héras, manchada de flores e bafejada por uma como bocca feita de lyrios. Sabia á rua onde as saudações e os olhares meigos de que o accumulavam, diziam quanta sympathia provocavam sua pessoa franzina e seus creditos de moço talentoso ao serviço das idéas liberrimas. A tarde visitava os suburbios, estacionava em reuniões de intimos, ou ficava em casa de seu Bonifacio, um velho professor de latim, cuja familia o idolatrava, a elle Julio, encarecendo-lhe os dotes do espirito, e cuja filha—a Livinia, enlevava o idolatrado por horas esquecidas, porque, sibida em cousas litterarias, em estudos serios, citava poetas, escriptores, pensadores e livros respectivos, collaborando assim para uma palestra de que o padre... e a moça, talvez tenham saudades duradouras.

De ordinario fóra os demais serviços do culto, pregava á noitinha na matriz da parochia—um templosinho branco, muito poetico, erguido na elevação de um grande largo quadrado que sol e a lua disputavam clarear, assim para augmentarem-lhe a poesia, si ali ainda havia logar para o encanto e a poesia do ceu.

No pulpito diminuto da egrejinha muito clara, desenvolvia firmemente umas doutrinas que a intelligencia abraçava com prazer, falando de um poder que impelle a humanidade ao cumprimento do dever christão, mas a impelle suavemente, por caminho tão facto de sacrificios heroicos como os sacrificios de Jesus, quanto varrido de prejuizos absurdos como os prejuizos das turbas supersticiosas. E a multidão a seus pés, attenta e offegante, apreciava-lhe as mãos claras agitando-se sobre o negro das vestes; gostava de sua frente de um moreno pallido, branco pelo esbater da luz, a mover-se entre aquella negro e o dos

cabellos buliçosos; fitava-lhe as faces, o perfil energetico, e na immobildade da rocha, na mudez da effigie, com o olhar amarrado ao ponto donde descia para um silencio de tumulo uma cadadupa de verdades, satisfazia-se calmamente quando o padre, sempre correcto e eloquente, com voz tremente e fraca, mas toda cheia e docil, estendia pela nave um bando de conclusões doutrinarias que só não contentariam a sciencia dos retrogradados illustres e dos sabios incoherentes.

Pregava o amor—o amor que é o principio sacratissimo da vida e "prende o céu á terra e a terra aos anjos"; o amor que veio do meigo philosopho, filho de Maria, para estabelcer os gosos de que a humanidade é digna por sua grandesa e superioridade no universo inteiro; o amor que enreda a familia numa amisade admiravel que é antes o admiravel escudo contra os maiores males e contra as maiores faltas; o amor que enlaça o homem nessa fraternidade que todos ambicionamos porque é necessaria, ennobrecedora e licita; o amor que é a base, o amparo e a cupola das venturas que o ceu, que não é egoista, creára, decerto para o mundo; o amor que é a arvore do fructo da felicidade, esse fructo que não é um delicto comel-o, porque ser feliz é uma aspiração sanctificada e, pois, podem e devem caber— a arvore e o fructo, aqui na floresta de nossas almas...

Era de vêr então aquelle apostolo de vinte e cinco annos evangelizando numa entonação estranha, divorciada do tom dogmatico das escolasticas affeiçoadas a essa grandesa d'alma que amesquinha o espirito, que o pouca por via de abstenções e martyrios que nos ridicularisam perante o senso. E o auditorio, selecto ou não, havia sim de enthusiasmar-se, ao menos intimamente, ao ver a intelligencia do orador arrancar com mãos de heróe das garras do preconceito a liberdade e o coração do homem.

E foram passando os dias e passaram e passavam, até que num de Maio chegou a vez de certo casamento.

Noivo era o filho do coronel Gregorio.

De pé, sympathico e vagaroso, junto á escadaria do primeiro altar, o moço padre, talvez mais pallido nesse dia, arrastou as phrases cerimoniaes do casamento ao approximarem-se os noivos trementes. E quando o celebrante ajustou na estola sob a do noivo a mão bonita de Lavinia, uma lagrima subiu-lhe do coração aos olhos, e, baixando tristemente a cabeça onde lembranças não se apagaram das palavras do bispo Antonio, disse com meia voz, tambem a tremer: Filhos, a Igreja, minha esposa, existe como existiu e existirá para sempre.

.....

Mas... estava viuvo o coração do padre.

GLYCERIO RODRIGUES.

S. Paulo—1893.

BELLAS ARTES

Sabemos que foi dissolvida a primeira exposição da galeria artistica que o nosso distincto e operoso artista Aurelio de Figueiredo fundara após incessantes obstaculos. Registramos pezarosos esta noticia; é mais um desastre para as nossas pobres artes, que estão condemnadas ao rachitismo que as nullifica. E' mais um dissabor porque passa o nosso Aurelio que, felizmente, já está affeito a esses resultados negativos, e assim não cabirá n'um desanimo prejudicial. E a causa deste desastre? A Politica, a eterna, a pavorosa Politica! Pois a exposição devia realizar-se no dia 6 e nesse dia realizou-se a... revolução!

Tivemos ensejo de, muito ás pressas, percorrer os dous locaes em que Aurelio aboletara os quadros.

Desprevenidos, sem contar com esse desfecho desagradavel, não guardámos os apontamentos indispensaveis para uma critica judiciosa e assim só appellando para a nossa memoria poderemos esboçar uma noticia.

Dos trabalhos expostos agradaramos muito os de Aurelio de Figueiredo, mormente um quadrinho que representa uma bella moça a tocar bandomolim. Apreciámos tambem algumas paizagens do Sr. Parreiras, mas não nos deixaram impressão inteiramente favoravel os trabalhos do Sr. Peres.

Além desses vimos um novo e excellente quadro do nosso infatigavel Pedro Weingartner.

O Sr. Brocos expoz tambem um trabalho que já figurara na sua exposição e creio que o Sr. Pedro Americo tambem tinha lá alguma cousa.

E' do que nos lembramos. Sentimos profundamente que houvesse fallado essa tentativa em pról das artes e, applaudindo a idéa generosa de Aurelio de Figueiredo, aconselhamos-lhe que não deixe de ser tenaz e de em breve realizar a exposição, desta vez mallograda, mas que futuramente ha de produzir magnifico resultado.

A. DE COBAL.

GAZETILHA LITTERARIA

N' *O Paiz* propoz-se o escriptor que alli usa com abundancia do pseudonymo *Ignotus* (o qual depois de haver sido immortalizado por Joaquim Serra, não devia mais ser levantado por ninguem) a estudar as idéas do grande Cezar Lombroso.

A tarefa é herculea porque as idéas do celebre sabio italiano, além de novas e reformadoras, são vastas e variadissimas — abrangendo a phy-iologia, a antropologia, a medicina legal, o Direito, a Sociologia, a Philosophia, a Litteratura, as Artes etc.

Para entendel as todas e todas criticar é preciso saber tanto como Lombroso e ter quasi igual talento. E' possivel que *Ignotus* o tenha.

Desejamol-o me-mo, para gloria nossa, brasileiros que somos todos.

Mas p'cos dois artigos publicados nada podemos prever ainda.

Apenas encontrámos no primeiro uma cousa notavel : a maneira por que *Ignotus* traduzio *tétes de mort*. Leiam :

“ São muito frequentes as *chaves e cabeças da morte*. As *chaves* significam o silencio guardado entre os ladrões e as *cabeças da morte*, a vingança almejada. ”

E' espantoso que o critico extraordinario que vae estudar as idéas de Lombroso ignore que *téte de mort* traduz-se por— caveira !

O trecho de prosa que hoje publicamos sob o titulo *D. Amor* forma um dos capitulos de um romance historico em que está trabalhando ha bastantes mezes Carlos Dias, moço de deztoit annos de idade.

Corre a acção da narrativa no reinado de D. Henrique e na suscrania de Felipe de Castella.

O joven autor tem ido com o mais attento cuidado beber ás fontes historicas os conhecimentos e informes indispensaveis a um trabalho desse gencro, de modo a embeber-se, a impregnar-se o mais completamente possivel do caracter geral, do *ar* da epocha, quer no att nente aos factos, crystallizados nas chronicas do tempo, como no respeitante aos usos, costumes, crenças, vicios, abusões, as mais características modalidades da alma social e a todo o colorido e córte da linguaagem da epocha.

A tarefa não é somenos para qualquer e sobreleva de peso e difficuldades para um mancebo de apenas desoto annos.

Se elle tem espadoas para tão dura carga vel-o-ão os leitores lendo o longo trecho que hoje lhes offerecemos.

A *Semana* sente se orgulhosa e contente de abrir a sua secção *Os que surgem* com a apresentação de Carlos Dias, certa de que nesse facto encontrará elle o encorajamento necessario para proseguir a sua rijja e gloriosa tarefa.

Poesia e poetas

EPIHEMERAS, por Silvio de Almeida, com um prefacio de Raymundo Correia. S. Paulo, 1893. 230 pags.

Silvio de Almeida é um poeta, marido de poetisa, a nossa collaboradora D. Presciliana Duarte de Almeida; um casal de sabiás que o amor unio e que espancam com os seus duetos melodosos as semsaborias desta vida prosaica.

Ephemeras seria um bom livro, se houvera sido reduzido á metade, sacrificadas sem dó as composições mediocres, umas, e más de todo, outias, que lhe apoucam o merecimento.

Duas palavras, porém, sobre o prefacio, antes de quasquer sobre o livro.

Raymundo Correia escreveu-o ha mais de anno (traz a data de 20 de março de 1892.)

As poucas paginas deste trabalho ressumbram desanimo e tristeza que; infelizmente para todos nós, não podem ser considerados manifestações do pessimismo que inspira a mór parte das obras litterarias destes tempos.

Como alguns dos conceitos do nosso illustre collaborador têm uma oportunidade completa no momento em que estamos, vamos transcrevel-os :

“ Na epocha tormentosa que atravessamos, quem sabe se os livros desta natureza podem abrir ao menos um refugio de paz ás almas descrentes e atribuladas ?

“ O coração dos poetas está sempre aberto para receber os que soffrem e são estes justamente que procuram nelle um refugio. A epocha actual é com effeito dura e penosa por demais para a vida do espirito.

“ Que vemos nós em torno ? O patriotismo, a abnegação heroica e as mais nobres virtudes deixam de ser uma realidade, evaporando-se em phrasés ôcas; affrouxam-se os laços da familia ; os protestos da verdade e da justiça são abaffados pelo rude choque das paixões mesquinhas ; a agiotagem campeia por toda a parte e vae tomando proporções de um verdadeiro saque ; o vicio deixou cahir a mascara e já se não dá mais ao luxo de a afivelar de novo ao rosto ; a hyppocrisia já então vae achiando melhor transformar-se em cynismo para assim viver vida mais commoda e folgada.

“ O aspecto sob o qual todas cousas são encaradas presentemente por uma litteratura doentia e *fin de siècle* traduz com triste exactidão esse máu estar que nos opprime e asphyxia num meio ambiente além, irreparavel.

“ Aqui erisontesdentro e fóra da patria, os homens se mostram cheios

de negros presagios, e sob o temporal imminente e prestes a estalar ninguem sabe para onde fugir. Semimo-nos nas saaperas sendo já em face de um imprevisto que nos apavora e só esperamos ouvir a todo o instante o tremendo : “ Salve-se quem puder ! ”

Dir-se-lia que o escriptor traçara essas linhas com a mais negra das tintas expressamente para a qua ira que estamos atravessando com espanto e magua.

Entretanto, ellas retratavam perfeitamente aquella em que foram escriptas. E' que as desgraças publicas que estão dissolvendo esta patria, tão futura outrora, vêm de longa data e, e ai de nós ! promettem prolongar-se !

Mas venhamos ao livro. Delle não faz critica o prefaciador, e, como todos limita-se a palavras de extrema amabilidade.

E' um livro desigual

Tem numerosas composições banaes no fundo, defeituosas na forma, sem novidade nenhuma.

Em todas ellas reconhe-se um estro facil, fluente, sensivel, capaz de surtos altos e bellos, se melhor cultivado.

Deixa de alternar as rimas, deixa de rimar frequentemente, abandonando agudos pelas estrophes sem lhes dar consoantes ; não conhece as regras da distribuição das rimas masculinas e femininas, faz versos frouxos e alguns errados. Abusa do soneto — abuso muito generalizado e que deve ser cohibido,

Entre tanto cascalho scintillam, porém, não raro pepitas de ouro de lei e em algumas o diamante jaz occulto.

Sirva de exemplo o soneto seguinte :

DEFRONTE DE UM TEMPLO

Ergues-te em vão no seio da cidade,
O' velho templo de soturno aspecto !
Por ti passou, em coleras desfeito,
O sopro aterrador da tempestade.

Abandonado ao pó da soledade,
Já não recibes religioso preito,
Já te não vive agora mais sujeito
O espirito viril da mocidade.

Debalde apontas para o céu aberto...
Tristonho, mudo, sepulchral, deserto,
Ao derradeiro dia te encaminhas,

Ao dobre derradeiro te adiantas...
Hão de, porém, chorar-te as almas santas
E o coração das frageis andorinhas !

Como esse ha numerosos trechos dignos de nota nas *Ephemeras*. Silvio de Almeida é poeta. Houvesse elle feito uma escolha rigorosa dos seus versos e nos teria dado um livro pequeno, sim, mas merecedor de encomios francos e applausos incondicionaes.

E se esta apreciação lhe parecer demasiado rigorosa leva-a em conta do merecimento que lhe reconhecemos.

Se fosse um versejador sem talento nem futuro, ou não escreveríamos tão longamente de seu livro ou só lhe dedicaríamos esses sovados rosarios de adjectivos que só aos parvos lisongeiam.

MARCOS.

PALHETA SUJA

Celebra a Naturcza a grande festa Da Primavera! O prado abre-se em flores, Lembrando uma aquarella de mil cores... Por sobre o verde glauco da floresta.

O Sol, do Azul, entorna os esplendores!... O branco, a simples cor, simples e honesta, As azas tingi á mariposa lesta. Parecem de aço e de ouro os beija-flores...

Rubor de incendio lavra no horisonte; As rosas ennodam-se de sangue; De anilado capuz cobre-se o monte;

De fumo a choça o alvo pendão desfralda... De breu parece todo feito o mangue E o campo feito todo de esmeralda.

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

PESADELO

A LUIZ ROSA

Crepusculo de Maio. Nevoento e triste, o frio aspecto da paisagem que meus olhos contemplam n'uma especie de abstracção enferma, lembra-me — branca de neve — alvo sudario amortalhando gigantes. O céo, baixo e torvo, pulverisa sobre o algido cadaver da floresta finissima chuva de neve, que tomba devagar, monotonamente, em fios cortantes e quasi imperceptiveis, alastrando o cabeço das arvores immoveis e as profundezas da matta sombria e compacta.

Nem um echo em toda a vasta extensão que me rodeia—verde escura, toucada de neve! Um silencio de morte — ôco e aterrador — causa arrepios, communica uma extraordinaria, uma estúpida sensação de catalepsia.

Vê-se perfeitamente, nitidamente, como por um vidro muito claro, o contorno das arvores collossaes, os altibaixos do terreno, as depressões do sólo, a herva rasteira, medrando timida á beira dos precipicios; mas não se pode fallar, porque o frio géla a glotte e o silencio gela a alma.

Como deve de ser medonha a branca região dos gelos eternos!

Extenuado ao peso da minha desgraça, tiritando como um cão tosquado, rilhando os dentes n'uma penosa ancia de calor, os braços cruzados, o cabello escorrendo neve, fui andando, andando sem destino, como um somnubulo, completamente perdido, completamente desorientado, só n'aquelle immenso deserto, onde a vida humana era quasi impossivel.

Veiu a noite, noite escura e profunda, sem o conforto de uma restea de luz, sem o tibio reflexo de um fogo fatuo, sem ao menos a phosphorescencia de um olhar de fera — noite de pesadelos horriveis, escuridão absoluta!

E quando, bebido de sonno, as palpebras pesando como chumbo, eu me dispunha a dormir o meu primeiro sonno de criminoso, cortado de remorsos, cheio de sobresaltos, eis que acórdo, e a luz boa e tepida do dia, — esse tonico ineffavel que nós bebemos pelos olhos, — traz-me a comprehensão nitida da vida, e logo uma voz carinhosa, uma voz de mulher, avelludada e doce:

— Acórda, preguiçoso: ollia que é dia!

E um beijo fresco e sonoro disse-me alto que a realidade é sempre melhor do que o sonho...

AD. CAMINHA.

CORREIO

SR. R. P. DE S.—Se V. S. soubesse quanto fiquei divertido com o seu soneto—“Sombras da noite”!... Qual! não póde imaginar!... Basta dizer que neste soneto encontra a gente de tudo, como na botica! Sombras, esplendores, “condores de olhares phosphoricos”, creio que mesmo uma caixa de fosforos de segurança, sereias boiando em ondas ardientosas (esta cá me fica!) o “Rigoletto” “em esgares de transviado da razão,” o diabol! Até o rei Lear! Para ser um theatro completo o seu soneto, só lhe faltou um dos galhos do “Carneiro Preto,” uma lasca do “Bendegó” e algumas talhadas do “Abacaxi.”

E' um thesouro de preciosidades.

Se o Sr. o servisse á gente em fatias finas, polvilhadas com um pouco de grammatica e com uns pingos de senso commum, seria mesmo gallinha! Como lhe falta este tempero e nós cá na

“Semana” somos uns pobres dyspepticos, não temos remedio senão pôr de lado o seu angú de negra mina.

SR. I. G. Q. T. NTHONHA.—Permitta-me, moço, que eu dê ao publico uma amostra de seu rico-trabalhinho que tem por titulo “Nova Lyra.”

Lá vae obra:

“Guerra Junqueiro, Guerra Junqueiro,
Vate sublime
Dentre os poetas o mais guerreiro!
Guerra Junqueiro, Guerra Junqueiro,
Vate sublime!”

Bom democrata, bom democrata,
Cheio de fé,

Tua poesia tanto arreбата!
Bom democrata, bom democrata
Cheio de fé.

A' vista d'isto, vou responder-lhe pela mesma toada. Consinta que eu afine a minha bandurra pelo seu urucungo. E afinada ella... lá vae fazenda:

G. Q. T. Nhonha, G. Q. T. Nhonha,
Vate muquiche!
Quem faz d'aquillo não tem vergonha,
G. Q. T. Nhonha, G. Q. T. Nhonha
Vate muquiche!

Bom patarata, bom patarata,
Cheio de asneiras

Como cultivas bem a batata
Bom patarata, bom patarata
Cheio de asneiras.

Teu pobre tacho, teu pobre tacho
P'ra que elle sõe

Nada de nicas, dá-lhe p'ra baixol
Teu pobre tacho, teu pobre tacho
P'ra que elle sõe.

SR. A. R.—Os seus rimados “Sinos ao longe,” soneto, é melhor deixal-os ficar na 3ª parte do titulo. Ainda se elles bimbalssem alegremente como um carrilhão em dia de festa, sim senhor; mas qual carapuças! vem dobrando a finados, os infelizes! Não, meu amigo, de sinos rachados andamos nós fartos.

SR. HEITOR.—Se o Sr. tem a feliz idéia de metter a lima com vontade no seu soneto, meu amigo, abiscoitava para o dito, um lugarzinho na SEMANA, porque elle para que digamos não é inteiramente detestavel; mas assim, tenha santa paciencia! o pobresinho não entra cá, não, mas Deus é grande!

Limado, poderia vir a ser um soneto muito razoavel, mas assim, sem ter chuchado limadura, queira me perdoar, mas... não passa de uma limonada purgativa. Portanto... fique a ver por um oculo a sua “Miragem” e convença-se de que as miragens são mesmo assim (excepção feita apenas da “grata miragem” do Sr. Thomaz Ribeiro).

SR. V. V. DO E. S. JUNIOR.—Li o seu "Nocturno" e, palavra! meu inspirado Sr. Junior, palavrinha que... sim, como o outro que diz, não lhe achei... com perdão da palavra, não lhe achei nenhum furo lá p'ra que digamos. Isto é: lá furado está elle e bem furado; mas quero eu dizer cá na minha, dizendo: não tem furo, que o "dito cujo" não tem fundamento.

Em bom portuguez, pés e cabeça, pés e cabeça é o que elle mesmo ao todo não tem, nem tanto como a metade de uma unha!

Pois se elle, o desgraçadito, além dos esparavões que Deus lhe deu, é, bem igualando, mal comparando, uma gaiola! E querem saber de que? de passaros de "azas tricolores"; notem bem: tricolores!

Vejam só isto. São francezes e patriotas como todos os diabos! Porque verdade, verdade, ha por ahí muito bom francez que não é lá inteiramente tricolor. Mas os passaros do Sr. Junior!... Ah! os passaros são! E para serem completos só lhes falta, a elles, os maganões, cantar a Marselhesa. Mas em compensação dizem "oul" com muita graça e pelam-se por "haricots verts" regados a Bordeaux. E mais não digo.

SR. V. A.—Relativamente á sua estopada, em prosa de fios d'ovos sem titulo, para maior desespero dos leitores que pudesse ter (mas que, felizmente para elles... não terá) cumpre-nos dizer-lhe simplesmente que não tem café com leite não, mas Deus é grande.

SR. A. F. DE O.—O seu soneto que assim começa:

"O meu berço natal... ainda o vejo," está quasi na conta; infelizmente para ser bom faltou-lhe o tal *quasi*. Se assim não fosse o Sr. teria dado um couce no diabo, salvo seja!

Ah! se o Sr. conseguisse arredar de cima do desgraçado soneto aquellas *paredes mansas* que o estão bravamente escarrapachando, elle seria o que se diz *obra*!

Veja se o desentulha; — picareta nelle! um pouco de lima por contrapeso, e estará salvo o pobresinho (Deus lhe falle n'alma!)

ENRICO

COLLABORAÇÃO

FANTILA

Treva em tudo; no ceo immenso, de negro obumbrado, nas choupanas e nos palacios; onde as luzes se apagam para o somno e para os sonhos. Sonhos tristes povoados das visões dos pesadelos. Perpassa um sopro gelido de morte e de extermínio, essas ramas, que vergam saculejando gottas de chuva, lagrimas frias da noute que agonisa.

Nem um pyrillampo a scindir o negro-me immenso, nem um pipillo a contras-

tar audaz com os rugidos medonhos da tempestade. Ha estalidos horriveis nas velhas arvores, farfalhos d'azas que tremem nos ninhos, rugidos stertorosos de feras que são atingidas pelo fracasso das arvores.

Estremecem os ninhos nos troncos duros. Almas do arvoredado, porque choraes? Tremem os vossos corações, choram os filhinhos implumes, pipillando trémulos e a noute, sem luz, soluça, também, angustiada e afflicta.

Que é das estrellas de branda luz e dessa lua que rendilha de luz a cupola pequenina do vosso pequeno lar e envia pela sua portinha um nimbo que vai acalantar os vossos corpos repousados para a labuta do dia seguinte?

Perpassa as ramas um sopro de extermínio e de morte. O proprio vento na sua furia indomita parece chorar e chorar: e gemem as aguas do rio onde bebéis e onde vos banhais.

Ai, almas do arvoredado, harmonias das lucidas manhãs, Fantila morreu e Fantila era a luz do vosso olhar, a melodia dos vossos gorgelos...

Que frio, Deus, que medo desses uivos de chacacs a fazerem coro com a tormenta. Que frio, Deus, e que desdita nos opprime, cerrados os olhos por essas trevas profundas, constringido o coração por esse rugir de tormenta, por esses uivos das feras!

Ai, lá se desfolham as flores, lá se destroe um ninho. Bordejам as petalas sobre o rio; aqui um passaro jaz enregelado, ali umas palhas quentes ainda do contacto de vossas azas, encharcam-se na lama; além cahem fios de perolas da ramaria. Choraes, almas do arvoredado?

Que é da luz, que é do perfume? Fantila morreu e Fantila era a luz. Almas do arvoredado, porque soluçoes? porque tremeis?

Nem uma estrella no ceo infinito, nem lua e nem brisas. Que frio, Deus e que medo dessas trevas!... Mas porque choraes, passarinhos?

O ceu se abre em esplendores. As vossas almas choram quando o ceu sorri... O sol de ouro, o vosso companheiro das manhãs d'outomno, as estrelinhas que brilham sobre as ondas nas noites calmas e os pyrillampos fugazes pairam lá em cima. Lá ha luz, ha risos e ha canticos. Lá ha ventura e ha gosos. E vós choraes...

Fantila era a luz; onde o seu logar? Lá se desfazem as flores e se destroe um ninho. Onde o perfume, onde as harmonias das lucidas manhãs?

Choraes, almas do arvoredado, quando o ceu se abre, pleno de luz, para receber essa outra luz que é Fantila, a melodia do vosso cantar.

LIL.

(Das "Fantasias.")

Na walsa

Olhei... antes: olhámo-nos... ethereo
Sonho vago tivemos febrilmente...
Havia em teu olhar qualquer mysterio,
Nos meus olhos havia brilho ardente.

E subimos sonhando á azul morada,
Sentindo o palpar dos nossos seios:
Minh'alma delirante, extaziada,
Ta louca voando entre receios.

E quando teus cabellos, se agitando,
Rogavam-me de leve, eu despertava
D'essa doce illusão. De quando em quando,

Seotindo o labio teu que me beijava,
De novo adormecia, e então sonhando,
Louca minh'alma para o céu voava!

João Werneck.

MUSICA E DANSA

No sabbado, 9 do corrente, fomos gentilmente convidados para dois excellentes bailes, um no *castello* dos Democraticos e outro no *poleiro* dos Fenianos. E' inutil acrescentar que estiveram á altura desejada aquellas excellentes festas, realizadas por dois grupos de rapazes da moda, em extremo correctos e cheios de verve. mas de uma verve nunca vista senão n'aquelles templos carnavalescos, onde a alegria esvoaça abrindo as suas azas d'oiro e onde não ha tristezas nem maguas, nem pezares, nem dores. Duas festas esplendidas, ás quaes não faltaram adoraveis filhas de Eva, risos e luz, muita luz de olhares quentes e perfume, muito perfume de sonhos que uma noite de baile proporciona, ruidosa e quente, festiva e alegre.

Um bravo aos Fenianos e um hurrah aos Democraticos!

Por motivo de força maior ficou transferido para quando se annunciar, a segunda audição do clarinetista portuguez Sr. José Barreto de Aviz, festa que devia ter-se realisado no dia 10 do corrente, no salão do Club Gymnastico Portuguez.

J. SONORO.

THEATROS

A companhia lyrica do Sr. Ducci parece que se desfez. De Marchi, Rossi, de Grazia e Carolina Zauner já estão, a esta hora, em terras europeas ou perto dellas.

E' certo que aqui se acham o grande Mancinelli, e as inolvidaveis Sras. Adalgisa Gabbi e Olympia Boronat, e o applaudido Sr. Camera, todos os professores da orchestra, e o Sr. GabrieleSCO que, na Tijuca, readquire dia a dia a saude perdida. Mas não

creio que o Sr. Ducci pense em reencetar as representações. Seria mesmo impossível...

D'ahi póde ser que ô infatigavel empresario dê alguns concertos para compensar o prejuizo que tiveram os assignantes e para adquirir os meios com que satisfazer aos seus compromissos para com os distinctos artistas.

Nos outros theatros houve... escuridão. Nenhum abriu, salvo o *Apollo* onde o aciduloso *Abacaxi* parece desafiar as metralhadoras do Sr. Custodio e os canhões do Sr. Floriano.

Nestes ultimos dias tem reapparecido a coragem que emigrára desta capital e alguns theatros abriram suas portas.

O *Recreio* deu hontem a primeira do *Diogo Alves* e o Variedades dá hoje a primeira da comedia *A Sra. Sargenta*.

O S. Pedro reabre hoje com *A sociedade onde a gente se aborrece*, peça em que muito se diverte a gente.

FLAMINIO.

OS COLLEGAS

Noticiamos de uma só vez o apparecimento de mais dois numeros do *Album*, de que é redactor Arthur Azevedo.

São os numeros 37 e 38, dois escriptorios de facetadas joias litterarias pelo muito que contém de bom, quer em poesias, assignadas por Adelino Fontoura, Figueiredo Pimentel, D. Georgina Teixeira, Julio Cezar da Silva, Cunha Mendes e outros, quer em excellentes contos de Moraes Silva e A. Foscolo, etc. etc. A adoravel *Chronica fluminense*, do Arthur lê-se, como sempre, do inicio ao fim, aos poucos, para bem saborear-lhe a correcção da linguagem e a firmeza dos conceitos. O n. 37 dá o retrato e esboço biographico do nosso illustrado collaborador Dr. Henrique de Sá—esboço que transcrevemos, como prova de estima d'*A Semana* ao seu sympathico auxiliar. O n. 38, dá um bello retrato do illustre Dr. Luiz Cruls.

Visitou-nos tambem o n. 665 da *Revista Illustrada*, a conhecida revista, sempre nova e sempre espirituosa e feliz na critica dos principaes acontecimentos da semana. A adoravel collega traz na sua pagina de honra a figura veneranda do invicto marechal visconde de Pelotas, e na ultima fidelissimos retratos de Eva Tetrazinni, Scotti e outros artistas de merito da companhia ly-

rica Ferrari, presentemente em excursão pelo estado de S. Paulo.

Agradecemos penhorados a visita amavel da *Revista*.

AOS COLLEGAS

A todos os collegas de imprensa pedimos a fineza de declararem a procedencia dos trabalhos que das nossas columnas transcreverem.

Podiamos reservar-nos o direito de prohibir a reproducção. Não o faremos, entretanto, senão para os trabalhos cujos autores o exigirem.

A DIRECÇÃO.

Factos e Noticias

Por falta involuntaria deixámos de noticiar no nosso ultimo numero a realização de uma festa civica promovida pelo "Centro Artistico", em homenagem a José Bonifacio. Aquella festa realizou-se, com effeito, no dia 7 do corrente, ás 11 horas da manhã, sendo o prestito civico composto dos membros daquelle centro, do nosso amigo e distincto artista Belmiro de Almeida e desta redacção.

Chegado o prestito ao largo de S. Francisco, pronunciou o Dr. Raul Pompeia magnifico discurso e em seguida foram collocadas sobre o pedestal da estatua do grande e sempre lembrado patriota José Bonifacio, tres corôas de muito gosto artistico.

Pelo Sr. Dr. Aureliano de Campos juiz seccional de Republica, foi julgada improcedente a denuncia dada contra o Sr. Raul Villa Lobos, 1º official da Bibliotheca Nacional, sobre o qual pesava, ha alguns mezes, a mais calumniosa e acabrunhadora das accusações.

Parabens.

A POLITICA

Damos um presente a quem nos disser, com franqueza e com plena convicção, quaes serão as consequencias finaes dos factos politicos derivados da revolta da esquadra e que vão despovoando a nossa sebastianopolis pacata. Damos um presente a quem nos disser francamente o que sahirá de tudo isto, de todo este mo-

vimento de tropas, de todos estes tiros de canhões atroando os ares com os seus ribombos medonhos e pavorosos, capazes de mudar toda uma população para os campos, para os logares ermos dos suburbios silenciosos, como nos aconteceu ha bem poucos dias a nós, a todos nós, população do Rio de Janeiro.

O Boato começou a correr a cidade alli pelas 6 horas da manhã do dia 13 do corrente. Vinha preocupado, olhos em braza, e cançado de correr ruas e largos, quando entrou triumphalmente a rua do Ouvidor, parando de porta em porta, detendo-se de grupo em grupo, para insuflar noticias aos que conversavam sobre politica, para amedrontar, fallando baixo ao ouvido dos que passavam serenos ou já um tanto prevenidos, olhando para o alto céu onde pairavam, amontoando-se, nuvens negras de refrega proxima.

E o Boato ia de grupo em grupo, de porta em porta, semeando noticias, alarmando espiritos e amedrontando as rodas, quando, alli pelas 11 horas, a cidade foi visitada por algumas bombas e granadas. O Boato saltou de contente e a população, abandonando os lares, n'um desvario louco de fuga precipitada, entrou em wagons e bondes e fez-se transportar para longe da cidade, que segundo se dizia ia ser totalmente reduzida a cinzas. Mas não o foi.

Não o foi, mns nem por isso se desatou o terrivel nó que ainda traz engasgada a população—o nó hysterico que proveio do terror, do medo incoercivel e o extranho pavor que se espalhou por ahi além, — do caes Pharoux á cidade nova e da rua do Ouvidor á Tijuca e adjaências. Os jornaes nada dizem, estão silenciosos e mudos; só os nossos collegas *O Tempo*, *Diario de Noticias* e *O Paiz* continuam a declarar-se extremamente, convictamente governistas, se bem que este ultimo orgão de publicidade no seu numero de 20 do corrente dê como certa a partida de uma flotilha revolucionaria para fóra da barra, com o *Republica* á frente; caso esse que nos dá que pensar e no qual piamente acreditamos porque é noticiado com todos os visos de verdade pelo collega governista, que, por ser do governo mesmo, ou defendendo-lhe a politica, deve saber das causas muito melhor

do que os outros e do que nós, humilde folha litteraria, para quem a politica foi, é, e será sempre estranha. Em todo caso digamos como o nobre collega :

Aguardemos os factos.

Tratos á Bola

Caros e piedosos ouvintes !

Como o bombardeio tivesse tomado a palavra nesta nossa terra, pacata, tratei de arregaçar o burel e, dando selo aos calcanhares, fui pregar a outra freguesia, onde as balas fossem apenas de assucar e longe de nos arrombar o cinastro, nos delectassem o paladar.

Isto de ameixas, cá para o velho frade, só daquellas que me são offerecidas pela madre Abbadessa, em calda, isto é: em calda ellas as ameixas e não a madre, entenda-se.

Agora um pouco pacificadas as cousas, volto ao tiroteio, porém, das charadas, que é muito mais divertido e muito menos mortifero.

A ellas portanto.

Tem a palavra *Thiano* e *Feroz*.

LOGOGRIPO

(Por letras)

Ao som d'aquelle instrumento— 1, 4, 8, 5, 6.
Vou p'ra o baile isto dançar;— 3, 2, 7.
Para ver se assim consigo
D'cste jogo me esquivar.

Thiano.

ANTIGA

De pé não se aguenta— 1
Na chamma se abrasa— 2
Não é na cidade
Que está minha casa.

Feroz.

Agora, o dêgas :

1ª

Se a primeira co' a segunda
P'ra adiante sempre segue,
A primeira co' a terceira,
Caminhar já não consegue.

Se a primeira e m a quarta
Tambem segue p'ra adiante,
A terceira e m a quarta
Destroe tudo num instante.

Não dou conceito
Por que é sujeito
Que, com effeito,
Não tem conceito.

2ª

Nem ella é boa nem está distante;— 1— 1.
Nem está distante nem boa é.
Quer de trás para adiante,
Quer de deante para traz,
Nella descanso sempre t ás,
Terás descanso nella, olaré !

3ª

DECAPIADA

(Por syllabas)

Tome sentido no cranco tendo-a !—
E, tendo-a no olho, de ver não deixe,—
Que ella está cheia, mas não de amendoa,
Meu bom amigo; mas, sim, de peixe.—

Que contrahio-se bem se d'visa.—
Por isso, mesmo sem ter conceito,
Vaes decifral-a sem suar camisa
E sem que fiques com dor de peito.

4ª

NOVISSIMAS

I

Não é mau na barra; mas não está comigo porque destroe.— 1-1-2.

II

A Terça é irmã do jornal— 1-2.

III

Compra este poeta, porque é poeta italiano.— 2-2.

IV

Na musica, na musica, na musica— 1-1.

E por hoje fecho a rosca.

Ao primeiro decifrador, já se sabe, um premio de replica ponto, o mais puchado á sustancia que for possível.

Assistem, portanto, as baterias.

Antes de concluir não posso deixar de dizer á amavel *Lilacea* que cá está o *bibi* á espera de sua proveitosissima collaboração. Mande-nos essas perolas, que serão de ora avante as contas do rosario do velho frade, que outro não é senão o cada vez mais rheumatico

FREI ANTONIO.

P. S. — Manda a verdade que eu aqui confesse, não os meus peccados, mas simplesmente que *Harry Clifford* é um barra, que logrou decifrar toda a ultima *charadancia* com que regalei os meus pios leitores da vez passada.

E de novo cá o espera o mesmo,

FREI ANTONIO.

ANNUNCIOS

ESTABELECIMENTO HYDRO E ELECTRO-THERAPICO

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado

115 — Rua Sete de Setembro — 115

Rua da Carioca, 12 e 14

FILIAL EM PETROPOLIS

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A' CASA PASCHOAL

CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133

Importação por todos os paquetes

Completo sortimento de chapéos para homens, senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.

Rio de Janeiro

Gabinete de Cirurgia e Prothese Dentaria

DE

A. F. DE SÁ REGO

1 — Rua de Gonçalves Dias — 1

Este importante e antigo Gabinete, tendo passado pela, reformas exigidas pelos processos da moderna odontologia, acha-se equiparado áos melhores da Europa pelos esplendidos apparatus e instrumentos de que dispõe habilitando-o a apresentar trabalhos

ainda pouco conhecidos no Brazil

Collocação de dentaduras fixas, sem chapa, e sem extracção de raizes ou dentes

TRAVAIL A PONT

Extracção de dentes sem dor, por meio do *Coryl* de M. M. JOUBERT, de Paris. Apparhos para correcção das anomalias de implantação, obturadores para a abobada palatina e veu do paladar, etc., etc.

Obturação e reconstrucção de dentes a ouro perfeitissimas.

Concerta-se qualquer dentadura que não esteja perfeita na bocca, mediante pequena retribuição.

Consultas e operações das 8 horas da manhã ás 10 da noite.

RIO DE JANEIRO

LIVROS

adoptados em diversos Estados do Brasil

A VENDA NA

LIVRARIA CLASSICA

DE

ALVES & COMP.

46 Rua Gonçalves Dias 46

F. Carvalho: primeiro livro de leitura.....	1\$500
F. Carvalho: segundo livro de leitura.....	2\$000
F. Carvalho: terceiro livro de leitura.....	2\$500
Hilario Ribeiro: Cartilha Nacional.....	\$500
Hilario Ribeiro: novo 2º livro de leitura.....	1\$000
Hilario Ribeiro: novo 3º livro de leitura.....	1\$000
J. Ribeiro: grammatica portugueza 1º anno.....	1\$000
De Amicis: O Coração, 1 vol.....	1\$500
Barker: Taboadas.....	\$100
Couturier; Arithmetica da infancia.....	\$400
NOÇÕES DA VIDA DOMESTICA, por Felix Ferreira, 8ª edição muito melhorada. Obra premiada na Exposição de Pariz em 1892.....	2\$000
LIÇÕES DE COUSAS, para crianças de 5 a 8 annos com muitas illustrações, por Zaluar.....	1\$000
NOÇÕES DA VIDA PRATICA, (Lições de Cousas) por Felix Ferreira, 1 vol. de 507 paginas, impresso e illustrado em Pariz, com 200 gravuras.....	3\$000
PATRIA E DEVER, (Elementos de Educação Civica e Moral), por Hilario Ribeiro, 1 vol. in. 16 cart.....	1\$000
A HISTORIA DO BRASIL ensinada pela biographia de seus heróes, por Sylvio Romero, 1 vol. in-16.....	1\$000
CATECHISMO CONSTITUCIONAL, da Republica dos Estados Unidos do Brasil, contendo toda a Consstituição em fórma de Catechismo e augmentado de numerosas notas explicativas do texto, por J. Borges Carneiro, 1 vol. enc.....	1\$000
PRINCIPIOS DE COMPOZIÇÃO, descripções, narrações, cartas, etc., segundo o programma, 2ª edição correcta e augmentada, por Guilherme do Prado, 1 vol. in-16 cart.....	1\$000
TRECHOS DOS AUTORES CLASSICOS, adoptados pelo governo para os exames geraes de preparatórios, por Guilherme do Prado, 3ª edição, 1 vol. in-16 cart.....	1\$000
COMPENDIO DE ANALYSE LOGICA, precedido de noções de syntaxe e rhetorica, por G. Ch. Raoux Briggs, 1 vol. in-16 cart.....	1\$500
TRECHOS ESCOLHIDOS PARA OS EXERCICIOS GRADUADOS DE ANALYSE LOGICA, por Filisberto de Carvalho, 1 volume in-16 cart.....	1\$000
ANALYSE SYNTHATICA, novo methodo theorico e pratico, obra aprovada pelo conselho director da instrucção publica e adoptada por ordem do governo nas escolas publicas, e para exames de portuguez, por A. E. da Costa e Cunha, 1 vol. in-16 cart.....	1\$500
COMPENDIO DA GRAMMATICA da lingua nacional, por Antonio Pereira Coruja, 1 vol. cart.....	1\$000
METHODO PARA O ENSINO DO DESENHO, por Olavo Freire, curso elementar, 1ª classe, tres cadernos, que se vendem separadamente; cada um.....	\$300
ARITHMETICA das escolas primarias organizada de accôrdo com os relativos preceitos pedagogicos, por Felisberto R. Pereira de Carvalho, 1 vol. in-32 cart.....	\$800
GUIA PEDAGOGICA DE CALCULO MENTAL e uso do contador mecanico ou "arithmomeiro" no ensino elementar da arithmetica, traducção e adaptação ás nossas escolas, pelo Dr. Alambary Luz, 1 vol. in-16 cart.....	2\$000
ARITHMETICA, methodo para aprender a contar com segurança e facilidade, por Condorcet, 1 vol. in-32 cart.....	\$600
ARITHMETICA PARA MENINOS, contendo unicamente o que é indispensavel e se póde ensinar nas escolas de primeiras letras por A. A. Coruja, 1 vol. br.....	\$200
GEOGRAPHIA-ATLAS, contendo oito mappas seguida d'um ligeiro esboço chronologico da historia do Brazil e de algumas noções de cosmographia, dedicado á infancia por monsenhor C. Couturier, segunda edição, muito melhorada pelo bacharel Alfredo Moreira Pinto, 1 vol. meia cart. obl.....	1\$000
CHOROGRAPHIA DO BRASIL (Rudimentos), para as escolas primarias, 2ª edição ornada de tres cartas, pelo Dr. Moreira Pinto 1 vol.....	1\$500
EPITOME DA HISTORIA DO BRAZIL, pelo Dr. Moreira Pinto 2ª edição illustrada com retratos de homens illustres do Brazil, 1 vol cart.....	1\$000
HISTORIA UNIVERSAL (Rudimentos), de D. Maria Emilia Leal, 1 vol. in-16 cart.....	2\$000
NOÇÕES DE HISTORIA DO BRAZIL, adaptadas á leitura nas escolas, por Coruja, 1 vol. cart.....	2\$000

Dr. R. Rajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas

Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE

FLORES ARTIFICIAES

Ribeiro de Carvalho & C.

RUA DO PASSEIO

Têm sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas, flores, etc., etct

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 - RUA DA QUITANDA - 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 - Laranjeiras

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade: Partos e Molestias das Senhoras

Residencia e Consultorio:

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

PIANOS E MUSICAS

FONTES & C.

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

Papelaria LUIZ MACEDÓ

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.

Completo sortimento de livros e objectos para escriptorio e de fantasia.

A SEMANA

DIRECTOR: VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escriptorio, rua dos Ourives n. 71, 2.^o andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, - 30 DE SETEMBRO DE 1893

KXPEDIENTE:

Assignatura annual.	12\$000
„ semestral	7\$000
Numero avulso.	\$200
„ atrazado	\$300

SUMMARIO.—Historia dos sete dias, José do Egypto.—Questão scientifica, Drs. Domingos Freix e B. de Carvalho.—A' mãe (soneto), Luiz Delfino.—Poesia e Poetas, R. Octavio e A. Magno.—Leituras, M. Valente.—Antes do baile (poesia), H. de Magalhães.—Chronica dos livros, O. Letudo.—Factos e Noticias. Theatros, P. Talma.—Correio, Eurico.—Tratos á bola, Frei Antonio.—Archivo.

Historia dos sete dias

Ha entre todas as artes uma notavelmente grave e difficil. Ides saber qual seja, espavoridos leitores, que menos que ás balas sobrevivestes ao susto.

Não é *A arte de amar*, de Ovidio, nem *A arte de furtar*, do padre Antonio Vieira, nem *A arte de ser avô*, de Victor Hugo, nem *A arte de ser feliz*, nem a *A arte de cozinhar*, de que são mestres Savarin e Monselet, nem a de falar, que Cormenin tratadizou, nem a de calar a tempo, nem a de enriquecer sem trabalho.... Nenhuma dessas.

E' a arte de ler entre as linhas.

Na escripta litteraria existem, como na musical—linhas e espaços. Nesta, porém, as notas escriptas nos espaços tem valores determinados, são visiveis. Para lelas basta ler musica. O contrario na outra. O escriptor escreve mais entre as linhas que nas linhas. Para lêr não basta saber lêr o que está escripto visivelmente—nas linhas; é preciso lêr tambem o que se escreve invisivelmente—nas entrelinhas. Ta'ito assim que quando um artigo tem grande alcance, intenções compridas, mauda-se ao compositor que lhe augmente, que lhe dobre as entrelinhas.

Porque? Porque o espaço commum entre as linhas não lhe basta para tudo quanto tem o autor a dizer.

A materia é subtil e, por nosso infortunio, meu e dos leitores, a penna de quem o trata não o é bastante para bem tratá-lo.

Vou esforçar-me por ser claro.

Passou em julgado e virou dogma que a palavra foi dada ao homem para encobri-lhe o pensamento.

A maior desgraça do mudo é não poder mascarar com o véo espesso da palavra as sensações e os sentimentos que o rosto espelha. Sinceridade forçada. Que é a rethorica senão a arte de provar tudo por

labeis combinações de vocabulos, entretecidos por tropos e figuras?

As maiores cousas são ditas com os olhos, com as mãos, com o jogo dos traços physi-nomicos.

As expressões mais fortes, mais eloquentes, quer discr: mais sinceras, são as expressões do rosto.

Já o bom e velho Bocage o disia:

Eu antes quero
Muda expressão:
Os labios mentem,
Os olhos não.

Pois é. Falar é sempre mentir, porque nunca jamais consegue a lingua reproduzir com exactidão e justesa o que pensa o cerebro e quer o coração.

A lingua ou diz de mais ou de menos—falsidade sempre. Lingua falante ou escrevente, que tudo, artigo ou discurso, tudo é lingua.

A agulha espetada na de Cicero é um symbolo, é a condemnação irreparavel da palavra, mascara venal da ideia.

Escriptor, que tal nome e titulo mereça, só escreve o que não escreve.

Estão rindo do jogo destas palavras, achando aninhada nelle a vespa verde-oiro de um paradoxo. Se isso fosse, seria isso a confirmação da minha these. Mas não é. Só se escreve realmente aquillo que se não escreve. Corollario: é no branco das entrelinhas que se deve ler o que *escreve* o autor. Mas escreverão todos elles—entre as linhas? Não, nem todos; por isso distingui logo: “escriptor que tal nome e titulo mereça....”

Os que só na pauta sabem escrever não são escriptores: são escreventes; não escrevem, fazem e juntam letras. Por isso é que não constituiu “a arte de escrever entre as linhas”; ella é a propria arte de escrever.

“Ler entre as linhas,” sim, é que é uma arte especial e grande e difficil como a de ser feliz.

Qual o processo geral da leitura?

Os fios das letras, agrupadas em palavras, são trilhos e a intelligencia um vagão electrico; admitta-se.

Mette-se o vagão nos trilhos e ahi vai a gente por meio dos olhos, ou da vista dos dedos (que é nelles que estão os olhos dos cégos) viajando pelo que está escripto, *vendo* o que lá está expresso.

Esse é o processo commum. Mas isso não é lêr: é comer letras.

Lêr é *ver* o que ellas escondem, entender o que o escriptor *não escreve no que escreve*.

Quereis um exemplo? O exemplo é a lição materializada. Busquemol-o na actualidade, para não sahir da semana.

Quaes os jornaes que *mais tem escripto* sobre os acontecimentos politicos que nos estão agitando ha quasi um mez?

Os que enchem columnas e columnas com elles?

Não; mas justamente aquelles que menos delles se occupam.

Mais dizem os que menos falam.

O antigo chefe do extincto partido conservador era o maior orador da Camara e do seu tempo.

Seus raros discursos eram preciosos pelo que deixavam de dizer e que todos, não obstante, ouviam distinctamente.

O que é que todos procuravam ler no *ex-grande orador*? O seu silencio.

Quando elle, por fim, se dignava de escrever, lembraes-vos com quantas entrelinhas o fazia?

Já vedes que não é paradoxo o que tenho vindo escrevendo



Mas a que proposito veio isso, paradoxo ou não? me perguntareis. Já vol-o digo.

E' uma historia da minha mocidade.

Morava eu em uma villa do interior, bom lugar de boa gente e bellas arvores. Mas de gente que, como era pouca e desoccupada, vivia a rixar de continuo, para distrahir-se.

Como não me aprouvesse essa diversão, substitui-a por um jornal; um periodico semanal, como este, mas muito mais pequeno e impresso como Deus sabia e talvez saiba ainda.

Chamava-se *A Idéa*. Enchia-a eu de artigos guindados, fogosos, sobre essas entidades, tão lindas quanto abstractas, que tanto nos delectam e tauto bem nos fazem, ua bella quadra da primavera da vida—a Justiça, a Liberdade, a Igualdade, o Direito, o Amor Universal... Disso e de versos.

Ora aconteceu que uma feita brigou o delegado de policia com o chefe dos canoieiros.

(O logarejo era á beira de um rio, largo mas pouco fundo, por onde fazia naquelle tempo o commercio o transporte das mercadorias e a lavoura o de seus productos.)

Sendo o assumpto, além de momentoso, monumental, entendi não poder eximir-me de tratá-lo. Como era, porém, extremamente delicado, porque se o chefe dos canoieiros não tinha por si a razão, tambem o delegado tinha suas culpas bem boas no cartorio, fiz e publiquei n'*A Idéa* um artigo imparcial, mas escripto para ser lido entre as linhas.

Ninguém o leo por ali. E o resultado foi que me consideraram *ambrosista*. (O canoeiro-mór chamava-se Ambrosio.)

Era o diabo, porque, advogado, homem da lei e da ordem, não me ficava bem ser tido por sustentáculo da hydra fluvial.

As cousas agravaram-se. Houve combate. O delegado tentou vencer as canoas, mandando gente sua agarrar-as a nado. Mas o Ambrosio metralhou-a a aboboras, batatas, pepinos, todas as munições de... boca que tinha nas canoas de que era dono. Foi horrível. A villa estava no ar. Não havia mais socego.

Cidadãos pacatos, a jantar, recebiam á sobremesa, pelas janellas, laranjas e limões... na calha e no corpo. Um pavor! Fecharam-se as duas vendas, a botica e o barbeiro.

O delegado teimava em defender o seu direito e o principio de autoridade que representava—no que fazia muito bem. O Ambrosio, senhor do rio e dos chavecos, resistia tambem.

Estendeo-se a luta até á seguinte semana. Escrevi segundo artigo, e nelle procurei com habilidade explicar que aquella *guerra* intestina tambem me consternava, e que dava razão a quem a tinha; que os contendores deviam, porém, lembrar-se que havia entre elles alguém que era o verdadeiro interessado na luta, e que esse alguém era o povo da localidade, pobre diabo de carneiro que podia muito bem perder um dia a paciência... e outras cousas mais...

Tudo escripto nas entrelinhas muito mais que nas linhas, porque o delegado não era de brincadeiras e já havia mandado diser á *Ideia* pelo Juca Meirinho que "visse lá o que ia escrever."

Pois não é que o segundo artigo ainda foi menos comprehendido que o primeiro? Não é que me chamaram todos os meus vinte e nove leitores de *vira-casaca* e *estulano*? (Chamava-se Estulano o delegado).

Essa absoluta ignorancia da arte de ler entre as linhas desgostou-me tão profundamente que resolvi acabar com a *Ideia*. Abandonei a politica e a imprensa.

Aproveitei, comtudo, alguma cousa no meio daquelle desgosto.

Foi o seguinte conselho do Chrispim Faz-Tudo, juiz de paz chronico e tocador eximio de violão:

—Olhe, seu doutor. Quando dois estiverem brigando por causa de terceiro, não se metta para defendel-o; porque, se se metter, apanha de ambos e o defendido não lhe agradece. Quando ronca o páu não se ouve a voz da razão. Mais forte que um páu só outro.

Sabio Chrispim! Tu, só tu, sabias ler entre as linhas!

JOSÉ DO EGYPTO.

Questão Scientifica

A combustão espontanea

Sr. Director d'A SEMANA.

Fazer a critica scientifica de obras litterarias, ainda quando se limite á apreciação de uma narrativa, de um episodio, de um ponto qualquer isolado na serie das elaborações artisticas do escriptor, é sempre tarefa a que

não se devem abalancar senão espiritos bem apparellhados na manipulação estho-psychologica, cujos processos constituem hoje a analyse litteraria na sua concepção mais elevada, quero dizer a psychologia applicada dos povos e dos individuos.

E quando a personalidade a quem se endereça a critica se chama Wagner ou Zola, as incarnações revolucionarias da arte e da litteratura, torna-se mister, para a traducção fiel da percepção do bello, a penna adestrada de um Saint-Beuve ou de um Taine.

Por certo déra eu de mão, sr. redactor, ao encargo que me impuzestes, o de emitir a minha pouco valiosa opinião ácerca de uma descripção naturalista do laureado autor do —*Docteur Paschal*—caso se não tratasse apenas de discutir a possibilidade, perante as leis conhecidas actualmente em biologia, de um facto extranho e eminentemente apropriado a produzir a commoção esthetica, qual é a da combustão humana espontanea, isto é a destruição rapida do corpo humano vivo pelo atear de um fogo, cuja natureza e origem tem sido desde longos annos a arena de discussões calorosas entre os medicos — leigistas.

Não procurarei, pois, averiguar o valor do meio artificial ou do composto de sensações a que recorreu Zola para impressionar os seus leitores, tanto mais quanto só pelo esmerilhar do complexo da obra se poderia afferir com precisão essa parte do problema esthetico.

Tem differido consideravelmente os autores, quanto á possibilidade da combustão espontanea; uns negando-a sem remissão nem agravo, outros pondo-a em duvida, admitindo to-lavia que possa produzir-se; um terceiro grupo finalmente dando-a como cousa irrefragavel.

De que lado está a razão?

Nélaton, por exemplo, affirma peremptoriamente que o corpo todo inteiro pôde ser consumido pelo fogo. "A combustão espontanea, (escreve este celebre cirurgião,) tem sido quasi constantemente observada em individuos gordos e dados a bebidas alcoolicas. Acha-se, chegado ao theatro do accidente, o quarto cheio de vapores espessos, as paredes cobertas de materias negras, carbonisadas, a gordura escorre, algumas cinzas e fragmentos osseos pelo chão, ultimos destroços de um corpo ainda ha pouco organizado."

Zola, fazendo a descripção do incendio do velho Macquart, parece ter-se inspirado em Dupuytren, colorindo com as cores vivas da sua palheta de romancista a seguinte passagem narrada por este notavel professor de cirurgia:

"Uma mulher recolie-se á casa, depois de haver bebido uma dose um pouco forte de licores espirituosos. Faz frio, para resistir ao rigor da estação ella accende um pequeno fogo. Senta-se n'uma cadeira e aquece os pés sobre um brazeiro.

"A somnolencia profunda produzida pelos licores espirituosos succede a asphyxia produzida pelo carvão e o fogo passa ao vestido. Neste estado a dor se cala, o individuo fica em completa insensibilidade. O fogo vai ganhando terreno, as vestes se inflammão e se consomem, a pelle arde, o epiderma carbonisado se fende, derrete-se a gordura e escorre para fóra; uma parte della rega o soalho, o resto entretem a combustão. O dia vem rompendo... tudo está consumido."

A estas afirmações categoricas contrapõe-se a hesitação de Devergie, que tendo consagrado no seu Compendio de Medicina Legal um extenso capitulo á combustão espontanea e feito a historia de numerosos casos citados por Lecat, Duncan, Richond e outros, casos que figurarão em processos celebres instaurados por accusação de assassinato, termina confessando que está longe de dal-a como certa e concita os medicos, visto as dissidencias de opiniões, a que recolhão com o maior

cuidado todos os factos que se lhes depararem na pratica.

As hypotheses imaginadas para a interpretação do maravilhoso phenomeno de que estamos tratando têm sido numerosas. Aquella que mais proselytos tem feito, admite que as pessoas dadas ao vicio da embriaguez habitual acabão por ficar saturadas de alcool, que impregnaria os seus tecidos como a esponja embebe os liquidos. Então os diversos apparatus do organismo, embebidos de uma substancia tão altamente inflammavel, mediante a menor causa, a approximação de uma véla accesa, a queda de uma brazza, podem entrar em facil combustão.

E' ou não admissivel em physiologia a fixação do alcool nos tecidos? Parece-me que só pela affirmativa devemos responder.

Sabemos nós medicos quantas degenerescencias hepaticas, cardiacas, arterias medullares, renaes, cerebraes etc. são causadas pelas continuas irrigações do veneno ingesto pelos alcoolistas emeritos.

Uma obesidade peculiar é a consequencia dessas repetidas absorpções, pois o alcool repriime a actividade das trocas intersticiaes, o que reverte em beneficio da assimilação sob a forma de massa adiposa, porem fluida e balofa, qual se fora uma emulsão de gordura em alcool.

Parece tambem fóra de duvida que parte do alcool absorvido se oxyda no sangue, passando a dar um composto tão inflammavel como o proprio alcool, composto que os chimicos chamão *aldehydo*, cujo cheiro suffocante caracteristico se revela no halito dos individuos que se embriagam quotidianamente.

Em face da sciencia, a combusão espontanea será um facto raro, excepcional, mas não é impossivel, dadas certas e determinadas condições, no numero d'ellas certas idiosyncrasias ainda não elucidadas.

Pois em relação á electricidade animal não citão os auctores factos extraordinarios, como a emissão de faiscas crepitantes pelos fios do cabelo, á approximação de tempestades, facto sobretudo observado em mulheres nevropathicas?

E' corrente que nas regiões muito secas da America do Norte tem se visto a apparição de centelhas electricas no momento em que duas pessoas se entretoam n'um affectuoso beijo.

Si o emmente creador do *Assommoir* nos representasse um velho dyspeptico, de barbas hirsutas e eructações nidrosas, que ao accender o seu cigarro junto á sua phosphoreira recuasse espavorido ao estourar de um gaz inflammavel exhalado pelo seu estomago, não faltaria quem achasse este phenomeno contrario ás leis naturaes. Entretanto a coisa é não só possivel como realizavel.

Henri De Parville, o illustre divulgador das conquistas do entendimento humano, nos conta varios casos destes nas suas — "Causees scientifiques". — E' que certas dyspepsias, particularmente as que tem por origem o abuso dos alimentos farinaceos, provocam no interior do canal intestinal o desprendimento de varios gazes, entre elles o famoso "grisou", o terror dos operarios das minas de carvão de pedra, gaz muito inflammavel, causa de explosões medonhas. Ora, é claro que o velho dyspeptico teria voado em mil estilhaços se bastante oxygenio houvera no apparelho gastro-intestinal, onde aquelle gaz se forma em virtude de fermentações morbidas.

Em summa, eu desejo resumir a minha opinião. Eu acho que Zola, queimando o inveterado alcoolista Macquart, não faltou á sua fé de escriptor naturalista. Elle não escreveu como sabio, escreveu como litterato inspirado na observação dos sabios.

Conforme estes ultimos, a sua descripção foi correctea e magistral, pouco nos importa se de harmonia ou não com a generalidade das leis biologicas. Elle, como romancista, seguiu as leis que regem o genero romantico. Demais, se o exemplo figurado pelo romancista deve ter consequencias remotas, serão

todas ellas heuificas para a sociedade. Quanto ás consequencias immediatas, ninguem se temo dellas.

Neste ponto estou de perfeito accôrdo com o que escreve Emile Hennequin na sua — "Critique scientifique": O romance é uma série de phrases escriptas, destinadas a representar um espectáculo commoedor; a commoção quer se sinta depois de tel-o lido e ao lê-lo, é o seu fim. Esta commoção se distingue da produzida pelo espectáculo real que se substituisse ao espectáculo representado no romance, por ser ella mais fraca, como tola a representação; por ser ella inactiva, por não provocar na occasião mesmo nem actos, nem tendencias a um acto. Ninguem irá socorrer o heróe assassinado no ultimo capitulo; e se elle faz casamento, a alegria que disto resulta não tem de certo consequencias praticas.

Appliquemos o caso ao desgraçado Macquart.

Mas não é que me descuidei e estou mettendo a mão em seára alheia?

Quantas desculpas por esta distracção minha tenho de pedir ao meu bom e notavel amigo Valentim Magalhães, essa mentalidade pujante da moderna geração litteraria!

Eis até onde nos conduzem as digressões intempestivas.

Como quer que seja, bem ou mal, externei a minha opinião.

"Quod scripsi, scripsi".

Rio de Janeiro, 18 de Setembro de 1893.

DR. DOMINGOS FREIRE.

Recebemos do Sr. Dr. Bernardo Teixeira de Carvalho um excellento artigo em resposta á pergunta que á classe medica dirigimos sobre o accidente descrito por E. Zola no "Docteur Pascal", reduzindo o corpo de Macquart a um monticulo de cinzas e a uma porção de gordura.

Não podemos dar na integra o seu trabalho por ser excessivamente longo para os estreitos limites d'"A Semana", do que pedimos desculpa.

O Sr. Dr. Teixeira de Carvalho teve a gentileza de responder-nos, dizendo que o facto "é rarissimo e crê que seria o primeiro a ser observado na sciencia, mas perfeitamente admissivel e real."

"Os factos conhecidos têm sido justamente observados em individuos de tecido adiposo extraordinario, impregnados de alcool, pelo abuso prolongado de licôres esprituosos."

"Entretanto ha exemplos citados por Le Cat, M. M. Kopp, Marc e outros, bem averiguados, de combustão espontanea, em individuos que não apresentavam nenhuma d'aquellas condições, e mais ainda—não foi necessaria a presença de um corpo em ignição para a respectiva combustão.

"N'estas combustões—continúa S. S.—os corpos animaes, em alguns accidentes, não attingiram á completa incineração, ficaram partes queimadas, outras torradas, sendo algumas, porém, totalmente consumidas e reduzidas a cinzas.

As partes poupadas foram algumas peças ossaeas, extremidades do corpo, dedos, artelhos, pés, mãos, ossos da columna vertebral ou porções do craneo."

Depois de dar a etymologia e definição da palavra "combustão", entra em largas considerações sobre ella, citando varias observações de autores sobre a "combustão espontanea"

Diz que "Buschet relata que, abrindo cadaveres de supplicados, reconheceu, em todos os tecidos, o cheiro de vinho ou de alcool, ingerido por elles antes de subirem ao cadafalso.

"O estomago não digere perfeitamente todas as substancias que lhe são confiadas, sendo algumas absorvidas pelos tecidos de nossos orgãos, com todas as suas propriedades. Eis porque deve ser perfeitamente aceitavel o accidente da combustão humana, quando o alcool invade o tecido cellulae e adiposo das victimas e quando principalmente se achar em contacto com um corpo em ignição.

"Pelo estado Idioelectrico, mais pronunciado no inverno, segundo alguns autores, ou porque n'esta epocha os individuos com mais frequencia se approximam do fogo, é n'esta estação que se tem observado maior numero de casos.

"Algumas observações que se seguem completarão este artigo."

E cita uma longa série de factos, dá-nos uma grande bibliographia e termina assim:

"Não ha portanto duvida de que este facto, como todos os outros observados, apoiam a narrativa do immortal e distincto escriptor Emile Zola:

Sómente, como disse no começo d'este artigo, a incineração "total, completa", não me consta ter sido ainda observada, mas, é perfeitamente possivel e aceitavel, dependendo apenas de menor ou maior desenvolvimento e duração.

Alguns autores tentam negar a authenticidade da combustão espontanea, e d'entre elles creio que o eminente Legrand du Saule, mas, em presença destas e outras muitas observações, me parece perfeitamente comprovada."

VOLTA AO PAIZ AZUL

(URNAS)

Á M ã E

Fugiu? — Espera: vamos ver. — Supponta

A dôr: socega... — Mas por onde iria?

Quem, para o firmamento, abriu-lhe a porta?

Quem foi? quem é? — quem, pobre mãe, seria?

Tão branca estava!... mas não estava morta...

E quando inda cantava, e quando ria,

Subita mão dos laços d'ouro a corta:

Fôge... e a estrella subiu... subiu... subiu...

Como está longe!... — Agora tu que esperas?

Nossas leivas são curtas e maninhas;

E que rosáes tem ella nas espheras!...

Oh! mãe, andam os sóes e as andorinhas

Atraz de azues e atraz de primaveras,

E o eterno azul em flôr no lar não tinhas...

LUIZ DELFINO.

POESIA E POETAS

Broquéis, versos de Cruz e Souza—Rio de Janeiro, 1893.

Houve um tempo em que eu fazia versos, direi melhor, em que outra cousa eu não fazia senão versos. Meus poetas favoritos estavam-me sempre abertos sobre a mesa e, na despreocupação de minha vida de estudante, andava por toda a parte, na aula, na rua, na cama, com a attenção voltada para dentro, em busca de uma rima fugidia, ou á procura de um hemisti-

chio rebelde á gymnastica implacavel do metro.

Outros tempos vieram. Com elles preocupações surgirão e trabalhos novos forão tomando lugar na ordem do dia dos meus serviços quotidianos. E dia a dia essa invação foi-se accentuando de modo que desde muito tempo exilou de todo do meu espirito essa absorvente e compensadôra manifestação de sua actividade.

Desse tempo, porém, ainda me não abandonaram as saudades, e, senão tenho mais a afinação precisa para a factura de um soneto, resta-me por certo o amor ao verso, cuja leitura por vezes consegue transportar-me, passado em fóra, a essa temporada feliz que não volta mais.

E' o que tem acontecido com os *Broquéis*, formoso livro do Sr. Cruz e Souza, nitidamente impresso nas officinas da casa Leuzinger.

O livro, com excepção de tres ou quatro poesias, é uma collecção de sonetos, em cada um dos quaes o auctor procura fixar um impressão dolorosa de sua alma, sensibilizada pela tortura cruel da impotencia humana ante o idéal inacessivel, e que o faz exclamar:

Ah! que eu não possa eternisar as dores
Nos bronzes e nos marmôres eternos!

Tem o poeta a preocupação da forma. A luta do seu espirito se trava pela cristalisação do pensamento em um verso terso e harmonioso, dentro do qual as palavras se ageitem n'um torneamento flexivel e cantante. E ás vezes o Sr. Cruz e Souza attinge esse idéal. A impressão material do verso satisfaz aos ouvidos mais intransigentes; muitas vezes lhe falta, porém, a correspondente vibração espiritual.

Não é bastante o bom verso; é preciso que o verso, que sóa cantando no ouvido, contenha uma fibra que impressione o sentimento, que se traduza n'uma commoção intima e profunda. Na conjuncção inseparavel desses dois elementos é que a poesia se expande.

Essa expansão nem sempre se alcança na leitura dos *Broquéis*. Perpassam por todo o livro umas impressões frias e alvas de neves e luars, umas visualidades asceticas de monjas e enfermos, mas toda essa melancolia como que se empedernio na marmorisação do verso. A emoção que nos transmite a leitura das obras verdadeiramente poeticas, nem sempre se encontra na leitura dos *Broquéis*; e este é sem duvida o capital defeito da escola a que o autor se filia: *parnasianismo* temperado de *symbolismo*, *décadentismo*, ou como entre nós se diz, *novismo*.

O rebuscado das expressões, as torciculosidades acrobaticas da construcção logica dos periodos, a symbolica nebulosa das imagens afugentam o sentimento que se dilúe, se esperdiça no

trabalho do artista para a elaboração da obra, no esforço do leitor para a compreensão do sentido. Tem, entretanto, os *Broquéis* paginas bem apreciáveis e é pena que alguns versos menos correctos fossem deixados pelo autor enfeitando estrophes do formoso livro. Ao lado dessas imperfeições, de facil remédio, encontram-se, porém, bellissimos versos, cuja leitura agrada, como por exemplo estes quartetos do soneto *Lesbia*, em cujo sexto verso ha uma onomatopéia original:

Croton selvagem, tinhorão lascivo,
Planta mortal, carnívora, sangrenta,
Da tua carne bacchica rebenta
A vermelha explosão de um sangue vivo.

Nesse labio mordente e convulsivo
Ri, ri risadas de expressão violenta
O Amor, tragico e triste, e passa, lenta,
A morte, o espasmo gelido, afflictivo...

E mais estes versos do soneto *Satan*, que são feitos como de um bloco inteiro:

O sonho agita-lhe a immortal cabeça...
Esólta aos sóes, e estranha e ondeala e espessa,
Canta-lhe a juba dos cabellos flavos!

Entre as paginas do livro merecem especial menção *Mumia*, *Monja*, *Belleza morta*, *Apparição*, *Dansa do ventre*, *Foderis arca*, *Tuberculosa*, *Post Mortem*, *Incensos* e outras ainda que se lêem e se relêem com prazer, pois, nellas o autor fez transbordar todo o sentimento que lhe sobrava na alma, fixando-o no verso com todo o esmero que lhe proporciona a arte. Para que o leitor tenha a impressão integral de uma poesia do Sr. Cruz e Sousa, após transcrevo um soneto, a que o poeta intitulou *A Dôr*:

Tôrva Babel das lagrimas, dos gritos,
Dos soluços, dos ais, dos longos brados,
A Dor galgou os mundos ignorados,
Os mais remótos, vagos infinitos.

Lembrando as religiões, lembrando os ritos,
Avassallára os povos condemnados,
Pela treva, no horror, desesperados,
Na convulsão de Tantalo afflictos.

Por businas e trompas assoprando,
A grande Dôr aos frigidios espaços
As gerações vão todas proclamando,

E assim parecem, pelos tempos mudos,
Raças de Prometheus titaneos, rudos,
Brutos e collosaes, torcendo os braços!

Finda a leitura dos *Broquéis* é justiça concluir felicitando o seu autor. Fazer versos bons é uma virtude entre nós, em que máos, todos temol-os mais ou menos feito; fazel-os nos tempos de completo predominio da politicagem que atravessamos, chega a ser heroismo.

RODRIGO OCTAVIO.

OUSADIAS. *Versos de L. J. Soares de Souza. Rio de Janeiro, 1897. 96 pags.*

Regularmente impresso, o livro de Soares de Souza, que supponos ser parente, talvez irmão do seu homonymo, o qual com seus versos illustrou a nossa litteratura e com as suas producções theatraes tanto divertio as

nossas platéas e que muito mais nos daria se tão cedo não fosse pela morte roubado ás lettras patrias, o livro d'este outro Soares de Souza, diziamos, se não é um escrinio de custosas joias, é pelo menos uma lida collecção de estrophes.

O que são essas estrophes dil-o o proprio poeta nesta quadra:

"Folhas que o vento varrerá um dia,
"Risos e lagrimas aqui dispersos.
"Luz nos prazeres, trevas na agonia
"Eis o que são os meus primeiros versos."

Felizmente para o verzejador, no seu livro radia mais vezes a luz do que negrejam as trevas; e estas mesmas, quando sobrepujam a luz, não são tão compactas que cheguem a produzir uma noite tormentosa, em que o sorriso dos astros scja apagado pelas lagrimas do temporal.

Meia escuridade, apenas, é o que ellas podem trazer; sombras diaphanas como cortinas de gase negra, atravez das quaes vislumbram os olhos o fervedouro dos astros que lembram a baixella de uma casa rica, lobrigada á luz de um candelabro de ouro, que é, entre as estrellas, o luar.

O livro é dividido em duas partes, cabendo á primeira o titulo de *Luz* e á segunda o de *Trevas*.

Naquella enfeixa o poeta os seus versos de humor, que nem sempre são felizes; nesta os seus versos mais sentidos: é o cofre das desesperanças, onde, por mais que o verzejador queira vasar as suas tristezas, ha de acabar sempre por desfranzir o sobrolho, á força de ouvir, de quando em vez, casquinar-lhe ao ouvido o som das risotas da primeira parte.

Se não fosse um livro de estrea, este de que estamos tratando, digamol-o com franqueza, não lhe perdoariamos os versos froixos que tem, a pobreza de rima de algumas poesias e a miseria de imagens e de idéas de outras. O livro é fraco; não parece ser feito por um moço, mas sim, por quem já sinta os olhos fatigados de muito fitar a radiação das auroras e dos sóes, e tenha por isto perdido a noção do colorido, e não sinta mais nas veias a explosão do sangue, que leva o poeta a pôr um clarim em cada estrophe e a pendurar um facho em cada verso.

Em todo o caso os versos do Sr. Soares de Souza não deixam de trazer promessas. Fica-nos, á leitura delles, uma vaga esperança de que talvez no futuro consigamos ler outros, traçados pelo mesmo punho, em que, a par da correcção do estylo, tenhamos a ventura de encontrar a originalidade e a seiva que não logramos encontrar na presente collecção.

Até lá, porém, que não me doa um dente.

ASCANIO MAGNO.

LEITURAS

A CAPITAL FEDERAL (impressões de um sertanejo) por Anselmo Ribas é um livro original, novo na idéia como não feittio, sem par talvez em nossas lettras.

Devo á sua leitura algumas horas de perfeito contentamento espirital. E' leve, fresco, variado, sempre interessante, alegre sempre.

Coelho Netto fez mal em ter-lhe recusado o seu nome, mascarando-se com o do protagonista, porque talvez não tenha com elle publicado cousa melhor.

A obra seria admiravel se não fora incompleta. Coelho Netto começou de escrever "n'O Paiz" por desfastio, talvez por suggestão ou pedido da redacção, alguma cousa sobre a Capital Federal, apreciada por um sertanejo bisonho mas intelligente.

Era uma producção de dia a dia, sem plano. Mas a cousa foi agrudando a todos, o autor alargou-lhe o quadro, pensou na reproducção em livro e quando julgou que já havia materia para um volume regular, fechou bruscamente a obra com imprevisto ponto final.

Dahi o incompleto della e a sua insufficiencia para justificar o titulo.

Anselmo não vio do Rio de Janeiro senão o bairro e o palacete em que mora o tio Serapião, a rua do Ouvidor, o Paschoal, o theatro Sant'Anna, uma casa de batota fina, um baile em Botafogo e o Hotel Bragança.

Faltam assim quadros imprescindiveis para dar uma idéia da cidade a um espirito curioso de conhecel-a. Entre outros, o Corcovado, o Derby-Club em dia de grande premio, uma sala de redacção de grande jornal diario, o Silvestre, o centro commercial, um maxixe na Cidade Nova, uma casa do "demi-monde," um passeio na bahia de Guanabara (bem pouco convidativa agora) etc.

Tambem ha poucas physionomias typicas; pode-se mesmo diser que só ha duas—o comendador Serapião Ribas, sibarita obeso, rapidamente cevado nos tribofes felizes do "Encilhamento", e o Dr. Gomes de Almeida, um bello typo de "viveur" de talento e educação, um desses inuteis brilhantes, que seduzem e encantam com a vivacidade da sua intelligencia e as tiradas de seu espirito, incapazes, porém, de qualquer obra ou acção que exija tenacidade de animo e algum esforço de execução.

Voltarei, linhas abaixo, a esse interessante sujeito.

O estylo em que está escripto o livro inteiro é uma revelação, havendo-nos Coelho Netto acostumado a uma escripta torturada de rebuscamentos difficeis de phrases, subtilisada de intenções de rythmo e de corte, lentejoulada de exotismos.

Aqui não; o estylo corre facil, suave, luminoso, empalhetado de achados felizes, com singelesa e fluencia, mas sem trivialidade. Nem sempre puro e extremo de exotismos, ainda, como "valise, florasão, housses, tremblar, bueres," etc.

São primorosas as tiradas do Dr. Gomes de Almeida sobre o estado moral e mental de nosso povo. Ha muita observação verdadeira, muita critica justa e criteriosa naquellas esfusiadas, fagullhentas, irisadas, de bom humor. Aqui vão algumas;

"A' nossa litteratura falta o character da originalidade.

"Não é propriamente uma litteratura nacional, porque, por infelicidade, ninguém se preoccupa com a terra. Os olhos dos nossos poetas vêm as constellações de outros céos, as aguas de outros rios, a verdura de outras selvas, etc."

(Pag. 146 e seguintes).

Essa carapuça ajusta-se admiravelmente á cabeça de quem a talhou. E' sabido e lamentado quanto se compraz Coelho Netto em descrever homens, cousas e logares antigos e remotos—a Palestina, a Chaldéa, a Árabia, a Grecia, Roma e até a Africa, onde está fazendo passar a accção do romance que agora está publicando "n'O Paiz" sob o titulo "O rei fantasma."

A causa dessa abherração não a attribue Coelho Netto, e com razão, á ausencia do ideal plastico, "porque ahi temos a nossa Natureza, sempre nova e cheia de imprevistos" nem á ausencia do ideal poetico, "porque não ha paizagem mais suggestiva do que a nossa"; mas sim á difficuldade que encontram os

litteratos em descrever o real que nos cerca, sendo muito mais facil e commodo colorir fantasias, descrever o que imaginam.

Não me parece ser essa a causa principal, mas sim a falta de "nacionalismo," do sentimento da patria, a ausencia do espirito nativista, sem o qual não poderemos nunca ter arte e litteratura "nossas;" donde vem que sejamos, como bem observa o autor—"um povo incharacteristico."

Essa adaptabilidade a tudo que nos dão e que nos chega de fora e indifferença pelo que é nosso mostra elle ser tambem a causa da nossa passividade em politica, da qual só a urna nos interessa, não pela comprehensão do direito eleitoral, mas sómente por ser a urna uma tradição do motim.

"O Brasil politico deixará de existir no dia em que morrer o ultimo cabalista."

Grande verdade, que a pratica já demonstrou, com o advento da Republica. Extinctos os velhos partidos e não creados novos, o povo não vae votar, pouco se importando com os individuos que vão fazer de seus representantes.

"O brasileiro não é um povo rudimentar sob o ponto de vista psychologico." "Temos elementos para vir a ser um povo artista, como os gregos."

"É uma verdade, posto que desmentida diariamente pela improductividade e pela inercia esteril." "Porque?"

"Porque — responde ajuizadamente Coelho Netto — não temos educação de ordem alguma.

"Physicamente, somos um povo hybridado, sem raça discriminada, sem antecedentes firmes; nascemos da amalgama, somos os epigonos do Brasil."

"Moral e intellectualmente, estamos tambem por educar.

"Educação civica, comprehendida na moral,—o culto dos maiores e o respeito pelos factos da tradição, que levam o homem ao absoluto amor, o amor da Patria—não temos.

"Educação intellectual... O nosso povo, na sua maioria, é ignorante. Ha uma pequena parte de selecção que lê, outra parte que ouve e outra que nem lê nem ouve: o patricio, o plebeu e o servus, eis as tres castas.

"A primeira impõe, a segunda transmite, a terceira executa—d'ahi a inconsciencia de todas as nossas manifestações collectivas. O povo, propriamente dito, é uma massa rude, que serve de instrumento aos privilegiados. Essa casta superior, que podia impor as letras e as artes, é indifferente, porque não se educa na patria, educa-se no Estrangeiro ou nas suas doutrinas, é lida em livros de fóra, visita museus na Europa, fala sobre exotismo e sente e pensa a travéz do sentimento e do pensamento de seus educadores—são automatados do Occidente. Dahi a impossibilidade de dilatação litteraria e artistica."

Ha, por conseguinte, neste livro de alegria e travessura, mais do que essas boas qualidades—ha tambem conceitos criteriosos e fina critica humoristica.

Coelho Netto precisa fazer voltar o seu Anselmo para mostrar-lhe o Rio de Janeiro, que elle apenas entrevio.

Traga-o, passeie-o pelas praças, arrabaldes e cafundorios mysteriosos desta cidade extraordinaria.

O coruscante estylista mal desbravou o terreno neste livro—a mina opulenta e inesgotavel jaz inda virgem, á espera do avião de ouro e diamante de sua penna.

Emquanto espero, agradeço-lhe os momentos de delicado gozo litterario que me proporcionou o exemplar da "Capital Federal" que tão amistosamente me offereceu.

MARCOS VALENTE.

ANTES DO BAILE

Ceva no luxo essa vaidade, ceva!...
Porque é que ruge a sêda? E' porque sente
Prazer em te apertar estreitamente
A carne, ó tentadora filha de Eva?

Mas dos teus seios a onda lactescente,
Contra a veste que a opprime, se subleva!...
E' um relampago o olhar que vem da treva
Dessa pupilla tempestuosa e ardente!

Rico vestido! Astro de amor, não cessas
De deslumbrar!... Aos pés caio-te exangue,
Ante essas pomas tremulas, oppressas
No estofo, que rescende a ylang-ylang.

E' cedo p'ra o festim, porque te apressas?
Dize, ó tulipa immersa em torvo sangue,
Quem derramou em teus cabellos essas
Petrificadas lagrimas de sangue?!

Rubins,—vermelho pranto!—Quem t'o chora
Na cabelleira, que o perfume exhala?
Sobre o dia da fronte cor de opala,
A rubida corôa lembra a aurora!

Satura-te de aroina... Enche de gala
O esbelto corpo, em que a volupia move!
De oiro o cingulo enrosca á cinta, agora,
P'ra que imperes de baile em plena sala!...

As gemmas, que o negrume dessa coma
Ensanguentam, realçam-te a brancura.
A aza que inda te resta, o leque—toma.

Eu sei que a vida é triste e pouco dura:
—Colhe de gos, pois, a maior somma,
Flôr, antes que te colha a sepultura!

Que da tua boca a purpura escarcenila
Abre-se ao riso, as perolas mostrando,
Que eu quer' vel-as, — perola por perola.

Deixa-me ir na pulseira aprisionando
Esse braço que offusca a madreperola,
E lembra alva serpente ou cysne ondeando.

Soberba rosa tens ao collo presa!
Com tal pompa, mesmo entre as soberanas,
Quem não irá julgar-te uma princeza?!

A tua capa? — eil-a aqui. Como te ufanas!
Consulta, ainda, o espelho de Veneza,
E dize se a ti mesma tu te enganas.

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

CHRONICA DOS LIVROS

MAGALHÃES LIMA — LA FÉDÉRATION IBERIQUE. Traduction de L. Marianno, Guillard, Aillaud & Comp., Paris 1893.

Os nossos amigos Srs Alves & Co., proprietarios da acreditada Livraria Classica desta Capital, tiveram a gentileza de offerecer-nos um exemplar do valente e substancioso livro de Magalhães Lima, "La Fédération Ibérique." Magalhães Lima, brasileiro nato, é o director do "Seculo," um dos mais independentes e mais bem orientados jornaes de Lisboa.

"La Fédération Ibérique" é um trabalho de grande folego, em que o talentoso auctor estuda o desenvolvimento das idéias federalistas em diversos Estados da Europa e principalmente nos países latinos.

Transcrevemos a carta que Vacquerie dirigiu a Magalhães Lima e a deste áquelle eminente jornalista.

"A Augusto Vacquerie.

Meu caro Mestre.

Quando ultimamente, estive em Madrid como delegado ao Congresso dos Livre-Pensadores, enviastes-me a seguinte carta:

"Paris, 14 de Outubro de 92. Meu caro Magalhães. Considerar-me-ia feliz si pudesse corresponder ao convite com que me distinguiram. Trabalhos importantissimos prendem-me em Paris e assim não estarei presente ao Congresso de Madrid sinão pelo coração. Quereis representar-me e representar LE RAPPEL? Não podemos ambicionar melhor representante. Temos a mesma alma, o mesmo idéal, o mesmo amôr de livre-pensamento, a mesma aspiração á alliança das raças latinas. Presente vós, não estaremos ausentes. Apresentai ao Congresso minhas desculpas e meus agradecimentos. Vosso devotado compatriota, Augusto Vacquerie."

Hoje venho agradecer-vos publicamente essa prova de estima e sympathia. Para nós, latinos, não sois somente o illustre amigo de Victor-Hugo—o grande poeta que a França venera pelo seu talento e seu genio, sois mais do que que isto.

Vemos em vós o chefe do jornalismo parisiense, o Mestre de todos os que têm aspirações republicanas. Em vossos artigos, em vossos livros, em vossas posses, e em vossos admiraveis trabalhos dramaticos, temos aprendido a amar a liberdade e a democracia.

Vosso nome é uma bandeira! E' a bandeira da emancipação humana, do bem, da verdade e da justiça! Vossos escriptos nos guião como um pharol, através os escolhos creados pela calumnia, pela inveja e pelo odio das paixões humanas!

Como Victor Hugo, Garibaldi e Mazzini, sois forte e sois ainda o apostolo ardente da federação latina. E' nesse titulo que este livro, em que condensel minhas aspirações e meus pensamentos intimos, vos é dedicado. Para chegar á federação latina é necessario começar pela federação ibérica.

Eis o que preconiso. Republicano convicto, concentro meus esforços para chegar á republica portugueza e depois a uma federação entre a Hespanha e Portugal. Proclamada a republica nesses dous países, a consequencia será a federação ibérica.

Será o primeiro passo para a federação humana, objectivo a que tendem todos os philosophos e pensadores contemporaneos. Ha actualmente dous generos de politica: a politica das dynastias e a dos povos.

Pela ultima chegaremos a estabelecer a federação, formula definitiva da democracia moderna.

Este livro, que muito ganharia si fosse por vós escripto, é um resumo de tudo o que tenho publicado sobre esta questão. Talvez não tenha outro merito sinão o da sinceridade que o anima. Aceitai-o como testemunho ardente de reconhecimento e muita admiração. Acreditai, caro Mestre, na segurança de meus melhores sentimentos.

Magalhães Lima, Lisboa, 20 de Novembro de 1892.

"A Magalhães Lima, Paris 30 de Novembro de 1892. Meu caro compatriota (pois nos somos da mesma patria moral e intellectual) felicito-vos pela vossa "Fédération Ibérique," e associo-me inteiramente a vós para desejar que a cousa passe quanto antes das idéas aos factos.

Que a Hespanha e Portugal sejam duas republicas unidas! A federação ibérica será o começo da federação latina, e, como dissestes muito bem, é pela federação das raças que chegaremos á federação dos homens.

Foi pelo anno de 170 que Marco Aurelio escrevia — "Quando pois deixaremos de dizer cidade de Roma, cidade de Athenas, mas cidade do mundo?"

Ha já dezesete seculos e a democracia não attingiu ainda ao ponto sonhado pelo Imperador! A humanidade, caminha lentamente, mas caminha.

Cordialmente vosso—AUGUSTO VACQUERIE."

O. LETUDO.

Factos e Noticias

Sobre o segundo andar da casa n. 71 da rua dos Ourives, em que funciona *A Semana*, cahiu no dia 22 do corrente uma granada, justamente sobre a mesa de trabalho do redactor-gerente. Applacado o primeiro momento de susto, verificou-se ser a tal granada a demissão de Max Fleiuss do logar de 2.º official do Correio Geral.

O canhão que a mandára era, portanto, o Sr. Demosthenes, cujo calibre não é prudente calcular.

A causa desse acto de ferocidade não pode ser outra senão a innocente pilheria da *Historia dos sete dias* referente ás legiões guerreiras apparelhadas por Sua Inclemencia D. Demosthenes I.º para defesa da patria.

O bombardeado continúa sem novidade em sua importante saúde e tem sido muito comprimentado por ter escapado com vida.

O Sr. professor Augusto Girardet, da nossa Escola Nacional de Bellas Artes, offereceu-nos um esplendido baixo relevo com o retrato do genial auctor do *Falstaff* — o immortal Verdi.

O trabalho do Sr. Girardet é uma verdadeira obra d'arte que vai ser apreciada por todos quantos vierem ao nosso escriptorio.

Agradecemos, penhorados, a preciosa gentileza do distincto professor.

Parte por estes dias para Taubaté o nosso amigo Dr. Joaquim Antonio de Oliveira Botelho, habilissimo clinico, cuja competencia tem sido comprovada innumeradas vezes.

A directoria dos correios está, ao que parece, transformada em fortaleza.

Desde que S. Inclemencia Dom Demosthenes I.º apparelhou legiões guerreiras, tem aquella repartição expellido metralhas em penca.

Uma, como dissemos, cahiu na meza do nosso redactor-gerente; outras cahiram sob os Srs. Henrique Aderne, MariaValladares e Nunes Pires, conspiradores conhecidos na opinião do Sr. Demosthenes. Os metralhados nada soffreram além da demissão dos logares de officiaes do correio.

THEATROS

LYRICO.

Fechado, fechadinho...

O Sr. Luiz Ducci tambem fechou a bocca e nada diz aos assignantes sobre as dez recitas que ficaram... no seu bol-inho.

Os artistas já lá vão indo *piano piano* é verdade, mas vão, e os assignantes já encomendaram á casa Vieitas um formidavel oculo para verem o seu rico dinheirinho...

Nem representações, nem concertos, nem restituição!... Viva a pandega, Sr. Ducci. Isto é que é legal-á ás direitas.

VARIEDADES.

A companhia do Variedades acaba de obter mais um successo franco e justo, com a representação da graciosa comedia a *Srta. Sargenta*. Repleta do principio ao fim de scenas espirituosas e alegres, a *Srta. Sargenta* ha de fazer furor.

Com a primeira representação da *Srta. Sargenta* estréaram-se quatro novos artistas recentemente entrados para a companhia da Srta. Ismenia dos Santos. São elles os Srs. Cardoso, Fernando Maia, Pereira de Almeida e Lou-a Brazão. O primeiro desses artistas já é conhecido e sympathisado pelo publico; os outros tres recebemo-los com os applausos a que fizeram jus, por isso que se portaram do melhor modo, agradando á plateia, que se retirou satisfeitissima. A empresa da Srta. Ismenia pôde regosijar-se de ter feito uma boa aquisição.

A *Srta. Sargenta* é tradução de uma peça franceza que fez successo em Paris e ha de continua-lo, necessariamente a qui, porque, além da boa interpretação, são vistosos os scenarios e agradável a musica. A cançoneta do 2.º acto, graciosamente cantada pela Srta. Loppiccolo, foi bisada, o que quer dizer que ficará sendo o trecho de musica mais preferido do publico. Os demais artistas portaram-se discretamente. Desejamos que acabe este anormalissimo estado de cousas para que possamos assistir ás outras representações da *Srta. Sargenta*, que vae até o centenario, pois dispõe de todos os elementos para isso.

RECREIO.

Dizem-nos que nesse theatro tem sido representado o drama de Fça Leal—*Diogo Alves*. Não sabemos se é exata a noticia por que a empresa esqueceu se d'*A Semana* e nós aqui somos decidos sectarios de S. Thomé.

POLYTHEAMA.

Consta-nos tambem que tem havido representações nesse theatro. Não o garantimos, porque os Srs. Milone e Tomba, apczar de receberem regularmente *A Semana*, parece que ainda não sabem onde é o nosso escriptorio.

CORREIO

Sr. J. P. — No seu artigo que tem por titulo: "Valentim Magalhães" e "A Semana", começa V. S. deste modo:

"Excellentes tempos! Excelente! Recordal-os? Não calha."

E' isto mesmo, meu bom senhor, não "calha" mesmo; mas o que não calha, sabe o que é? é a publicação do referido artigo nesta folha. Para Taubaté, elle seria certamente "maná", mas para o paladar carioca sabe V. S. que não é qualquer petisco que o consola. Em todo caso muito lhe agradecemos o que diz de bem a nosso respeito e as suas boas intenções.

Quando nos mandar outro acceipe litterario veja se tempeia melhor a panela que, então, será possivel que a cousa "calhe"

Sr. H. DA SILVA — V. S. parece que nasceu impellicado; é daquelles para quem

os cães põem ovos. Dou-lhe a grata noticia de que breve lia de ver figurando na "Collaboração" o seu soneto.

Agora, seu ingrato, veja lá se não me manda uma garrafinha do fino, eu?

Sr. H. G. R. — Seu soneto "A Serenata" não é máo; pecca, porém, rimando "nauta" com "retrata" e "serenata". Além disto não conseguimos comprehender claramente: o que nos quiz V. S. dizer nos tercetos. Quer-nos parecer que falta alli qualquer coisa. Achamos-lhe o sentido suspenso, o que nos levou a suspender até segunda ordem a publicação do soneto, ao qual, uma vez corregido e retocado, daremos publicação.

EXMA. SR. D. IGNOTA — O seu soneto "Extase", miulha senhora, é publicavel; razão porque procuraremos dal-o na "Collaboração" logo que nesta secção encontrarmos espaço para elle.

Ha de permitir-nos porém que lhe façamos uns pequenos retoques que a V. Ex. escaparam e que, nem de leve, alterarão o mimo da sua filigrana rimada.

Sr. JONAS OLYNTHO — O meu amigo deve mudar o nome: passe a chamar-se Felizardo. Pois não é que seu soneto vai passar da letta manuscrita á letta de fôrma?

Logo que haja espaço será publicado; e diga depois que não sou seu amigo!

Sr. SANTOS MAIA — Tambem seu "Soneto metaphysico", cahiu-nos cá na sympathia; e é por este motivo que lhe damos a mesma resposta que ao seu visinho do andar superior, o Sr. Jonas. Isto não faz um filho a um pae, fique certo.

Sr. L. JUNIOR — Que "Baroneza" que o Sr. nos mandou! Pode limpar as mãos á paredel... Baronezas daquella ordem, sem distincção de maneiras, encontram-se aos ponta-pés. Não péga, não; apezar de viuva e moça. Depois cá "A Semana" não é asylo de mulheres desvalidas, fique sabendo.

Sr. HETTOR — Seu soneto "Miragem", precisa de muita lima.

Veja se consegue polil-o e nol-o mande enfronhado em roupa nova, que não duvidaremos sujar-lhe'a com tinta de impressão.

Sr. ? — O seu conto, não assignado, que tem por titulo "A Luizinha", está mesmo a calhar para rodilha de pote.

Que estou eu a dizer! está mesmo a calhar mas é para figurar em certos lugares, onde a gente vai fazer o que a Luizinha foi fazer á praia; deixando materia com que poderá o amigo tecer a sua corôa de gloria. Ha pessoas que a preferem menos aromatica porém mais nutritiva; mas as desta especie corriam o risco de que Vmce. passase-as logo da inspirada cabeça para o estomago faminto. Mas que preciosidade que é o seu conto! Permitta-me que daquelle escriptorio destaque uma perola, ante a qual vai certamente boqui-abrir-se o muudo inteiro; eil-a:

"o "atelier carnal de sua doce mãe..." (lá d'elle!) Que dizem a isto? E' estupendo! Como pode haver debaixo do sol uma cabeça capaz de engendrar aquella geringonça genial, [ein! E' pyramidal! E aposto que o povo de Pirapóra, lugar onde surgiu á luz, depois de esculpido no "atelier carnal", etc., etc., aposto, repito, que o povo piraporense ainda não cogitou na estatua deste "mancêbado!" Base para ella é que não falta: algumas cebolas, dois feixes de capim e um pouco daquillo que Luzia deixou na horta, sendo aquillo que Luizinha deixou na praia o paros em que será esculpida sua figura genial!

O "atelier carnal" de sua...

Oh! é assombroso! e digam depois que este moço não é um fardo de intelligencia!

Abana essas orelhas, ó genio, enxota as moscas do pello e manda-nos mais "ateliers". A "posteridade" é tua.

ENRICO.

Tratos á bola

Começamos por apresentar a D. Josephina B. os nossos agradecimentos pela gentileza que teve para conosco, offerecendo-nos um exemplar do seu "Almanack Fluminense," para o proximo anno, que veio d'esta vez ainda mais catita que das outras.

Porque razão não tem querido a gentil charadista dar um ar de sua graça a esta secção, que sempre se sentio honrada com a sua collaboração (salvo a rima)?

Felizmente, Deus, sempre compensador, deu á illustre Lilazia a santa inspiração de vir em auxilio do pobre frade estropeado!

A ella deve o triste asceta um rico material charadístico, de que dispõe neste momento, e do qual vai dar hoje uma pequena parte aos seus leitores.

Cara Lilazia, formosa caçadora de conceitos logogríficos, dou-lhe a grata noticia de que d'esta vez cantou victoria. O premio está á sua disposição.

Eis, portanto, a decifração dos "tratos" do ultimo numero:

"Pirinola, — Caipira, — Patarata, — Cama-maca, — Barretina, — Bombardeio, — Semam, — Mercadante, — Solfa."

Concorreram tambem os tiribas Barbus de sebo, Espada aguda, Coriolano, D. Broualuh, Muta-cobra e Lourencinho, mas... tarde piaram todos elles.

Dou a palavra agora á amavel Lilazia.

LOGOGRYPHO

(Por syllabus)

Oh! bendita essa junella
Por onde espralo o olhar,
E aonde surges, senhora, -4, 3.
Senhora do meu pensar. -4, 1.

Espero-te sob o buleão
D'essa junella florida,
Onde a ventura reside, 2, 3.
Onde busco uma outra vida.

Quando estou á fresca sombra—3, 2.
D'esse encantado jardim,
Tudo me fala de amor,
D'esse amor que tens por mim

Que phrases nesses colloquios!...
Quantos beijos, quanto ardor!...
Ha mais ventura em meu peito,
Em teus olhos mais amor!

CHARADA ENYGMATICA

A minha parte segunda—2
Na primeira deve estar—1.
O todo, sem barafunda,
No campo vão encontrar.

LILAZIA.

NOVISSIMAS

A cathedral é parente e deleita pela leitura—1, 2.

A mulher do totó estudava na Asia.—2, 1, 2.

No Stromboli é ruim esta fructa—1, 1.

EUQIRNEH.

CHARADA

(em terno)

Estava olhando p'ra o tecido
E a correia... de agoitar?
Olha, estava no teclado
Para o terno terminar.

AMOR PERFEITO.

ENYGMA

teiro	F...		1
teiro		F...	
teiro	Q - A. —	1/2 A. —	
teiro		Z...	
teiro	Z...		100 T. O.

CHARADA

A's direitas animal timido—2.
A's avessas animal feroz.

BIBLIOPHILO.

Agora, tenham paciencia: o fradeço vai retomar a palavra:

Se começa como acaba,
Acaba como começa.—2.
E' liso como a golaba;
Qu'ira engulil-o de pressa

ANTIGA

Parte do corpo por onde se anda—1, 2.
Ave domestica que anda de banda.

E chega, que já é serviço!
Antes de pôr o ponto final, cumpre ao velho religioso agradecer a benevolenta coadjuvação que lhe tem sido dispensada pelos amaveis irmãos Thiunor, Feroz, Liluzia, Amor Perfeito, Bibliophilo e os mais que tem tido a bondade de mandar "lenha" e "bã" cá para esta secção, que outra coisa não é senão o triste cenobio onde jaz martyrisado pelo jejum e pela penitencia o velho e descarnado eremita, fugido das vaidades do mundo, que se chama

FREI ANTONIO.

ARCHIVO

Relatorio dos serviços dos correios, apresentado pelo bacharel Demosthenes da Silveira Lobo, director d'aquella repartição.

E' um volume com cerca de 350 paginas, bem impresso, contendo informações sobre os correios, preparado pela 1ª secção da Divisão Central dos Correios, com diz em seu officio de remessa o proprio bacharel Demosthenes. Da lavra de S. S. ha apenas o alludido officio que constitue bello exemplo de grammatica, bom senso e conveniencia. Damos uma amostrinha:

"A agglomeração de cartas e correspondencia de toda a ordem, a attenção que o serviço exige de cada empregado, não permite que nem mesmo o companheiro do lado possa ver a *ligereza* (o gripho é nosso) commettida por qualquer empregado pouco escrupuloso."

"La Fédération Ibérique"—De Magalhães Lima. Typ. Gautherin et Cie. Paris 1893, este exemplar foi-nos graciosamente offerecido pelos Sis. Alves & C.

"Almanack Fluminense"—Rio de Janeiro 1893.

ANNUNCIOS

ESTABELECIMENTO

HYDRO E ELECTRO-THERAPICO

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado

115 — Rua Sete de Setembro — 115

Rua da Carioca, 12 e 14

FILIAL EM PETROPOLIS

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A' CASA PASCHDAL

CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133

Importação por todos os paquetes

Completo sortimento de chapéos para homens, senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.

Rio de Janeiro

Gabinete de Cirurgia e Prothese Dentaria

DE

A. F. DE SÁ REGO

1 — Rua de Gonçalves Dias — 1

Este importante e antigo Gabinete, tendo passado pela, reformas exigidas pelos processos da moderna odontologia, acha-se equiparado áos melhores da Europa pelos esplendidos aparelhos e instrumentos de que dispõe habilitando-o a apresentar trabalhos

ainda pouco conhecidos no Brazil

Collocação de dentaduras fixas, sem chapa, e sem extracção de raizes ou dentes

TRAVAIL A PONT

Extracção de dentes sem dor, por meio do *Coryl* de M. M. JOUBERT, de Paris. Aparelhos para correcção das anomalias de implantação, obturadores para a abobada palatina e veu do paladar, etc., etc.

Obturação e reconstrucção de dentes a ouro perfeitissimas.

Concerta-se qualquer dentadura que não esteja perfeita na bocca, mediante pequena retribuição.

Consultas e operações das 8 horas da manhã ás 10 da noite.

RIO DE JANEIRO

LIVROS

adoptados em diversos Estados do Brasil

A' VENDA NA

LIVRARIA CLASSICA

DE

ALVES & COMP.

46 Rua Gonçalves Dias 46

F. Carvalho: primeiro livro de leitura.....	1\$500
F. Carvalho; segundo livro de leitura.....	2\$000
F. Carvalho: terceiro livro de leitura.....	2\$500
Hilario Ribeiro: Cartilha Nacional.....	\$500
Hilario Ribeiro: novo 2º livro de leitura.....	1\$000
Hilario Ribeiro: novo 3º livro de leitura.....	1\$000
J. Ribeiro: grammatica portugueza 1º anno.....	1\$000
De Amicis: O Coração, 1 vol.....	1\$500
Barker: Taboadas.....	\$100
Couturier; Arithmetica da infancia.....	\$400
NOÇÕES DA VIDA DOMESTICA, por Felix Ferreira, 8ª edição muito melhorada. Obra premiada na Exposição de Pariz em 1892.....	2\$000
LIÇÕES DE COUSAS, para crianças de 5 a 8 annos com muitas illustrações, por Zaluar.....	1\$000
NOÇÕES DA VIDA PRATICA, (Lições de Cousas) por Felix Ferreira, 1 vol. de 507 paginas, impresso e illustrado em Pariz, com 200 gravuras.....	3\$000
PATRIA E DEVER, (Elementos de Educação Civica e Moral), por Hilario Ribeiro, 1 vol. in. 16 cart.....	1\$000
A HISTORIA DO BRASIL ensinada pela biographia de seus heróes, por Sylvio Romero, 1 vol. in-16.....	1\$000
CATECHISMO CONSTITUCIONAL, da Republica dos Estados Unidos do Brasil, contendo toda a Consstituição em forma de Catechismo e augmentado de numerosas notas explicativas do texto, por J. Borges Carneiro, 1 vol. enc.....	1\$000
PRINCIPIOS DE COMPOZIÇÃO, descripções, narrações, cartas, etc., segundo o programma, 2ª edição correcta e augmentada, por Guilherme do Prado, 1 vol. in-16 cart.....	1\$000
TRECHOS DOS AUTORES CLASSICOS, adoptados pelo governo para os exames geraes de preparatorios, por Guilherme do Prado, 3ª edição, 1 vol. in-16 cart.....	1\$000
COMPENDIO DE ANALYSE LOGICA, precedido de noções de syntaxe e rhetorica, por G. Ch. Raoux Briggs, 1 vol. in-16 cart.....	1\$500
TRECHOS ESCOLHIDOS PARA OS EXERCICIOS GRADUADOS DE ANALYSE LOGICA, por Filisberto de Carvalho, 1 volume in-16 cart.....	1\$000
ANALYSE SYNTHATICA, novo methodo theorico e pratico, obra aprovada pelo conselho director da instrucção publica e adoptada por ordem do governo nas escolas publicas, e para exames de portuguez, por A. E. da Costa e Cunha, 1 vol. in-16 cart.....	1\$500
COMPENDIO DA GRAMMATICA da lingua nacional, por Antonio Pereira Coruja, 1 vol. cart.....	1\$000
METHODO PARA O ENSINO DO DESENHO, por Olavo Freire, curso elementar, 1ª classe, tres cadernos, que se vendem separadamente; cada um.....	\$300
ARITHMETICA das escolas primarias organizada de accôrdo com os relativos preceitos pedagogicos, por Felisberto R. Pereira de Carvalho, 1. vol. in-32 cart.....	\$800
GUIA PEDAGOGICA DE CALCULO MENTAL e uso do contador mecanico ou "arithmomeiro" no ensino elementar da arithmetica, traducção e adaptação ás nossas escolas, pelo Dr. Alambary Luz, 1 vol. in-16 cart.....	2\$000
ARITHMETICA, methodo para aprender a contar com segurança e facilidade, por Condorcet, 1 vol. in-32 cart.....	\$600
ARITHMETICA PARA MENINOS, contendo unicamente o que é indispensavel e se pôde ensinar nas escolas de primeiras lettras por A. A. Coruja, 1. vol. br.....	\$200
GEOGRAPHIA-ATLAS, contendo oito mappas seguida d'um ligeiro esboço chronologico da historia do Brazil e de algumas noções de cosmographia, dedicado á infancia por monsenhor C. Couturier, segunda edição, muito melhorada pelo bacharel Alfredo Moreira Pinto, 1 vol. meia cart. obl.....	1\$000
CHOROGRAPHIA DO BRASIL (Rudimentos), para as escolas primarias, 2ª edição ornada de tres cartas, pelo Dr. Moreira Pinto 1 vol.....	1\$500
EPITOME DA HISTORIA DO BRAZIL, pelo Dr. Moreira Pinto 2ª edição illustrada com retratos de homens illustres do Brazil, 1 vol cart.....	1\$000
HISTORIA UNIVERSAL (Rudimentos), de D. Maria Emilia Leal, 1 vol. in-16 cart.....	2\$000
NOÇÕES DE HISTORIA DO BRAZIL, adaptadas á leitura nas escolas, por Coruja, 1 vol. cart.....	2\$000

Dr. P. Rajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas

Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE

FLORES ARTIFICIAES

Ribeiro de Carvalho & C.

RUA DO PASSEIO

Têm sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas, flores, etc., etct

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratice da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 - RUA DA QUITANDA - 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 - Laranjeiras

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade: Partos e Molestias das Senhoras

Residencia e Consultorio:

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

PIANOS E MUSICAS

FONTES & C.

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

Papelaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.

Completo sortimento de livros e objectos para escriptorio e de fantasia.

A SEMANA

DIRECTOR: VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, rua dos Ourives n.º 71, 2.º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 7 DE OUTUBRO DE 1893

EXPEDIENTE:

Assignatura annual.	12\$000
" semestral	7\$000
Numero avulso.	\$200
" atrazado	\$300

SUMMARY. — Historia dos sete dias, *José do Egypto.* — Cavacos medicos, *Dr. Sahen.* — O rabbi da Galiléa, *L. Rosa.* — Gazetilha litteraria. — Mangueira velha, soneto, *P. Rabello.* — Chronica dos livros, *O. Letrado.* — Bem-te-vil poesia, *C. Lopes.* — Os que surgem: D. Amor, *C. Dias.* — Depois de um arrufo, soneto, *R. Octavio.* — Os collegas. — Factos e Noticias. — Theatro, *P. Talma.* — Correio, *Eurico.* — Trat's á bola, *Frei Antonio.*

Historia dos sete dias

Dizem que no Pará chove todos os dias, indefectivelmente, e, quasi sempre, entre as duas e as tres—senão antes ou depois.

Assim, é trivial ouvir dizer entre homens e mulheres:

- Até logo.
- A que horas?
- Depois da chuva.
- Vou visitar-te amanhã.
- Pois sim, mas vae antes da chuva, que depois tenho eu de sahir.

Desde 6 de Setembro que nesta cidade vai-se arraijando um habito semelhante.

Em vez da chuva, o bombardeio.

A bala vae entrando em nossos costumes. A começo ella poz nos corações um grande medo, tão temerosa viuha e carregada; mas, depois, tendo-se verificado que, graças á inobumbravel estrella providencial que allumia e protege esta terra maravilhosa e abençoada, as balas, mesmo as de maior calibre, feriam e matavam em uma proporção tão pequenina e ridicula que não valia a pena incluil-a como elemento apreciavel na equação da vida quotidiana, a população accitou sem repugnancia nem medo esse incidente inevitavel e benigno.

Que é melhor: — abandonar o negocio, o emprego, a fonte de renda e andar noma-deando, com a familia ás costas e os chinellos no bolso, a cahir com todo esse peso sobre a panella magra dos amigos que moram longe, ou ficar em casa, bem aconchegado nos seus commodos e confortos, com o olho no emprego, a beber-lhe o leite facil e gordo, correndo, embora, o risco tenuissimo, de receber um cartão de visita dos revoltosos... sobre a cabeça?

O nosso bom povo, a quem não é a idéa da morte que apavora, mas a de morrer incommodamente, deslocado dos seus velhos habitos, entendeu que melhor, muito melhor era ficar.

E ficou, tendo voltado, trazida por aquelle raciocinio, a parte que fugira, apavorada pela novidade.

Por ventura não nos acostumámos ao bonde? E matará elle menos que o bombardeio?

Não encontro uma só pes-oa que não tenha tido uma parede furada, sobre cuja cabeça não haja estourado um *schrappnell* (*ciaknel* diz o povo) que não tenha passado sob uma talagarça de balas de canhão-revolver.

E todos accrescentam que não tiveram medo nenhum, que se fugiram para as suas casas foi sómente para tranquillisar as senhoras e as crianças.

Em summa, o povo vae perdendo o medo das balas. Congratulo-me com elle por esse passo grande e prometted-r na senda da sua libertação moral.

Medo de tiro é um prejuizo; o que mata não é a bala: é a entrada da bala no corpo.

Mas felizmente raras são as que se entregam a tal demasia.

Em geral, rasgam apenas o seio do espaço ou tiram o chapéu de arlequim de uma torre de igreja. Os canhões tem alma.

Uma vez habituado o povo fluminense á chuva de ferro e fogo, como o paraéuse á de agua do céu, só resta nma cousa a fazer para que seja completa a nossa ventura; e essa cousa é determiuar, marcar a hora da chuva... de balas.

Acho que para esse unico effeito podia muito bem entender-se o Governo com os rebeldes sem desdouro nem quebra da sua dignidade de força legal.

Das quatro ás ciuco é uma hora excellente; já todos despegaram de suas occupações, ingeriram seu "vermouth" e tomaram os bondes e vagões; já todos estão em casa ou bem perto della. A chuva não poderá apanhar senão raros retardatarios; mas a esses mesmos não ha de quebrar os ossos. E, depois, hão de se inventar guarda-chuvas apropriados.

Dessa forma, sabida com segurança a hora do bombardeio (termo excessivo, que emprêgo para não perder tempo á procura de outro) poderia esta cidade voltar aos seus habitos antigos, á perfeita normalidade de sua existencia.

Seria optimo para todos: governo, revolta e povo—os tres estados em que ha cinco annos está constituido o Brasil, fóra o de sitio, que é consequencia natural do segundo. "Dansar sobre um volcão" deixou de ser uma hyperbole arrojada.

O fluminense requebra o fadinho sobre o Vesnvio.

"Krupp e Quem comeu do boi?" Essa legenda em um escudo auiverde, com um Etna de um lado e a "mulatiuha do carço" do outro, entre galhos de fumo e café — eis as armas verdadeiras do Brasil, que eu teria proposto para substituir as que vingam sob o bafejo positivista.



Quem chama de povo medroso e covarde ao que fez a gloriosissima campanha do Paraguay, (para não falar nas lutas heroicas pela Republica, antes da independencia) e vae para as praias e para os morros ver as evoluções e combates da esquadra com as fuças de terra, sem temor ás balas que lhe esfus'am rechinantes sobre as cabeças, nada entende de psychologia, é um perfeito cego em tão delcada materia.

O que elle tem é uma quantidade estpnda de bom senso; só trata dos *seus negocios*, e entende por alheios todos aquelles em que não teve parte ou influencia directa.

Na opinião do meu amigo Chrispim Fz-Tudo, a que me referi, ha oito dias, o grande mal deste povo é ter sido educado por brocardos e rifões, visto que elles, ainda no pensar d'aquelle homem profundo, não são a sabedoria dos povos, mas a sua toleima, reduzida a pilulas.

Ora entre os rifões que nos ajudaram a crescer figuram com relevancia os seguintes:

"Com teu amo não jogues as peras," "Morrer por morrer, morra meu pae, que é mais velho," "Boa romaria faz quem na sua casa fica em paz," "Quem pario Matheus que o embale," "Quem as armou que as desarme," "Ande eu quente e ria-se a gente" "Falar é prata, calar é ouro" e outros muitos que taes.

Acho certa procedencia nessa observação do meu amigo.

Os rifões entraram em muito para a feitura deste no-so optimismo á prova de bala, mas a influencia do lundú foi maior, para não lembrar a da roupa-velha de raças de que provimos, a do clima e outras.



Ha um mez apenas que a revolta custodiana catrapuzou sobre nós e já todos estamos habituados a essa nova desordem de cousas—o governo, a revolta e o povo.

Bemdito e louvado seja o Deus dos Exercitos, que assim protege o Brasil, dando-nos tempera heroica á alma—para arrostar a morte, sem gemer, nem protestar, em chinellas de tapete, e boa enfiatura ás pernas —para dansar a polka.

JOSÉ DE EGYPTO.

CAVACOS MÊDICOS

(UM APITO VERMICIDA)

Diz muito bem Montain nas "Leçons de thérapeutique e de matière médicale: "Depuis l'humble violette, qui se cache modestement sous l'herbe fraîche de nos prairies, jusqu'au cèdre altier du Liban, qui perd majestueusement sa tête dans les nues argentines, tout est médicamenteusement dans la nature."

No doce e suave recinto do meu gabinete de estudo afaga-me, ha trinta e tantos dias, o espirito essa judiciosa sentença, mesmo ao troar da artilheria e ao sibillo das ballas que se cruzam nos ares, e que demonstram infelizmente a lucta fratricida na minha querida patria!

Afaga-me esse conceito o espirito, meu caro leitor, ao ter observado um caso curiosissimo, que eu entrego á consideração dos que peregrinam por este "valle de lagrimas" a tomar o pulso da humanidade e mandal-a que deite a lingua de fóra.

Meditem sobre o facto, estudem-n'o, observem attentiosamente, experimentem e me dirão se será mais um dos muitos caprichos dos "ascarides lombricoides," vermes cylindricos como as lombrigas da terra, ou se realmente existirá no "apito," n'esse pequeno instrumento de que nos servimos para chamar a policia, alguma substancia anthelmintica.

Lembrem-se das palavras de Montain e não se esqueçam do que diz Rabuteau: "Il ne suffit pas aujourd'hui de contempler les résultats complexes produits par une substance médicamenteuse ou toxique; la science thérapeutique est devenue plus exigeante. Elle cherche à dévoiler les secrets des médicaments, à pénétrer les actions qu'ils exercent non seulement sur les organes, mais sur les éléments anatomiques et les humeurs."

Ora... eu conto o caso como o caso foi.

Em um dos frios e azulados dias do mez de Agosto de 1893, dia calmo e sereno como os de outr'ora, em que viviamos na paz, esquecidas das agitações do mundo, auscultava e examinava eu, no consultorio, um dos habitantes d'esta cidade, quando repentinamente ouvi tocar a campainha do telephone.

Corro ao aparelho.

— "Prompto! quem falla?"—

— "E' o Dr. Sahen?"—

— "Sim, minha senhora"— respondi, percebendo voz de mulher.

— "Olhe, Dr., estou extraordinariamente afflicta, porque o meu filhinho acaba de engulir um apito e não sei o que hei-de fazer. Póde-me chegar até aqui? Faça-me este obsequio, tenha paciencia, porque estou excessivamente incommodada com este facto! Quem lhe falla é F., rua de tal, numero tantos."—

— "Bem, minha senhora, lá vou."—

E, pedindo aos consultantes o favor de esperarem, tomei o tilbury e fui vêr o menino.

Era uma criança de cinco annos de idade, de quem já eu tratava quasi desde o nascimento, criança adoravel, alva de neve, gorda, de formas roliças e torneadas como as de uma menina. Vivo, intelligente, esperto, com olhares de scintillações selvaticas, levadinho da bréca, como se costuma a dizer, estava fazendo ouvir o trillo de um pequeno apito, quando este escapasse-lhe pela bocca, escorrega-lhe pelo

pharinge e esophago e vai depositar-se na cavidade estomacal.

Era um apito d'esses que, ligado a um luxuoso cordão, costumam a adornar as "blusas infantis", como as que se vendem no "Parc Royal," Largo de S. Francisco ns. 10 e 12, estabelecimento commercial importante dos meus amigos M. Nunes & C.

O estado geral do menino, porém, não se perturbou, seu facies conservava-se sereno e placido e, depois de examinal-o minuciosamente e de indagar do modo pelo qual tinha-se dado o acontecimento, prescrevi-lhe 30 grammas de oleo de ricino e retirei-me.

O effeito do purgativo foi abundantissimo, mas só 48 horas depois foi que elle expelliu o apito pelo recto, acompanhado de um numero avultado de vermes intestinaes, longos e gordos.

A expulsão d'esses helminthos continuou a fazer-se ainda por algumas horas, em grande quantidade.

Ora, o facto é digno de attenção, tanto mais quanto eu já por varias vezes, tendo-lhe notado symptomas presumiveis da existencia de ascarides lombricoides nos intestinos, não só pela dilatação pupillar, pela tintura azulada da conjunctiva, como pelo aspecto picado da lingua, pelas dores pungitivas e dilacerantes no umbigo, a cephalalgia, a anorexia, prurido das narinas, etc., havia prescripto já diversos anthelminticos, sem o menor resultado favoravel.

Sómente ás vezes durante os seus innocentes e angelicos folguedos infantis, era despertado por vivo prurido na periphéria do anus e gritava.

Achegava-se-lhe o pai e extrahia-lhe um "ascaride lombricoide" que placidamente pendiam do orificio que estaciona junto ao "coccyx." Esse facto coincidiu sempre com a conjuncção lunar, o que justifica a minha opinião que durante muito tempo se fixa no meu cerebro.

No começo da minha carreira clinica e já nos tempos academicos eu zombava da influencia que os medicos antigos attribuiam á lua no apparecimento de certos e determinados phenomenos pathologicos; hoje, porém, pela larga observação, ligo grande importancia ao facto, em relação principalmente ás molestias do systema nervoso e aos vermes intestinaes.

DR. SAHEN.

O RABBI DA GALILÉA

A minha mãe.

Correram-n'o a pedradas de uma cidade maldita! E Jesus, o pallido Jesus da lenda, sem mesmo voltar o rosto seraphico e moreno para os que o injuriavam e feriam, affastou-se placidamente, serenamente, da cidade sem fé, onde mais tarde e por um justo castigo celeste, as vinhas não se encheriam de cachos da côr do sol, os campos tornar-se-iam estereis e os roseirae deixariam de florir em grandes rosas rubras como os roseirae de Jerichó.

E, seguindo a estrada immensa e deserta, ouvindo ainda e ao longe a grita infrene dos que o perseguiam, elle, o apostolo da luz, o rabbi que curara leprosos e sarára enfermos, elle o feiticeiro divino, que dera vista a cegos e

resuscitára um morto, scismou então, pela vez primeira na maldade cruel dos corações humanos.

Jesus caminhava em silencio e entregue a dolorosos scismares.

Veiu-lhe á idéa a recordação, ao mesmo tempo suave e triste, das bellas manhãs da Galiléa, quando elle partia ao sabor da aragem, pelas estradas cercadas de vinhedos e oliveas verdes, e descia até os campos luminosos de sol e de seára loura, a pregar a sã moral nos pastores das collinas e aos vinhateiros dos arredores.

E á sua imaginação occorreu tambem aquella poesia meiga das tardes tepidas e poeticas da Judéa, quasi ao expirar do sol nas nuvens do poente, por detraz dos montes longinuos; d'aquellas tardes silenciosas e cheias de uma meiguice extrema e infinita melancholia suave, em que elle, sentado n'um banco tosco, á porta da choupana humilde, explicava a Martha e a Maria o segredo ineffavel e divino das celestiaes bondades, incognosciveis para as almas terrenas.

E pela sua retina, placida e tranquilla, passou, como uma visão bemdita, tocado de neve, tocado do luar, o rosto pallido de Maria, a pura, Maria, a santa, livre do peccado e filha dilecta do Senhor dos Justos.

Jesus scismava.

O seu vulto austero passava sob os cedros antigos de ramalhosas frondes; trajava uma tunica de linho alvo, que lhe cahia aos pés calçados de sandalias de couro e sustinha-se a um cajado, o mesmo que lhe servira para amparar-se quando descera as collinas de outras cidades, e subira montanhas e atravessara as estradas de Capharnaum, quando ia pregar aos pescadores e aos que lhe queriam ouvir dos labios doces a sã palavra divina e o celestial e bom preceito do amor dos justos na terra, n'esse valle de lagrimas immenso, por onde as almas passavam arrebatadas no pelago vertiginoso do vicio.

Os cabellos negros cahiam-lhe em cachos sobre os hombros e a barba, que lhe emmoldurava o rosto moreno, repleto de uma doçura infinita, de uma serenidade austera, era da cor das amoras maduras nas amoreiras em flôr.

E Jesus caminhava em silencio.

Era meia tarde. O sol, já um tanto fraco, coando os seus raios atravez os ramos das oliveiras, punha reflexos d'ouro na areia dos caminhos invios.

A aragem passava, ciciando leve nas frondes altas, e as aves entornavam ainda no ar as ultimas melodias querulas dos seus canticos.

De instante a instante o rabbi detinha-se para olhar em torno e escutar ao longe se a multidão dos homens máos continuava a perseguil-o; depois, como lhe parecesse mergulhada em profundo e imperturbavel silencio a longa estrada que viera de percorrer penosamente, e se sentisse ao mesmo tempo fatigado, Jesus chegou ao planalto de uma collina e parou para descansar.

Sentou-se sobre uma pedra, sob o docel de uma arvore annosa; ao lado uma fonte suspirava intermittentemente a sua eterna prece piedosa e deixava correr a agua crystallina e fresca n'um longo fio de perolas nitentes.

Que bello sitio aquelle!

O caminho, tapetado de relva, perdia-se á direita e á esquerda em dois atalhos floridos, onde se abriam pomposamente, triumphalmente, as folhas d'ouro dos grandes lyrios de corôas jaldes; uma brisa suave emballava o

cimo das oliveiras plantadas em renques e os laranjeiros, cobertos como que por um véo de luar, espalhavam no ar morno um perfume ao mesmo tempo grato e embriagante, um perfume virginal feito do halito dos anjos, da respiração tepida das visões celestes.

E, Jesus, embriagado por esse aroma casto e virginal que fluctuava no ambiente e se espalhava por tudo, deixou pender a cabeça sobre o peito e reconcentrou-se de novo.

Novos pensamentos sublimes como que vieram pousar-lhe sobre a fronte; apenas o seu peito arfava de quando em vez e o seu rosto resplandecia, como se a luz, prestes a expirar de todo nas dobras do negro manto da noite, viesse depor-lhe na fronte um longo beijo luminoso e casto.

Em que scisma, rabbi?

Ainda na impiedade dos homens; nesses mesmos homens que ha pouco o repudiaram e correram a pedradas porque elle, o precursor do Deus clemente, ousara apontar-lhes o céu azul, para o seu olhar sempre de uma limpidez de velludo brando e macio, como sendo a morada celestial da eterna felicidade humana.

E o desanimo como que viera aninhar-se no seu peito. Nunca a descrença o ferira tão profundamente pela voz dos homens como agora; nunca as almas terrenas lhe tinham apparecido tão cobertas do lodo impuro do vicio, da maldade cruel que os corações devora e arrasta; nunca essas almas lhe tinham apparecido tão cobertas de trevas como ha pouco.

E o rabbi sentia-se vencido, sentia-se subjugado.

Já não tinha forças para prégar aos povos a verdade sublime, que, por uma celestial inspiração, lhe brotava d'alma e lhe vinha explrar nos labios, na verdade piedosa, amada por esse que guiava o mundo, e que sentia em si, inspirando-o a que exhortasse os corações transviados, os corações sem luz — sem a luz quente e benéfica do amor.

Já não tinha a coragem bastante de enfrentar os homens e discri-lhes, apontando o infinito céu azul, que lá, n'esse manto luminoso onde pairava a noite e onde cantava a aurora, lá, nessa esphera brilhante onde o sol resplandecia e as tremulas estrellas d'ouro tinham scintillações de diamantes, lá nesse paramo distante, existia a justa dadiua de um recanto do céu para os piedosos e crentes, e o castigo eterno para os máos e impuros de sentimento!

E de tal modo estava o rabbi entregue aos seus dolorosos scismares, que não se apercebeu sequer da chegada de uma nuvem de pombas brancas, mas tão alvas e tão puras como as almas dos crentes.

As forasteiras aves pousaram no caminho debicando a areia e soltando no ar uns arrulhos meigos, suavissimos. Não deram tambem pela presença de Jesus, tão immovel estava este, e silencioso e mudo.

Depois, como o dia fosse morrendo aos poucos, numa agonia lenta, e as sombras começassem a descer sobre a collina, as pombas voaram para longe, tatalando as azas diaphanas; apenas uma, a que excedia em brancura a todas as outras, deixou que o bando se sumisse no espaço e abrindo o véo leve, foi pousar sobre o hombro do rabbi. Jesus não se moveu: parecia adormecido.

E a noite veio baixando triste e silenciosamente e dentro em pouco cobriu-se a terra de trevas e a flôr do céu, como n'um campo azul, surgiu, tremulo e rutilo, o rebanho lucido das veladoras estrellas.

II

Quando as nuvens do levante começaram a apparecer douradas pelos primeiros raios da aurora, na terra se fez um primeiro rumor brando e tenue como o rumor tenuissimo da primeira prece. A pequenina pomba branca adormecida sobre o hombro do rabbi despertou e ensaiou o vôo na meia luz da manhã, mas, ao partir, roçou-lhe a fronte com a ponta de uma de suas azas flexiveis. Elle ergueu o rosto e o seu primeiro olhar foi para a luz brilhante.

O sol, que subia agora pouco a pouco, rasgando as nuvens do levante, — como pedaços de purpura custosa, — enviava para sobre a collina os seus raios benéficos. Mais um instante e elle entornava sobre a cabeça do Justo os seus reflexos d'ouro fino, que abriam em torno da sua cabelleira annellada como um vivo e claro resplendor da chamma.

O rabbi ergueu-se e tomando o cajado desceu por um dos caminhos da collina, aquelle que lhe pareceu mais silencioso e menos povoado.

Mas, após ter caminhado alguns passos, chegou-lhe aos ouvidos a melodia grata de uma canção longinqua, cantada pela voz de uma mulher.

Deteve-se e o seu primeiro movimento foi para retroceder, mas pelo caminho que descia appareceu, no alto, um rebanho de ovelhas da côr do linho maduro, ballindo timidamente, e o som do cálamo rude do pastor ressoou no ar.

E elle então, resolutamente, firme, seguro ao cajado desceu... desceu a encosta da collina que ia ter a Sicheim.

Já agora a manhã expandia todo o seu brilho e espalhava a sua luz dourada pelos caminhos transformados numa alva e comprida esteira luminosa; a povoação começava a delinear as suas choupanas e casas brancas e o arrulhar dos pombos soltos e o cantar dos ninhos agrestes confundiam-se com as vozes dos pastores e das mulheres dos casares proximos.

De repente Jesus estacou: tinha chegado ao sopé da collina e, bordada de pomares rescentes e claros, achava-se em plena cidade, onde corria de bocca em bocca a fama dos seus milagres e de alma em alma a fé pelo seu nome: allí, a poucos passos uma multidão composta de mulheres e homens e crianças, avisados por um pastor do logarejo, viera esperal-o á descida do monte verde.

— Rabbi! gritaram os homens tremulos.

— Jesus! repetiam tremulas as mulheres.

E as crianças estendendo os braços flexiveis e rosados para o seu lado balbuciavam como os paes:

— Jesus!

Mas, o rabbi recordou-se subitamente dos homens que, na vespera, o haviam injuriado e corrido a pedradas da cidade sem fé e os seus olhos, molhados de uma ternura immensa, ergueram-se da terra para o céu, como para pedir-lhe conforto e protecção.

— Rabbi! continuavam a implorar homens.

— Jesus! repetiam as mulheres por entre lagrimas.

E as crianças, rindo:

— Jesus!

De subito, porém, o seu rosto illuminou-se, resplandeceu ao clarão de um sorriso angelico e puro e o que os seus labios não puderam balbuciar, disse-o secretamente o coração no peito:

— Meu Pai! se os homens me injuriaram porque não hei de ouvir as supplicas dos innocentes!

E baixando, os olhos, cravou-os nas mulheres de Sicheim e exhortou-as:

— Mães! deixae que os vossos filhos venhama mim!

E estendeu os braços com para receber de uma só vez todas as crianças que corriam para elle de braços abertos, risinhas, numa alegria alacree ruidosa, como um bando de pequeninas auroras.

LUIZ ROSA.

GAZETILHA LITTERARIA

Do Sr. Mario de Alencar recebemos a seguinte carta:

" Illm. Sr. Director d'A Semana. — Capital, 28-9-93.

Admira-me que o seu critico litterario, O Letudo, ainda não tenha lido uma nota que acompanha *Tracema*, desde a sua segunda edição, publicada ha algumas dezenas de annos. Si a tivesse lido, não duvidaria certamente do bom senso e intelligencia do editor da *Encarnação*, attribuido-lhe, como fez, innovações orthographicas em livros, que apenas e licia sob a unica responsabilidade do seu autor. Ainda é tempo porém, de modificar o seu juizo, que fez publico; peço-lhe que procure a dita nota, onde José de Alencar explica porque accentúa a preposição *a*, mesmo isolada, e porque não se sujeita ás regras arbitrarías sobre collocação de pronomes pessoas objectivos. Poderá então convencer-se de que elle õinha a luta consciencia do que escrevia, não lhe sendo nunca possível a confusão entre artigos e preposições, como insinúa o seu critico.

Si não lhe fôr muito custoso, rogo-lhe tambem que indique quaes os cochilos de composição e syntaxe descobertos nas paginas de *Encarnação*. Necessito conhecer os ditos cochilos, e como eu, necessitam tambem os leitores do livro. Em questões grammaticas não se fazem insinuações: apontam-se os erros. Todavia, desde já lhe declaro que quanto ao a convicção, de que, em composição e syntaxe, José de Alencar nunca cochilou: fã e continúa a ser um dos mais correctos escriptores desta terra.

De V. admirador e obrig.^{do} — MARIO ALENCAR."

Posto de lado o azedume litterario que recoman as linhas desta carta, natural em pessoas pouco affeitas a lides de imprensa e, por isso, melindraves ao mais leve attricto, só nos resta loqvar o piedoso fervor com que o joven poeta exhibe a sua convicção acerca de não haver cochilado nunca seu illustre pae em composição e syntaxe.

O poeta esqueceu que até o bom Homero cochilava tambem. Só não cochila quem dorme de todo.

Quanto a indicar-lhe quaes os cochilos, não nos sobra tempo para tal. Os competentes que lerem *Encarnação* hão de encontral-os, como os encontrámos nós.

MANGUEIRA VELHA

Foi aqui. Neste tronco hirsuto, certo dia,
Viemos a data abrir das primeiras promessas....
Para nol-as doirar, sobre nossas cabeças,
Do alto, o sól através das arvores descia.

Contemplámo-nos. Tû, cujo rosto sorria,
"Não me esqueças!"—disseste, e eu disse—"Não
me esqueças!"

E afastámo-nos, pois que de tua casa, ás pressas,
Vinham todos os teus procurar-te, Maria.

Esqueceste-me.... O sól, que as nuvens avermelha,
Não nos vio nunca mais namorados e ufanos....
Breves annos o nosso eterno amor findaram.

Seja sempre abençoada essa mangueira velha,
Essa que inda o conserva através de dez annos,
Mais do que nossos dois corações o guardaram!

PEDRO RABELLO.

CHRONICA DOS LIVROS

DEMOCRACIA REPRESENTATIVA—Do voto e do modo de votar, por J. F. de Assis Brasil. Rio de Janeiro, 1893. 175 pags.

Um precioso livrinho, precioso devêras.

Destinado á propaganda das sans ideias sobre o sagrado direito do voto e o modo de exercel-o, escreveu-o o grande republicano numa linguagem clara, nítida, precisa, singela, incisiva como a luz meridiana.

E' admiravel o poder synthetico com que foram redusidas á sua formula mais simples e mais clara as idéias mais adelantadas e mais criteriosas, sancionadas pela observação e pela experiencia, ácerca de tão interessante assumpto.

E' um livro de pensador e de propagandista, que vem prestar á causa da democracia representativa serviços tão grandes e tão valiosos como "A Republica Federal," em que Assis Brasil revellou a sua competencia para estes trabalhos.

Damos em seguida os titulos dos vinte capitulos: "Fundamento do voto; Do facto de ter defeitos não se segue que o voto não seja util; Competencia do povo; Quem governa é a sociedade, não a maioria; Quem deve votar? Devem votar os analfabetos? Voto das mulheres; Os militares devem votar e ser votados? Um homem, um voto; Voto publico, voto secreto e voto obrigatorio; Mandato imperativo; Representação das opiniões; A representação das opiniões supprime as lutas irritantes dos partidos durante a eleição; A representação das opiniões embaraça a formação de colligações immoraes para eleição; A representação das opiniões favorece melhor organização dos partidos politicos; Vantagens da representação das opiniões no funcionamento do Congresso; Os partidos e a representação das opiniões; Criterio da proporcionalidade da representação; O systema eleitoral que eu proponho; Ligeira revista dos principaes systemas electoraes."

Nesta rapida noticia apenas damos a impressão geral em nós deixada pelo livro—a qual foi optima.

E' uma obra que deve ser mandada reeditar em uma enorme edição popu-

lar, para ser gratuitamente distribuida pela parte—mui numerosa infelizmente—menos illustrada do corpo eleitoral.

A SEMANA voltará em outra secção a tratar do Myro, estudando-o em cada um de seus capitulos.

Parabens a Assis Brasil pela obra excellente que fez e á democracia brasileira pelo grande serviço que lhe elle prestou.

CELESTE, (scenas da vida fluminense) por Délia, 1893. 330 paginas. Rio de Janeiro.

Estamos longe de partilhar a furiosa hostilidade que desvalvou (dão licença ao neologismo?) o nosso elegante collega e harmonioso poeta Osorio Duque Estrada contra as mulheres litteratas, artistas, cientistas, numa só expressão—contra as mulheres "intellectuaes."

E esta folha já disse porque.

Mas, se não jugamos justo nem util escorraçar o sexo lindo do dominio dos labores intellectuaes, tampouco approvamos a nimia benevolencia, a excessiva condescendencia com que de ordinario acolhe a critica (?) os referidos trabalhos.

Se uma mulher se sente irresistivelmente inclinada a escrever e tem as qualidades precisas—talento, gosto, conhecimento da lingua, embora as não tenha tão vigorosas como as que se encontram na media dos escriptores—porque vedar-lhe os lumbræes do templo—bem acanalhado, aliás, pelos mascates?

Dona Fulana tem muito mais geito para alinhar periodos que vestidos, para bordar idyllos que lenços, para compor madrigaes e novellas que calças defundilhadas—pois bem, que Dona Fulana siga a sua vocação.

Se não tem, é outro cantar, que vá ser uma mediocre dona de casa de preferencia a ser uma litterata detestavel.

"Délia," a operosa escriptora, deve ser classificada—de que modo? entre as ultimas ou entre as primeiras?

Entre as primeiras, responde o proprio implacavel confrade supracitado.

Entre as primeiras; ratificamos nós.

"Délia" é um escriptor; disemolono só na accepção adoptada pelos francezes, que não tem feminino para "escriptor e doutor," como tambem porque o seu temperamento litterario é positivamente masculino.

Para reconhecê-lo basta comparar os seus trabalhos com os de D. Julia Lopes de Almeida. Nos desta palpita, docemente emotiva, uma alma delicadissima de mulher. Os seus assumptos são colhidos no que tem a vida de mais doloroso ás vezes, mas tambem de mais puro, de mais respeitavel. As scenas e os episodios de seus contos e romances deixam no espirito do leitor uma impressão do que chamaremos "bem estar moral;" e isso sem hypocrisia, sem "pruderie," sem intuitos de moralisação proposital.

Não assim, Délia. Os seus assumptos são em sua maioria escabrosos, decotados, violentos. E' culpa sua? Não; é culpa do seu temperamento litterario.

A autora da "Familia Medeiros" é uma contemplativa, uma scisñadora, uma caçadora de Ideal, agil e forte, como Diana, e que persegue o seu gamo formoso e arisco através da floresta das realidades asperas do mundo, com o pranto n'alma e o sorriso nos labios.

"Délia" é uma amorosa, uma organisação callida e fremente de "vivedo-

ra," sempre sedenta, nunca saciada de vida.

A prova este romance—"Celeste." Que é a heroina do livro? Uma nymphomaniaca, um triste caso de erotismo atavico.

Foi elle, porém, bem estudado?

E' verdadeira ao menos a historia dessa infeliz?

(Não disemos verosimil, notem; e não o disemos porque, como ha tantos annos observava Boileau, o verdadeiro nem sempre é verosimil.)

Não o é. Essa historia é banal sem ser interessante e não é interessante por não ser verdadeira.

O leitor que acompanhou a vida de Celeste, que a vio procurar avidamente o prazer carnal, á custa de tudo, que a ella propria ouviu allegar o seu temperamento como attenuante de suas faltas ao marido e á mãe, vendo-a aos 8 annos impressionada por um gordo, tenor de cabelleira, aos 10 devorando romances de aventuras, aos 12 tendo insomnias ardentes a pensar na bella virilidade do poeta Zuzarte; aos 14 cahia em espasmos de volupia ao contemplar o poetico Dr. Cyro da Silva; o leitor não comprehende a castidade de Celeste quando a vê, apaixonada por Mario de Mendonça e maltratada brutal e injustamente pelo marido, conservar-se digna, e menos ainda comprehende essa abstenção heroica de Celeste depois de separada do marido, amando o tal Mario e crendo-se por elle adorada.

O leitor, que a vê, depois, repellar sem razão, por enfartamento só para mudar, amantes delicados, apaixonados, ardentes, como o conselheiro Marques e o Dr. Cicero Braga "um desses homens seductores e irresistiveis, dos quaes guardam as mulheres eterna lembrança e viva saudade", para lançar-se aos braços de donjuans idiotas, não acredita, não pôde acreditar na sinceridade do amor dessa mulher—prazer "(sic)" por seu cunhado Rodrigo e, por isso, fica frio e insensivel ante o desespero, e ar loucura della quando o vê morto de uma morte horrivel.

E esse Rodrigo—que parvalhão! Ama Celeste com extremos de Romeu classico e, entretanto, espéra que decorra um anno após a morte do marido della, seu irmão, que della vivia separado, que ella não amava, para vir do Recife ao Rio de Janeiro declarar á viuva o seu amor!

Chegado ao Rio, a primeira cousa que della ouve é convidal-o a ir morar com ella e, como elle recusasse, por um escrupulo comprehensivel, dizer-lhe:

—Creio adivinhar o motivo da sua recusa, por isso affirmo-lhe que pôde permanecer aqui, sem receio de especie alguma, "pois ha tres mezes que vivo completamente livre!" (pag. 282).

Em seguida Celeste conta-lhe toda a sua vida libertina, sem nada omitir... (E lembrem-se que ella mudava de amantes como de roupa (pag. 225)—o que devia fazer um amante por dia, pelo menos, visto os seus habitos de asseio!)

Pois o tal Rodrigo, depois de ouvir toda aquella edificante e longa historia, desata a chorar como um bezerro desmamado sobre a cabeça da "redimida"(!) e... pede-lhe a mão de esposa!

Esse typo, no emtanto, por inverosimil que pareça, não deixa de ser verdadeiro.

Ha desses paspalhões em abundancia e sem elles não seria tão numerosa a aça dos Menelaus.

Manda porém a justicia declarar que ha no romance alguns typos bem estu-

dados, felizes—o Venancio, o Arthur Medeiros, a "Bá", o Mario de Mendonça, o Raul.

O typo de Candida seria aceitavel sem a inexplicavel aberração moral que faz daquella mãe, tão amavel e exemplar, uma descaravel e monstruosa mãe, que odela e desherda cavilhosamente a sua filia unica por inveja dos seus triumphos amorosos!

Em summa, "Celeste" não é notavel nem pelo fundo nem pela forma. Não é um romance suggestivo nem ethica, nem estheticamente. "Della" ainda não tem estylo. Narra sem elegancia nem graça, nem vigor—apenas com habilidade. Não queremos parecer animado de má vontade, apontando graves desculdos e erros de forma, bem numerosos, infelizmente.

Apezar de todos os seus defeitos e imperfeições, ha comtudo, em "Celeste" a revelação do estylo de um romancista:—uma certa aptidão descriptiva, accentuada habilidade de narrar, facilidade de dialogação.

Não desanimem a autora: estude os mestres, cultive a lingua, desenvolva aquellas qualidades e contará, por fim, mais triumphos nas lettras que Celeste nas alcovas.

O. LETUDO.

BEM TE VI!

Pelos laços de amor Elímia e Lauro
Presos viviam, preibando os gózos,
Que no céo desfructar as almas devem,
Isentas de peccado: ambos formosos,
Ambos na flor da idade, ambos felizes,
Sonhando, cada qual, doces venturas,
Eram, quæes duas flores num pedunc'lo.
Da inaiis terna affeição firmes protestos
Mutuamente fazendo a cada instante,
De taes amantes o viver ditoso.
Ao mais ditoso par causára inveja!
Nunca ausencia cruel os separára:
Que se da vista corporal privados,
D'ambos n'alma presente estava a imagem:
D'Elímia o pensamento era o de Lauro,
De Lauro o pensamento era o de Elímia.
Muita vez, ambos juntos, conchegados,
A um tempo o mesmo termo profetiam,
Qual de bivalva concha braaca perola.
D'ambos as mãos entrelaçadas eram
Para o travesso amor cerca mimosa.
D'ambos nos olhos, que eloquencia muda,
Quando das rosas saltitando em torno,
Dourados colibris uaindo os róstros
Se beijar pareciam!.... Quantas vezes
Chegada a vez da despedida, nunca
De vez se despediam!.... Que alvoroço
D'ambos no coração, quando de novo
Após ausencia curta se reviam!....
Tal de tão extremos amadores
Era o viver feliz. Mas negra nuvem
Veio o sol empanar de tanta dita.
Elímia era mulher anjo não era....
Na rosa, na cecém, na flor mais bella
S'unsinha roaz vérmes damainho....
Lauro tem um rival!.... Por mór desgraça,
Preságo o coração lhe não batéra.
Linda aurora raiou: formoso dia
Ao colloquio de amor o convidava.
Eil-o que parte sóffrego, na mente
De ver a Elímia antecipando o gósto.
Chegou; ella o não vê; nos braços d'outro,
De Lauro não se lembra em tal momento.
"Elímia, minha Elímia...." A taes palavras
Veloz fuge o traidor; mas Lauro o avista,
E repellindo a amante que o buscava,
"Foge, foge tambem, mulher ingrata!...."
"Perdão, Lauro, perdão...." "Tão negro crime
Nem no céo, nem na terra se perdôa."
Disse; e pallido e tremulo nesse instante,
Sólta esurdente gargalhada!.... Os olhos,
Que exorbitar parecem, sobre Elímia
Com furor concentrado então fitando.
"Bem te vi; bem te vi, ingrata!" exclama.
E p'ra longe afastando a amante, corre,
Divaga ao longo do jardim: Elímia,
Em pranto, facil á mulher, o segue;
Mas Lauro sem cessar só lhe responde:
"Bem te vi, bem te vi, mulher ingrata!...."
Justo crime o desditoso amante
Enlouquecer fizera.... Insomne, exhausto,
A noite d'esse dia a eterna noite
Deu ao seu padecer. Elímia, a ingrata

Penitente, chorou a vida inteira:
E como por castigo a cada passo
Na campesina habitação ouvira
As tres palavras pela voz das aves.

Crendice popular affirma e jura
Que este amante infeliz mudado fóra
N'essa ave, cuja voz distinctamente
"Bem te vi, bem te vi, diz, e repete.

Rio de Janeiro, 1º de Junho de 1891.

DR. CASTRO LOPES.

OS QUE SURGEM

D. AMOR

CAPITULO III

— excerpto d'uma tentativa de
romancete historico—

Esther era filha de Elesiar e nascera como a Virgem Maria, em Nazareth, a terra do myrto, a terra das rosas, a terra das palmeiras. A mãe, uma judia de Bethlehem, deixára o mundo quando ella ainda dous annos não fazia que a viera, e como Elesiar negociasse em sedas e brocados e fizesse o trafico de perolas e incenso entre Yaffa e Tripoli, logo ella passára a viver na caravana, balouçada no doas dos camelos, percorrendo Aleppo, Antioquia, de Bairut a Acre, de Jerusalem a Damasco, vida errante, vida bohemica, vagueando numa peregrinação constante, entre terras do Islam e povos d'Israel, entre o mar e o deserto, entre a Syria e a Palestina.

Aos dez annos ella ajudava nas feiras o pae, a vender os punhaes, as cimitarras d'Alepo, a desdobrar as peças de Damasco, as coichas bordadas; e já bella, com os seus grandes olhos cõr de trévas, os seus cabelos cõr de noite, os ricos mercados achavam-na bonita, e quando a rapariga offerencia um bulhão adamasquinado ou um yatagan maior que ella, a venda rendia mais, como se as armas vindas das mãos pequeninas da encantadora judia levassem consigo um talisman invencivel e feliceiro. Sob o céo transparente do paiz dos sonhos e das lendas santificadas, Esther, crescida entre tapeçarias caras e estoffos preciosos, tornara-se vaga e mysteriosamente ambiciosa; na vida preguiçosa que levava, emballada ao passo d'um dromedario, pelos longos dias calmosos e abafados de jornada, acostumara-se a matar o tempo, sonhando amores e aventuras, adormecida, vaga como os desertos andados, pasmada, absorta ante o sonho ideal que ella amalgava...

Oh! dagas de Damasco, oh! perolas d'Ophir, oh! brocados de Smyrna, oh! sedas d'Alexandretta, oh! oliveas da Palestina: terra mystica das areias e do deserto, S. João d'Acre—a praça forte e sinistra, Jerusalem—cidade santa do Calvario, Antioquia—antiga rival soberba da soberba Roma, vós, oh! poemas de granito, oh! lendas da terra santa, oh! sonhos vivos de fantasia, todo, todo, oh! Oriente, desde a Arabia deserta até ao Bósforo d'aguas adormecidas, onde correm as tartanas e se banham de noite as estrellas do céo; oh! encantos mysteriosos do antigo Paraiso, terra da fé, que viste nascer Jesus e Mahomet, o profeta bondoso da caridade e o profeta terrivel das batalhas; paiz de beduinos e das arcarias mouriscas, paiz do crescente e da estrella dos Magos, velho feudo d'Heródes, terra de visio-

narios, sonhadóres, poetas, paiz mirabolante das mesquitas e dos harens, oh! cheiks, oh! kalifas, oh! emira, oh! fausto e pompa dos turbantes, das tunicas de brocado, dos yatagans, das cimitarras, tu que fóste a terra dos sonhos, a patria da poesia, o berço dos amóres, dize-me o que se poderá sonhar sobo teu céo transparente!...

A lua era um feitiço, era um feitiço doce, era um feitiço pallido; Jerusalem era a cidade santa dos christãos. Nos tempos dos crusados por ella se havia muito batalhado e nos seus campos grandes pelejas se feriram. Esther sabia, que lh'o disséra um dia um rabbi de Bethlehem, que da Europa vinham á Palestina guapós e bellos cavalleiros, que sabiam cantar e manobrar uma hacha d'armas, em comprimento de votos d'amor, e que d'antes os grandes fidalgos vinham combatter na Terra Santa, para estenderem a nomeada de seus feitos, como os ibis que procuram o ardor assassino do sol para abrirem as azas e pairar magestos na gloria das alturas.... Assim, a cada um d'elles que Esther encontrava, ella saudava-o: "Deus o acompanhe e ao seu amor, Sr. Cavalleiro!" e scismava nas namoradas do Occidente, louras, d'olhos azues de céa, muito azues, pallidas e brancas, muito brancas, nétas dos gólos, vivendo em castellos sinistros, rodeados de fossos e onde se entrava por pontes que se desprendiam das muralhas. As mulheres de lá, de quem ella tinha inveja, inveja má, inveja cruel, não devlam ser como as da Judéu, d'olhos negros, illuminados d'uma luz sombria, olhos sonhadóres, olhos tristes, grandes cabelos tenebrosos, enredeiros de corações, tentações negras de mysticas paixões e por imaginação um thuribulo de perfumes dormentes, por falla um arrollo de caricias, mais doces do que tamaras, mais tentadoras que sortilegios, mais harmoniosas que as estrophes de David, mais cheias de melodia que as citharas dos anjos, mulheres d'amor, mysteriosas, tristes, meigas, sonhadóras.

Luar, luar, luz mystica de sonhos, poesia dos céos, pelas noites ennevoadas, pelas noites limpidas, tu és sempre o sorriso do firmamento, a primavera da noite, tu és o perfume da escuridão, tu és o filtro doce que nos accorda para as saudades, tu és a paz da luz, tu és a creença de poetas, tu vertes da tua essencia luminosa a luz branda do nacar e das perolas; no teu fuscuro a humanidade espalha mil sonhos doidos, na tua luz andam soitos os pensamentos dos poetas, os suspiros das namoradas, o sorriso das virgens...., luz mystica de sonhos, luar, luar, onde resplandeces tu mais que no Oriente, a terra da Virgem macerada e pallida?...

A voz d'Esther era dolente e vagarosa, as suas maneiras pareciam de favorita d'um émire e o seu olhar alquebrado, perdido, tinha a fascinação dos filtros d'encantar.... D'uma preguiça oriental, estendendo sempre os braços, carregados de braceletes, com um andar quasi arrastado, Esther era o typo perfeito e completo d'essa belleza fascinante e tragica que nasce pela Syria e pela Arabia.

Quando Esther fóra a Trebisonda e vira a cidade das arcadas, e as mulheres envoltas em gazes, e as lojas abarrotadas de estoffos d'Armecia, de colgaduras d'Athenas, os xairos e jaezer que vinham de Constantinopola, as armas de Toledo, mais flexiveis do que vimes; a bella e louca israelita quizéra desde logo alli ficar, deixando para todo o

sempre as caminhadas na caravana, entre a poeira da estrada, a ver o sol hoje levantar-se embrulhado n'um manto de purpura, amanhã erguer-se n'um irradiamento ethereo, côr d'anil, hoje baixar atraz dos arecos com um diadema d'estrellas, depois cahir sobre os minarettos d'Alepo ensanguentando luminosamente a cidade, e aquillo um dia, e outro, a mesma coisa, quer fosse o Sinai que se esbatessse na sombra do horizonte ou a bella Damasco que se agachasse entre os vislumbres... Cansaram-a as bellas noitadas ás estrellas, com o véo das constellações sobre todos os sonhos, ouvindo o cantar d'um rabbl, triste, dolente, sepulchral, ou o urrar dos camellos, pela noite... Andava farta das jornadas da Syria, adormentada entre sedas, embriagando-se de haschiché..., e nos seus grandes olhos os seus olhos negros, os seus olhos lindos, tinha ficado o vágo desconsólo dos anceares insatisfeitos, profunda melancholia que lhe ameigava a luz triste do seu olhar dôce e terno e meigo...

De Trebisonda fóra a Bagdad, a cidade encantada do kalifado do Oriente, a Granada da Arabia, com os seus terraços, as suas mesquittas, os seus minarettos sobrepujados por crescentes, a bella terra de onde o céo roubava as huris santas, a capital oriental da Mourama, vasto templo d'amor, com o palacio do kalifa aberto ao sol, como um sonho de deleites, com os seus corredôres arcados de jaspe, os pavimentos encrustados de agatha, as grandes naves abafadas de brocados, mulheres envoltas em vestes preciosas, deitadas em tapetes de Smyrna; escravas abandonando com grandes leques de pennas de cysne e de pavão; perfumes e incensos crepitando em braseiros e perfumadores de cõbre reluzente; cadeados sustentando lampularios, pendentes de altos tectos, irradiantes de dourados; escudos e dagas pendendo dos muros e grandes mantos trançados de prata e torsaes, verdes, vermelhos e amarellos, cahindo ante portas, arrastando pelo marmore do chão. Atravez a atmosphera, impregnada da fumaça dos perfumadores, as grandes arcarias, rendilhadas, de porfiro, de alabastro e de granito, altissimas; as paredes em que se desdobravam grandes colchas e telas de côres fantasiosas; imans guardando as pórtas, com grandes lanças ornadas de clinas de cavallo, a luz magica coada pelos vitraes multicolôres do tecto, um cumulo de fascinação e encantos, morada deslumbrante onde appetecia amar. Ao fundo, sob algum estrado enorme, enfeitado de tapeçarias, deitado num divã, entre coxins, o émír, embrulhado em véstes cõr d'oiro e purpura que arrastavam pelos degraus, fumaria n'um nargilé de ambar, enquanto quatro escravas cantassem, tocando cythara, e a bella favorita, alguma armenia d'olhos verdes, se encostava ao hombro d'elle, seminúa, com o pescoço envolto em fios de perolas e rubis...

Em Bagdad, nas praças publicas, as rameiras offereciam-se núas, agachadas á porta do alcoice, perfumadas e tentadoras, e Esther ia fallar com ellas, de noite, ás escondidas, saber de nóvos gosos, que ella pedia para lhe contarem, friamente lubrica no meio de todo aquelle vicio, olhando-as com desprezo, como rainha poderosa... A bella judia poderia já ter tido mais do que um amante, mas fazia-a gosar mais o tórpor dos desejos esfaimados;... Depois ella tinha lá o seu sonho d'oiro e d'esmeralda, leido nas meditações fantasticas

da sua poetica tristesa. Um dia, um beduino fallara-lhe em amores, n'uma escravidão perpétua, n'uma bella miragem feliz, ella voltára a cabeça embrulhada nos cabellos pretos e desfeitos, e puséra-se a seguir ao longe um vôo muito alto de cegonhas que pairavam no azul... Tinha góstos extranhos, prazeres mórbidos que a deleitavam; assim, ella adornava-se de jasmíns, de rosas, de myrtho, d'acucenas e de lyrios e adormecia entre as flôres, desmaiada de perfumes e odôres... No seu olhar, vendado de mysterios, havia ás vezes uma luz má de gatto bravo e em tempo como Elessiar a quizesse casar com um rico mercador de Trebisonda, Esther jurára por Abrahão apunhalar-se antes que ser a sérvá de tal senhor.

O cavalleiro andante dos seus sonhos doirados, o bravo fidalgo do Occidente para quem ella guardava a virgindade, por quem ella guardava a virgindade, por quem ella esperava sempre com uma fatidica fé, tardava-lhe porém; havia já um anno que o esperava, com os cabellos soltos e o seio papitante de desejos e ainda os seus braços se não tinham prendido ao pescoço do sonhado namorado.

CARLOS DIAS.

DEPOIS DE UM ARRUFU....

Disseram-me de ti feios horrores....
G. Crespo.

Mãos de ti mal disseram, minha amada,
E os ouvidos encheram-me de horrores....
Nem sabes tu que negros amargores
Triste soffreu minha alma angustiada....

Eu te sabia bõa e immaculada,
A flor mais pura entre as mais puras flores;
E taes cousas forjaram malfeteiros.
Que a ventura minutos vi toldada ...

Entretanto varreu-se a tempestade,
E tu brilhas no céo com tal fulgor,
Que me é bastante a tua claridade....

Vivo da luz desse astro bemfazejo;
Nada mais sonho, nada mais desejo,
Minha vida, minha alma, meu amor....

Setembro, 1888.

RODRIGO OCTAVIO.

Factos e Noticias

A POLITICA

Foi no dia 6 de Setembro que os navios da nossa esquadra se revoltaram, sob o commando do contra-almirante Custodio José de Mello.

A situação hoje, 7 de Outubro, é ainda a mesma: os navios continuam revoltados, guardando a mesma attitude, ora bombardeando Nitheroy, a Armação, as fortalezas, ora atirando para a cidade *schrapneils*, granadas, balas de canhões-rewolvers.

Além da corrida do dia 13, houve duas, ainda mais desesperadas, a 25 e 30 do mez passado.

Neste dia o panico foi terrivel porque se espalhára o boato de bombardeio com enorme intensidade e os consules avisaram os seus respectivos jurisdicionados para se ausentarem da cidade.

Felizmente o ataque limitou-se ás fortalezas, durando duas horas e meia; trocaram-se centenaes de tiros; mas,

ao que parece, sem resultado pratico definitivo.

A imprensa que desde o começo tem commentado a revolta tudo tem feito para tranquilisar a população, quer garantindo a perfeita innocuidade das balas da esquadra, as quaes só, e muito raramente, matam uma ou outra criança, uma ou outra mulher; quer insinuando risonhamente que, graças á intervenção do corpo diplomatico, o chefe revoltoso não pôde mais atirar sobre esta capital.

Engodadas por essa mal entendida maneira de servir o povo, muitas familias têm regressado dos suburbios e pontos afastados para onde fugiram.

Entretanto, ante-hontem, ás oito horas da manhã cahiu sobre a cidade uma chuva de balas de canhão de tiro rapido e canhão-rewolver e algumas granadas.

Quem escreve estas linhas havia trazido sua familia no dia 4, illudido pelas seguranças de serenidade e paz que requeunavam as noticias e commentarios da referida imprensa.

Entretanto, vio ante-hontem a sua casa ameaçada pelas balas que zuniam e cruzavam sobre ella e teve de fugir novamente, levando a esposa e os filhos, em um terror que todos já conhecemos, infelizmente.

A imprensa, a que tem podido commentar os acontecimentos — esbraveja contra os boatos alarmantes; e, entretanto, ella põe em circulação uma especie de boatos muito mais temivel — *os boatos tranquillizadores*.

Antes os outros, porque a população, assustando-se, toma as suas precauções, foge do perigo; ao passo que os tranquillizadores, enganando-a sobre o risco que estão correndo os habitantes desta infeliz cidade, entregam-a inerme, indefesa, descuidada, á mercê dos canhões rebeldes.

Que a imprensa se limite a só noticiar o que é exacto, certo, provado; deixe-se de *constas*, não fabrique tambem boatos, que os seus são ainda mais perniciosos do que os que nascem pullulantes do anonymato popular.

Critério, juizo, sensatez, collegas!

Tenham pena de todos nós, do pobre povo a que pertencem e pertencemos. Se não lhes é permitido ou conveniente dizer-lhe *toda a verdade*, não lhe digam, ao menos, *senão a verdade*.

Deixou de ser nosso representante em Ouro Preto o Sr. Paulo de Roquemaure, e passou a sel-o o distincto poeta Zoroastro Pires.

Termina depois d'amanhã o estado de sitio que, com suspensão das garantias constitucionaes, foi decretado pelo governo a 25 do passado mez.

Fez annos a 4 do corrente o benemerito chefe republicano e venerando cidadão Dr. Prudente de Moraes. Aos votos que faz lodo o paiz pela sua saúde e felicidade junta *A Semana* cordialmente os seus.

Recebemos a visita dos Srs. Julio de Souza e Dr. Salvador Felício dos Santos, deputado estadual de Pernambuco. Agradecemos suas amáveis referências á "Semana."

OS COLLEGAS

Estando já prompta a nossa folha, sabido passado, não nos foi possível felicitar os nossos denodados collegas d'O *Pez*, que no dia 1 do corrente completou o seu 10º anno de existencia.

Fazemol-o hoje, pedindo á illustre relação licença para abraçá-la na pessoa de seu secretario, o infatigavel Jovino Ayres, que a uma actividade intelligente e incessante teue grande tino jornalístico.

CORREIO

Sr. M.—A sua quadra, que me parece de cabo de esquadra, não me quadra, porque de poetas quadrados estou eu cheio até á garganta! Andam a tres por dois, quando não chegam a andar a quatro por um (este um com aquelles quatro são a cabeça e os pés.)

Quando qulzer mandar peir á sua J... a "ardente luz" (diga logo: a lamparina) dos seus olhares, não faltará, em qualquer esqulna d'esta cidade, um constantino que se incumba de levar á nymphá o seu recado e as bobagens adjacentes. Será bastante que o cavallero pague ao referido "onze," "as onze." E como não tenho cera para espedir com ruins defunctos, apago a véla com que o alumiei por instantes.

Sr. R. S. S.—Pela carruagem logo se vê quem vem dentro. Bastou-me ver o papel em que Vossa Mercê destilou a sua "obra" para julgá-la. Por pouco que nol-a mandou em papel de embrulho! Quem tem na sua mesa de trabalho papel d'aquella ordem, é forçosamente negociante de seccos e molhados, mas muito mais de molhados que de seccos. Olhe: o meu amigo teria lucrado mais em embrulhar naquillo um naco de toucinho ou um pedaço de fumo torcido, do que o indigesto pirão do seu bestunto. Cerebro que em tal papel lança as suas elocubrações, deve estar naturalmente dividido em prateleiras.

O producto que nos mandou foi tirado sem duvida da prateleira das batatas, reservando vossamercê para si o que ha na de balxo e na tina da lavagem. Quer que lhe diga moço? Quando tiver papel sujo na venda, queira entregal-o ao lixello; não o mande para "A Semana" que já tem a sua cesta de papeis inuteis a transbordar das tolices dos que tem como o amigo, a cabeça cheia de cascas de cebolas.

Sr. ARCADIO—Ia quasi dizendo "alcuido," sem me lembrar que "alcuido" não é o Sr., mas, sim, a fazenda que nos mandou. Que espiga, safa! "A Helena" do seu conto está pedindo uma enfermaria. Santa Casa com ella! Tem cada escrophula grammatical, a desgraçada, que é mesmo um Deus nos accuda.

Está precisando mais de xarope de Ricod do que de publicação! Olhe: pomada de enxofre para sarnas é santo remedio. Mas aqui, que ninguem nos escuta, aquillo é mal que não tem cura.

Diz o illustre cildadão na sua "lengalengá" que os bons bucados são feitos para a boca dos macacos. "Bucados" vá elle!...

Tem toda a razão, e provo que a tem, negando-lhe o bom bucado da publicação do seu conto. Por mais macaco

velho que seja, não me faz metter-lhe a mão na combuca. Não trinca bom bo-sado, não; tão certo como tres e dois são vinte e sete, noveis fóra nabijas. Era melhor que a sua "Helena" em vez de andar a enrabichar-se por velhos nojentos, fosse... pentear macacos, por exemplo. Boa idéa, hein? Só assim o autor da marmellada, quero dizer: do conto, poderla andar com a cabelleira penteada.

Sr. JUCA RISONHO—Chorão de cemiterlo é como V. S. devia chamar-se. Ou isto ou, então, "jaburú moleque." Passa fóra!... Se não chorei lendo o seu conto humorístico, fol por honra da firma, palavra! Levei a engulir os soluços como quem engole pão secco de quatro dias com fome de oito!

Mas que creatura, esta! Mandar a uma pessoa desprevenida, como eu estava, uma geringonça com o rotulo de engraçada e assignada por um "Risonho," obrigando a gente a antecipar-se em desabotoar o botão da braguilha, e em comprimir o bantulho com as mãos ambas, de riso engatilhado, como quem val produzir uma explosão de gargalhadas, e... "búcte!" deitar-nos agua na fervura da alegria, pespegando-nos, apenas, no lombo, pilherias de catacumba, mais tristes do que um corvo com gosma e que parecem ditas por um defuncto tres dias depois de enterrado! Quem não tem pés nem cabeça não dá cambalhotas; por tanto, fóra da arena o gato pingado que quer fazer de palhaço! Livra! Que sexta-feira do anno passado!...

ENRICO.

THEATROS

Vão se reabrindo timidamente. O *Apollo* para offerecer ao povo *Abicaxi*, o *Variadades* e o *Recreio* varias peças de seu repertorio.

Estrear-se-á brevemente no *Polytheama* a companhia lyrica do Sr. Samson.

Está na capital o conhecido prestidigitador Hermann filho, que trouxe grandes novidades a exhibir.

Regressaram a Lisboa quasi todos os artistas da companhia do theatro D. Maria II. Dos artistas Rosa Damasceno e Eduardo Brazão recebemos um delicado cartão de despedida. Feliz viagem.

Vicente Reis arranjou para o *Apollo* uma peça intitulada *A Princesa Cenouza*. Ha de ser filha d'el-rei D. Nabo Não Sei Quantos. P. TALMA.

Tratos á bola

Charadistas illustres.

Devido ao pouco espaço e tambem ao pouco tempo de que posso hoje dispor, vou tratar de dar já conta de meu recado, e vou em seguida resar as minhas contas, porque as cousas, lá para que digamos, não andam nada boas.

D'esta vez veio em primeiro logar "Bibliophlo," mas, como não tivessees mettido o dente se não em parte das charadas, não recolheu o premio, o qual fica a disposição de "Amor Perfeito," que foi quem desembrulhou toda a meitada.

Em seguida vieram "Lilazia, Barbas de sebo, Fritz, Mata Cobra e Caucurena."

Diz um velho rifão que mais vale tarde que nunca, e é flado nisto que declaro aos meus leitores que o antigo de-

voto, "Valerius Madilena" dignou-se d'esta vez mostrar que ainda resa pela mesma cartilha, deciframlo as charadas do ultimo numero.

Infelizmente chegou tarde; o illustre devoto, console-se, porém, lembrando-se do que nos ensina o adagio antigo que diz que — quem perde dia não perde anno. E cá o espero de braços abertos.

As decifrações do passado numero, são as seguintes:

Namorado.—Seara.—Semana.—Anatolia.—Lima.—Asno.—Onsa.—Ovo.—Perrúa; do enygma: Cestello faz um cesto faz um cento; e da charada em termo: Zagari Garupa Ripalo.

Agora, nova dose. As armas, pois, charadistas:

ENYGMATA



& 1893

CHARADA ANTIGA

Na cella verás—1
Este santo varão—4
E aqui entre outros
Com certeza acharão.

MARQUEZ.

— PA — BA —
E' do Brasil
Logar gentil.

THIANOR.

Não já, porém com prazo não mui longo 2
Na fabula achareis esse animal 2
Muita gente a cabeça tem quebrado,
Em procura da chave terminal.

FEROZ.

LOGOGRYPHO
(Por syllabas)

Doce prova, ardente mostra
Do teu immenso carinho.—1—2,
E' esse lindo appellido—2—3,
Porque me chamas—anginho.

Doce prova, testemunho
Do teu affecto tão grande,
Que a ventura na minh'alma,
No meu coração expande.

LILAZIA.

Agora o fradeco:

Dobrada se mastiga—1
Dobrada a rir obriga—1
Tambem dobrada
Não custa nada—1
Roupa com dobra
Leva de sobra.

Leitor deita
Na segunda e na primeira,
Mas segunda com terceira
Fora deita.
O todo é bicho
Que tem capricho.

Neste montado—1
Nesta deitado—2
Por esta servido.
Mataste? Duvido.

E mais não disse por hoje.
Um premio onça pintada ao primeiro decifrador exacto.

E sem mais, aquellas, assigna-se em publico e reso.

FREI ANTONIO.

ANNUNCIOS

ESTABELECIMENTO
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado

115 — Rua Sete de Setembro — 115

Rua da Carioca, 12 e 14

FILIAL EM PETROPOLIS

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A' CASA PASCHOAL

CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133

Importação por todos os paquetes

Completo sortimento de chapéus para homens,
senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.

Rio de Janeiro

Gabinete de Cirurgia e Prothese Dentaria

DE

A. F. DE SÁ REGO

1 — Rua de Gonçalves Dias — 1

Este importante e antigo Gabinete, tendo passado pela,
reformas exigidas pelos processos da moderna odontologia,
acha-se equiparado aos melhores da Europa pelos esplên-
didos aparelhos e instrumentos de que dispõe habilitando-o
a apresentar trabalhos

ainda pouco conhecidos no Brazil

Collocação de dentaduras fixas, sem chapa, e sem extracção
de raizes ou dentes

TRAVAIL A PONT

Extracção de dentes sem dor, por meio do *Coryl* de
M. M. JOUBERT, de Paris. Aparelhos para correcção das
anomalias de implantação, obturadores para a abobada pala-
tina e veu do paladar, etc., etc.

Obturação e reconstrucção de dentes a ouro perfeitissimas.

Concerta-se qualquer dentadura que não esteja perfeita na
bocca, mediante pequena retribuição.Consultas e operações das 8 horas da manhã
às 10 da noite.

RIO DE JANEIRO

Dr. R. Rajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas

Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE

FLORES ARTIFICIAES

Ribeiro de Carvalho & C.

RUA DO PASSEIO

Têm sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas, flores,
etc., etc

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

DR. VIEIRA SÓUTO

Medico e Operador

Especialidade : Partos e Molestias das Senhoras

Residencia e Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

PIANOS E MUSICAS

FONTES & C.

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

Papellaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.

Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.

A SEMANA

DIRECTOR: VALENTIM MAGALHÃES

Redactor—gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, rua dos Ourives n.º 71, 2.º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 14 DE OUTUBRO DE 1893

EXPEDIENTE:

Assinatura annual.	12\$000
„ semestral	7\$000
Numero avulso.	\$200
„ atrazado.	\$300

SUMMARIO. — Historia dos sete dias, *J. Sincero*; Democracia Representativa — *A. Brasil*; Ophelia, soneto — *L. Delfino*; Gazetilha litteraria; Versos á noiva — *L. Rosa*; Os que surgem: Palhaços — *J. Vicente Sobrinho*; Dia cheio — *R. Braga*; Dois mundos, soneto — *F. Neves Sobrinho*; Partido, soneto — *Arthur Lemos*; Plebiscito Litterario; Factos e Noticias; Theatros: Correo — *Enrico*; Tratos á bola — *Fr. Antonio*.

Historia dos sete dias

Para mim, a quem boatos não interessam e tiros não causam medo, a semana só teve dois casos chronicaveis, secundos em sugestões e commentos.

Foi o primeiro o da heroína de Angra dos Reis.

Havendo aportado áquella cidade a torpedeira revoltosa *Marcilio Dias*, foi á terra a nua laucha o tenente Francisco de Mattos, acompanhado de alguns marinheiros armados. Imagina-se facilmente o susto daquella pacifica população.

O emissario revoltoso scientificou ás autoridades que ia alli, cumprindo ordens do chefe da revolta, arrecadar o armamento existente e osapparelhos telegraphicos e telephonicos.

“Chegados á estação telegraphica — resa a noticia d’*O Angrense* — o Sr. 1.º tenente Mattos intimou a estacionaria, a Exma. Sra. D. Julia Cunha para entregar-lhe os respectivos apparelhos, respondendo-lhe a estacionaria que só depois de morta S.S. isso conseguiria. Então, com todo o cavalheirismo, o Sr. 1.º tenente Mattos fez ver que ver-se-hia obrigado a empregar a força etc.

“Em seguida, — continúa *O Angrense* — o Sr. Honorio Lima, como amigo do finado marido da estacionaria, fez-lhe ver que o seu procedimento era digno e viril; porém que, não dispondo ella de elementos para uma reacção, era sacrificar-se infructiferamente; que ahi se achavam o delegado de policia e um representante estadual, testemunhas do facto; portanto, aconselhava a não entregar voluntariamente os apparelhos, porém tambem não reagisse se a porta fosse arrombada.” Mais ainda: “que fosse pelo

interior da casa, á sala dos apparelhos e communicasse o facto á Central.”

Esse conselho havendo sido acceito pela digna senhora, estava-o esta executando, quando sobre veio o Sr. 1.º tenente Mattos, que se apoderou dos apparelhos, deixando a seguinte declaração escripta: “Declaro que tomei á força os apparelhos telephonicos e telegraphicos, não obstante a resistencia da estacionaria. Angra, 23 de Setembro de 1893. *Francisco de Mattos*, 1.º tenente da torpedeira *Marcilio Dias*, deputado pela Bahia.”

Eis, resumido, o caso.

E’ um dos mais bellos episodios desta calamitosa quadra revolucionaria.

Aquella senhora, não reconhecendo a legitimidade de uma intimação emanada de um dos chefes dos revoltosos e recusando, por isso, obedecer-lhe, mesmo com sacrificio da vida, não foi sómente ao seu sexo, tão indevidamente chamado fraco, que honrou, mas a todo o funcionalismo brasileiro; ao qual deu, ella, uma fragil mulher, só e inerte, o mais bello e nobre exemplo da nitida e profunda comprehensão de seu dever como depositaria de funções de tanta importancia, como as de chefe de uma estação telegraphica e telephonica.

Quereis ver o contraste com esse procedimento? O commandante da torpedeira foi, em seguida, á casa do destacamento policial, e ahi arrecadou todo o armamento e munições existentes, sem a minima resistencia.

Uma mulher, só e sem armas, resiste valorosamente, para cumprir o seu dever e honrar a confiança que nella depositara o Governo, entregando-lhe a estação; ao passo que no destacamento policial, varios homens, em vez de defenderem, com as armas que tinham, o posto que deviam conservar, entregam-nas sem resistencia, á primeira intimação!

Se aquelle facto se houvesse passado na Inglaterra, em França ou nos Estados-Unidos, a menor recompensa que podia ter a denodada estacionaria era — uma estitua, para não falar nas subscrições publicas e nos ricasos excentricos que affluiriam a supplicar-lhe a honra de desposal-os.

Aqui mesmo, entretanto, neste paiz tropical de gente fria, não creio que passe sem a devida recompensa da parte do Governo tão raro e formoso exemplo de civismo e sem uma prova da admiração popu’ar.

A Semana faz um appello aos seus leitores, e ás suas leitoras principalmente, para que lhe enviem doativos destinados á acqui-

sição de um brinde ou mimo, modesto embora, a offerecer á Exma. Sra. D. Julia Cunha, a heroína de Angra dos Reis.



O outro caso interessante foi haver um collaborador d’*O Paiz*, o eminente *Ignotus*, chamado feio, com todas as letras, ao meu amigo Dr. Alberto de Carvalho, que é um bello rapagão, como o sabe todo o mundo.

Foi i so num artigo, publicado ante-hontem, sob o titulo *Os oradores do jury*:

“Alto, feio, vasta fronte illuminada, bigodes de general russo, gestos amplos, parecendo querer abranger o espaço e o auditorio.”

Não é tanto por ser uma flagrante e revoltante injustiça que protestamos. Mas para que não fique o precedente.

Basta ver o appolineo ora’lor judiciario, uma vez que seja, para guardar indelevel impressão da sua belleza mascula e sympathica.

Mas com que direito vem o autor de *Chiquinha Mascotte* para o alto da folha de maior tiragem e de maior circulação da America do Sul dizer a essa America e ás outras que determinado individuo, cujo nome escreve com todas as letras, é feio? Feio!

Não sabe S. S. que os gostos são relativos? O Sr. Dr. Alberto de Carvalho pôde ser feio para o Sr. Dr. Viveiros de Castro (*Ignotus*) e parecer formoso a toda a restante humanidade. E o Dr. Viveiros mesmo, eu acho-o bonito e mais não sou moça; entretanto a belleza que nelle vejo esplendor pôde não patentear-se a outros olhos que tenham theorias ou gostos differentes acerca da formosura.

Que movel teria levado então o trefego escriptor a passar diploma publico de fealdade ao nosso estimavel e esbelto advogado?

Ambos são solteiros... Uhm!

Ahi anda rivalidade...

Faço votos para que não haja duello.



Tambem faço votos para que na semana proxima o meu collega e chefe *José do Egypto* se ache restabelecido da máccoba que o arredou do glorioso serviço destas columnas e que me trouxe a mim a honra estopante de substituil-o.

JOÃO SINCERO.

"DEMOCRACIA REPRESENTATIVA"

OS MILITARES DEVEM VOTAR E SER VOTADOS ?

Em alguns paizes adiantados em civilisação e aperfeiçoados em instituições militares, os membros do exercito e armada não votam, nem são votados. Se algum quer tornar valida a eleição de que foi objecto, terá de abandonar a carreira, reformando-se.

Ha entre nós pronunciada tendencia a admitir estas disposições legais, e ainda ha pouco um general do exercito, deputado ao congresso nacional, propoz um projecto de lei, concebido mais ou menos nessas idéas. Esse projecto foi repellido, com a allegação de que importava offensa á constituição da Republica.

Desde logo declaro-me tambem partidario da opinião de que os militares não devem tomar parte directa na politica. Não devem votar nem exercer, como taes, funcções electivas. Acrecentarei, porém, não por evitar possiveis antipathias, mas por mera lealdade philosophica, que, assim pensando, tenho em vista directamente o bem da classe armada, e apenas indirectamente o da sociedade civil. Direi já porque, em relação ao governo militar.

O governo que mais divide é o governo militar. O general que estiver dominando, qualidades pessoas á parte, se fôr muito feliz, começará tendo como uma das metades do exercito e armada. A outra estará em expectativa e logo depois em descontentamento e surda, senão violenta, opposição. Raros homens (e nunca os que não tiveram para isso especial educação) deixam de guiar-se no governo um pouco pelas inclinações do coração, amor ou antipathia. Se essas inclinações não se revelam nos poucos casos em que os actos estão traçados pela lei e terão de traduzir-se forçosamente em justiça litteral, ellas hão de fatalmente descobrir-se na infinidade de occasiões em que taes actos devem ter somente a inspiração do criterio proprio da auctoridade. Nestas circumstancias hão de ser favorecidos os amigos. D'ahi desgostos, queixas, irritação, indisciplina. Os que soffrem, ou dizem soffrer, hoje, estarão dominando amanhã, ao lado do seu chefe, a quem a roda da fortuna elevará seguramente a seu tempo. De tal modo, sempre uma boa metade da força armada estará em opposição á outra. Se em todas as cousas a união faz a força, quando se traeta da propria "força," o principio é muito mais evidente, e, inversamente, é claro que a desunião debilita e dissolve. Não ha nada mais proprio para destruir os militares do que um governo militar.

Entretanto, é uma verdade, que se affirma, sem necessidade de demonstração—que o paiz precisa de um exercito e de uma armada.

E' pois, em beneficio directo do exercito e da armada que devemos desejar que os militares não se anniquilem na politica.

Por outro lado, e tomando a questão em outro sentido, consideremos o perigo publico que existe em enfeixar-se nas mãos de uma classe toda a somma das funcções sociais. A força é a sancção do direito. Ella só se explica pela obediencia que deve guardar ao principio soberano a que é chamada a servir. Se a sociedade, além de haver posto nas mãos

de certo numero de seus membros armados, disciplina e todos os elementos materias da força, ainda confiou a elles o poder de declarar os casos de applicação dessa força, não ha duvida que tal sociedade alienou a sua soberania e passou a viver da boa ou má vontade dos poucos de seus filhos a quem commetteu tão vastas attribuições. Em principio, pois, os militares, como taes, não devem governar.

Não esqueçamos, entretanto, que ser militar é um accidente e que o que é permanente e essencial é ser cidadão. O facto de vestir uma farda não muda a natureza do homem, ou melhor, de todos os homens, nem deve inhabilitar o cidadão para qualquer cargo onde suas aptidões o fizerem util, sem exclusão da suprema magistratura nacional. O que é preciso é que o militar não governe como tal. Que dispa a farda apparatusa, symbolo da gerarchia que manteve entre uma classe resumida, para vestir a egualitaria casaca, com a qual não terá de emitir vozes de commando, mas de presidir á livre evolução da sociedade inteira.

No dominio dos factos, ou do pensamento, é sempre verdade que os abusos se provocam. Havia neste palz, ha bem pouco tempo, e talvez ainda se conserve, a preocepção e queixa de que todos os males nos vinham dos advogados. Hoje começam a dizer que todos são produzidos pelos militares. Dirão amanhã o mesmo dos engenheiros, dos medicos, dos padres, se continuarmos commettendo a extravagancia de nos fazermos governar por uma determinada classe. Parece evidente que o facto em si de haver um individuo recebido o grau de bacharel em direito, ou em mathematica, ou de doutor em medicina ou em canones, não lhe dá nem tira virtude para ser governante, ou qualquer outra cousa. Entretanto, o criterio brasileiro parece não se preocupar senão com a investidura academica do individuo.

Eu penso que devemos ter muito em conta as letras de cada um; mas o essencial é sabermos que qualidades tem cada um para o posto a que aspira, ou que nós lhe queremos dar. Assim, eu não repelliria o militar pelo facto de vestir ou ter vestido farda; dar-lhe-la o meu apoio, se visse nelle as qualidades pessoas e adquiridas que julgo indispensaveis para o bom desempenho de determinadas funcções, e, entre ellas teria logo a condição de não accumular o character de cidadão armado com o de mandatario civil.

O projecto de lei a que estas paginas vem servindo de justificação respeita a letra constitucional. Ainda, porém, que a constituição permittisse (e não discuto agora essa hypothese) que a lei ordinaria arredasse a classe armada, não me pareceria sabio propol-o desde já. Penso que essa conqulsta da liberdade nos ha de vir por um movimento de patriotismo e bom senso do proprio exercito e armada. Ella será, então, mais estavel e se obterá de um modo mais brilhante. Temos a felicidade de possuir um exercito esclarecido nos seus elementos pensantes; quando esses elementos pensantes preponderarem, os bellos movimentos que até hoje têm abortado se transformarão em realidade. Os proprios militares, inspirados pela nobre, mas, para elles, indevida, ambição de glorias politicas, comprehenderão que a verdadeira gloria do soldado se conqulsta em campo bem diverso, cultivando a sua

arte tão interessante, disciplinando as massas destinadas ao combate, infundindo confiança á nação de que a sua integridade e decoro serão respeitados "pela razão ou pela força," como está no escudo dos nossos amigos chilenos, e o que é mais do que tudo, afastando do espirito publico, que precisa de tranquillidade para o trabalho fecundo, a preocupação importuna da instabilidade da ordem interna. Tal situação seria sem duvida util a todos, mas é, antes de tudo, uma condição para que os militares sejam felizes e para que a nação tenha um exercito.

J. F. Assis BRASIL.

OPHELIA

BAIXOS RELEVOS

... herself
Fell in the weeping brook....
Hamlet.

E' um deslumbramento!.... Aparição divina!....
Tem no olhar o clarão da chamma, que arde, em-
[quanto
Ruc no occidente accéo a ultima Alhambra em
[ruina:
Se canta, os rouxinóes calam-se ao ouvir seu canto.

Sae do centro de um lyrio: anda a rósa á surdina
Embalando-a em perfume; arrasta, e é tudo espanto,
Traços de luz nos pés, restos de sóes no pranto,
E o céu é um vasto nimbo azul, que ella illumina.

Enlouqueceu? Que ser estranho a levá-la e enleia?
Não é mais branca n'agua e mais leve a sereia:
Quem é? Quem vai com ella em tão longo noivado?

Ophelia, és tu o ideal do amor, que eternamente,
Solto o auroral cabelo, e ás hervas enrolado,
Vemos fugir, cantando a fio da corrente....

Luiz Delfino

GAZETILHA LITTERARIA

Nossa secção "Os que surgem" é hoje honrada com dois nomes novos—José Vicente Sobrinho e Raul Braga.

Aquelle, que reside em S. Paulo tem alli collaborado, no "Estado", com applauso; este é conhecido dos leitores d'"O Album", por alguns pequenos contos.

José Vicente Sobrinho revella-se nos "Palhaços" um batador de caminhos novos; um sedentó de fórmulas e idéas ineditas, originaes, blzarramente impressionistas. Fareja a "maneira" dominante de amanhã, que hoje mal se vislumbra nas nebulosidades das tentativas desorientadas.

Raul Braga é, a seu lado, um atrazado. Faz realismo, descreve minuciosamente trivialidades da vida, com attenção excessiva. Tem geito para o genero; mas o genero vae passando de moda.

Decididamente o Ideal reclama e retoma o seu logar nas letras. E' o Zola que dá o exemplo, contracto e ardente de nova fé. Não ha remedio senão segull-o.

De ambos os nossos collaboradores é licito esperar alguma cousa por estas amostras.

Com uma linda capa desenhada e litographada a côres, acaba de ser posto á venda o romance de Aluizio Azevedo "A Mortalha de Aizira", publicado ha algum tempo na "Gazeta de Noticias" com o pseudonymo Victor Leal.

O livro, que tem 320 paginas, está nitidamente impresso em excellente papel—edição quasi luxuosa, feita em Paris, e que muito recommenda o bom gosto dos editores Fauchon & C.

Do novo trabalho de Aluizio Azevedo diremos em breve.

Do soneto "La mort du Christ", attribuido a Moilère e por nós publicado em nosso duplo numero de 23 de setembro, já nos foram remetidas tres traducções.

A' que nos parecer mais fiel e correcta daremos de premio uma obra, illustrada, do grande Poqueiin.

Publicaremos, entretanto, todas as que recebermos, para que os leitores apreciem o nosso julgamento—excepto os que vierem sob a fórma de sonetos imperfeitos ou com versos de pé quebrado.

Que os Srs. poetas não percam tempo porque não lhes dá "A Semana" mais de um mez de espera.

Reproduzimos em nosso numero de hoje o oitavo capitulo da magnifica obra do Dr. Assis Brasil "Democracia Representativa". Trata de questão momentosa e tem a maxima oportunidade—em vespéras, como estamos, de eleições geraes.

É absolutamente impossivel diser mais e melhor em tão poucas linhas.

Que ellas aproveitem é o nosso desejo.

VERSOS Á NOIVA

Depois de ouvir a Ave-Maria de Gounod.

Ave Maria! dizem balbuciando
Os teus labios. Que doce melodia!
Ha corações de noivas palpitando
E ha rythmos d'ouro pela nevoa fria

Cheios de graça e ardor, os teus olhares
Sejam, cheios do sol do paraíso;
Boiem serenos, lípidos luars
Na claridade eburnea de teu riso.

Garça de neve e pomba immaculada,
Seja contigo o amor, seja contigo:
N'alma, de risos toda illuminada,
Quede os meus sonhos vão pedir abrigo.

Bem dita sejas, flor de olhos serenos,
Noiva mystica, excelsa e triumphal!
Nos labios teus os ais, languidos threnos,
Têm o calido aroma de um rosal.

Entre as mulheres todas o teu fino,
Leve perfil risonho esplende e canta,
E andam em torno d'elle—aureo e divino
Psalmo—psalmo de luz que a luz levanta!

Palmeira irial, te inforas e estremeces,
Fulgida no meu olhar febril e astuto;
E eu digo em sonhos, quando me appareces,
Bem dita seja a flor, *bem dito o fructo.*

Flor que em teu seio canta uma volata
Toda cheia de unção e oleos bemditos,
E quando as azas de setim desata,
Põe no ar clamor de estranhos ritos.

Fructo mais roseo do que a rosea palma
Da tua mão, que os meus suspiros sente,
Cheiroso e quente porque vem de um'alma
O bello fructo—o amor—cheiroso e quente.

E azas de cherubins voam distantes,
Azas, que vão e vêm e amplas, abertas,
Passam, repassam leves, rutilantes,
Como os voos subis de aves despertas.

E *Ave Maria*—dizes— como em sonho,
Ave... e a rir, meu espirito voeja,
Foge, e evolvo-me a um párauo risonho:
Vejo-me em face de um altar de igreja.

Nossa Senhora ahí está n'um floreo nicho
Como no fundo azul de um horizonte;
Mostra sedas talhadas a capricho
E um resplendor de estrellas sobre a fronte.

Sobre o manto que veste, preciosas,
Brilham joias e esplendidas riquezas;
Seus alvos pés minuculos, de rosas,
Calçam sandalias d'ouro e de turquezas.

E—*Ave Maria*— dizem balbuciando
Os teus labios... e pela nevoa fria
Passam visões, passam visões cantando
Brancas, leves, subis...—*Ave Maria*...

Luiz Rosa.

Setembro, 1893.

OS QUE SURGEM

PALHAÇOS

(A meu amigo, o *conteur* Carlos Dias)

PROLOGO

Cahira a noite, vagarosamente, toda embrullhada numa chuva fina, irritante, que enchia de mofo a solidão parda dos côos. As pesadas nuvens da tarde chuvosa iam lentamente, preguiçosamente, perdendo a côr terrosa e misturando-se todas numa espessa treva.

A transição do dia para a noite fôra monotonica, sob a chuva continua, melancolisando as almas numa longa nostalgia dos crepusculos tranquillos, cheios do mysterio do dormir do sol, e da vozéria dos animaes, que vac decrescendo, pouquinho a pouquinho, numa gradação cheia de somnolencia e de suspiros. Agora, porém, nem um gallo se despediu do dia, nem um boi chorou, e os passaros? que tinham feito os passaros?... como o dia tinha sido feio e triste, todo elle, os passaros ficaram nos ninhos, á coca, esperando que viesse o sol, mas o sol não veio...

... E já é noite, muito escura, muito negra, chela de um vago receio, de um tremor indeciso, chegando, de longe, de perto, de todos os lados, a cadencia da chuva, em uma continua queda.

Pelas ruas da villa os bicos de kerosene, muito espaçados uns dos outros, alumiam, com a luz immovel, por entre os vidros. Não passa ninguém e, afóra o murmúrio da agua, ha um silencio enorme, como se tivesse morrido o mundo. Caminhemos, leitor, ao acaso, por estas ruas; talvez que se nos depare um drama, um assumpto para um conto. Que frio que faz! fechemos os capotes e não tenhamos medo de nossas sombras, as quaes, quando passamos pela luz, se alongam como uns phantasmas... O sino bate—uma, duas... cinco... sete... doze horas. Meia-noite! Não ouves um choro convulso no casebre do palhaço Delfino? Entremos.

—Quem bate?

—Sou eu, o que faz contos, e o meu leitor.

—Entra!

E a Imaginação, vestida de luto, faz ranger a porta podre do casebre, escancarando-a...

A' luz escassa de uma candeia morrinhenta, o quarto mergulha numa meia-tuza, cheia de sombras bambas, que a luzinha tremula projecta. No tecto, aos cantos, accumulam-se as teias de aranha, cahindo todas intrincadas das vigas, numa grande rede. Do centro pende um trapezio immovel, e a um canto um chicote e vestes de arlequim parecem dormir.

Sobre um colchão, coberta por uma capa feita de retalhos de chita brilhante

e cheia de guizos, uma criança enferruzada, rachitica, com as faces muito chupadas, morre. A cada convulsão que lhe agita o corpo mirrado, os guizos riem.

—Julito, fallia, que tens, meu amiguinho? Olha, sou eu, teu pae, o palhaço, o Delfino. Pois não me conheces? Vê como estou todo branco, todo enfarrinhado. Queres que sulte, que ria, que chore?

E o palhaço, todo pintado de alvaide e lantejoulado como se fosse para uma grande funcção, inclinava-se com os olhos cheios de lagrimas para o filhinho que morria, unica lembrança que lhe deixara a amazona Emma, de nariz real e de bocca em arco...

A amazona Emma... Sob o barulho monotonico que lá fóra fazia a chuva, e com os olhos pregados no rosto do Julito, que cada vez ia empallidecendo mais, o Delfino, retrocedendo dolorosamente ao passado, viu, das vigas velhas do seu quarto, do papel roto, do trapezio immovel, surgir morosamente a figura da sua adorada Emma.

Creados juntos pelo Gonçalo, o velho palhaço, que, já na decalencia da sua arte, pensara em fazel-os, do Delfino o primeiro "clown" do mundo, e da Emma a primeira amazona, elles mais pequenitos que eram do que o anão do bardo, tinham-se acostumado a viver juntos, numa franca camaradagem de brincos e de zangas. Nos feios mezes de inverno, quando a chuva caíia muito forte, mudando as viellas em rios lamacentos, elles, mansosamente, acaavam nas suas cabeceitas um goito de entrarem, sem o Gonçalo suspeitar, no quarto deste, puxarem de debaixo da cama o bahu de folha, muito devagarinho, e furtarem um dos jornaes que o velho palhaço lá guardava religiosamente, por causa dos elogios feitos a elle, no seu bello tempo... Furtavam-n'o, e, pela rua abalxo, na correnteza, seguia um grande navlo de papel, tripulado por uma marinhagem feita á tesoura, em grandes balouços... Na primavera, braço dado, lá iam para o campo, fazer armadilhas aos passaros, ou pulavam muros para furtar ameixas.

Um dia viram á borda de um tanque, dois patos, com os seus grandes pés espalmados, mexendo-se muito, um debicando soffrego o pescoco do outro; riram-se perdidamente e, chegados ao circo, contaram ao Gonçalo: este olhou-os, muito serio, com uma ruga na fronte, e, nessa mesma noite, separou-os um do outro, elles que sempre tinham dormido juntos. O Delfino, na sua qualidade de marmanjo, foi para uma esterra no clão. Aborrecidos, nem um nem outro dormiram e, toda a noite, levaram a pensar, achando o velho muito maldoso e não atinando porque seria aquillo. No dia seguinte, enquanto o palhaço estava fóra, o Delfino foi dizer uma coisa á Emma, ella riu-se muito, e, innocentes, muito curiosos, foram ver de novo os patos.

Era a puberdade que lhes nascia.

Já por esse tempo o Delfino era um dos predilectos do publico, que o recebia com bravos, sempre que elle vinha lá de dentro, numas cabriolas excentricas, e a Emma já recebia flores e já sabia atirar beijos.

Por uma noite de Junho, algida, o Gonçalo morreu. Delfino e Emma choraram muito e sobre o cadaver gelado do velho palhaço juraram união eterna.

Passaram annos: nasceu o Julito, e desde muito cedo era tambem palhaço.

Um dia entrou para a companhia em que elles trabalhavam o Theophilo, o homem-hercules, que logo se agradou da amazona Emma, de nariz real e de bocca em arco... Ella tambem foi tomada de uma paixão sensual pelo hercules. e uma noite fugiram juntos, emquanto na arena o Delfino, todo pintado, cantava quadras boças que a plebe applaudia... Quando o Julio lhe veio dizer que a mamã desapparecera, o Delfino largou a viola e cabriolou muito, para occultar as lagrimas—ha dias que elle já temia aquelle descalço. Ao levantar-se das cabriolas, as lagrimas misturadas com o alvaiade tinham sujado o seu rosto, e os seus labios conservavam uma dolorosa contracção de choro... Um frio glacial passou pelo publico e o publico assobiou o palhaço.

O Delfino, como um louco, procurou depois a amazona para a matar; uma occasião, numa cidade, julgou tel-a visto; avançou, não era ella...

Quando, na peregrinação vagabunda do bando chegou uma vez, de novo, ao logarejo em que morrera o Gonçalo, ajoelhou-se no cemiterio, sob a valla commum, que era onde tinham enterrado o velho palhaço, e esteve alli muito tempo, recordando-se de sua infancia das suas glorias, e da sua adorada Emma, de nariz real e de bocca em arco.

—Julito, vê, vesti-me todo para divertir-te, falla, meu amiguinho, sorri para mim. Olha, sabes quem veio saber de ti? A Marietta, a que pula no trapézio e que tem tranças louras. Ella disse:—“Pobresinho do Julito! O’ Delfino, diz a elle que eu lhe mando um beijo...” E foi embora muito garridinha... Amanhã ella volta, e você ha de brincar com ella...

Cahia a chuva monotonamente, e fol embalado pela cadencia da chuva que o Julito morreu. A’ ultima convulsão interçou-se-lhe o corpinho e elle disse, vendo o pae que, para o animar, cabriolava no quarto:—“Bravo, palhaço Delfino,” e depois, num ultimo suspiro:—“Papae,” emquanto o palhaço, correndo para elle e o abraçando, julgava vêr no seu filhito morto longinquos traços do nariz real e da bocca em arco da amazona Emma...



EPILOGO

... Foi quando entrei no quarto com o meu leitor. A Imaginação, vestida de luto, atçou a candeia morrinhenta, e as nossas sombras, muito grandes, dançavam nas paredes. O Delfino chorava, convulso, e eu alegrei-me:

—Olha, leitor, é um assumpto para um conto.

—Sim, é um assumpto para um conto.

José VICENTE SOBRINHO.

S. Paulo, Outubro de 1893.

DIA CHEIO

A Valentim Magalhães

Ha dias assim... Nunca a vida parecera melhor, do que nessa manhã, a Guilherme Vieira.

Espreguçando-se, os musculos dos braços afiguravam-se-lhe mais fortes, o peito distendia-se-lhe n’uma satisfação, n’um prazer de respirar, de viver; sadio embora, robusto, mais sangue, sangue

rico de homem forte, de homem equilibrado, dir-se-ia correr-lhe agora pelo organismo.

Passou em rapida revista os factos da noite anterior. Nada cuja recordação o aborrecesse: coisas banaes, insipidas, quando o peor: algumas horas de palestra, um pouco de bohemia pelos botequins conhecidos... nada de que se arrependesse...

Estava com appetite. Prompto em alguns minutos, pediu o almoço. Almoçava em casa, nos dias de serviço,—precisando comparecer mais cedo á secretaria.

O cosinheiro fôra, essa vez, inquestionavelmente irreprehensivel nas compras e na sua arte: a carne era excellente, “de bom logar” muito tenra, macia; o bife estava delicioso, como elle gostava: com bastante limão e salsa picada por cima; os ovos eram muito frescos; o leiteiro esqueceu-se de baptisar o leite; o café estava esplendido: “como tinta...”

Tomou um bond... Até que emfim não era preciso andar de corrida, para não perder o ponto! Teria, mesmo, tempo de “se preparar para o trabalho,” arrumando as suas coisas sobre a mesa, limpando, aparando, brunindo as unhas...

Não se lembrára: era dia feriado!... De que?...

Não sabia como esse lhe passara completamente, a elle tão a par de todos os dias de folga, de liberdade, longe daquelle monotonia a que se sujeitava, graças apenas ao ordenado menos máo.

Ha tanto que não havia um!... Era aproveitavel... O diabo é que não tinha dinhelro...

Com que prazer não iria flunar ao campo!...

De bom grado, faria desse dia um domingo de festa, de passeio entre arvôres, com um jantar alegre e fino sobre a relva, ao lado de uma mulher bonita...

Volto á casa. Oh! felicidade!... Mal entrou, o criado veiu trazer-lhe uma carta.

A mãe participava-lhe que já viera ordem ao Celestino, um negociante conhecido da rua da Quitanda, para lhe dar duzentos mil réis.

Essa resposta demorara-se: já não esperava por ella; calara-se até, fingindo-se zangado... Mas emfim chegava... e tão a proposito!...

Estava resolvido... Sahiu, de novo; tomou, novamente, um bonde: iria passeiar...

Casas adiante, uma mulher entrou: moça, simplesmente vestida. Timido de natureza, uma audacia agitou-lhe o peito do coração. Fantasizou, imaginou conquistá-la.

O bonde ia vasio: Guilherme, a rapariga, mais dois ou tres passageiros. A rapariga era facil, de certo. Notando que era olhada, cobiçada, revestia-se de ares superiores de mulher difficil e cara, não se esquivando todavia a lançar-lhe, a trechos, um olhar rapido e ardente...

Acompanhal-a-hia... E si fosse feliz... Jantaria n’um hotel... Um dia cheio!

Pensou em pagar-lhe a passagem, mas repeliu logo essa idéa: ella podia querer fazer “reclame” á sua virtude e envergonhal-o com uma recusa, um protesto. Quiz approximar-se-lhe, ir sentar-se no banco immediato ao seu, dizer-lhe alguma coisa, banalidades: que era muito bonita, estava apaixonado, perguntar-lhe onde morava, si a podia acompanhar,

ter essa honra... Teve medo, porém, de um escandalo: que ella se revoltasse, lhe respondesse desabridamente, não obstante os olhares convidativos e reveladores que lhe dirigia. Resolveu-se, pois, a segui-la sómente: observaria o logar em que se apeiasse e, mais adiante, saltaria, correria a alcançá-la. Apesar dos seus ares, bem que se via quem era; fosse ousado, entrasse com ella na casa em que ella entrasse e... recebido seria. Devia morar por alli perto: pagara apenas um tostão.

Proximo á rua do Conde, com effeito, a mulher mandou parar o carro, o apeiou-se; mais adiante, Guilherme saltou. O bonde parára um pouco antes da esquina; apressada, presentindo que seria seguida, a rapariga dobrou logo a rua; de repente, embarafustou por uma porta. Guilherme ia-lhe no encalço, quando esbarrou em alguém...

— Não tem olhos! exclamaram.

— E o Sr.?... nao vê, tambem?... respondeu.

Mas parou:

— Ah! é você...

— Que fazes por aqui?... onde ias com essa pressa, cégo, agitado?... — E o outro sorria-se...

— Deixa-me! seguia uma mulher. Ella já entrou; venho acompanhando-a desde a cidade; explicou.

— Uma mulher?!... Nao faças isso: não sabes quem é... Uma que desceu agora de um bonde... que entrou agora em casa, alli adiante?!...

— Sim...

— Não faças isso, repito-te. E’ uma mulher hysterica, disse-me o medico: tu sabes... tu o conheces... o Oliveira e Souza... E, depois, é tambem sabido; sempre foi assim (é a Rita): pilhando um homem como tu, não o larga mais... E’ uma “ostrá...” o diabo!...

Ouvindo, Guilherme, em cujo rosto transluzira, ao principio, uma estupefacção, serenara e acalmara-se...

— Mas então... dá-te com ella?

— Agora, não; ultimamente, não... mas em outro tempo... Sei-o, e, como teu amigo, te aviso: foge della!...

— Fugirei, respondeu-lhe.

E seguiram juntos, em direcção oposta á casa da rapariga.

Passava um bonde.

— Continuo o passeio; disse Guilherme.

Não se dirá que uma mulher assim estragou-me o passeio... Não vens comigo?...

— Onde?...

— A’toá... até ao fim da linha...

— Não... Tenho que fazer... Até logo.

Cerca das tres horas, estava de volta na rua do Ouvidor. Desceu, subiu, tornou a descer, tornou a subir... Conversou um pouco em uma charutaria. Comprou charutos.

Eram quatro horas e meia. “Um bello dia!” exclamava consigo, de instante a instante.

E dizer que se não fosse ter-me esbarrado no Pereira... Vamos tomar um “vermouth”... n’um café... onde haja musica... Desceu, de novo; entrou no “Casca.”

— “Vermouth” francez... com “bitter”, especificou ao criado.

A uma meza afastada, um violino, uma flauta e uma harpa afinavam-se.

— Diga que toquem alguma coisa que preste. Teem um nickel.

A marcha do “Propheta...” Mal; elle gostava, porém, assim mesmo, da musica. A musica não lhe falava ao

espírito, não lhe dava idéias, não lhe exprimia idéias; acalentava-lhe, adormecia-lhe a imaginação; vibrava-lhe os nervos, como que lhe agitava todo o corpo, fazia-lhe correr á flor da pelle um fremito, um arreple; punha-lhe no corpo uma loucura, uma doença nervosa; embriagava-o, enlouquecia-o. Bem ou mal tocada, elle gostava della assim mesmo: certas ouvindo, seria capaz de tudo — coisas de que se ria, depois, que condemnaria... de matar até, parecia-lhe...

Esteve ahi algum tempo. Pediu segundo "vermouth"... com "siphon", desta vez; mandou que tocassem outra coisa; pagou... sahio.

Bella tarde! Subiu, novamente, a rua; parou no Londres; conversou ainda com alguns amigos. Chegou a falar politica, a ter opinião sobre politica, uma coisa que o horrorisava, a que não dava importancia alguma. Disse coisas de todo o mundo, bobagens... "Os negocios do Rio-Grande lam mal... E os telegrammas? que de contradicções!... O Silva Tavares era um bravo!... com setenta e cinco annos!..."

Seguiu. Onde jantaria?... No Mangini.

E tomou o largo de S. Francisco.

— Sopa de "purée" de ervilhas.

Excelente! Apanhou a lista dos vinhos; escolheu Pomard; comeu peixe cozido, carne estufada com espinafre, fritada de camarão, "fié plqué" com batatas cozidas, "roast-beef" com salada de alface. Bebeu um calice de Porto fino, mandou vir a sobrezeza e meia de champanha. Porque não?

Era um dia unico. Nunca fóra tão feliz!

Faltava-lhe apenas o amor; mas, logo, mais tarde, elle o teria, elle o encontraria. Não tinha dinheiro?...

Ilusão, talvez... ilusão, de certo; pareceu-lhe que não o "esfolavam" muito, na conta. Como era dia de festa para si, deixou quinhentos réis em prata, sobre a toalha, para o "garçon"

Foi á casa mudar de roupa: de camisa, collarinho e punhos, de gravata, de calças e collete; enfiou a sobrecasaca, poz a cartola.

Fôra, comprou um botão de rosa, collocou-o na botocira.

Iria ao theatro. Era um dia cheio: porque não o acabaria assim? Ahi encontraria amigos, conversaria, rir-se-ia, tomaria um pouco de cerveja; sem duvida, acharia tambem alguma mulher que lhe agradasse: sahiria com ella; ceitaria com ella... acompanharia-a á casa...

O Sant'Anna! Representava-se uma magia: não fazia mal, estava disposto a tudo. E, depois, havia algumas de espirito, interessantes; além disso, era mais para passar o tempo e fazer horas, do que para assistir a um espectáculo.

No jardim, dois ou tres frequentadores passejavam, cabisbalxos, como medindo os passos, as mãos atraz das costas, segurando a bengala a prumo. Diante do botequim, um rapazinho rosado, de cerca de quatorze annos, de roupa clara e gravata vermelha, uma flôr ao peito, bebia uma limonada gazosa, olhando muito as raras pessoas que entravam...

D'ahi a pouco, porém, começou a apparecer mais gente: vinham aos quatro, aos cinco: uns paravam abaixo da escada que vae ter aos camarotes, outros desappareciam logo a tomar os seus logares, na platéa... A maior parte deixava-se ficar por alli, á espera que

a campanha tocasse. Grupos formavam-se, um zumzum de vozes já se ouvia, de todos os lados...

Não vendo ninguém conhecido, apenas relações de cumprimento, de aperto de mão quando muito, Guilherme atirou fóra o charuto e entrou. Mas a campanha ouviu-se immediatamente.

Ao terminar o acto, voltou ao jardim. E mai déra uns passos, sentiu seguramente-lhe os braços por traz... O Christovão!...

— Então, por aqui?!

— E tu!... Assististe ao acto?

— Assisti. A peça não presta, como já podés ajuizar... Já a vi muitas vezes, no entanto...

— Não vim por ella... — E contou-lhe ao que viera...

No intervallo seguinte, achavam-se sentados a uma mesa, embaixo da coberta do botequim.

Havia mais com elles o Pereira e um outro.

Guilherme sentia-se feliz, continuava a sentir-se feliz. Christovão e Pereira eram dos seus amigos: estaria algum tempo com elles; depois, procuraria uma mulher... despedir-se-ia d'elles...

Conversaram. Falaram ainda na peça, avaliaram algumas mulheres que passavam, criticaram actos do chefe da repartição em que trabalhavam... Mas Christovão excedia-se: calices de genebra seguiam-se nervosamente uns aos outros; já não muito bom, quando se encontrava com o amigo, — afogueava-se agora, gesticulava, loquaz... Guilherme já por vezes o reprehendera, de balde...

— Olha! lá vae a Lola! notou-lhe o outro. E cochichou-lhe uma torpeza ao ouvido.

— Disseram-me; ajuntou, sorrindo.

— Não... Não estás em ti... Não t'o permitto... Nunca desci a isso...

— Que!... Não me permittes?...

Azedava-se... Levantou-se... Ergueu a mão, tentou esbofetear o amigo... Alucado por essa aggressão em publico, este não oihou mais a nada, não teve mais força sobre si; agarrou-o, ia castigá-lo... Não lhe deram tempo... Os outros interpuzeram-se... Ao barulho, accorreram estranhos...

Era meia noite, quando Guilherme chegou á casa; dera ainda uma volta com o Pereira, a serenar-se um pouco. De nada mais quizera saber.

Por um habito velho, raro esquecido, calculou as despesas, relembrou tudo o que fizera... Estava alli o final do seu dia... do seu dia cheio, como tantas vezes repetira consigo! A estupidez daquelle insulto inimitavel, quasi vias de facto... relações partidas com um dos seus mais velhos amigos!... Um dia cheio, não havia duvida! um dia cheio!...

RAUL BRAGA.

DOIS MUNDOS

Penso. Em torno de mim palpita um mundo: Vejo-o no mar convulso e no insondavel Convulso mar da humanidade, o instavel Mar das paixões, soturno e gemebundo.

Vejo-o através do espaço interminavel: Nos astros claros; vejo-o no fecundo Ventre da terra, no amago profundo Da natureza eterna e inesgotavel.

Dentro de ti tambem, minh'alma anciosa, Um mundo immenso de illusões pulsava, Mundo que a dor desmoroçou lutuosa.

E delle apenas, hoje que o deploro, Resta-te, ó alma infortunada e escrava, O grande mar de lagrimas que choro.

Faria Neves Sobrinho.

20-1-93.

PARTINDO

Dia de inverno e horas de sol posto.
Por toda parte a lugubre paizagem...
E eu vou partir! Entretanto, no meu rosto
Apenas ves o selo da coragem.

E pensarás que o intimo desgosto
Que me trazer devia esta viagem,
Porque o não ves escripto no meu rosto,
Em mim não crave o seu punhal salvagem!

Creança, eu sigo as prescripções do mundo:
Elle condemna as explosões da dor:
Não saberei deste pezar profundo.

Ao longe, então, verei qual é maior:
Se o céu e o mar—o negro abysmo fundo—
Se minha magoa unida ao meu amor.

Arthur Lemos.

Olinda, 11-1-93

PLEBISGITO LITTERARIO

"Cosimo" pelas columnas do nosso distincto e muito estimado collega "O Album," a excellente folha de Arthur Azevedo, verberou um pouco acremente o plebisgito litterario aberto pela SEMANA sobre os seis melhores romances escriptos em lingua portugueza. Lobrigando em Cosimo um dos nossos mais festejados escriptores, não duvidamos em apanhar a luva que nos foi offerecida e vamos apresentar em algumas palavras a nossa resposta.

Diz o nosso illustre contendor: que devíamos ter perguntado quaes os seis melhores romances brasileiros, que andámos mal, misturando a litteratura dos dous paizes; que em nada nos importam os romances de Portugal, e que "o resultado foi que os caixeirinhos tomaram a coisa a peito, cabalaram e abarrotaram a urna eleitoral d'A SEMANA com o nome de Eça de Queiroz? D'ahi o articulista analysa detalhadamente o plebisgito, analyse que acompanharemos.

Mas vamos por partes:

A SEMANA, no seu primeiro plebisgito quiz que provada ficasse a liberdade de suas columnas mostrando que nellas não predominava de nenhum modo o espirito de "coterie."

Imaginou perguntar quaes os seis melhores romances escriptos na nossa lingua commun.

Quando, porém, iniciou os plebisgitos concebeu logo a idéa de futuramente abrir novo plebisgito exclusivamente brasileiro. Seria o segundo, ou terceiro, e então a limitação era cabivel. Para o primeiro ha de convir o collega que seria palpavel prova de injustificado exclusivismo.

Quanto á influencia sobre nós dos romances portuguezes, ella tem sido decisiva, real, indiscutivel. Basta rapido estudo das principaes producções dos nossos primeiros litteratos para se sentir immediatamente a influencia da litteratura portugueza. Este ponto é incontroverso.

Resta-nos refutar a ultima these: a dos caixeirinhos. "A Semana" não tem absolutamente culpa de que os verdadeiros litteratos deixassem de votar e cedessem a urna aos caixeiros.

O unico escriptor de reputação firmada que nos honrou com o seu voto foi o Dr. Lucio de Mendonça, cuja opinião publicámos.

Parece-nos exagero de Cosimo qualificar de caixeirinhos os votantes da "Semana". Não acreditamos que elles

tenham tempo para taes assumptos e quasi podemos garantir que a maior parte dos nossos votantes foi composta pela mocidade das nossas escolas superiores.

A classe caixeiral se concorreu foi em quantidade diminuta...

Procedendo á analyse do resultado disse Cosimo que esse resultado foi simplesmente ridiculo... Ha de nos dar licença... mas diverjimos.

Não se pode chamar ridiculo um resultado que dá o 1º lugar aos "Maias" um livro profundamente verdadeiro, rigorosamente estudado e em que ha capitulos e capitulos admiraveis. Não pode ser considerado somente como livro de escandalo o inolvidavel "Primo Basilio."

Não é ainda ridiculo o ver-se figurando em 3º lugar o immortal Braz Cubas, como judiciosamente disse Cosimo, nem a "Reliquia" em 4º, e os outros.

Não discutimos a superioridade desses trabalhos sobre outros. A "Semana" não emittiu a sua opinião; deu a de um certo numero de pessoas que acceitaram o plebiscito aberto, e, francamente, si em vez dos Maias tivesse obtido o 1º lugar qualquer romance sem valor, nós dariamos o resultado sem a menor alteração. Não improvisamos, relatámos.

Cosimo diz que os classicos foram despresados.

Não houve tal. Si illustre articulista lançar de novo a vista sobre o nosso numero verificará que o "Eurico" teve 53 votos para 1º lugar, o "Monge de Cister 19" e "Menina e Moça" (um livro quasi desconhecido da maioria dos leitores) 9. E assim em todos os escrutínios appareceram classicos com grande numero de votos. Não tiveram a maioria, mas a culpa não foi da "Semana."

Termina Cosimo o seu brilhante artigo dizendo: que a "injustiça mais flagrante, mais clamorosa, mais tola, soffreu-a Aluizio Azevedo, o victorioso romancista brasileiro, que escreveu o "Mulato," uma obra-prima, aos vinte e dois annos, sem nunca ter lido Balzac nem Zola, e presentou depois a litteratura do seu paiz com a "Casa de pensão e o Cortiço," para não fallar de outros romances."

Como dissemos, publicámos com a maxima lealdade o resultado do suffragio e assim não podiamos fazer seleções. Lembramos ao "Album" que Aluizio Azevedo, obteve brilhante votação, sendo que por um só voto perdeu o 6º lugar.

Julgamos ter respondido ao nosso illustre censor. "A Semana" não organison eleição, não cabalou, não supplicou votos, não prorogou o prazo, não defraudou. Terminado o prazo, dois dias após, mandou apurar as chapas e o resultado foi fielmente publicado.

Si esse resultado não agradou ao collaborador do "Album" (e tambem não nos satisfiz completamente) a culpa não é nossa, é dos homens de letras que deixaram correr o pleito á revelia, salvo Lucio de Mendonça.

Perdoe-nos Cosimo mas o seu artigo, posto que brilhante, foi apaixonado... "A Semana" não tem a menor indisposição para com o illustre auctor do "Mulato" e seria supinamente tola esta redacção si lhe accudisse a idéa de apoucar o merecimento do nosso grande romancista.

E mais nada.

QUAES SÃO OS SEIS MELHORES CONTOS ESCRITOS POR LITTERATOS BRASILEIROS?

O prazo para recebimento dos votos terminará a 23 de Novembro do anno corrente. As condições são as mesmas do precedente plebiscito. (Não confundir com a novella, que, sendo de mais longo folego que o conto, é de menos que o romance, podendo ser considerado um pequeno romance).

Para facilitar a votação, vamos dar uma relação de alguns dos livros de contos mais estimados.

Se com isso conseguirmos que alguns delles sejam lidos ou relidos, já ficaremos satisfeitos. Nem outo é o intuito destes plebiscitos, que, sem isso, seriam futeis.

Contos fluminenses, Historias da meia noite, Papeis avulsos, Historias sem data, de Machado de Assis; *Historias para gente alegre, Curvas e zig-zags, Filigranas*, de Luiz Guimarães Junior; *Lendas e Tradições*, de Bernardo Guimarães; *Traços e Iluminuras*, de Julia Lopes de Almeida; *Esboços e Perfis*, de Lucio de Mendonça; *Rhapsodias*, de Coelho Netto; *Contos a meia tinta*, de Domicio da Gama; *Contos Possiveis*, de Arthur Azevedo; *Fantusias*, de Alfredo Bastos; *Narrativas*, de Galpi (Galvão Pinheiro); *Contos amazonicos*, de Inglez de Souza; *Narrativas militares*, de Silvio Dinarte; *Vultos e Factos*, de Affonso Celso; *Arminhos*, de G. Redondo.

Lembramos tambem os contos ainda não publicados em volume, de Machado de Assis, França Junior, Aluizio Azevedo, Arthur Azevedo, F. Tavora, Julia Lopes, Virgilio Varzea, Magalhães de Azeredo, Moraes Silva, Ezequiel Freire, Alberto de Oliveira, *Hop-Frog*, (Thomaz Alves filho), *Délia*, Coelho Netto, *Ignotus* (Viveiros de Castro), Adelina Vieira, Medeiros e Albuquerque, Alcindo Guanabara, Oronio Duque Estrada, Guimarães Passos, Urbano Duarte, Raul Pompeia, Oliveira e Silva, Raul Braga, Luiz Rosa, Pedro Rabello, Emmanuel Karnero, L. G. Duque-Estrada.

Factos e Noticias

B. L. GARNIER

Tinhamos a intenção de escrever algumas linhas acerca do mais antigo e mais conhecido dos nossos editores, o velho Garnier, fallecido a 30 de setembro ultimo.

Dois illustres collegas, porém, o chronista semanal da GAZETA DE NOTICIAS e o redactor d'O ALBUM esgotaram de modo tal o assumpto, descreveram tão fielmente aquelle typo tão interessante, que nós, para não repetirmos o que disseram, vamos, com a devida venia, reproduzir um trecho de cada um dos seus artigos.

A tenacidade de Garnier no trabalho, pintou-a Machado de Assis admiravelmente nas seguintes linhas:

"Segunda feira desta semana, o livreiro Garnier sahiu pela primeira vez de casa para ir a outra parte que não a livraria. "Revertere ad locum tuum" — está escripto no alto da porta do cemiterio de S. João Baptista. Não, murmurou elle talvez, dentro do caixão mortuario, quando percebeu para onde o iam con-

duzindo, não é este o meu lugar; o meu lugar é na rua do Ouvidor, 71, ao pé de uma carteira de trabalho, ao fundo, á esquerda; é allí que estão os meus livros, a minha correspondencia, as minhas notas, toda a minha escripturação."

A sua influencia em nossa litteratura, como editor, e os seus defeitos de homem flexou-os Arthur Azevedo nos seguintes traços:

"Estabeleceram-se nesta cidade ha uns cincoenta annos. Era millionario, dizem, e não consta que já mais desse uma esmola. O seu nome nunca figurou n'uma obra de philantropia. Mas é de justiça dizer que não gastava comigo o dinheiro que negava aos pobres. Não gosou. Os seus herdeiros talvez tenham outra opinião sobre a utilidade dos contos de réis.

"Editava tudo, a torto e a direito, e nesse eclectismo está talvez o segredo de sua fortuna. Julio Verne, mais que nenhum outro escriptor, contribuiu para enriquecel-o... sem o saber.

"Diz a imprensa que elle prestou relevantes serviços á nossa litteratura. Effectivamente, o Imperador condecorou-o por esse motivo e nos catalogos da sua livraria figuravam alguns dos primeiros nomes das nossas letras. Mas a verdade é que elle só acolhia de braços abertos os escriptores que lhe entravam em casa com reputação feita, e ainda a estes pagava sabe Deus como. Não tirou nenhum nome da sombra, não estendeu a mão a nenhum talento desconhecido. Quando algum moço obscuro o procurava, ouvia: "Cresça e appareça." Se o pobre diabo realmente crescesse e apparecesse, poderia contar com o editor."

Apresenta-se candidato a uma das vagas de deputado pelo segundo districto da Capital Federal o nosso director, Dr. Valentim Magalhães, que publicará muito breve a sua circular ao eleitorado.

Falleceu o conhecido pintor belga De Wilde, proprietario de uma casa de objectos de desenho á rua Sete de Setembro. Era muito estimado pelos nossos pintores pela protecção que lhes dispensava. Affavel e jovial, tinha numerosos amigos e por isso tem sido bastante lastimado o seu passamento.

THEATROS

Em alguns theatros desta revolucionada capital tem havido representações; o Apollo tem sempre levado o "Abacaxi", que consegue attrahir sempre grande numero de espectadores.

No Polythcama estreou hontem, com a "Aida", a companhia lyrica do Sr. Sansone e de que é empresario o Sr. Luiz Milone. Nada diremos hoje sobre a estréa dessa companhia porque não nos foi possivel arrostar a tempestade para ir ouvir os rouxinões do Sr. Milone. Mas diremos alguma cousa no proximo numero.

Sabemos que o nosso amigo o illustre maestro Marino Mancinelli é o empresario da companhia lyrica, que virá a esta cidade em o anno proximo.

Fazemos sinceros e ardentes votos para que a sua empreza seja coroada de melhor exito, para que cada representação seja um triumpho para o director e um successo para o empresario.

Oxalá Mancinelli dispense a horda ignobil dos sub-secretarios, fiscaletes e outros typoides que, desconhecendo as regras mais almpies do cavalheirismo, muito contribuíram para a antipathia em que cahiu o Sr. Ducesi.

Bravos ao Mancinelli, que a estas horas já lá vai mar alto a imaginar a sua companhia, cujo elenco ha de ser forçosamente composto de artistas de "primo cartello."

FLAMINIO.

CORREIO

Sr. ATHOS—Analysemos a sua poesia. Diz S. S. lá na sua meia lingua:

"Meu Deus! Porque nas noites melancolicas,
Da lua no langor,
A mente de poeta se extasia,
Se perde nas regiões da fantasia,
E canto ainda amor?"

Então o Sr. não sabe porque? Faça-se de novas! Não sabe mesmo? Pois eu lhe digo: E' porque urubú quando está caipora não acha galho que o agente! Outra perola:

"O amor hoje é palavra sem sentido,
Miragem do deserto...
Si canto amor, motejam do poeta,
O peito abrindo ao typo o mais pateta
Que tenha herança perto."

Mas o Sr. não concorda commigo que esta sua estrophe (leia-se "estrope," abreviação de estroplada) inda tem menos sentido que a palavra "amor?" E não acha tambem que os patetas inda tem menos perto a grammatica do que a herança? Lá vae mais perola:

"O sec'loquer dinheiro... o som metalico
Os seres Inebria...
A virgem quer tinidos sonorosos,
Que embalem-na nos sonhos amorosos,
Em doce melodia..."

E não acha tão pouco que as donzellas querem igualmente uma outra coisa, dos bardos amantes, além dos "tinidos sonorosos," coisa esta ás vezes mais difficil de ter do que os citados tinidos? Julzo, o Sr. bem me entende. Ainda mais perola, leitor:

"O rico—velho—coxo,—hemorroydario
Será um bom marido!
O vate que uma cateira tem por leito,
Uns versos na algibeira o amor no peito,
Não serve! é um perdido..."

E acha o Sr. que a menina não tem razão. hein? Quem lê por leito uma esteira, meu caro, chucha no dedo que é serviço! Na algibeira querem-se "nicolás" e não versos capengas, mesmo porque: capenga não fórma! Agora a ostra, digo: a perola final:

"O amor é coisa vã... de nada serve...
Porque cantar amor?!
A moça ama sómente o "calculista,"
E o mundo só dá palmas ao versista,
Si é morto e foi deutor!..."

Pois o amigo, creio que, mesmo depois de morto, não as terá, a não ser as das proprias mãos e dos pés. Minto! Ha de ter, sim: o amigulho em morrendo ha de levar palma e capella, fique descançado. Pois se a moça tem coração duro... não quer nem a cacete! Quanto ao doutoramento que lhe falta, não lamente o poeta o seu estado, que eu lhe confiro desde já o diploma de Dr. na Asneira. E lamba as unhas!...

Sr. PANTALEÃO—Parece que, apesar das chuvas que nos tem caetado, a agua continúa a ser para Vossa Mercê uma illusão, com todas as letras. Já é ser caipora, benza-o Deus!... Pois meu amigo, um banho por semestre, pelo menos, creio que lhe não faria mal de todo. Lave-se, homem, lave-se e venha depois de vasculhado falar-nos, que o attenderemos. Isto do amigo obrigar a gente a responder á carta, mas que nos mandou o seu soneto—Ilha da Sapucaia, —de nariz arrolhado, é uma barbaridade!... Ou pensa Sua Mercê que já se acabou no mundo a areia e a casca de côco? Não, creatura, inda ha muito d'isto. Mas muito, mesmo! Esfregue-se e appareça, então; pela segunda vez lh'o digo. Com um pouco de coragem a coisa vae. E' possivel que da vez primeira adoeça, pela falta de costume, mas depois habitua-se. Animo, pois! Um homem é um homem!

ENRICO.

Tratos á bola

Ora esta! Deste modo estamos bem arranjados! Eu a acastellar charadas, a formar trincheiras de logogryphos, e os Srs. charadistas a deitarem tudo abaixo com a metralhada da sua perspicacia, como as crianças que derrocam os baluartes de cartas de jogar e os pelotões de soldados de chumbo, com dois piparotes e meio, ou com um sopro e tres quartos! Que procedimento inqualificavel...

Isto assim não leva geito! Não;—que a cachola cá do mustiga-resas não é para ahí nenhum alambique de mel de pau, nem nenhum tonel das "Damnadas" como dizia o meu defunto, devoto e compadre João dos Grellos, que Deus tenha em sua santa guarda;—o bom João dos Grellos que me dava sempre o melhor dos cafés que tenho bebido em toda a minha attribulada vida de cilicio e jejuns.

Era torrado e feito pelas bentas mãos da comadre Francisca (Deus lhe fulte n'alma!) a Chica Jabiraca, como a tratavam na ausencia as más-linguas.

Mas que sabor de café e que dedos que tinha aquella mulher para o tempero! Santa Rita de Cassia, nem me quero lembrar...

Entretanto, lembro-me sempre, que, uma vez... Mas, ora pipocas! Não é que com o café da comadre, ia-me esquecendo dos tratos?

Tratemos d'isto, portanto.

D'esta vez, coube ainda a "Amor Perfeito" o premlo. Chegue-se a elle! Segundo este invencivel "tratista" são estas as decifrações das charadices passadas:

Enygma—Florlano.

Charada 1ª—Frel Antonio.

Dita de "Thianor"—Copacabana.

Dita de "Feroz"—Logogrypho.

Logogrypho de Lillazia—Beljoca.

Charadas do blbl—Commoda—Macao—Muocama.

Depois de "Amor Perfeito" chegaram-se á fala os "barras" seguintes: "Bibliophilo", que esteve por um fiapo a lamber-se com o premlo, "Pépe",—"Violetina"—"Fritz"—"Lilazia e Valerius Madllena."

"Violetina" honrou-me com uns versos que em seguida transcrevo:

"Ao illustre Frel Antonio
Vem pedir humildemente
A pequena charadista
(E pedir por Deus clemente),

Lhe seja dado um logar
Ao lado dos valorosos
Que se acham alistados
Como soldados briosos.

E por ter contentamento,
Vem pedir deferimento."

VIOLETINA.

Pois não, minha senhora, esta secção é sua. O meu humilde cenobio, as contas do meu rosario e até o meu cordão de frade, tudo, está tudo ás ordens de V. Ex.ª

Agora ás

CHARADAS

Na pauta estou, bom leitor,—1
No meio sou encontrado;—3
Usado pelo doutor,
Se não vae, estás curado.

Está na pauta,—1
No brejo está,—1
Neste momento—1
Fructa achará.

Regato que prende o navio.—3,—2.

FRITZ.

LOGOGRYPHO

Se tu á missa fôres, meu leitor,
Tu has de ouvir dizer o sachristão;—5—4—3—6
Agora, lá nos ares me elevando,—7—2—1.
Podes me ver sem custo e confusao.

Encerro muitos primores
E sou por todos querida;
Quem a mim não conhecer
Não tem gosto nesta vida.

VIOLETINA.

Agora, esconjurado o demonio, de novo benzo-me e entro em fogo.
Lá vae quitute:

BISADA

3

Esta molestia pegajosa

—r—

Cobre-te a carne velludosa.
Que é?

ANTIGA

Busque na musica, rogo,—1
Fazenda que não é feia;—1
Porem que, de terra cheia,—1
Certamente acaba logo.—1

Mas que, mesmo sendo breve,
Sendo-lhe a vida fugaz,
Brilha muito e acho que deve
Brilhar tanto como o gaz.

NOVISSIMAS

1ª Esta pedra, na mulher e na musica, é serra.—2—2—1.

2ª Este verbo com os olhos, bebe se.—1—2.

3ª Na carga do lavrador vae rodando.—1—2.

4ª Na tela entra, na musica sac—1—2—1.

E tenho dito, que isto tambem não vae a matar.

E depois a gente precisa poupar-se, mesmo porque sabbado que vem tambem é dia.

Portanto logogryphistas illustres e não menos illustres charadistas, tratologos, emfim de todas as raças, e de todas as idades e de todos os sexos, até á seguinte campanha.

FREL ANTONIO.

ANNUNCIOS**ESTABELECIMENTO
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO
DOS**

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado
115 — Rua Sete de Setembro — 115
Rua da Carioca, 12 e 14
FILIAL EM PETROPOLIS

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A CASA PASCHOAL
CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133
Importação por todos os paquetes
Completo sortimento de chapéus para homens,
senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.
Rio de Janeiro

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE
FLORES ARTIFICIAES

Ribeiro de Carvalho & C.
RUA DO PASSEIO

Têm sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas, flores,
etc., etc

Gabinete de Cirurgia e Prothese Dentaria

DE
A. F. DE SÁ REGO

1 — Rua de Gonçalves Dias — 1

Este importante e antigo Gabinete, tendo passado pela,
reformas exigidas pelos processos da moderna odontologia,
acha-se equiparado áos melhores da Europa pelos esplên-
didos aparelhos e instrumentos de que dispõe habilitando-o
a apresentar trabalhos

ainda pouco conhecidos no Brazil

Collocação de dentaduras fixas, sem chapa, e sem extracção
de raizes ou dentes

TRAVAIL A PONT

Extracção de dentes sem dor, por meio do *Coryl* de
M. M. JOUBERT, de Paris. Aparelhos para correcção das
anomalias de implantação, obturadores para a abobada pala-
tina e veu do paladar, etc., etc.

Obturação e reconstrucção de dentes a ouro perfeitissimas.
Concerta-se qualquer dentadura que não esteja perfeita na
bocca, mediante pequena retribuição.

Consultas e operações das 8 horas da manhã
ás 10 da noite.

RIO DE JANEIRO

Dr. F. Rajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas

Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade : *Partos e Molestias das Senhoras*

Residencia e Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

PIANOS E MUSICAS

FONTES & C.

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

Papelaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.

Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.

A SEMANA

DIRECTOR: VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, rua dos Ourives n. 71, 2º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 21 DE OUTUBRO DE 1893

EXPEDIENTE:

Assignatura annual . . . 12\$000
 " semestral . . . 7\$000
 Numero avulso . . . \$200
 " atrazado . . . \$300

SUMARIO.—Historia dos sete dias, *Chrispim Faz Tudo*; A proposito de plagios — *G. Redondo*; Medalhões de arizes — *V. Mendes*; Poesia e Poetas — *A. Magno*; Em ouro, soneto — *V. Silva*; Cuiosidades litterarias: A' beira-mar, poesia — *L. Rosa*; Vivendo — *R. Braga*; Inverno, soneto — *P. Junior*; Os collegas: Os que surgem: Neve e sol, soneto — *Atcindo Coelho*; Factos e Noticias: Collaboração: Que dois! — *P. Sylvano*; Correio: Archivo.

Historia dos sete dias

As chronicas foram sempre para mim objecto da mais especial agerisa. Abominei-as sempre e, no entanto, por uma singularidade inexplicavel leio-as, arrependendo-me ordinariamente no fim, porque poucas não têm sido as peças que ellas me hão pregado.

O facto de me achar aquil nada mais é do que o resultado de um desses logros. Eu me explico.

Lia muito tranquillamente na minha pucata villa do Limão Verde as folhas desta capital quando chegou a vez d'A SEMANA. Escusado dizer que a adoro. Não fosse ella dirigida pelo meu velho camarada José do Egypto, o mesmo que redigiu em Limão Verde "A Idéa", de que, chronicas atraz, deu longa noticla.

Ia, pois, começar a leitura d'A SEMANA quando reparei que a famosa "Historia dos sete dias", não estava assignada pelo meu querido José e sim por um Sr. João Sincero. Confesso que a substituição embaralhou-me os sentidos e procurei avidamente saber o "porque" da ausencia do habitual chronista...

Facil me foi achar! Arredado do glorioso serviço, victima de macacôa, dizia o tal Sr. Sincero! De nada mais quiz saber; mandei preparar a Tapióca, a minha velha tordilha, e lá vim, morros e planicies, até á estação da estrada de ferro, onde a troco de não magros mil réis pude obter um excellente logar no trem, logar deliciosamente sujo.

O trem devia chegar ás 9 horas, mas só á meia noite logrei recolher-me ao hotel do Caboco onde passei a noite para, pela manhã bem cedo, ir visitar o meu José.

Dito e feito. Mal o sól acordara no seu leito de fogo, como diria qualquer poeta, e já eu me achava a caminho da casa

do José. Ao dobrar uma rua ouvi uma voz que me chamava: Chrispim, Chrispim. Reconheci-a, e dei logo com o meu José que me abraçou compadrescamente. Inquerei da sua macacôa e soube entao que tinha sido um pretexto futil do tal Sr. Sincero para desculpar a ausencia de José, todo embrenhado no mattagal da politica!

Declaro-lhes que não me agradou a pilherla e mais uma vez reconheci quão sensata é a minha aversão pelas chronicas. Deixar a minha remançosa villa, suppondo vir cumprir um dever de amigo e sair redondamente logrado...

Emfim, via o meu José e preparava-me para o almoço quando o velho amigo disse-me:

— Chrispim, eu não posso escrever a "Historia dos sete dias" para A SEMANA. Não tenho tempo, e estou baldo de idéas. Escreve-a tu, faze-me esse favorão!...

— Mas...

— Nada de replica: E' um serviço que me prestas. Recusas?

— Não, respondi friamente, e pouco depois, sem dar mais palavra ao meu amigo, despedimo-nos e caminhei sósinho.

Chegar ao Rio de Janeiro em pleno estado de sitio e ser obrigado a escrever uma chronica cu, o inimigo dos chronicistas e das chronicas, eu que acabava de ser victima de uma dellas! E pensando sobre tudo isto distrahi-me e só dei accórdode mim, quando ouvi fortes assobios e gritos. Chamei ás pressas a razão e verifiquei que a causa dos taes assobios tinha sido uma bala expellida por uma das fortalezas e que cahira muito distante do alvo... Reconheci então, com grande pasmo, que o heroico povo desta capital transformára o bombardeio em "sport" e assim applaudia ou vaiava os bons e máos tiros. Deliciou-me aquelle espectáculo. O Passeio Publico, onde me achava, apinhado de gente—homens, mulheres e crianças, todos armados... de binoculos; os caes, praias e mórros adjacentes tambem cheios, repletos de observadores que se deleitavam.

Admirei tambem a extrema habilitade dos nossos artilheiros, que queriam a todo transe arrazar a fortaleza de Villegaignon, mas que só conseguiam reduzir á orphandade milhares de peixes, e transformavam a bahia do Guanabara n'um vasto lago, cheio de bellas e enge-

nhosas columnas d'agua... Contemplava, como os outros, esse espectáculo, quando accudio-me á idéa da obrigação que tomára de escrever a "Historia dos sete dias." Lentamente, arrastando na areia do jardim a minha bengala de unicornio, dadiua do meu sempre chorado conego Pimenta, sahi do Passero Publico e encaminhei-me para o "Hotel Freitas" a fim de almoçar.

Ahi agarrei um jornal e dei logo com a noticia da morte do illustre marechal Mac-Mahon, o celebre ex-presidente da França e que tão bellos exemplos deu na sua vida militar e na sua vida politica e, ao ler as linhas do necrologio, entrei a reflectir sobre mil assumptos e acabei por achar que o marechal Mac-Mahon foi realmente um grande homem...

Sem almoçar, impressionado, sahi do hotel e de novo veio-me bailar satanicamente no cerebro a obrigação que contrahira para com o José de Egypto.

Mas finalmente sobre que escreveria eu? Sim, sobre que?!

O estado de sitio, sendo um estado interessante, priva com tudo um pouco, maxime a mim, pobre habitante de Limão Verde, pacato logarejo onde só houve a briga entre o Estulano e o Ambrosio, hoje compadres e intimos amigos, e onde só se publicaram dous jornaes "o Busca-pé," redigido pelo conego Pimenta, e annes depois "A Idéa," do meu José.

Sem achar solução para o magno problema encontrou-me a noite, e a manhã seguinte veio tambem levantar-me da cama, ainda ás voltas não com o somno mas com a idéa.

E nada de solução; o meu trapecio imaginativo jazia parado como o relógio da ex-capella imperial.

Neste entrementes ouviu-se fortissimo canhoneio e logo um sujeito alto, de bastas barbas, que me disseram ser o Dom Boato, avisou-nos, muito á puridade, de que estava á barra a poderosa esquadra suissa que ia bombardear a cidade.

Tremi e transido de susto, resolvi abalar e dirigir um bilhete de adeus, ao querido José do Egypto disendo-lhe, ao mesmo tempo, que não me havia sido possível escrever a Historia dos sete dias!

CHRISPIM FAZ TUDO.

A proposito de plagios

(CARTA A UMA SENHORA)

Minha senhora :
Pede-me V. Ex. que lhe diga se o seguinte soneto de M. P. Cepellos

AS ANDORINHAS

Quando do inverno triste vem chegando
A algente estação com seus rigores;
Quando no prado não florescem flores
E vai todo o arvoredado desfolhado,

—As andorinhas, garrulas, em bando,
Emigram (como outr'ora os meus amores
Do triste peito gelido de dores)
Outros paizes longe procurando...

Mas, sorridente vem a primavera
E torna o vergel florido como era,
E as andorinhas a chillar, joviaes,

Voltam de novo ao ninho abandonado;
No entanto o amor, que me deixou magoado,
Ao coração não voltará jamais!

(Do DIARIO POPULAR—Março 1893).

não será um plagio disfarçado da formosa poesia do poeta hespanhol Becker —“Las golondrinas”—cuja primeira estrofa diz assim :

Volverán las oscuras golondrinas
En tu balcón sus nidos á colgar
Y otra vez con el ala, sus cristales
Julgando llamarán,

Pero aquellas que el vuelo refrenaban
Tu hermosura y mi dicha a contemplar
Aquellas que aprendieron nuestros nombres
Esas no... volverán.

E eu respondo, sem trepidar, pela negativa, mesmo porque, antes de Cepellos e de Becker, já Wenceslau de Queiroz havia escripto, ha dez annos, sobre o mesmo titulo “As Andorinhas,” os seguintes versos, que vêm no seu pequeno volume “Os Goivos” :

Chilreando ellas se foram
Em bandos festivas
Em busca de outros climas...

Parlaram... eu as vi
Cortando os ceus azues

E foram... e com ellas
A minha mãe bondosa;
Ah! ellas voltarão um dia em bando,
Pelos espaços lueidos saudando
O termo das procellas...
Mas tu não voltarás, alma saudosa...

E, ainda dez annos antes de Wenceslau de Queiroz, já o nosso Lucio de Mendonça havia escripto esta quadra :

A' terra morta n'um inverno inteiro
Voltam a primavera e as andorinhas;
E nunca mais vireis, ó creanças minhas,
Nunca mais voltarás, amor primeiro!

(NEVOAS MATUTINAS—1872, 1.ª edição, pag. 103).

na mesma occasião em que Narcisa Amalia escrevia tambem, sem ter conhecimento dos versos de Lucio :

Desde então, comprimindo atras angustias,
Vou te esperar á beira do caminho;
Voltam cantando ao sol as andorinhas,
Só tu não voltas ao deserto ninho !...

(NEBULOSAS—1882, 1.ª edição, pag. 42)

E isto, depois que Soares de Passos, o mallogrado poeta portuense, já havia escripto, em 1850, isto é, vinte e dois annos antes de Lucio de Mendonça e de Narcisa Amalia :

Um dia outra quadra mais bella e mais pura
Virá de boninas ornar os vergeis;
Mas vós, ó meus tempos d'amor e ventura,
Sois finidos p'ra sempre, jamais voltareis.

(POESIAS—1875, 6.ª edição, pag. 135).

Ora, já vê V. Ex. que, se tivermos de accusar Cepellos de haver plagiado Becker, é preciso accusar Becker de haver plagiado Wenceslau de Queiroz, Lucio

de Mendonça e Narcisa Amalia e a estes de haverem imitado muito de perto, para não dizer plagiado, Soares de Passos.

E isto porque, nos versos transcriptos o pensamento é o mesmo ou quasi, apenas vestido ou disfarçado com a roupagem diversa da forma.

Ora, o facto de dous ou mais escriptores, poetas ou prosadores, apresentarem o mesmo pensamento ou idéia com forma varia ou mesmo semelhante, não constitue plagio; significa apenas, minha senhora, que, em litteratura, originalidade é uma “avis rara,” que poucos conseguem apanhar, porque o circulo que a imaginação humana tem de percorrer é tão limitado, que muito naturalmente o mesmo pensamento deve occorrer a diversos.

E as provas desta asserção pululam no microcosmo litterario.

V. Ex. conhece, como toda a gente, a celebre e graciosissima fabula de La Fontaine—“A leiteira e o pote de leite”—em que Perrette vai caminho da cidade com uma bilha de leite á cabeça, pensando em vendel-o e do producto comprar ovos para, ao depois de vendidos os pintos, comprar um porco e, com o producto deste, uma vacca, que a fará rica e independente... quando, enlevada com estes pensares, põe-se a dançar e atira com a bilha de leite em terra, vendo assim o seu sonho tristemente desfeito.

Suppõe V. Ex. que este pensamento é original de La Fontaine?

Engano: um seculo antes do fabulista francez, um poeta luso — o grande Gil Vicente—tão celebre e tão chistoso que o notavel philologo Erasmo de Roterdamo aprendeu o portuguez só para lello e que tinha por imitadores Lope de Vega e Francisco Quevedo, havia escripto o “Auto de Mofina Mendes,” onde a heroína, como Perrette, com um pote de azeite á cabeça, diz :

Vou-me á feira de Trancoso
Logo nome de Jesu,
E farei dinheiro grosso,
Do que este azeite render
Comprearei ovos de pata,
Que é a cousa mais barata
Qu'eu de lá posso trazer.
E estes ovos chocarão;
Cada ovo dará um pato,
E cada pato um tostão.
Que passará de um milhão
E meio, a vender barato.
Casarei rica e honrada,
Por estes ovos de pata
E o dia que for casada
Sahirei ataviada
Com um brial descarlata,
E diante o desposado,
Que me estará namorando:
Virei de dentro bailando
Assim dest'arte bailado
Esta cantiga cantando.

E a rubrica do auto diz que, neste ponto do enlevo de Mofina Mendes, o pote de azeite cai-lhe, e a pobre rapariga, ao ver o seu sonho desfeito, cantando exclama para os pastores Payo e Pessival, que a increpam pelo desaso :

“Por mais que a dita m'engeite,
Pastores, não me deis guerra;
Que todo o humano deleite,
Como o meu pote de azeite
Ha de dar comsigo em terra.

A semelhança entre os dous graciosissimos apologos—o do fabulista francez e o do poeta portuguez—é frisantissima: o que é ali Perrette, aqui é Mofina Mendes; o que ali é bilha de leite, aqui é pote de azeite; de resto, a conclusão e a moralidade são as mesmas. No entanto, ninguem accusou o “bonhomme” francez (como o chamava Molière, que lhe prezisse a gloria) de haver plagiado Gil Vicente, mesmo porque, tendo

elle imitado abertamente Phedro e Esopo, não se esquivaria á vulgar prohibida de litteraria de declarar que tambem tinha imitado Gil Vicente.

Mas o curioso, minha senhora, é que, se a increpação de plagiario coubesse a La Fontaine em virtude da “Leiteira e do pote de leite,” tambem caberia a Gil Vicente, em virtude do “Auto de Mofina Mendes.”

E isto porque, muito antes de apparecer este auto, já um livro indiano, muito antigo e denominado “Pautcha—Tautra,” contava o caso de uma tal Soma—Larma, que levando á cabeça, uma infusa com farinha, tal qual como Perrette e Mofina Mendes, começa a fazer castellos no ar e acaba por atirar com a infusa em terra.

No entretanto, é certo que Gil Vicente não conheceu o “Pautcha—Tautra,” como certissimo é que La Fontaine nunca lera o “Auto de Mofina Mendes.”

Mas, não pense a minha gentil interrogadora, que as variantes que teve o assumpto do gracioso apologo da “farinheira e da infusa de farinha” param aqui.

Mais modernamente, Lope de Rueda aproveitou-o para o entrecho de uma comedia, que tem por titulo “Las aceitunas.”

E' o caso de um lavrador, que, depois de haver plantado muitas oliveiras, vem para casa celar e põe-se a conversar com a mulher sobre o trabalho que fez. A mulher, como Perrette, Mofina Mendes e Soma-Larma, começa a construir castellos no ar e lembra que as oliveiras, plantadas naquella dia, dahi a seis ou sete annos darão azeitonas, que ella as colherá e que a filha as irá vender á feira a dous reaes o salamin. O marido não concorda com o preço por achal-o baixo e diz que não devem ser vendidas a menos de quinze dinheiros; mas a mulher não cede de seu preço.

Da divergencia dos preços, nasce a disputa e ambos consultam a filha. A filha inclina-se para a opinião do pai e, d'aqui resulta que a mãe lhe prega uma sova. Interven um visinho para aplacar a tormenta e, constituindo-se arbitro para resolver a questão, pede que lhe mostrem as azeitonas para elle julgar do seu valor. E' só, então, que os disputantes se lembram que as oliveiras foram plantadas n'aquelle dia e que por causa das azeitonas, que deviam nascer d'ahi a sete annos, já a filha levava uma sova!...

Como V. Ex. vê, o assumpto é sempre o mesma com forma varia: a desillusão proveniente de um sonho ambicioso forjado pela imaginação.

E, como no caso da comedia de Rueda, D. Antonio de Trueba escreveu tambem um conto, “Juan Palomo,” em que um marido têm grave questão com a mulher por causa de um filho que ainda está por nascer!...

Plagiarios estes tambem?

Não, é o “nihil sub sole novum,” de que ainda nos dão a prova as inscripções e legendas poeticas encontradas nos muros e paredes do forum de Pompeia, soterrados ha 15 seculos sob a lava do Vesuvio.

Diz Mac Monnier, no seu livro “Pompeia e os pompeianos,” que uma das inscripções encontradas modernamente nas paredes do forum pompeiano e gravadas a ponta de prego, provavelmente por oculos d'aquelle tempo, contem estes dous versos latinos :

Scribenti me dictat Amor monstrat que Cupido.
Ah! peream sine te si Deus esse velim.

O primeiro destes versos encontra-se na "Divina Comedia" de Dante, que, aliás, nunca poz, nem podia pôr, os pés em Pompeia. Ell-o:

Io vo scrivendo como amor me spira.

O segundo verso, diz ainda Mac Monnier, tem sido innumeradas vezes reproduzido pelos nossos elegiacos, plagiarios sem o saber, e significa:

Ah! que je périsse, si je voudrais être Dieu sans toi!

"E' ainda a canção do bom rei Henrique:

Si le roi m'avait donné
Paris, la grande ville,
Et qu'il me fallut quitter
L'amour de ma mie,
Je dirais au roi Henri:
Reprenez votre Paris!
J'dime mieux ma mie
O gué,
J'aime mieux ma mie.

"Decididamente o auctor desta velha canção nunca imaginou que um pompeiano, sem duvida um escravo, tinha inscripto, com um prego, a mesma idéa, quinze seculos antes d'elle, numa das paredes da cidade soterrada.

E fique V. Ex. sabendo que, nesses mesmos muros, agora exhumados, a cada passo, se encontram versos de Ovidio, de Propercio e de Virgilio, desse Virgilio que tanta vez foi accusado por Baylo e Mévlo de haver plagiado Homero, como Homero, antes d'elle, já tinha sido accusado de haver plagiado Orpheo e Linno.

A estas accusações, injustas a mór parte das vezes, ruros cultores das letras escapam, minha senhora; e V. Ex. deve recordar-se que o grande épico portuguez—Camões—soffreu-as do auctor dos "Burros," esse padre ambicioso, que, querendo supplantar os "Lusitânicos," compôz o poema "Gama ou Oriente," onde, á laia de preambulo, escreveu, com referencia ao grande épico, esta estrophe ousada e immodesta:

A' quem do vôo ousado,
O' Cysne altíssimo,
No espaço dilatado
Eu não posso ficar, eu corro ovante:
A divina poesia
Toda a mais altos céos meas passos guia?

Como vê, não se pode ser mais pretenciosamente tolo!...

Além dos exemplos, que deixo citados, para demonstrar o meu asserto, muitos outros poderia adduzir em prol d'elle, mas apenas citarei mais um.

Esse diz-me respeito e V. Ex. me releva a immodestia que, no caso vertente, não é filha da vaidade.

Ha annos, em 1880, eu publiquei, nas columnas do DIARIO DE SANTOS, um conto intitulado "Bertha" que, dous annos depois, reimprimi com outros contos em volume a que dei o nome de "Arminhos."

Pois bem; dous annos depois da apparição deste volume e quatro annos após a publicação do conto no DIARIO DE SANTOS, o malogrado Guy de Maupassant, dá á estampa o volume "Clair de Lune", onde ha um conto "L'enfant," depois transformado na comedia "Musotte", que explora precisamente o mesmo assumpto, que eu havia explorado na "Bertha" e que é tão assombrosamente parecido com este, que até as principais situações são as mesmas, os dialogos quasi os mesmos e o nome da principal heroína—Bertha—igualmente o mesmo.

E' para mim evidente que Guy de Maupassant nunca leu o meu conto nem d'elle teve a mais remota referencia, máxime, por ser elle escripto em uma lin-

gua pouco familiar dos escriptores francezes e quasi desconhecida da maioria dos habitantes da terra.

Não teve, pois, o infeliz Guy conhecimento algum desse meu conto e escreveu o seu suppondo que fazia um trabalho original.

O facto de elle o ter escripto e publicado quatro annos depois que o meu viu a luz da publicidade salva-me a mim, humilde auctor desconhecido, da pecha de plagiario.

Mas imagine V. Ex. que se dava a inversa: que era eu quem tinha a infelicidade de publicar o meu conto quatro annos depois de publicado o de Maupassant?...

Não faltaria, certamente, quem me accusasse de haver plagiado o escriptor francez e eu proprio teria difficuldade em me defender da accusação e soffreria resignado o injusto labem.

Mas isto, minha senhora, vem attestar a difficuldade de ser-se original em litteratura, mesmo quando se não quer imitar nem copiar.

O nosso campo de acção intellectual é limitadissimo, de modo que não é para causar estranheza que um mesmo pensamento acuda simultaneamente ou em epochas diversas a diversos cerebros.

A differença que vai entre o plagiario e o que não o é, é que o primeiro, á mingua de idéas, copia servilmente as idéas alheias com as mesmas palavras, como uma machina; e o segundo pode inconscientemente reproduzir o pensamento alheio, mas dando-lhe sempre o cunho do seu estylo individual e a feição da sua maneira propria.

De resto, isto de pretensos plagios é uma fatalidade que ha de perseguir sempre os homens de letras. Já Antonio Feliciano de Castilho exclamava em 1853: "Porque fatalidade ha sempre, de toda a parte, mão armada contra os pobres cultores de letras? Não lhes basta para a miseria e andarem quasi sempre malavindos com a fortuna? Ha de ainda vir a calumnia, na côla da critica, enchovillar-lhes, como harpia fetida, quanto produzem? A censura illustrada e honesta é medicina: ainda quando nos amarga aproveita-nos; a satira é veneno. Os espiritos malevolos, e mais ainda os malevolos sem espirito, não podendo chegar a Aristarcos, vingam-se em se fazer Zoilos; se não de curar, assassinam. Como a arte é longa, o talento e o juizo raros, o exame consciencioso difficillimo, o qualificar acertos e desacertos mui arriscado, em toda a parte os vereis, á falta de melhor, precipitam-se sobre um livro novo, como cães damnados, ladrando e uivando: "plagiato, plagiato."

Disse isto o grande mestre de nossa lingua e nunca se disseram verdades mais profundas do que essas com relação aos desafortunados, que mourejam na charneca das letras.

Sejamos indulgentes, minha senhora, com os que começam e até com os que acabam e tenhamos escrupulo em julgar leviana e severamente o trabalho litterario alheio que, em geral, só por excepção, deixa de ser honrado.

E V. Ex., que mais de uma vez deve ter dito a quem lhe suggerer um alvitre: — estava pensando n'isso agora mesmo—, deve ver nesta phrase como é frequente o encontro dos pensamentos humanos e a profundesa d'esta outra phrase: "Nihil sub sole novum."

GARCIA REDONDO.

S. Paulo, Outubro, 1893.

MEDALHÕES DE ACTRIZES

III

ANNA JUDIC

Toda riso. Nos olhos, grandes, viros.
A palpitante chama da malicia.
Olhos negros, de brillos inclisivos,
Em que canta dos beijos a caricia.

De mais lindos — por Deus! — não ha nohetta.
Nem de idéas jovias tão suggestivos.
Velos, nadando em riso, é uma felleia
Que alonda os corações mais positivos.

A voz, a voz é um rio de agua pura.
Rolando em ondas claras, suavemente,
Em que ha risos e queixas de mistura;

Que canta em modo tal que, ouvindo-a, a gente,
Não sabe o que lhe entrou dentro do peito.
Que assim o fez alegre e satisfeito.

Junho — 1893.

VALERIO MEDEAS

POESIA E POETAS

PALLIDAS — *Poesias do Dr. Fernando de Alencar. Ouro Preto, 1893. 162 pag.*

Nunca vimos titulo que tão bem casasse á obra a que pertence, como o que encobria estas linhas. O auctor de tal obra e de tal titulo assigna-se Dr. Com certeza não o é em medicina, porque então chamaria suas estrophes não de pallidas, mas sim de anemicas, e, em vez de apresental-as em publico assim tão descoradas e tão fraquinhas de pernas, trataria de dar-lhes, antes de tal exhibição, o oleo de figado de bacalhão ou o ferro de Quevene (*de quem vem* dizia um habitante de um logarejo do interior, onde morei.)

Dar-se-lia caso que o Sr. Alencar não tenha lido os modernos poetas? Será possível que não conheça, já não direi os versos de Banville e de Baudelaire, mas os de Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira e Olavo Bilac, para só citar os nossos poetas mais celebrados? Cremos que nem de nome os conhece.

Quem lê o livro desle cavalheiro, vê logo que a canção da sua phantasia poetica está encalhada ha uns bons quinze annos nas *Espumas fluctuantes*.

Ficou extasiado o barqueiro a olhar para o albatroz de Castro Alves, e, desta contemplação nem o conseguiu arrancar a radiante e sonora revoadas das pombas do autor das *Symphonias*, nem o magestoso e retumbante baque da *Arvore gigante* de que nos falla o cytharedo das *Meridionaes* nos seus *Sonetos e poemas*, nem a lucida palestra das coruscantes estrellas, que só pelo illuminador da *Via Lactea* foi ouvida.

O Sr. Alencar está muito atrazado. Atire fóra a cuia com que foi beber salobra inspiração nas *Espumas* do auctor dos *Essays*, e veja se consegue arranjar a amphora de opala e de ouro com que vão hoje os cultores da Rima a Hypocrene beber os novos ideaes horbulhantes e rubros como agonias de sóes.

Trazer ainda o estro mettilo no rodaque e nas calças de alcapão da antiga decina, e do verso *solto!* Santa Barbara... E' exactamente esta soltura de verso que lhe está empobrecendo o organismo da obra! Que a sciencia do medico procure emendar o erro do poeta. Uma receitazinha, doutor! O hismulho já não será em taes casos applicado com felicidade? Recorra então á samarria. Adstringentes no caso.

O Sr. bem sabe disto.

Quem sabe, porém, se o auctor do livro não é formado em direito?

Esta hypothese é inadmissivel.

Quem lida com leis e codigos não desconheceria certamente o codigo da moderna poetica e as leis da boa metrificacão e da boa

rima. Versos como o Dr. Alencar deu á estampa, só devem ser perpetrados para serem mettidos... no fundo da gaveta.

Faz-se a versos desta ordem o que se faz aos pepinos crus. Cortados ás fatias e mergulhadas estas em sal bastante, vinagre e sufficiente pimenta, enfim, preparada a salada, chega-se a gente a uma janella das mais altas e... pespega com tudo aquillo, menos o prato, no meio da rua (procurando no entanto salvar o nariz de algum pacato transeunte que por acaso passe no momento.)

Os versos do doutor em questão são velhos como a chuva de pedra e o azeite de peixe. Razão porque não lhes mexemos mais.

Respeito á vellice.

STALACTITES, de Julio Cesar da Silva. São Paulo, 1892. 92 pags.

Bem impresso. E' um pequeno mas elegante in-folio, o que temos á vista, que a gente lê de um folego, da primeira á ultima pagina, e volta a ler de novo, sem fadiga e com prazer.

Parabens ao poeta! Tanto hem nos fazem ao espirito, tanto nos deleitam as doces melodias do verso bem acabado, quanto nos matam de aborrecimento as versalhadas desencabeçadas e pulhas, sem conceito e sem inspiração.

Que venham de quando em vez assim umas lufadas de legitima poesia, em que possamos desinfecar o entendimento dos miasmas apalhados nestes atoleiros, que cavam no Parnaso os poetas de meia tijella; atoleiros nos quaes a critica tem ás vezes de atolar-se até aos olhos, vindo depois para fóra, crivada de asneiras, como se fossem sangue-sugas.

Bem vindas sejam as *Stalactites*. Começa o livro por um poema que lembra vigorosa symphonia de opera, rica de doces accordes e fulgurantes adagios.

Tem por titulo este poema *Lyra intima*, sendo cada corda da afinada lyra uma poesia inspirada.

Merecem egualmente ser citados o poema *Averno*: as poesias *A aguia*, *Peignoir de estrophes*, *Margarida*, *Lenda*, *Marcia* e os sonetos *Intima lenda*, *Dolor*, *O suicidio do bohemio*, *Sobre um seio* e por aqui fico, senão, acabo citando todos.

Agora permita o poeta que enfeite este ramilhete de phrases amigas que lhe envio tirando ao bouquet da sua inspiração esta bisarra flôr, de que cada rima é uma colorida e perlumosa petala:

AMOR

"Poeta, que podes levantar a palma
Do amor acima das miserias: poeta,
Para a ventura, em vida, ser completa,
Não é bastante haver amores na alma:

Pois o amor, muita vez, por uma infecta
Região as azas candidas espalma:
E, ahí, fingindo acarretar a calma,
Amargos soffrimentos acarreta.

Por isso guarda-o no missal da crença,
Embora em flamma ardente se transforme;
Porque a flamma do amor é tão incerta

Como a luz de uma lampada suspensa,
Que ora se alonga quando o vento dorme,
Ora se abate quando o vento esperta.

Quem assim estrea (e note-se que todos os outros sonetos do livro não são em nada inferiores ao que vai acima transcripto) quem assim estrea, pois, quem tão gallhardamente jurou bandeira no invencivel batalhão dos rimadores, e cantou logo victoria na primeira revolta de metros com que enfrentou, certamente logrará dentro em pouco a patente de general, e estou certo que nenhum outro melhor do que elle saberá commandar o exercito das estrophes, resoantes de rimas polidas como espadas de velhos paladinos.

Que a doirada borboleta que ha de forçosamente romper do casulo brilhante das

Stalactites não tarde muito em vir esvoaçar sobre as nossas cabeças, deslumbrando-nos os olhos com as exquisitas cores das suas azas sonoras.

As nossas palmas ficam desde ja engatilhadas para o segundo successo!

ASCANIO MAGNO.

EM OURO

A. MAX FLEIUSS

Rendilho no ouro o verso em leve lhama:
Logo, offuscando a pavida pupilla,
A rima esplende e corre na aurea trama,
Como uma gotta de ouro, que scintilla.

Crebra, vibrando em rythmo, tintila
A phrase fina, que o lavor recama,
E a estrophe accessa de irriante chamma
Em ascuas de ouro tremula fuzila.

Attento o olhar, nem conto o tempo breve,
Atheio a tudo, a mão serena e leve
Subtil... subtil, correndo no thesouro.

Enredo, enteio os fios de ouro fino,
E ao geito de um ourives florentino,
Bórdo o soneto em filigrana de ouro.

Rio—14—10—93.

VICTOR SILVA.

CURIOSIDADES LITTERARIAS

Communica-nos pessoa que modestamente se assigna "Escriptor que não escreve" a seguinte nota, bastante curiosa:

Canção bacchica

Julio Ribeiro, no "Padre Belchior de Pontes," faz o jezuita Mazzolani entoar esta deliciosa canção:

Quam dulces,
Amphora amena,
Quam dulces
Sunt tud voces,

Dum fundis merum in calices!
Utinam esses semper plena!
Ah! ah! cara mea lugena,
Vacua cur jaces?

Ainda que os versos estejam entre virgulas dobradas, não deixará o leitor desattento de attribuil-os ao romancista, tão senhor da lingua latina como de varias outras. Não ha uma nota que indique a procedencia da canção, cuja historia o erudito J. Ribeiro não desconheceria, mas por brevidade omittiu.

Molière compoz para sua comedia "Le Médecin malgré lui" estes versos que Sganarello canta no 1º acto scena 6ª:

Qu'ils sont doux,
Bouteille jolie,
Qu'ils sont doux

Vos petits glougloux!

Mais mon sort ferait bien des jaloux,

Si vous étiez toujours remplie.

Ah! bouteille, ma mie,
Pourquoi vous videz-vous?

Conta Warée, nas "Curiosidades Judiciarias," que o presidente Rose, achando-se com Molière, de quem era amigo, em uma numerosa reunião, accusou-o de ter dado como original a canção de Sganarello, que aliás não passava de tradução de um epigramma latino, imitado da anthologia grega. E recitou a primorosa versão latina que elle proprio fizera dos versos de Molière, e que acima transcrevemos. Foi completo o effeito do gracejo, e o proprio Molière ficou embaraçado por um momento, até que Rose se confessou auctor da versão.

A' BEIRA-MAR

A' beira-mar, quando o dia
Branqueia as vélas do porto,
Vem olhar a espuma fria
Uma mulher sem conforto.

As ondas parecem vagos
Mas amplos, fulgidos cofres,
E os olhos d'ella dois lagos
Por onde correm aljofres.

Foi por alli que uma véla
Partiu, á luz do poente,
Levando-lhe a alma singela
E o noivo pallido e ardente.

E ao som das vozes latinas
Rola a espuma e rola o mar;
As ondas dizem surdinas,
E a noiva põe-se a cantar:

"Role o pranto dos meus olhos,
Pranto dos meus olhos tristes.
N'um mar de negros abrolhos
O' alma porque resistes!

Dei-lhe um collar de presente,
Mas um collar que eu trazia
Aqui, no seio tremente,
Dia e noite, noite e dia.

Joia que elle adore emquanto
Viaje em mares tristonhos...
São contas — gottas de pranto,
São cadeias os meus sonhos."

Depois o crepuse'lo desce,
Desce lento, lento, lento,
Como um véo alvo apparece,
Surge o luar somnolento.

E ouvindo-a nesses retiros,
Foge o sol, quêda-se o mar:
As ondas soltam suspiros
E a noiva põe-se a chorar...

LUIZ ROSA.

VIVENDO...

(NOTAS INTIMAS)

10ª NOTA

A minha alegria! falae na minha alegria!... E' falsa... ephemera, eu vos digo!... O sonho da minha alegria, a loucura da minha alegria, sim! — não a minha alegria — apenas estas palavras, sómente: a minha alegria; pois que a dôr logo me toma...

Venho de nascer, parece-me, quando ella me canta n'alma; venho de nascer; não tenho passado; neste momento só começo a ver, a sentir... A minha alegria é feita de esquecimento: basta que a experiencia de toda a minha vida se me accorde no espirito, e eu já não rio, já não posso rir: os braços abertos ainda para o espaço, n'uma expansão de prazer,—logo se me prendem ao corpo; os labios que eu descerrara num riso gemem-se-me n'uma contorção de magua... a dôr chora-me dentro como um toque tristissimo de Angelus...

Porque eu não seria um grande campo verde, que o sol viesse nimbar de ouro, todas as manhãs,—que o luar nimbase de prata, pelas formosas noites de primavera? porque eu não seria um grande campo verde, sempre novo e coberto de orvalho, que, para ser feliz, para vi-

ver n'um constante riso de alegria, bastasse que a inconsciencia do vigor da terra o conservasse constantemente verde, que o sol não o aquecesse muito, que o céu tivesse, desde que lhes fosse preciso, um pouco d'agua para refrigerar-o, — conservando-o sempre assim: verde de uma só cor, verde, de um verde esmeralda, que a luz do sol nimbasse de ouro, fazendo-o scintillar e tornando-o, deste modo, ainda mais comparavel a esse mi-nereo, cor de esperanza, no dizer do vulgo, assim exprimir querendo, talvez, que esse sentimento, o mais revigorante, de certo, só a cor possa ter da natureza, feliz pelos dias de sol e de exuberancia...

Porque eu não seria uma montanha, um mar, uma nesga de azul, uma flor — de uma hora apenas, de um momento embora, a que bastasse, para ser feliz... para ser alegre, um canto de jardim — uberrimo, um pouco de sol, um pouco de sombra, um pouco de agua, apenas!...

11ª NOTA

Bem ao meu lado — esse homem. Uma coroa parecia querer rebentar-me do peito. Encolhi-me, sentia-me humilhado. Era um desses touros feitos homens; grande, chelo de carnes... e rubro... sanguineo, todo elle um protesto contra a minha pallidez, a minha estatura, a minha fraqueza de anemico...

De soslaio eu o olhava, porém. Era uma curiosidade mesclada de uma especie de desconfiança, que, instinctivamente, me chamava a attenção para a sua face apopletica, o volume do seu corpo; e me fazia medli-o, n'um inalteravel pismo...

Uma curiosidade maior parou-me o olhar sobre o seu craneo... Ah! se eu pudesse estudar-lhe a expressão dos olhos!... Que haveria ali dentro dessa cabeça!... Que sentiria esse homem?... Nada! nada! dizia-me o coração que cousa alguma, — o que se chama — nada! Com uma saude assim, era impossivel: o contrario — como? E nascia-me, rebentava-me, dentro do peito, um odio... uma repugnancia por aquella victoria bruta da natureza; essa repulsão que eu sempre sinto diante de um "sadio," de um "forte..."

Não, esse homem não podia ser como eu: a materia seperabundava tanto nelle que a sua alma devia de achar-se lesada. Burquez! comer, beber, dormir bem, noites deliciasas de um sono só e sem sonhos, "ganhar, ganhar" muito, para satisfazer todos os seus gozos e appetites de equillbrado, de espirito pratico... nada mais.

Civilisação, idéas, sentimentos, sensações, é que elle precisava disto! a sciencia, a arte, o amor, a gloria... que lhe importava isto, onde a necessidade disto? O amor... apenas; mas o amor como elle o sabia: a posse immediata e brutal, uma necessidade, apenas, que se satisfaz...

De soslaio embora, o meu olhar, de certo, já o feria... Encolhi-me mais ainda: uma amargura, uma dôr, irromperam-me dentro; que valia tudo quanto eu pensava e sentia, se esse animal, esse touro bravo e forte podia-me derrubar com um dedo, quebrar-me entre as suas mãos como quem quebra um boneco!...

Não! eu não posso admittir que si-tuaes e penseis "homeus fortes": ca-saes-me asco, tendes a meu desprezo.

RAUL BRAGA.

INVERNO

Chega o inverno cruel; chuvas cortantes
Levam na enchente os campos atrazados,
E as campinas e os prados ondeantes
Perdem as flores, quasi abandonados.

Morrem nas eiras, frios, regelados,
Os passarinhos; ventos soluçantes
Deprim as grandes arvores possantes,
De troncos nus e braços enrijados.

Tudo destróe, tudo devasta o inverno;
Lá fóra o campo morto, e emtanto um terno
Brando calor acorda-me os desejos.

Que importa o inverno, se o teu corpo é quente,
Se tenho o teu olhar, lizo e dormiente,
E a clamma rubra dos teus longos beijos?...

PLACIDO JUNIOR.

OS COLLEGAS

Excellento o n.º 12 d'O ALBUM. Dá em phototypia o retrato de Arthur Napoleão — um dos melhores que tem sahido do "atelier" Gutierrez. Texto muito variado e interessante, sobrelevando a chronica de A. A. (o nosso bom e estimado Arthur Azevedo) e o delicioso, o adoravel conto, bem conhecido, de Machado de Assis, intitulado "Cantiga de esponsaes."

Entre as noticias amaveis com que sóe ser recebida A SEMANA, sobresahem num relevo de extrema gentileza as d'O PAIZ. Não sabemos como agradecer ao valente e patriótico organ republicano, verdadeiro modelo de jornal noticioso e popular, tantas mostras de bondade e sympathia.

Sob a intelligente direcção do illustre Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, reappareceu em Ouro Preto, O ESTADO DE MINAS.

N'um bem elaborado artigo de apresentação, offereceu o Dr. Olyntho o programma da nova phuse do ESTADO DE MINAS. Prevemos o brilhantismo com que serão sustentadas as patrioticas idéas contidas n'aquelle programma, attentos os meritos do illustrado redactor-chefe.

Saudamos effusivamente ao collega e ao seu distincto director.

NEVE E SOL

Era, como um canario, encantadora.
Puro e gazil, como um canario era;
Por isso quando foi-se a primavera,
Com a primavera Nelly tambem fóra.

Hoje, saudosa no paiz da loura
Miss, onde o frio cruelmente impéra,
Vive de pelles cullidas de féra
Toda coberta, fria e seismadora.

Mas, eu que tenho dentro no peito immenso
Fogo de amor por ella, eu que a desejo
Viva e feliz, nos braços meus o duetto

Do amor cantando, contra o frio intenso
Quero aquecê-la e á rubra bocea um beijo
Mando-lhe, ardente, aqui n'este seculo.

Recife.

ALCINDO CORELHO.

Factos e Noticias

FRANÇA E RUSSIA

A esta hora Paris abre os seus salões e recebe delirantemente os officiaes da armada russa, que estaciona presentemente em Toulou. O povo francez para receber os seus amigos preparou-se de modo ruídooso e nesses preparativos, nos artigos dos jornaes, em tudo sentese

a explosão do enthusiasmo d'aquelle grande e inimitavel povo, que, alliado á Russia, dictará a lei ao mundo.

Ha pouco tempo, Guilherme II, da Allemanha, dirigiu em pessoa as grandes manobras do exercito allemão em Metz. Embora não commettesse nenhuma das suas levandades habituaes, o monarcha allemão approximou-se o mais possível da França, visitando e fazendo mover as suas legiões guerreiras em sólo que pertence á patria de Thiers mas que jaz sob o dominio da Allemanha, em consequencia da nefasta e crudelissima guerra de 1870.

O herdeiro presumptivo do throno italiano acompanhou o soberano allemão, e enquanto estes aos gritos do famoso "hoch, hoch" assistiam á desfilada dos batalhões, uma poderosa esquadra russa, tendo á frente o celebre almirante Avellan, com o seu pavilhão arvorado no "Pamiat Azow" demandava o porto de Toulou e, dias após o proprio czar, visitava em Copenhague um navio de guerra francez.

Estas provas de profunda amisade das duas mais potentes nações dos nossos tempos alegram-nos sobremaneira, a nós que só desejamos a paz, a harmonia, a concordia, pois, unidas, a França e a Russia impedirão por muitos annos a conflagração européa.

"A Semana" associa-se á alegria que tão justamente invade o coração do povo francez e acompanha-o nas saudações á Russia, pois nessa união formidavel vê e presente a paz européa.

MAC-MAHON

Como annunciaram os jornaes e os telegrammas, falleceu a 17 do corrente este illustre francez, nascido em July, a 13 de julho de 1808, e que tanto illustrou as paginas da historia do seu paiz com os seus altos feitos d'armas e com a sua bella e voluntaria demissão de Presidente da Republica Franceza em 30 de janeiro de 1879, apesar de possuir extraordinarios elementos de resistencia no seu poderoso exercito. Não quiz, porém, o illustre heroe de Magenta empenhar-se em uma lucta parlamentar contra Gambetta e resignou o poder que lhe veio ter ás mãos pelo mesmo congresso.

GOUNOD

A arte veste-se de crépe, prostra-se sentida e chora ante a noticia dolorosa transmittida pelo telegrapho e agora espalhada por todo o mundo civilisado do fallecimento do celebre maestro Gounod, que ha trinta annos illustra a arte divina de Schubert, de Wagner, de Verdi e que era a sua tambem.

Gounod para tornar-se conhecido não precisava, a nesso ver, ter escripto o seu magistral "Fausto", possuidor de sublimes e inimitaveis trechos de musica, mas de uma musica sentida, cuja fama ainda hoje repercute por todo o mundo, onde é comprehendida a arte, e encontra interpretes e faz a satisfação das plateias escolhidas.

O "Fausto" foi sem duvida alguma o seu melhor trabalho artistico, mas quando mesmo Gounod não tivesse escripto essa opera, bastava para firmalo bom entre os bons artistas os seus trabalhos subsequentes taes como o "Romeu e Julieta", "Polyeucte", "Mireille" e "Cinq-Mars", etc.

A sua "Ave-Maria", que é um primor, um poema reflecto de um infinito mya-

ticismo suave, corre mundo ha muito tempo e ainda ha dias, um dos nossos collegas de redacção, ouvindo, interpretada ao piano essa esplendida peça musical, compoz uns versos que foram publicados nestas columnas e foram escriptos talvez como um prenuncio do desaparecimento do grande vulto da arte, como uma homenagem talvez, á esplendida, á rara e adoravel peça musical.

Que os rouxinões cantem-lhe agora em torpo do tumulo as mesmas melodias gratas e dulcissimas que elle espalhou em vida pelo seu caminho, que os cyrestes, os mesmos cyrestes sob cujas frondes altas jaz em eterno repouso o corpo do grande Gounod, que os cyrestes vibrados pelo rumor do vento, entornem-lhe sobre a campa, todos os rythmos que a sua alma esflorou, todas as notas melódicas e ternas que o seu coração soube cantar.

A arte está de lucto.

Nós tambem, que adoramos a musica, que nos deliciasmos tambem com as adoraveis paginas do "Fausto" e do "Romeu e Julieta", curvamo-nos ante o tumulo desse que foi um sol de extranho brilho ao mundo da arte musical.

COM O CORREIO

Em carta que a 10 do corrente dirigimos ao director dos correios pedimos áquelle funcionario providencias para que não continuassem os extravios e retardamentos de que tem sido victima "A Semana". Parece-nos que o Sr. Demosthenes não ligou importancia á nossa reclamação por isso que as faltas continuam.

A vista disto dirigimo-nos hoje ao Sr. Ministro da Industria rogando a S. Ex. que se digne influir para que "A Semana" sendo postada no correio geral nas noites de sabbado, não chegue a S. Paulo sinão 4 e 5 dias depois.

Sendo "A Semana" um jornal exclusivamente litterario não pôde ser suspeita nem mesmo ao sustentaculo da ordem... postal.

Falleceu ultimamente nesta capital o conhecidissimo professor James Edwin Hewitt, incontestavelmente um homem de grande illustração e de solido character.

A sua morte tem sido muito sentida pela geração que hoje figura nas letras, na sciencia e na politica, pois raro é o moço que não haja recebido as boas lições do professor Hewitt.

Uma perda lamentavel.

Compartilhamos da grande dor que punge o coração do nosso bom amigo e velho companheiro Belmiro de Almeida. Este distincto artista acaba de ver sumirem-se para sempre na escura treva do tumulo e no curto espaço de alguns dias, um irmão e uma irmã a quem idolatrava. As nossas condolencias.

Finou-se tambem na semana passada o ex-senador Silveira de Motta, um dos mais ardentis abolicionistas e que na tribuna judiciaria e na palamentar deu sobejas provas do seu grande talento.

A POLITICA

Como annunciámos, o nosso director apresentou a sua circular ao electorado do 2º districto da Capital Federal.

Diz o Dr. Valentim Magalhães na ultima parte de sua circular:

"Resume-se o meu programma em servir o povo; em servir-o:

—defendendo e sustentando a Republica Federativa Presidencial, tal como se contém, detalhes á parte, na Constituição de 24 de Fevereiro de 1891, por ser a fórma de governo mais propria deste emittissimo paiz americano e deste povo emittissimamente democratico e amigo da ordem;

—propugnando a egualdade de todas as classes perante a lei, não reconhecendo outro criterio nem outro titulo para o exercicio dos cargos publicos senão a competencia intellectual e moral;

—defendendo e buscando radicar o respeito incondicional á Lei e aos legitimos depositarios de seu poder;

—dando á instrucção publica primaria e professional o maximo desenvolvimento possivel, á custa mesmo dos maiores sacrificios;

—protegendo do modo mais eficaz a expansão da actividade nacional em todas as suas manifestações, dignificando o trabalhador pelo trabalho e o trabalho pelo trabalhador;

—esforçando-me por firmar o nosso crédito dentro e fóra do paiz, pela lealdade na execução dos compromissos e pela fixação da verdade dos orçamentos;

—procurando influir o mais possivel para o congraçamento de todas as facções e partidos, fazendo esquecer e apagar os odios e resentimentos accendidos pelas lutas e paixões pessoas;

—impugnando, emfim, tenaz e decididamente, todas quantas medidas se apresentem ou se proponham contra o livre exercicio dos direitos declarados no artigo 72 do nosso pacto fundamental.

Sei que todos os candidatos dizem, mais ou menos, o mesmo que acabo de dizer, e menos longamente—o que é melhor. Julgo, entretanto, que tenho algum direito a que se acredite na minha sinceridade.

Representante, humilde embora, das letras, da imprensa e do magisterio, tenho a desculpavel pretensão de reflectir, de alguma fórma, essas altas manifestações do espirito nacional e, por isso, de ter o direito de sujeitar esses titulos e mais o de minha probidade politica á vossa benevolencia—uma vez que outros não tenho."

NOVIDADES PARISIENSES

No "Ambigu" representou-se um drama, "Valmy" de Paul Mahalin, em 5 actos e 11 quadros.

Sem grande originalidade de assumpto, é muito commovente e sempre interessante, quer pelo bom arranjo das scenas, quer pela curiosidade dos varios quadros e de alguns personagens. A peça é patriotica e republicana. Nella apparece Danton, tanto em scenas de interior como na praça publica, arengando ás massas. Agradou muito.

"Cliquette" é uma peça ornada de canto, poema de Busnach, musica de Varney: aquella é divertida e esta agradavel.

Mas o grande successo theatral de agosto foram as dansas luminosas de mademoiselle Helena Gérard que executa a cavallo, no "Cirque d'Été" as dansas vaporosas que da America do Norte levou para a Europa a celebre Loie Fuller.

A sala fica inteiramente ás escuras (o que muito agrada aos namorados e ga-

tunos). A pista é coberta por um grande tapete negro. O cavallo vem vestido de preto, todo elle. Do alto do arco desce o sbre a dançarina fahos de luzes que mudam de cores, graças a uma combinação de vidros. Em redor da pista a dançarina, levada pelo galopar de corcel invisivel, faz fluctuar, como azas diaphanas, irisadas, flammanes, as suas longas vestes de gaze. De repente ella sobe aos ares, poisa sobre a cabeça dos espectadores como uma borboleta de fogo. E' que a dançarina acaba de ser suspensa ao ar por um fio de arame preso a um cinto de aço. Deve ser bellissimo!

COLLABORAÇÃO

QUE DOIS!

Comedia em 5 scenas

Personagens: ELLE e ELLA

SCENA I

(EM CASA D'ELLE)

ELLA (entra; chama-o; procura-o por toda a casa, mas não o encontra)— Não está!... Ah! eu não me enganava!... sou trahida!... Ah! os homens! São todos assim: a principio, é uma fracia infinda de juramentos... Nós, fracas mulheres, cedemos... depois é isto, abandonam-nos covardemente!... Ah! o vil, o miseravel!

(Pequena pausa durante a qual dá mostras de desespero)— E eu que o amo tanto, infeliz que sou! Sinto que não poderei viver sem o seu amor! (chorando) Ahn! ahn! ahn!

(Energica, a voz embargada pelos soluços, depois de limpar as lagrimas com um bello lenço de baptista)— Mas hei de vingar-me! Vou buscar um revólver e aqui mesmo, na sua casa, darei cabo da vida!... Senpre quero ver a cura com que ha de ficar o ingrato ao encontrar-me morta, morta de amor por elle! (Sahe tragicamente, deixando ficar o lenço sobre a mesa.)

SCENA II

(EM CASA D'ELLA)

ELLE (entra; chama-a; procura-a por toda a casa, mas não a encontra)— Não está!... Não me enganava pois... sou trahido!... Ah! as mulheres! São todas assim; a principio, a gente pensa lidar com a mais virtuosa filha de Eva... os seus beijos embriagam-nos, inebriam-nos os seus carinhos... depois, depois... (chorando)— Ahn! ahn! ahn! (Energico, a voz embargada pelos soluços)— Mas hei de vingar-me! Vou buscar um revólver e aqui mesmo, na sua casa, darei cabo do canastro! (Vae sahindo, tragicamente; de repente tem uma idéa; pára) Mas... não seria máo comer qualquer coisa! (Vae ao armario, tira pão e queijo, e sahe comendo; com a emoção esquece-se da bengala.)

SCENA III

(EM CASA D'ELLE)

ELLA (entrando, com um revólver na mão)— Eis chegada a hora da vingança! Uma bala, uma só, será bastante para libertar-me d'esta miseravel existencia!... A vida... a vida: a miseria, o lodo, a traição! Não quero viver, não quero! (acha o lenço que tinha deixado sobre a mesa, mas não o reconhece)— Um lenço de "crochet"... o lenço da amante, certamente! Ah! miseravel! Cá está a prova! Este molambo, has de encontrar-o bem junto ao meu cadaver... quero ver que desculpas me darás! (Sen-

ta-se n'uma cadeira, encosta o revólver ao ouvido e puxa o gatilho; ouve-se um fraco estalido; espantada, examina a arma! Esqueci-me de carregal-o: ora bolas! Vou á casa buscar balas! (Sai, levando o lenço.)

SCENA IV

(EM CASA D'ELLA)

ELLE (entra com um revólver na mão) Eis chegada a hora da vingança! Uma bala, uma só, será bastante para libertar-me d'esta miseravel existencia!... A vida... a vida: a miseria, o lodo, a tração! Não quero viver, não quero! (Acha a bengala que tinha deixado, mas não a reconhece) — Uma bengala... a bengala do amante, certamente! Ah! miseravel! Cá está a prova: este "Petropolis," has de encontral-o bem junto ao meu cadaver!... (Lembra-se do pão com queijo e vai tirar outra dose; depois de engullir a ultima migalha) Que bom queijo!... (Tomando o revólver, leva-o á altura do coração) — E agora, adeus, vida! (Puxa o gatilho; ouve-se fraco estalido) Assim é que é, morre-se heroicamente! (Depois de alguns minutos de incerteza) Mas querem ver que ainda vivo? Que diabo! Verdade é que nada senti!... Não terla eu morrido?... (Vae-se certificar, quando entra ella.)

SCENA V

ELLA (entrando) — Que fazes?
ELLE — Tu!
ELLA — Eu, sim, que venho perguntar-te o nome da dona d'este lenço!
ELLE (sem olhar) — Dir-me-has primeiro a quem pertence esta bengala.
ELLA (tomando a bengala) — Mas... esta bengala é tua... Ful eu que t'a dei no dia dos teus annos (mostra-lhe o custão) — Cá estão as iniciaes: J. M.!
ELLE (embasbacado) — E'! J. M. sou eu!... A minha bengala... reconheço-a! (Corre a abraçar a amante.)
ELLA (detendo-o com um gesto) — Alto! Quero saber a quem pertence este trapo! (Dá-lhe o lenço.)
ELLE (depois de examinal-o) Mas... este lenço é teu; fui eu que t'o dei no dia dos teus annos; cá estão as tuas iniciaes: L. S.!
ELLA (examinando o lenço) — Com effeito! L. S. sou eu! (Corre a abraçal-o.)
ELLE (detendo-a com um gesto) — Dize-me uma coisa: onde estavas ha meia hora? Vim á tua casa e não te encontrei; donde vens?
ELLA — Ia fazer-te a mesma pergunta. Tinha ido procurar-te!
ELLE — Ful ingrato: desconfiel de ti! (Atira para um canto o revólver.)
ELLA — Sinto remorsos de igual crime! (Atira o revólver para um canto.)
ELLE — Perdoas-me?
ELLA — Amo-te!
(Abraçam-se e beijam-se; cahe o pano; a peça é pateada; confusão geral; assoblos e batatas; o empregario, para evltar maior prejuizo, ordena ao bilheteiro que restitua o dinheiro aos espectadores.)

PLINIO SYLVANO.

CORREIO

SR. A. FOSCOLO. — O seu conto "O ebrio" é passavel. Tem seus defeitos tem, manda a verdade que se diga, mas é passavel.

Cousas peiores tenho eu visto na minha peregrinação por este mundo de

Christo. Se o senhor nos mandasse cousa menos longa e mais cuidada...

Creemos que o melhor serviço que poderíamos fazer ao seu producto era applicar-lhe amoniaco e deixa-lo cosinhar a "mona." Em todo o caso, como a sua carraspana (lá d'elle, conto) é pacifica, cá nos fica o "chuva" reservado para maior de espadas.

SR. M. V. — Os seus versos são regulares, mas afinam por uma lyra que ha muito saltio fóra da moda.

Por esta razão, tenha paciencia, mas a sua "A" patria" vai soffrer uma hecatombe, vai cahir naquelle negro abysmo que devora quasi sempre as patrias escriptas com pouca syntaxe e muita banalidade.

Desculpe-nos expatriar-lhe assim a dlocubração, com que contava talvez ir á posteridade.

Para consolal-o lembramos-lhe o adagio que diz que "mal de muitos..." Quanto á posteridade, se tem o máu gosto de querer dar lá uma chegada, creio que irá mais depressa tomando algum bonde de Villa Izabel.

SR. A. ARAL. — Os seus "Sonhos" irão para a "Collaboração," quando nella houver espaço em que possam caber os seus quatorze versos, que, se não são um primor no genero, não tem comtudo joanetes, o que já é uma cousa muito de louvar!

SR. IGNACIO. — Sim senhor, lavrou um tento. Ao menos o senhor não nos vem chorar as suas miserias com lagrimas pouco crystalinas, nem referir as suas maguas, em lingua do Rio Grande com batatas. E' possivel que se lhe encontre no verso algum xuxú grelado (eu não achei, valha a verdade,) mas o que é certo é que o amigo tom graça.

O seu "Vagabundo," é um bohemio divertido. Ao menos este, em vez de com mão zaimbra arranhar nas harpas davidianas ou nas cytharas gomebundas, zangarreja o pinho, á luz da candea de kerosene, depois de haver matado o bicho na venda do Chileo Bolota. Ah!, cavacudo!

O "seu pé de banco" vai apparecer no Paraíso Alegre, deixe estar!

De cousas que façam rir é que a gente precisa nesta época de provações.

SR. C. C. — Quem é que lhe metteu aquillo na cabeça, moço?

Ora o diabo sempre as tece!... No seu aranzel o Sr. só se mostrou sensato no titulo.

Transposto o titulo, o Sr. entrou a desarrasaoar de tal modo, que ninguem mais lhe ponde ter mão. Que desgraça! "Desvarios" é o titulo da obra.

Não é máu, mas muito melhor andaria S. Mercê se, em vez de "Desvarios," chamasse a sua mistura de grelos de "Maluquices."

Olhe, meu amiguinho, eu sinto muito, mas... nós aqui não temos camisolas de força! Creio que no Hospicio ainda haverá lugar ao menos para mais um freguez!

Vá até lá, vá!
SR. O. S. — O seu "Meu filho" por mais que chore, não mamará, meu caro; é a noticia que lhe dou. Depois é um aleijadinho, o coitado! Traz as fraldas, fêiam-se rimas em miscro estado.

E que desigualdade em pernas e braços! E nem assim o Sr. se condoc e guarda comsigo aquelle aleijão das suas entranhas imaginativas! Que barbaridade!

Em vez de mandal-o cá para nós, que nunca nos demos ao trabalho de desma-

mar crianças alhelas, antes V. Mercê lhe desse tonlecos a ver se o desgraçadinho se curava das gafeiras que herdou dos paes. Faça isto, meu caro; aguento com a sua bucha, que isto aqui não é roda de engeitados.

De quem é a porca, são os leitões.
Aguento-se?

SR. M. F. — Adeus, Thereza! Mal me livro "do criouço" do freguez de cima lá me surje S. S. a querer impingir-me a sua "Viuva." Pelo amor de Deus, homem, afaste-me dos olhos esse precipicio! Que introga! Olhem-me só para esta cachumba da mulher:

"Ella que nesta noite tenebrosa e fria."

E é preciso notar que maiores perchas tem ella. Querem outra? La vae:

"Mas que nunca suppoz um vendaval futuro, E que nunca suppoz o ver pela Indigencia..."

Bota n'agua salgada! Padre, Filho, Espirito Santo, com a mão canhota!

SR. A. G. — Pode mandar-nos a sua poesia. Recebel-a-emos com todo o prazer, tanto mais vindo recommendado pelo nosso illustrado collaborador Dr. C. Lopes.

ENRICO.

ARCHIVO

Recebemos:

— "Mensagem do presidente do Estado do Espirito-Santo", lida no congresso do mesmo Estado na sua sessão de instalação a 16 de setembro ultimo.

— "Theatro de Augusto Britto" — Este senhor, que é administrador dos correios de Maranhão, dedica-se nas horas vagas ao theatro de pequeno folego. Agora mesmo chega-nos daquelle Estado um sympathico volume de 132 pags. contendo tres produções do Sr. Augusto Britto e que se intitulam: "A perola preta", drama em 2 actos, "Amor Burlesco" e "Criticos Momentos", comedias em 1 acto. Lemos os presentes trabalhos que, francamente nos agradaram.

— De Juiz de Fóra, enviou-nos o Sr. G. Howyan, um exemplar da sua obra ultimamente publicada com o titulo "Assainissement et agrandissement de la Ville de Juiz de Fóra" E' um bello trabalho, que denota o talento e a proficiencia do seu autor, digno engenheiro civil, antigo discipulo da Ecole des Ponts et Chaussées, de France, e director dos Trabalhos Municipaes do mesmo paiz.

— "Revista de Educação e Ensino" — Temos sobre a nossa mesa de trabalhos ns. 7 e 8, do 3º anno, desta publicação utilissima que vê a luz no Pará. Traz excellentes artigos sobre pedagogia e uma parte litteraria regular. Acompanham os presentes numerosos duas phototypias representando a planta de Belém e um dos mais vistosos jardins municipaes.

— Do nosso prestimoso amigo Carlos de Carvalho, habil guarda-livros, recebemos um exemplar do seu bem elaborado "Relatorio da Contadoria" da camara municipal de S. Carlos do Pinhal, no exercicio de 1892-93; relatorio esse apresentado em tempo ao intendente respectivo pelo mesmo Sr. Carlos de Carvalho.

— "Chiquinha Mascotte" (contos) por "Ignotus" (Viveiros de Castro) 188 pags. Editores Laemmert & C. Rio de Janeiro, 1893. (Daremos breve o nosso juizo critico.)

Agradecidos.

ANNUNCIOS**ESTABELECIMENTO
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO**

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado
115 — Rua Sete de Setembro — 115
Rua da Carioca, 12 e 14
FILIAL EM PETROPOLIS

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A' CASA PASCHOAL

CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133

Importação por todos os paquetes

Completo sortimento de chapéus para homens,
senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.

Rio de Janeiro

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE

FLORES ARTIFICIAES

Ribeiro de Carvalho & C.

RUA DO PASSEIO

Têm sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas, flores,
etc., etc

Gabinete de Cirurgia e Prothese Dentaria

DE

A. F. DE SÁ REGO

1 — Rua de Gonçalves Dias — 1

Este importante e antigo Gabinete, tendo passado pela,
reformas exigidas pelos processos da moderna odontologia,
acha-se equiparado áos melhores da Europa pelos esplên-
didos appaarelhos e instrumentos de que dispõe habilitando-o
a apresentar trabalhos

ainda pouco conhecidos no Brazil

Collocação de dentaduras fixas, sem chapa, e sem extracção
de raizes ou dentes

TRAVAIL A PONT

Extracção de dentes sem dor, por meio do *Coryl* de
M. M. JOUBERT, de Paris. Appaarelhos para correcção das
anomalias de implantação, obturadores para a abobada pala-
tina e veu do paladar, etc., etc.

Obturação e reconstrucção de dentes a ouro perfeiçissimas.

Concerta-se qualquer dentadura que não esteja perfeita na
bocca, mediante pequena retribuição.

Consultas e operações das 8 horas da manhã
ás 10 da noite.

RIO DE JANEIRO

Dr. R. Najardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas

Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade : *Partos e Molestias das Senhoras*

Residencia • Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

PIANOS E MUSICAS**FONTES & C.**

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

Papelaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.

Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.

A SEMANA

DIRECTOR. VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, rua dos Ourives n.º 71, 2.º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 28 DE OUTUBRO DE 1893

EXPEDIENTE:

Assinatura annual. . . 12\$000
 " semestral 7\$000
 Numero avulso. . . . \$200
 " trazendo \$300

SUMMARY.—Historia dos sete dias.—*J. de Egypto*; Noticias Scientificas.—*O Letudo*; Egoismo, poesia, *Alcides Flavio*; Sobre o Fidelis.—*G. Redondo*; A epopéa do verite, soneto.—*X. de Carvalho*; A vida, *V. Magalhães*; Curiosidades literarias—*Traça da Silva*; Covardia, soneto—*Plácido d' Almeida*; Poesia e Poetas—*A. Magno*; Chronica do sport—*J. Derby*; Atravez de um sonho, poesia.—*J. Andréa*; Os collegas; Os charutos do Garnier—*Fischio*; A rua do Onvidor, soneto—*Neves Armond*; Factos e Noticias; Tratos á bota—*Frei Antonio*.

Historia dos sete dias

Não tive macacóá, como fez constar o *João Sinctro*.

Se não venho, ha dois sabbados, fazer o meu officio é porque me falta animo para tão pouco.

Ando azabumbado.

Apanhei esta expressão não sei onde. As expressões são como os golpes de ar—apanham-se subitamente, sem que se saiba donde vêm.

Achei-a pittoresca e eloquente.

—Como vaes tu?

—Azabumbado.

Não ha nada mais expressivo.

Dá a perfeita idéa do atordoamento de uma alma em que as calamidades zéperem com furia.

Mas não sou eu só que estou azabumbado—todo o paiz o está.

Nesta situação psychologica, sabem que me lembrou? Fugir os loucos que vivem fóra do Hospicio dos Alienados e procurar o convivio dos homens de siso que lá dentro moram.

E fui conversar com o meu amigo Chico Sciencia, doudo de primeira classe.

E' um homem alto, macerrimo, mui correcto nas vestes como nas falas, barbas patriarchaes, mãos interminaveis, olhos grandes, claros, tão vivos e cheios de fogo que parece haver-se-lhe toda a alma concentrado nelles, onde arde, inconsumivel, devorada em chammás eternas.

E' homem de boa e vária leitura, que foi um pouco de tudo e é como um sacco enorme de conhecimentos diversissimos, que um dia se misturassem, se derramassem uns nos outros, devido a algum sacolejo forte.

Logo que ensandeceu, teve crises violentas, queria estrangular com suas grandes mãos os "fluidos moraes" e ia afogando

nellas os enfermeiros. Sereou depois, tornando escusada a comisa de força e passando de trinca-fortes a pacifico philosophante.

Gosta que lhe chamem o "Sabedor" e lhe dêem o tratamento de Sua Sapiencia.

Nunca lhe falta com elle. Dahi a sua deferencia affavel para commigo.

E' ledor assiduo de tratados philosophicos, mas desdenha a imprensa, não lê jornaes.

Ninguem melhor que o Sciencia, que é doido e não lê as folhas, podia convir-me como esclarecedor dos casos escuros e tristes em que nos vamos morrendo.

Fui entrevistado sobre elles. Porque são plausivel excluir os demen'es do exercicio da *interview*?

"E' nas trevas que existe a verdadeira luz" disse um poeta nosso, afeiçoando o pensamento de um collega, estrangeiro e grande.

Fui, pois, ao Sciencia. Recebeo-me com suprema gentileza, como um philosopho de alta linhagem, com ademanes cheios de nobreza e palavras cheias de intelligencia.

Fez-me sentar a seu lado á sombra de velha mangueira, em que gorgeavam passaros. Vinha descendo o crepusculo, empoeirando de tristesa o ar e as cousas.

Soturnamente, espaçadamente, ribombava o canhoneio.

Ora longe, ora perto, estalavam risadas e soluçavam cantilenas. Uma augusta figura branca de mulher atravessou gravemente, imprecando o céu com os braços magros;—era lady Macbeth. Outra, joven e linda, passou bailando, espargindo rosas—era Ophelia. E lá eu ia enxergando em cada louco um héroe da tragedia e da historia, quando o Sciencia, pousando um grosso livro de Platão, tocou-me levemente o braço e, estendendo a sinistra para o lado do mar, falou-me:

—Está ouvindo, senhor? Está ouvindo este barulho enorme de trovões partidos?

Respondi-lhe estar ouvindo. E como lhe explicasse que era um combate de fortalezas e náus de guerra, meneou negativa e gravemente a cabeça e respondeo-me:

—Não é isso. São os miolos do mundo que estão rebentando. E' a loucura final, que as sagradas escripturas figuradamente chamam—o final Juizo. Bem sabe que sou o Sabedor.

—Bem sei, Sapiencia.

—P. is bem. O universo ensandeceu pelo esgotamento dos fluidos phisicos, como ensandecem os homens pelo dos fluidos moraes.

"Só eu resisto, só eu resto com juizo, porque tenho provisão grande de todos os fluidos—phisicos, moraes e mentaes. Quer que lhe dê uma porção?

—Obrigado; por enquanto tenho fornecimento. O que eu desejava é que me desse a sua opinião sobre os acontecimentos.

—Do melhor grado. Mas quaes acontecimentos?

—Os do Bras.l.

—Ah! o Brasil. Tenho idéa:—um paiz da Atlantida, muito grande, muito rico, todo verde e ouro, em que rolam rios enormes, as pés de enormes montanhas, rasgado valles profundos, em que as seáras crecem prodigamente. Paiz de abundança, paiz de fadas, sei, em que ha toda especie de animaes, excepto uma, na verdade bem rara—o homem. Ah! o Brasil, bem sei. Lá continuam a esboroar-se os miolos do mundo. E' pena.

—Mas que diz da revolta?

—A revolta?! Sei. A dos anjos contra o creador delles e de tudo. Ou talvez a dos gigantes para escalar o céu, ou a de Prometheo, para roubar-lhe o fogo....

—Não falo dessas. Falo da revolta da Armada contra a Legalidade.

Teve aqui o meu amigo um sorriso de dó, pensou um instante, e por fim, docemente:

—A Legalidade! Lembraes-me, vós outros, fazedores de ideias, constructores de phrases, esses santeiros ingenuos que acreditam na virtude dos manipanços que elles proprios fabricam. Sabeis porque razão ahi vão estourando os miolos do mundo? Por essa aberração esquesita de querer governar o com palavras. Palavra é som, é som que passa, é a vibração do ar ferido por sonoridade sahida de bocca humana. Palavra é vento, palavra é nada.

"E' a convenção que vos mata, loucos mortaes. Tudo em vós é convenção, é ficção, é symbolo. Entregaes os pulsos e o collo ás gargalheiras da Illusão, filha vossa, e á canga do Preconceito; vosso pae.

"Sois os titeres do dictionario. E' o dictionario que vos guia e manda. Libertae-vos desse jugo indigno. Sei como arranjaes as vossas coisas politicas. O grupo mais forte subjuga o mais fraco, escolhe um deute os seus, mais energico ou mais vistoso, dá-lhe o cajado do pastor ou o chicote do tropeiro, e impõe-o aos vencidos, dizendo-lhes: "Este é o nosso—repara: o nosso—governador, o nosso rei, o nosso senhor. E ahi está a Legalidade. Ella outra coisa não é seuão a Força. E', sempre foi, sel-o-á sempre.

"Depois, querendo ou fingindo esquecer que essa legalidade foi amassada no barro

vil da ambição por vós mesmos, prostraes-vos ante ella, extasiados de veneração... até que outro grupo, outra gente mais forte que vós, por seu turno vos subjugue e vos imponha o seu idolo, a sua legalidade, por ella creada á sua imagem e semelhança.

— Mas, meu caro Sciencia—obtemperei — e o Povo? Esqueceis o Povo!

— O Povo! Sei... E' outra palavra. O boi é forte, mas teme o homcin, o homem é forte mas teme Deus, além de temer todas as legiões do Invisível. Deixae passar esta phrase. Apenas eu a comprehendo. Imaginae um rebanho de carneiros impondo a lei ao pastor. Não o podeis imaginar. Porque? Porque os carneiros foram feitos para ser pastorados, não para pastorear. Imaginae agora um rebanho de lobos. Também não o podeis. Porque? Porque os lobos não se arrebanham, os lobos fazem-se pastores para comcrem os carneiros. Estou confuso, talvez.

— Ao contrario, Sabedor, estacs lucido. Não reconhecéis então a legitimidade das revoluções? Desta, por exemplo.

— Perdão, senhor; ha pouco dissestes — revolta, se bem me lembro.

— E' verdade. Revolução ou revolta; por enquanto é o mesmo. Só a Historia, mais tarde, muitos annos adiante, poderá dizer e decidir se é revolta ou revolução. O presente propõe e o futuro dispõe.

— Falaes como um livro, como este, do divino Platão. Toda revolta, como toda revolução é sempre legitima. Rebelar-se é o prazer dos homcns, como vingarse é dos deuses. E, demais, porque não rebelar-se a gente contra o jugo de palavras vans? Desobedecer é indicio de fortaleza, maxime se se desobedece a fortes. Fortes, fortaleza... vêde como cstou marcial e, sobretudo, actual... E' a prepotencia dos lexicons. Comprimi a borracha. Que faz ella? Estica, incha, dilata-se, repelle a compressão.

“A distensão é o direito da borracha, a revolta é o direito dos povos — direito bem pouco usado, infelizmente. Perguntaes-me se esta revolta ou revolução é legitima. Não a conheço. Mas deve sel-o.

“Toda reacção é legitima, como correcção ou emenda da acção. Falo em geral, como sabedor que das cousas sou, sem me escravisar a palavras. Enchei um copo em demasina. A agua transborda: é o seu direito. Ponde nma represa a um rio: as aguas vêm, agglomeram-se, inflam e, por fim, saltam a represa, pouco importando que se ella chame *Legalidade* — porque não são as palavras que regem o mundo, mas sim os factos. Quem vence, afinal, é a Verdade. A Verdade escreve direito por linhas tortas.

— Sois custodista? então, Sapiencia?

— Não vos entendo. Sou um homem libertado das palavras e das pessoas. Falando-vos, é a mim que falo. Não sei que coisa é custodista. Cnstodismo que é?

— Isso tudo vem de chamar-se Cnstodio o chefe da revolta da armada.

— A evolução do universo não conhece nem eleger nomes. O fluido moral é que o governa e para elle conseguir seus fins,

todos os nomes, como todos os meios, são bons.

“Pensaes que esse tal Custodio é um factor, e enganaes-vos — é um instrumento. O instrumento é cousa secundaria. Tinha o punhal de Bruto o cabo lavrado com arte e gosto? E a taça de cicuta de Socrates, era um primor de cinzelamento? Que importa? Não vos prendaes a ninharias. Subi mais alto. Entrae no amago dos factos. Tenho notado que os homens mascaram-se até para se verem ao espelho, tão grande medo os possue de se reconhecerem a si proprios.

“Mas... reparaes... Continúa a estourar o cerebro do mundo. Que cataclysmo! E que felicidade também! Só eu restarei, são e forte, para escrever e transmittir á eternidade dos tempos a historia estupenda da loucura do mundo!”

Um guarda veio prevenir-me que era a hora de sahir. Sahi. Na porta, volvi os olhos e vi o meu pobre Sabedor de pé, alto, immenso, na pallidez crepuscular do céu, estendendo solemnemente a dextra descarnada e longa para o lado de onde vinham lugubres, espaçados, longos, os ribombos do canhoneio.

E ao entrar de novo na cidade, que a guerra dos ajuizados cnchia de fumo, sangue e pavor, trazia eu derramada n'alma, como um oleo santo, a estranha eloquencia allucinada do pobre louco.

JOSÉ DO EGYPTO.

NOTAS SCIENTIFICAS

A psychologia do hypnotismo

Na “New Review”, de Londres, publicou ultimamente o Sr. Lloyd Storr Best um interessante artigo sobre o hypnotismo, artigo que lemos com acurada attenção e cuja parte principal transcrevemos.

“O publico, diz Storr, obstina-se em considerar o hypnotismo uma coisa mysteriosa e inexplicavel, não contentando entretanto, a sua realidade. A medicina deve ao hypnotismo innumerados successos; e com effeito a sua applicação tem sido vantajosa para acalmar as dores, para curar nevroses e até se tem recorrido á suggestão, e com optimo resultado, para molestias organicas. Estas applicações therapeuticas do hypnotismo parecem a Storr Best tanto mais favoraveis por isso que o hypnotismo para elle nada mais é do que a consequencia normal das mais elementares leis da psychologia.

Eis o detalhe dessas leis:

“1º. “A consciencia varia na razão directa da acção dos estimulantes” exteriores. Se se isolar um espirito de todas as influencias que tem acção exterior sobre elle, ter-se-á occasião de ver todo o pensamento e ainda toda a vontade subjugada. Michaél Forster cita o caso de um homem que era surdo de ambos os ouvidos, meio paralytico e zarrolo: esse individuo apenas conseguia fechar a unica vista que possuia, dava-lhe logo o somno. Um professor allemão citou caso identico, de uma criança surda e zarrola e que de si mesmo dizia— “Quando deixo de ver, é como si estivesse morta.”

2º. “A consciencia varia também na razão directa da attenção.” — Newton não sabia diser se havia juntado ou não. Hack Tuke conta a historia de um cirurgião, que de tal modo se deixava absorver pelas suas pesquisas scientificas, que ia ao hospital, examinava os doentes, classificava-os, praticava operações, tudo isso inconscientemente e sem guardar pelo menos uma vaga recordação.

3º. “Por outro lado a attenção pôde attingir a um certo gráo de tensão que faz escapar o exame e aniquila a consciencia.” E' por isso que os fakirs e os yoghis da India, os mysticos do Monte Átros, conseguem, por meio de prolongada contemplação, produzir em si o “extase” isto é o isolamento completo do mundo exterior. Antes da introdução do chloroformio na therapeutica, os medicos, para anestesiarem os doentes, mandavam-os fixar toda a attenção num objecto.

4º. “E o facto de concentrar toda a attenção num só objecto impede, muitas vezes, não só a lembrança dos outros objectos, como também a do proprio objecto.” Pois a recordação não se opera senão por um effeito de associação de idéas. Se procurarmos lembrar-nos de um nome não o conseguiremos sem appellar para as circumstancias que ligaram esse nome ao nosso espirito. Ora, si o pensamento é monopolizado por um só objecto e por um objecto sem relação com os que o cercaram, é bem possivel que, mais tarde, não possamos descobri-lo, embora a attenção dispensada no momento.

5º. “Toda a idéa tende sempre a se realizar sob a forma d'uma sensação, ou d'uma acção.” E' uma das leis fundamentaes da psychologia. Si não nos movemos quando queremos é que a isso nos impedem idéas contrarias, mas predominando uma idéa, a sua realisação será fatal. Um estudante de medicina, a quem o professor explicára, sorrindo, a maneira mais facil de cortar o peçoço, mal acabara a lição cortou o proprio peçoço.

Um carneiro, diz Bennett, ficou suspenso por um gancho que entrou-lhe no braço. O pobre homem desmaiou e depois experimentou todas as sensações dolorosas que produzem as feridas de tal genero. Quando lhe examinaram o braço, acharam-no intacto: o gancho penetrára sómente na manga da blusa. E' sabido que muitas pessoas têm morrido de raiva simplesmente porque acreditaram que estivessem damnados os cães que as morderam.

“O hypnotismo, prosegue Storr Best, não é mais do que a applicação pura e simples das cinco leis universalmente reconhecidas. Para hypnotisar uma pessoa qualquer deve-se, antes de tudo, isolar-a do mundo exterior.

Concentrando a attenção sobre um só objecto, impedindo-a de perceber as differenças, restringe-se o campo da consciencia.

Dahi attrahe-se todo o pensamento do hypnotisado, mantendo-o n'um estado de extrema tensão.

Depressa a attenção escapa ás forças da vontade e o individuo fica á mercê do objecto que lhe impozeram.

Despertado, não conservará nenhuma lembrança da idéa fixa que tanto o preocupou em estado hypnotico, pois a fixidez mesmo dessa idéa isolou-a das outras que a acompanharam. O physiologista allemão Heidenhain, tendo hypnotisado seu irmão, recitou-lhe um

verso de Homero, depois despertou-o e verificou que elle de nada se lembrava.

Mas quando Heindenhein falou lhe em Homero, o irmão, após longos esforços, citou o verso que ouvira em estado hypnotico.

“Quero ainda dizer uma palavra sobre as suggestões altamente hypnoticas que têm para o publico o caracter de sobrenatural. Um exemplo concreto. Tendo hypnotizado um individuo eu disse-lhe, que no dia immediato, ao almoço, elle teria fortissima dor de dentes e que, levantando-se e passeiando durante alguns minutos, o mal desaparecia. Tudo o que disse realizou-se com uma precisão mathematica. Si houvesse suggerido uma acção e sensação immediatas nada haveria de extraordinario. Porém, como me foi possível suggerir uma acção e sensações futuras? E como foram ellas realizadas? E' que a idéa do almoço pela manhã seguinte fazia parte da consciencia do hypnotizado, e ligou-se á das sensações e da acção por mim suggeridas. No dia seguinte ao almoço a associação de idéas acarretou naturalmente o resto da ordem.”

Este é o caracter normal e essencialmente psychologico do hypnotismo, que, segundo Starr Best pôde tornar o emprego do hypnotismo precioso á therapeutica, pois todo o estado d'alma tem a sua correlação.

O. LETUDO.

EGOISMO

Ulva, talvez, lá fora o vento. A tempestade roeunga nos trovões. Os rios caudalosos erguem minstro dorso e nimbus procellosos lançam raios, a flux, da negra immensidade. Gritos, prantos, talvez, os campos inundados, a choupana alludado, a miséria bem perto, e, quem sabe? amanhã das aguas no deserto boiarão tristemente uns pobres afogados.

Isso tudo, talvez, ou ainda mais, lá fóra existe, e ainda sluto e ainda vejo agora.

Ou, quem sabe? a traição os seu dentes afiando busca a lançar-me o pé?... Ou a juveia mesquinha procura se abater sobre a cabeça minha como abutres em torno a um corpo miserando. Ou talvez haja sol, e pinte a primavera prados de intenso verde o bello céu de indigo, e neste mesmo instante um coração amigo emitta sobre mim uma phrase sincera.

Isso tudo, talvez, ou ainda mais, lá fóra existe, e ainda sinto e ainda vejo agora.

Vejo apenas a sala em que trabalho e sonho: umas flores allí, em frente pobre tela, meus livros junto a mim, e a um canto da janella um busto de mulher fitando-me risonho. E ela tão só o que vejo e o que sinto a meu lado após tanto lutar... Quanto é doce a ventura de lusular-se do mundo e sorver-se a doçura de amar e ser tambem sinceramente amado!

11-11-90.

ALCIDES FLAVIO.

SOBRE O FIDELIS

(Necrologio Alegre)

A morte do Fidelis foi-me transmittida esta manhã pelo noticiario escasso de um jornal do interior.

Em oito linhas, com pouca grammatica e muita virgula, o despreoccupado órgão montezinho fez o panegyrico insulso d'esse originalão, que em vida se chamou Fidelis e que, agora, acaba de lograr os vermes com a sua estirada magreza de etico chronico e mumificado.

Conheci o Fidelis, como toda a gente o conheceu,—porque este typo era popularissimo—nos bons tempos em que elle,

ainda com um pulmão intacto, flanava por Santos, de sobretudo longo, nos dias de noroeste, soprando aos dedos, a tiritar de frio, como quem curte maleitas.

E, d'esse magro legendario e gelido, a minha memoria guarda uma recordação hilaritante e picada de anedoctas grotescas.

As minhas relações com o Fidelis estabeleceram-se assim:

Uma tarde, entron-me em casa um sujeito esguio e disse:

— Dr., venho aqui para ouvir a sua opinião sobre um assumpto grave. Estou construindo um predio que fica a uma braça do terreno do meu vizinho. O mestre da obra disse-me que era conveniente abrir setteiras no meu predio, mas o vizinho oppõe-se. Ora, eu faço questão séria de abrir essas setteiras porque as julgo indispensaveis. Digame: tenho o direito de abri-las?

Respondi-lhe que sim e expliquei-lhe o motivo.

O Fidelis, muito satisfeito, perguntou-me então:

— Mas o Senr., aqui em sua casa não tem setteiras?

— Nem preciso d'ellas.

— Pois olhe, é uma cousa indispensavel n'uma casa de familia.

E levantando-se, a esfregar as mãos de contentamento e de frio, tomou o caminho da porta.

Ao atrevesar a soleira, voltou-se bruscamente e interrogou:

— Ah! é verdade, Dr., esqueceu-me perguntar-lhe uma cousa: O que são setteiras?...

Eis aqui como eu tracei relações com o Fidelis.

Ora, este original era negociante e tinha uma logita de armarinho n'uma das ruas mais estreitas de Santos. E a despeito de ninguem lhe lobrigar a freguezia, que era ou parecia escassissima, o magro tinha dinheiro e predios.

De onde lhe veio, como ganhou essa fortunita, nunca se soube. Certamente herdou-a, porque o Fidelis era honesto.

Como Tartarin de Taraseon, que tinha dentro de si um D. Quichote e um Sancho Pansa, assim o Fidelis tambem dentro de si possuia um Tartarin e um Bezuquet.

Inconscientemente audaz e exagerado como Tartarin, fazendo de si proprio o mais elevado conceito, elle era tambem timido, poltrão e doce como esse pharmaceutico Bezuquet, que inventara, na phrase caustica do ferino Costecalde, “le sirop de cadavre, vers compris.”

Somente, o Fidelis não inventara xaropes.

E se não lia, como Tartarin, as chronicas façanhudas e enamoradas dos cavalleiros andantes, em compensação elle lia... o “Jornal do Commercio,” que recebia semanalmente, em maços, pelos navios ou vapores, que aportavam a Santos.

Como, porém, succedia que nem sempre o tempo lhe sobrava para a leitura assidua, o Fidelis ia amontoando os maços de jornaes, intactos, durante mezes, a um canto da loja.

Lá uma vez ou outra, pegava n'um maço, ao acaso, abria-o, tirava um jornal e ia para a porta da loja dar pasto ao seu irresistivel desejo de saber “novidades frescas.”

E, então, era vel-o a dar gargalhadas homericas, ou a fazer exclamações como esta:

— Ora essa!... pois então o ministerio cahiu!...

Os transeuntes, muito admirados, de olhos esboalhados, paravam e interrogavam:

— Como? O ministerio cahiu?... O Fidelis insistia:

— Cahiu, sim senhores, cahiu.

Os outros, duvidosos, objectavam:

— Isso não pôde ser: ainda os jornaes recebidos hontem dizem que o ministerio tivera um voto de confluência do parlamento....

— Patranhas dos jornaes governistas, exclamava o Fidelis. O ministerio cahiu; isso não soffre duvida; quem o diz é o “Jornal do Commercio” e o “Jornal” não mente. Olhem, cá está:

E lia alto, accentuando as syllabas, para que todos ouvissem:

“Hontem o Sr. Presidente do Conselho foi a Petropolis a fim de pedir a “demissão collectiva do Ministerio. S. Magestade, depois de ouvir os motivos “expostos pelo Sr. Presidente do Conselho, dignou-se acceita-la e pediu “que lhe enviasse o Conselheiro Sa-“raiva.”.....

— Mas, isso é noticia do anno passado, interrompiam os ouvintes, a rir.

— E, só então, o Fidelis ia ver a data do “Jornal” e se apercebia que estava a ler as “novidades”.... do anno anterior.

Uma das manias caracteristicas deste curioso typo era a de dar noticias sensacionais.

E, como Tartarin, fazia-o sempre com ares de conspirador, que elle já tinha, com a cara mole enterrada na gola do sobretudo, cercandose de um certo mysterio, que o encantava e que lhe punha na alma, em extremo vibratil, o mais intenso prazer.

De uma feita, elle encontrou-se commigo e, puxando-me para dentro de um corredor, disse-me a tremer de frio:

— Quer saber uma cousa horrorosa?...

— Horrorsa?...

— Sim, o que ha de mais horroroso e triste.

— O que é?

E elle, collando a sua bocca á minha orelha, segredou:

— Imagine que o Mathias vai á Europa e leva a familia!...

— E o que ha n'isso de horroroso e triste? perguntei-lhe estupefacto.

— Hom'essa! pois então aquella familia.... aquellas pobres crianças.... os naufragios que andam por allí.... as tintureiras que já apparecem na bahia do Rio.... Só de tal me lembrar, estremeço. E' por isso que eu não me quero casar.

E partiu a correr, batendo os queixos, para contar essa cousa horrorosa a outro.

De outra vez, estavamos no theatro. N'um dos intervalos, o Fidelis esbarra-se commigo e diz-me agitadoamente:

— Por um triz que nao quebro, agora, a cara ao Lima. Malcreado! passa por mim e finge que me não vê. Vi-me forçado a dizer-lhe dous desaforos grossos.....

N'isto, apparece o Lima e dirige-se para nós risonho e comprimenteiro.

O Fidelis, simulando que o não vira, leva-me subitamente para dentro de meu camarote e diz-me:

— Agora, outra cousa: sabe que sou seu amigo?

— Sim-lhe muito grato por isso.

— Então, ouça:

E, com voz tremula, assustadica, sempre a tiritar de frio, acrescentou:

— Vi entrar, ha pouco, dous bombelros na caixa.....

— E o que tem isso

— E' signal que a cousa já começou a arder lá por dentro.

— E, d'ahi ?

— Hom'essa ! pois o Sr., com familia aqui... não se assusta ? Eu cá vou-me embora já.

E sahiu, dando costas ao Lima.

Outra mania do Fidelis era consolar anojados.

Certa occasião, morreu a mãe de um amigo nosso e quem me deu essa triste nova foi o Fidelis.

Perguntei-lhe se ia ao enterro e elle, distrahidamente, respondeu-me:

— Hoje não posso, mas, amanhã, vou com certeza.

E para não ser notada essa falta, dous dias depois, o Fidelis lá foi a casa do amigo levar os seus pezones e o consolo da sua palavra funebremente animadora.

Encontrou-o em companhia do pai e das irmãs, que o receberam tristemente.

O Fidelis sentou-se e, após um pequeno silencio, começou a enumerar as boas qualidades da defuncta.

A cada virtude da fallecida, que elle lembrava, o viuvo e as filhas, muito sensiveis a taes recordações, desfazião-se em pranto; mas o rapaz, o nosso amigo, esse mantinha-se virilmente sereno, de olhos seccos, sem derramar uma lagrima.

O Fidelis reparava n'isso, e muito intrigado com essa insensibilidade, não podendo conter a sua indignação, em certo momento, em que se achou a sós com o rapaz, disse-lhe desabridamente:

— Que diacho ! já fiz seu pai chorar; chorar já fiz suas irmãs e só você não chora ! Já é ser duro !...

E, n'um arranco final, para fazel-o chorar, accrescentou:

— Lembre-se que sua mãe morreu...

E, como ainda d'essa vez o outro não chorasse, o Fidelis cortou relações com elle e, indignado, contou o caso a toda gente.

De outra vez, em uma roda, fallava-se de homens illustres, que tinham galgado eminencias sociaes á custa do esforço proprio, e o Fidelis disse vaidosamente:

— Isso de subir é uma questão de acaso. Querem vocês ver ? Quando meu irmão Gaudencio começou a aprender a ler, eu já estava na artinha. Hoje, meu irmão Gaudencio é conselheiro d'Estado; vejão, vocês, onde eu estaria, se continuasse os estudos !...

E ficou sério e ufano, emquanto os da roda riam.

Onde iria eu parar tambem, se quizesse citar todas as anedoctas d'esse extraordinario Fidelis que a morte arrebatou ha dias ?...

Viveu muito tempo em Santos emquanto um resto de pulmão lh'o permitiu.

Um bello dia, porém, sentiu que sufocava e a medicina aconselhou-lhe que subisse a Serra do Mar.

Algun tempo depois, vi-o em Sorocaba, passeando a sua magreza de muma gelada pelas ruas quasi ermas d'essa poetica cidade.

Viu-me, conheceu-me, quiz fallar, fallou, mas eu não ouvi nada, porque o Fidelis não tinha voz.

Mas, pela sua mimica, percebi que me queria dizer que estava melhor e que, da sua grave molestia, só lhe restava então aquella insignificante aphonía.

Pois essa insignificante aphonía, esse tondonada de molestia é que atirou com elle, agora, na cova.

E assim se foi o Fidelis, o enorme, o originalissimo Tartarin de Santos, cuja voz velada, ainda hoje retine ao meu ouvido, a dizer-me tremula, atravez de um cachenez de lan, n'um dia de grande calor, á porta da sua logita de armario:

— Doutor; a primeira vez que o grande Martim Affonso entrou em Santos foi a 20 de Janeiro de 1532; eu sahi de Santos e fui pela primeira vez ao Rio em 15 de Janeiro de 1865. Veja que coincidência !...

Onde estaria elle, se continua os estudos !...

A terra te seja leve, e quente, incomensuravel e friorento Fidelis.

Outubro 93.

GARCIA REDONDO.

A EPOPEIA DO VERDE

A VALENTIM MAGALHÃES

Desperta dentro em nós mundos inteiros,
Enche-me o sangue d'energias raras,
A verde cor humana dos salgueiros
E a perspectiva alegre das searas.

Como sorrisos de mulher amada,
Ha tons d'um verde flammejante e vivo
No freixo humilde que reverte a estrada
E no robusto castanheiro altivo.

Por entre atalhos, varseas e hortejos
Ouve-se um hymno sensual de beijos,
Com que a noss'alma se consola e perde :

E' o musgo e a hera e a laranjeira em flor,
Executando uns tremolos d'amor,
Na violenta sensação do verde !

Paris.

XAVIER DE CARVALHO.

A VIDA

DO MEU CADERNO DE IMPRESSÕES

(Tradução de Domingos A. Meira)

Os cemiterios são calunniados.

E' costume dizer-se que são tristes e sombrios e falla-se delles com um calefrio de horror. Acredita-se que nelles se encontra frente a frente a morte a cada momento. E' um engano.

Eu ia visitar os tumulos das minhas duas filhinhas.

Eram sete horas da manhã, manhã rosada e fresca, colorida ternamente pelos primelros raios solares. —

Não encontrei os rouxinoes de que nos falla com tanta emoção Alphonse Daudet.

Não ha rouxinoes no Brasil.

Mas tive occasião de apreciar alguma cousa de extraordinario. Senão, ouçam. As arvores funereas estavam carregadas das pedrarlas scintillantes do orvalho e ornadas de diademas de esmeraldas e topazios, onde o sol brincava alegremente. Afinal nada tinham de funebre. O ar, puro, fresco, dilatava deliciosamente os pulmões. Flôres por toda parte. Ellas cobriam o solo, á beira das aléas arenosas, e sobre os tumulos formavam tuffosos jardinsinhos. cheios de rosas vermelhas e brancas, jasmins e folhagens variegadas. Tudo aquillo res-cendia um aroma muito agradável. Os

unjos carpideiros dos mausoléos pareciam regozijados nas suas llas tunicas de marmore, tão alegre em a luz e o ar acariciador.

Havia tumulos tão carregados de flôres desabrochadas, onde beija-flôres e borboletas dançavam vivamente, que as pessoas, vendo-os, esqueciam-se ali, sem se preocuparem mais com a Idéa do além-tumulo do que se estivessem em um jardim profano, fosse de Armida ou dos Capuletos.

Viam-se tambem sepulturas nuas, ennegrecidas pelo tempo e pelo abandono, cujas inscripções se apagavam, mas ali! menos depressa do que da memoria da familia do morto. Essas não tinham sequer um péssimo de herva para desentristecer a sua desolação.

Esses tumulos eram sombrios, mas eram esses justamente os mais procurados pelos passarinhos, os quaes sobre as pedras limosas bicavam-se, brincando. Dir-se-hia que o bom Deus enviara aquellas avesinhas expressamente para consolar os pobres abandonados, que estão sob a terra, da ingratidão de seus amigos.

Por toda parte ouviam-se cantos juvenes. Eram esfusiadas de notas debulhadas no ar matutino, como perolas caindo em cascata dentro de uma bacia de prata.

“Orai por elle” diziam os tumulos. E como os parentes e amigos dos mortos estavam ausentes, os passaros oravam pelos mortos. E o Senhor os escutava, certamente. Nada ali havia que fallasse da morte.

Nem mesmo os coveiros.

E' verdade que elles cantavam e abriam covas como os coveiros de Shakespeare, porém o que cantavam era uma aria da moda e pareciam abrir covas para as flôres.

A morte e a primavera casavam-se alegremente e os passaros celebravam seu hymeneo.

A Morte..... que digo eu ?

Que pessoa ou cousa nos falla aqui da Morte ? Ninguém ; nada. E' a Vida, a Vida, sim, que brota por toda parte. Estas flôres, estas avesinhas, estes renovos primaveraes, este alegre sol, esta frescura, estes perfumes, estes gorgeios, tudo isto só nos falla da Vida. E os proprios mortos, coitados ! éda Vida que fallam. Porque é dos seus corpos que vem o germen fecundante das plantas ; são elles proprios que sorriem agora no pequeno coração escarlate das rosas e que nos saúdam com os braços inquietos dos arbustos. Ali estão os bellos olhos de Ophélie, que nos espiam daquelle tumulosinho branqueado de cal... sim, nas violetas, que ella amava tanto e que seu irmão desejava ver nascer sobre a sepultura della. Quereis ver as mimosas mãos patricias de Julieta ? Ellas não atiram mais a escada de seda a seu Romeo querido : florescem agora nestes soberbos lyrios.

A morte não é senão uma mudança de fórma ; a essencia, o espirito fica ; elle se furta de nossos olhos para ir insufflar a vida alhures. Nossos mortos nos cercam, nos acariciam, nos acompanham, até que nos chegue a nossa vez de nos reunirmos a elles no seio calmo e impenetravel do Desconhecido.

A Morte é a Vida.

VALENTIM MAGALHÃES.

(Do “Brésil Republicain”).

CURIOSIDADES LITTERARIAS

Theophillo Gautier, havendo sido convidado a jantar pelo architecto da Opera, respondeu-lhe com a seguinte peça, em que ha sessenta versos rimados unicamente em "ton":

26 Octobre 1867.

Garnier, grand maître du fronton,
De l'astragale et du feston,
Mardi, lâchant lâ mon planton,
Du fond de mon lointain canton
J'irai chez toi, tardif piéton,
Aidant mes pas de mon bâton
Et précédé d'un mirilton
Duillus du feuilleton,
Je viendrai portant un veston
Jadis couleur de hanneton.
Sous mon plus ancien hoqueton,
Les gants et le col en carton,
Les poitrails à la Benoiton
Et les diamants en bouton
Te paraîtrai de mauvais ton,
Pour ce fraternel gueuleton
Qu'arrosera le piqueton.
Que ce soit pouje ou caneton,
Perdrix aux choux ou miroton
Lâté de veau froid ou de thon,
Nids d'hirondelles de Canton,
Ou gousse d'all sur un croûton
Fâison ou hachis de mouton,
Pain bis, brloche ou panaton,
Argenteuil au Branne-Mouton,
Clêre ou pale-ale de Burton,
Chez Lucullus ou chez Canton,
Je m'emplirai jusqu'au menton,
Avalant tout comme un glouton
Sans laisser un seul rogaton
Pour la desserte au marmiton.
Pendant ce banquet de Platon
Mêlant Athène à Charenton,
On parlera de Wellington,
Et du soldat de Marathon,
D'aspasie ou de Mousqueton
Et du Saint-Père et du santton;
Chacun lancera son dicton,
Allant du char de Phaéton
Aux locomotives Crampton,
De "l'Italle" à "l'Oncle Tom"
Et de Babylone à Boston.
A très grand'peine saura-t-on
Si c'est du basque ou du tenton,
Du manscrit ou du bas-breton...
Puis, vidant un dernier rhyton,
Le tenor ou le baryton,
Plus faux qu'un cornet à piston,
Sur l'air de: "Tontaine, tonton,"
Chantera Philis ou Gothon,
Jusqu'à l'heure où le vieux Titon
Chasse l'Aurore au frais t...
Mais il faut finir ce centon
A la manière d'Hamilton,
Où j'al, pour mieux rimer en "ton,"
Falt de la muse Jeanneton.
Dans mon fauteuil à capiton,
En casaque de molleton,
Collé d'un bonnet de coton,
Je m'endors et je signe: Ton...

Ami de cœur et de plume,

Théophile GAUTIER.

Este "tour de force" foi muito apreciado no tempo em que foi publicado, ha 24 annos. Pensamos que agradará aos entendidos nas dificuldades da Metrica; por isso e por ser pouco conhecido, conquanto figure nas suas obras completas, é que o reproduzimos.

TRAÇA DA SILVA

COVARDIA

Sombra que adôro e temo, oscúlo e odelo,
Fugirte ao encanto embalde aspiro e tento,
Se bem longe és de mim n'este momento,
Toda escarneo sorris dentro em meu seio.

Quando foste eu te disse e até jurei-o
Eterno adeus de eterno esquecimento,
Mas bem longe és agora — e é meu tormento
Maior — ver-me de ti sómente chelo...

Quero esquecer-te — e mais te ancelo e vejo,
Lembro que me feriste cruelmente —
— Resisto e soffro, lucto e te desejo...

En'esta lucta a alma se me exaha,
Morro sorrindo, aos poucos, lentamente,
Morro beijando a mão que me apunhala!

Resite.

PLACIDO D'ALMEIDA.

POESIA E POETAS

PHANTOS — Versos de Lopes Filho.
Impressos em Fortaleza e editados
pela Padaria Espiritual — 1893. 68
pags.

Exquisite poeta e livro exquisiteso.
Começa a exquisitesice pelo titulo da
obra. "Phantos," chama-se o livro.
Não me dirá o poeta que bichos serão
estes? Na impossibilidade de saber-o,
passo adiante, mesmo porque o espaço,
hoje, como os generos de primeira ne-
cessidade, está pela hora da morte.
Estamos em tempos de economias.

O livro vem prefaciado por Antonio
Salles, e consta de 45 biscoutos, digo,
45 poesias.

Como os versos sahiram da Padaria
Espiritual, tomei-os por biscoutos; que
me desculpe o poeta. Em todo caso
devem ser mais tragaveis que legiveis.
Senão vejamos.

Preparemos o paladar do entendi-
mento, já estimulado com o "vermouth"
do prologo do Sr. Salles, que, sincera-
mente falando, é escripto em saborosa
linguagem, que mais lembra fino mos-
cato d'Asti, que quaesquer destes reles
"vermouths" com que os botequins nos
envenenam.

Passemos ao espirital alimento.

Adeus, minhas encomendas! Isto
não é pão, é pau.

Veja se digere esta codexa, leitor; dê
ás mandibulas, tenha paciencia.

"Tendo por mareantes, Colombos juvenis."

(quarto verso do 2º soneto da col-
lecção.)

Hein? Que tal? Durinho, não é ver-
dade?...

Do mesmo soneto;

"E, ao luar, rios gemem ais caros e dolentes."

Outro naco, ainda do mesmo:

"Que anda buscando sempre a Primavera."

(Um pobre decasyllabo perdido no
meio de 13 alexandrinos, que, ao verem-
no occultar-se envergonhado no fim do
primeiro terceto, começaram a fazer-
lhe gaifonas e a dar-lhe encapellações.
Creio que foi por esta razão que os ale-
xandres do segundo terceto, perdidos
de riso, entraram a dar cambalhotas
esquecendo-se inteiramente do passo).

"Terra do Ideal, ó Novo Mundo Sonhado!
Abre o teu seio! ao ente desesperado,
Ao doído, ao sonhador, ao filho da chimera!"

E' o caso de dizer: — "Acerta o passo
Ignez, outra vez."

Agora esta codexa de outro soneto, o
quinto:

"Si apenas ouço em mim o triste 'dô,'
Dentro do peito onde o amor está?"

(O grypho é do poeta.) Que grande
homem este! Com a mesma facilidade
com que faz versos allmenticios, agra-
vando a dyspepsia dos espiritos, canta
os "Hinguenottes," talvez; talvez a
"Aida," emittindo dós de peito. Ah!
se o tenor que está presentemente no
Polytheama, a escanhoar a voz do
"Barbeiro de Sevilha," a apanhasse,
que pechinha!

Outra maravilha:

"Mas us idones benditos do Passado,
Onde pairam vocês? em que palz?"

O bardo cearense a querer talvez
matar o bicho aos broncos dos ideaes e
ellos sem se mecherem!

Que biltres! Deram ás de Villa Diogo,
e, a esta hora, estão talvez em Baturité,
tocando viola ou leques com bandurra!
Que o Sr. Lopes annuncie pelos jornaes,
dando os signaes certos, e verá se elles
apparecem ou não.

Outra:

"Que roubam alta noite as pobres creancinhas,
Para comel-as, como se fossem aves-linhas..."

(Comer o boi, que tem couro duro!)
Chave de ouro no soneto, "No
campo:"

"E o bosque e as aves me conhecem todos,
Pois, cubilo ouvil-os (e com que bons modos!)
Dizer: — bom dia! abus! olá! João!"

Grande terra é o Ceará! Lá até as
aves sabem cumprimentar a gente. Não
sei como ellas não disseram ao poeta:

— Volta hoje? traga a Gazeta! Como
vae de sua tosse? Anfe, yoyó, fale com
os pobres; não seja emproado; guarde
seus quatro vintens!

Nada, fico por aqui. Não tenho dentes
para isto. De vez em quando aguenta-se
com uma bolacha, com muito pouco
sal, valha a verdade!

Não fosse o preparador da massa
decadista!...

Achamos porém que elle é, não deca-
dista, mas, decadente; tanto assim que,
quando impinge ao leitor uma resca
dura, a primeira coisa que este faz é
gritar-lhe: "dê cá dente!"

Decadista ou decadente, isto não vem
ao caso. O que convem dizer é que, ou
fosse que o poeta não tivesse sabido
preparar a massa dos seus versos, ou
fosse que a padaria tivesse aquecido de
mais o forno, o que não padece duvida
é que a quitanda sahiu-lhe bem estragadinha,
benza-a Deus! Rala pura! De
pães molles não vem um só que seja.

Minto, encontrei no fundo do cabaz
este bom bocado perdido:

"Tem a elegante "pose" das graciosas
Fidalgas de Aragoão ou de Granada;
Quando contempla-a não encontro nada
Que iguale essa que é bella entre as formosas"

Si falla, que de notas maviosas,
Saltão seus labios — expressões de fada —
Threnos de ignota, divinal ballada,
Ao som de uma harpa em moites invernosas...

As raras perlas de Ceylão, nitentes,
Não tem a alvura de seus bellos dentes,
Mais rijos e mais alvos que os diamantes...

Sen olhar me fulmina e causa medo:
Fere-me o peito como as penetrantes
Cimitarras mouriscas de Toledo!...

Bravos! fale-nos, assim, em lingua
de gente, que não haverá quem não o
entenda. Até um surdo-mudo!

Ah! se o Sr. Lopes, longe de envolver
a sua Imaginação no manto mystico dos
nephelibatas, calando-lhe nos pés os

sapatões do decadismo, tivesse-a enfrouhado da túnica artística do parnaziismo ou n'uma "toilette" moderna, estamos perfeitamente convencidos de que em vez de nos dar pão bolorento, ter-nos-ia servido ao paladar, mal acostumado com os accipies fina e levemente temperados pelos parnaziianos, deliciosas ambrosias e confortantes nectares.

Portanto, meu caro poeta, descalce a imaginação! Arranque-lhe já dos pés os sapatos decadistas, afim de ver se a pobresinha caminha desassombrada, livre de callos e joanetes!

ASCANIO MAGNO.

CHRONICA DO SPORT

TURF-CLUB

Esta sympathica e conhecida sociedade sportiva realizou no dia 23 do corrente, uma esplendida festa em seu elegante prado, com um programma "hors-ligne" e que constou de 7 pareos esplendidos e difficéis no dizer dos entendidos.

Ao divertimento fidalgo assistiu toda a imprensa, inclusive a SEMANA, que envia a toda a directoria do Turf-Club os seus sinceros agradecimentos pela maneira assaz distincta porque foi recebida, assim como todos os demais collegas e convidados.

Nos sete pareos realizados foram estes os animaes vencedores em 1º lugar: Milano, Huron, Zut, Crystal, Rayon-d'Or, Pluton e Hercules; em 2º lugar obtiveram os premios os parrelheiros seguintes: Brest, Druid, Saint-Jacques, Saint-Sylvestre, Cerbère, Purús e Hermit.

O divertimento terminou á hora habitual, tendo sido extraordinaria a concurrencia ao elegante prado do Turf-Club, que pôde inscrever no livro de suas festas mais um successo extraordinario.

Agradecidos pelo convite.

FRONTÃO LAVRADIO

Este frontão, apesar de não estar ainda completamente preparado para funcionar, realiso no dia 26, uma pequena festa de experiencia, com um programma bem combinado e no qual sobresahiam os nomes mais conhecidos jogadores da péla. O jogo começou ás 2 horas pouco mais ou menos e correu sempre na melhor ordem até finalisar, tendo sido bastante regular a affluencia de convidados á nova casa de diversão. O interior do Frontão Lavradio não pôde ser melhor; a "cancha" é esplendida e excellentes as accomodações para o publico. Agradecemos o convite que a directoria nos enviou e fazemos votos para que se realise quanto antes a grande festa inaugural do Frontão.

J. DERBY.

OS COLLEGAS

Appareceu em Ribeirão Preto, Estado de S. Paulo, "O Setimo Districto" que tem como director um moço laureado nos prelios das lettras—Alfredo Pujol—O magnifico artigo-programma é uma affirmação solemne do bello talento do seu director.

Cumprimentamol-o.

Recebemos o 1º numero da "Revista Industrial de Minas Geraes", que appareceu ultimamente em Ouro Preto sob a talentosa direcção do Sr. Dr. Alcides Medrado.

É uma publicação de utilidade incontestavel e por isso desejamos que encontre o apoio que merece.

O 1º numero é variado e interessante como se deprehe de do seguinte sumario:

O NOSSO PROGRAMMA.—EXPLOITATIONS AURIFERES DE MINAS GERAES, Paul Ferrand.—LEGISLAÇÃO SOBRE A EXPLORAÇÃO DAS MINAS DO ESTADO DE MINAS GERAES.—AMIANTO OU ASBESTOS, Francisco de Paula Oliveira.—MINERALOGIE, Costa Sena.—EMPRESA DE MINERAÇÃO DO CAETIÚ, C. Prates e A. Guimarães.—LABORATORIO DE DOCIMASIA DA ESCOLA DE MINAS.—O CARBORUNDUM, E. H.—REVISTA BIBLIOGRAPHICA.—INFORMAÇÕES.—BOLETIM METEOROLOGICO.

ATRAVEZ DE UM SONHO

Sonho-te... Desces de um astro,
Olhas-me calma, a sorrir,
E logo, em prantos, de rastro,
Busco aos teus olhos fugir.

Porém, attonita, volta
Minh'alma, em breve, anciosa:
Sobe-te á coma revolta
E fica a brilhar, radiosa.

Porque este amor me desvaira,
E a um tempo me assombra e attráe;
Minh'alma, ora no alto paira,
Ora em soluços se esvae.

Mergulha em trevas, e arrasta
A túnica azul dos sonhos
Por uma região nefasta,
Cheia de espectros medonhos.

Mas quando a rosea cortina
Abres das palpebras, vem
A luz que tua alma illumina
Illuminar-me tambem.

É como um deslumbramento;
Céga-me o olhar tanta luz;
E eu, na aza do pensamento,
Sigo o amor que me conduz.

E entro os paramos radiosos
Dos céus, que os astros habitam;
Sigo-te... E brancos, medrosos,
Todos os astros palpitam.

Pois n'um vôo incerto e vario
Passas, levando no olhar
Todo o fulgor de um sacrario,
Todo o esplendor de um altar.

Desces e eu sigo-te... E voando
Vens por um céu amplo e immenso,
Pelo caminho deixando
Um jorro de astros suspenso;

E a seguir-te o passo de anjo,
—Na palma aberta da mão
Todos os astros abraço
Para espalhal-os no chão;

Porque é mister que perdure
Toda esta pompa estrellada,
E a Via-Lactea fulgure,
A teus pés desenrolada.

JOÃO ANDRÉA.

OS CHARUTOS DO GARNIER

O abaixo assignado, pelo pouco que conhecia o velho editor Garnier e pelo muito que lhe disiam delle os que o conheciam muito, tinha-o na conta de um Harpagon de quatro costados.

Millionario que aproveitava os pedaços de barbante e o lacre das cartas e volumes que recebia!

Se as notas testamentarias (de testamento que não chegou a fazer, naturalmente para poupar-se o desgosto de dispor do que tinha mesmo para depois de morto) se até isso, elle escreveu em costas de cartas, para poupar papel!

Entretanto, um topico, do magnifico artigo escripto pelo nosso grande Machado de Assis a proposito da morte, do seu editor, biographando-o, fez o abaixo assignado modificar notavelmente o seu juizo ácerca da "vinagrice" do famoso livreiro.

Escreveo Machado que a unica distracção e o luxo unico que o Garnier se permitia era fumar, e fumava charutos dos melhores.

Quem tem coragem para fumar charutos optimos, para fazer arder o seu dinheiro, não é dos avarentos mais sortidos.

Agora, porém, apparece-nos Arthur Azevedo contando-nos, pel' O ALBUM que, de uma vez que foi falar ao Garnier, encontrou-o fumando um charuto pessimo!

Quem tem razão: Machado ou Arthur? Os charutos de Garnier eram optimos ou pessimos? Grave questão!

Acredito, entretanto, que fossem detestaveis. Primeiro, porque seria maravilha psychologica que tão feroz aváro tivesse denodo bastante para gastar em fumaça uma parte apreciavel do dinheiro que enthesourava á custa de privações de toda sorte; segundo porque entre a opinião do autor de "Braz Cubas" e a do autor dos "Contos Possiveis" em materia de fumo, deve prevalecer a deste: Machado de Assis tem a rara virtude de não fumar. Os charutos do Garnier eram infames.

E lá se me vae, desfeita em fumo, a derradeira illusão ácerca da grandeza d'alma do nosso Charpentier... "pour rire!"

FISCHIO.

A RUA DO OUVIDOR

D'entre os beccos do Rio de Janeiro
Tu não és, na verdade o mais lodoso;
És porém, com certeza, o mais vaidoso,
Indiscreto, pedante e assaz brejeiro...

És, sem duvida, o mais politiquero,
Enfatuado, nescio, presumpçoso;
A calumnia alimentas, ocioso,
E até da honra alheia és o covreiro.

Commentas com igual sufficiencia
O que sabes e tudo o que imagina
E engendra a pertinaz maledicencia.

Mas quero-te na prosa não ferina,
E adoro em ti a farta concurrencia
De typos da belleza feminina.

27 de Agosto de 93.

A. F. NEVES ARMOND.

Factos e Noticias

Passou pela pasta das relações exteriores o illustrado Dr. Carlos Augusto de Carvalho.

Vamos dar a noticia de sua entrada para o Governo; mas só o podemos fazer á de sua voluntaria exoneração. Entrou por uma porta e sahio pela outra, como nos contos da carochia.

Foi nomeado para substitull-o, o Dr. Alexandre Cassiano de Nascimento, ex-leader da minoria da Camara.

Foi nomeado ministro do supremo tribunal federal o illustrado lente de clinica pediatrica (molestias de criança) da nossa faculdade, Dr. Candido Barata Ribeiro.

Jayme de Seguiet, o extraordinario chronista do "Ver, Ouvir e Contar" do "Jornal do Commercio", mandou-nos de Bordeaux amistosos cumprimentos. Agradecemos o requintado cavalheirismo do notavel litterato.

Xavier de Carvalho, o director da "Revista", enviou-nos tambem felicitações e um esplendido soneto a que damos publicidade.

Publicamos hoje uns magnificos versos de Alcides Flavio. Não precisamos dizer que sob esse pseudonymo occultava-se um litterato de primeira agoa, um artista esculpido que, longe do bulicio desta revolucionada capital, cultiva com igual amor a medicina e as letras.

A remessa dos versos de Alcides Flavio foi para nós uma bella surpresa. E' tambem o indicio de que o nosso distincto amigo tenciona "adejar" nestas columnas.

O director da REVISTA, — excellente publicação illustrada que se publica em Paris, — o distincto escriptor Xavier de Carvalho, convidou por carta ao nosso director para ser representante e correspondente litterario daquelle folha no Brasil, honroso encargo que foi por elle accedido. Proximamente daremos noticia dos numeros da REVISTA publicados até hoje.

NÓS E O CORREIO

Posto que os nossos estimados collegas do "O Paiz" tenham tão cavalheirosamente relatado o facto de que fomos victimas na noite de 21 do corrente, vamos reproduzill-o nos nossos assignantes, que certamente notaram a demora da folha.

Às 11 e 30 da noite de 21 remettemos á repartição do correio, como de costume, os exemplares que deviam seguir pelo correio ambulante. D'ahi a pouco voltou o nosso empregado e declarou-nos que o chefe do serviço, um 2º official, recusou-se receber a nossa folha e tratara-o asperamente quando elle fizera ver ao energumeno funcionario que já por ONZE vezes A SEMANA havia sido recebida aquella hora e, ás vezes, mais tarde. O homemsinho a nada quiz attender.

À vista disto o redactor-gerente desta folha, acompanhado por um amigo, dirigiu-se á repartição do correio e mandou dizer por um servente ao 2º official chefe que pedia como especial favor recebesse A SEMANA, que estava preparada de modo a dar insignificante trabalho, por isso que todos os exemplares estavam emmaçados e com designação das linhas de correio. O servente subio

a fallar com o chefe e voltou declarando que o mesmo chefe disséra "não receber A SEMANA, e que nós a levássemos á estrada de ferro!"

E' preciso que fique o publico sabendo mais o seguinte: a nossa expedição para S. Paulo, Minas e Goyaz é de cerca de 2.000 exemplares, que, rotulados e emmaçados, fazem um volume de 90 centimetros de altura, sobre 23 de largura. E, assim, mesmo que na repartição não fosse manipulada a distribuição, o dito chefe podla, como tem sido feito, mandar conduzir o pacote no bonde do correio para a estrada de ferro.

Não desejamos a punição do tal empregado, mas pedimos sómente que S. S. ponha de parte o azedume quando tiver que tractar com partes que se conduzem delicadamente.

Pedimos tambem que o Sr. director dos correios nos declare se podem ser recusados os nossos exemplares e até que hora podem elles ser postados na repartição do correio geral, afim de que sigam pelo ambulante.

Agradecemos aos nossos distinctos collegas do "O Paiz" a fineza da reclamação.

Tratos á bola

Trago-vos hoje lenha bõa que é um gosto. Fogo nella, portanto.

Hoje não posso ter o prazer de convosco confabular durante muito tempo; o espaço como "o cobre," nestes tempos calamitosos que atravessamos, — é curto.

Portanto mais á obra.
• Tive ainda agora o prazer de receber decifrações dos ns. 9 e 10, que me foram mandadas por alguns thebas retardatarios.

São elles os Insignes "Harry Clifford," a quem agradeço as delicadas expressões com que se dirigio cá ao velhote, e as bõas charadas que dignou-se enviar-me, "D. Magriço, Thiamor," que teve tambem a bondade de mandar-me reforço, e "Mafa & Kean, cuéras" que pela primeira vez se me apresentam.

"Violetina" sempre gentil, além de charadas, mandou-me este bilhete de visita que muito agradeço. E' um ramo de flores com que o triste religioso val adornar as nuas paredes da sua caverna.

Eil-o:

QUADRO

"Surgindo já vem a aurora
Annunciando a manhã,
E a natureza desperta,
Em suas galas, louçã.

Canta, canta o passarinho
Sobre o arvoredo frondoso;
Geme e chora a rola afflicta
Num queixume mavioso;

Inda aquecido do ninho,
Vem sahindo o gaturamo,
E saltando, satisfeito,
Assim vae de ramo em ramo."

VIOLETA.

Bravos, a formosa collaboradora dos Tratos, que faz com que o decrepito monge supporte com cara alegre os ciliclos e o jejum!...

Os tratos do numero passado foram decifrados em primeiro logar por "Nekker, soldado novo que, se fôr sempre assim a cantar victoria, d'aqui ha pouco está general e que mal jurou bandeira regalou-se logo com o premio (venha buscal-o) e em seguida por "Bibliophi-

lo," que, como da vez passada, perdeu só por uma unha de facto (se elle tivesse dado um pouco mais de sebo aos calcanhares...): "Valerius Madlrena" (que só tropeçou na bisada) "Violetina," que só deixou de pescar dois peixes. Todos os outros cabram-lhe na rede que foi um regalo! E mais dos thebas habituaes.

As decifrações do numero 11 são estas:

- 1.ª Remedio.
- 2.ª Laranja.
- 3.ª Riachuelo.
- 4.ª Carepo-capa.
- 5.ª Relampago.
- 6.ª Itacolomy.
- 7.ª Cerveja.
- 8.ª Carriça.
- 9.ª Corcovado.

Tambem a "Urubú Malandro & Rapa Queijo" a minha gratidão pelos seus offerecimentos e pela charada remetida que verão figurando abaixo.

Para hoje temos as seguintes "bologens."

CHARADA ALEXANDRINA

Elle—segundo diz Roquette
Pelxe é do rio, singular;
Ella—é menina mui coquette
A quem podemos adorar.

THIAMOR.

ANTIGAS

Pode ferir—2
E até cegar,—1
Mas, entretanto,
Vive no ar.

MAFA & KEAN.

Sem ser ave aos ares vou—1
Quando no chão devo estar;—1
E' vate que conquistou
Nome que ha de perdurar.

A vogal reside na fructa—1—2.

FRITZ.

A musica da roupa dá luz.—1—1.

Chupa o rio o abysmo.—2—2.

MARQUEZ.

A FREI ANTONIO

No matto ha este instrumento; que ande o charadista para esta cidade.—2—1—1.

URUBÚ MALANDRO & RAPA QUEIJO.

Agora retoma a palavra o "dégas:"

LOGOGRYPHO

(por letras)

Ao ver a deusa bella,—5—6—4

Elle, o guerreiro antigo,—1—2—3

Disse: "Linda donzella,—2—3—4

Neste lugar comtigo,—1—4

Eu não darei um passo.

Teu corpo, se faz isto,—1—4—6

Sustel-o-ha meu braço!...

E' só por ti que existo.

Os annos é que fazem—2—3—4—5—6.

Que assim, ó flor te chame"—5—6—2—3—4—5—6

Pois d'ella satisfazem.

O ar, e a agua; embora se derrame

Esta agua e ar de modo tal, leitor,

Que eu quero ver quem d'ella é o matador.

Acaba o Pirolito que bate, que bate,
que já bateu—1—1—1.

Attendendo a reclamações de tratis-tas de S. Paulo e Minas, que não podem, pela distancia, concorrer com os d'aqui, além do premio do costume, daremos mais um ao primeiro "matador" de S. Paulo e outro ao primeiro de Minas. Vamos ver agora quem tem melhores garrafas vazias para vender: se a gente "di cá," se a "di lá."

FREI ANTONIO.

ANNUNCIOS

ESTABELECIMENTO
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado
115 — Rua Sete de Setembro — 115
Rua da Carioca, 12 e 14
FILIAL EM PETROPOLIS

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A' CASA PASCHOAL
CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133
Importação por todos os paquetes
Completo sortimento de chapéus para homens,
senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.
Rio de Janeiro

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE

FLORES ARTIFICIAES

Ribeiro de Carvalho & C.
RUA DO PASSEIO

Têm sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas, flores,
etc., etc

Gabinete de Cirurgia e Prothese Dentaria

DE

A. F. DE SÁ REGO

1 — Rua de Gonçalves Dias — 1

Este importante e antigo Gabinete, tendo passado pela,
reformas exigidas pelos processos da moderna odontologia,
acha-se equiparado áos melhores da Europa pelos esplên-
didos aparelhos e instrumentos de que dispõe habilitando-o
a apresentar trabalhos

ainda pouco conhecidos no Brazil

Collocação de dentaduras fixas, sem chapa, e sem extracção
de raizes ou dentes

TRAVAIL A PONT

Extracção de dentes sem dor, por meio do *Coryl* de
M. M. JOUBERT, de Paris. Aparelhos para correcção das
anomalias de implantação, obturadores para a abobada pala-
tina e veu do paladar, etc., etc.

Obturação e reconstrucção de dentes a ouro perfeiçissimas.

Concerta-se qualquer dentadura que não esteja perfeita na
bocca, mediante pequena retribuição.

Consultas e operações das 8 horas da manhã
ás 10 da noite.

RIO DE JANEIRO

Dr. R. Rajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas
Residencia Praia do Flamengo n. 96 .
TELEPHONE 5032

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12
Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratice da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas
Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade : *Partos e Molestias das Senhoras*

Residencia e Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas Telephone 1138

PIANOS E MUSICAS
FONTES & C.

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

Papellaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.
Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.

A SEMANA

DIRECTOR VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escriptorio, rua dos Ourives n. 71, 2º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 4 DE NOVEMBRO DE 1893

EXPEDIENTE:

Assignatura annual.	12\$000
" semestral	7\$000
Numero avulso.	\$200
" atrazado	\$300

SUMMARY.—Historia dos sete dias.—*J. do Egypto*; Notas Scientificas—*O Letudo*; Mumias, soneto—*V. Silva*; Zola na Inglaterra—*C. Formicini*; Conselho de medico, poeia—*A. Flavio*; Mãe—*M. C. da Cunha Santos*; Chronica dos livros—*A. Magno*; Cofre das graças—*Bibiano*; Leões ciuimentos, soneto—*L. Rosa*; Pescadores—*J. Vicente Sobrinho*; Parnaso alegre; Soneto Metaphisico—*Santos Maia*; Os projectos de Zola—*Graindorge*; Theatros—*Flaminio*; Correio—*Enrico*; Tratos à bola—*Frei Antonio*; Archivo.

Historia dos sete dias

Ha dois mezes que o titulo desta secção perdeu a razão de ser, pela força dos acontecimentos.

Chamando-se ella *historia* e tendo-se feito realidade a suppressão de todas as funcções da mentalidade collectiva e da individual, ao serviço daquella, maxime a funcção que registra, conta e commenta os factos, devia esta secção ter desaparecido ou, ao menos, mudado de nome.

Ha dois mezes que um povo de alguns milhões de almas vive na mais completa e profunda ignorancia da sua propria vida, de tudo quanto se lhe passa no seio.

D'isso tem elle sabido tanto como do que acontece na lua, ou menos, porque com esta ainda restam as relações telescópicas.

Nem imprensa, nem telegrapho, nem correio, nem conversa—porque o estado de sitio illimitado em que vivemos tudo suspende e supprime. Adeus, portanto, á *historia* e á *chronica*. Mergulharam no mar do tempo; mas não de emergir depois, mais ou menos longe, carregadas de perolas preciosas e de algas podies.

A *Semana* devia ter sido, portanto, decapitada; devia-se-lhe ter cortado a *Historia dos sete dias*. Acabou-se a *Historia*. Mas ficou o Boato

Eu, se fosse Governo—do que Deus me livre!—teria muito maior temor e desconfiança do bacillo—boato que dos grandes animaes rugidores chamados Imprensa, *Historia*, *Crítica* e *Satira*. Mas isso não vem ao caso.

Se me atrevi a lembrar que ha um bom pedaço de tempo—quasi o bastante para dar a volta ao mundo—que vivemos sem liberdades nem direitos, á mercê das iras e dos caprichos dos deuses do céu, da terra e do mar, não foi com espirito de censura; mas apenas como observador, como philosopho,

para registrar o phenomeno e mais as consequências delle, das quaes a principal é que nem por isso temos deixado de viver.



Fiz ha tempos uma experiencia curiosa, embora cruel, com uma formiga,—das medianas, da classe das *ovarières*, creio—para conhecer-lhe a força de vitalidade, o poder de resistencia organica.

Segurei-a delicadamente e com a lamina fina de um canivete, cortei-lhe, de encontro á madeira da mesa, os dois pequenos palpos buccaes com que ellas seguram o alimento. Com as antenas o animalinho procurou afflictamente os appendiculos perdidos, aflagando a boca; depois, tratou de fugir; segurei-a de novo e decepei-lhe as antenas. A afflicção do insectosinho augmentou. Estava desorientado; faltavam-lhe os membros tactis, graças aos quaes ella conhecia o terreno, afastava os tropeços, previa os perigos e com os quaes limpava o corpo, faz a sua *toilette*, agarrava e condusia as suas provisões e materiaes de construcção; agitava a cabeça sem tino; mas andava e procurava fugir lesadamente. Decepei-lhe depois o abdomen pelo pediculo, deixando-lhe intactas as pernas e o thorax. A pobresinha, assim mutilada, não se deteve, continuou a andar ligeira, procurando escapar, cheia de vida, mostrando uma força admiravel de resistencia. Decapitei-a então.

Da formiga só restava, portanto, a parte media do corpo, o thorax, com as suas seis longas pernas, articuladas em tres secções.

Pois bem, esse despojo de insecto, sem cabeça nem abdomen, só redusido a pernas, viveo ainda! procurou com ellas andar, fugir á destruição, ao horror do aniquillamento. E, enquanto jaziam immoveis a cabeça e a parte posterior, as antenas labiaes e frontaes, as seis perninhas mexiam-se, tacteavam, buscavam apoio, tentavam locomover aquelle resto miseravel de organismo, que viveo longas horas ainda.



A força vital das sociedades é como a dos insectos. Se vos dissessem, alguns annos atraz, que poderiamos viver dois mezes sem liberdade, privados da imprensa, do telegrapho, dos direitos de reunião, de critica, de commentario, de protesto, de petição, de queixa—não acreditaríamos. E no entanto vamos vivendo! Todos os habitos de ordem, de paz e de amplissima liberdade estão subvertidos, profundamente turbados. Os canhões tróam quasi incessantemente; ouve-se todos os dias o sibillo das balas; vêem-se os

effeitos de algumas; a morte cerca-nos, assedia-nos, paira sobre nós.

Mas vivemos e resistimos! E havemos de resistir. Como acontece a alguns animaes, não de renascer os membros que nos cortarem e desta serie terrivel de provações de toda sorte, hemos de erguer-nos povo retemperado na luta e no soffrimento, mais corajoso, mais digno, mais forte. Que essa convicção não nos abandone. Nella está a segurança de nosso porvir.



Dos factos da semana só um é permittido á *chronica*—a commemoração dos fiéis defuntos. A população não faltou a visitar os seus mortos. Entram por muito nesse acto de cortezia funebre a vaidade e o habito. Mas tambem entra o coração, e isto basta a purificar o acto.

Este anno essa visita foi mais solemne, mais grandiosa e mais triste. E' que o ar está impregnado de morte, não ha peito que respire desafogado, nem coração que não estremeça por algum ente amado, cuja vida está em risco. Quando se tem a alma de luto, aprazem os logares tristes, que a tristeza augmentam com estranha e dolorosa delicia.

Por isso correram todos ante-hontem ás necropoles tranquillias.

Mas a dor que mais me commoveu não foi a des-es vultos piedosos que foram, cobertos de crêpes e carregados de flores, chorar suas saudades sobre os marmores ricos e as covas humildes.

A dor que mais me commoveu foi a dos paes, mães, irmãs, esposas e noivas, que não foram ante-hontem aos cemiterios chorar sobre as sepulturas de seus queridos mortos por não saberem onde elles estão sepultados!

Refiro-me ás victimas desta guerra maldicta, de fratricidio; aos desgraçados que tem morrido no mar e em terra, fulminados pelas balas e cujos corpos são inhumados em segredo, em meio das trévas, com o mysterio dos crimes, para que ninguem saiba que tem havido victimas de um lado e de outro.

Chair à canon! Como é doloroso e revoltante que haja de ser amassado com o sangue de innocentes o pão da liberdade! que os erros dos grandes sejam resgatados com a vida dos pequenos!

Pobres victimas obscuras!

Nem vos consente a sorte funesta a triste compensação, o deradeiro consolo de terdes junto de vossos despojos, a chorar-vos o passamento, os entes amados por quem via

vícios, que eram a vossa força e todo o vosso bem!

Que o vosso sacrificio ignorado lhes seja util, ao menos, para o futuro!

De todos os finados foram estes os mais dignos de d'ó, porque não puderam ter, como os outros, um punhado de saudades sobre a terra humida; e que até ali, no chão da morte, que tudo dizem nivellar, foram ainda os parias da sociedade, os desterrados da vida! A verdade, porém, que a razão lembra ao sentimento, é que tão livres são agora esses, cujas sepulturas ninguém conhece, como aquelles que as tiveram cobertas de grinaldas ricas e illuminadas de cirios.

Tanto uns como outros libertaram-se do estado de sitio que se chama—a vida.

Libertas quæ sera tamen!

JOSÉ DO EGYPTO.

NOTAS SCIENTIFICAS

No seu admiravel livro—"Les Sensations Internes" conclue Beaunis o capitulo do "prazer" com uma referencia, bastante curiosa, ás idéas do bello, do bem e do verdadeiro nos animaes.

Diz Beaunis:

"As idéas do bello, do bem, e do verdadeiro, que resultam da actividade tão complexa dos centros cerebraes superiores e que são a fonte dos gosos intellectuaes e moraes mais vivos e mais nobres, têm sua origem nas sensações internas e externas e encontram-se, em germen, nos animaes. Para demonstral-o basta recordar alguns factos bem conhecidos.

Começarei pela idéa do bem. Está visto que não me refiro ao bem absoluto.

A idéa do bem pôde-se apresentar sob diversas fórmãs: sympathia, bondade, justiça e dever. Ora esses sentimentos existem, em estado rudimentar, nos animaes, e têm seu ponto de partida na affecção do macho pela fema e desta pelos filhos. Mas fóra mesmo do amor maternal, do paternal e do filial, ha grande numero de factos que demonstram irrefutavelmente a existencia da sympathia, algumas vezes pronunciadissima, entre os animaes da mesma especie e mesmo entre os de especie differente. Muitos conhecem a ligação que ha entre os leões do Jardim das Plantas e os cães que vivem na mesma jaula. Esse facto observa-se, embora menos geralmente, entre os tigres e cães. Montagu, em um dictionario ornithologico conta, a amizade violenta de um ganso por um cachorro.

Embora os animaes prestem ordinariamente pouca attenção aos soffrimentos de seus semelhantes, ha entretanto casos em que parece existir n'elles certa sensibilidade. Alguns animaes têm uma noção confusa e vaga do dever e sobre isto escreveu Houzeau no seu livro sobre as faculdades mentaes dos animaes. A abnegação, o sacrificio, a impulsão de arrostar um perigo para defender ou salvar o homem, nota-se em alguns animaes de especie superior, como o cão e o elephante. Não mencionarei os numerosos factos de abnegação da mãe pelos filhos, porque taes factos, como é de rigor, devem ser classificados na categoria dos phenomenos instinctivos.

Pôdem pois, existir entre os animaes prazeres, sentimentos correspondentes

aos que appellidamos bondade, dever, sympathia.

Com o sentimento do bello dá-se a mesma cousa; não é exclusivo á especie humana. Para comproval-o nada mais é preciso do que observar a astucia do macho para escolher a fema, e vice-versa. As primeiras artes, que nos selvagens se reduzem aos exercicios do corpo, como a luta e a dança, notão-se tambem nos animaes. São notorias as apostas de cavallos nas florestas virgens, os combates simulados dos gallos, os divertimentos e os jogos dos cães e dos gattos. A vaidade e os movimentos exquisito dos machos diante das femeas, as attitudes e as gesticulações que põem em evidencia certos caracteres ornamentaes, indicam a existencia no animal de um confuso sentimento do bello. Ainda em auxillo desta proposição invocarei os cantos variados e melodiosos dos passaros, aos quaes não se pôde negar o instincto musical.

A idéa do verdadeiro não pôde, é evidente, ter desenvolvimento nos animaes e, á primeira vista, parece difficil encontrar nelles tal idéa, mesmo em estado de germen. E entretanto não ha alguma cousa que indique conhecê-la na maneira porque o cão e o gato exploram uma casa em que pela primeira vez entram? O que é a curiosidade si não uma modalidade do sentimento do verdadeiro? E esta curiosidade não é tão desenvolvida no cão e no macaco e ainda em outros animaes? O desejo de conhecer a verdade revela-se de modo claro nos cães e gatos quando estes se vêem pela primeira vez diante de um espelho. Procuram atrás do espelho o animal que viram e que não reconheceram ser a propria imagem, voltam, encaram novamente, tornam a procurar, arranham o vidro e ao cabo de algum tempo renunciam á tentativa, como um menino que abandona a solução d'um problema difficil á sua intelligencia.

Em summa; encontram-se no animal vagos rudimentos dos prazeres estheticos e dos gosos moraes.

Os theoristas d'arte acharão talvez humilde em demasia essa origem para o que ha de mais nobre e de mais alevantado nos prazeres humanos. Esta desconsideração, porém, não pôde embaraçar o physiologista, que nella não encontra nenhum valor. O genio mais sublime tem por origem algumas sensações brutas e grosseiras, communs aos seres inferiores. A actividade intellectual d'um Aristoteles, ou d'um Shakespeare jaz, em germen, no cerebro do mais degradado e abjecto dos australianos."

O. LETUDO.

MUMIAS

A Valentim Magalhães

Imagino-as no horror dos hypogeos mortuorios,
Mirradas sob o pé das gomas aromosas,
Entre canopes de ouro e vasos cinerarios
Espantos na nudez das alas tenebrosas.

Na treva, em longa fila, os genios funerarios
Fitam horrendamente as mumias silenciosas,
Estrelladas de anéis e accesos relicarios,
Onde um Ibis feral abre as azas radiosas...

O ar pesado suffoca; uma estranha figura
Soluçá desolada a um canto de mãos juntas;
Foje a traça senil que nos tumulos medra...

E no basalto negro a rubra illuminura
Dos hieroglyphos conta as tradições defuntas
E o sombrio esplendor dos seculos de pedra.

VICTOR SILVA.

ZOLA NA INGLATERRA

Traduzimos e transcrevemos em seguida a interessante "interview" que com o illustre auctor dos "Rougon Macquart" teve um dos reductores do "Echo de Paris," logo que o grande escriptor regressou de sua viagem a Londres, aonde fóra, a convite do Congresso dos Jornalistas, dissertar ácerca do "Anonymato na imprensa."

Nessa conferencia, comquanto não demonstrasse possuir vasto nem profundo conhecimento da litteratura e da imprensa ingleza, expendeu Zola as idéas mais sensatas, uteis e adeantadas ácerca de tão interessante assumpto.

Eis o texto da "interview":

— "Então, meu amigo, quereis as impressões de minha viagem e o meu juizo ácerca da assombrosa Londres, onde fui tão faustosamente recebido, antes mesmo de esvasiar as malas?! Estou completamente entusiasmado por esta viagem que, a principio não quiz fazer. Eu projectara um passeio á Bretanha, á beira mar, em sitio bem tranquillo para poder estudar em plena natureza e tratar do proximo trabalho. E eis que em vez disto, fui á mais barulhenta das cidades e durante dez dias vivi tumultuariamente, correndo festas, pronunciando discursos, recebendo extraordinarias ovações, quasi apotheoses. E, entretanto, não me acho nem mais fatigado, nem mais orgulhoso.

A Inglaterra é um paiz admiravel e que nós, francezes, conhecemos mal. Apesar do que geralmente se diz, somos lá estimados. Os inglezes abominam os allemães, povo rival, que tem invadido as usinas inglezas, e os francezes são queridos, apesar de não corresponderem a esse sentimento de affectividade.

Não digo isto porque fui excellentemente tratado em Londres; digo-o porque é uma absoluta verdade. Não falarei da Inglaterra como um homem que lhe conheça profundamente os habitos; seria ridiculo si eu pretendesse fazer nesta simples palestra um estudo reflectido sobre um paiz que já mais visitei e que sómente conheço atravez de solemnidades officiaes, com grande ceremonial e sequitos. O que posso asseverar é que Londres é uma cidade prodigiosa de vida, de intelligencia e de movimento, e que as auctoridades que a representam foram para nós de extremada delicadeza e eu agradeço calorosamente essas manifestações.

Acreditaes, talvez, caro amigo, que eu passava o tempo a flunar ao longo do Tamisa ou a passeiar em frente aos armazens da Regent-Street, logo que o congresso me concedia alguns instantes de folga? Pois bem! desenganai-vos! Desde as nove horas da manhã até uma hora, o salão de minha casa estava repleto de visitantes; eram reporters de todos os paizes, negociantes, personagens pertencentes á alta sociedade ingleza, encantadoras "miss" que vinham procurar autographos e testemunhar-me a sua admiração. A recepção não acabava nunca; nos dias immediatos...

Neste ponto interrompi o mestre. Como conseguiu esse paiz de "shoking" e de "cant," perguntei-lhe eu, esquecer assim de um dia para o outro as audacias rabelaisianas do romancista?

— "Estava á espera dessa pergunta, disse-me o mestre. Eis-nos emfim, che-

gados a essa famosa obscenidade com que estupidamente me ferem aqui, sem cessar. Ora pois, sabel, meu caro amigo, que esta reputação de homem immoral, libidinoso, grosseiro, e muito livre é uma lenda franceza.

"E' sómente aqui, na minha terra, que os individuos todos como serlos me cobrem de ridiculo sempre que abrem um dos meus livros. Para provar-lhe que na Inglaterra me julgam com menos severidade, vou citar-lhe um unico facto. No numero dos visitantes que quotidianamente vinham bater-me á porta do quarto, havia uma porção enorme de mulheres, de conducta e habitos irreprehensíveis, e eis o que todas me diziam: "Lêmos um por um todos os vossos livros, Sr. Zola, e adoramos-mol-o!"

"Acho que esses testemunhos de sympathia vingam-me dos ataques tolos, dessa gente que não sabendo ver o quanto meus livros possuem de esforço, consciencia e verdade, só leem as paginas em que fica offuscada a sua pretensa pudicicia.

"E agora, que sabeis pouco mais ou menos, as minhas impressões de viagem a Londres, consenti que vos conte as minhas impressões de chegada a Paris. Estaeis vendo aquella pilha de jornaes sobre a meza e que me foram enviados durante a minha ausencia? Li muito poucos e já sel como me hei de haver com a imprensa a meu respeito. Vejo que alguns dos nossos collegas ficaram admirados da recepção honrosa de que foi alvo em Londres um escriptor francez.

Eu é que estou sorprendido com semelhante surpresa! E' preciso que se note que não sinto o menor pezar com as palavras um pouco desagradaveis que ouvi aqui e alli: Rochefort e Drumont, naturalmente, crivaram-me de gracejos e epithetos, mas nenhum resultado se tira disso tudo; outro jornalista, que se diz muito forte porque é o primeiro classificado alphabeticamente, accusou-me de haver, no congresso de Londres, usurpado um titulo que não posso. Tudo isto é grotesco e divertime infinitamente.

"A verdade é que não foi preciso enfeitar-me com pennas de pavão para reconhecer que nisso tudo havia uma nota encomiastica, de grande applauso. Tenho a pretensão de ser jornalista nas minhas horas e por isso sei como os polemistas manejam a penna: mas se parti para a Inglaterra, foi porque, depois de uma recusa em regra, muitos e muitos pedlidos me obrigaram a fazer a viagem...

"Fui a Londres não como jornalista, mas como presidente da Sociedade dos Homens de Letras, o que quer dizer alguma coisa; fallei, não em nome de toda a litteratura franceza, mas como um escriptor que trinta annos de trabalho tornaram universalmente conhecido. Onde está nisso o meu erro? pergunto agora, ultrapassei o meu direito? Sempre que tive de erguer-me para tomar a palavra, lembrava-me que por traz de minha personalidade existia a França, de quem sou filho trabalhador e pertinaz.

"Ah! dizem por ahi — e Zola soltou uma gargalhada — que a Inglaterra me deu honras demasiadas! Pois bem, por muito pouco que isso valha, estou disposto a entrar n'um plebiscito contra todos os outros escriptores da Europa. Si eu fosse a São Petersburgo, no mez que vem, estou certo de que a gente

desse paiz me faria uma ovação ainda maior do que a que me fizeram os londrinos; tentei uma experiencia identica com relação á Italia, e sabeis perfectamente o que se diz de mim em Roma.

"O que querem? Digam o que disserem eu sou uma força adquirida por meio de meu trabalho obstinado e uma vontade indomavel; represento trinta annos de esforços sem fim, e em vista disso tenho o direito de rir dos ataques dos outros e de trazer a cabeça sempre erguida.

"No dia em que os criticos se julgarem desarmados, com certeza hei de sentir-me abatido, velho; as guerras que travam commigo fazem a minha alegria e só me sentirei triste na occasião em que todo o mundo se mostre indulgente para commigo."

E quando o mestre, cujo bom humor parecia crescer sempre, de mais em mais, acabou de fallar, levantei-me e approximei-me de uma mesa em que se viam pilhas de papel que mal se equilibravam:

— O que é isto, perguntei-lhe?

— Isto é materia para o meu proximo romance, respondeu Zola.

De quinta-feira em diante hei de entregar-me ao trabalho, e dentro de seis mezes terei escripto "Londres..." si os "interviewers" curiosos não me vierem aborrecer amiudadas vezes.

C. FORMENTIN.

CONSELHO DE MEDICO

(Introdução a um livro)

"E' quando o branco hynverno aos poucos asoberba montes, valles e céus, que tristemente brancos ficam, enquanto a noite ostenta os negros flancos, que eu sinto renascer esta nevrose acerba.

Tal como a nostalgia original do Kant: — areia ao norte e sul, a este e oeste — areia; haja treva, haja sol. o olhar desça ou levante, encontro de pezar a natureza cheia.

E esse desgosto frio isola n'um circuito a alma, aperta-a, deprime e para o gozo scinde-a, de goito que da vida eu elimino o intuito e aspiro á negação do pensador da India.

Sei que existe o prazer. São palmas ao talento, para os uivos da carne um corpo nũ que a cinge, e que ha luz pela terra e pelo firmamento, e no entanto o torpôr o craneo me constringe.

De um irisado olhar uma illusão emigre e paire sobre mim, — doirada mariposa, — que logo meu descer, um rancoroso tigre, toma-a, esphacela-a, mata... (e apenas ella pouso!)

E que tenho, senhor? Que devo mais dizer-vos? Não amo, não odeio, e vivo sem ter vida... Que molestia fatal domina nos meus nervos? Ou acaso da insania abrio-se-me a ferida?"

Eu disse; e o bom doutor, lançando em voo os olhos ao meu rosto, e depois á extensa bibliotheca, sorriu de um doce riso e da alma nos refolhos penetrou n'uma phrase "E' o coração quem pecca."

"Analysai com calma o que trazeis occulto a vós mesmo no falso egoismo de homem forte: saturastes de mais em amoroso culto o cerebro, e o veneno o que procreia é morte.

"Tomai o succo então ao toxico pa; aver, e assim bebendo mais, bebendo menos, o opio dar-vos-ha de illusões ideal kaleidoscopio ou vos fará tombar exanime cadaver.

"Vos aniquila o amor. Pois bem, por mais que lerdés, remedio não tereis: segui o que vos digo, e a illusão findará: vereis os prados verdes, o sol vermelho de ouro, o firmamento indigo.

"Para tanto Henri Heine é medico. Das dôres tristes canções fazei, dos prantos fazei versos, e virá outra vez a aurora dos amôres, e tereis outra vez os pezares dispersos.

"Deixai rolar o mundo. Emanações hediondas não de ficar lá baixo, o vosso canto acima; que a magua se dilue dos versos entre as ondas, e a lagrima desseca ao transformar-se em rima."

Ouvi, e, ao salutar conselho me amparando, estas paginas fiz... Sinto-me bem agora. E dizem que ha desgosto e noite quando em quando, e eu só vejo o prazer e o rutilar da aurora.

ALCIDES FLAVIO.

MÃE!

Vestiram-n'o de branco e de rosas cobriram o pequenino esquite, quando o amortalharam.

A luz francamente penetrava no luxuoso aposento da desventurada mãe. Profundo silencio, apenas interrompido pelo soluçar da triste creatura, que via se extinguir para sempre o seu anjo tutelar, seu unico e adorado filhinho, de 14 mezes de idade. Tristeza por toda a parte!

A desgraçada mãe, com os olhos rasos de lagrimas, com o coração esphacelado de dor, pensava:

— Morto, meu filho! que me resta agora? Choral-o eternamente noite e dia, fazer de minha vida, d'ora avante deserta de esperanças, — eterna noite que não tem aurora.

Absorta, quasi sem ter a comprehensão real do que se passava, n'um meio somno, um torpor de espirito, as idéas confusas, baralhadas, indistinctas — pareceu-lhe sentir uma voz mysteriosa (anjo ou fada?) cantar-lhe aos ouvidos algumas phrases doces, suaves, alentadoras, onde havia uns tons rosceos de alegrias, umas claridades brancas de consolo... Aquella voz fulava em despertar o pequenito, abrir-lhe os lindos olhos, corar-lhe as faces pallidas e fazer-lhe desabrochar nos labios frios, á doçura de um beijo, a flor divina do sorriso...

E ella, extactica, exclamou:

— Sim, boa fada, sim! vaes dar vida a meu filho, vaes restituir-lhe o calor ás faces geladas, e eu vou ser feliz, feliz! Deus teve pena de mim; mas, boa fada, escuta, vaes me prometter que nunca mais me farás soffrer tamanha dôr, matando meu filhinho, sim? fala, fala.

E tristemente a fada respondeu: — As lagrimas das mães fazem milagres; vês que sou a mensageira de Deus. Elle ouviu o teu pranto e commoveu-se; encarregou-me de restituir a vida a teu filhinho; mas, está escripto no livro do destino — irrevogavelmente — que tú sobreviverás a teu filho. Elle ha de crescer e ha de ser feliz, mas tú, consola-te, para de vel-o morrer ainda outra vez.

— Renuncio a tua graça, boa fada, acudio pressurosa a mulher; vou choral-o morto, não quero que lhe dês vida, já que não podes poupar-me a enorme dôr de perdê-lo outra vez. E' preferivel ignorar sempre a doçura do beijo carinhoso de um filho, a ventura de possuil-o á desgraça de vel-o morrer. Vae, boa fada, leva meu filhinho para o céu e vê se Deus me concede a graça de matar-me hoje mesmo, para que eu desça á sepultura com elle nos braços.

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.

CHRONICA DOS LIVROS

L'IDÉE RÉPUBLICAINE AU BRÉSIL
— Por Oscar de Araujo. 1 vol. 153 pags. Perrin & C., editores. Paris. 1893.

Entre os brasileiros que hão prestado serviços ao Brasil republicano, distingue-se Oscar de Araujo, que, educado em França, relacionadissimo em Paris, collaborador de varios jornaes e revistas da grande cidade, tem sido um propugnador indefesso e intelligente da consolidação das instituições republicanas em nossa terra e um valente contradictor das falsidades, calumnias e

gratuitos ataques de que tem ellas sido victimas por parte da imprensa franceza.

Numerosos tem sido os artigos e cartas publicadas com taes intuitos pelo nosso distincto patricio no "Tempo," "Revue Bleue," "Nouvelle Revue," "Revue Diplomatique" e outros orgãos de publicidade egualmente importantes.

Mas entre esses trabalhos sobreleva o que agora apparece em volume, não só pelo seu folego e importancia como pelos seus reaes beneficios á causa do Brasil republicano no estrangeiro.

Este livro era necessario, era mesmo indispensavel, porque elle veio ensinar á França que o acontecimento de 15 de Novembro de 1889 não foi um facto imprevisito, surpreendente, sem ligação na cadeia dos factos historicos nacionaes e que, ao contrario, o nosso passado está cheio de tentativas muito serias e dolorosas pela Republica, cujo martyrologio é um dos mais bellos do mundo.

O fim do livro, portanto, é explicar á França, ainda boquiaberta, a facilidade da transformação politica porque passámos, fazendo-a conhecer as nossas tradições republicanas.

E' dividido o livro em seis capitulos. No primeiro estudam-se "Os precursores" e são apresentados desde Philippe dos Santos, (1720) até Nunes Machado, (1848), os grandes vultos que prepararam o terreno á semente democratica.

No segundo capitulo analysa o autor a "Politica Imperial," mostrando que o imperador foi o maior propagandista da Republica pela desmoralisação e corrupção das instituições e dos homens de que era chefe e representante, politica "feita de incapacidade administrativa e de ignorancia economica."

E' o terceiro capitulo uma synthese da "Propaganda republicana," a partir do celebre manifesto de 5 de Dezembro de 1870; no quarto é desenhada a traça larga, mas vigorosa e justa, a alta figura do "Fundador da Republica" — Benjamin Constant; estudo biographico e critico feito com amor e enthusiasmo, naturaes n'um amigo e discipulo como o foi Oscar de Araujo; no quinto capitulo faz o historico do "15 de Novembro de 1889," de accordo com os documentos mais fidedignos e no sexto e ultimo, intitulado "Depois da victoria," tiram-se as deducções dos capitulos anteriores para firmar a conclusão que: — "não havendo nascido de um acaso, a Republica no Brazil não póde naufragar n'uma aventura."

Por esta rapida noticia não é difficil fazer idéa do verdadeiro merecimento deste livro e dos bons serviços que nos veio prestar no Estrangeiro.

Parabens ao autor.

O LETUDO.

A MORTALHA DE ALZIRA — Romance de Aluizio Azevedo. Editores, Fauchon & C.,—1893. 320 paginas.

Comquanto obra de encomenda, fóra dos moldes usuaes de que se serve o romancista, nada tem de fancaria, como provavelmente julgarão aquelles que não tiveram o grato prazer de lè-la em folhetim da GAZETA DE NOTICIAS, ha bem pouco tempo ainda.

Publicou-a nesta occasião o nosso operoso Aluizio, servindo-se do pseudonymo de "Victor Leal" de que, para commettimento do mesmo genero mas em epocha diversa, para o mesmo jor-

nal, lançaram mão Pardal Mallet e Olavo Bilac e Coelho Netto.

A GAZETA havia pedido ao auctor do MULATO um romance não naturalista, com mais ou menos enredo, e bastante imaginoso, se possivel fosse; mas feito de modo tal que não só cahisse no gôto do Zé, como tambem no do burguez de bom gosto, que se baba pelos livros escriptos com sensatez, em que fulgura o estylo e em que ha perfeito equilibrio de idéas. Livro emfim que fosse, não só para o vulgo profano, como tambem para os officiaes do mesmo officio.

Que estes ao lè-o não franzissem o nariz. Tarefa difficilissima essa, não é verdade? Aluizio, realista da gemma: elle, o escriptor da "Casa de Pensão" e do "Cortiço," como descalçar a bota do romantismo de folhetim, que a GAZETA tinha-o obrigado a metter no pé?

Em todo o caso, fiado no seu brilhantissimo talento e chamando em seu auxilio a exuberante e radiosa imaginação que o serve, pegou da penna e... bumba! fez chover no diario que lhe havia feito a encomenda, tiras e tiras do romance pedido, o qual, além de não ser fabricado da mesma massa dos que havia até ali, — "Philomena Borges" e "Uma lagrima de mulher" a parte era passada em Pariz!

Não é nada isto, e é tanto como um trecho de opereta, á feição dos de Offenbach, escripto por Beethoven, tanto como um tango brasileiro escripto por Saint-Saëns!

— Resta saber, dirá o leitor, se o escriptor sahiu-se com galhardia da tarefa que lhe foi imposta.

Mas divinamente, respondo eu.

Foi um successo. Foi para mim um triumpho tão grande e tão honrosamente alcançado, como o que elle teve escrevendo "A casa de pensão," "O Homem" e "O Cortiço"!

Ninguém me diga que ha escolas e que as escolas devem ser respeitadas e que cada escriptor deve ter seu genero e quejandas babuseiras! Nada disto. O que ha pura e simplesmente, é talento e imbecilidade. Os que têm a desgraça de aninhar no craneo esta, sigam o naturalismo ou sigam o decadismo, nunca passarão do fundo das livrarias, roídos pelo pó e pelas traças: emquanto que os que têm o cerebro illuminado pelo talento, arrimado ao bordão dos românticos ou floreteando a bengala dos realistas, ou seguindo avante afoitamente mesmo sem uma e sem outra, sem rumo certo e sem programma traçado, hão de fazer parar no caminho o transeunte, que boquiaberto de pasmo e emoção— apressar-se-ha em juncar-lhe de flôres a estrada por onde irão seguindo triumphantes!...

E' o que faço neste momento com Aluizio. Estou a bater-lhe as palmas, ainda commovido pela leitura amenissima da brilhante e por vezes phantastica narrativa que acaba de atirar aos quatro ventos da publicidade.

Os capitulos em que são narrados os sonhos do Padre Angelo são soberbos de imaginação!

Todo o livro está escripto com estylo cuidado e sobrio e tem typos bem estudados, como sejam, além de Angelo, o Dr. Cobalt e Ozéas.

Outro, que não fóra o creador do "Coruja," era capaz, talvez, de fazer com que o padre, casto, mas sequioso de amor, se deixasse levar pelas seduções de Alzira, e cahisse com unhas e dentes no fructo prohibido e fosse até o caroço.

Calamidade esta que atiraria com o romance de pernas para o ar!.....

Que imprevisito mais poderia haver? Aluizio, não; mata Alzira, quando menos o espera o leitor, e começa a desenrolar-lhe ante os olhos as feéricas paizagens do pesadello onde a treva se funde com o fulgor das apothecoses, onde rolam o ouro e o sangue em cataratas intangiveis, e onde se assiste á dança macabra das chimeras azues e das roseas utopias! Lindo! Lindo!.....

Em duas palavras: o livro de Aluizio é uma obra encantadora, escripta com alguma sinceridade, ainda que inverosimil, que consegue transmittir-nos o grande sentimento de que se acha impregnado; deliciosa phantasia que se devora de um jacto, com grande interesse e com prazer não menor se relê.

Receba, portanto, Aluizio, por mais esta victoria alcançada, os calorosos parabens do

ASCANTIO MAGNO.

COFRE DAS GRAÇAS

Não, meu caro, o que nos falta, a nós, brasileiros é a noção do dever.

— Essa censura não se me póde applicar.

— Porque?

— Porque tenho mais de vinte credores.

Um dono de club de roleta convidava um amigo a frequentar-o:

— Vae, que não te has de arrependêr. Só encontrarás lá gente limpa.

— Principalmente á sahida.

Ternura conjugal.

F... despede-se da esposa.

— Tu me escreverás, meu querido?

— Sim, amor...

— Todas as noites?

— Como todas as noites?!

— E que tenho absoluta necessidade de cartas tuas para poder dormir.

Liszt, a quem acabam de erigir uma estatua,—Liszt não teve necessidade de esperar pela morte para ser grande homem. Elle tinha as mulheres por si... este admiravel vehiculo da gloria!

Uma vez em que Liszt, chegando a Strasbourg para realizar um concerto, sentou-se ao piano e começou a descalçar as luvas, uma dellas custou a sahir, e o artista, impaciêntado, arrancou-a com violencia e atirou-a sobre o estrado. Immediatamente todas as mulheres precipitaram-se para apanhar a tal luva.

— A luva de Liszt! — Retalharam-n'a, e distribuiram entre si os fragmentos. A mulher do prefeito teve o index, a do general o dedo minimo e finalmente á do "maior" coube apenas um simples botão, que ella trazia sempre ao peito!

BOATOS SOBRE A REVOLTA

O illustre engenheiro Dr. F. propoz-se a esgotar a bahia do Rio de Janeiro em cinco dias.

*

O chefe da revolta fez desmanchar o "Republica" em tres couraçados, aos

quase deo os nomes de "Fogo," "Viste," "Linguça."

O balão, o tal, terá por chefes os illustres engenheiros Mario e Marinho. Ao subir o balão, ouviu-se á o seguinte dialogo:

—Ao ar, Mario!
—Ao ar, Marinho!

No hotel "Globo," em um banquete, ao trinchar-se uma garoupa, oh! asombro! achou-se-lhe na barriga... um navio:—era o "Uranus."

BIBIANO.

LEÕES CIUMENTOS

Contam que certo caçador valente forte e riço nas lutas sobrehumanas, poz n'uma jaula dous leões de ardente fúria, dous leões das selvas africanas.

Emm rivas as feras; nas savanas
Nuns viverem do deserto ingente.
N'abna retendo as explosões insanas
De odio profundo, impavido, potente.

Mas de subito, ali, explode a inveja,
Ruge a blasphemia e rubida esbraveja
Nuns altos gritos, n'um guntar vibrante.

—Notas selvagens de um concerto triste—
Para provar que até o ciume existe
No conção das feras, ululante!

Luiz Ross.

PESCADORES

(A Gabriel Prestes)

Elle era de terras em que o ceruleo mar ora dormia, ora bramava, atravessado por bateis veleiros, onde pescadores iam, ora todo azul—espelho do dia—ora de prata—espelho do luar—ouvindo cantilenas de navegantes á Nossa Senhora, murmurios de ondas que se juntavam, fazendo resaltar outras ondas. Falava com admiração do velho oceano e dizia, com a sua voz ainda fraca de criança, rezas de pescadores amorenados que tinham as suas habitações na praia: um renque de palhoças que ao escurecer mostravam dentro luzes—o pescador chegado do mar contava a travessia que fizera—partido, o sol no levante roseo, chegado, no roseo poente o sol; a pescaria fóra boa... ou fóra má, que desgraça! No canto da palhoça, ouvia-se uma Virgem Maria, rustica e feia, muito simples, sem bordados, e illuminada apenas pelos olhos dos pescadores que traziam o reflexo perenne da vaga e que a olhavam crentes e cheios de fé na santa bôa que protegia os seus filhinhos e a sua companheira, quando partiam no barco, acompanhados a principio pelos olhos amigos que ficavam em terra, acompanhados depois pelas gaiotas, pelas ondas e pela lembrança, que o barco deixava na superficie aquatica.

Uma vez houve um naufragio.

Foi por uma noite negra, muito negra: estrellas, não as havia e não havia lua; tudo escuro, muito escuro, e o vento chibatando o ar, fazendo chorar as arvores: quando applacava sua furia, os demonios soltos no espaço podiam ouvir, transidos de susto, as preces que se elevavam das palhoças, pedindo o amparo de Maria, a santa rustica que

não tinha bordados e que só era illuminada pelos olhares dos pescadores.

Um destes retardara-se no mar—o Nicoláo, um grande, forte, de barba aspera e negra, espaduas largas e olhos meigos—... Nossa Senhora da Bonança o proteja!... ainda não voltára.

A sua casa era a ultima, no fim da praia; encostava-se a um rochedo em cujo cimo uma cruz de páu apodrecia, de tão antiga que já era, conhecida que fóra pela avó do mais antigo pescador de agora—o Ruy de Deus, que de envolver no mar ficara branquinho como elle, e que, nesta noite também, na sua casita, prostrado perante um pequeno crucifixo, pendurado em baixo de uma oleographia representando um vapor, balbuciava baixinho, um sorriso bom fazendo-lhe um raio de esperança no seu rosto ancestral: "Nicoláo voltará; o meu Jesus nunca faltou ao seu velho servo"—confiado como estava nesse valetudinario madeiro, nessa cruz que se esverdinhava da agua da chuva, cahindo sobre ella, do tecto, ha annos sem conta: viera-lhe da avó, a mesma que já conhecera, de tradicção, a cruz do alto do rochedo, onde se apoiava a casa do Nicoláo, o pescador perdido, donde se eleva agora uma estranha oração, a mais sincera e a que mais commove—quatro crianças e uma mulher choram e o echo chora também.

São quatro crianças que crescem e que também serão pescadores, educados amando o mar livre, e ouvindo á tarde, quando no ceu, que dizem que é um grande oceano, naufraga o sol; historias de marujos, historias de maritimos;—do marujo que se perdeu numa ilha que só o Senhor conhece e que lá viu um dia num regato calmo, sobre que se inclinava para beber, que tinham embranquecido seus cabellos e que tinham enchido suas faces de rugas, regatos por onde, então, correram copiosas lagrimas... lá morreu e os corvos fizeram-lhe uma sepultura negra;—a historia do grumete noivo que, com cinco companheiros, entre os quaes um irmão, vagava num mar sem limites, num batel, depois de um sinistro; acabadas as provisões, sorteando-se um a morrer, senão morreriam todos de fome, foi elle o sorteado; mataram-no; dois dias depois appareceu ao longe um tenue fio de terra: remaram jubilosos e o irmão do grumete morto, em pé com as mãos tapando o sol, procurava distinguir que terra era: era a sua praia natal, feliz acaso! e em terra a noiva do grumete, tendo já distinguido o irmão de seu noivo, chorava de alegria: dizia a uma vilhinha perto, que olhava em extasi agradecido o ceu: "Agora, vilhinha mamã, padre Bento nos casa: elle não morreu, seu irmão nos acena: e elle vem dentro remando, remando e pensando em mim"...—e outras, e outras historias que Ruy de Deus contava, á tarde, esperando a volta dos pescadores.

Estas quatro crianças choram e chora sua mãe, Osmidia, a esposa dedicada: choram e rezam; o vento uiva medonho na noite tormentosa.

Em casa do antigo marinhão continuam a borbulhar orações dos labios seccos de Ruy de Deus. O vento foi aplainando-se, de manso, muito de manso, e o mar acalmou-se. Ruy defronte do Christo: "O, ô! Nicoláo voltará, voltará."

O mar sussurrava agora, docemente escorrendo na praia, que presentava de conchas. Nas aguas appareceu uma

brancura:—"A véla de Nicoláo" gritaram os pescadores, que, passada a tempestade, tinham vindo ás portas, rendendo graças á Senhora de Bonança: não era a véla do barco do pescador: era o primeiro raio da lua nova que surgia, esbranquiçando as nuvens—Desolção...

Ao longe, no leite que a lua derramava na praia de areia, negrejava um barco quebrado. Chegaram todos:

—"Meu Deus, é o "Santa Osmidia!" E' o barco de Nicoláo; pobre da mulher e dos pequerruchos, coitados!"—e callaram-se. O mar chegava aos seus pés e lambia-os. A lua parára bem por cima do barco despedaçado, onde jaziam as esperanças dos maritimos e a crença de Ruy.

Eh! Ruy de Deus, velho lobo do mar, Nicoláo nunca mais voltará, e a sua alma talvez já ande solta neste luar que illumina tudo e que faz ver, lá no rochedo, a cruz que apodrece, inclinada um pouco para a praia, como que abençoando a alma do pescador, que foi sempre bom, e que, certamente, morreu pedindo á Santa Maria que protegesse a sua Osmidia e os seus quatro filhinhos... quatro filhinhos, como é triste morrer, meu Jesus!... Ruy, pescador mais antigo destas praias, que não faltas a abençoar os que partem para viagens longas, Ruy, meu velho, Nicoláo não voltará, não voltará...

Osmidia enloqueceu. Ruy de Deus quebrou o Christo, esverdinhado de limo, riliquia de sua avó, e atirou-o ás ondas, não sem envelhecer, em um dia, muitos dias de pesca mais. Creou os filhos de Nicoláo; para pescadores? não "para pescadores, não," dizia bem triste. Não lhes contou mais historias de marujos e de maritimos; porém, de longe em longe, fazia-os ajoelharem-se na praia junto á sepultura de seu pai—o grande mar—e elles pediam a Deus o eterno descanso da alma do pescador morto, de espaduas largas e olhos meigos. Passava sempre por elles uma velha cantando canções do mar, com os cabellos desgrenhados como um oceano agitado—Osmidia.

A cruz do rochedo apodrecera mais. Uma noite desapareceu:

Ruy de Deus, que já não dormia socegoado como outr'ora, depois que perdera a sua crença, sentado á porta da casita, viu uma mulher subir de rastros o rochedo: "Nossa Senhora!... Osmidia, a louca!..." persignou-se e ficou mudo a vêr a louca subir: o mar soluçava, a lua pousara num braço da cruz, onde existia uma tradicção sagrada, de tão velha que era.

Osmidia ajoelhou-se perto do symbolo santo, que com o tempo mais se inclinara para a terra; longo tempo assim se conservou. Levantou-se—"Vae descêr," disse Ruy, em cujas barbas o vento tremia de medo. Não; subito abraçou o lenho podre e com elle rolou pelo espaço, dando um grito, despedaçador, que despertou uma coruja que piou sem descanso até a manhã.

O mar abriu-se, o mar fechou-se; porém, mais generoso que o antigo mar da tormenta, deu o cadaver da mãe aos seus filhos, os quatro robustos lenhadores, como os creara Ruy de Deus, que num dia derrubaram um velho tronco oco de uma figurira velha e nelle enteraram a louca, chorando como se ainda

fossem as criancinhas que, na noite da tormenta, rezavam pedindo á santa rusticã a volta de Nicoláu.

Sobre a terra que guardou a pobre Osmidia, fizeram um comoro de flôres, e, como era perto da praia, o mar, á noite, levou-as todas para o tumulo do pescador.

E Ruy? Ruy de Deus ainda lá vive, disse o menino, acabando de contar esta historia; leva o dia inteiro na porta de sua casita a olhar o mar. Dizem pescadores aos seus filhinhos, para fazer-os dormir, que um dia elle se transformará em um penedo, em que virão bater as espumas do mar e a lua descaçar nas noites compridas... Contos de pescadores....

JOSÉ VICENTE SOBRINHO.

S. Paulo.

PARNASO ALEGRE

SONETO METAPHYSICO

(A Valentim Magalhães)

O passaredo enalra em alvoroto
Em alvoroto brincam as criancas...
Só tu, meu coração, jamais te caucas
De queixas espalhar no espaço inuoto.

Em tudo o que me cerca o riso noto
Das alegrias treugas e mansas.
Alacere tudo ao redor. Nas franças
O passaredo chalra em alvoroto.

Ha nas coisas uma alma de tristeza.
Embora o riso transpareça em tudo.
A poesia astral encanta-nos, embora.

O sybillino olhar do vago pesa
No meu enfermo espirito e desnudo
O vago... E logo desaparece a aurora.

Santos Maia.

OS PROJECTOS DE ZOLA

UM REPORTER — Mestre, venho perguntar-vos...

E. ZOLA — Quaes os meus projectos litterarios? Eil-os: "LOURDES," "ROMA," "PARIS," em seguida uma obra theatral...

O REPORTER — interrompendo-o — Mil perdões, mas tudo isso é sabido, sabidissimo. E' publico que "LOURDES" apparecerá a 5 de junho de 1894; "ROMA" a 3 de junho de 1895 e "PARIS" justamente um anno e cinco dias depois. Sabemos isso tão bem como vós mesmo, desculpa-me a franqueza. Posso mais accrescentar alguma cousa ás vossas informações e é que o Papas será o principal personagem do segundo volume desta série.

E. ZOLA — Uma vez terminada a série...

O REPORTER — Fareis uma comedia em quatro actos e em prosa, que será representada a 19 de febreiro de 1897; em seguida um drama em 10 quadros, que subirá á scena em 3 de março de 1898 e do qual Busnach já vos pediu autorisação para extrahir um romance... Tudo isso é uma brincadeira como informação: o ultimo dos reporters o sabe de cór. Quanto a mim, o que desejo conhecer, o que me é indispensavel, o que não saberei daqui sem saber, é o que teres de publicar em 1901, primeiro anno do novo século.

E. ZOLA — Oh! oh!

O REPORTER — Supponho que já é cousa perfeitamente fixada em vosso espirito.

E. ZOLA — Certamente, mas não posso vol-o revelar, sob pena de comprometter graves interesses

O REPORTER — Não posso accceitar semelhante razão.

E. ZOLA — E' um segredo.

O REPORTER — Que eu passo a escutar.

E. ZOLA — O que eu tenho de publicar naquella data é um romance documental, mas de natureza por tal modo especial e sobre assumpto tão importante, que só vol-o confiarei se insistirdes (O REPORTER faz um signal imperativo.) Bem. Ha uma personalidade, um ente, alguem, emfim, de quem se falla ha seculos e seculos e que ninguem conhece. Ninguem o estudou ainda á luz do methodo experimental do romance moderno, o que equivale a dizer que elle é absolutamente ignorado.

O REPORTER — Quem é?

E. ZOLA — Deus. Já possúo alguns documentos e dentro de alguns annos espero haver collegido muitos mais. Tenho feito e farei falar milhares de pessôas o seu respeito.

O REPORTER — Uma cousa a que se possa chamar mais ou menos assim: "Deus contado por uma testemunha de sua vida... não?"

E. ZOLA — Talvez. E serei provavelmente obrigado a fazer, nessa epocha, uma grande viagem para colher as minhas ultimas informações. Mas a que paiz, a que região, aonde? E' o que por enquanto ainda não resolvi definitivamente.

GRAINDORGE

(DO L'ECUO DE PARIS.)

THEATROS

Não temos dado noticia dos espectaculos realizados no Polytheama porque o Sr. Luiz Milone empresario, ou cousa semelhante, dessa companhia, não teve para conosco o procedimento de cavalheiro, e sim o de vulgar brutalhão que suppõe ter realizado os trabalhos de Hercules por isso que montou uma companhia lyrica!...

Notando a falta de convite foi um dos nossos redactores procurar o sobredito Milone e perguntou-lhe si aquella falta originava-se de esquecimento involuntario ou si era proposital. O "CAVALHEIRO" tractou o nosso companheiro com a mais profunda descortezia, no que, valha a verdade, andou de accôrdo com o seu procedimento de homem ignorante.

Si fazemos esta declaração é porque constitue tradição da SEMANA não mendigar convites, mas tambem não sujeitar-se a que a colloquem abaixo dos outros jornaes.

Fomos, não obstante, ao Polytheama, comprando bilhete, e damos em seguida noticia dos ultimos espectaculos e da interpretação dos artistas, que não têm culpa das grosserias do seu empresario.

O BAILE DE MASCARAS teve um desempenho rigorosamente bom, se attendermos á notavel circumstancia de que os artistas apresentam-se modestamente e não reclamam os fóros de celebridade. O nosso conhecido tenor Villalta agradou e algumas vezes provocou ruidosas palmas pelas bellissimas notas agudas. A Sra. Montesini, que estreou no papel de Amelia, tambem adquiriu sympathias e palmas no "duo" do 3º acto. O heroe da noute foi o baritono Giannini que cantou muito bem a celebre aria "Eri tu macchiavi."

A Sra. Fons foi graciosissima — o melhor Oscar a que temos assistido. Os

córos e a orchestra foram discretos, embora esta andasse um pouquinho frouxa.

O TROVADOR teve tambem bom desempenho.

RECREIO

No dia 27 subio á scena o venerando drama de D'Ennery "A Graça de Deus," que teve excellentes desempenhos, mas que não fez correr catadupas de lagrimas porque na epocha actual pouca é a gente que se dá ao gosto de ir chorar ao theatro.

P. TALMA.

CORREIO

SR. TIBURCINHO. — O senhor é os peccados da gente! Emfim, que Deus me leve em conta o sacrificio de lel-o. Que supplicio, meu bom senhor Tibúrcio, mas que tremendo supplicio! "Voz Celeste" chama-se a sua poesia. Olhe, minha flôr, se são de facto assim as vozes celestiaes, desisto desde já de minha entrada no céu!

"Quando a voz d'ella rumoreja lembra a voz da aveua."

Pára, desgraçado verso! Até onde queres esticar a pata? Uff! Palavra que já estou suando frio! Que entaladella!

SR. R. M. (Valha-me Nossa Senhora da Bocca Aberta. Mal me livro de uma, caio logo noutra peor! Este agora ameaça-me com um soneto, que é um verdadeiro cacho de sandices; cada verso do infeliz lembra um dedo com um panaricio na ponta. Nada; vou mandal-o passeiar.) Meu illustre amigo, sinto muito dizer-lhe, mas é impossivel o que pede.

Não publicamos o seu soneto "Diva," nem que o senhor nos dê o imperio da China, com bonzos, mandarins, cartas de bichas, ninhos de andorinhas e tudo mais que lá houver!

SR. MANDUCA DA GROTA. — (Ai! meu pai do céu! Que medo! O coração está-me a bater que quasi me salta pela bocca fora!... Este tambem será dos taes? Vejamos. Ai! que elle já me está cheirando tolice que tresanda! Traz quitanda em prosa e quer ser humoristico. Vou dirigir-lhe a palavra. Mas o que? Nada disto! Deixemo-nos de alface, que é roubo de azeite. Vou ver se disfarço e passo adiante).

SR. P. P. DE O. — (Ai! que allivio! Sempre conseguí escapar do perigo de cima! Mas que digo eu!? Livrei-me do Inferno e vim cair no Purgatorio!... Vejam só o que este outro freguez está aqui a dizer-me por meio de uma poesia de legua e meia, ruim como cobra:

"Amo-te muito e hei de amar-te
Até morrer, anjo meu;
Mesmo que no campo de Marte
Se vá perder o cantar teu."

Estava com vontade de fugir tambem d'este, mas isto assim dá muito na vista! Não tenho remedio senão dirigir-lhe a palavra). Carissimo, com que fim vem o senhor pregar sustos á gente. Não me dirá? Carregado de asneiras já estou eu até aos olhos!

Isto faz-me lembrar um pobre diabo, que viesse a correr por um caminho perseguido por um cão damnado e fosse

sahir numa praça, em que desembocassem tres estradas (inclusive aquella por onde elle tivesse vindo); e então, no auge do pânico, embarafustasse elle pela segunda das estradas. Mas dando ahi de cara a cara com um boi bravo, que elle, no primeiro momento, tomasse pelo marido da mulher amada, o qual, supuzesse que, sabedor de tudo, lhe vinha propor um duello, retrocedesse, e enfiando-se cegamente pela terceira estrada, fosse cahir mesmo nos braços, em plenos braços... de um cadaver! (Do sapateiro, por exemplo, que lhe arrancasse as botinas dos pés). Meu amigo, quer saber de uma cousa? Saude e bichas.

• **SR. SOARES JUNIOR.**—Ora graças, que vem o senhor compensar-nos com o seu bonito soneto das torturas porque acabamos de passar! Isto, sim, é que é lingua de branco! Nem um verso cambaio, nem um tumor syntaxico, que é ainda mais perigoso que o tumor branco, fique certo disto.

"Confidencia," é o titulo da sua joia rimada. É que bonita, a idéa nella cravada, como uma verdadeira pedra preciosa! Disto, sim, é que a gente precisa; portanto, já sabe, logo que houver espaço....

ENRICO.

Tratos á bola

Apezar de velho e religioso, del sempre o cavatinho por dirigir a palavra ás damas; rasão por que começo hoje dirigindo-me a Violetina, que teve a amabilidade de mandar-me um soneto. Isto não é da minha competencia, mas, sim, da de Eurico; mas sendo aquillo um hereje, um espanta-patruilhas com barbas de ouriço caixeiro e ligados de panthera enjaulada, era capaz de dizer alguma das suas á amavel collaboradora d'esta secção, rasão porque resolvi dar aqui mesmo o supra-mencionado soneto e mandar o tal Eurico pintar aboboras.

DESEJOS

Quizera, sim, viver sempre a teu lado,
Que a vida assim seria um paraíso,
E ver florir nos labios teus um riso,
Tornando-me feliz e descuidado.

Então iria, como o beija-flôr
A' bella rosa, um osculo te dar;
Depois... os meus tormentos revelar,
Por ti soffridos, oh meu caro amor!

Assim, unidos, n'esse casto enleio,
Sentindo palpar teu brando seio,
Eu passaria a vida alegremente...

E tambem tu, sem, mais soffreres, creio,
A dôr que no teu bello rosto leio,
Serias, sim, feliz eternamente...

VIOLETINA.

9-10-93.

E quem não seria feliz aspirando o aroma de tão preciosa flor? Quem tiver unilz que responda.

As "tralices" do numero passado, coitadas! cahiram aos balaios certeiros dos bravos tralheiros, como as sardinhas cahem na rede do "Pescador da barca bella" ou do "Pescador que viveis no rochedo" ou d'aquelle que "atira a rede, pesca seu bem, e tem paciencia porque sabe que o peixe vem" ou d'aquelle outro enfim, mais celebre ainda, que passejava "ás margens de uma ribeira." Debandada geral!

O vencedor d'esta vez foi "Bibliophilo," vindo em seguida Pépe, Amor perfeito, Leitora da Semana, Thlanor e Violetina Lilazia só perdeu uma, Vanora apanhou algumas.

As decifrações são as seguintes

- 1ª Lucio—Lucia;
- 2ª Lança luz;
- 3ª Pope;
- 4ª Amora;
- 5ª Pharol;
- 6ª Sorvedouro;
- 7ª Caçapava;
- 8ª Cidade, e
- 9ª Topada.

Ouçamos, em primeiro lugar, o que nos diz em verso Lord Neckwer:

"Muito e reverendo Frei Antonio,
Qual vate, que de certo conhecei,
Acerrimo inimigo do demonio,
No altar vivendo, sempre amando os freis;
Por vossa celestial paternidade,
Sinto grande affeição, muita amizade.

Assim venho pedirvos um logar
Pra as bolas dos collegas tratos dar.

LORD NECKWER.

Pois não, mylord, queira despejar o seu pote.

ANTIGA

1ª no chapu encontrada — 2
Esta sobre habitação — 3
Decifrando esta charada
Formosa praia acharão.

LORD NECKWER.

Ave ás avessas e ás direitas ave, }
E serci ave como sempre fui; }
Pra decifrar-me quererás a chave? }
Tenho azas como outra qualquer possue.

BIBLIOPHILO.

LOGOGRYPHO

(Imitação

Logarejo brasileiro

Lá no navio não de encontrar, 1-7-4-5-7.
Este, fallem com o minciro, 4-5-6-2
Que conjunção vae vos mostrar, 2-3.

Tem um A, este meu todo,
Tem um E, tumbem eu juro,
Tem um I, facto exquisto...
Tem um O, bello e bonito,
Tem um U, vos asseguro!

E das duns consoantes
Quem será o adivinho?...
Sou homem, que formosura!
Fôra! Fôra o cara-dura,
Que não pega o passarinho.

LILAZIA.

NOVISSIMAS

1ª No espaço é contração. Que faz o gato? Esta [sciencia]. 2-1-2.
2ª Mulher + Mulher = Mulher 2-2.
3ª Homem? Delgada mulher 2-2.

EUQUIRNEH.

A' LILAZIA

4ª No amor quem governa é a mulher 1-2.
5ª E' fim e medida o instrumento 2-2.
6ª Da musica o astro—ve-se no mar 1-2.

HARRY CLIFFORD.

Cabe agora a vez ao triste religioso de desfiar o seu rosario.
Lá vae mecha:

E' de gente sobre-nome — 1ª
E' bioho no feminino — 1ª e 2ª
Serve de base, acredite — 1ª, 2ª e 3ª
Alegre-se, meu menino, — 4ª e 5ª
Que é nesta casa, sómente,
Que uma parte do corpo pôe decente, 1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª.

A terra esfolá—1
Sempre na chuva, —1
Mas, em charola, —1
Não nega uva; —1
Mas tem pancada,
Não vale nada.

BISADA

Tua carta, "na mesa," eu não,

— li —

Mas aquella ave equatica vi.

Damos premios aos primeiros decifradores daqui, de S. Paulo e de Minas.
E por hoje mais nada.

Agradecendo os illustres charadistas que com a sua valiosa collaboração tem illustrado esta columna, termina o cada vez mais massacrado pela jejum e pela penitencia.

FREI ANTONIO.

P.S.—De S. Paulo vieram Mafa Kean e Paulista Monteiro cujas espingardas charadisticas fallaram alguns tiros... Que pena!

ARCHIVO

Recebemos:

—SCINTILLA, valsa da Exma. Sra. D. Maria Euphrosina da Cruz Almada, uma das nossas mais antigas e distinctas collaboradoras artisticas. SCINTILLA é uma valsa esplendida, que tanto nos salões paulistas como nos desta capital fará as delicias dos amantes de Terpsychore. Os editores de SCINTILLA foram os Srs. I. Bevilacqua & Comp.

—EDITII—polka de Garcia de Christo, editada pelos Srs. Fertin Vasconcellos & Morand, a quem agradecemos o exemplar que nos foi enviado.

—O ALBUM, a excellent revista de Arthur Azevedo, com o retrato e biographia do cidadão João Clapp e que publica entre outros trabalhos litterarios— "O Contrabando"—conto do Arthur dedicado ao nosso director.

—O EXEMPLARIO DE PROTESTANTISMO DESMASCARADO, por Marcos Fernandes Cerqueira, natural da Matta de S. João—Bahia.

—NOVELLAS AMOROSAS, editadas pela Empresa Democratica, que nos offereceu dous elegantes volumes.

—ACÇÃO COMMERCIAL—entre Carlos Teixeira de Carvalho e o Banco Metropolitanano.

—CHUQUINHA MASCOTTE (contos) por "Ignotus" (Viveiros de Castro) Laemert & Cia., editores, 186 pags. Rio de Janeiro, 1893. Daremos juizo mui brevemente.

—REVISTA DO INSTITUTO DA ORDEM DOS ADVOGADOS BRASILEIROS. Redactores; Drs. Bulhões Carvalho, Sousa Bandeira, Valentim Magalhães, Isaías de Mello e Rodrigo Octavio. Tomo XIV—Junho—1893. Contem este numero(a que faz grande falta um sumario, como aos anteriores) parte da magnifica dissertação do Dr. Carlos A. de Carvalho (já tirada em avulso) sobre a these: "Quaes os direitos da Municipalidade do Districto federal, cidade de Rio de Janeiro, resultantes de suas concessões territoriaes e do contracto emphyteutico?", varios julgados importantes, actas de sessões do Instituto, e um estudo critico do Dr. Bulhões Carvalho acerca do livro do Dr. Francisco de Castro, intitulado: "O Invento Abel Parente, no ponto de vista do Direito Criminal, da moral publica e da medicina clinica." E' magistral este trabalho do nosso illustre jurisconsulto, a que elle chamou "ensaio de critica litteraria e juridica," porém que é um modelo tanto de uma como de outra. A REVISTA é hoje indispensavel sobre a mesa de todos os que tratam lettras juridicas, directa ou indirectamente. E como tal a recomendamos.

ANNUNCIOS**ESTABELECIMENTO
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO**

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado
115 — Rua Sete de Setembro — 115
Rua da Carioca, 12 e 14
FILIAL EM PETROPOLIS

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A' CASA PASCHOAL
CARVALHO PORTUGAL & C.

133, Rua do Ouvidor, 133
Importação por todos os paquetes
Completo sortimento de chapéus para homens,
senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.
Rio de Janeiro

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE

FLORES ARTIFICIAES

Ribeiro de Carvalho & C.
RUA DO PASSEIO

Têm sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas, flores,
etc., etc.

Gabinete de Cirurgia e Prothese Dentaria

DE

A. F. DE SÁ REGO

1 — Rua de Gonçalves Dias — 1

Este importante e antigo Gabinete, tendo passado pela,
reformas exigidas pelos processos da moderna odontologia,
acha-se equiparado aos melhores da Europa pelos esplên-
didos aparelhos e instrumentos de que dispõe habilitando-o
a apresentar trabalhos

ainda pouco conhecidos no Brazil

Colocação de dentaduras fixas, sem chapa, e sem extracção
de raizes ou dentes

TRAVAIL A PONT

Extracção de dentes sem dor, por meio do *Coryl* de
M. M. JOUBERT, de Paris. Aparelhos para correcção das
anomalias de implantação, obturadores para a abobada pala-
tina e veu do paladar, etc., etc.

Obturação e reconstrucção de dentes a ouro perfeitissimas.

Concerta-se qualquer dentadura que não esteja perfeita na
bocca, mediante pequena retribuição.

Consultas e operações das 8 horas da manhã
às 10 da noite.

RIO DE JANEIRO**Dr. F. Fajardo**

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas

Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade ~~de~~ *tos e Molestias das Senhoras*

Residencia • Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

**PIANOS E MUSICAS
FONTES & C.**

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

Papelaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades

Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.

A SEMANA

DIRECTOR VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, rua dos Ourives n. 71, 2.º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 11 DE NOVEMBRO DE 1893

EXPERIMENTA:

Assinatura annual.	128000
semestral	78000
Numero avulso.	8200
" " " " "	8300

SUMMARY — Historia dos sete dias — *J. do Egypto*; Nacionaes e Estrangeiros — *V. Alagathães*; Medalhões de acitizes, IV Posa Damasceno — *V. Mendes*; Balada Amorosa — *G. Redondo*; Oração profana, poesia — *A. de Mesquita*; Ballada Egyptica — *L. Rosa*; Queda do sol, soneto — *H. de Magalhães*; Gazetilha Litteraria; Cavacos Medicos — *Dr. Sahen*; Orações eternas, poesia — *Arnaldo Augusto*; Plebiscito litterario; A proposito de plagios — *Sento E. Junior*; Cofre das graças — *Sibiano*; O uquet desleito, poesia — *Damaseno Vieira*; Os Collegas; Factos e Noticias.

Historia dos sete dias

Tive uma destas manhãs ultimas uma visita inesperada. Visita, propriamente, não; porque... Mas o melhor é contar-lhes o caso, gentis leituras — tão gentis quanto hypotheticals.

A rua do Lavradio amanhecera banhada na luz fresca e vibrante de um dia claro, subsequente a uma noite de chuvas continuas. O ar lavado e fino, o sol risonho, como a face de um conego rubicundo, barbeada de pouco. Mas não havia alacridade no ar. O canhoneio ribombava já com estrondos surdos, ora mais affastados, ora mais proximos. Passava o *tra lá lá* metalico e impetivante dos clarins de um pelotão de cavallaria que recolhia ao quartel ao passo lento das alimarias estropiadas...

Abri as tres janellas da sala e os meus quadros, á luz matinal, recomeçaram de viver a sua vida morta.

Emquanto esperava os jornaes e o café, estendi-me numa cadeira albacial e ia ler uns versos das *Orientags*... quando ouvi um rumor harmonioso. Est' anho lá fóra... Ergui os olhos, e vi a Fantasia que passava no ar da manhã, sentada no seu coche de nacar, tirado por duas borboletas...

— Olá, ó Fantasia! gritei-lhe, correndo á sacada.

Ella let-sou as bridas, que eram dois fios de luz; a parelha estacou, palpitante; e a amazona, voltando para mim a cabecinha encantadora:

— Ah! és tu, meu pobre amigo?

— Sim, sou eu e bem sobre des'que me abandonaste, ingrata! Mas tem paciencia, apia-te, entra, vem dar dois dedos de prosa.

Fantasia, condoida, sem duvida, da consternação do meu rosto, t-cou a carroagem para o tuffo verdejaute do jasmineiro que me

ajardina a sacada, desdrelou as borboletas, que se atiraram logo a pastar nos jasmims, e saltou-me lêsta, perfumosa, e diante, para dentro da sala. Apareceu nos braços. Sentei-a nos meus joelhos, tremulos da emoção que me abalava todo.

— Fugona! Deixar-me assim, ha tantos annos! Fazer-se surda aos meus rogos, quando, alta n'ite, de p'nn'cin rite entre os dedos ardentes, eu te invocava, afflicto, na ancia de vasar a alma n'uns versos ou de bordar a gaze de um folhetim! Po que? Dize-me, cruel, porque?

— Ora, meu caro, queres franquesa, não é assim? Pois ouve. Amos novos, sabes? Tu me sahiste um mono. Quando eu te buscava, apaixonada por tua mocidade, pela doçura de tens o'hos, pela frescura de teus labios, deitaste sisudez, reclamaste musas novas e graves, de oculos de ouro e compendios scientificos... umas impostoras muito pedantes, que rimavam leis universaes e forças da Natureza, a evolução, a materia, o transformismo, os direitos do homem... uma scucia de asneiras! Demais, e é esta a razão principal, preferiste a prosa ao verso, e eu só amo proadores na falta de poetas. Entreguei-me a outros.

— Sei; murmurei com um suspiro capaz de enternecer uma fortaleza. O Raymundo, o Bilac, o Coelho Netto...

— E' verdade, confesso. Tenho passado noites deliciosas com esses rapazes. A constancia não é o meu forte, nem a pudicicia o meu fraco. Quando me agrada um rapaz, entrego-me toda a elle, rendida e delirante. E dessas nupcias de fogo nascem livros que immortalam os autores e enriquecem os editores. Alvares de Azevedo, Gonçalves Dias, o Casimiro, o Varella, o Castro Alves, o Machado de Assis...

— Esse é um velho; resmunguei, vesgo de inveja.

— Um velho! E' o mais moço de todos vocês. Nunca o visito que o não encontre preparado a receber-me. Que festas, que transportes, que enthusiasmo! E' o meu preferido, o meu bem amado. Ia caminho delle quando me chamaste. Costumo ir dar-lhe um beijo todas as manhãs, antes de que nel'e acorde o chefe de secção, enquanto o poeta está de vigilia. Desse beijo nasce quasi sempre uma estrophe ou uma phrase da proxima chronica, que elle, á noite, quando acorda o poeta e a'ormece o empregado publico, passa ao papel sem demora. Oh! o meu Machado, como lhe quero bem! Que rapaz! Lá está elle impacientando-se

com a minha tardança! Já vou, já vou, meu amor!

— Estás pouco amavel, confessa. Não me visitas durante annos, e agora que, por acaso, te colho um momento nos braços, falas somente no *outro*... é demasiada gentilisa, minha senhora.

— Pode ser. Mas dize-me cá, que desajas de mim?

— Umas migalhas do teu amor. Um beijo de vez em vez. Tenho tanto projecto bonito na cabeça!.. Poemas, sonetos, contos, livros e livros!

— Meu queridinho, se não fosse o Machado, franqueza franca, eu já teria emigrado daqui ha muito e para sempre. O teu paiz está insupportavel. Já ninguém lê; nem os anaphabetos. Quando visito os poetas, elles recebem os meus affagos com este bocejo francez: — *A quoi bon?* E nas lyras empoeciradas só as baratas dedilham. A terra das palmeiras, onde o sabiá cantava, passou de terra de trovadores a terra de artilheiros. Bellona substituiu Polymna, e as nove musas passaram do mando de Apollo para o de Marte.

— Todos os meus antigos namorados esqueceram-me, abandonaram-me. O Raymundo é director de Fazenda em Outeiro Preto — substituiu as rimas pelos algarismos e deixou de cantar as harmonias das tardes estivas para sonmar verbas orçamentarias. O Augusto de Lima faz-lhe companhia naquellas montanhas, despachando antos, e a ambos visita agora o meu Bilac, enfiado e dyspeptico, talvez despeitado comigo por lhe terem castigado com o carcere a ou-sadia de umas coplas. O Lucio está um grave director de secretaria e de balde o visito, ás vezes. Recebe-me affavelmente, amaciando a barba com a mão bem feita, ensaia comigo umas travessuras, mas... mas fica sempre em meio caminho. O Alberto é director de Instrucção Publica no Estado do Rio e recia comprometter a gravidade do cargo continuando a publicar versos... Já vês...

— Tens razão; e a prova ahí está A SEMANA, em que nenhum desses seus antigos collaboradores, que tanto lustre lhe deram, hoje escreve nada.

— Mas não desanimas. Ainda me ficaram fiéis o Rodrigo Octavio, apesar de ser procurador seccional da Republica, e o Garcia Redondo e tu mesmo, não obstante já não termos as antigas relações.

— Tenho entre os meus novos amantes alguns que hão de illustrar A SEMANA. Ah! estão o Luiz Rosa, alma delicada e virtuosa, que me adora, que me dá beijos de fogo, de

que nascem contos e versos lindos; o Victor Silva, um burilador meticoloso do verso, que trabalha os rythmos e as rimas com o amor e a paciencia de um ourives florentino da Renascença; o Carlos Dias, uma criança de largo futuro; o José Vicente Sobrinho, um inquieto, um curioso, um batedor de novos caminhos, que ha de ir longe se a extravagancia o não arrastar para os atalhos em que se debate, perdido em cipões de phrases, o Virgilio Varzea, de quem eu tanto esperava; ah! tens ainda o Placido Junior, o Rhossard, o Raul Braga, se a bohemia o não inutilizar para o trabalho e para a Arte; o Magalhães de Azeredo, um bello tempo ramento litterario, equilibrado e mal'avel a todas as fórmulas...

— Não tens de que te queixares. Além de que, para te ser agradável, vou descobrir e enlucrar de amor por mim outros moços, de que a tua folha e as letras hão de receber preciosos mimis. Agora, diz-me: que horas tens?

— Oito e meia.

— Oh! diabo! Esquecia-me aqui, a lagarellar. Vou-me ao Machado. Não tarda a alormecer o poeta, para acordar o burocrata...

— Que te não ouça o Castro Lopes!

— Olha, é um dos meus poucos antigos adoradores que se me conservou fiel. De vez em quando... e olha que dá boa conta do seu recado! Bem viste o Bem-te-ve, outro dia. Adeus. Vou dar o meu beijo de todas as manhãs ao poeta das *Phalenas*.

— E a mim, cruel?

— Toma lá também.

Pousou-me na frente os lábios frescos e vermelhos como pitangas e a doçura desse beijo derramou-se-me nas veias deliciosamente, dando-me novo alento. Depois, saltou leve e de ao seu carrinho de nacar; as borboletas sacudiram as azas, espalhando uma poeira de ouro, e partiram a trote largo, levando, ar em fóra, numa visão rápida de luz, numa baforada de aromas, a doce amiga dos poetas.

E, enquanto ella partia, invisivel, a vital-os, um a um, os canhões das frotalezas vomitavam fogo e ferro, escrevendo com sangue e trópos de artilheria a epopéa maldicta do fratricidio.

JOSÉ DO EGYPITO.

NACIONAES E ESTRANGEIROS

No dia 6 do corrente expendeo o redactor principal da "Gazeta de Noticias" em sua antiga e muito apreciada secção intitulada "Cousas Politicas" idéas tão criteriosas, tão justas, tão cividas de verdadeiro patriotismo, que nos não limitaremos sómente a fazer-lhes referencia: transcreveremos alguns trechos desse bello artigo.

Após haver notado que, desde o começo da actual revolta, incrementou-se o antigo veso de discutir o estrangeiro e

a parte que elles tomam em nossos negocios, escreve o illustre collega:

"O estrangeiro no Brazil, paiz novo onde tudo está por constituir, até mesmo a nacionalidade, é cousa muito diversa do estrangeiro nos paizes em que elles são concurrentes dos nacionaes, em vez de serem, como aqui, elementos que convergem conosco para um fim unico, a que nós nacionaes, sósinhos, não poderiamos attingir.

"Com o braço, com o capital, com a intelligencia, com a actividade, com a experiencia, com a instrucção, com as tradições da vida, dos costumes, do trabalho, da industria em seus paizes de origem, elles nos trazem elementos de valor inestimavel para a exploração dos nossos recursos naturaes; e pela familia, que uns trazem constituida, que outros constituem aqui, formam a população, uma notavel parte da população, estrangeira hoje, estrangeira quando muito durante a vida do chefe, mas já nacional amanhã, nacional pelos filhos aqui nascidos, aqui criados e educados, que aqui se estabelecem, e para quem a patria já é por todos os motivos o Brazil, como fóra parcialmente para os paes, em virtude do principio natural, que manda que se preze como patria a terra em que se é feliz.

"Pela sua presença em um paiz vastissimo, em que a densidade da população é insignificante, o estrangeiro concorre effizadamente para a riqueza publica, valorizando o sólo que occupa; pagando o imposto, sendo consumidor de productos nacionaes, dando trabalho ao proletario no serviço domestico e nas industrias, empregando no paiz as suas economias, contribuindo emfim para a circulação da vida no paiz em que se acha estabelecido. Pela sua presença em nosso paiz, dilata as nossas relações commerciaes com os paizes do velho mundo e as nossas relações intellectuaes, e nós usufruimos o vasto thesouro de experiencia legado pelas gerações que se foram, thesouro que falta aos paizes novos.

"E é n'um paiz em que todos os interesses clamam para que se risque da nossa linguagem esta palavra "estrangeiro," em que rara é a familia que não tenha em geração proxima pelo menos um antepassado estrangeiro, que se anda a procurar ferir susceptibilidades respeitaveis, por incidentes sem importancia, e ás vezes, o que é peor, por simples boatos sem fundamento!"

Perfeitamente dito.

O que mais nos admira nessa campanha insensata, que, falsamente rotulada de "patriotismo," se vae fazendo contra os estrangeiros, é que á frente della, prestigiando-a e dando-lhe força, estejam alguns moços de reconhecida intelligencia e illustração.

Como podem elles conceber e affagar o extravagante ideal que se contém na divisa "O Brazil para os brasileiros?" restringimento da de Monróe—"A America para os americanos?"

Não admittir a intervenção dos estrangeiros, isto é, dos que não são do Brazil pela natividade ou pela naturalisação, expressa ou tacita, em nossos

negocios, em nossa politica, em nosso governo, em nenhum caso, nem mesmo no de defendel-o, a pretexto de sua legalidade, é absolutamente justo, correcto e necessario; mas é, deve ser a "unica" barreira erguida entre nós e elles.

Tal doutrina de nenhum modo impede a alliança do Brazil com os Estados Unidos do Norte e mesmo com outras nações americanas; ao contrario, é o corollario e complemento della, porque impossibilitaria, realisada que fosse, qualquer potencia da Europa de alimentar loucos sonhos de conquista ou predomínio sobre a nossa patria.

Escancaremos os portos, que o mesmo é dizer as portas, deste bemdito paiz a todos os que de seus recursos necessitem, porque elle ha de robustecer-se e progredir com o producto dos esforços desses immigrants; mas imponhamos-lhes, como condição unica mas indeclinavel, para que possam interferir na direcção de nossos destinos—que façam sua a nossa patria, que conosco dêem o braço e o sangue para conservar a grande, forte e honrada.

Esse nativismo entendemos, esse queremos, esse pré-gamos. Mas esse outro, espumante e vesgo, feito de odios pequeninos e de invejas inconfessaveis, que propagandêa a perseguição do estrangeiro porque elle vem aqui fazer fortuna, monopolisar o commercio "(sic)," matar a fome "(sic)," achamol-o, além de parvo, funesto.

Funesto sim, porque elle traria, se por desgraça pudesse largamente implantar-se, uma luta medonha entre homens que tem, mais ou menos, o mesmo sangue; porquanto rara é a familia brasileira que não tenha em geração proxima pelo menos um antepassado estrangeiro—como bem observou o escriptor das "Cousas Politicas."

Quem escreve estas linhas teve avô e pae portuguezes. Esses estrangeiros aqui constituiram familia, construíram o lar, adquiriram immoveis e deram ao Brazil alguns brasileiros, os quaes, seguindo as tradições paternas, o têm honrado e servido com o seu trabalho honesto.

Foi com aquelles portuguezes que aprendeu a amar o Brazil e a ter muita honra em haver nascido aqui, como elles tinham em serem filhos do velho torrão lusitano.

Para mim, portanto, esse nativismo que alguns desvairados nos querem impôr á força, sob ameaças brutaes, é simplesmente a doutrina de Cain—o assassinio do irmão, por que as suas ovelhas eram mais gordas, os seus fructos mais bellos, as suas offerendas mais agradaveis ao Senhor.

Rio.—Novembro.—1893.

VALENTIM MAGALHÃES.

MEDALHÕES DE ACTRIZES

IV

ROSA DAMASCENO

Perlene á raça delicada e pura
Das sensíveis, melhor: das sensitivas;
Borboletas idêneas, de cores vivas,
Em que o candor egual a travessura;

A raça das ingenuas, das esquivas,
Das simples, em que a graça é formosura
E o desgosto da vida pouca dura,
Em meio das ephimeras fugitivas.

As eracções locurna mais mimosas
Do theatro moderno, e de tal gesto
Que as torna mais gentis e mais formosas;

E o seu trabalho vendo, tão perfeito,
Levamos essa rosa, em preito ás rosas,
Não "sobre" o peito, não: "dentro" do peito.

Valerio Mendea

BOTANICA AMOROSA

I

Era por um meio dia quente. A' bella sombra do arvoredor ramalhudo, á margem de um fio d'agua crystallino e cantante, em "lollies" frescas de passeio campestre, nós acabavamos de fazer um "lunch" frugal de framboesas sanguineas.

E ella, contente e saciada, passando a cambraia do lenço pelos labios rubros, que mais rubros ficaram ao contacto das framboesas polpudas, disse-me, apontando para uma ipoméa, que se enroscava luxuriosamente ao tronco musgoso de uma velha palmeira:

—Tu, que sabes tantas cousas lindas de flôres e aves, de perfumes e côres, que aprendeste nos livros, dize-me porque é que aquella flôr é branca, rajada de azul, e a outra, que lhe fica ao lado, nascida na mesma haste é simplesmente branca?

E eu respondi-lhe:

—Corta uma das flôres, querida, e vem sentar-te junto a mim.

E ella, gracil e travessa, veio sentar-se nos meus joelhos, tendo na mão a linda ipoméa rajada, que o gume dos seus dentes alvos separara do caule.

Comecei então assim:

—A historia d'esta flôr, minha doce Chloé, é uma historia de amor, porque é preciso que saibas que as flôres amam e sentem como nós outros humanos.

"E, antes que eu te conte o caso provavel que poz raias azues na linda ipoméa branca, deixa que te explique que a corolla das flôres, essa corolla veludosa e perfumada como a tua cutis, é o leito de nupcias onde o amor vegetal sacia em segredo os seus desejos lubricos.

"Vês ahí no centro da campanula, que forma a corolla d'essa ipoméa, um filete erecto, encimado por um capacete escuro? E' o "pistilo," isto é, a esposa, que espera as caricias desses outros filetes, que a rodeiam, encimados tambem por uns bastonetes cobertos de uma poeira branca ou amarellada. Pois bem: esses filetes, que são os maridos, chamam-se "estames" e a poeira que os cobre tem o nome de "pollen."

"Ora, se tu arrancares a corolla e os "estames," has de ver que, adherente ao calice, na base do "pistilo" ou esposa, existe uma intumescencia, que é o "ovario."

"E, se levares o tua curiosidade até ao ponto de abrir o "ovario," has de encontrar dentro d'elle uns corpusculos pequeninos, que se chamam "óvulos."

"Ora, agora, que já te expliquei umas tantas cousas fastidiosas que precisavas saber para a comprehensão do que tenho a diser, prepara-te para ouvir e saber como se faz o amor nas flôres.

"Quando a flôr desabrocha e a corolla ou thalamo nupcial se expande, o "pistilo," isto é, a esposa prepara-se para receber os beijos e caricias dos maridos ou "estames," que a rodeiam, segregando uma especie de gluten, que cobre todo o capacete, que o encima. Nestas condições, os estames deixam cahir o seu pollen ou poeira fecundante sobre esse capacete da esposa, o qual se chama "estigmate," e, como este está coberto de gluten, o "pollen" adhiere ao gluten e desce pelo filete, que é tubular, até ao ovario e ahí fecunda os ovulos.

"Ora, uma vez fecundados os ovulos, o calice, a corolla, os estames e o estylo murcham e cahem e só fica o ovario, que, fecundado, se vai desenvolvendo como um ventre materno até que se transforma em fructo.

"Mas, dentro d'esse fructo existe a "semente," que, lançada á terra, germina e produz a planta de onde surgem, no tempo proprio, as mesmas flôres que deram origem a essa semente.

"Eis ahí, minha querida, o circulo fatal e mysterioso dentro do qual gyra silenciosamente a vida, o amor, a fecundação e a germinação das plantas.

"Ora, agora, que já estás ao facto d'estes doces e encantadores mysterios, imagina que, um dia, na primavera passada, a mãe d'essa ipoméa alva, de onde cortaste esta flôr rajada de azul, que treme na tua mão patricia, cobriu-se de flôres brancas e numa d'ellas pousou uma borboleta inquieta, que, momentos antes, beijara o nectario de uma ipoméa azul. O leve insecto, avido do mel da flôr, roçara as suas azas trepidas pelos estames da ipoméa azul e, partindo d'ahí, á busca do mel da ipoméa branca, levava nas suas azas, inconscientemente, um pouco do pollen que os estames da flôr azul n'ellas deixaram cahir.

"E, ainda inconscientemente, esse mensageiro do amor pousou na corolla da ipoméa branca e, ao introduzir n'ella a sua tromba até ao nectario, as suas azas, sempre tremulas, atiraram com o pollen, que traziam, sobre o incauto "estigmate" da flôr branca.

"O que se passou então, d'ahí em diante, tu já o sabes minha doce naiade: esse pollen da flôr azul fecundou o ovario da flôr branca; o ovario desenvolveu-se e transformou-se em fructo, e, d'esse fructo, uma semente cahiu na terra e germinou, produzindo a planta que ahí se enrosca áquella velha palmeira.

"E, então, como essa planta proveio do caminho adulterino de uma flor azul com uma flor branca, na época da florescencia, produziu muito naturalmente filhos mestiços, isto é, flores simplesmente brancas e rajadas de azul, assim como poderia produzir flores simplesmente azues á mistura com outras brancas e rajadas de azul e branco.

"E isto, pela mesma razão por que uma pomba branca, que casa com um pombão negro, é susceptivel de ter filhos inteiramente brancos, inteiramente negros, ou brancos com pintas negras e vice-versa.

"Ora, aqui tens o motivo, minha gentil curiosa, porque essa ipoméa, que os teus dedos roseos seguram, é rajada de azul, quando as suas irmãs, provenientes da mesma mãe, são completamente brancas. O alado insecto foi a causa

provavel d'esse desastre conjugal, mas tambem podia ter sido a brisa, essa brisa rumorosa, tão propicia ao amor, a mensageira clandestina do pollen da flor azul que fecundou a flor branca.

E ella, a minha doce companheira, fixando a ipoméa rajada na noite densa dos seus cabellos negros e pausando os seus olhos lusescentes e penetrantes nos meus, disse-me, então, entre séria e risonha:

—Então, aquelles estames... esses maridos, que cercavam o pistilo ou esposa na flor branca, vigiando o casamento...

—Foram logrados, minha amiga. Mas isso é um verdadeiro adultério!

—Sim, um pouco semelhante ao de Lucrecia, mas, em todo o caso, um adultério.

—Pois, então, entre as plantas tambem?!

—Sim, minha querida, entre as plantas, como entre os animaes, o adultério, voluntaria ou involuntariamente, existe.

"Menclau e Sganarello, ai de nós, habitam o orbe inteiro; no ar, na floresta, no campo, no seio das agnas, nas entranhas da terra, por toda a parte, emfim, o amor triumpho e faz victimas.

—Assim, as lindas dhalias rajadas, aquelle esplendido cravo "chita," que hontem trazias na lapella do teu frack...

—Tudo isso, minha Chloé, são productos do adultério vegetal. Mas, tambem, como seriam monotonas as flôres, se não se commettesse entre ellas esse peccado que tanto te espanta e que produz as variedades...

"E se tu soubesses com que fervor as flôres amam e sentem... com que lubricidade entre ellas os dous sexos se procuram, se approximam e permutam caricias... Dize-me: nunca ouviste fallar na "Valisneria Spiralis?"

—Não, nunca.

—Pois bem: o dia está risonho e formoso; a tua mão preme a minha; os teus olhos procuram avidamente os meus; a primavera canta em torno a nós o seu hymno de amor no cicio da brisa, no zumbir do insecto, no trinar da ave e n'essa trova singela da lympha, que corre rumorejando. Tudo convida a amar e é ao som d'esse cantico festivo e universal da natureza em jubilo, que eu quero entoar o epithalamio da "Valisneria Spiralis," cuja boda cariciosa e ardente se celebra no seio das agnas. Ouve-me:

GARCIA REDONDO.

(Continúa.)

ORAÇÃO PROFANA

— a M. H.

Eu quero d'esse olhar o ralo com que accendes
O meu amor, se vejo a tua face honesta;
Receiosa violeta, ó meiga flor modesta,
Derrama-me no peito o aroma que rescendes!

Tu és a minha estrella, e o teu fulgor me guia,
Mais bello que o do sol, mais doce que o da lua,
E leva-me a sonhar, no céu onde fluctua
Em fundo cor de rosa o astro da Alegria.

Ao som da tua voz, em doces vibrações,
Eu souho repousar a fronte no teu seio,
E extractico, feliz, suspiro e devanelo,
E julgo-me a vogar no mar das Illusões...

Olha-me e canta, ó anjo! Embala-me este amor,
Que a esp'rança vem surgindo, a noite é morna
deusa,

E o novo sol dissipa as nuvens da Descrença
Descobrendo-me um céu sereno e tentador!

Eu quero d'esse olhar o ralo com que accendes
O meu amor, se vejo a tua face honesta;
Derrama-me no peito o aroma que rescendes
O' minha violeta, ó meiga flor modesta!

Arthur de Mesquita.

Côimbra, Agosto de 1893.

BALLADA EGYPCIA

▲ VALENTIM MAGALHÃES

I

Ainda uma vez, á porta da tenda de Abul-Kamed, o beduino voltou-se para beijar a sua chorosa Fatma, a bella flôr do Egypto, nascida no deserto invio, embalada pelo doce rumorejar das palmeiras verdes, coroadas de luz pela primavera quente, curvadas ao rijo sopro da ventania sibilante pelos tempos do "simoun".

Beijou-a na face e saltou sobre o dorso lúcido do seu "mahari" avido, que partiu rapido e lesto, resfolegando, pisando celere a areia branca do deserto immenso.

Fatma seguiu-o com os olhos velados de lagrimas—como duas flores negras rociadas de orvalho—e quem a visse assim piedosa e triste, á porta da tenda, com o corpo attrahente como um oasis risonho, coberto pelo tecido grosso de uma alva tunica de linho, os cabellos negros, profundamente negros, soltos em desalinho, os pés mettidos em sandalias de couro, e triste, dessa tristeza que mata, dessa nostalgia que fere e punge,—quem a visse assim, piedosa e triste, seguindo com o olhar dolorido o beduino que partia celere, de certo se sentiria ferido da saudade immensa que se fazia n'alma d'aquella egypcia morena e anante, nascida no deserto invio, embalada pelo doce rumorejar das palmeiras verdes, coroadas de luz pela primavera quente, curvadas ao rijo sopro da ventania sibilante pelos tempos do "simoun".

Longe, muito longe, voltou-se ainda o beduino para ver a amante, e o vento, um vento aspero e forte, trouxe-lhe ao ouvido estas phrases, sentidas como uma supplica dorida de uma alma angustiada que se esfolha:

—Ali, Ali, meu formoso beduino, leva-me no dorso do teu "mahari" rapido, pelo deserto silente, pelo areial infinito. O meu amor sem ti—pobre flor do deserto!—se estiola e morre, morre sem ti, morre por ti de saudade e pezar... Ali... Ali...

E a mesma aza do vento aspero trouxe aos ouvidos de Fatma estas phrases, saudadas como um consolo sem fim:

—Não... Na tua tenda isolada, á sombra do verde oasis, deixo a minh'alma contigo... Deixa-a lá dentro para que não fuja... para que não vês como um passaro sem norte... Fatma, vela sobre o meu coração que ali fica... sobre o meu pensamento, que é o meu amor, que contigo deixo... Fatma... Fatma...

E o "mahari" sumiu-se ao longe, vivido e lesto, resfolegando, pisando celere a areia branca do deserto immenso.

Triste e chorosa, á porta da tenda de Abul-Kamed, recorda então Fatma, piedosa e meiga, a historia gentil do seu primeiro beijo.

II

"Era na primavera, no tempo em que as palmeiras se cobriam de verdes palmas, douradas de um sol fulgido e ardente. Ceu azul, do azul mais puro e mais lindo. As caravanas passavam risonhas pela porta e as tamareiras tinham fructos de um dulçor estranho... Viajantes e egypcias morenas passavam cantando, alegres, e os camellos, em longas réguas, agitando as caudas, caminhavam tardos, vagarosos, ao som das vozes dos beduinos e das musicas dos beijos febris das namoradas do Sahara...

"E Fatma recorda-se ainda, recorda-se. O dia repontava como nunca n'a-

quellas bandas da Asia. Sentada á porta, o olhar perdido no vacuo immenso aberto aos seus olhares, ficára... olhos fitos no horizonte em chammias... Era d'alli que o sonho azul lhe viria... na alegria de uma caravana, talvez n'um bando de beduinos meços e viris, de olhos vivos e labios febricitantes e tez tostada pelos calores do sol ardente... E assim seismava, o espirito vagueando no azul, buscando esse oasis inatingivel e eterno... N'isto, ao longe desponta o vulto de um homem; é um viajante tardio, porque corre ligeiro, ligeiro, cavalgando o seu camello resfolegante... Approxima-se, mas refreia á sua vista e o olhar lançando em torno, onde uma fonte suspira e uma tamareira ostenta os ramos cobertos de tamaras maduras, pára, risonho e alegre, ao pé da tenda. Pede-lhe agua, agua d'aquella fonte que corre branca nuns longos fios de crystal, fructos d'essa fructeira que ensombra a agua da fonte, derivando clara.

"Então ella, córada e o coração em luta—luta de amor—corre ao interior da tenda e volta em seguida com o cantaro cheio. O beduino, sorrindo-lhe, bebe... bebe... e rapido se despede, mas n'esse ter ainda levado á bocca algumas tamaras que Fatma lhe offereceu na palma delicada da sua mão em concha, risonha tambem, tambem risonha e confusa.

"Depois o moço voltou a vel-a; soube-lhe o nome e a profissão. Chamava-se Ali e pertencia a um bando de commerciantes que vinham atravez do Sahara, de um extremo ao outro do grande oceano de areias implacaveis, vender estofos caros á cidade... viajando por longos mezes assim, por longos mezes viajando.

"E partia, e voltava de novo o namorado ancioso por matar a sede no cantaro que Fatma tinha sempre cheio de uma agua crystalina e fresca, collida á fonte murmura, coberta pelo doce e umbroso da tamareira alta... Um dia, recorda-se, sentiu o moço collar a sua bocca ardente e faminta ao seu labio virgem e sequioso de beijos... Foi esse beijo a aurora do seu sonho, aurora em pleno Sahara, mais poetica ainda n'aquelle silencio, porque a noite pairava sobre elles, e só as estrellas o ouviram... a fonte escorria trepidamente e o crescente brilhava no ceu—como no estofos azul de uma bata estendida a lamina rutila de uma cimitarra.

—Coração, meigo coração de virgem, entorna nessas lagrimas que pelo seu rosto rolam agora, como perolas sem par, a alegria infinita daquelle sonho sonhado á sombra das ramarias e do cicio das folhas!... Canta, alma do silencio, toda a ventura de um dia, que lhe veiu na aza de um beijo ardente, como um passaro branco, que annuncia a primavera aos campos maninhos e ás florestas silentes...

"E Fatma recorda ainda; lembra-se que d'aquelle beijo nascera-lhe o amor immenso que alimentava com os beijos do beduino, e uma manhã mal enflorada ainda,—e com que com saudade se lembra!—entregara-se-lhe o corpo e alma, não, só o corpo, porque a alma era já d'elle, ha muito, eternamente d'elle.

"Desde então o moço namorado vinha vel-a sempre e trazer-lhe joias de ouro e fructos de além, da cidade,—cheirosos fructos aquelles, bellas joias as que lhe dava!—e ella, como quizesse conhecê-lo ao longe, fez-lhe um albornoz azul e ouro, que elle trazia sempre a tiracollo quando vinha amal-a ao clarear da alvorada e ao enfraquecer da luz, montado no seu

"mahari" lustroso, que resfolegava e avido corria, pisando celere a areia branca dos caminhos invios."

III

O beduino, pois, partiu naquella dia para uma viagem longa... de um mez. E n'aquella tarde, os alforques cheios de sedas caras e joias custosas, se foi... mas, não sem ter parado ainda á porta da tenda de Abul-Kamed, parado para ver a amante e confortal-a, á bella flor do Egypto, nascida no deserto invio, embalada pelo doce rumorejar das palmeiras verdes, coroadas de luz pela primavera quente, curvada ao sopro da ventania sibilante pelos tempos do "simoun"... Dias se foram, noites passaram, noites e mezes.

D'ali por diante ainda o sol não tinha rasgado de todo o nevoeiro denso como um amplo véo se rasga ao corte fino e leve de uma lamina aguçada e de ouro, e Fatma, á porta da tenda, aguardava a passagem dos bandos.

E, quando os viajantes paravam em frente e a um signal da moça—tocados da sua tristeza dolorosa, da tristeza dorida dos seus bellos olhos pretos—como duas flores pretas aljofradas de perolas claras—quando elles paravam para ouvir-a, Fatma, na sua voz de saudade, falava-lhes de Ali, o mouro, de cabelleira negra cahida em cachos sobre os hombros fortes; Ali, que tinha a tiracollo um albornoz de seda azul—porque ninguém tinha um albornoz tão rico, nem cabellos tão negros como elle; Ali, o mercador de sedas caras e formosas arrecadas de fino metal luzidio, de finas joias de custo...

—Não, que não o tinham visto... Ali, bello mercador de prendas raras, o viajante de albornoz azul a tiracollo... não, não o viram.

E passavam... e como estes muitos outros passavam, e parando diziam no mesmo tom de voz que o não tinham visto nem encontrado atravez do areial ardente... Um só dentre elles, porém, flitando-a longamente, piedosamente, dissera-lhe que um moço... não... não lhe dissera nada. Passára como os outros, sem contar a historia que ouvira longe, da bocca de um mercador...

E os dias foram-se ainda... e as noites e os mezes foram-se... e os olhos de Fatma eram como duas fontes escorrendo sempre, quasi desleitos em pranto...

Seccaram-se um dia essas lagrimas. Saudade que no seu peito se esconde, não a deixa chorar mais a sua tristeza, e o seu sonho que não volta... Foi o velho senhor da tenda, seu pae, o calmo Abul-Kamed enfim, que, de volta de uma viagem, contou-lhe a historia que o viajante lhe occultára:

—Ali, de albornoz azul a tiracollo, fôra presa de ladrões, que lhe roubaram as joias e as prendas de valor... O "mahari" fôra encontrado ao lado do seu cadaver, inteiriçado numa postura de luta. Presume-se — e Abul-Kamed, não affirmava — que Ali fôra trespassado pelo punhal de um dos salteadores e cahira morto na areia branca que se tingiu com o seu sangue, pois que ao passar ha dias pelo areial vira os vestigios ainda... um longo rastro como uma fita rosea, desbotada, sobre um extenso lençol de linho alvo, que o fizera chorar, a elle, que não chorava ha vinte annos, porque se lembrára de Fatma, cuja paixão sorprehendera já pelo moço beduino e viajor mercante.

Ouvio a moça aquella historia dorida e foi como se a tivessem ferido para sempre no coração. Morreu-lhe no seio

a flor da illusão e a esperança estiolou-se-lhe na alma. Depois, os tempos do "simoun" voltaram, as caravanas foram escusando e uma ou outra que se aventurava por alli, não se detinha á porta da tenda, fugindo que ia ás tempestades de areia... E assim, embora estivesse a fitar ainda e sempre a longa toalha do deserto revolto, olhos pregados no horizonte ao longe, Fatma, alli mesmo á porta, tombou morta de saudade e pesar, uma tarde, no mesmo instante em que o sol se afundava no mar de sangue do poente, depois de uma longa viagem através de um dia de calor offegante, horriavelmente pesado.

O beduino não voltou porque os mortos não podem voltar nunca mais do seu exilio do nada.

É fol melhor assim, porque,—oh! pobre coração de beduino amante! como ficarias tu, si ao voltares sedento de amor e de beijos morta visses a tua querida Fatma,—morta, para sempre morta! a tua bella flor do Egypto, nascida no deserto lúvio, embalada pelo doce rumor das palmeiras verdes, coroada de luz pela primavera quente, curvadas ao sopro rijo da ventania sibilante pelos tempos do "simoun!"

LUIZ ROSA.

A QUEDA DO SOL

Audi a rola a gemer nos decrepitos troncos:
Lamentam-se os andiás, lembrando accordes de
(burpas...)

Vagas tristezas veiu, como invisíveis farpas,
Ferir os corações; do Mar ouvem-se os roncões:

Pinna como um véo solto, aureo pó sobre os bron-

cos
Soculcos, socavões, reconcavos e escarpas:
Trazem barbas de mosgo os decrepitos troncos,
Que embastidos elpoades creulam como eburpas.

E quando, como um rei proscripto, esconderijo
busca o sol por de traz das barreiras do Oceano,
Com bumbinellas mil de estofos carmesins,

Esfalta-se o horizonte, ao baque do tyranno;
E o céu todo,—em signal de immenso regosijo,—
—Arenda azul—accende os aureos lanternins.

Henrique de Magalhães

GAZETILHA LITTERARIA

"Imperator litterarum, salut!"

Foi nestes termos pomposos que Zola, o grande naturalista da França e do mundo inteiro, foi saudado por Oswald Crawford, presidente do banquete do "Club dos Autores," de Londres, quando o extraordinario romancista pisou ha pouco a terra de Shakespeare e de Byron. Este "Imperator litterarum, salut!" despertou entre os escriptores francezes um alvoroço desusado até hoje. A inveja, que outro termo não achamos para classificar esse ruido, preparou as suas armas e alguns homens de letras surgiram pelo jornaes combatendo as altas apreciações feitas ao auctor do "Assomoir" e sobretudo aquella phrase de Crawford.

Pelo "Echo de Paris," E. Lepelletier refuta furiosa e apaixonadamente toda a gloria de que n'um honroso banquete litterario os inglezes souberam rodear o maior vulto das actuaes letras francezas e termina o seu artigo nestes termos: "Ha duas maneiras de se rebaixar a gloria litteraria de um paiz como o nosso, tão fecundo de talentos incontestaveis: a primeira consegue-se negando-a antes de tudo; a segunda, elevando-se desmedidamente os homens que não passam de unidades no meio de outros homens de valor. A republica

das letras francezas não tem imperador. "Ave, Cesar—Zola!"

Phrases de bello effeito, na verdade, essas com que fechou Lepelletier o seu artigo "L'empereur des lettres;" mas, digamos sem rebugo, contrarias ao que se pensa no seio da propria litteratura franceza em quasi toda a sua totalidade, e na Europa toda e no mundo inteiro, onde Zola é lido, apreciado e tido mesmo como o mestre das letras francezas, o unico e extraordinario romancista a quem a sua patria deve trinta annos de insano trabalho e uma multidão de obras inimitaveis como essa longa e estupenda serie dos Rougon.—Macquart.

Paixão, talvez, pela gloria: aspiração, quem sabe, ao primeiro logar de escriptor da França levaram Lepelletier e tantos outros a escrever artigos, a burilar phrases e fazer estylo contra Zola.

Em todo caso, para nós, Zola é o Zola do "Assomoir," o valente escriptor do "Germinal" e da "Débâcle" e incontestavelmente o primeiro romancista da actual geração franceza.

Lembramos aos nossos leitores que no dia 11 deste mez termina o prazo para o recebimento das traducções do soneto attribuido a Molière e que publicamos em o nosso n.º 78, de 23 de setembro passado.

CAVACOS MEDICOS

(UMA DESCULPA)

Escrevo em dia de finados.

No campanario da torre visinha rebôa, de echo em echo, o compassado dobrar dos sinos, desses santos pregoeiros da Fé, cujo brado é o terrivel "memento," que se repercute no animo de todos os mortaes.

Continúa o bulicio iniciado na vespera.

E do baloiçar vagaroso do sagrado bronze o som plúgente e medonho, que vibra cada badalada, abala-me o coração em cada uma das suas fibras.

São-me presentes idéas tetricas e horrendas; tenho o rosto annuviado.

Imagine o leitor que levantei-me muito cedo e sahi.

Pouco depois atravessava o vasto campo da morte, que se denomina "Cemiterio de S. João Baptista."

Reverente e humilhado ia vendo todos aquelles tumulos e olhava para as tristes physiônomias das pessoas que ali estavam orando pelos seus mortos.

Purei junto á cruz de um tumulo e entreguei-me a fervorosa oração.

O crepe diaphano que se enleava á cruz desse sepulchro deixava entrever, pendente, uma corôa — a da virtude, a da candidez.

Eu estava livido, anciado, afflicto; depuz sobre a funerea lousa um simples mas significativo tributo sobre que deslisou uma lagrima fugitiva — era uma corôa de saudades.

Depois invoquei uma memoria em meu favor, percorri uma a uma as paginas do livro de minha existencia — murmurei:

— "Que feliz que eu fui! Como eras boa e como eras dedicada, minha querida esposa! Eu vim aqui, não para evocar-te do abysmo onde a tua dedicacão precipitou-te, mas para deixar-te um tributo do amor que sempre te con-

sagrei, um symbolo de minha eterna lembrança!" —

E tornei:

— "Que feliz que eu fui!" —

A fronte pendeu-se-me para o peito e senti baterem-me levemente no hombro.

Levantei o rosto e vi um dos meus amigos, que me perguntou:

— "Quem repousa neste sarcophago para que te faça soffrer tanto assim? Ha longo tempo que tenho estado fóra da capital, como sabes, e, pois, ignoro."

Respondi-lhe:

— "Ah! meu amigo! A pessoa que aqui descança é o ente que mais adorei na vida! É uma mulher, esposa virtuosa e mãe delicadissima! Amei-a muito... perdi-a! Lembra-me ainda do momento fatal em que a vi empallidecer... balbuciar uma phrase entrecortada de suspiros... cerraram-se-lhe as palpebras e cobril-as o véo da morte! Fugiu-me ha perto de dois annos... resta-me a saudade! Sinto-me desfallecer! Vejo-me suffocado! Vamos!"

As arvores frondosas, os cyprestes lançavam em torno uma sombra bem triste, triste como o dia que era, triste como o meu coração repassado de dôr e angustia.

Immerso n um mar de tristeza, e, depois de haver recordado ao meu amigo a antiga felicidade que me durára tão pouco, tomei-lhe o braço e... sahimos do cemiterio.

Compreende, portanto, o leitor, que não podemos "cavaquear" alegremente, como temos feito em outras semanas; e ha tres seguramente que não dou "um ar de minha graça," por causa deste estado morbido em que me acho ha muito tempo e conhecido já pelos meus collegas.

Bem affirmou já o meu amigo Valentin que ha entre nós mais de um ponto de afinidade. Pois se até a "neurasthenia" fez-nos irmãos, este estado de fraqueza irritavel do systema nervoso, caracterizado pela cephalia, pela insomnia, pela asthenia neuro-muscular, pela dyspepsia atonica gastro-intestinal e tantos outros symptomatos que são bem evidentes em nós!

E admirar-se-hão disso?! Qual tem sido o nosso modo de vida?!

Não temos sempre luctado pela existencia, neste meio que todos conhecem?!

A vida social, principalmente a vida nas grandes cidades, tal como a civilização a creou, accumula as causas de "surmenage" nervosa.

Proclama bem alto Ziemssen: "As competições são muito vivas, a concurrencia muito aspera em todas as carreiras, liberaes, commerciaes, industriaes. Quer-se sempre subir, subir sempre."

Não temos tido essa "surmenage do systema nervoso" com os seus dois elementos fundamentaes, o excesso de trabalho ou de excitação, a insufficiencia do repouso e da reparação?

É incontestavel o facto, meu caro leitor, e como nós dois accreditamos que são tres quartas partes da população fluminense.

Vejam o que diz Mathieu: "Não ha ninguem, nos que fornecem um trabalho intellectual, que não tenha em certas occasiões experimentado phenomenos passageiros de neurasthenia. Uma sessão de leitura, de redacção, de calculo, de traducção... um pouco prolongada dá-nos uma sensação de fadiga que se traduz por peso de cabeça, diffi-

culdade maior em fixar a attenção, em reter os termos d'uma questão, etc. etc."

Eu e a Valentim temos estes centros nervosos, "cerebro, medulla e grande sympathico" irritados e recebendo dia e noite todas as impressões do mundo exterior e do proprio organismo n'um excesso enorme.

Somos iguaes na molestia e para cural-a não ha absolutamente medicação pharmaceutica efficaz: somos obrigados a viver neste meio, que se tornou actual-mente pessimo.

Não, decididamente não posso hoje "cavaquear."

DR. SAHES.

ORAÇÕES ETERNAS

Sonhar... Sonhar...

Ha sonhos que acalentam esperanças de tempos mais risinhos...
— Ousado já de idéas que atormentam,
quero sonhar uns sonhos que acalentam;
— quero sonhar-vos, ó suaves sonhos!

Eu tenho sido um louco, um visionario,
sonhando sempre ao seio da illusão...
— Mas tu me retiraste do calvario
por onde eu ia: e, como n'um saerario,
em t'alma encerrou-se-me a affeição.

Sem fé, sem creanças, eu andava triste:
— do mal chamado Tédio a padecer —
Mas tu, ó redemptora! me sorriste...
— Oh! para mim a abnegação existe
no amor de mãe, e em teu amor, mulher!

Sonhar... Sonhar...
E assim emballo a esperança
d'um bom futuro, todo amor e paz.
— E s' qual a doce Virgem da Bomança,
Marin! E, enfim, mil'alma já desceja
do viver tormentoso de ripaz...

Porto—1893.

ARNALDO AUGUSTO.

PLEBISCITO LITTERARIO

Lembramos aos nossos leitores o segundo plebiscito aberto em o nosso no. 7-8, de 23 de setembro ultimo.

"Quaes são os seis melhores contos escriptos por litteratos brasileiros?"

"Podem ser votados os contos publicados em livros ou em jornaes e revistas litterarias da Capital Federal ou dos Estados.

As demais condições deste plebiscito são inteiramente iguaes ás do que abrimos para os romances."

O prazo termina no dia 23 deste mez, e immediatamente procederemos á apuração que certamente não agradará a muitos dos Srs. litteratos, que estão deixando correr o pleito á revelia.

Depois queixem-se.

A PROPOSITO DE PLAGIOS

(Carta á SEMANA.)

Li com summo prazer a brilhante carta que o illustre litterato Dr. Garcia Reboulo acaba de inserir na SEMANA, o esplendido hebdomadario de Valentim Magalhães, com referencia aos plagios e encontros de idéas.

Vendo os criteriosos conceitos, com que traduzia o illustrado escriptor sua opinião a respeito de tão interessante assumpto—opinião que eu perfilho inteiramente e que está firmada em meu espirito pela observação de numerosos factos da vida real e de outros acontecidos commigo, no meu modesto viver litterario,—lembrei-me das accusações,

das chalaças, dos insultos vis com que alguns pygmens litterarios e meia duzia de jornalistas indignos cumularam o "inspirado, correcto, alto e fecundo" poeta dos "Versos e Versões" pelo facto de encerrar o admiravel soneto "As pombas" uma idéa, já expressa por Th. Gautier na deliciosa "Mlle. de Maupin."

D'esses insultos grande parte alvejou a individualidade sympathica de Valentim Magalhães, por ter este intemerato homem de letras denodadamente, lealmente, affrontado a furia hydrophobica dos invejosos de Raymundo, pegando-lhes uma serie brilhante de artigos succulentos, que não só pulverisaram completamente as accusações ignobis, atiradas, (com grande pezar dos homens de bem) sobre uma das glorias da litteratura brasileira, mas tambem provaram perfeitamente que o autor das "Symphonias" era uma das mais formosas mentalidades poeticas das que desabrocharam sob a luz radiosa do Cruzeiro do Sul.

Ainda sob a grata impressão em mim produzida pela leitura da alludida carta, (onde tão exuberantemente se prova que uma idéa,—sem laivos de exoticismos, nascida só da observação da vida na natureza e da comparação desta observação com certos phenomenos psychologicos,—póde brotar simultaneamente em dezenas e dezenas de cerebros, com os mesmos contornos e os mesmos delineamentos.)—continuei a admirar as outras gemmas engastadas nas demais paginas da revista.

Na 5ª pagina deparou-se-me o seguinte soneto firmado por Placido Junior:

INVERNO

Chega o inverno cruel: chuvas cortantes
Levam na enchente os campos arrasados.
E as campinas e os prados ondeantes
Perdem as flores, quasi abandonados.

Morrem nas eras, frios, regelados,
Os passarinhos; ventos soluçantes
Despem as grandes arvores possantes,
De troncos nus e braços enrijados.

Tudo destroe, tudo devasta o inverno:
Lá fóra o campo morto, e entanto um terno
Brando calor acorda-me os desejos.

Que importa o inverno, se o teu corpo é quente,
Se tenho o teu olhar, fino e dormente,
E a chama rubra dos teus longos beijos?

Logo, aos primeiros versos d'este soneto, um grande pasmo foi-me alagando o espirito: no decorrer da leitura foi-se elle augmentando, vindo assumir proporções extraordinarias quando cheguei ao fim do ultimo terceto.

E' que eu me lembrava de ter escripto cousa muito parecida com aquelles versos, ha já algum tempo.

Corri a uns papeis velhos e, pesquisando, na GAZETA DE PITANGUY (1892-Junho) encontrei a seguinte chroniqueta:

O FRIO

Inverno.

Que frio intenso!

O alvo alboroz das neblinas envolve este valle immenso e viridente.

As campinas se occultam sob a mortalha da neve, que cai em brancos floccos, tapando os barrancos como alva-centa toalha.

Não accorda o selva a doce cavatina de alguma ave, trinando amor.

O suave azul dos céos transformou-se em vasta concha nevosa.

Que frio!... Birr!... é de mais! Passa a lufada raivosa a vergar os mattagaes viçosos.

Até parece frio dos ermos polares.
Mas, que importa, se me aquece o calor de teus olhores?

BENTO ERNESTO JUNIOR.

Pará, 1892.

Clarissima é a semelhança dos versos publicados na SEMANA com os que inseriu a GAZETA DE PITANGUY.

Felizmente, a minha lenga-lenga já estava impressa: do contrario, acio-me-iam de plagiario do Sr. Placido Junior, e eu, para arredar a pecha infamante, ver-me-ia nas mesmas difficuldades em que seria atraido o Dr. Redondo—illustrado e talentoso embora—para provar que não roubara "Bertha" ao chorado Guy, se seu bonito conto não houvesse sido publicado em época anterior áquelle em que appareceu a producção do notavel romancista francez.

Pelo que vai expendido acima, vê-se bem que o pasmo em que poz-me o soneto do Sr. Placido, nasceu menos de ver um mesmo pensamento tratado de modo differente por duas pessoas diversas do que do facto dar-se exactamente na occasião em que se tratava de taes encontros de idéas.

Placido Junior, com certeza, nunca viu minha modesta producção, inserta em jornal sertanejo, de pequeno formato e circulação tambem diminuta. Mesmo que lhe fosse parar ás mãos um numero da folha, O FRIO passar-lhe-ia despercebido, impresso, como está, em maus typos, sem forma graphica de poesia e mais parecendo uma simples noticia sobre o estado da temperatura local.

Pará, 28 de Outubro de 1893.

BENTO ERNESTO JUNIOR.

COFRE DAS GRAÇAS

SOBRE A REVOLTA

Discutia-se a provavel indemnisação pela morte dos marinheiros inglezes.

— En, disse uma loura miss, acho que o governo deve pagar pelo menos mil contos.

— Mas... ha de convir que isto é exagerado!

— Qual exagerado! O governo pagou cem contos por um cadaver de italiano.

— Mas foram cem contos...

— E então o "roast-beef" não custa mais caro do que o macarrão?

Entre labregos:

— Biste os tirasios do "Cudabão"?

— Ora se!... Mas peiores são os tiros de "Mano Lixo" porque esses esfuracam a gente.

Na escola de bellas-artes, diante do muito conhecido estudo do nú, do professor Amoêdo.

— Repara Ambrosio, repara bem...

— E' verdade, seu compadre, que holophote!

O joven poeta Sr. Camara acaba de recitar uma poesia faiscante de enthusiasmo. Commentario de um ouvinte:
— Que Camara ardente!

Outro poeta, o Sr. Mario Mello recita uns versos todo cheio de pieguices e affectação. Acabando, desculpa-se dos defeitos da declamação, allegando ter a boca cheia de aphtas.

— Ah! logo vi que era um poeta "aph-tado," commenta um malicioso.

BIBIANO.

BOUQUET DESFEITO

Vl' passar sobre as ondas agitadas
Elegante bouquet de roseas flores,
Entregue nos crudelissimos furoros
Do mar, arfante ás rispidas rajadas.

Vagava como em sonho tormentoso
Que nos confrange o coração afflicto,
E en suppunha ouvir no pégo irroso
Um al de angustia, um soffocado grido.

E a relliqua de amor, ao mar lançada,
Sem auxilio, sem minimo conforto,
Bolava entre as espumas como o morto
Que é ludibrio da vaga encapellada.

Quem assim te juntou, haste por haste,
Em ancelos de eundido lyrismo?
Em que mão feminim te formaste?
Bouquet tombado no procelloso abysmo?

Tu que devoras perfumar o ambiente
De um anjo casto e como tu formoso;
Que pudéras encher d'intimo gozo
Um coração uprivonado e crente!

Como foste arrojado sem piedade
A's ondas cavas do revolto Oceano,
A servir de juguete á tempestade
No cahos dantesco de bramir insano?

Que existencia miserlim e precaria,
Prenda infeliz! Que luctas dolorosas!
Antes fosses levar as tuas doras
A' solidão de lousa funeraria...

Lá colibrys dourados, multileutores,
E leves borboletas doude-juntas,
Em beijos de prazer e de dulçores,
Velarim tens ultimos instantes.

Em breve aquellas flores peregrinas,
De seus fragéis limes arrancadas,
Perderam-se no vórtice, levadas
Pelas ondas ferozes, assussimas...

Assim tambem das illusões mais caras
Formamos um bouquet de roseas flores,
Bello, odorante de fragrancias raras,
Aljofrado de divos esplendores.

Em conservar o talisman precioso
Quanto amor, quantos zelos empregamos!
O nosso coração dá vida aos ramos!
Gitu na selva o mesmo sangue estuoso!

Um dia... um ser gentil que nos enleva,
Que julgamos descolto das alturas
Para vir desfazer a intensa treva
Da vida entrecortada de amarguras:

Um ser a quem amamos neste mundo
Com todo o ardor das affeições mais santas,
Desprende-nos do peito as debcis plantas
E sorrindo as arroja ao mar profundo.

Sobre a deserta praia da existencia
Inquirimos então a immensidade,
E ao som do mar de intermima cadencia
Casamos nosso canto de saudade.

Morrem as flores que a procella trunca
Eo vento arroja pelo Oceano a fóra:
Porém no coração, ferido embora,
Vive a saudade, que não morre, nunca!

DAMASCENO VIEIRA.

Santos, 42 de Outubro de 1893.

OS COLLEGAS

A SEMANA continúa a ser alvo das
mais honrosas referencias por parte de
distinctos collegas desta cidade e do sul
e norte da Republica. Agradecendo, pe-
nhoradissimos, essus provas de gentileza
passamos a transcrever os nomes dos

collegas que nos tem sempre honrado
com a sua visita. São elles:

A GAZETA DE NOTICIAS, desta capital,
a qual nos tem captivado pela extrema
gentileza: A VOZ DO POVO, de Sorocaba;
GAZETA SEMANAL, de Pindamonhangaba;
RENASCENÇA, ITAPEERICA, GAZETA
DE QUELUZ, CONTEMPORANEO, OPINIÃO
NACIONAL, de S. Paulo; CORREIO DA
MANHÃ de Lisboa; COMMERCIO DO PORTO;
VASSOURENSE, CORREIO DE PALMA, TYM-
BURIBA, GAZETA DE BOCAINA, JUVENIL,
A TRIBUNA, CIDADE DE S. JOÃO, NOTI-
CIARISTA, COMARCA DE CALDAS, GUTTEN-
BERG, GAZETA DE PATANGUY, CORREIO DE
PETROPOLIS, DOIS CORREGOS, RIO GRAN-
DE DO SUL, COMMERCIO DE S. PAULO,
CORREIO POPULAR, TRIBUNA DO POVO,
A ACTUALIDADE, MINAS ACADEMICA e
GAZETA POSTAL, do Paris.

Factos e Noticias

Gentilmente convidados pelos Srs.
Brito & C., assistimos no dia 6 á inau-
guração do Café do Rio, ou antes, á
re-inauguração, pois na mesma casa e no
mesmo local já funcionou elle ha tem-
pos, e todos se lembram do excellente
moka que alli se bebia.

A's 12 horas, presentes os represen-
tantes da "Gazeta," "Jornal," "Paiz,"
"Correio da Tarde" e desta folha, man-
dou o amavel Sr. Brito abrir as garrafas
de champagne e n'uma delicada mesa
de doces e iguarias finas offereceu-lhes
primorosa merenda.

Chegado o momento solemne o nosso
veneravel collega da "Gazeta de Notí-
cias" brindou ao Sr. Brito, que encarregou
do agradecimento o nosso collega
Pereira da Silva.

A' sahida os representantes da im-
prensa foram mais uma vez obsequiados
pelo Sr. Brito com um kilogramma de
superior café em pó.

O salão destinado aos freguezes está
vistosamente preparado e decorado e
com certeza o publico não trocará o Café
do Rio por qualquer outro estabeleci-
mento congenere.

Falleceu e foi sepultado ante-hontem
nesta cidade, o Revmo. Padre José E-
mygdio Jorge de Lima, vigario de San-
t'Anna de Macacú, geralmente estima-
do pela sua bondade e caracter lhano.
Ao seu enterramento compareceo cre-
scido numero de amigos e sobre o fere-
tro viam-se muitas coroas.

Sentidos pésames á familia do finado,
que é uma das mais importantes do
Estado das Alagôas.

Acha-se enfermo o nosso bom compa-
nheiro H. de Magalhães, secretario da
redacção desta folha e por esse motivo
não publicamos hoje varias secções a
seu cargo.

HEROISMO

Lê-se n' "O Paiz" de hontem, subor-
dinada á epigraph "Revolta," a se-
guinte noticia:

"A's 5 horas vimos cair morto um
marinheiro de grande coragem e calma.

"Uma bala da fortaleza de Santa
Cruz cortou o mastro principal de Ville-
gaignon, onde estava arvorado o signal
branco dos revoltosos.

"Pouco depois subiu um marinheiro
ao mastro em que estava a bandeira na-
cional e, sob um chuva de balas de

fuzilaria, levou um novo signal, que
atou ao laes da verga.

"Nada o perturbava; mas, ao termi-
nar a operação, quando procurava des-
cer, foi apanhado por uma bala, que o
banhou em sangue.

"Ainda assim agarrou-se ao mastro,
mantendo-se por instantes abraçado á
columna em que fóra sacrificado, mas
caindo por fim e naturalmente sem vida,
pois a altura da queda bastou talvez
para matal-o."

Facto semelhante a este deu-se na
guerra da separação das colonias ingle-
zas nos Estados Unidos, ha mais de um
seculo. No bombardeio do forte de
Sumpter na cidade de Charleston, ha-
vendo sido cortado por bala a ponta do
mastro em que estava a bandeira, um
soldado subiu intrepidamente pelo
mastro acima e pregou a martello no
tope nova bandeira, debaixo de uma
chuva fortissima de balas, e, depois,
desceo tranquillamente, causando a
maior admiração esse acto heroico.

E' natural que o facto identico de que
nos dá noticia "O Paiz" e de que é pro-
tagonista um brasileiro, um compatriota
nosso, passe igualmente ao dominio da
Historia.

Tem estado enfermo o Conselheiro
Dantas, presidente do Banco da Repu-
blica do Brasil. Desejamos o restabe-
lecimento do benemerito brasileiro.

COM O CORREIO

Acreditamos ser necessario o estabe-
lecimento de uma secção fixa com o ti-
tulo acima, pois as reclamações que re-
cebemos sao incessantes. Sabemos que
o director dos correios não se preoccupa
com os nossos reclamos e si os registra-
mos é como satisfação aos nossos dignos
amigos a quem não podemos attender
como nos cumpre. Só fazendo uma ora-
ção a Sao Demosthenes.....

O Sr. Dr. Barata, morador em Tau-
baté, ainda no dia 7 escreveu-nos: "Bem
quizeram não vos incommodar mais, pois
esta é a "terceira" reclamação que vos
apresento. O correio porem obriga a
isto." Apoiado. Obriga a isto, mas
enquanto o governo não providenciar
o que podemos fazer?

Pedimos de mãos postas ao Sr. De-
mosthenes que se compadeça de nós.

Trecho de uma carta do Sr. Dr. G. R.
datada de S. Paulo.

"Ainda não li a SEMANA de sabbado
(hontem) que aqui só chega ás terças-
feiras.

"Os meus rapazes, que amam o ge-
nero, queixam-se da impossibilidade de
abiscoitar um premio attenta á demora
com que aqui chega a SEMANA. Dizem
elles que, sendo ella distribuida ahí aos
sabbados e só chegando aqui nas terças-
feiras etc...."

No entanto, saiba-o Dr. G. R., A SE-
MANA é postada na repartição geral dos
correios nas noites de sabbado e devia
chegar em S. Paulo nos domingos.

Mas...

No escriptorio d'A SEMANA, rua
dos Ourives n. 71, 2º andar, accetam-
se encomendas de trabalhos typo-
graphicos de qualquer natureza, ga-
rantindo-se a modicidade nos preços
e absoluta nitidez.

ANNUNCIOS**ESTABELECIMENTO
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO
DOS**

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado
115 — Rua Sete de Setembro — 115
Rua da Carioca, 12 e 14
FILIAL EM PETROPOLIS

**CHAPELARIA AMERICANA
EM FRENTE A' CASA PASCHOAL
CARVALHO PORTUGAL & C.**

133. Rua do Ouvidor, 133
Importação por todos os paquetes
Completo sortimento de chapéus para homens,
senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.
Rio de Janeiro

**FABRICA ORPHANOLOGICA
DE
FLORES ARTIFICIAES**

Ribeiro de Carvalho & C.
RUA DO PASSEIO
Têm sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas, flores,
etc., etc

**Gabinete de Cirurgia e Prothese Dentaria
DE
A. F. DE SÁ REGO**

1 — Rua de Gonçalves Dias — 1
Este importante e antigo Gabinete, tendo passado pela,
reformas exigidas pelos processos da moderna odontologia,
acha-se equiparado aos melhores da Europa pelos esplên-
didos aparelhos e instrumentos de que dispõe habilitando o
a apresentar trabalhos

ainda pouco conhecidos no Brazil

Collocação de dentaduras fixas, sem chapa, e sem extracção
de raizes ou dentes

TRAVAIL A PONT

Extracção de dentes sem dor, por meio do *Coryl* de
M. M. JOUBERT, de Paris. Apparelhos para correcção das
anomalias de implantação, obturadores para a abobada pala-
tina e veu do paladar, etc., etc.

Obturação e reconstrucção de dentes a ouro perfeitissimas.
Concerta-se qualquer dentadura que não esteja perfeita na
bocca, mediante pequena retribuição.

Consultas e operações das 8 horas da manhã
às 10 da noite.

RIO DE JANEIRO

Dr. R. Rajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas
Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

DR. VALENTIM MAGALHÃES

ADVOGADO

RUA DOS OURIVES N 71
SEGUNDO ANDAR
DE 1 A'S 3 HORAS

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade : *Partos e Molestias das Senhoras*

Residencia e Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

**PIANOS E MUSICAS
FONTES & C.**

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

Papelaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.
Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.

A SEMANA

DIRECTOR VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, rua dos Ourives n.º 71, 2.º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 18 DE NOVEMBRO DE 1893

EXPEDIENTE :

Assinatura annual.	12\$000
" semestral	7\$000
Numero avulso.	\$200
" atrazado	\$300

SUMMARIO.—Historia dos sete dias.—*J. do Egypto*; Notas Scientificas; No Silvestre, soneto—*Zalina Rolim*; Botanica Amorosa—*G. Redondo*; Astro e astro, poesia—*Martins Junior*; Chronica dos livros—*O Letudo*; A ti, soneto—*G. Fioravanti*; O soneto de Molière; Parvaso Alegre: A uma chinesa, soneto—*M. da Horta*; Depois—*Graindorge*; Confidencia, soneto—*Soares Junior*; Cofre das Graças—*Bibiano*; Factos e Noticias; Correio—*Enrico*; Tratos á bola—*Frei Antonio*.

Historia dos sete dias

"Balas, sangue, morte, lagrimas, sustos, boatos", eis o *menu* da semana — o mesmo das dez que a precederam.

É com isso que um pobre chronista como eu tem de encher os oito quartos de papel da sua obrigação! Confesso-me cansado. A imaginação nunca foi o meu forte e a minha memoria é como os papagaios falladores e as crianças habilidosas — justamente quando é preciso que exhibam as suas prendas, é quando não dizem, nem fazem nada.

Sem imaginação nem memoria é penoso o officio de chronista, porque lhe fogem os grandes recursos—o da invenção e o da evocação; nem cousas passadas nem cousas sonhadas. Que resta? Os factos da semana, as cousas de hoje.

Mas ha "onze sete dias" que não temos outro assumpto senão a revolta.

O chronista é uma especie de mestre Cook — tem de coser a sua chronica com os ingredientes que lhe fornece o tempo. Se este lhe dá os legumes tenros e variados dos sa-raus musicas e dansantes; as verduras frescas das galanterias, das festas; o *filet* macio e sangrento dos casos ponderosos — modificação ministerial, um decreto forte e impre-visto, um bom incendio, desses que reclamam o adjectivo "pavoroso" desde as primeiras labaredas. o passamento de um homem notavel por qualquer titulo, inclusive o de não ter nenhum; as costelhetas dos boatos—de carneiro, se o objecto delles é o povo, de porco, se é o povinho, de vitella, se é a "gente fina"; os ovos brancos dos projectos, dos planos, dos programas—de que saem muitas vezes pintos gorados e, além de tudo isso, a manteiga do commentario á

discrcção, se o tempo fornece ao cosinheiro da chronica toda essa materia prima, maravilha não é que apresente um jantar maravilhoso.

Quando elle, porém, não dispõe senão de agua, fogo e seixos, não pôde preparar sequer aquella sopa magnifica da anecdota, contada com tanta *véve* pelo saudoso Julio Cesar Machado—por lhe faltarem os adubos.

Ora, este pobre servo de Vossas Senhorias, não tem, ha quasi uma duzia de semanas, para o seu jantar sabbatinal, senão balas de todos os feitios e calibres, sangue, lagrimas, mortes, incendios, explosões, amarguras, calamidades de toda sorte. Que fazer com isso? Só sarrabulho.

Ainda se o pobre diabo de mim tivesse a liberdade da escolha dos adubos e das especiarias... Mas não senhor. Não ha de commentar, nem induzir, nem concluir, nem suppor, nem aconselhar, nem prever...

Só se lhe concede o direito de rir... delle proprio e o de chorar... em silencio.

É como se lhe despojassem o craneo de toda a sua massa nervosa... temporariamente; acabado o "actual estado de cousas", ella será reposta na sua caixa ossea e ao plumitivo restituído o direito de usar della como lhe convier.

Alguns collegas que tiveram a pouca vergonha de não dobrar os joelhos ante o altar da Santa Rolha e não entoar lóas em acção de graças por lhes haverem conservado magnanimamente a referida caixa, só lhes retirando o conteúdo, foram delicadamente suspensos com dois dedos e estão a esta hora a bambolear-se elegantemente, no alto, como esses bonecos que os meninos fazem no collegio e conseguem pregar no tecto por meio de um fio pendente de uma bola de papel mascado, que se adapta e gruda ás taboas.

Olhem, daqui estou a ver as meias roxas das pernas d'*O Apostolo*.

Lá se balança ao sabor do vento. Porque o elevaram tão alto ignoro. Não li o artigo peccaminoso; mas muito o devia elle ser, para que tão cruelmente fosse punido o t'n-surado e manso collegas.

Imagem *A Semana* suspensa... Uma senhora! Que indecencia!

Evitemos esse naufragio do pudor. Sacrifiquemos coñtricta e humildemente á Santa Rolha e digamos *amen* a tudo. *Amen!*

Uma rectificação, antes de pingar o ponto final nesta insulsa explicação da synalepha a que obriguei a historia destes sete dias.

Na transacta, tratando de Sua Graciosidade, o nosso mestre Machado de Assis, disse-me o chefe de secção.

Degradámo-lo involuntariamente.

Rebaixámo-lo de posto. Elle é um dos directores da secretaria da Industria e não mais chefe de secção.

Restituamos-lhe o galão subtrahido por descuido.



Um caso verdadeiro e interessante, que vou contar para encher o espaço que me resta.

Um amigo meu, que tem por distracção e estudo o costume de consultar os espiritos por meio de mesas rodantes e batentes, lembrou-se de interrogar a sua sobre o dia em que devia entrar a esquadra do governo. A mesa, condescendente, respondeu-lhe que no dia 10 deste mez, para que a 15 pudesse festejar-se, com o anniversario da Republica, a victoria da Legalidade.

O meu amigo, para julgar da credibilidade da informação spirita, interrogou varios amigos bem vistos no Olympo da Rua Larga, e, no fim, dizia-lhes que elle tinha razões para crer que era a 10 o grande dia.

No seguinte, no immediato e nos subsequentes chegavam ao meu amigo as mais positivas affirmações de que a esquadra do governo entraria a 10.

Não ha que ver, a mesa disse a verdade; pensava.

E olhe elle no dia 10 preparado para assistir ás annunciadas "grandes cousas!"

E nada! A mesa mentira, caçoara com o seu credulo consultante!

Como explicar, porém, a insistencia do boato marcando o mesmo dia por ella marcado?

O meu amigo veio ter a explicação por um dos delle, que lhe disse no dia 11:

— Ora sou um teu criado! Affirmaste-me que a *cousa* era para hontem e eu passei a noticia a meio mundo.

— Mas eu disse-te que a informação me fôra dada pela mesa...

— Sim, mas se eu sou spiritista! Acreditei tambem e affirmei a *cousa* á direita e á esquerda.

E dahi concluiu que o boato é um circulo vicioso.

José do EGYPTO.

NOTAS SCIENTIFICAS

Todas os animaes têm, mais ou menos, a faculdade de se orientar, isto é: de achar a sua moradia quando se ausentam em busca de alimento ou quando fogem do inimigo. Tal faculdade nota-se, porém, muito desenvolvida, nos passaros migradores, cujo typo mais conhecido é o pombo viajante.

Nos invertebrados o poder de orientação assiste principalmente ás abelhas, que pousam em varias fiôres e sabem voltar á colméa, muitas vezes distante, seguindo uma linha direita. E' mesmo apoiando-se neste facto que os caçadores de abelhas descobrem fácilmente as colméas: costumam elles soltar duas abelhas em pontos distantes um do outro e marcam a intersecção das linhas traçadas pelo vôo das duas abelhas; a colméa está sempre situada nesse ponto de intersecção.

Nos peixes essa faculdade tem sido menos estudada que entre os vertebrados superiores.

Entretanto, sabe-se que o salmão volta todos os annos ao mesmo lugar e acha facilmente, após mezes e annos e, através os meandros complicados dos rios, o caminho que o conduz ao arroio onde nasceu.

As enguias tornam ao mar depois de viagens consideraveis; as do lago Comacchio, proximo a Veneza, fazem grandes viagens sobre a terra e voltam aos mares, atravessando campos e praias, apesar de ser-lhes, naturalmente, desconhecida a situação da agua salgada.

Warden conta um caso ainda mais typico. Em julho de 1758, o Connecticut soffreu formidavel secca; um lago de cerca de oito kilometros quadrados, situado perto de Windham ficou completamente vazio. Esse lago abrigava muitos milhares de rãs, que cedo soffreram cruelmente de sede, e o regato mais proximo distava cerca de oito kilometros.

Pois bem, numa noute essa multidão de rãs poz-se a caminho para o tal regato, atravessando o povoado e interrompendo o somno dos habitantes, passados.

A orientação existe desde o nascimento e independentemente de qualquer experiencia individual.

Humphrey Davy diz que um de seus amigos descobriu certo dia na areia de uma praia da ilha de Ceylão, ovos de crocodilo; a curiosidade dominou-o; quebrou um dos ovos e vio o pequenino reptil dirigir-se immediatamente para o lado d'agua.

Deixarei de lado as migrações dos passaros, facto hoje geralmente conhecido; mencionarei somente um facto, tanto mais interessante por isso que não se deu com um dos representantes da especie migradora. Um falcão, enviado pelo vice-rei das Canarias ao duque de Lerme, em Andaluzia, logo que foi posto em liberdade, abriu largo vôo para sua patria e no curtissimo espaço de dezeseis horas estava de volta de Andaluzia a Teneriffe, onde chegou exausto de fadiga.

Nos mamíferos, exemplos semelhantes abundam. Todos conhecem os casos dos cães, dos gatos que, levados em cestos a distancia extraordinaria, voltam ao lugar de partida. O facto do cão da archiduezia Maria-Regina, que, levado de Menton a Vienna, voltou a Menton ao cabo de algum tempo é ainda mais significativo. Bory de Saint-Vin-

cent conta a anecdota seguinte: A' entrada do hotel de Nivernais havia um engraxador possuidor d'um formidavel cão d'agua, cuja occupação consistia em enlamear os sapatos dos transeuntes. O cão foi vendido a uminguez, que o levou para Londres; quinze dias mais tarde o mesmissimo cão achava-se de novo á entrada do hotel Nivernais. O caso do asno de Gibraltar, cuja authenticidade não pôde ser posta em duvida, é extraordinario. Que por mim falle Houzeau: "Em março de 1816, a fragata ingleza "L'Isler" embarcára diferentes animaes de Gibraltar. Um temporal sobreveio, mal chegára a fragata á ponta de Gat, na costa da Hespanha, a mais de trescentos kilometros do porto de partida. A posição do navio tornou-se em extremo critica; os animaes foram atirados ao mar na esperança de que pudessem alcançar a terra nadando. Um asno, entre outros, logrou chegar á terra. Esse asno havia pertencido ao carrasco e era empregado em prender criminosos que deviam ser vergastados; tinha, portanto, as orelhas furadas, segundo a velha usança hespanhola e este signal o tornava odioso aos habitantes, que por isso não quizeram asenhoriar-se delle. Devido a esta circumstancia, o animal achou-se em plena posse dos seus movimentos e poz-se a procurar caminho. O lugar era-lhe desconhecido, mas a direcção de sua morada imprimira-se-lhe no pensamento. Dentro de poucos dias estava elle na sua estribaria em Gibraltar."

No homem nota-se igualmente a noção da orientação, embora muito menos desenvolvida do que nos animaes.

Talvez isto seja devido á vida civilisada, pois na vida brutal, nos caçadores e nos selvagens, a orientação pôde ter grande desenvolvimento. Os indios americanos sabem caminhar com absoluta certeza e sem bussola, nas florestas virgens. Um facto curioso, narrado por Harry Fade ("Nature 1873") menciona que algumas vezes os guias na Virginia (Estados Unidos) são accommettidos por uma especie de vertigem de direcção; transtornam-se, ficam nervosos e dirigem-se em caminho opposto ao devido.

Qual poderá ser a interpretação destes factos? A resposta é difficil e todas as explicações são pouco aceitaveis.

Wallace e Croom-Robertson invocaram o sentido do olfacto.

Se o animal mettido n'um cesto acha o seu caminho é devido á serie de odores que foi sentindo e que descobre em direcção inversa.

E' certo que o olfacto do cão e de outros animaes é d'uma subtilidade maravilhosa e que, como criteriosamente diz Croom-Robertson, o mundo do cão deve ser um mundo cheio de impressões visuaes e olfactivas. Mas no caso vertente esta interpretação não basta, não considerando mesmo que o vento espalhe os odores tão facilmente como os nevoeiros.

Como se explica o caso de voltar o cão ao ponto de partida não pelo mesmo caminho, mas por um mais direito e, portanto, muito mais curto?

A vista pôde servir de argumento tractando-se de certos animaes e em alguns casos. Mas na maioria dos casos esse sentido não pôde ser invocado. Quando os pombos percorrem sem parar e sem previos ensaios centenas de kilometros, para que a vista lhes pudesse servir de unico guia seria necessario que elles subissem a uma altura a que não pódem absolutamente attingir, e, depois, como

explicar as travessias maritimas durante as quaes não encontram pontos de reparo, e as viagens á noite?

E' tambem necessario admittir a memoria das localidades onde jaz o pombo e os objectos circumvisinhos, mas essa razão não cabe em referencia aos paizes, cheio de detalhes, que elles percorrem. Tanssen explicou o instincto de orientação por uma sensibilidade particular ás influencias atmosfericas e especialmente á temperatura e ao estado hygrometrico do ar.

Parece-me, entretanto, difficil explicar deste modo a precisão admiravel do vôo dos passaros migradores. De Roo, accetando a influencia das condições thermicas e hygrometricas, acredita que a maior parte provem das influencias electricas da atmospherica.

Elle explica assim porque as perturbações atmosfericas impedem o pombo de se orientar e de obter o caminho devido.

Viguiet, n'um interessante artigo publicado na "Revue Philosophique" de 1882, emittiu a idéa (já dita por um anonymo na "Quarterly Review," de 1872,) que o magnetismo terrestre representa grande papel na faculdade orientativa. E' pois necessario admittir-se o "sentido magnetic." Nesta hypothese é preciso estabelecer um organo para o sentido de Viguiet e este pretende collocar o nos canaes semi-circulares, nos quaes muitos autores collocam o sentido do equilibrio ou do espaço.

A theoria de Viguiet é engenhosa e seductora, mas não se apoia em nenhum facto experimental.

Pelo que fica dito verifica-se que até hoje nenhuma theoria define completamente a faculdade de orientação, e eu não sei si essa faculdade constitue mesmo um sentido especial ou se é a resultante das sensações, impressões e lembranças; um acto ás vezes instinctivo e psychico, como tantos outros que se observam nos animaes."

H. BEAUNIS.

(Les Sensations Internes)

NO SILVESTRE

Verdor de folhas novas, tom sadio
De alegres cores na amplidão sonora,
Frescuras de arvoredo; e o céu vasto
De nuvens sobre o mar, que a luz colóra...

Caminho a passo: o mattagal sombrio
Rescende um cheiro bom, que revigora;
A alma contente o sonoro rio
Da inspiração desata azul em fóra...

Por entre o verde cortinado espesso
Mergulho a vista e aspiro o delectoso
E fresco odor do placido recesso;

—Nem um rumor na velludosa alfombra:
E, a custo, o meu olhar, pleno de gozo,
Vai penetrando mais e mais a sombra...

ZALINA ROLLM.

Rio, Agosto, 1893.

BOTANICA AMOROSA

II

"E' chegado o momento opportuno, minha doce amiga, de te explicar que nem todas as plantas são hermaphroditas, isto é, nem todas têm, como a ipoméa, os dous sexos reunidos e abrigados na mesma corolla.

"Muitas ha que, n'uma mesma haste, uma flôr contem o pistillo e outra o es-

tame, como a "Valisneria Spiralis;" e outras ainda existem, como a palmeira, que são inteiramente unisexuadas, porque cada individuo de uma mesma especie possui um só dos sexos, sendo em uns o masculino, em outros o feminino.

"As commoventes narrações dos peregrinos, que, annualmente, em caravanas, atravessam os desertos da Africa em demanda de Meca, contam que, em cada oasis onde a caravana pára e repousa, os beduinos arrancam das tamarceiras, que ali vegetam, as flores masculinas para levá-las ao oasis seguinte e espalham sobre as flores femininas o pollen fecundante.

"Este poetico estratagemma dos arabes encerra uma precaução necessaria para que nunca lhes falte a tamara — principal alimento dos caminheiros do deserto — que sem duvida poderia falhar, se confiassem exclusivamente ao vento o transporte do pollen fecundante das tamarceiras de sexos differentes, separadas por muitas leguas de areas inhospitas.

"E, assim, o arabe se transforma em mensageiro do amor da palmeira, que lhe agradece as infaveis caricias, presentando-o com o saboroso e nutriente fructo.

"Pois, como na palmeira, tambem na "Valisneria Spiralis" os dous sexos são separados.

"A "Valisneria" é uma planta aquatica, originaria do sul da França, que em vez de estender as suas folhas á superficie das aguas, como os "Nenuphares", vive nos fundos dos lagos como uma ardina silenciosa e esquiua.

"Imagina, pois, minha querida, que difficuldade não teria esta planta em fazer a fecundação das suas flores, que só se pôde effectuar efficaçamente nesse meio secco, se a natureza a não fizesse ardllosa!..

— Como procede ella então ?

"Ouve e pasma:

"Na época da florescencia, o pedunculo da flor feminina, que tem a fórma de uma espiral, desenrola-se e alonga-se, como uma mola, e traz assim a corolla desabrochada á superficie da agua.

"Mas, ao envez do que se dá com a flor feminina, a flor masculina tem um pedunculo muito curto e que não é espiralado, e, assim, não pôde elle alongar-se para trazer a flor á tona da limpha.

"Como se faz então a approximação dos dous sexos ?

"Por este meio engenhoso :

"Logo que as flores femininas elevadas pela spiral dos seus pedunculos, surgem á superficie do lago, as flores masculinas, impulsionadas por fremitos lubricos, destacam-se dos seus pedunculos e sobem tambem, como balões, á tona da agua, onde as corollas, livres de peias, começam a fluctuar como pequenos batels.

"Impellidas pela brisa e tambem pelo instincto sexual, que as leva a procurar a fema, as flores masculinas, inteiramente separadas da haste, vogam como gondolas amorosas por entre as flores femininas e as enchem de caricias e affagos, espalhando o pollen, que o vento e o insecto se incumbem de transportar até ao pistilo das suas doces amantes.

"E estas, apenas fecundadas, de novo enrolam a espiral do pedunculo e voltam silenciosamente ao fundo das aguas, saciadas de amor, para ahi se entregarem aos deveres da maternidade, desenvolvendo tranquillamente o ovario, que se transforma em fructo.

"Eis ahi a poetica historia das nupcias astuciosas da "Valisneria Spiralis"

"E a minha languida Phrinéa, pousando os seus labios humidos e quentes no concavo da minha orelha, murmurou docemente:

— Mas, isso é a commovente historia de Leandro, que atravessava a nado o Hellesponto para abraçar a formosa Hero, que o esperava na margem opposta.

— Exactamente. E não te parece tambem que essa flor masculina, que se desprende do pedunculo para vir fluctuar á superficie da agua, onde a espera a corolla da flor feminina, é Romeu que, em noites de luar, sóbe por uma escada de seda á janella, onde o espera ardente e tremula, a languida Julieta ?

— Um verdadeiro idyllo a pedir o arrabibil mourisco de um menestrel apaixonado. Noto, porém, que a natureza foi um pouco imprevidente com a "Valisneria"

— Como ?

— Se tivesse feito o pedunculo da flor masculina espiralado como o da flor feminina, a fecundação se faria sem tantas difficuldades.

— Engano, minha gentil Chlóc; a natureza foi exactamente muito providente não dando o pedunculo espiralado á flor masculina da "Valisneria" Se o dêsse, ella subiria á superficie da agua, mas ficaria sempre presa a esse pedunculo, muitas vezes a distancia consiveravel da flor feminina e sem ter a liberdade, que tem, de vogar e approximar-se da lasciva amante para levar-lhe os seus beijos ardentes.

— Tens razão, disse-me ella, aflagando-me o mento com a concha da sua mão alvissima.

Nesse momento, uma borboleta pequenina pousou no seu collo eburneo e ella, olhando para o insecto, perguntou curiosa :

— O que é isto que esta borboleta tem na tromba ?

"Inda é uma mensagem do amor vegetal, minha querida. Isso, que essa borboleta traz preso á tromba e que tem a fórma de uma pequenina cabeça armada de dois chifres, é a massa pollinica ou a pollynea de uma orchidea. Na orchidea, o pollen não se apresenta em poeira como nas outras flores, mas sim em massa glutinosa, a que se dá o nome de massa pollinica ou pollynea. E, a despeito da orchidea ser, como a ipoméa, uma planta hermaphrodita, a auto-fecundação não se pôde fazer, devido á estrutura especial da flor.

— E como se faz então ? perguntou-me ella, ardente de curiosidade.

— E' ainda outro idyllo, cheio de engenho e de astucia, como o da "Valisneria Spiralis". Para que o comprehendas, é necessario que eu te dê uma explicação preliminar: A organização da orchidea é muito diversa da das outras flores. Sem entrar em minucias, dir-te-hei sómente que a sua corolla é constituida por tres petalas, que em geral terminam em tubo, tendo a maior das petalas, que é a inferior, o nome de "labellum". Na estreita entrada do tubo, fica o "rostellum", orgão masculino onde estão as pollyneas ou massas pollinicas; na parte media do tubo, fica o stigmatum, que é o orgão feminino, e no fundo o nectario.

"Com esta disposição, a auto-fecundação não se pôde fazer, porque as pollyneas não se destacam com facilidade do "rostellum" e, ainda que se destacassem, difficilmente poderiam afagar o stigmatum da propria flor, que vive oc-

culto e retrahido em ponto escuro do tubo.

"Em taes condições, é o insecto ou a ave quem se incumbem da fecundação da orchidea. Na época da florescencia, o beija-flôr, por exemplo, desejoso do mel da orchidea, pousa no "labellum", que é o vestibulo da flor, e introduz o bico no interior do tubo da corolla, no intento de attingir com a lingua a extremidade do nectario. Nesse acto, o bico da ave toca fatalmente no "rostellum" onde estão as pollineas, e estas, destacando-se, adherem a esse biquinho ou-sado.

"Saciada a ave, vâ ella para outra flor, e, ao introduzir o bico no tubo da corolla, deixa adherente ao "stigmatum", que é em extremo viscoso, um pouco da pollynea que traz consigo. Assim se faz a fecundação da orchidea.

"Mas pensas tu, minha doce amiga, que esta operação, na apparencia tão simples, se faz sem artificios? Vais ver que não. Quando os chifres das pollyneas adherem ao bico da ave ou á tromba do insecto, ficam em posição vertical sobre esse bico ou essa tromba, e, nessa posição, difficultariam ou tornariam impossivel a introdução do bico ou da tromba no tubo de outra corolla, porque esbarrariam na estreita entrada desse tubo.

"Como procede então a natureza para vencer este obstaculo ?

"Com a seguinte astucia: produzindo nas pollyneas, que possuem um notavel poder de contracção, um movimento de rotação, no qual descrevem um arco de 90°, passando assim da posição vertical á posição horizontal. Em outras palavras: as pollyneas deitam-se sobre o bico da ave ou sobre a tromba do insecto e adaptam-se a elle no sentido do seu comprimento.

"E esta operação, que se faz sempre no espaço de tempo que o animal consome a ir de uma flor a outra, permite que elle introduza livremente o bico ou a tromba no tubo da corolla e faça a fecundação da flor.

E é por este meio engenhoso que esta borboleta, que pousou no teu collo, confundindo-o com um lyrio, vai ser o mensageiro inconsciente do amor das orchideas, que desabrocham em torno a nós.

— Curiosissimo! admiravel! exclamou ella, batendo infantilmente as mãos.

— E sabes quem descobriu este estratagemma das orchideas ?

— Não.

— Foi Darwin, o grande naturalista inglez.

— Darwin ? interrogou ella pensativa: esse sujeito que sustentou que nós descendiamos dos macacos ?

— Exactamente, minha querida, foi esse extraordinario pensador, que, levando a ascendencia humana até ao macaco, pôde tambem demonstrar á saciedade que as plantas, como os animaes, vivem e sentem, amam e odeiam, tem musculos e tem nervos e, o que é mais espantoso ainda, alimentam-se de carne, como nós e o tigre, e, ainda como nós e o tigre, preparam armadilhas para apanhar os pobres animaes incautos e devoral-os depois!..

— São, então, carnivoras e assassinas estas lindas flores, que eu suppunha tão innocentes e inoffensivas ?!..

— Nem todas, mas algumas ha que o são. E, como o dia continúa lindo e tu te mostras desejosa de saber, eu vou

contar-te a curiosa historia das plantas carnívoras. Queres ouvi-la?

Ella fez com a cabeça um movimento de assentimento e os seus olhos, brilhantes e negros, de novo se fixaram nos meus.

GARCIA REDONDO.

(Continúa.)

ASTRO E ESTRO

Na floresta de sôas da Nebulosa
Há muita fronde decepada. Aquella
Estrella, que ali vês, viva e formosa,
A tremer e a luzir na etherca téla,

Talvez não seja mais um astro vivo.
Porém brilhante sombra de algum mundo.
Que se apagou, e cujo brilho esquivo
Desce hoje lento pelo céo profundo.

Diz a Sciencia que assim é: que dessas
Ilhas de luz do pélagos dos ares
Muitas agora emergem das espessas
Trevas, como o santelmo arde nos mares:

—Solto, sem nucleo, estranho, peregrino
Nas azas da tormenta estertorante.
De modo que o que crês sol diamantino
Pôde de um sol ser o sudario errante!

E' assim que meu estro decadente
Brilha no céo da Arte e da Poesia:
Resta de um astro out'ora incandescente.
Elle atravessa a vastidão sombria

Da minha vida, como aquella estrella
Que vês além tremeluzindo e finge
Viver ainda na longínqua téla
Que a Nebulosa em cinto de ouro estringe!

Recife.

IZIDORO MARTINS JUNIOR.

CRONICA DOS LIVROS

CHIQUINHA MASCOTTE (contos) por IGNOTUS (Viveiros de Castro), Laemert & C., editores, 186 pags. Rio de Janeiro, 1893.

O Sr. Dr. Viveiros de Castro é um moço de trinta annos de idade, no mínimo, bacharel em Direito, promotor publico, advogado e escriptor ha "um bom par de annos," dez, pelo menos.

Não é, por conseguinte, um calouro das letras, um principiante, a quem a critica deva forrar de velludo a palmaria para attenuar-lhe os bolos e misturar o assucar da benevolencia ao acido citrico da analyse.

Não. A SEMANA, embora muito préze as qualidades pessoas do Dr. Viveiros de Castro e a sua competencia como jurista e representante da lei, sente-se no displicente dever de dizer toda a verdade acerca de S. S. como litterato.

CHIQUINHA MASCOTTE é um mau livro, um livro inferior, sem qualidades que o recommendem. Os contos de "Ignotus" não primam pela concepção nem pelo estylo; aquella é de uma banalidade desconsoladora e este de uma imperfeição e deselegancia deploraveis.

Além de serem muito corriqueiras e desinteressantes as cousas que se propõe a contar, "Ignotus" conta-as tão mal, tão sem graça, sem arte e sem engenho, que ao leitor ficar no meio do conto ou ir-lhe até ao cabo é de todo indifferente.

Enorme foi o nosso esforço para ler todo este livro e chegámos-lhe á derradeira pagina com um cansaço e um tedio esmagadores. O nosso exemplar está riscado e sarapintado de innumerables traços de lapis vermelho assignaladores de erros grosseiros de locução, de faltas

graves de syntaxe, de chatices de pensamento e joanetes de estylo.

E para que o leitor não nos julgue demasiadamente severos ou, o que é muito natural em nosso meio litterario e jornalístico, movidos de animosidade contra o autor de CHIQUINHA MASCOTTE, por despeito ou rixa velha, vamos sem demora fazer desfilhar-lhe ante os olhos alguns dos innumerables senões deste livro, sem commentarios, limitando-nos a aspar os pontos doentes.

"A politica proclamou a egualdade do homem" perante a lei..." (Pag. 1.)

"A policia descobre uma alluviação de parteciras que viviam de provocar abortos "em tímidas donzellas" e virtuosas viúvas." (Pag. XIV).

"Que perna teria apertado essa liga? Seria alva como o lyrio dos valles e a neve dos montes ou morena "como a opala" e o jambo?" (Pag. 19).

"Seria de uma carnação rosada como as mulheres do mar do norte ou de uma "pallidez de mate," poetica e delicada?" (Ibidem).

"Mas a mulher estava tão indifferente, tão alheia á minha pessoa que eu comprehendí não ser um homem para ella como a "litterata franceza (?) que se despia deante de seus criados." (Pag. 24).

(De certo, a tal litterata, que não conhecemos e com a qual o autor, haja talvez confundido a princeza Josiana, do "Homem que ri," — não era um homem).

"Um dia, tão acerba era a expressão do soffrimento "estampilhado" em seu rosto que Helena julgou ser tempo de perdoar."

"Tinha de novo e desta vez "para sempre o conquistado para si." E então sorrio "para" Paulo o perdão "que elle anciava no langor sombrio" daquelles olhos "verdes," de um verde da cor do mar, e seus labios se uniram na "synthese de um beijo." (Pag. 38-39).

"Era sempre visto nas "premières de todas os representações." (Pag. 42.)

"Frequentava elle a casa do commendador Tavares, "capitalista aposentado." (Pag. 44).

(E' do que ha muito agora, com os estouros do Encilhamento — capitalistas aposentados... "á força.)

"Mirandolina não vivia contente na companhia "deste seu marido...." (Ibidem).

"O que mais sedusia em toda ella (Mirandolina) era a poetica pallidez de seu rosto, uma carnação de leite, "picante e tenra como uma caça faisandée" (Ibidem.)

Um tal Cesario Bandeira era amigo "daquelle," marido de Mirandolina e amante desta.

Referindo-se ao casal, e ao "tertius gaudet," escreve o "conteur:"

"Se por acaso iam fazer algumas visitas ou passeiar em arrabaldes, o pobre Cesario fazia parte da "comitiva..."

(Que comitiva, se elle era o unico que acompanhava o aventureado casal?)

"Eu adormeci e sonhei. Achava-me em uma sala longa (maçálon...) ladrilhada em marmores de Carrara e de Paros..." (Pag. 68).

"Em "caçarolas" de ouro ardião as essencias do Oriente... (Ibidem) (Qui. dizer "caçoulas.") — Alvas (mulheres) como marfim de Normandia (?) (Pag. 69).

"A mulher é essencialmente vaidosa e nada "lhe" lisongia mais... (Pag. 74).

"E hontem eu vesti o meu fardão dos grandes dias para assistir-lhe" o "casamento." (Pag. 79).

"O que "lhe" attrahe..." (Ibidem).

"...já era elle conhecido em todos os circulos da gente aristocratica e elegante nas "premières das representações." (Pag. 78). (Outra vez as primeiras representações das representações?)

O conto "A Prova" é impagavel. Uma condessa de Branca Flor, altiva... como todas as condessas de "Ignotus", que tinha dentes "proprios para morderem a polpa assetinada de um pecego," mulherzinha romanessa e sentimental, que, havendo desposado um conde "fleumatico, positivo, incapaz de devancios, exaustado pelas "cocottes," teve a fortuna de conhecer o poeta Carlos Alberto, sympathico, insinuante, festejado. E amou-o, mas de um amor platonico, ethereo, puro. Acreditou que o poeta a amasse da mesma forma; e, para certificar-se disso, para pôr á prova o seu affecto que ella queria completamente immaterial, tentou uma experiencia: marcou-lhe uma entrevista no quarto de dormir e esperou-a toda núa, estendida no leito. O miseravel succumbio á rude prova.

"O que se passou ahi, não sei; conclue o narrador, não sei e se mesmo soubesse, nada diria. Nove mezes após, a Sra. Condessa de Branca Flor acalentava o seu primeiro filho e quando via no berço sorrir-lhe a criancinha, parecia acudir-lhe á memoria a triste recordação de uma creança perdida, e ella repetia, em voz de desalento e de dôr, o conhecido verso da opereta de Offenbach: — "Comme les autres, le comte Oscar."

Não sabemos que mais admirar aqui se a estapafurdicie da idéia deste conto, se essa infeliz condessa que repete "em voz de desalento e de dor" um verso de opereta, se a ignorancia em que está o autor, suppondo que aquella phrase franceza é verso e que se escreve daquella forma e tem o sentido que pensa ter.

Devemos continuar este respigar fatigante de senões e cochilos?

Não, paremos. Antes, porém, não resistimos ao prurido de fechar a série com o seguinte, que é de estrondo:

"Tu, meu "Ignotus," tu, que escreves para jornaes, porque não te occupas um dia desse amor que consagramos ás coisas immateriaes, que nada valem por si, mas que resumem um mundo de recordações? Uma flor secca, uma trança de cabellos, um anel, valem mais o que thesouros, e com a perda delles parece que a nossa alma de parte tambem, perdida a ancora que a agarra á vida."

Uma flor secca, uma trança de cabellos, um anel—cousas immateriaes! E' boa!

Para "Ignotus," são verdes todos os olhos femininos; todos os seios "tenros e rijos," abusa da phrase "ruminante satisfeito e farto," as mulheres morenas são morenas como as opalas, toda carnação é sadia etc.

Um desfilhar de logares communs e de repetições que dá somno.

Apesar de máus, contudo, ha entre estes contos alguns que o são menos que outros. Os tres primeiros, CHIQUINHA MASCOTTE, A LIGA AZUL, DIARIO DE UM ZANGÃO e o prologo, são soffríveis, lêem-se sem grande enfado, apesar de suas imperfeições.

No prologo, (Carta á mocidade) ha idéias sobre a moderna orientação lit-

teraria que não nos parecem aceita-
veis.

"Ignotus" vê superficialmente e dei-
xa-se levar pelo facil pessimismo da
moda. Mas faltam-nos espaço, tempo e
vontade para refutal-as.

Fal-o-á o leitor intelligente e culto
sem esforço, no correr da leitura.

"Ignotus" prepara dols novos livros—
"Questões de litteratura e de critica" e
"Idéias e Phantasias." Oxalá não se de-
morem, esperando como estamos de
que elles nos darão ensejo e motivo
para ser mais agradaveis ao distincto,
illustrado e operoso legista Dr. Viveiros
de Castro.

O LETUDO.

A TI

Ce que je te dis, Ninon, n'est
que pour toi—A. de Musset.

Tu que me lés, demora o olhar, querida,
Nesta sombria folha amargurada:
—Traçou-a a mão, de te acenar cansada,
—Ditou-a um'alma, já de ti vencida.

O sonho, o orgulho, a gloria appetecida
Aos outros gulam na arenosa estrada;
Mas eu fiz só de ti, oh! doce amada,
A gloria, o orgulho e o sonho desta vida.

Se acaso tu suspeitas desta charma,
Que eu escondo de ti, mas que tão cheio
O coração me tem que se derrama,

Tu, bella flor, por quem eu choro e anseio,
Vê se descobres de minh'alma o drama,
Rasga esta folha e esconde-a no teu seio!

GERVASIO FIORAVANTI.

Recife.

O SONETO DE MOLIÈRE

Recebemos dez traducções do soneto
atribuido a Molière, e por nós publi-
cado em o numero 7-8. Convidámos
para juizes do concurso tres illustres
poetas nossos, cujos nomes serão oppor-
tunamente publicados.

Enviámos-lhes as dez traducções co-
pladas por uma só pessoa, com letra
uniforme, e numeradas alphabeticamen-
te—de A a J, sem lhes fornecermos
nenhuma Indicação sobre a autoria de
qualquer dellas.

E', felizmente, conhecida a lisura
com que A SEMANA procede em todos
estes casos de plebiscitos, concursos,
premios, etc.

Por isso cremo-nos dispensados de
dizer mais sobre esse ponto.

Aguardando o resultado do julga-
mento, abrimos espaço á seguinte carta
de um dos concurrentes, o laureado
vencedor da traducção do primoroso
soneto de Soulayr—"Rêves Ambitieux"
e dirigida ao redactor-gerente desta
folha.

Meu caro Max Fleiuss

Respondo lisongeado á amabilidade
de sua carta.

Como a fortuna me bafejou no pleito
aberto pelo "Album" sobre a traducção
de um soneto de Soulayr, persuadiu-se
V. de que o meu amor proprio não dei-
xaria de me fazer acreditar que eu seria
o eterno vencedor de quantas pugnas
desta natureza vlessem a pelejar-se na
arena litteraria, e que, por esse motivo

me apressaria a concorrer á traducção
do bellissimo soneto proposto pela "Se-
mana."

Quando traduzi, por desenfado, o so-
neto posto a concurso pela sympathica
folha do Arthur Azevedo, estava tão
proximo de suppor que a minha tra-
ducção seria a preferida, como, quando
compro um bilhete de loteria, me aca-
rícia a esperança de que tirarei o pre-
mio grande. Se em alguma coisa me
fiei, foi em que os bons poetas, repu-
gnando-lhes constranger o estro indo-
mavel nos limites angustos de uma tra-
ducção, abandonariam o terreno estreito
á esgrima desordenada dos "dilettanti".

Dá-se o caso que, quando traduzi o
soneto "Rêves ambitieux," eu estava,
como sempre estive, inteiramente con-
vencido de que uma boa traducção de
um bom soneto é uma coisa simples-
mente impossivel. Não ha phrase que
possa ajustar-se rigorosamente em duas
linguas como em duas fôrmas iguaes.
Se acerta n'uma parte pela propriedade
da elocução, descondiz na outra pelo
descompassado o "numerus," se frisa
de um lado no cadenciado do ritmo,
desconcerta do outro na magnitude do
pensamento.

E, se assim é na prosa, que corre á
vontade, o que não será no verso obri-
gado a numero igual de syllabas e á
symetrica disposição de accentos, sem
falar na distribuição regular dos graves
e agudos, de partilha tão despropor-
cionada de lingua para lingua... E
acima de tudo no soneto, a mais difficil
das fôrmas do verso...

Além de que é muito contestavel a
gloria que possa advir de uma traducção
ainda soffrivel, visto como em muito
pouco depende ella do talento. E' um
trabalho de paciencia, relativamente
facil para quem, aparte o gosto pelas
bellas-lettras, é obrigado pela profissão
de ensinar linguas a exercitar-se diaria-
mente em justapôr e contrapôr os res-
pectivos vocabularios.

Já vê que, assim pensando das tra-
ducções, sómente por diversão de espí-
rito posso entregar-me a taes lucu-
brações, não me havendo passado abso-
lutamente pela Idéa concorrer á tradu-
cção do soneto "La Mort du Christ."

E d'ahi, quem sabe? Estou eu aqui a
dar-me ares de modesto e, afinal, bem
pode ser que o não pensar eu em con-
correr fosse receio, muito natural, de
que sendo vencido desta feita, viesse a
perder, por este feitio, a doce illusão
que me trazia embaldado de que sou o
primeiro traductor desta Capital, in-
cluindo os arrabaldes...

Pois para me castigar de tamanha
 vaidade e para corresponder á gentileza
da "Semana," apezar de quanto lhe
disse, ahi vae a traducção.—Seu affe-
ctuosos SILVA RAMOS—Rio—9—11—93.

PARNASO ALEGRE

A uma chinesa

Nem dahlia róxa, nem cravium jalde,
Nem mesmo a rosa que enfeitiga a abelha.
Nem mais viçosa flôr se lhe assemelha:
—Olga é a flôr mais viçosa do arrabalde!

A coma de oiro, ás vezes, que desfralde
—Como um labaro—peço-lhe e, de esquelha,
Qual ladrão, nella escondo-me e a vermelha
Bocca busco beijar-lhe... mas de balde!

Sempre que vel-a vou (dia de folga),
Dá-me um quitute de espinafre e celga...
Mas, qual a aspiração maxima de Olga

Ninguém, no mundo, certamente julga!...
—E' ter sómente um canariuho belga
E um vestido de seda côr de pulga!

MANOEL DA HORTA.

DEPOIS

(NUM CLUB ELEGANTE)

PRIMEIRO ELEGANTE—... Mas... com
Lili?!

SEGUNDO ELEGANTE—Sim...

PRIMEIRO ELEGANTE—Montes!
(Dá-lhe uma bofetada. Consternação
geral. Todos accodem.)

UM CRIADO—(á parte) E' a melhor
bofetada a que tenho assistido depois
da Exposição.

SEGUNDO ELEGANTE (friamente, tiran-
do o lenço do bolso) Bem, meu caro Sr...

PRIMEIRO ELEGANTE (n'uma compos-
tura correcta, como convem depois
d'um acto violento) Estou ao seu
dispor...

O CRIADO (á parte) Temol-a feita.
Amanhã batem-se.

(Os dois elegantes retiram-se comprimentando-se e dirigem-se aos grupos de
seus respectivos amigos. Conversam em
voz baixa. E' evidente que se trata da
escolha das testemunhas, que terão
immediato trabalho.)

O PRESIDENTE DO CLUB (pressuroso)
O que foi que aconteceu? (Explicam-lhe
tudo.) Ah! Ah! E o duelo está assen-
tado?

UM MEMBRO—Sem duvida!

O PRESIDENTE (com energia) E' im-
possivel!

SEGUNDO ELEGANTE—Hein?!

O PRESIDENTE (categorico) O duelo
não se realizará!

SEGUNDO ELEGANTE—E então, a bo-
fetada?

O PRESIDENTE—O duelo não se rea-
lizará nem amanhã, nem depois...

SEGUNDO ELEGANTE—Mas então
quando?

O PRESIDENTE (apontando para as
bandeiras russas que tremulam nas
janelas do club) Depois!

(Os dois elegantes comprehendem e
apertam as mãos... provisoriamente!)

GRAINDORGE.

(Do L'Écho de Paris.)

CONFIDENCIA

Morto, minh'alma ha de ir espaço a fóra
Ou n'um ralo de sol, ou de uma estrella;
E lá de cima ha de cair, donzella,
Nas lagrimas que a noite sempre chora...

E ha de brilhar do sol nascente á hora,
E uma vez no jardim, has de colher-a
No orvalho de uma flor; tu has de vel-a
Resplandeceudo á fulva luz da aurora...

Depois, a luz do sol, vaporisauo
As perolas de orvalho, irá levando
Minh'alma pelo espaço azul, infuado...

E sempre assim, cada manhã, querlda,
Verás nalguma petala caída,
A minha alma ir teu rosto reflectindo.

SOARES JUNIOR.

S. Paulo—13—10—93.

COFRE DAS GRAÇAS

SOBRE A REVOLTA

Confidencia de um pobre diabo a
outro:

—Vivo num susto constante. Quando
nã é o "Mano Lixo" (Manulicher) é o
"Corta-te-o cheque" (Kropatschek) ou
o "come bem" (comblain) me põe frio
na espinha. E o "olho forte" (holo-
phote) Que luz! Logo que ella se espar-
rama em cima da "Villagamão" (Vill-
gaignon) disparam os canhões de "ui

do oito" (Withworth), "medalha-d'ouro" (metralhadores), "canhões-revólves e tiro-raspe" (tiro rápido). Depois, ainda ha os "mosqueiros" (morteiros), os canhões "Cadé" (Canet), os "Malange" (Bange), os "rasgados" (ralados), os foguetes de conserva" (à Congrève), os "crakneis" (shrapnells), as "esganadas" (granadas), as "leis pernetas" (lanternetas) e a pólvora "seismatica" (prismatica), o diabo, para pôr um pobre diabo em pandarocos! Por isso compadre, quando se adoptou este regimen, eu disse logo que era muito "feder activo"!

—Então que diz V. deste estado de cousas?

—Homem, eu creio, que "os dois" acabarão por adormecer, um em frente do outro.

—Como faz V. para não parecer suspeito?

—Ouça lá! Sempre que passo em frente a um quartel, vou lendo "O Tempo" com grande attenção e exclamando: "Muito bem! Sim senhor!" Comprimento a todos os militares, elevando-os de posto uma "lagartixa" pelo menos. Se é um capitão, chamo-lhe major, se é um coronel, general etc... Não uso gravata branca. Quando estou em uma roda e ignoro qual o partido nella dominante, atiro esta phrase, com voz travada de indignação: "Que monstro!" e espero o effeito. Se este não se produz logo de modo a indicar-me o partido a tomar, limito-me a suspirar: "Que grande desgraça! infeliz patria! Pobre terra!" Mas se estou entre custodistas declarados, expando-me todo, aperto-lhes as mãos com entusiasmo e digo: "Parabens! Isto vale bem! O nosso homem está na ponteira!"

—E estando entre governistas?

—Ah! então, tomo uma attitude circumspecta e digo, abanando com severidade a cabeça: "E' preciso salvar o principio da autoridade. A indisciplina é a anarchia. Não sou partidario do homem, mas do representante da Lei. E' nosso dever sustentalo ou a hydra da caudilhagem dará cabo de nós."

—Donde é filho, camarada?

—Do districto — saldanha, meu tenente.

—Do districto que?

...saldanha, meu tenente.

—Não entendo. Que quer dizer?

—Quero dizer districto neutro, meu tenente.

—E o balão? Sê vero.

—Ah! foi um simples balão... de ensaio.

BIBIANO.

Factos e Noticias

Faz annos hoje a nossa distinctissima collaboradora, a Exma. Sra. D. Maria Clara da Cunha Santos. A SEMANA pede venia para complimentar á MIMOSA poetisa.

Foi demittido do cargo de director geral dos telegraphos o illustrado capitão de mar e guerra e notavel electricista Dr. Innocencio Marques de Le-

mos Bastos, que tão relevantes serviços prestou no desempenho daquelle cargo, e que ultimamente fez parte da commissão brasileira em Chicago.

Acha-se actualmente na pitoresca e saluberrima cidade de S. João d'El-Rey o nosso distincto collaborador Magalhães de Azeredo. De lá nos enviou prosa e verso de primeira agua, com que começaremos, de regalar os nossos leitores no proximo numero.

Regressou da Europa, cujos principaes paizes visitou, o illustrado clinico Dr. Odilon Goulart, pouco se demorando aqui, impaciente que estava de volver á sua clientella em S. Paulo, que tanto o estima e considera.

Até 16 de Outubro MADAME SATAN havia rendido ao empresario do VARIE-TÉS, de Paris, a bella somma de 120 mil francos, isto é: cerca de 111 contos!

Mas, francamente, a esplendida peça parisiense dispõe de todos os elementos: magnificos quadros, bellos vestuarios, musica saltitante, adoraveis raparigas e a interpretação endiabradissima de Jeanne Granier, Baron, Brasseur, Larouche e Lender.

Representou-se no mez passado em Paris no "Folies-Dramatiques" um interessante vaudeville em tres actos, de Sylvane e Clairville — "Patart, Patart & Comp.", que realisa o ideal do genero. A gargalhada começa ao ler-se o programma e augmenta sempre no desempenho do vaudeville, mormente no terceiro acto, em que ha um admiravel concerto instrumental, destacando-se um solo de clarineta por Segon e que constitue o "clou" desse ultimo successo parisiense. A protagonista foi a deliciosa Ivette Guilbert, que é tão encantadora como comediante quanto o é quando faz estalar os seus inolvidaveis "couplets"

A musica de Louis Gregle é adequada e agrada logo.

Pedimos a attenção dos nossos leitores para o annuncio do instituto Boscoli, desta capital, incontestavelmente uma boa casa de educação que tem como chefe um professor emerito.

AINDA E SEMPRE O CORREIO

Parodiando a famosa epigraphe immortalizada no "Jornal do Commercio" de antigamente, estabelecemos esta subsecção, que permanecerá até que não mais recebamos reclamações dos nossos assignantes.

Uma duvida assalta-nos o espirito; acreditamos que no Correio não consideram A SEMANA como um jornal e sim como simples impresso, e que, nesta conformidade, soffra ella a preterição que vulgarmente se dá com os impressos, os quaes não são expedidos quando ha falta de pessoal.

E' preciso, pois, que fique patente não pertencer A SEMANA á classe dos impressos, e sim á dos jornaes, e, portanto, a sua remessa deve ser feita sem a menor demora. Poderiamos invocar os textos dos regulamentos postaes da Suissa, Belgica e França, os quaes ventilam a differença acima; contentamo-nos, porém, com este simples argumento:

Os impressos, embora expedidos pelos seus editores, não têm um porte especial, ao passo que aos jornaes concede o

art. 18 do regulamento postal essa regalia. Ora, A SEMANA é porteadada com os sellos especiaes de jornaes...

E basta por hoje. Estamos ensinuando o Padre Nosso ao senhor Cura...

Carta do Dr. Garcia Redondo, de S. Paulo, datada de 14 do corrente:

"A SEMANA ainda desta vez só hoje, terça-feira, aqui chegou!..."

A POLITICA

Continúa a revolta de que é chefe o Sr. contra-almirante Custodio José de Mello e começada a 6 de Setembro, mais ou menos no mesmo pé.

Os jornaes governistas e o proprio governo recebem e aconselham paciencia esse xarope de bosque essencialmente brasileiro, á população, que vive afflictissima, tendo a vida arriscada a todo momento pelas balas de todos os feitios e calibres.

Numerosas tem sido as victimas.

E' tudo o que nos é permittido dizer sobre este desgraçado assumpto, attenta a suppressão da liberdade de imprensa.

O governo decretou o estado de sitio para o estado de Peruambuco até 30 do corrente, com o fundamento de haver-se estendido até lá a grave commoção intestina que agita o paiz.

O dia 15 do corrente, quarto anniversario da proclamação da Republica, foi commemorado, em terra, pela visita das guarnições e autoridades ao chefe da Republica e no mar pela suspensão das hostilidades e embandelramto em arco dos principaes vasos de guerra. A's pessoas que foram foram cumprimentol-o dirigio o Sr. marechal Floriano Peixoto algumas palavras, cuja summa, publicada n' "O Tempo," é a seguinte:

"Que muito tem apreciado o patriotismo de todos os corpos da guarda nacional e batalhões patrióticos que se collocaram ao lado do governo, não fallando no exercito nem na parte da armada porque isso era de esperar.

Que a revolta ha de ser abafada; tivessem confiança no gaverio, que nunca se sintiu fraco, ao contrario sentia-se forte bastante para consolidar a Republica, que será mantida enquanto existir o ultimo soldado brasileiro.

Que o governo geral ha de triumphar, e, se tem demorado a solução desta revolta, é porque uma esquadra não se improvisa de momento."

CORREIO

Sr. A. M. FILHO.—O que, homem de Deus? Você está brincando! Não; francamente! você não está falando serio! O que, creatura? Com esta cara mesmo? Não, tenha paciencia, esta não pega! Quem é que não vê que você está caçando com a "Jovina," quando lhe diz:

"Te ha de consolar esse presente ingrato... Eu sei!... Pouco mais queres do que o meu re- [trato... Onde se espelha um coração em flor!..."

Duvido! Então se você além do retrato lhe desse uma mobilia austriaca, por exemplo, e ahi um vestido... de chita mesmo, e uma lata de biscoitos finos e tal sim senhor, e mais umas bu-

gigangasinhas e cousas e etc, então ella não abafafa logo tudo? An! Você está no mundo da lua! Você não sabe o que é mulher!

Olhe:

Mulher é bicho,
Bicho é mulher;
Bicho que aos homens
Faz o que quer;
Que tem capricho,
Que é mui peior
Que os lobis-homens
Que um tambor-mór!

E fique-se com esta! e si com esta não se quiser ficar, então... então vá para o diabo que o carregue e deixe-se de escrever destampatorios!

Sr. CHIRICO CALIXTO. — A sua lenga-lenga intitulada "Carta," em verso, tem alguma graça, o que nos leva a crer que ser-lhe-ha reservado na "Collaboração" ou no "Parnaso Alegre," logo que possível seja, um logarinho. Ha na versalhada uns agudos mal collocados e outros pequenos senões; mas como o senhor fel-a despretenciosamente e pertence ella ao genero humoristico, tudo isso é relevavel. Breve, pois...

Sr. L. J.—Nunca, meu bom senhor, nunca! Fique sabendo. Será mais facil voar um elephante morto, com azas de mariposa, por cima do Pão de Assucar, ou será mesmo mais facil entrar o proprio Pão de Assucar dentro de uma canequinha de café, sem entornar este, conseguindo temperal-o, do que a sua gerigonça metrica entrar cá n'A SEMANA! Cure-a da lepra, e então, quem sabe? O mundo dá tantas voltas... Assim como ella está... nunca!

E cremos que não é preciso pôr mais na carta.

Sr. TOUR DE MAIN.—Passe de largo! Avance mais não morda!...

Então vossa mercê acha que a gente está com o estomago pouco embrulhado e ainda quer embrulhal-o mais? Pois não!... Olhe com os olhos e coma com a testa. Não chinca, não! Uma vez por todas: ao largo e breve!

Sr. F. SACRAMENTO.—Pois o senhor tem mesmo a pouca vergonha de copiar servil e descaradamente, verso por verso, aquella conhecida e pouco limpa poesia de Laurindo Rabello "As rosas do crime" ou coisa semelhante, e nol-a nian-dar como sua? Pois o senhor não vê que assim procedendo dá uma triste copia de si? Que aquillo é um libello accusatorio que o condemna como rato-neiro litterario e como um "sujo," que foi emporcalhar-se em laraplra exactamente uma patifaria, disfarçada apenas com a mascara do calemburgo? Que homem é você? Pois não é que o cal-pora, mesmo plagiando a poesia, conseguiu erral-a? Conseguiu besuntal-a de asneiras? O pinga-pulha, ó sarrafaçal, ó plca fumo!... Onde tem você os miolos? Na sola dos pés? Então lá dentro da cachola é o chulé que está governando? E' por isso que mette assim os pés pelas mãos, não é? Benza-o Deus e não o lamba o gato!

Quanto a sua estrumeira rimada, ponha-lhe em volta uma cerca de varas e plante-lhe couves.

Digo mal:—uma estrumeira com cerca de varas só pode cercar uma vara de porcos! Mas, cuidado! Ao prender os bacorinhos não vá você, por engano, metter-se no chiqueiro com elles!... Que seria dos bichos, coitados! Era o caso delles grunhirem:

— Sae, sujo!

ENRICO.

Tratos á bola

Jesus! meu pae do céu!... lá se foi tudo á guerra! Debandada geral! Que carnifeina!... Nem ao menos delxaram um TRATOSINHO de pé para semente.

D'aquelles perdi eu inteiramente a conta. Mas tambem, que diabo! com taes cabos de guerra não ba exercito de charadas que resista! Só Fricinal Vassico não tem acudido á chamada. E foi exactamente quando se lambeu com o bustão de general, que elle, o vencedor nunca vencido, lembrou-se de dar terra para feijões.

Em todo caso d'esta vez sempre botou a cabeça de fóra. Já era tempo senão seria considerado desertor.

O premo d'esta vez foi abiscoitado por P. K. DOR.

Seguiram-lhes as pegadas os TURUNAS seguintes:—FRICINAL VASSICO, PEPE, que continúa a mostrar-se sempre Thebas, FRITZ, que errou n'uma, e AMOR PERFEITO, que d'esta vez mostrou-se IMPERFEITO por ter errado em duas e VIOLETINA, tambem em duas e LILAZIA em tres. Eis quaes são, na opinião do TURUNA vencedor, as decifrações do numero passado:

- 1ª COPACABANA.
- 2ª URÚ.
- 3ª GOUVEIA.
- 4ª ASTRONOMIA.
- 5ª ROSALINA.
- 6ª JOSEFINA.
- 7ª AMANDA.
- 8ª THERMOMETRO.
- 9ª FALÇA.
- 10ª SAPATARIA.
- 11ª PACHUCHADA.
- 12ª PALITO.

Trago para hoje novidades palpitantes. Prasemos, portanto, á ordem do dia. Escorvar cacholas!

ANTIGAS

Leves pennas me sustentam—2
Duros bicos me perfuram—1
P'ra bem sentir o meu gosto
Fortes dentes me trituram.
Eu sou de Russia.
General valente
Quem for capaz
Que me metta o dente.

MARQUEZ.

Sem elle não vivo—1
Com elle vivemos—1
E' certo, bem certo;
Sem elle morreremos—1

Conceito vos dou
Meu caro leitor;
E' pesado officio
D'um bom ferrador.

MAFA & KEAN.

Se leva um r juntinho
Cança os membros e os fatiga—2
O trefego animalzinho—2
Não pára, sempre a correr—2
Vê se é puro o leite e o vinho.

FEROZ.

CHARADA EM BINUS

Numa bella embarcação
Encontrei um sacerdote,
Que matou meu pobre binus
Num momento! de um só bote!

AMOR PERFEITO.

LOGOGRIPO

Trazendo rol conhecido—4, 5, 6, 7, 2
Nesta cidade chegou—5, 7, 3
Vendo no pé do cavallo—1, 8, 7, 2
Atilado elle ficou—2+1, 5, 6, 7, 2.

CONCEITO

Eu faço parte de um todo
Possante, grandioso e rico,
Porém leitor (sem modestia)
Eu longe d'isso não fico.

PAU & LISTA.

BISADA

Na primeira tem demora
De bem curta duração

— R U —

E na segunda uma lamina
Que tem força de impulsão.

LILAZIA.

CASADA

Elle—Sempre ás pedras agarrado,
Acbal-o-ás na bumidade; } 2
Ella—Instrumento muito usado }
Fructo excellente e cidade.

FRITZ.

NOVISSIMAS

I

Silencio! quebra-se...—3

II

Seuho! na minha ira terei a fructa!—2, 1.

III

Homem! V. observon que descanso!—2, 2.

N.

Agora o DEGAS, primeiro com esta pergunta:—Qual o rei que se a gente lhe tirasse, já não digo o throno, mas tres syllabas, teria molestia de pelle?—

De pois e para conclusão, esta

ANTIGA

E' propria para viagem—2
E cousas dentro enerra—3
Seu brilho é uma intragem
Que encontra-se na terra.

E está feebado o parauso por hoje.
Ao 1º decifrador um premio zabumbatico e abacodabrante! A elle, pois!

FREI ANTONIO

P. S.

THIANOR. Agradecido pelo reforço que mandou.

NHÓ ZECA RÔXO. Merci. Cá recebeu a sua LETHA. Será queimada quando houver lugar ao forno.

VANÓRA. Sua cbanda cá fica á espera de espaço.

PAULISTA MONTEIRO. Gracias! Mande porém a decifração do seu logogrifo. Sem isto não peza. E disse.

De S. Paulo, vieram em 1º logar os NEOPHITOS PAULISTAS. Seguiram-se Mafa & Kean, Paulista Monteiro e Alva Colombina.

NEOPHITOS chegaram-se ao premo!

De Minas vieram Harry Clifford e Urubá Malandro & Rapa Queijo, mas não mataram todas. Portanto, chuchem uo dedo!

F. A.

A SEMANA

São representantes e agentes d'A SEMANA

Em S. Paulo — Os Srs. José Filinto da Silva e Achilles Spilborghs.

Em Santos — Os Srs. Azevedo Sodré Junior e Weinmann & C.

Em Campinas — O Sr. A. Genoud.

Em S. Carlos do Pinhal — O Sr. Carlos de Carvalho.

Em Tieté — O Sr. Jullo Garcia Vieira.

Em Ouro Preto — Os Srs. Zoroastro Pires e J. A. de Souza Vianna & C.

Em Juiz de Fora — Os Srs. Annibal Jaguaribe e Rodrigo de Souza Borges.

Em S. João d'El-Rey — O Sr. Arthur Alvim.

Em Barbacena — O Sr. Dr. Felleiano Penna.

Na cidade de Palma — Os Srs. Randolpho Barbosa & C.

Em Porto Alegre — O Sr. A. Mazon.

Na Parahyba do Sul — O Sr. Verissimo Paheco.

Em Campos — O Sr. Mario Fontoura.

Em Santa Theresa de Valença — O Sr. Antonio de Avellar Werneck.

Na Victoria — O Sr. Manoel Corrêa de Jesus.

Na Bahia — Livraria Olivieri, do Sr. Fernando C. Koch.

Em Sergipe — O Sr. Jacintho Gentil de Almeida.

Em Maceió — O Sr. Enéas Moreira e a Livraria Francino.

Em Pernambuco — Os Srs. Dr. Isidoro Martins Juuier e Hugo & C.

Na Parahyba — O Sr. Manoel Henriques de Sá.

No Rio Grande do Norte — O Sr. Manoel Coelho da Silva Oliveira.

No Ceará (Fortaleza) — Os Srs. Antonio Moreira de Souza e Joaquim José de Oliveira & C.

No Ceará (Baturité) — João de Pontes Medeiros.

No Maranhão — Os Srs. Ramos d'Almeida & C.

Omittimos os nomes de alguns amigos a quem escrevemos, porque não tivemos até esta data resposta das respectivas cartas. Uma vez, porém, que estas obgem, gostosamente incluiremos os que se dignarem acceitar a agencia da "Semana".

No escriptorio d'A SEMANA, rua dos Ourives n. 71, 2º andar, acceitam-se encomendas de trabalhos typographicos de qualquer natureza, garantindo-se a modicidade nos preços e absoluta nitidez.

ANNUNCIOS

ESTABELECIMENTO
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado
115 — Rua Sete de Setembro — 115
Rua da Carioca, 12 e 14
FILIAL EM PETROPOLIS

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A' CASA PASCHOAL

CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133
Importação por todos os paquetes
Completo sortimento de chapéus para homens,
senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.
Rio de Janeiro

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE

FLORES ARTIFICIAES

Ribeiro de Carvalho & C.
RUA DO PASSEIO
Têm sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas, flores,
etc., etc

PIANOS E MUSICAS
FONTES & C.

Rua dos Ourives 51
Telephone 1051
RIO DE JANEIRO

Instituto Boscoli

EDUCAÇÃO MORAL, INTELLECTUAL
E PHYSICA

Rua de S. Christovão 228

Estão funcionando todas as aulas.

O Director,
José Ventura Boscoli.

Dr. R. Rajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas
Residencia Praia do Flamengo n. 96
TELEPHONE 5032

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12
Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 — RUA DA QUITANDA — 23
Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

DR. VALENTIM MAGALHÃES

ADVOGADO

RUA DOS OURIVES N. 71

SEGUNDO ANDAR

DE 1 A'S 3 HORAS

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade : Partos e Molestias das Senhoras

Residencia e Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

Papellaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64
Importação de papel de todas as qualidades.
Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.

A SEMANA

DIRECTOR: VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritório, rua dos Ourives n. 71, 2º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 25 DE NOVEMBRO DE 1893

KXPEDIENTK:

Assignatura annual.	12\$000
„ semestral	7\$000
Numero avulso.	\$200
„ utrazado	\$300

As assignaturas terminam sempre em junho e dezembro

SUMARIO.—Historia dos sete dias.—*J. do Egypto*; O Primeiro Beijo, poesia—*Gonçalves Crispa*; Botanica Amorosa—*G. Rejoudo*; Comedia Ducal, soneto—*L. Delfino*; Crepusculo Final—*Magalhães de Azeredo*; Recordações—*J. Vicente Sobrinho*; Jonglerie, soneto—*I. Martins Junior*; Gazetilha Litteraria; A Proposito de Plagios—*Placido Junior*; Inverno e Amor poesia—*Beato Ernesto Junior*; Os Collegas; Factos e Noticias; Correo—*Eurico*; Tratos á bola—*Fr. Antonio*.

Historia dos sete dias

“Não somos nada neste mundo”!

Este profundo asserto, diz a anecdota que o proferio grave individuo da humana especie ante o cadaver de um mú.

Menos molesto, graças a Deus, escapa-me aquella exclamação ante a memoria do *Javary*—nem ante o cadaver pudéra ser, porque elle jaz no fundo do oceano.

E' verdade: “Nada somos neste mundo”. Sardinha ou baleia, elephante ou formiga, imperador ou moço de estrebaria, vaso de guerra ou casca de noz—tudo é atomo de pó que varre o vento da Morte: *tout passe*.

Ora quem diria a mim que aquelle formidando cetáceo de aço e bronze, especie de Kremlin fluctuante, que arrotava trovões e vomitava mólés de ferro, como um vulcão enjoado; que era o Adamastor, sem a oitava rima camoneana, das aguas placidas e lamentosas da infeliz Guanabara, flagello da misérrima Nitheroy e ameaça da forte legalidade; quem me diria que elle havia de perecer subitamente, rapidamente, com agonia mais breve que a de uma criança!

E' tal o terror que infundem os monstros, que não acode á mente assustada a possibilidade de sua destruição.

Em vão uos eusina a mythologia grega quanto é passageira e destructivel a possança maléfica dos monstros.

Minotauro, o homem-touro, filho dos amores de Taurus e Pasiphaé, que se nutria diariamente com sete mancebos e sete donzellas, não foi morto por Theseo, guiado pelo fio de Ariadne, no labyrintho de Creta, construido por Dedalo?

Não succumbio á espada de Perseo o moustro marinho que ameaçava a formosissima Andromeda, encadeada, nua e pávida, ao rochedo, por vingança de Neptuno contra Cassiopéa, a vaidosa?

E a hydra de Lerna e o dragão do Jardim das Hesperides, vencidos por Hercules, e o dragão e os touros ignivomos da Colchida, subjugados por Jasão, e todos os outros bicharôcos hybridos e truculentos que a fabula creou e cuja noticia uos transmittiram a lenda e a traicção, todos elles não nos eusiam a fraquesa dos fortes e a pequenez dos grandes?

Mas o medo vence a razão.

Por isso o fracasso do *Javary* espalhou em redor assombro e pasmo indisiveis, que foram repercutindo de alma em alma.

Enfardados com a monotonia da revolta, estagnada, e ameaçadora, por isso, como um pantano, pediam os mais impacientes um grande caso, um feito extraordinario e violento, que viesse restituir-lhes em força emmocionante, em abalo nervoso o que lhes ha roubado a revolta, privando-os de theatros, de bailes, de concertos, de passeios, de festiús, de todas as diversões habituaes.

O combate das fortalezrs tornara-se “carue de vacca;” os estampidos enormes, que, de principio, abalavam homens e casas, por fim, á força de serem repetidos quotidianamente, mal davam por elles os ouvidos e cessaram de perturbar o somno e a digestão.

Uma vez que o unico entretenimento que se nos deixou—os boatos, já era tambem de acção quasi nulla sobre os nervos, como os tiros, indispensavel fazia-se algo inventar...

E o Dedo da Providencia, defensor perpetuo do Brasil, veio ainda em soccorro dos flumienses moribundos... de tedio.

Elle, que para entreter-lhes os ocios, produzidos da suspensão do trabalho e paralysação dos negocios, empurrara o “*Republica e outros*”—como se diz em Juizo—para fóra da barra e ateiara fogo aos paíões de polvora do Mocangué e da Ponta do Mattoso, produzindo duas lindas explosões, não se fez surdo, ainda desta vez, aos rogos bocejantes de tantas e tão boas pessoas e... furou o costado do *Javary*!

Bemdicto e louvado sejas, o' Dedo, por haveres atirado ás famulentas pautheras do uosso tedio essa farta ração de interesse, que ha de alimentar-as tres dias!

Além da utilidade de apressar o desfecho desta insupportavel e dolorosa crise da vida nacional, teve outra, a seguinte, o naufragio

do *Javary*: deu uma pincellada de tragico no painel da revolta *ad usum Gallorum*...

Os fraucezes não podem consolar-se da “falta de tragico” das revoluções brasileiras.

Elles nos perdóam tudo, meuos isso. *Blasés* até á medulla, embotados de catastrophes europeas, alongam olhos esperançados para as longes e virgens plagas da America *hespanhola* (incluido o Brasil!)

Querem fazer do Brasil a *ménagerie* que os distraia. Vamos, meus irmãos, fabriquemos hecatombes para divertir a França.

Ella é tão nos-a amiga!

Prohibio a emigração de seus filhos para a terra da febre cõr de ouro—do nosso ouro, que lhe dá febre—; republicaua, guerréa a nossa republica, amesquiha os uossos feitos, troça e desmoralisa os nossos homens, calumia a nossa historia, a nossa geographia, os uossos costumes; magôa-uos, aviltanos, perseguc nos, desconhece-nos...

E que nos pede, em troca de tantos e tão excellentes serviços, de tanta e tão desiute-ressada estima?

Apeuas, a convenção litteraria e... um pouco de tragico.

Fabriquemos horrivel, manipulemos pavoroso para desenfaral-a, á inimiga das republicas americanas e amiga da autocracia russa.

Partiu-se-me de dó o coração, já combalido por tantos golpes, ao ler na *Revue Encyclopedique* de 15 de Outubro o artigo que uos dedicou o seu collaborador Albert Lefort—obra prima de mentira e disparate, maravilha de tolice e má voutade, e que termina com esta bomba real, *real* a todos os respeitois: “*Peut-être l'astre du duc Auguste de Saxe, petit fils de don Pedro II, qui servit parti pour le Brésil, se lève-t'il à l'horison; que le duc soit acclamé par tous ou qu'il doive au-si succomber un jour, peu importe: là bas les denouements ne sont pas tragiques*”

Lêram com attenção? E que tal! Que a monarchia volte ou não volte, que, no primeiro caso, haja de cair novamente, que importa? Isso nada faz ao caso. Tauto vale uma solução como qualquer outra, uma vez que todas ellas são comicas. Tudo é *pour rire*. E' tndo padega.

Por isso não veio fóra de tempo o naufragiosiuho do *Javary*, porque é possivel que *dame France*, lendo a descripção da catastrophe, se digne de ter para uós as seguintes benevolas expressões:

—*Pas mal, pas mal... Ça promet de finir bien...*

JOSÉ DO EGYPTO.

O PRIMEIRO BEIJO

(INÉDITA)

Comigo tinhas deixado
Da waia os doidos volteios,
Crença dos meus anhelos!
Em ondas sobre teus seios
Cahia o véu perfumado
De teus doirados cabellos.

Sosinhos! além nas fallas
Entre o cortejo das bellas
A farga, o dolo, a mentira!
Sómente ali tuas fallas,
A lua, o céu, as estrellas,
E das ramagens a lyra

Minh'alma, sonho ditoso!
Como a folha palpitava
Ao languor d'aquelle harpejo,
Que de teu labio manava;
Sorrias, lyrio mimoso!
Beijei-te... rapido beijo!

Estremeceste, e corando
A mão de branco enluvada
No seio a medo poisaste,
Silente, fria, magoada;
Ajoelhei-me chorando;
Num beijo me perdoaste.

Agora no meu retiro
Quando recordo o passado,
E nos meus braços te vejo,
Meu peito aneia, deliro!
Ergeu-me a um céu estrelado
Aquelle primeiro beijo!

1868

GONÇALVES CRESPO.

BOTANICA AMOROSA

III

O dia continuava quente e luminoso. De quando em quando, como que a pre-nunciar a approximação da tarde, uma brisa agradável, impregnada de perfumes agrestes, atravessava a floresta, fazendo rumorejar a folhagem. Uma ave pequenina e canora veio do alto pousar á margem do regato cantante e, depois de saciar a sede no fio crystalino, entou o seu trino festivo. Depois, essa avesinha saltou para um arbusto proximo e, de repente, eu e ella vimos a fronde desse arbusto mover-se, inclinar-se para o chão, unindo-se as suas folhinhas rapidamente umas ás outras, como se se encolhessem de medo.

E ella, a minha amada, surprehendida com o inesperado movimento da planta, perguntou-me, admirada e curiosa:

— O que foi aquillo?

— Aquillo é a "sensitiva", minha querida, uma das taes plantas que tem nervos.

— E o que foi que a obrigou a fechar as folhas?

— O medo da ave que nella pousou.

— O medo!...

— Sim; a sensitiva é dotada de uma sensibilidade extrema; basta um ruido, um ligeiro toque; a sombra de uma nuvem que por um momento obscurece o sol, um simples máu cheiro para determinar o fechamento rapido de suas folhas. E a prova de que é o medo que produz esse phenomeno é que, se transportares uma sensitiva em um vaso para dentro de um carro, ella se fecha ao primeiro movimento do vehiculo e fechada se conserva durante algum tempo. Mas, uma vez habituada ao movimento, ella reabre as folhas e as mantem abertas d'ahi por diante, a despeito de todos os choques e solavancos do carro. Ora, se é o movimento do vehiculo que determina o fechamento das folhas da planta, parece que, persistindo a causa, deve persistir o effeito. No entretanto, a causa persiste e o effeito cessa ao fim de algum tempo, o que prova que é receio de um

perigo qualquer proveniente do primeiro movimento que obriga a planta a encolher-se e que, dissipado o medo, ella volta ao seu estado natural, sem mais se preoccupar com o movimento do carro que occasionou o seu retrahimento e que agora já lhe não causa temor, porque se familiarizou com elle.

— Curioso, muito curioso!... repetiu ella fixando a planta.

— Curioso e commovente a tal ponto, que a proverbial brutalidade scientifica sensibilizou-se em presença do pudor esquivo da sensitiva. Os sabios que, em regra, despoetizam tudo o que ha de mais bello e poetico com as suas denominações horripilantes e gregas, deram á sensitiva o nome quasi humano de "Mimosa pudica", ao passo que o povo, aparentemente mais cruel com ella, denominou-a "Malicia das mulheres".

— "Malicia das mulheres!... repetiu ella, pousando de novo os seus olhos travessos nos meus.

E sorrindo infantilmente, com uma pontinha de remoque no geito do seu rosto faceiro, a minha gentil companheira murmurou offendida:

— E porque não "Malicia dos homens"?

— Não podia ser, minha doce amiga; a nós outros, barbados, falta-nos o pudor instinctivo e mimoso, que é o mais bello ornamento do teu sexo. E' a isso que o povo chama erradamente "malicia"; se se tratasse de homens chamarse-hia "maldade".

— Lisongeiro...

E, voltando-se de novo para a sensitiva, interrogou precipite:

— E esta é a unica planta que tem nervos?..

— Não; ha muitas outras, mas, evidentemente, mais crueis do que esta, que não faz mal a ninguem. Todas as plantas insectivoras ou carnivoras tem nervos, mas servem-se delles como armas ferinas para o assassinio dos pobres animaes que aprisionam.

"Darwin, o grande naturalista inglez, que mais e melhor estudou as plantas insectivoras, indica a existencia de mais de cem especies destes vegetaes curiosos.

— Mas, afinal, o que vem a ser uma planta carnivora?..

— E' um ser quasi como tu ou como eu, porque, como nós, alimenta-se de carne. Chamal-o-hias animal se este vegetal caminhasse. No entretanto a locomoção falta a alguns animaes, taes como os polypos e a esponja, que tem a apparencia de um vegetal, como elle, são destituídos de locomoção. E sendo assim, a planta carnivora, aparentemente, é mais animal do que vegetal, porque tem o movimento parcial das folhas, que falta absolutamente á esponja e ao coral.

"De resto, a carnivora é, como diz Darwin, uma planta que se fixa ao solo pelas raizes e que se alimenta pelas folhas.

— Tem então estomago a planta carnivora?

— Mais do que isso, tem o succo gastrico; a planta digere como qualquer de nós as substancias azotadas e como qualquer de nós assimila o que digere.

— Assombroso!..

— Tu já viste, minha linda curiosa, que as plantas tem coração e alma para amar, nervos para sentir, raciocinio ou instincto para agir e vaes agora ver que ellas tambem possuem visceras para digerir. Entre a grande variedade de plantas carnivoras que existem, as mais

curiosas são evidentemente a "Drosera rotundifolia", a "Dionéa muscipula" e o "Nepenthes". A "Drosera rotundifolia" é uma planta da flora europêa, de pequeno porte, que vive de preferencia nos logares humidos e cujas folhas tem a fórma approximada a uma colher cuja concha, quasi chata, é coberta de pellos ou filamentos, que se vão alongando do centro da concha para as bordas. Cada um desses filamentos possui na extremidade uma glandula que produz uma secreção viscosa e brilhante. Assim armada de pellos, a folha da "drosera" tem o aspecto de uma cabeça chata coberta de cérdas viscosas.

"Vamos a ver agora como a planta opéra para alimentar-se. Imagina que uma mosca descuidosa pousa na folha da "drosera". Como os pellos do centro são os mais curtos e estão sempre cobertos de visgo, o insecto que pousa entre elles sente desde logo difficuldade em mover-se porque o visgo o retém pelas pernas e pelas azas ao limbo da folha. Mas para que elle absolutamente não possa escapar-se dessa armadilha, os pellos dos bordos da folha, mal o insecto pousa entre os pellos centraes, começam a curvar-se lentamente para o lado do animal e, dentro de alguns minutos, cobrem-n'o com uma rede de tentaculos, que o não deixam mais sahir. Fica assim aprisionado o insecto e, desse momento em diante, começa a planta a opérra no sentido de o matar e de o digerir. Desse trabalho se incumbem os proprios pellos, que excretam o liquido viscoso, o qual representa o papel do nosso succo gastrico, destinado a dissolver ou digerir as substancias azotadas. E, assim, atacado por esse liquido em extremo corrosivo, o pobre insecto morre entre as garras da "drosera" e é por ella assimilado como um manjar delicado.

— Mas, é a descripção do polvo a que tu acabas de fazer.

— Precisamente, minha adorada amiga; a "drosera rotundifolia" é a "pieuvre"; essa pavorosa "pieuvre", que enlaçou o pobre Gilliat entre os rochedos do oceano. Mas, peor talvez que a "drosera" pela perfeição da sua armadilha é "Dionéa muscipula", que pertence a mesma familia, mas que só floresce na Carolina do Norte. Conheces a ratoeira de ferro, composta de dous aros eriçados de dentes, que esmagam o rato pela compressão violenta? Pois a "Dionéa muscipula" faz lembrar essa ratoeira. Imagina uma folha commum, delgada até certo ponto e que, de repente, se expande em dous lóbos, que se movem em torno da nervura mediana da folha como as azas de uma borboleta em torno ao thorax do insecto. Imagina ainda que cada um desses lóbos tem no centro tres pellos dispostos triangularmente e que os bordos desses mesmos lobos são eriçados de espinhos. Ahi tens a armadilha da "dionéa" muscipula. Como opéra ella? De um modo simplicissimo. — Os pellos dispostos triangularmente no centro dos lóbos são dotados de extraordinaria sensibilidade e excretam um liquido que attrahe o insecto. Apenas o incauto animal pousa na armadilha da "dionéa" e toca em um desses pellos, o systema nervoso da planta irrita-se e immediatamente os lóbos caminham rapidamente um para o outro, justapondo-se, como as azas de uma borboleta em repouso, e aprisionando o pobre insecto que, em balde, se debate dentro dessa prisão singular. A força de contracção dos lóbos da "dionéa" é prodigiosa e o insecto póde debater-se á vontade dentro

dessa prensa, que os lóbos não se abrem, mantendo sempre os espinhos dos bordos engrazados uns aos outros como dentes de entrozas, dificultando ainda mais a saída da victima. Ora, uma vez preso o insecto, começa então o trabalho de digestão da planta; o mesmo liquido excretado pelos pellos, que serviu para atrahir o animal, serve para dissolvê-lo e digerir-o. E assim, ao fim de algum tempo, o animal é comido pela planta e só então os lóbos reabrem á espera de outro. Tal é a "dionéa muscipula".

— Extraordinario! Estupendo mesmo! No entanto, se esta planta tem raizes, parece que também deve alimentar-se por ellas.

— Effectivamente, a "dionéa" como a "drosera" tem raizes, mas são tão curtas e tão pouco fartas que apenas lhe servem de base para fixar-se ao solo e para absorver a agua. O resto faz-se pelas folhas e, tanto assim, que a "dionéa" consegue viver fóra da terra sobre um pouco de musgo humido, como uma orchidea ou qualquer outra planta epiphyta.

— Curiosissimo. E a outra de que me fallaste?

— Nepenthes?... Essa é, de certo, a mais singular das tres. E' originaria de Madagascar e vive como a "drosera" e a "dionéa" nos terrenos humidos. A folha do "Nepenthes" tem no começo, junto ao caule, a fórma de uma de uma espada de dous gumes, cuja nervura mediana, de repente, se alonga abandonando o limbo para terminar em um ascidio operculado, que faz lembrar as jarras destinadas ao leite e armadas de tampa metálica. Esse ascidio, que é uma verdadeira urna, na qual o operculo faz o papel de tampa, é interiormente aberto de pellos, que excretam um liquido fetido como o da carne em putrefacção. O insecto, attrahido por esse cheiro, penetra na urna e naturalmente caminha por sobre os pellos que revestem o interior do gargalo. E, assim, irrita o systema nervoso da planta, determinando um movimento no operculo, que se abate sobre a urna, tapando a entrada e aprisionando o animal. O resto tu já o sabes: esse prisioneiro é digerido e assimilado pela planta, como na "drosera" e na "dionéa", e, uma vez feita a digestão da "Nepenthes", o operculo do "ascidio" torna a erguer-se, deixando a porta da armadilha aberta para a entrada de uma nova victima.

— Como é extraordinario tudo isso que descreves!..

"Uma observação ainda: deves ter notado que todas estas plantas carnivoras vivem nos terrenos humidos e alagadiços. Queres saber o motivo? E' porque são esses os logares mais procurados pelos insectos, porque nelles existe sempre uma composição permanente de substancias vegetaes e animaes devidas á fermentação produzida pelo calor e a humidade. Esses logares são, pois, propicios á caçada de insectos e por isso é que as plantas carnivoras os habitam de preferencia.

— O instincto vegetal.

— Dize antes: o "struggle for life".

— Admiravel tudo isso! Quanto desejaria eu ver uma dessas curiosissimas plantas...

— Estas, que descrevi, difficilmente podes ver, porque habitam paizes distantes: mas entre nós, aqui no Brasil, vegetam as "Aristolochias", cuja familia tem grandes afinidades com as "Nepenthaceas". A nossa flora, que é riquissima, possui mesmo a "Aristolochia

fetida", vulgarmente conhecida por "jarrinha", que floresce no campo e na matta e que também é munida de um ascidio ou urna destinado ao aprisionamento de insectos. A differença que ha entre o ascidio da "nepenthes" e o da nossa "jarrinha", é que naquelle o operculo move-se, ao passo que nesta é immovel. A armadilha da "jarrinha" é, pois, diferente da do "nepenthes" e basea-se na disposição dos pellos, que revestem o gargalo do ascidio, os quaes existem ali implantados obliquamente, dispostos de cima para baixo, de modo a facilitar a entrada do insecto e a diffcultar-lhe a saída, como as entradas farpadas de uma ratoeira de arame. Nestas condições, o animal attrahido pelo cheiro de carne podre, que se desprende da "jarrinha", penetra no gargalo do ascidio e vai até ao bojo; mas, quando tenta voltar, esbarra com os pellos, que se oppõem á sua passagem, e fica aprisionado. E assim é elle dissolvido e digerido pelo liquido excretado pelos pellos e que funciona com o succo gastrico.

— Assombroso! tão assombroso, que eu quizera ver para crêr.

— Minha querida incredula, estamos na floresta e quem sabe se entre tanta planta que aqui vegeta não existirá uma "Aristolochia fetida"? A tarde convida ao passeio e ás digressões amorosas ou scientificas; dá-me o teu braço, arregaça um pouco as tuas saias (eu tapo os olhos) para que se não prendam nos espinhos dos arbustos rasteiros, embrenhem-nos pelo matto e vamos á busca desse vegetal curioso, que tanto desejas ver.

E, depois de pousar os meus labios sobre o nacar da sua mão polpuda, deixámos a margem do regato crystalino e cantante e internámo-nos na floresta, braços e mãos entrelaçados, como um casal de zagaes amorosos em busca da ovelha perdida.

GARCIA REDONDO.

(Continúa.)

A COMEDIA DUCAL

(SOMBRA E RAIOS)

Quando da raça torpe e envilecida
Ouço o ruído atravessando os mares,
E, no olvido das lutas seculares,
Que os velhos reis levaram de vencida,

Batem palmas a um louco e dão guarda
A um senhor, que os jungir tenta em seus lares,
Grito, humilhado, pondo as mãos nos ares:
Oh! quem pudéra vomitar a vida!

Deusa, que das tunicas de linho,
Se ha quem na terra dos Dantes te affronte,
Abre as azas azues, põe-te a caminhar:

Tens nesta patria amplissimo horizonte,
Em cada grão de areia achas um pinho.
Achas um coração em cada monte.

LUIZ DELFINO.

CREPUSCULO FINAL

A lampada está a extinguir-se; mal bruxoleia já, em breves assomos, a lampada da vida... Mocidade exhausta e debilissima; é a aurora que de repente se tornasse em noite, sem passar pela candente luz do meio-dia... Assim definhava, em longos meses de enfraquecimento, aquelle triste de vinte annos; e immovel diante do crepusculo via estreitar-se-lhe cada vez mais aos olhos o horizonte que lhe parecera tão amplo, tão

radiosamente indefinido em sonhos de imperturbavel esperança.

Explicar como toda essa robustez fecunda que sentia nas veias e nos musculos se exgotara de modo tão imprevisto — nem elle o sabia, nem o sabia ninguém. Que raio de colera divina o fulminara? que maldição, que praga infernal o ia mirrando de instante a instante? Cada segundo que volvia ao passado, roubava-lhe alguma coisa; e o mais horrivel do seu mal era esse de pauperamento vagaroso, mas seguro, bem accentuado, palpavel quasi....

Reconhecer o saltador escarninho e perverso que o despojava do seu ser, do seu sangue, da sua medulla, e não lhe ser dado erguer as mãos para defender-se — renovar a lucta fremente de Jacob e do anjo — que, ao menos assim, tivera a agonia o relevo glorioso de um combate lealmente perdido. Não; a medicina disputava o terreno á morte, palmo a palmo; e o carinho da familia, os extremos de sua mãe, sobretudo, pareciam protegê-lo e atemorizar a fatalidade.... O seu caracter energico resistia também, e, em certos momentos, encarando face a face a idéa temerosa do nada, que á sua vista se corporisava, elle tinha nos labios um nobre sorriso estoico de desafio e desdem.

Então, o poder de uma vontade superior animava-lhe o organismo fragil, como um cordial maravilhoso; elle forçava o cerebro a pensar, a phantasia a crear formas opulentas, os pulmões — os miseros pulmões esphacellados — a respirar em plenos haustos o ambiente sadlo e fresco da primavera juvenil.

— Quero viver! quero viver! — dizia.

Viver! Esta palavra tinha um sentido magico para elle, e a sua alma se agarrava a todos os objectos que lh'a lembravam, com o vigor de um naufrago prestes a tocar o porto. Viver!

Mesmo da janella do seu aposento socegoado, como o universo se lhe offercia, vasto, rico, formoso, incommensuravel! Elle almejava, na sua ancla de viver muito, abrir os braços e abrangê-lo todo, n'um amplexo de fremente cobiça e de infinita ternura. Condemnado á melancolica reclusão, dando apenas alguns passos pelo jardim nas manhãs serenas de estio, o amor da natureza — intenso, phrenetico amor de homem primitivo — o arroubava em extasis de ambição desregulada; elle se achava pequeno, miseravel e queria "sahir de si mesmo"; crescer, crescer, e espalhar-se pelo mundo inteiro, transformando-se na "alma rerum" do ideal pantheista.

Viver! mas isto sim, que seria viver! Ser astro e flor, lago e bosque, chamma e brisa, aroma e luz, aguia e leão, nuvem e oceano — ser Tudo!

E a imaginação do enfermo, como o ginete de Mazeppa, galopava ás soltas pelo cahos do desconhecido e do impossivel; e regressava de lá exausto, dolorosamente desequilibrado, para perder-se de novo nos desvarios da febre.

Febre constante e pertinaz, que o devorava como fogo. Era uma pira o seu corpo vacillante, a pyra do ultimo sacrificio aos deuses! Ia sahir dali consumido, e aos vermes da terra pouco lhes custaria levar a cabo a obra de destruição....

Ao despertar do delirio, ou do sono comatoso que de vez em quando o prostrava, elle via, velando ao pé do leito, o Spleen, filho do tedio e do pavor, monstro de olhos felinos, companheiro sinistro para muitas horas de jornada. Fitava-o aterrado, a esse phantasma

precursor da Morte; e, em torno d'elle, e em toda a parte, sombrias visões se accumulavam.

Era-lhe então mais pungente que nunca a saudade dos bens que não gozara, a nostalgia do paraíso de felicidade que não possuiria; e dominava-o todo a convicção da impotencia humana, victima de uma Lei descaravel, que nem revoltas, nem lagrimas, nem preces conseguem desarmar da sua imutabilidade.

Resignava-se; para que combater? dava-se por vencido. A sua resignação, porém, em circumstancias taes, não era dessas que em si trazem um conforto intimo e uma serenidade sobrenatural; era a resignação amarga e corrosiva dos que cedem tudo a um inimigo cruel, que á suprema força reúne a astucia suprema...

Tudo o que ideara! tudo o que o seduzira em tempos melhores!... O' bolhas de sabão irisadas! ó fulgores fatuos que vos evolaveis do chão corrupto de um cemiterio! Pois era dessa maneira que a sorte correspondia aos seus votos ousados, aos seus anhelos palpitantes? Não obteria nada? Então, por que desejar tanto? Por que não nascera estúpido, bruto, exclusivamente material, incapaz de comprehender mais que o visível, o tangível? Não fora melhor mil vezes ser um ente inferior, um homem-animal—talvez um animal posante e vullido, que só a velhice aniquilaria? Oh! que inveja! que inveja tinha elle ao bronco e solido lavrador que ali, no proximo campo, rasgava rudemente os seios da terra, interrompendo o trabalho duas vezes ao dia, para comer como um touro e emborcar enormes canecas de vinho!

— Feliz—pensava—feliz aquelle! Vão lá fallar-lhe de sciencia e de gloria, de amor e de arte, de qualquer dessas chimeras ócas com que me embriaguei desde a infancia! Elle não é tão louco que troque por illusões perigosas uma só migalha do seu pão quotidiano...

A força physica! a saúde! eis ahí a aspiração irrealisavel do seu espirito de doente. Fraco, humilhado no seu proprio conceito, precisando de alheio socorro para a minima coisa, encarnava na saúde, fibrosa e sanguinea, corpulenta e elastica, o dom mais precioso da Providencia. Ella valia mais que o talento, mais que a virtude; e, quando essa idéa se exacerbava, tomando a violencia de uma allucinação, o pobre tísico chegava a confessar, com um sorriso triste, que Chopin nada era, na sua belleza rachitica, ante qualquer Hercules de circo...

Quando os negros pensamentos o atormentavam, só havia para elles um lenitivo—a musica. Esta sempre exercera no seu temperamento um influxo benefico; mas, ao decorrer da molestia, o ouvido se lhe apurara, os nervos haviam adquirido uma vibratibilidade mais aguda e subtil, que lhe permittia apprehender nuanças imperceptíveis para os outros, haurir o perfume, a côr, a alma das notas, como si ellas foram seres vivos...

Sua irmã, docil e bondosa, que o estremecia com verdadeira adoração e lhe adivinhava os mais occultos desejos, sentava-se ao piano; alta, de louros cabellos, de formosura grave e piedosa, trazia á mente a imagem de Santa Cecilia, tocando sacros hymnos no harmonio legendario... Chopin era o autor predilecto do enfermo; seduzia-o por muita coisa da sua mysteriosa existencia; mor-

raera joven, tísico; um amor ardente, impetuoso, invencível o consumira, nos braços de uma mulher illustre; e o seu genio original, requintadamente sensível, sabia traduzir todas as torturas de um coração insaciado, todas as afflicções de um organismo doente, todas as duvidas de uma alma essencialmente moderna. Naquelles accordes elegiacos, de uma delicadeza morbida e trabalhada, o moço infeliz, vacillante á beira do tumulto, descobria melhor que em si proprio essas emoções da ultima hora, que só á musica é dado exprimir.

No canto mais obscuro da sala, reclinado na preguiçosa forrada de pellucia, elle escutava attento, embevecido; sobresahia na penumbra a macillenta brançura do seu rosto, e a extranha fixidez do olhar, abrazado de febre. Entre elle e o espirito do compositor, que sua irmã tão bem interpretava, ia-se travando um desses dialogos complicados e transcendentos que ninguem—afora os interlocutores—póde comprehender. Conversações como nós temos não raro com um grande poeta atravez das suas estrophes—conversações com almas immortaes, que pairam em mundo superior ao nosso...

Outras vezes, era elle mesmo quem entregava ao piano as suas derradeiras confidencias. Pelas teclas sonoras deslissavam os seus dedos afflados, pallidos como ellas, de marfim exangue; e alavava-se pelo ambiente uma harmonia tremula, suave e lacrymosa como o extremo queixume de uma vida que se esvahe... Elle não se detinha nos trechos de Chopin; inspirado, tornava-se creador; e, sem que a minima fadiga revelasse o seu esforço, compunha melodias novas sobre o motivo—sempre o mesmo, porém inexgotavelmente vario—das aspirações humanas vencidas pela fatalidade.

Então, possuido de uma chamma interior, cujos reflexos o transfiguravam, expandindo-se em aureolas matinaes ao redor da sua fronte, sabia de tal modo transmittir á musica, que ninguem a ouvia sem se commover profundamente; os gemidos lancinantes, os flebeis suspiros que o contacto de suas mãos arrancava ao teclado, despertavam por seu turno em outros corações fremitos de dôr, arrepios de angustia, longas palpições de ternura... Como no celebre quadro "A ultima inspiração de Weber", parecia que a seu lado se condensassem em doces vultos femininos as visões da sua phantasia enamorada...

N'um dia esplendido, em que o sol rutilava no firmamento sem nuvens—ouro sobre azul, ó Natureza cruel—um accesso de tosse mais forte, uma suffocação de garrote, uma hemoptyse aterradora, o prostraram sobre o piano, quando, esquecido talvez por momentos do seu mal, se extasiava nos prazeres divinos da arte...

Foi para o leito, e não se ergueu mais. Dias de desalento e horror, noites tenebrosas de insomnia, povoadas de pesadelos e de sombras más! e, por fim, a morte... Nos derradeiros instantes, as suas mãos se moviam, tremulas e incertas, na alvura dos lençoes, como si percorressem as teclas n'um improviso caprichoso; depois, agarraram o crucifixo, immobilisaram-se, rigidas e marmoreas. Elle havia expirado.

O piano jaz agora, quieto e mudo, abandonado. E' uma reliquia de familia. Ninguem o abre mais; cobre-o de aito a baixo espessa capa, e sobre esta os annos têm ajunctado camadas de

poeira. Talvez, ainda, algum queixume de outr'ora, perdido e frouxo, erra ao longo das teclas; mas já não as affagam mais aquelles dedos afflados, pallidos como ellas, de marfim exangue...

MAGALHÃES DE AZEREDO.

S. João d'El-Rey, 11-XI-93.

JONGLERIE

(UMA SCENA DO SEculo XII)

Castello medieval: — ninho graniteo
A destacar n'um canto de floresta,
Sob um azul, que ninguem ha que ste-o
Tanta é a luz que banha-o. Arde em festa

O risonho solar... E vac passando
Em frente n'um delirio exul de cantos
Um trovador errante, que cantando
Deixa a floresta cheia de quebrantos.

Fazem-lhe aceno do castello, Aeóde;
Entra, e os convivas pedem-lhe uma ode
Ode de amor, como as de Anacreonte.

O menestrel tange a guitarra então;
Mas não tem voz... Morre-lhe a inspiração
No olhar da castella que tem defronte.

ISIDORO MARTINS JUNIOR.

Recife.

RECORDAÇÕES

A VALENTIM MAGALHÃES

Jacques, meu querido companheiro de infancia, lembras-te da cidadezinha risonha em que nascemos, da cidade em que nos educámos, lado a lado, com a nossa velha mestra D. Rita?

Quantas recordações! Hoje, ao escrever-te, como ellas se me avivam, como me vêm em tropel á mente os seus rusticos habitantes, os seus arredores, o morro, o circo cheio, a politicagem, tudo emfim como que renasce ao lembrar-me de ti! Parece-me sentir ainda o perfume das flores do matto e ouço ao longe o menino da rabeça a tocar o final da "Traviata."

E os passeios á venda da velha Conceição, encoilhada, encarquilhada a um canto, a vender-nos pés de moleque, os melhores que tenho visto! Lá ficavamos ouvindo a velhinha contar casos da revolução de 42, toda a tarde, sentados á porta, eu em extasi mudo perante a Natureza, que desde pequeno adorei, olhando embevecido os altos troncos nus dos jequitibás e a floresta que além subia. Pelo caminho da cidade um ou outro cavalleiro vinha erguendo nuvens de pó, com sua capa branca a voar e o palha enorme a tapar-lhe o rosto.

Lembras-te do Americo? Como ficavamos contentes ao vê-lo vir vindo do outro lado, da floresta, com o seu carro de bois carregado de tóros de madeira, e á frente de grande agulhão: "Eh! Brillhante. Eh! Mansinho", a tocar seus bois, seus companheiros, como elle os chamava, que vinham descendo! Sempre parava á porta da Conceição para beber a sua pinguinha, emquanto os bois, seguindo de vagar, iam fazendo ranger o carroção. Lembravas-te então de encarapitar-mo-nos em cima da lenha, e assim voltavamos para a cidade, ao escurecer, vendo além no morro o ultimo raio do sol morrer n'uma grotta, e o Mansinho mugir, voltando-se para o Brillhante. "Conversam os boisinhos" dizias-me baixo, chegando-te mais perto, emquanto eu rezava uma oração que mamãi me ensinara, ouvindo na cidade o sino da matriz dar as Ave-Marias.

— Eh! Brillhante. Eh! Mansinho—dizia o Americo, á frente, tocando com

o seu comprido agulhão os companheiros.

Viamos os primeiros pontos luzentes de um ou outro lampeão de kerosene e entravamos na cidade, melo a dormir com o lento balancear do carro e vendo surgir por detrás da Igreja a lua — tua primeira namorada, a quem fizeste os primeiros versos, que teu palha contente ás visitas.

Às vezes o largo da Matriz estava deserto; outras vezes erguia-se nelle o circo de cavallinhos, para grande gaudío nosso, que lá iam bater as mãos de enthusiasmo, ou fechar os olhos, assustados, se algum artista fazia evoluções arriscadas no trapezio. Iamos para as galerias com o Diniz, o esprevidado moleque de tua casa, que nos divertia com chamados á scena e bravos ás artistas mais bonitas, chefe do partido da Marquinhas, a moça galante, côr de jumbo, que saltava arcos de papel, para quem elle sempre arranjava um raminho de violetas, que lhe la levar no intervalo, contando-nos proezas quando voltava:

— Ih! Nhônhô Jacques, que pernas!

E ria-se perdidamente, mostrando seus dentes brancos, enquanto tu prometias queixar-te á mãe do Diniz, a velha Thomazia, que fôra tua ama de leite, e que com uma vara de marmello ainda castigava o filho, já grande. Mas não te queixavas, bem sabla o moleque, a quem ás vezes também pedias que te levasse "lá" para ver aquella pequena que trabalhava no trapezio e que se chamava a... a... Nem me lembra já, meu amigo, como ella se chamava, a menina do trapezio, com seus cabellos soltos e os olhos verdes, com a boquinha sempre a sorrir e a atirar beljos para todos os lados.

O seu nome fol-se-me, esqueci-o, mas a sua figura, como vês, ficou-me, e, fechando os olhos ainda me parece vel-a a balançar-se no espaço...

No dia seguinte contavamos aos meninos da escola o que vramos—alguns já tinham lido, outros iam naquella noite, e outros... e outros nunca iam, como o filho do Brum o sapateiro, que nos ouvia tão triste, o coltadito, e que nos fazia repetir as pilherias do palhaço que trazia sempre um "relógio" no "az" dos calções... Lembras-te do palhaço, Jacques? Tenho visto outros, muitos outros (não só nos circos, como na vida real), mas nenhum me fez rir tanto. E o Brum não se cansava de ouvir-te, fazia-te contar toda a função, e assim se passava o recreio, ind) tu ainda contar a pantomima na sala de estudo, disfarçando, fingindo que estavas lendo, para a D. Rita não perceber, e enthusiasmo pela attenção e risos abafados do italianito, distrahiás-te e elevavas a voz...

— Jacques! — gritava a velhota — Silencio.

Ouviam-se as moscas voar, e olhavas de soslaio a D. Rita, que, sentada a uma mesinha, puxava agora seu grande lenço de ramagens, cuspiá nelle e, dobrando-o, o guardava.

Já me estou estendendo muito; adeus, meu caro Jacques. Quantas saudades dos tempos da meninice e como eu sinto ainda, ao escrever-te, o perfume agreste das flores do matto! como me parece ainda ouvir os contos da Conceição e o Americo ao descer a floresta.

— "Eh! Brillhante, Eh! Mansinho, Eh!"

JOSE' VICENTE SOBRINHO.

S. Paulo, 1893.

GAZETILHA LITTERARIA

Publicamos hoje uma poesia inédita de Gonçalves Crespo, intitulada "O primeiro beljo".

São umas ligeiras e delicadas sentilhas, escriptas em 1868.

Devemos a felicidade de brindar os leitores d'A SEMANA com um inédito do primoroso artista das "Miniaturas" e dos "Nocturnos" á extrema gentileza do nosso collaborador Dr. Garcia Redondo, que foi amigo particular e discípulo do poeta em Coimbra.

Sobre a authenticidade do autographo não temos a minima duvida, não só pela pureza da fonte de que nos veio, como por ser a letra innegavelmente a do saudosissimo poeta.

Ao mimos fantasista dos "Arminhos" confessa-se muito reconhecida esta folha pelo régio presente com que a honrou.

No proximo numero publicaremos uma poesia inédita de Gonçalves Dias.

Fica prorogado por mais 15 dias, a contar de ante-hontem, o prazo do 2º plebiscito litterario.

A PROPOSITO DE PLAGIOS

O meu amigo particular e distinctissimo poeta Victor Silva, ha dias vendome na rua do Ouidor, travou de minha mão com toda a resistencia da nossa amizade—e esboçando um sorriso, d'aquelles, que nós bem conhecemos, atirou-me essa granada que varou-me o cerebro e fez explosão, no cantinho onde guardo a poesia:

— Placido Junior accusado de plagio do Sr. Bento Ernesto Junior, "Gazeta de Pitangua."

Fiquei aterrado; sem pinga de sangue. Disse-lhe; conta-me isso, como fol? Onde, como se deu o caso?

Então o meu adoravel amigo disse-me que o Sr. Bento escreveu á SEMANA uma carta em que dizia ter encontrado muita semelhança entre um soneto meu, e uma chroniqueta "gelada," é o termo, que com seu nome por leme, singrava as encapelladas columnas da "Gazeta de Pitangua."

Meu pobre soneto, meu sentido, meu vibrado soneto, versos, que por uma tediosissima noite me trouxestes um clarão de alegria, como foste, feliz oh meu soneto!

Tens uma irmãsita chlc e friorenta, que faz: Brr, que se veste quasi como tu te vestes e que demanda o mesmo ideal que demandas.

Ah! Sr. Bento que prazer para os meus versinhos...

Sobre inverno, sobre gelos, elles diziam bem pouco é verdade, mas aquillo era da alma, delles. Vibravam modestamente e sem orgulho, e sentiam-se felizes por isso.

E agora—oh alegria suprema—já elles pôdem dizer que fallam de cadeira, porque aquillo que dizem já foi dito pelo Sr. Bento em um conceituado jornal.

Eu é que não concordo que os tagarellas dos meus versos, se afinem pelo mesmo tom da chroniqueta... porque emfim ella sempre é mulher e não consinto o meu soneto em bulhas com mulheres; tanto mais que elle guarda nas suas estrophes, a minha amante, e a

chroniqueta guarda dentro de seu gelo a amante do Sr. Bento.

Ah! a minha amante, aquella que tem olhar dormente e dá-me a chamma rubra dos seus longos beijos.

Não imagina o Sr. Bento como é bella e distincta.

Fidalga de mãos esguias, de olhos languidos e que... me matam.

Tem volupia nos olhos, tem volupia na voz. E' minha quero-a muito. Hei de fazer-lhe mais versos.

A' sua amantissima não tenho o prazer de conhecer, Sr. Bento, mas presumo que também seja uma rapariga elegante e fidalga, tanto quanto exige o seu aprumo de homem de espirito.

Não sei si tem olhos negros ou verdes, se toca piano, se é amadora de passaros, se pinta aquarellas por gosto, sei apenas, e isso pela trombeta da sua chroniqueta, que como a que me adora, tem olhares ardentes no tempo do frio.

Agora um pequeno obsequio.

Como acaba de vêr, Sr. Bento os nossos temperamentos têm mais ou menos a mesma vibração tanto que estou até receioso de publicar mais trabalhos sem que encontre o semelhante nos seus papéis velhos: Assim se alguma vez encontrar outro trabalho meu, que se pareça com outro de sua lavra, tanto quanto o meu "Inverno," se parece como o seu "Frio," escreva-me a mim sobre o assumpto.

Concorda não, Sr. Bento? Seu obrigado

PLACIDO JUNIOR.

INVERNO E AMOR

A noite é má. Forte, raiosa
Passa a lufada como lufada:
Eu uno a bocca á saborosa
Polpa fina de tua bocca.

Horrida são nos espaços
A voz enorme do trovão:
Tremes... Sorrindo eu abro os braços.
Ave, e te estreito ao coração.

Lá fôra a chuva a jorros tomba
Por sobre o monte, o valle, a fragua:
Aqui os nossos beljos, pomba,
Estalam mais que as gottas d'agua.

Uma lufada abre as janellas...
— Que noite escura, sem luar!...
Vejo, porém, luzir estrellas:
E' teu radioso, ardente olhar.

Estala o beijo, o ralo estala,
A treva foge ao ver-te, flôr;
A agua ruje, mas nesta sala
Falla mais alto e forte o amor!...

BENTO ERNESTO JUNIOR.

Pará — Minas.

OS COLLEGAS

A REVISTA

Sob este desprezencioso titulo fundou em Pariz o nosso distincto confrade Xavier de Carvalho, o esplendido chronista e correspondente, alli, do nosso presadissimo collega O PAIZ, um quinzenario illustrado, cuja direcção litteraria assumio, cabendo a artistica ao talentoso artista portuguez Jorge Coliáço.

D'A REVISTA só nos chegaram ás mãos dois numeros, o 5º e o 6º.

Excellentes, quer quanto á parte litteraria, que é muito variadamente collaborada por escriptores portuguezes e brasileiros, sobrelevando as scintillantes chronicas parisienses firmadas por Xavier de Carvalho quer a artistica, que dá retratos, entre os quaes o de

Quintino Bocayuva, vistas, reprodução de quadros, figurinos, etc.

D'A REVISTA é correspondente litterario no Brasil o nosso director, a quem o d'A REVISTA se refere com expressões e conceitos nimalmente amaveis e benevolos.

Para o fim de bem corresponder a essa honra, já começou o nosso director a enviar á REVISTA produções de escriptores nossos e convida os collaboradores d'A SEMANA a collaborar n'A REVISTA.

Os trabalhos destinados a esta devem trazer na primeira tira a declaração: "Para A REVISTA" e ser endereçados a "Valentim Magalhães, na redacção d'A SEMANA".

De seu lado, promette-nos Xavier de Carvalho a collaboração de escriptores portuguezes — o que já começou a cumprir, pois foram por elle enviados os versos de poetas portuguezes que temos publicado.

Desta fórma, estabelecer-se-ha uma permuta util a ambas as folhas e á litteratura dos dois paizes, sobretudo á nossa, que é bem pouco conhecida em Portugal, onde A REVISTA conta o seu maior contingente de leitores.

E' com prazer que registramos o apparecimento de mais um collega, L'ECHO DU BRÉSIL.

Tem como redactor-chefe o Sr. Georges Héralut, secretario da redacção o Sr. Felix Bocayuva e administrador o Sr. J. Cateysson. Traz por divisa "Pour et par la vérité".

Em curto artigo, epigraphado "Notre but", annuncia ser a sua missão "sustentar no Brazil os interesses estrangeiros, defender na Europa os interesses brasileiros".

E' um grande e bello programma, revellador da boa orientação e das intenções excellentes dos jornalistas estrangeiros que se propõem executar-o.

Promette conservar-se alheio ás "questões irritantes de politica local, uma vez que não affectem os interesses estrangeiros, e, mesmo neste caso, de manter attitude digna e prudente, comquanto energica."

Em face da horrivel situação politica actual, declara-se neutro, isto é, diz que não se inclinará para nenhum dos dois partidos.

Por ultimo, affirma evitará todas as polemicas e questões possiveis entre membros das colonias estrangeiras, porque a "saberia das nações" ensina que "a roupa suja lava-se em casa".

E' bem feito e muito promettedor este numero de L'ECHO DU BRÉSIL.

Abre com um criterioso e bem lançado artigo de Ferreira de Araujo, no qual, sob o titulo "Les étrangers" traça um quadro verdadeiro da vida delles no Brazil; do qual se conclúe que elles têm o maior interesse em que haja boa politica, para haver ordem e paz e que, sendo tanto elles como os nacionaes os collaboradores da grande obra commum, que é o futuro do paiz, devem reinar entre uns e outros a maior cordialidade e justiça mutua.

Outro brasileiro collabora em francez neste numero — o nosso sympatico e estimado collega Roberto de Mesquita, critico artistico do JORNAL DO COMMERCIO, com um artigo intitulado "La musique au Brésil", no qual faz a biographia de Carlos Gomes.

Noticias sobre Nitheroy e a revolta, as festas franco-russas, Mac-Mahon,

etc., completam o numero de estreia do novo collega.

Saudamol-o affectuosamente, desejando e augurando-lhe uma carreira de lutas fecundas e luminosos triumphos.

Completo no dia 17 do corrente o seu primeiro anniversario "A Opinião Nacional," o nosso proveccto collega paulista, a quem enviamos sinceras felicitações.

Em o n. d'A VERDADE (de Itajubá) de 18 do corrente publicou o Sr. Trajano Pires um artigo dirigido ao director desta folha. Agradecemos, penhoradissimos, a nimia bondade e captivante gentileza do collega e, sentindo não poder reproduzir todo o artigo, fazemol-o ao bonito soneto com que lhe deu fecho:

De Guttemberg a luz do pensamento
Surgiu no prélo em laminas douradas,
E as maravilhas do sublime invento
São hoje pelos sabios decantadas!

As impressas são hoje preparadas
Com tal arte, tal vida, e tal portento
Que gravam nossas glorias conquistadas,
—Tão claras como o sol no firmamento!

De dia em dia surgem no horizonte
Mais um jornal illuminando a crença,
Mais um genio no prélo ergueudo a fronte!

Conquistando A SEMANA a gloria immensa,
Abriu, sem medo, a crystallina fonte
—Donrada pelo sol de nova imprensa!

Factos e Noticias

Asseguram-nos que é destituida de fundamento a noticia de ter sido chamado pelo seu governo o actual encarregado de negocios da França neste paiz, M. Daubigny.

Falleceu no dia 18 de outubro passado em Vienna d'Austria o Sr. Luiz Mendes Ribeiro, antigo corrector da nossa praça.

O finado foi um homem de extraordinaria actividade e dispunha de poderosa intelligencia e vastos conhecimentos. Foi para a Europa criança e em Hamburgo recebeu as sabias lições do celebre professor Borrn, voltando já homem para o Rio de Janeiro onde entregou-se completamente ao commercio. Fez repetidas viagens á Europa e da penultima vez que lá esteve fez conhecimento com a distincta senhora D. Rosa La Croix de Laval, a quem desposou nesta capital em 1888.

Alegre, immensamente alegre, Luiz Mendes Ribeiro era o querido dos nossos salões, e as sympathias que lhe votavam eram geraes. Si teve defeitos, teve tambem bellas qualidades e praticou meritorias acções.

Ao seu sobrinho, o nosso redactor-gerente, apresentamos sentidas condolencias assim como á sua desolada esposa e Exma. familia.

Falleceu no dia 18 do corrente o Sr. commendador Francisco Moniz de Souza, pae do nosso distincto amigo o Sr. Dr. Sylvio Moniz, a quem apresentamos condolencias.

Lemos no "Pharol," de Juiz de Fóra, de 18 do corrente a seguinte contristadora noticia:

"SENADOR ARISTIDES LOBO.—Está em Barbacena, recolhido ao Sanatorio, o Sr. senador Aristides Lobo, que, conforme noticiámos n'um dos nossos nu-

meros passados, acha-se soffrendo das faculdades mentaes.

E' seu medico assistente o Dr. Gonçalves Ramos, director daquelle estabelecimento."

A redacção d'A SEMANA rejubila por contar no numero de seus mais dedicados amigos ao illustrado Sr. Dr. Francisco de Assis e Oliveira Braga, a quem publicamente agradece o grande interesse que tem dispensado espontaneamente á nossa folha.

CORREIO

S. F. M. L. JUNIOR.—(Outro que tem a lingua pouco lavada. Deus me dê resignação bastante para aturar tanto bicho bravo!) Illustre, vejo-me forçado a dar-lhe a mesma resposta que, no n.º 11 d'A SEMANA, dei a um tal Sr. Pantaleão. Esfregue-se, illustre Junior, e appareça depois. A lavagem nunca fez mal a ninguém.

O dinheiro com que me devia pagar o conselho benefico que lhe acabo de fornecer, reserve-o Sua Mercê para a compra do sabão de que precisar para a limpeza... da lingua pelo menos. Falle-me em Cassange, com todos os diabos! mas, em todo caso, em Cassange lavado. Veja se lhe póde tirar ao menos um pouco da catanga!

SR. DIABOLINO.—Vejamos a sua poesia "Alma damnada," que me está cheirando muito a enxofre. Vejamol-a;

Est'alma espojo ás vezes no Inferno de Luxuria,
Rebolco na Incensatez!
E tem o riso mau de homens da raça espurta
Ladrando atraz dos réis!
E assim minh'alma então mephistophelizada

O que?!... Isto não é com o filho de meu pai!

Credo! Cruzes demonio!... Bota nas areias gordas! Fugite, partes adversas... Figas, pé de pato! Arreda, morcego peçonhento! Valha-me a Senhora d'Agrella, que não lia santa como ella... Credo em cruz! Nossa Senhora Mãe dos Homens, me proteja por quem é! Vae p'ra a banda do canhoto, vampyro!... Vae-te lavar nagua salgada, Tinhoso velho! Vae-te embora, Belzebuth, Espirito Mau, filho da Escuridão!! Abrenuntio! Tarrenego!!! Afasta os chavelhos, bode maldicto, rabudo catinguento!!!...

Não sou eu que embarco naquella canôa! Com Charonte não quero brinques! O homem da versalhada parece que tem o caldeirão de Pedro Botelho nos figados!... "T'arré..." porco sujo!

SR. PASSOS.—Os seus versos são tristes, mas são publicaveis. Tem algum sentimento. E' possivel que arranje lugar para elles.

SR. R. R. — Vossa Mercê, bem sabe que eu cá não sou de meias medidas, nem de caixas encouradas, portanto, vou-lhe aqui dizer sem reboços: A phantasia em prosa que, em má hora nos mandou... a sua phantasia, nem para bucha de espingarda pode ser aproveitada! Nem para bucha!

SR. LUGAPITA. — (Este vira-se pelo avesso para vir fallar á gente. Quem não vê logo que aquelle é o Pitaluga? Pois espera que te vou tocar na mesma tecla). Meu caro Sr., estou receioso, honra de palavra! Quem sabe se SS. não cartilha pela mesma resa dos outros?! Nada! Medo escaldado d'agua fria tem gato... quero dizer: Caldo esgatado de medo frio tem agua, peor vae a seca! Iuda não é isto... Agua es-

gatada de caldo medo tem frio! E não é que cada mais me atrapaiho vez?

Emfim, vejamos a sua poetagem ba-guetica. Bravos! E' de primidade qua-lleira. Sim, senhor! é o que se macha, digo: é o que se chama poesia de es-queira pecegacho! E' disparatada de riquezas, posso affiançar-lhe. Vejo que o Senhor, no verso, é um collete de tres molleques, um inspireta poetado, o que se pôde chamar um lyra na barra, isto é, um barra na lyra!

Comtudo, tenha paciencia, mas não podemos nos entender com poetas que se viram pelo avesso.

Ha mesmo esqueanças que parecem lembramentos. Estou vendo que o Sr. é dos taes que mettem os més pelas pãos. isto de trocas boladas não é comnosco. Endireitamos de tudo pelo gosto... E' o contrario: gostamos de tudo pelo direito, o que queriamos dizer.

Mas mentereal, para asnar dizeiras não ha como o amigo, benza-o Deus! E' pena não saber se o Sr. é d'aqui da Fedetal Capiral ou se é das Uvas do Chapô ou de Santa Carangola do Luzia; porque, se eu tivesse a ventura de resi-dir a sua descobridencia, havia de ce-bolal-o de coroas!...

Em conclusão, amigo Lugapita, que-lra dar lembranças ao Pitaluga e dizer-lhe que nunca mais venha para cá com bolamento de trocas!

SR. SOBRAC.—Sim senhor; como vac essa catholica? Ora deixe-me ver lá essa borundanga que traz ahí!

Fagueira fada que me encantas os dias,
Que tens magias na pupilla aceza;
Tu és mais linda que as aves airosas,
Mas do que as rosas e mais do que uma prin-
ceza.

Ora já se viu que calamidade?

Nada! Pernas para que vos quero!

Meu amigo, enquanto eu corro, meu pal tem filho. Que ostra!...

SR. MANOEL DA HORTA — Cá rece-bemos, não arroz, mas o novo soneto que nos mandou para o "Parnaso Alegre."

Diz V. S. que este é que é o authen-tico "A uma chineza," e não o que com este titulo sahiu no numero passado d'A SEMANA, o qual devia chamar-se, como de facto se chama "Olga." Diz mais que tencionava naquella occasião mandar-nos o que agora nos manda; tanto que poz-lhe o titulo no alto do papel, mas arrependendo-se resolveu mandar-nos o que foi publicado, sem se lembrar de trocar o titulo, que havia posto, pelo verdadeiro do soneto.

Quem lhe manda comer tanto queljo? Vamos ler a tal chineza, e se a achar-mos geitosa é possível que venha á luz, senão, já sabe...

E quanto á troca que fez, cá direi aos leitores d'A SEMANA que o verdadeiro titulo do soneto do Sr. Manoel das "Coibes," visto que o é da Horta, pu-blicado no "Parnaso Alegre" do ultimo numero d'A SEMANA é: — "Olga" e não "A uma chineza."

E para que não nos dê mais estopadas desta ordem, vá colher favas e engulil-as, para ver se ellas lhe abrem um pouco mais a memoria emperrada!

ENRICO.

Tratos á bola

Derribados, arrazados inteiramente, pelos pala-dinos do costume, os castellos charadísticos que erigi no numero passado d'A SEMANA (luminoso hebdomadario, que se acha todos os dias ás ordens de quem quizer honral-o com a sua assi-gnatura na rua dos Ourives n.º 71, 2.º andar),

postos por terra os referidos castellos, não tenho outro remedio senão erigir novos, mais bem allicerçados, e é o que vou fazer.

Começarel por dizer que quem comeu o premio d'esta vez foi Simão 40, visto que se apresentou na ponta.

Em seguida vieram, gaihardos os tiugaribas do costume.

Cá me chegou um novo theba — Aravaí, que perdeu por dous tiros.

Eis as decifrações:

- 1.ª. AVELAN.
- 2.ª. ARPOAR.
- 3.ª. LABORATORIO.
- 4.ª. { LORCHA.
- 5.ª. CHAMAZ.
- 6.ª. PAULISTA.
- 7.ª. MORULA, MOLA.
- 8.ª. LIMO, LIMA.
- 9.ª. CALICE.
- 10.ª. AMORA.
- 11.ª. ALVIO.
- 12.ª. SARDANAPALO.
- 13.ª. MALACACHETA.

E mais não direi quanto ao mel de páu do nu-mero passado.

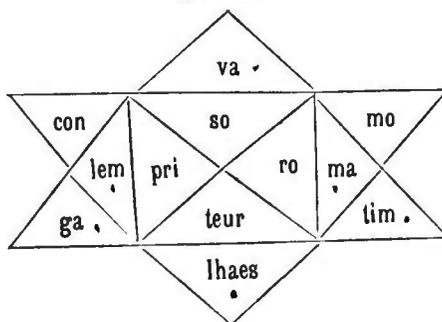
O que eu quero ver, agora, é quem tem topete bastante alto para pôr em pratos limpos a quitanda com que vou mimoscar, d'esta vez, os quatrocentos e vinte e sete mil oitocentos e cin-coenta e 3/4 leitores d'esta apreciadissima se-ção, cuja fama, já está para lá do Atlantico! Já ha quem tenha visto revoando por cima dos An-des... E' brineadeira?!

Destá vez quem desparafuzar toda a trapi-zonga abotó-se com um premio capaz de fazer esbugalhar o olho esquerdo do diabo mais velho.

Agora, passemos ás novidades novas.

CHARADA ENYGMATICA

A SEMANA



TARECO.

Sou uma parte do corpo—2
No matto sou encontrado—1
Decifrem, oh charadistas
Este peixe apreciado.

BIBLIOPHILO.

CARLOTIANAS

Exemplo

O cai — ça + fa é dignidade—3.

Explicação

Estas charadas inventadas por AMOR PER-ferito decifram-se do seguinte modo:

Achada a primeira palavra, troca-se a syllaba indicada pelo signal (—) que deve ser forçosamente a ultima pela indicada pelo signal (+) devendo estas palavras satisfazer os requisitos.

O cai — ça + fa é dignidade—3.

Decifração: Caliça que significa CAL. Tirando-se a ultima syllaba e acrescentando-se FA, resta caliça que é uma dignidade. Logo a decifração é Caliça—Caliça.

Dada esta explicação pelo proprio autor, passo a dar algumas do genero a ver se os TURUNAS conseguem mettel-as no papo. Ah! vão.

CHARADAS CARLOTIANAS

(A FREI ANTONIO)

O cadafalso — que + quin é feito—3.

O animal — jo + go é raiz—3.

As conchas — la + ta são flores—3.

AMOR P'ERFEITO.

ANTIGA

Por ser medida—1

No metro está:—1

Aqui (duvida?)

Rio verá.—1

—

Vae flôr mimosa

Agora achar.—1

Terra formosa!

Quer lá morar?

LORD NECKWER.

NOVISSIMA

Na musica, no lar, no mar—1—2.

MARQUEZ.

A LILAZIA

A parente aqui é medicinal—2—1.

Procura o adverbio na lista—2—2.

A flôr andava com eximia charadista—2—2.

HARRY CLIFFORD.

Agora o velho ermitão:

Este numero ás avessas é uma alimaria—1

Qual é o passaro que é formado por um 7 entre duas unidades, estando a primeira pelo avesso?

E mais nada por hoje.

VIOLETINA.—Respondo agora ao que me pelo na sua ultima carta.

A julgar pelos versos que tem submittido a minha apreciação, acho que lucraria muito mais se, em vez de poesias, produzisse charadas.

Neste terreno é inimitavel e invencivel; no outro, permitta que use de toda a franquesa, é fraquinha.

Precisa de ler os bons versejadores e de pro-curar sempre melhorar o mais possível as suas produções.

Trate-as com mais carinho e amor que ellas vingarão e lhe darão gloria. Exaço é que devia responder-lhe; mas, como aquillo é um mal-criação, resolvi responder-lhe eu mesmo.

Está satisfeita?

Aos TURUNAS peço que não deixem de ooa-djuvar com a sua preciosa collaboração, para todo o sempre. Amen.

De Minas veio em primeiro lugar DOM CARA-LINO II.

Seguiram-se: FAZFOGO e LAMBETUDO.

De S. Paulo os Srs. NEOPHITOS PAULISTAS car-regaram mal a espingarda, pois fahou um tiro.

Agora não de permittir que os cubra... com a minha benção.

FREI ANTONIO.

A SEMANA

São representantes e agentes d'A SEMANA

Em S. Paulo — Os Srs. José Filinto da Silva e Achilles Spilborghs.

Em Santos — Os Srs. Azevedo Sodré Junior e Weinmann & C.

Em Campinas — O Sr. A. Genoud.

Em S. Carlos do Pinhal — O Sr. Carlos de Carvalho.

Em Tieté — O Sr. Julio Garcia Vieira.

Em Ouro Preto — Os Srs. Zoroastro Pires e J. A. de Souza Vianna & C.

Em Juiz de Fora — Os Srs. Annibal Ja-guaribe e Rodrigo de Souza Borges.

Em S. João d'El-Rey — O Sr. Arthur Al-vim.

Em Barbacena — O Sr. Dr. Feliciano Penna.

Na cidade de Palma — Os Srs. Randolpho Barbosa & C.

Em Porto Alegre — O Sr. A. Mazon.

Na Parahyba do Sul — O Sr. Verissimo Pacheco.

Em Campos — O Sr. Mario Fontoura.

Em Santa Theresa de Valença — O Sr. Antonio de Aveilar Werneck.

Na Victoria — O Sr. Manoel Corrêa de Jesus.

Na Bahia — Livraria Olivieri, do Sr. Fer-nando C. Koch.

Em Sergipe — O Sr. Jacintho Gentil de Almeida.

Em Maceió — O Sr. Enéas Moreira, a Livraria Franeiro e a Livraria Novo Mundo.

Em Pernambuco — Os Srs. Dr. Isidoro Mar-tins Junior e Hugo & C.

Na Parahyba — O Sr. Manoel Henriques de Sá.

No Rio Grande do Norte — O Sr. Ma-noel Coelho da Silva Oliveira.

No Ceará (Fortaleza) — Os Srs. Antonio Moreira de Souza e Joaquim José de Oliveira & C.

No Ceará (Baturité) — João de Pontes Medeiros.

No Maranhão — Os Srs. Ramos d'Almeida & C.

Omittimos os nomes de alguns amigos a quem escrevemos, porque não tivemos até esta data resposta das respectivas cartas. Uma vez, porém, que estas chegem, gostosamente incluiremos os que se dignarem aceitar a agencia da "Semana".

No escriptorio d'A SEMANA, rua dos Ourives n.º 71, 2.º andar, accitam-se encomendas de trabalhos typographicos de qualquer natureza, ag-rantindo-se a modicidade nos preços e absoluta nitidez.

ANNUNCIOS

ESTABELECIMENTO
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO

DOS

Drs. Avellar Andrade e Wernéck Machado

115 — Rua Sete de Setembro — 115

Rua da Carioca, 12 e 14

FILIAL EM PETROPOLIS

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A CASA PASCHOAL

CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133

Importação por todos os paquetes

Completo sortimento de chapéus para homens,
senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.

Rio de Janeiro

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE

FLORES ARTIFICIAES

Ribeiro de Carvalho & C.

RUA DO PASSEIO

Têm sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas, flores,
etc., etcPIANOS E MUSICAS
FONTES & C.

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

Instituto Boscoli

EDUCAÇÃO MORAL, INTELLECTUAL

E PHYSICA

Rua de S. Christovão 228

Estão funcionando todas as aulas.

O Director,

José Ventura Boscoli.

Dr. R. Rajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas

Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratice da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

DR. VALENTIM MAGALHÃES

ADVOGADO

RUA DOS OURIVES N. 71

SEGUNDO ANDAR

DE 1 A'S 3 HORAS

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade : Partos e Molestias das Senhoras

Residencia e Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

Papellaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.

Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.

A SEMANA

DIRECTOR: VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escriptorio, rua dos Ourives n. 71, 2º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 2 DE DEZEMBRO DE 1893

EXPEDIENTE:

Assinatura annual.	12\$000
„ semestral	7\$000
Numero avulso.	\$200
„ atrasado	\$300

As assinaturas terminam sempre em junho e dezembro

SUMMARY.—Historia dos sete dias.—*Julio Valmar*; O Governo e a Imprensa: A Violeta, poesia.—*Gonçalves Dias*; Cartas Abertas.—*Valentim Magalhães*; Lyrica, poesia.—*Paria Neves*; Gazetilha litteraria; Botanica Amorosa.—*Garcia Retondo*; Ferro em brasa, soneto.—*V. M.*; Notas Scientificas.—*S. Schöck*; O soneto de Molière (original e traducções); Paginas lidas.—*Pacido Junior*; Factos e Noticias; Chronica do sport.—*J. Herby*; Archivo.

Historia dos sete dias

Bem se vê que estamos em epoca anormal. Só assim se explica que a esta arena incruenta onde usam terçar armas em prol da Arte Immaculada os mais enforçados campeadores, na maxima pujança da juventude e do talento, seja chamado um simples soldado da reserva que, ainda quando servia na activa, nunca pillitou na fileira, contentando-se com fazer alguma guarda á entrada do templo onde se venera a Vestal Sagrada.

Pois é verdade. Ah! têm os senhores a quem o José do Egypto, emquanto reza o organismo combatido pelo ardor da refrega litteraria, encarregou de puxar os cordelinhos da camara optica que tem de fazer passar por diante dos olhos dos leitores os acontecimentos dos ultimos sete dias.

O peor é que não basta que se vá mostrando o cyclorama, é preciso possuir a arte de fazer avultar os successos pelo seu lado pittoresco, saber extrahir das cousas a essencia do riso muito mais difficil de distillar que o substractum das lagrimas, que segundo meu mestre Virgilio reside no amago das cousas.

Vão dizer-me que em tempo de calamidades a chronica está dispensada de fazer desabrochar nos labios de quem quer que seja a fina flor do sorriso, que não é planta que se regue com sangue.

Puro engano. Os povos a quem a natureza fadou com o mago condão da alegria encontram no riso um arnez de rijta tempera contra as desolações que os amoberbam. A musa galhofeira de Offenback não se calou um só instante diante dos canhões prussianos. Refere Sarcey que durante o cerco de Paris um negociante de vinhos em Auteuil, observando que as granadas mostravam decidida predilecção pelo seu estabelecimento, apressou-se... imaginem a que? Enclmal-o com a seguinte taboleta: AU RENDEZ VOUS DES OBUS."

Ahi têm os senhores um maganão que na contingencia de perder a vida a cada momento, não quiz perder, no entretanto, a occasião de fazer um bom dito.

Já no tempo do velho Horacio era cousa corrente que a faccacia melhor do que a colera alcança dar corte nas grandes questões.

".....Ridiculum acri Fortius et melius magnas perumque secat res."

Infelizmente, porém, nós somos um povo de tristes para quem são indifferentes as alegrias da natureza, podendo cada um exclamar com o poeta:

"E quando a luz do sol o mundo alegra
Chrysalida nocturna a sós comigo
Abraço a minha dor."

Mas o publico exige ainda, além, da graça, que se lhe forneça uma opinião sobre cada uma das cousas que possam interessar-lhe.

Ora, ainda quando a imprensa não estivesse n'esta occasião experimentando aquella suave pressão que deve sentir nos primeiros momentos o ditoso vivente submettido ao doce influxo de uma machina pneumática, o chronista nunca poderia ministrar a ninguém uma opinião, pela simples razão de que jamais n'esta viagem da vida, que tanto tem de lugubre como de patusca, sobre-carregou a sua bagagem com o pezado fardo de juizos definitivos sobre o que quer que fosse.

Conhecem o apologo do escudo de ouro e de prata?

Eu lh'o conto.

No tempo da cavallaria andante, dois cavalleiros, completamente armados vindo de partes oppostas encontraram-se n'uma encruzilhada em cujo vertice se via erecta uma estatua da Victoria, empunhando em uma das mãos uma lança e sustentando na outra um escudo de duas faces, uma de ouro outra de prata. Como tivessem estacado cada um de seu lado, exclamaram ao mesmo tempo: "Que rico escudo de ouro."—"Que rico escudo de prata."—"Como de prata, não vê que é de ouro?"—"Como de ouro, não vê que é de prata?"—"Parece que é cego."—"Parece que não tem olhos."—Palavra puxa palavra, eil-os que arremettem um contra o outro em combate singular, até cahirem gravemente feridos. N'isto passa um derviche, que, depois de pensal-os com toda a humanidade, tratou de inquirir o motivo da contenda. "E' que aqui o cavalleiro affirma que aquelle escudo é de ouro."—"E' o cavalleiro que sustenta que aquelle escudo é de prata."

"Pois meus irmãos, observou o derviche, ambos tendes razão e nenhum a tendes. Todo este sangue se teria poupado se cada um de vós se tivesse dado o incommodo de passar um momento ao lado opposto.

D'ora em diante nunca mais entreis em pendencia, sem haverdes considera-

do previamente todas as faces da questão."

Como quer que o chronista tivesse lido esta fabula em creança e lhe houvesse ella calado profundamente no espirito nunca mais deixou de pensar em qualquer controversia, ao tomar calor por uma das partes, se não estará contemplando o escudo por um lado sómente.

E demais, é preciso estar sempre precavido contra o egoismo dos nossos julgamentos. Nunca me ha de esquecer aquillo de Pope:

"Tis with our judgments, as our watches, none Go just alike, yet each believes his own."

Dá-se com as nossas opiniões o que se dá com os nossos relogios; não andam certos uns pelos outros, no entretanto cada qual acredita que é o seu que regula melhor.

Donde se infere a seguinte consequencia que não lembrou ao autor do "An Essay on criticism." E' por isso que em geral regulamos as nossas opiniões como os nossos relogios, de accordo com as proprias conveniencias.

Eu sei perfeitamente bem que, tratando-se de fixar os limites do tempo, é no sol que reside a verdade inteira, mas não me importo absolutamente de ter o meu relógio certo pelo sol, o que eu pretendo é que elle não discrepe sensivelmente da pendula da minha repartição ou da do estabelecimento onde trabalho, a fim de não perder a hora do ponto ou me não arriscar a apanhar uma reprimenda do patrão.

Além de que não me parece que a humanidade tenha muito que lucrar com a opinião dos litteratos e dos philosophos. E' gente que não vê as cousas como toda a gente vê. Por isso sempre me pareceu que todo o homem de espirito se deve fazer acompanhar constantemente de um imbecil, de modo a estabelecerem os dois entre si um certo nivel de mediocridade intellectual indispensavel á comprehensão das cousas da vida. O presbytismo de um compensa o a miopia do outro e as cousas retomam então aos olhos de ambos as suas devidas proporções.

Aos olhos da chronica não ha, portanto, opiniões, o que ha simplesmente são pontos de vista.

Já repararam como a linguagem humana favorece, á maravilha, certas subtilezas do espirito, dando a seres de natureza semelhante denominações diversas, segundo é attrahente ou execravel o aspecto sob que se nos apresentam? Tal ave que, ao levantar-se nos ares é condor, ao cair sobre a presa é já abutre: tal outra que, ao erguer o voo é falcão ao abater-se é já milhafre, e para que fallemos dos homens, poucos se elevam sendo heroes que se não precipitam sendo tyranos.

Mas então o que nos offerece a chronica, exclamarão os leitores. Prometto

sinceramente pensar na resposta para a proxima semana, se n'este jogo da berlinda em que me metteram não apparecer d'aquell' até lá algum esperto que se lembre de vir dizer: o Julio Valmor está na berlinda porque teve artes de alinhavar não sei quantas tiras sem dizer cousa nenhuma. E que eu então lhe replique como no jogo: Venha esse que disse que eu fallo muito e não digo nada, sempre quero ver como elle se sae.

Ha dias Alfredo Riancho em uma das suas bellas cartas á GAZETA, affirmava que, para extrahir uma porção minima de ouro é necessario quebrar uma enorme quantidade de pedras brutas. Si o leitor, vencida a resistencia destes calhões que constituem o meu estylo, conseguir apurar uma parcella insignificante da cauta philosophia do silencio, em uma epoca em que o silencio é de ouro, dar-me-ei por muito feliz.

JULIO VALMOR.

O Governo e a Imprensa

Por ordem do Governo, transmittida por um delegado de policia, foi suspensa a publicação da GAZETA DE NOTICIAS no dia 27 do mez transacto. Deu causa, ao que parece, a essa medida de extremo rigor o editorial "Cousas Politicas" publicado naquello dia.

Os excellentes artigos, que de longa data escrevia o illustre redactor-chefe daquella folha foram por elle reatados, após uma interrupção de alguns annos, que passou na Europa, agora, depois da decretação do penultimo estado de sitio e das medidas repressivas da liberdade de Imprensa.

Assim procedendo quiz, de certo, o nosso eminente collega demonstrar, com o exemplo, que, se nesta phase angustiosa e difficillima de nossa vida politica, cumpre a todos os cidadãos que nella intervêm, directa ou indirectamente, manifestar-se, de accordo com as suas convicções e a natureza das funcções que exercem, desse dever não podiam ser excluidos os jornalistas; que, cumprindo-lhes orientar a opinião publica com lealdade e desinteresse, não devem calar-se senão quando impedidos pela força.

Não é sómente com as armas que se serve a patria. Se o soldado a serve com o fusil e a espada, serve-a o jornalista com a penna, e não o faz menos nobre nem menos efficaçmente.

Este, como aquelle, não deve desertar o seu posto, nem abandonar a sua missão.

Se, porventura, o Governo entende necessario ao bem publico cercar os direitos da imprensa, pelar-lhe ou suspender-lhe o exercicio, que o faça: delle sómente será a responsabilidade desse attentado, justificavel ou não pela gravidade e delicadesa das circumstancias.

O governo póde coagir os jornalistas; estes, porém, é que não devem considerar-se coactos, mas, ao contrario, manejar a penna ao mando de sua consciencia, até ao ultimo artigo, como o soldado a sua carabina até ao ultimo tiro.

Foi o que fez o nosso presado mestre. Honra lhe seja pelo bello e nobre exemplo que deu—o qual não foi, aliás, o primeiro—da comprehensão justa e elevada que tem dos direitos e dos deveres da imprensa independente e popular.

Periodico obscuro e pequenino, A SEMANA préza esses direitos e honra esses

deveres, como qualquer de sens mais poderosos collegas; por isso e tambem pelo facto de ser o seu humilde director um filho espiritual daquella folha, tem prazer e orgulho em acompanhalla com as mais vivas mostras de confraternidade neste momento, tão amargo quanto glorioso, de sua luminosa carreira.

Se o Sr. marechal vice-presidente faz bem ou faz mal em querer governar sem a imprensa—o futuro o dirá.

A VIOLETA

(INEDITA)

Mulheres ha que, á rosa semelhantes
Das suas louçanias fazem gala;
São gentis! ellas proprias o conhecem
E sabem que outra flor não as iguala.

Outras como a açucena campesina
Menos vaidosas são; porém mais bellas,
Da brisa ao sopro, entregam-se innocentes,
Que vem dos céos a conversar com ellas.

Aquella na garbosa formosura,
Nos espinhos, que a cercão, se confia,
Esta, armada de candida innocencia,
Evita o sol estivo e a noite fria.

Tu, que a modesta violeta imitas,
T'escundes no reparo da folhagem,
No abrigo do pudor mysterioso,
Que teme o sol e o bafejar da aragem.

Aquella no perfume se revela,
Tu, nas singelas graças, que revestes;
E, flores ambas, — sem as ver, sentimos
O aroma puro dos jardins celestes.

A. GONÇALVES DIAS.

CARTAS ABERTAS

I

Meu caro Garcia Redondo.

Visto que, pela força incoercivel do estado de sitio, em que vivemos ha quasi tres mezes, o sigillo da correspondencia não é respeitado, sendo abertas officialmente quantas cartas ao governo omnipoteroso apraz, melhor é, de certo, escrever a gente aos amigos cartas abertas, escancaradas ao governo e ao publico.

Mas não é só por esse motivo que lhe vou escrever de tal fórma, senão tambem porque desejo que sejam lidos e sabidos de quantos lêem A SEMANA os meus agradecimentos pelos serviços que lhe vae prestando V.; serviços magnificos, sobre variados: — collaboração de primeira agua, prósa de mestre, sem jaça e facetada a primor, como essa "Botanica Amorosa" com que nos tem regalado e que A SEMANA editaria n'uma edição "Nelumbo," do Guillaume, se no Brasil tal não fosse um sonho inatingivel; assignaturas, angariadas entre amigos e logo pagas—o ideal!—e, ainda, um autographo, inédito e precioso, do nosso Gonçalves Crespo—o inédito para a folha, o autographo para mim! Um nababo, Você!

V. está-nos estragando a ambos com tantos mimos, e oxalá não venha a arrepender-se delles, mais tarde, ante as exigencias inadmissiveis das crianças que vae tão mal acostumando...

Criança, cu! a beirar os trinta e cinco com doze annos, de bacharelado e pae de um rapazote de outros tantos! "Tenho um filho de quatorze annos. Como estou velho!" escreveu-me V. ha dias, n'um gemido.

Envelhecemos, sim. Já não somos desta geração litteraria... Eu, sinto-me exhausto, senil, acabado, "prompto."

Na idade em que na Europa se principia de escrever, aqui se acaba. Entre nós, um homem de quarenta annos deu o que tinha a dar, e, se não deu nada, nisso fica; d'ali só para baixo; é o declinio, a decadencia, a velhice.

Em França, na Inglaterra, na Russia, os homens de quarenta annos são a nova geração, os "jovens."

Dos quinhentos deputados de que se compõe a camara franceza, recentemente eleita, o mais moço é um tal Olivier Bascou, o feliz concorrente e vencedor de Cassagnac, e tem vinte e oito annos; — "o mais moço," note.

E' rarissimo que com menos de trinta e cinco ou quarenta annos se adquira lá a celebridade pelas sciencias, pelas letras ou pelas artes.

Aqui a vida é intensiva, muito mais rapida, e por isso muito mais curta. Se é a politica a carreira a seguir, o que, dantes, era indicado pelo facto de ter pae alcaide ou padrinho manda-chuva, e hoje só depende do capricho do acaso — aos 16 annos incompletos matricula-se o menino, aos 20 sahe da academia de canudo a tiracollo, é logo em seguida eleito deputado estadual, dois annos depois deputado federal, muitas vezes antes dos trinta é ministro; aos trinta e cinco é senador e... defunto.

Era e é o que se chama uma brilhante carreira!

Mais rapida ainda que a dos politicos a vida dos litteratos. Todos elles, todos, têm morrido moços. Aos vinte annos são proclamados genios e aos trinta e cinco ou quarenta estão enterrados — ou num cemiterio, "pour de bon," ou numa secretaria, a rascunhar officios.

Um dia destes, ouvi de minha filhinha, que tem quatro annos, um dito ingenuo, todo de ignorancia, mas profundo.

V. que é pae, meu caro Redondo, quantas vezes não terá, como eu, repetido os versos do velho mestre Hugo, no seu encantador poema da "Arte de ser avô":

"Le néant des géants m'importune,
"J'admire, obbloui, la grandeur des petits!"

e não tem, como elle, buscado, em vão, sondar a profundeza de verdade que ha em certas phrases e observações infantis?!

Apezar da idolatria que tenho aos meus filhos, não sou um pae como tantos outros, que acham prodigiosos de talento, penetração e habilidade os seus respectivos pimpolhos. Felizmente, nenhum dos meus é prodigio. Vou me convencendo que o talento, o verdadeiro, é, quasi tanto como o genio — uma névrose, e desejo sadios e fortes os meus filhos.

Mas lá ia eu digredindo...

Ha dias acharam elles na chacara de suburbio em que nos acolheu a hospitalidade fidalga de um velho amigo, emquanto as granadas e as balas da esquadra revoltada esfusiam e estouram por cima e por volta de nossa casa, acharam elles dois passaritos, junto ao tronco de uma arvore, cahidos de algum ninho naturalmente.

Eram dois filhotes de bicudo, ao que pareciam. Recolheram-os com grande surpresa e alarido festivo e entraram logo a cogitar nos meios de substituir os carinhos maternos, para salvar-lhes as vidas, futuramente canóras.

Deram-lhes agua, papinhas, frouxei de algodão, todo o necessario... paratal-os mais depressa.

Na manhã seguinte, a minha pequena, apenas acordou, correu para o irmão dos orphãosinhos, chamando os irmãos. Fizeram conciliabulo, discutiram, riram, exclamaram...

E da sala contigua, onde eu lia, contristado, as noticias do massacre fratricida da vespera, ouvi a menina dizer:

— Olha, elle está acordado, mas está morto! Vê só!

Referia-se, de certo, a um dos passaritos. Interrompi a leitura e fiquei-me a pensar na sublime tolice do meu anjinho.

Agora, lembrou-me, no correr desta conversa "à bâtons rompus," e conto-lh'a, para applical-a aos nossos homens.

Depois dos quarenta, em quanto não adormecem no somno definitivo do nada, continuam todos acordados, sim, porém mortos.

Os que fazem excepção é só para confirmar a regra.

Por isso, já vou, como V. considerando-me velho, e não terei nenhuma surpresa no dia em que me incluirem na "geração passada," embora seja amanhã esse dia.

Quer ver outra prova?

Entre a data de transferencia e consequente suspensão da SEMANA e seu resurgimento mediaram sómente seis a sete annos. Pois bem; quasi todos os escriptores que então a illustravam com os seus trabalhos não voltaram agora.

Perderam o gosto, a vontade e o habito de escrever; cançaram; matou-os o fastio.

Não lhes decresceu o talento, não pararam, muitos, de ler nem de acompanhar o movimento das letras; não, porque estão acordados; mas extinguiu-se-lhes a "vis scribendi," estancou-se-lhes a productividade; — envelheceram todos, morreram alguns.

Quer outra prova ainda? A reputação que me fizeram, e de que, aliás, me orgulho, de grande trabalhador, de escriptor incançavel, de intrepido paladino das letras, etc.

De que me vem ella? Só do facto de eu ainda não haver deixado oxydar a penna, de continuar escrevendo, pouco embora, mas ininterruptamente, e, sobretudo, de haver tido a coragem de levantar novamente A SEMANA.

Tudo isso é pouquissimo; porém neste meio de desanimo facil, cansaço rapido e velhice prematura, avulta e parece enorme!

Como é lamentavel, isto!

E terá remedio esse mal?

Duvido bem. O analfabetismo continua alastrador e daninho como lirica... Os politicos republicanos, na faina de subir e mandar, no prurido de "desnonarchisar" tudo, virando tudo do avesso, fazendo o opposto ao que se fazia, têm descuido completamente as letras, desde as primarias ás superiores.

E' de estimulo, só de algum estimulo que ellas precisam para florescer e fructiferar.

A Constituição retirou do congresso a faculdade de legislar sobre instrucção primaria, que passou á competencia dos Estados, como natural consequencia do regimen federativo. Não obstante, creio que alguma cousa, para não dizer muita, pode fazer o Congresso Nacional pela instrucção primaria e professional, indirectamente, e pelas letras brasileiras — directamente, instituindo premios a obras, subvencionando um thea-

tro para representar peças brasileiras, autorizando o governo, mediante parecer de competentes, a editar livros e a comprar parte de edições, a tomar certos numero de assignaturas de revistas scientificas e litterarias (*) etc...

Agora reparo que vai se alongando em demasia esta primeira palestra... Fica muito por dizer. Dil-o-ei de outra feita.

Accete os meus sinceros agradecimentos, desculpe o descosido destes dizeres familiares e aperte a mão que lhe estende do seio de Marte — de Abrahão outr'ora — o seu

Admirador e amigo,

VALENTIM MAGALHÃES.

LYRICA

Oh noite branca, oh noite clara

Noite banhada de luar!

Dá-me essa luz preciosa e rara,

Para pintar, oh noite clara!

A limpidez de seu olhar!

Astros do azul — estrellas d'oiro! —

Astros da terra — alvos diamantes! —

Dá-me esse brilho immoedoiro,

Para imitar, estrellas d'oiro!

Seus grandes olhos deslumbrantes!

Oh luz sangrenta da alvorada,

Manhã de Abril toda esplendor.

Dá-me essa cor purpurisada,

Oh luz sangrenta da alvorada!

Para fingir o seu rubor!

Garças de pennas como arminho!

Lyrrios alvissimos de neve!

Dá-me essa alvura cor de linho,

Garças de pennas como arminho!

Para traçar-lhe o corpo leve!

Passaros meigos e maviosos,

Dóces e alegres rouxinões!

Vossos gorgeios harmoniosos.

Dai-me, oh passaros maviosos!

Para cantar-lhe a argentea voz!

Treva cahotica e profunda,

Treva de amargos pesadelos!

Dá-me o negrão que te circunda,

Treva cahotica e profunda!

Para esboçar os seus cabellos!

Porque ella — a deusa que me encanta —

Ella, — a visão de meu amor —

E' mais perfeita que uma santa!

Porque ella — a deusa que me encanta —

E' mais formosa que uma flor!

FARIA NEVES SOBRINHO.

Recife.

GAZETILHA LITTERARIA

Pertence a poesia inedita de Gonçalves Dias com que hoje brindamos os leitores á valiosa collecção de autographos do distincto advogado Dr. Sá Vianna, que teve a gentileza de nos offerecer uma copia.

Essas ligeiras quadras foram escriptas em uma das paginas de um album de illustre dama.

Temos repleta de collaboração a gaveta dos originaes.

Quasi tudo é verso. Prosa escassa e... má, em geral.

Aos nossos amaveis collaboradores pedimos desculpa da demora na publicação de seus trabalhos.

Como são muitos, é preciso proceder equitativamente, de modo a não desgostar ninguém.

(*) A magnifica "Révue Encyclopédique" traz á margem da capa a seguinte declaração: "La Révue Encyclopédique a été honoré d'une souscription du Ministère des Travaux Publics."

V. M.

Acha-se bastante adeantada a impressão do livro do nosso collaborador Pedro Rabello — "Opera Lyrica." Será prefaciado por illustre escriptor, tão illustre quanto desconhecido, e chamado, se não nos enganamos — Manoel Alves.

Na "Gazeta de Noticias" estavam sendo publicadas umas "Cartas Litterarias," firmadas pelas iniciais "C.A." que não sabemos a quem pertencam. (Serão do Sr. Adherbal de Carvalho, do Sr. Constancio Alves, do Sr. Capistrano de Abreu ou do Sr. Cesario Alvim?) São conceituosas e bem lançadas. Começaram fazendo a apologia da "Normalista," do Sr. Caminha, defendem o Naturalismo, choram sobre a Jerusalem das nossas miserias litterarias e propõem-se a demonstrar que os nossos novos litteratos não valem dez réis de mel coado. Vamos lá a ver isso.

BOTANICA AMOROSA

IV

A tarde cahia serenamente.

Unidos, quasi abraçados, seguimos através da floresta em busca da "Aristolochia", quando ella, parando subitamente e voltando para mim o seu rosto mimoso banhado pela luz branda do sol poente, inquiriu:

— E as plantas carnivoras são todas terrestres?

— Não, minha amiga, ha algumas aquaticas, como a "Aldrovandia" e a "Utricularia", essa linda utricularia que emerge as suas bellas flores amarellas na superficie dos pantanos do antigo e do novo mundo e cujos ascidios são semelhantes ao covão de que o pescador se serve para apanhar peixes.

— Então, essas são "piscivoras"?

— Precisamente, porque, em vez de insectos, caçam e alimentam-se de peixes, entre os quaes os pequenos "lenciscos" recém-nascidos, que são as victimas de preferencia cobiçadas pela utricularia. Esabes quem mais e melhor estudou a organização especial desta planta piscivora? Foi uma mulher de New Jersey — Mme. Treat — uma americana, certamente menos formosa que tu, mas...

— Provavelmente muito mais intelligente, curiosa e sabia, accrescentou ella, sem me dar tempo de concluir a phrase.

— Nem mais intelligente, nem mais curiosa do que tu, minha feiteira musa; apenas um pouco mais sabedora dos segredos da natureza, que só agora começa a surprehender em todo o seu encanto dulcissimo.

— Lisongeiro...

— Mas voltemos ao nosso assumpto; a "Aldrovandia" é uma planta sem raizes e isto te prova, minha gentil Chloë, que a planta carnivora póde prescindir dellas para viver, porque a sua principal alimentação é-lhe fornecida pelas folhas ou pelos ascidios. E se considerarmos que os adubos azotados ou de natureza animal são indispensaveis á perfeita nutrição de todas as plantas, quer tenham, quer não tenham raizes, havemos de concluir fatalmente que todas as plantas são mais ou menos carnivoras, com a differença unica de que umas o são pelas raizes e outras pelas folhas ou pelos ascidios.

— Tens razão, disse ella pensativa e seguindo o quer que fosse, que a sua

imaginação desenhava; nos cemitérios as plantas são em geral mais vigorosas e mais vivazes do que nos campos incultos ou nos charnecos olvidados do arado. Lembro-me que em torno á sepultura de minha mãe enredava-se pelo gradil uma roseira que eu ali plantara rachítica e que se tornara viçosa e forte, dando rosas o anno inteiro. Um dia, esse cemitério foi abandonado e, desde então, a roseira só deu flores na primavera. E' que começou a minguar-lhe, a faltar-lhe o adubo, a carne, isso que tu chamas a substancia azotada, não é?..

— Exactamente, minha intelligente e aproveitada discipula. E, assim, tu vês que essa roseira era tão carnívora como a terrível "dionéa" que te descrevi, com a differença de absorver o azoto pelas raizes, quando a "dionéa" o absorve pelas folhas. E é porque todas as plantas são carnívoras que nós podemos explicar as transformações tão diversas, essas infinitas modificações da eterna materia, que constituem o maravilhoso conjunto do equilibrio natural e universal. A morte não existe; porque a materia não morre; modifica-se, transforma-se, mas vive sempre. O que hoje era um musculo, um coração palpitante de amor, será amanhã uma dhalia, um raymusculo, um cedro, que de amor palpitante igualmente; e a sabonosa alcachofra, que já estremeceu de lascívia ao contacto do pollen e que tu sorves com os teus labios divinos, nos nossos deliciosos "tete-a-tete," transforma-se dentro de ti na molecula animal, que dá o impulso ao sangue que circula pelo teu corpo airoso. Nada disso morreu; tudo isso apenas se transformou.

— Ella deixou-se mergulhar n'uma doce scisma e, após algum tempo de silencio, disse:

— Estava a imaginar o desespero, a terrível angustia desses pobres animaes aprisionados pelos lóbos da "dionéa."

— Mas, nem sempre a planta triumphou, minha querida; ás vezes, quando o insecto aprisionado é um coleoptéro vigoroso e alentado, estabelece-se a luta entre o animal e a planta e, não raro, succede que aquelle, com as suas mandíbulas potentes, consegue roer um dos lóbos que o comprime e reconquista a liberdade pelo rombo que faz.

— Darwin presenciou alguns desses combates em que o animal venceu a planta.

Continuavamos o nosso passeio atravez da floresta, tagarelando sempre sobre estas cousas interessantes, quando subitamente eu lobrigui, a dez passos de nós, a curiosa "jarrinha" da "Aristolochia", que procuravamos, a qual pendia do galho espinhoso de uma payneira anã. E, não podendo conter a explosão do meu contentamento, abracei triumphalmente a minha doce companheira e disse-lhe:

— Eil-a, a tão desejada "aristolochia".

Ella, pressurosa, desembaraçando-se dos meus braços, correu em direcção á arvore por cujo trouco subia a graciosa trepadeira e colheu o ascidio.

E, antes que eu tivesse tempo de dizer algo, mordida por uma curiosidade impetuosa e invencível, levantou o operculo foliaceo que encapuchava o gargalo da urna e começou a examinar o ascidio minuciosamente.

— Cá estão os pellos, dizia ella tremula de prazer; é por aqui, por entre esta trama de farpas flexiveis que o pobre insecto atravessa e vai ao interior da urna attrahido por este cheiro de carne

putrefacta que o ascidio exhalla e que eu já sinto tambem. Como tudo isto é interessante e curioso! E o que haverá aqui dentro.

— Provavelmente alguns insectos moribundos ou mortos e quiçá alguns no auge do desespero pela liberdade perdida.

Com a ponta da sua unha rosea e afilada ella fez uma incisão quadrangular no bojo da "jarrinha" e por essa janella improvisada o nosso olhar prescreitou o interior da urna.

Effectivamente, no fundo do ascidio jaziam cinco moscas mortas, uma infinidade de mosquitos estonteados e os restos de um pequeno nevroptéro já devorado pelo ascidio e do qual apenas existiam as partes corneas, isto é, as azas, as antenas, as pernas e uma parte da couraça do thorax.

— Eis ahi, disse eu, as victimas da voracidade da "Aristolochia"; entraram no ascidio para comer e foram comidos. E, assim, pagaram o seu tributo á planta que na execução da lei universal da "luta pela vida", subjugou o mais fraco.

— E' bem tristemente verdadeira essa lei, murmurou ella, evoluendo o ascidio na cambráia do seu lenço rendado.

As sombras do crepusculo começavam então a escurecer a matta. Consultei o meu relógio e vi que eram seis horas da tarde.

Regressamos. Em caminho ella avistou uma bromelia rubra que florescia na bifurcação de dous galhos de uma velha arvore.

— Que linda parasita! exclamou ella apontando para a bromelia.

— E' um engano teu, minha Chloé gentil; aquella planta, que ali vês, não é uma parasita, é simplesmente uma planta epiphyta, que fixou a sua morada nos galhos desta arvore, mas que absolutamente lhe não rouba a seiva, porque se alimenta do ar, da humidade e do humus, que encontra na casca apodrecida da velha arvore. Se a arvore morrer, ella continuará a viver.

— E' muito commum entre nós dar-se errada e injustamente o nome generico de "parasitas" a todas as plantas que habitam sobre as outras. A orchidea é uma victima dessa inconsciente calumnia do vulgo e como a orchidea todas as bromelias e todas as plantas epiphytas.

— Fica sabendo que, felizmente, poucas são as plantas parasitas.

— Pódes citar-me algumas que eu possa conhecer?

— A "Cuscuta Americana", vulgarmente conhecida pelo nome de "cipó chumbo", que no jardim do teu ninho amado devorará os lindos "bibiscus" ou "mimos de venus" e tambem a "herva de passarinho", que se enreda pelas laranjeiras do teu pequeno pomar, são verdadeiros parasitas, porque se alimentam da seiva das plantas sobre as quaes se fixam; são os polvos do reino vegetal porque sugam a seiva já elaborada das outras plantas, introduzindo as ventosas das suas raizes através as fibras do tronco ou dos galhos e fixando-as junto aos vasos por onde circula a seiva.

— Por essa fórmula, o parasita acaba por matar a planta sobre a qual se fixa.

— Quasi sempre. Como no reino animal, o parasita vegetal vive ociosa e regaladamente sem trabalho, exclusivamente á custa do trabalho alheio. Despreocupadamente o parasita vai sugando a seiva da sua victima e á custa della engordando-se e alentando-se. Mas,

quando a victima, já exhausta, morre, o parasita tambem succumbe á mingua de alimento. Tal cousa não acontece com a planta simplesmente epiphyta, que continúa a viver, muito embora morra a outra sobre a qual fixou a sua morada. Eis ahi a differença que vai de uma epiphyta a uma parasita; e assim ficas habilitada a defender de ora avante estas lindas bromelias e orchideas tão continuamente calunniadas com a infamante designação de parasitas e que para demonstrarem que o não são basta-lhes viver, como vivem, agarradas a um fragmento de galho ou tronco morto, a uma pedra, a uma simples taboa e á calíça de uma parede onde absolutamente não circula nem póde circular a seiva.

— Meu bom amigo, disse-me ella apossada de uma alegria infantil; comecei hoje a aprender a ler no grande e interessante livro da natureza e quem me ensinou os primeiros rudimentos deste maravilhoso compendio foste tu, meu adorado Daphnis.

Quero agradecer-te a lição e sobretudo o desejo, a vontade que em mim despertaste de estudar estas cousas tão lindas, tão curiosas e tão uteis. Mas, com que moeda poderel eu pagar-te um serviço tão valioso?

— Com a satisfação que leio nos teus olhos; com o prazer que inunda a tua alma boa; com a gratidão que reuma das tuas palavras e com este aperto de mão confidente e terno, que começou com o nosso passeio e que ainda não terminou até agora.

— E isso só te basta?

— Minha querida Chloé, a noite começa a cahir e é chegado o momento em que as plantas procuram no somno o descanso do labor do dia. Deixemol-as tranquillias; ellas precisam de repousar e dormir e a nossa tagarellice perturba-as.

— Mas, como!? As plantas tambem dormem?

— Sim, minha doce amada; e a prova aqui a tens nesta payneira, que ainda esta manhã, quando por aqui passamos, tinha as suas folhas erectas em presença da luz solar e que, agora, as tem pendidas para o chão, na doce languidez de quem sente a approximação da noite e reconhece a necessidade do socego e do somno.

— A payneira val dormir e, como ella, a floresta inteira dormirá tambem. Saiamos daqui silentes, deixemos estes bons vegetaes entregues ás delicias do somno e façamos votos para que sonhos lindos e ridentes os visitem durante a noute. Quanto a nós, voltemos ao teu ninho amado e ali, á luz brilhante do gaz, poderemos, se tu quizeres, continuar a discorrer sobre estas cousas que tanto prazer te causam.

— Vamos, disse-me ella encostando a sua cabeça ao meu hombro; vamos falar ainda destes idyllios risinhos, mas não á luz brilhante do gaz; eu prefiro a penumbra cariciosa da meia luz velada, quasi no escuro. Assim a tua voz mascula e convincente me parecerá mais harmoniosa e eu não me pejarel tanto de apertar tão a miudo as tuas mãos nas minhas, nem de pousar os meus labios nos teus. Vamos.

E como Daphnis e Chloé — os zagaes de Lesbos — que Longus immortalisou no seu poema divino, deixamos a floresta e penetramos na estrada, tangendo para o aprisco demoradamente o rebanho saltitante das nossas cariclas e dos nossos insaciaveis desejos.

Quando chegámos ao ninho amado, ella ainda me fallava amorosamente nas nupcias ardentes da "Valloneria Spiralis", mas, mela hora depois, no tepido aconchego da sua camara elegante e perfumada, a botânica era esquecida, porque os beijos de Chloé abafavam as palavras de Daphnis.

GARCIA REDONDO.

FERRO EM BRASA

A um infame

Tens actos, baixa e immunda creatura,
Revellam tanta rabida maldade,
Uma alma tão pequena e tão impura,
Que menos odio inspiram que piedade.

Exuda ás vezes agua a pedra dura,
E ao fundo de um abysmo ha claridade;
Mas não existe laivo de bondade
Nessa tu'alma fria, pétrea, escura...

Vives do mal como um réptil do lodo;
E em lodo has de afogar-te, mudo e triste,
Sem um amigo só no mundo todo!

Que me reñro A TI tenho a certeza
Que adivinhas, pois sabes não existe
Outro homem tão vil de natureza.

1893.

V. M.

NOTAS SCIENTIFICAS

Para conhecer-se o valor moral e intellectual d'um individuo por meio dos traços physionomicos são necessarios dous processos aparentemente antagonicos—o instincto e a observação. Taes processos, porém, completão-se mutuamente.

A primeira impressão que nos assiste quando encaramos qualquer pessoa é a de um sentimento involuntario, Inconsciente, de sympathy ou de antipathia. A attracção que um homem experimenta por outro deriva-se menos da reflexão do que dum sentimento primitivo, irreflectido, denominado instincto, que tem o seu maior desenvolvimento na criança e no selvagem. A noção instinctiva que faz perceber á criança os sentimentos de sua mãe por meio da physionomia, é o resultado de numerosas observações inconscientes.

São essas observações que ligam o sentimento e a expressão correspondente, e que acabam, entre nós, no estado do instincto que nos permitta julgar immediatamente das qualidades moraes do individuo.

D'ahi resulta que, como para a observação, um instincto requer, para ter grande desenvolvimento, um systema nervoso sensível, facilmente impressionavel, uma organização completa e delicada, como a que possui um homem dotado de excellentes faculdades.

Por mas util, porém que seja a observação instinctiva, ella não nos conduzirá a resultados completos si não aperfeçoarmos pelo exercicio as nossas faculdades observadoras, como fazemos com os outros habitos. E' indispensavel estimulal-as, porque do contrario estaremos sujeitos a erros medonhos. E' assim que algumas vezes julgamos que um individuo possui excellentes qualidades moraes por que sua physionomia é bella, ou que elle é perverso por ser feio.

O character individual sendo a resultante das lutas que o homem mantém

com as paixões que o excitam, é claro que si o individuo não reage contra tudo o que o agita, nenhuma nota dominante terá desenvolvimento no seu character. O homem mediocre não é nem bom, nem máo, nem forte, nem fraco, nem ardente, nem frio: não inspira nem sympathy, nem odio. E' ardente sem amor, nem entusiasmo, activo sem paixão. Seu character é uniforme, a egualdade nivella tudo o que elle assimila.

A mediocridade tem, entretanto, na ordem de criação, um lugar perfeitamente definido e importante.

A physionomia do homem mediocre tem o caracteristico de negação. Nada se encontra de saliente, a insignificancia é completa e a impressão que nos deixa um individuo dessa ordem é a da maior indifferença.

A mediocridade concorre principalmente com a belleza uniforme dos traços, coincidindo coma falta de fundo; a fórma é igual assim como o espirito: parece-se com o bello papel que só tem valor pelas idéas nelle escriptas.

"Ha belleza insupportaveis, disse Stahl, e que, embora Incontestaveis, longe de attrahir repellem. São as que não tem o brilho da intelligencia, d'um sentimento. Ha quasi sempre uma ou duas dessas bellezas num salão. São como que esmaltadas; tem olhos estupidos que parecem comprados aos tureos. Vendendo-se-as pensa-se logo em alexandrinos correctos, mas sem sabor. E em pouco fica-se fatigado de as ver como succede quando se contempla por algum tempo os eysnes nadando. São magnificos para cinco minutos, mas passados estes prefere-se ver patos porque ao menos estes têm vida."

A mesma cousa dá-se com a criança. Quando a sua physionomia permanece em estado de repouso é impossivel descobrir-se um traço caracteristico, e só aos trinta annos é que a vida intellectual e moral póde deixar transparecer algum traço. Os nossos attributos moraes, nossas paixões, os movimentos d'alma, traduzem-se mais nas partes flacidas e moveis de physionomia do que nas porções fixas: todas as emoções só são percebidas pelos phenomenos passageiros da expressão do semblante, dos gestos, da voz etc. A intelligencia de taes movimentos fica confiada a um sentimento instinctivo que nos permite descobrir a significação dessas expressões.

A coragem e a presumpção reconhecem-se pela posição direita do pescoço, cabeça erguida e pelo olhar frio, lançado sobre tudo e sobre todos.

A modestia e a discrição, ao contrario, fazem abaixar a cabeça, os olhos, e diminuir o volume da voz, evitando assim todo o movimento que possa attrahir a attenção.

A lealdade a franqueza procuram o caminho direito, a voz conserva sempre o mesmo tom, o gesto franco, desembaraçado e acompanhado por um olhar aberto, tranquillo, invariavelmente fixado no interlocutor. Na falsidade e na trapaçaria o olhar fixa-se sómente de modo rapido e precipitado e só depois de longo exercicio é que o homem falso consegue veneer a incerteza da contracção dos musculos da face, e a dar aos traços incolores a expressão de firmeza e de fixidez.

Conhecem-se os traços duma natureza maldosa, e cruel, dum espirito mesquinho, ou violento, pela voz curta e breve, pela palavra contradictoria, que sempre

tem um desmentido a oppor aos argumentos serios. Nesta disposição de espirito a physionomia é dura, de forma triangular, o queixo é largo, os olhos pequenos, vivos e, no entanto, sem expressão: o movimentos dos labios breves e convulsos fazem com que a physionomia adquira uma expressão de mímice parecida com um sorriso, mas isolada porque nenhuma expressão dos olhos vem corroboral-a. O odio e todos os vicios que reinam no homem fazem ficar estampados na sua physionomia os traços da luta que elle sustenta continuamente. E d'ahi a permanente expressão da tristeza, e a falsidade de seu olhar.

Finalmente todos os attributos moraes têm a suas caracteristicas particulares, embora rapidas, mas sempre bem accentuadas. A intensidade de sua expressão varia segundo o desenvolvimento de cada um dos attributos, como tambem cedendo ás influencias momentaneas mais ou menos poderosas do meio que reage sobre o individuo.

S. SHACK.

(La Physionomie).

A SEMANA

Continuando sua primitiva maneira de ser, e para em tudo respeitar as tradições da folha, concedemos aos Srs. assignantes quites com ella, mas só a estes, as seguintes vantagens:—a) fazer á folha uma consulta medica ou juridica por mez; b) fazer-lhe perguntas ou pedir-lhe informações sobre qualquer assumpto. Tanto aquellas como estas serão respondidas com a maxima presteza, em ordem chronologica e do modo mais satisfactorio que nos for possivel.

O serviço de consultas gratuitas foi introduzido na imprensa brasileira pela "Semana" e é uma vantagem de grande valor para o assignante, por poupar-lhe algumas dezenas de mil réis no anno.

Como as respostas ás consultas são dadas pelo correio, só serão respondidas as que vierem acompanhadas dos respectivos sellos.

Roga-se aos Srs. assignantes o favor de indicar, sempre que possam, o numero de seu recibo quando hajam de consultar-nos.

O SONETO DE MOLIÈRE

Do soneto "La mort du Christ," attribuido a Molière, e por nós publicado em o n. 7-8, recebemos dez traducções.

Para julgal-as, decidindo qual a melhor e que devia receber o premio, escolheu o nosso director os illustres poetas Raymundo Correia, Olavo Bilae e Augusto de Lima, que, por feliz acaso, encontram-se reunidos em Ouro Preto.

Publicamos em seguida a especie de acta ou auto de julgamento humoristico firmado pelos nossos amigos, e no qual é considerada a traducção mareaada com a letra c como sendo a "menos má" das dez.

Respeitando absolutamente, como nos cumpre, a decisão do jury por nós eleito, é ao autor dessa traducção, o Sr. Silvestre Mineiro que daremos o modesto premio — uma obra illustrada de Molière; com tal fazer não queremos, todavia, significar approvação absoluta do modo por que foi julgado o concurso. Para que os leitores possam avaliar da

maior ou menor justiça da decisão, publicamos hoje, com o soneto francez, as dez traducções que delle nos foram remettidas, certas de que entre ellas hão de achar algumas a que não se podem applicar as expressões fulminatorias do auto de julgamento sem excessivo e descabido rigor.

Ha entre ellas algumas pessimas, outras más, mas tambem ha duas ou tres... soffríveis, pelo menos.

Os leitores, porém, que julguem.

Só nos resta agradecer aos illustres poetas, que outr'ora nos honravam com a sua preciosa collaboraçã, — favor de que A SEMANA acaba de mostrar não se haver esquecido — a gentileza com que se dignaram de aceitar a nossa incumbencia e a solicitude com que della se desempenharam.



Outro Preto, 24 de Novembro de 1893.

Concurso poetico d'A SEMANA

Traducção do soneto LA MORT DU CHRIST, de MOLIÈRE.

Nós abaixo assignados, membros do tribunal nomeado pela SEMANA para julgar das traducções que do bello soneto de Molière nos foram enviadas em numero de dez e designadas por letras de A até J, vimos por esta apresentar ao illustre redactor d'aquella folha o nosso julgamento. Começamos por dizer que nenhuma das traducções pôde ser justamente classificada pelo seu merito, pois que nenhuma d'ellas é bon, ou, melhor dizendo, todas ellas são más. Como, entretanto, o distincto amigo redactor d'A SEMANA nos pediu que classificassemos tres das traducções, pelo menos, se possível fosse, cumpre-nos confessar-lhe que, apezar de toda a nossa boa vontade, só nos foi possível dar menção honrosa á traducção designada sob a letra C, unica e simplesmente, entre as demais.

Tenham paciencia os outros traductores: se não damos aqui as razões porque repellimos os trabalhos com que concorreram é só porque para isso teriamos de transcrever os seus versos, com o que offenderiamos, atormentariamos, horrorisariamos, etc., os ouvidos dos leitores da boa SEMANA. Não sabemos se com os versos de C produziremos o mesmo effeito. Em todo o caso, lá vão elles com o respectivo grifho em duas expressões só de arripiar defuntos:

.....

 a lei do triste officio.

 de Deus a regalia,
 etc., etc., etc.

AGOSTO DE LIMA.
 OLAVO BILAC.
 RAYMUNDO CORRÊA.

La Mort du Christ
 MOLIÈRE

Lorsque Jésus souffrait pour tout le genre hu-
 [main.
 La Mort, en l'abordant au fort de son supplice,
 Parut tout interdite et retira sa main,
 N'osant pas sur son Maître exercer son office.

Mais le Christ, en baissant la tête sur son sein,
 Fit signe à la terrible et sourde exécutrice,
 Que, sans avoir égard au droit du souverain,
 Elle achevat sans peur le sanglant sacrifice.

L'implacable obéit, et ce coup sans pareil
 Fit trembler la nature et palir le soleil,
 Comme si de sa fin le moud eut été proebé.

Tout gémit, tout frémit sur la terre e dans l'air:
 Et le pécheur fut seul qui prit un cœur de roche,
 Quand les roches semblaient en avoir un de chair!

TRADUCÇÕES

A Morte do Christo

A

Quando Jesus soffria pelo genero humano,
 a morte, approximando ao aspero supplicio,
 a turba assistia ao spectaculo insano,
 sem onsar exercer sobre seu mestre o officio;

porém o Christo abaixa os olhos sobre o vicio,
 —fazendo um signal ao vulgo deshumano,—
 ordena com o olhar de nobre e soberano,
 terminasse o feroz, sangrento sacrificio.

A ordem tão fatal a multidão obedece.
 Treme a natureza e o sol empalidece
 como si o fim do mundo o bom Christo encarne.

No ar, na terra, em tudo o pranto apenas medra,
 só o peccador pediu um coração á pedra,
 quando a pedra tinha um coração de carne.

B

Quando Jesus soffria pelo genero humano,
 A Morte, apparecendo-lhe no auge do supplicio,
 Pareceu stupefacta e da mão susteve o damno.
 No senhor não ousando exercer o seu officio.

Mas o Christo, baixando a frente ao seio lhano,
 A' executora surda e cruel deu o indicio,
 Para que, não obstante o poder do soberano,
 Sem medo ella acabasse de sangue o sacrificio.

A implacavel subnette-se: tal golpe singular
 Fez tremer a natura e o sol se annuiar,
 Qual se do fim o mundo tão perto andara então.

Tudo gemeu na terra e no ar tudo rangeu,
 De rocha o peccador só teve um coração,
 Quando de carne as rochas mostravam ter o seu.

C

(SONETO PREMIADO)

Chegando-se a Jesus, quando este padecia,
 Em bon da humanidade, as ancias do supplicio,
 Attonita ficou a Morte, que temia
 Appliar ao Senhor a lei do triste officio.

Mas Jesus, com a frente a descahir, fazia
 A' cruel segadora um gesto que era indico
 De que, não tendo já de Deus a regalia,
 Almejava apressar aquelle sacrificio.

A Morte obedeceu então, e de surpresa,
 Logo o sol desmalou, tremeu a natureza,
 Qual si tudo do fim se fosse approximando.

Tudo na terra e céu gemia e vacillava:
 Como que a pedra tinha um coração chorando;
 Só, coração de pedra, o homem não chorava!

D

Jesus soffria pela Humanidade, quando
 Veio a Morte e, do deus á tortura cruenta,
 Indecisa ficou, a atra mão retirando,
 Sem nelle ousar cumprir sua missã odienta.

Mas sobre o seio o Christo a cabeça inclinando,
 Mandou que a executora, audaz e luctulenta,
 —O seu poder divino, em fim desrespeitando,—
 Sem receio acabasse a tarefa sangrenta.

E ao vibrar-lhe a impiedosa o seu golpe perverso,
 O astro-rei desmaiou, tremeu toda a Natura,
 Qual se chegasse ao fim nesse instante o Uni-
 verso...

Tudo chorou na terra! os espaços gemiam!...
 Só o impio um coração mostrou de pedra dura,
 Quando as pedras ter um de carne pareciam.

E

Quando, para remir-nos, Jesus tudo soffreu,
 a Morte o enfrentando no cumulo da dôr,
 extatica parou, e, em horrido pavôr,
 o golpe desviou, que nem o offendeu.

O bom Christo, porém, a frente a fim pendeu
 e a Ella, dos destiuos cruel executor,
 bradou: que bem t'importa eu seja o Salvador?
 E a Morte impiedosa o braço lh'estendeu...

Ante a ruez do golpe, tremendo, erã, sem par,
 a Terra extremeceu, o sol se retrahiu,
 como si prenuncio do mundo se acabar.

A natureza inteira e o céu, tudo ruiu!
 E quando em rocha o homem buscou se transfor-
 a rocha um coração de carne ao céu pediu. [mar

F

Pregado estava o Christo á cruz que nos saltou;
 Approximou-se a Morte e, no auge do supplicio,
 Pareceu hesitar e o braço retirou,
 Temendo praticar o seu nefando officio.

Mas Jesus, a cabeça inclinando, acenou
 A' executora atroz para que, sem flagicelo
 Contra o filho de Deus, que Deus nos enviou,
 Pudesse consummar o negro sacrificio.

Dando um tremendo golpe, a Morte obedeceu.
 Abalou-se a natura, e o sol empallicou,
 Qual se proximo fosse o termo deste mundo!

Tudo, tudo gemeu na terra e na amplidão;
 Sómente o homem mostrou ter do peito no fundo
 Uma pedra, e na pedra arfava um coração!

G

Quando Jesus soffrendo a redimir-nos veio,
 A Morte, a farejar-lhe o agror do atroz supplicio,
 Pasina, recolhe a mão, vencida pelo enleio,
 Não ousando no Mestre exercitar o officio.

Mas o Christo, pendida a frente sobre o seio,
 Acena á excentriz do intermimo flagicelo
 Que, sem respeito ao rei e sem nenhum receio,
 Consumme o colossal, sangrento sacrificio.

A implacavel vibrou o golpe atterrador.
 Tremeu a natureza, o sol perdeu a côr,
 Como se o mundo fosse a tombar no infinito.

Tudo gemeu, fremiu na terra e na amplidão:
 Só o homem teve então coração de granito
 Quando a rocha mostrou humano coração.

H

Quando Jesus soffria, immerso em negro pranto,
 A fim de redimir a humanidade inteira,
 A Morte, ao acerar-lhe o madeiro santo,
 Recuo, sem que chegar ousasse á sua beira.

Mas, Christo, exaustos já, porque soffresse tanto,
 Accusou co'a cabeça á triste mensageira,
 Que não lhe respeitasse o poder sacrosanto
 E sem medo lhe desse a pena derradeira.

A cruel obedeceu e quando elle morria
 A terra estremeceu, tornou-se negro o dia,
 Tal como si estivesse o mundo p'r acabar.

Tudo gemeu, em céos e terra, tremeu tudo:
 Só o coração ficou, aos homens, pétreo, mudo,
 Quando par'cia até nas rochas um pulsar!

I

Quando, por uos remir, Jesus—o bom—soffria,
 A Morte juncto no poste infame do supplicio
 Apparece hesitante, e retira a mão fria
 Não ousando exercer no Mestre o negro officio.

Christo, porém, ao seio a cabeça pendia,
 A' implacavel, cruel, dando sublime indico
 De não levar em conta a alta jerarchia,
 Sem temer praticasse o horrendo sacrificio.

Obedeceu a Parca, e ao golpe, sem seguido,
 Treme a natura, o sol, e quanto vive e medra,
 Como si no termo então chegado houvesse o
 [mundo.

Tudo é, na terra, no ar, lucto e desolação:
 Do peccador sómente é o coração de pedra,
 Quando parecem ter as pedras coração.

J

Quando da redempção raiou o sol no espaço
 E em prantos ia Christo quasi moribundo,
 Veio a Morte encontrar o Salvador do mundo
 E, prestes a ferir... recuou... tremeu-lhe o braço!

Mas Jesus, inclinando a frente no regaço,
 A' Deusa do Terror fez um signal. Profundo
 Golpe ella dá levando o Messias feundo
 A' méta de Soffrer. Elle não foge um passo.

Implacavel dever cumpre a Parca e obedece;
 A Natura treme, o sol se empalidece,
 Qual se surgisse o Dies iræ, o sursum corda!

Em toda a Crenção uma clegia medra,
 Só o homem revêla um coração de pedra,
 Quando as pedras têm alma que palpita e accorda.

DESIGNAÇÕES

- Letra A..... Angela das Dôrcs.
- B..... XXX (de Pitanguy).
- C (Soneto premiado) Silvestre Mineiro.
- D..... Henrique de Magalhães.
- E..... Dr. Joaquim José de Carvalho.
- F..... Arthur Azevedo.
- G..... Silva Ramos.
- H..... Brito Mendes.
- I..... Domingos de Castro Lopes.
- J..... Gil Petit.

PAGINAS LIDAS

A Victor Silva

Morria no ar pesado do ambiente o lampejo esvoaçante de uma grande estrella. De tudo, de todos os objectos se evolava esparsamente, como n'uma irradiação, o perfume subtil do teu fidalgo luxo, requintado pelo teu sangue da nobreza real dos solares antigos.

A luz cantava nos candelabros de ouro, orchestrava-se, vasando pelas transparencias dos crystaes rutilantes, como um vinho delicioso que se bebe com ruido.

A tua "chinoiserie" fina e escolhida, destacava clara nos pequeninos nichos, realçando a finura artistica do teu apurado gosto.

E tudo n'um unisono somnolento e longo, vibrava, n'uma dolencia de violinos, a ballada fugitiva da tua mocidade apagada.

Sonhaste... Certo uma visão do passado. Pela tua retina passou desdobrada a tua primeira magua, ou a tua derradeira saudade.

Era o castello, ao longe; por uma noite embalsamada, vias o clarão symbolico do luar que morria, ao sibilar dos teus primeiros beijos.

E que bellos amores! Que lindo que era o teu gentil poeta!... Era só para elle que vivias, deliciosamente soietrando no seu labio a oração sagrada dos bellos medrosos.

E o castello lá estava erguido e sisudo na sombra, como um poema de pedra...

Sonhavas. Tiveste sorrindo a emoção transcendente de um noivado ao luar. Diaphana, com um leve traço de deusa, de uma tenuissima nuvem, nascias para os esponsas celestes. Uma turba infundavel de anjos, faziam-te uma viactea, e, serena, do azul setinoso do céu, vinhas singela e calma, entre flores e beijos; solto o longo e leve cabelo louro e sobre a fronte aureola luminosa que acompanha as santas.

Sonhavas, e de sonho em sonho, como se vibrasses o arrabil da tua mocidade, desfolhando, nota a nota, n'uma harmonia infinita a flôr vespéral dos teus amores, sentias a cada espreguiçamento magoado, a emoção radiosa dos teus dias felizes, onde uma eterna primavera desabrochava o sorriso e emurchecia os pesares.

Era toda a visão dos teus largos amores, todo o espraído vibrar dos teus desesels annos, todo o delicioso florir dos teus encantos de moça.

—Como é bon. sonhar! talvez disesses, quando acordaste n'um sobresalto.

Releste o livro empoelrado do teu riso e da tua illusão e a cada pagina te detiveste como diante de um altar de ouro onde a lagrima vale uma oração.

Choraste; a cada phrase psalmodiavas constricta o "de profundis" da tua crença, e o "requiem" pesado da tua belleza morta.

E rapidamente, como n'um clarão que te illuminasse, viste atravez das lagrimas a bizarra figura do teu mandarim gorducho, de terra-cota, cravando nos teus olhos os olhinhos maliciosos de eterno farcista.

Então, n'um gesto de enfado, como se elle, o pobre do chinezinho te anavalhasse n'uma fina ironia, a te dizer n'um esgare que já não tinhas a frescura suave dos myosotis, esphacelaste-o todo, atrozmente, barbaramente, sobre o marmore roseo do contador.

E então, desde esse dia, como a vingança trucidante do pequerrucho man-

darim, a cada hora o vês levantado e composto, lepidio diante do teu olhar, a piruetar macabramente, n'uma dansa infernal, a rir de ti n'uma "grimace" apunhalante, desfiando no espaço a mentira risonha dos teus sonhos de mocidade!!

PLACIDO JUNIOR.

Factos e Noticias

Como é sabido, fundou-se em S. Paulo uma escola polytechnica, cuja directoria foi em boa hora confiada ao illustrado Sr. Dr. Antonio Francisco de Paula Souza, que, no desempenho do elevado cargo de Ministro da Industria, deu de si brilhantissima copia.

Para lente da 3ª cadelra do 1º anno (phystica experimental e metereologia) foi nomeado o nosso dedicado e distincto amigo e assiduo collaborador Dr. Manoel Ferreira Garcia Redondo, cuja competência está acima de qualquer elogio.

Tivemos ensejo de ler os prospectos do ATHENEU PAULISTA, um dos melhores collegios de S. Paulo e que tem á sua frente o Dr. Mario Bulcão.

Da leitura dos alludidos prospectos se depreheende a boa organização que preside ao collegio, cujo director reúne as melhores qualidades de pedagogo moderno.

A GAZETA DE S. PETERSBUROO disse que no anno de 1892 publicaram-se na Russia 6.588 obras representando 22 milhões e 900 mil exemplares, escriptas em lingua russa, e 2,465 trabalhos em 6 milhões e 100 mil exemplares, publicados em lingoas estrangeiras; importando o total em 9.053 obras, das quaes foram tirados 9 milhões de exemplares. Não estão incluídos nesta conta os trabalhos sobre religião e litteratura popular.

A' redacção d' "O Paiz" e á nossa dirigio a intrepida estacionaria de Angra dos Reis uma carta, em que agradece as referencias feitas á sua pessoa e pede que o producto da subscrição aberta em favor della, reverta em beneficio "daquelles que se batem pela consolidação da Republica e pela felicidade da nação."

Esta subscrição por nós aberta conta apenas as seguintes assignaturas:

"A Semana" 10\$000
Madame R. Amoedo.... 5\$000

Satisfazendo os desejos de D. Julia Cunha, entregámos essa quantia ao nosso digno collega redactor-secretario d' "O Paiz" para que elle lhe dê o conveniente destino.

JOSE' DO EGYPTO cede hoje e por mais alguns sabbados o cothurno (ou sandalia?) de Xenophonte das duzias, que se préza de ser, a um illustre amigo e confrade, modesto como a violeta do bosque, que (Vide a poesia inedita de Gonçalves Dias, hoje publicada) por isso encapota-se no pseudonymo JULIO VALMOR.

Este falso nome não é de certo desconhecido dos antigos leitores da nossa folha, que estão talvez lembrados de

umas suaves e "salerosas" quadras por elle feitas a uma tal Pepa.

Quando eu dormir na eterna noite escura!
Quero embalar-me aos sons de uma viola:
Que cante sobre a minha sepultura
Pepa, a hespanhola...

O nosso homem tem ouvido cantar Pepa, a hespanhola mas não ainda, felizmente, sobre a sepultura delle.

E a prova é que está a encantar os leitores da SEMANA com os primores do seu estylo e a pyrotechnia de sua graça.

JOSE' DO EGYPTO retira se contente; não vae meditar sobre a fragilidade das cousas humanas; vae cultivar a batata ingleza e applaudir JULIO VALMOR, SUB TEGMINE FAGI.

CHRONICA DO SPORT

Fomos mais uma vez obsequiados pela directoria do Turf-Club, com um convite para a esplendida corrida realzada no domingo ultimo e que constou de 7 pareos esplendidos.

Disputaram-os galhardamente os animaes inscriptos, sahindo vencedores os seguintes:

	1º lugar	2º lugar
1º pareo	Puebla	Brind'Amour.
2º "	Excellence	Blakstone.
3º "	Zut	Ravensburg.
4º "	Connaught	Pluton.
5º "	Teneriffe	Republica.
6º "	Licteus	Coudel. M. Z. Martins.

A poule de Teneriffe rendeu 58\$200 e a de Puebla \$13300, ambas em 1º lugar. Foi uma festa esplendida, bem concorrida e que veio provar mais uma vez o bom gosto da Directoria do Turf-Club. Agradecemos pelo amavel convite.

J. DERBY.

ARCHIVO

Recebemos e agradecemos:

Brazilian Railways their History, Legislation and Development by Chrockatt de Sá. C. E. Inspector-general of Railways.—Este excellent trabalho foi feito para figurar na exposição de Chicago, mas devido ao ministro Limpo de Abreu, que prohibiu a devida impressão, não pode figurar n'aquelle certamen pois quando o illustrado Dr. Paula Souza, successor do ministro Abreu, determinou a mesma impressão não havia mais tempo para ser enviado. E' como dissemos um bom trabalho que muito honra a Inspectoria das Estradas de Ferro e principalmente ao seu digno chefe o Dr. Chrockatt de Sá.

REVISTA INDUSTRIAL DE MINAS GERAES—N.º 2. Interessantissima.

REVISTA PEDAGOGICA, excellent publicação periodica do Pedagogium. N.º 25, 26 e 27.

REVISTA DO INSTITUTO DOS ADVOGADOS BRASILEIROS, tomo XIV, Julho 1893.

RAZÕES FINAES da accção commercial entre a Companhia de Obras Hydraulicas e a Empreza de Obras Publicas.

OS TIROS DA VÓVÓ, polka do nosso amigo C. J.

Temos tambem sido honrados com a visita dos collegas de costume, o que muito agradecemos.

ANNUNCIOS**ESTABELECIMENTO
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO**

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado

115 — Rua Sete de Setembro — 115

Rua da Carioca, 12 e 14

FILIAL EM PETROPOLIS

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A' CASA PASCHOAL

CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133

Importação por todos os paquetes

Completo sortimento de chapéus para homens,
senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.

Rio de Janeiro

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE

FLORES ARTIFICIAES

Ribeiro de Carvalho & C.

RUA DO PASSEIO

Têm sempre um grande e collido sortimento de grinaldas, flores,
etc., etc**PIANOS E MUSICAS
FONTES & C.**

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

O PEDAGOGIUM

13 Rua do Visconde do Rio Branco 13

BIBLIOTHECALaboratorio de Chimica, Gabinetes de Phisica
e Historia Natural.**EXPOSIÇÃO DE MATERIAL ESCOLAR**

ESTÁ FRANCO AOS ESTUDIOSOS

Nos dias uteis das 10 horas da manhã ás 3 da tarde

REVISTA PEDAGOGICAOrgão do PEDAGOGIUM. Distribuição gratis aos
Srs. Professores.

ESTA PUBLICADO O 1º FASCICULO DO TOMO V

Dr. R. Fajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hoſpicio n. 22, das 2 ás 4 horas

Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

DR. VALENTIM MAGALHÃES

ADVOGADO

RUA DOS OURIVES N 71

SEGUNDO ANDAR

DE 1 A'S 3 HORAS

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade : Partos e Molestias das Senhoras

Residencia e Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

Papelaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.

Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.

A SEMANA

DIRECTOR: VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, rua dos Ourives n. 71, 2º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 9 DE DEZEMBRO DE 1893

EXPEDIENTE:

Assignatura annual. . . 12\$000
 " semestral 7\$000
 Numero avulso. . . \$200
 " atrasado . . . \$300

As assignaturas terminam sempre
 em Junho e dezembro

SUMARIO.—Historia dos sete dias—Julio Valmor; O eterno dialogo, poesia—Magalhães de Azevedo; Caricias—Garcia Redondo; Gazetilha litteraria; Mola real, poesia—Domingos C. Lopes; Mana Minduco—Pedro Rabello; Scintillas, soneto—Siva Tavaras; Os collegas; Os que surgem; Vatico, poesia—Themistocles Machado; Factos e Noticias; Correio—Enrico; Tratos á bola—Fr. Antonio.

Historia dos sete dias

O chronista ignora absolutamente, e não se peja de o confessar, como foi que se passaram para toda a gente os sete dias decorridos. Para elle foram deliciosos. Olhos fechados para o exterior e abertos apenas para o lado da alma, d'onde se descortinam horizontes illimitados, que se estendem passado fóra, esbatidos suavemente pelo vago crepusculo da saudade.

E' que recebera no domingo A SEMANA e, por uma coincidência muito grata ao seu coração, volviam a emparelhar-se na collaboracão daquelle numero dois nomes que ha já bastantes annos no hemispherio de além haviam começado juntos a viver a vida do espirito: o do estimavel autor da "Botanica Amoroza" e o que pretenciosamente se encobre com o pseudonymo que subscreve esta chronica, como se a sombra que o envolve a elle proprio não fosse bastante para occultal-o de todo.

Isto passou-se em Coimbra, para onde as nossas familias nos haviam mandado com o fim de nos exercitarmos

"no valeroso officio de Minerva"

Foramos convidados por um bohemio encantador, de decidida vocacão para as letras e que toda a gente affirmava que nunca seria outra cousa, para conduzirmos juntos um "Peregrino", folha litteraria, que se lra sustentando do parco allimento que os nossos espiritos lhe dessem e das mlgalhas que dos seus opiparos banquetes lhe mandassem os maiores do cenaculo da Couraça: o João Penha, o Gonçalves Crespo e o Guerra Junqueiro, e do qual tambem fazia parte o futuro autor dos "Arminhos"

Abraçamos com enthusiasmo a idéa do nosso amigo e sem esperarmos que amadurecessem os fructos do nosso estro, assim mesmo verdes os lamos lançando na sacco daquelle "Peregrino"

que ingenuamente acreditavamos nos havia de levar á gloria.

Garcia Redondo encarregou-se de obter alguma cousa dos seus companheiros. Os poetas da Couraça não se fizeram esperar e mandaram-nos esta cousa;

"E os lemures da noite vão passando
 Ante os olhos cansados do vidente!
 Sou a larva que vaga eternamente
 Das larvas sepulchraes por entre o bando.

D'onde venho? Quem sou? Astro de um dia,
 Que o pé do Creador lançou no espaço,
 Descrevendo ao cahir sombrio traço
 Nas laminas da noite humida e fria...

Não comprehendem? Tambem nós então não comprehendemos, mas assentámos em que devia ser sublime, visto como para produzir aquella obra ingente, havia sido necessario consociarem-se os engenhos de todos tres, como se deprehendia da assignatura, formada da inicial de cada um.

Isto era bom; mas tudo passa. D'alli a dias, Redondo partia para Paris, se me não engano, onde se transformou em curto prazo n'um engenheiro distinctissimo; o redactor principal da folha, desperdiçados mais alguns annos na bohemia das letras, lá seguiu tambem para a grande Capital do mundo, d'onde regressou passados tempos um psychiatria notavel, citado pelas summidades medicas da França, uma gloria para o seu paiz. S. Paulo ufana-se de hospedar neste momento o Dr. Bettencourt Rodrigues. Quem isto escreve ia iniciar a conhecida viagem de cinco annos através as reglões ennevoadas do Direito, sempre na alegre companhia de Gonçalves Crespo, que nunca mais perdeu o anno depols que se determinou a abandonar as sciencias naturaes.

Comprehendem agora com que doce satisfacão interior encetou o chronista os sete dias, satisfacão continuada a seguir pelo jubilo inexprimivel de contemplar em effigie o aprimorado escriptor, em cartões por elle enviados aos directores desta folha.

Estas recordações fazem-nos velhos; resta-nos, no entretanto, uma consolacão: é que, por tantas illusões que nos fugiram ainda uma nos ficou, por ventura tão viçosa e cheia defrescura como na idade juvenil: o enthusiasmo illimitado pelas letras.

A' chronica não pôde deixar de ser em extremo sensivel a formidavel tarefa que apanharam os traductores do soneto "La Mort du Christ." E' que o chronista não ignora que o amor proprio mais irritavel, tirante o das mulheres, é sem contestação o dos poetas.

Sempre me ha de lembrar o que me succedeu com Fernando Leal, um escriptor portuguez de subido mereci-

mento e que, supposto menos conhecido como poeta, bastaria a conquistar-lhe tal nome a superioridade de alguns dos seus trabalhos em verso.

Em uma quinta feira santa, em que juntos andavamos os dois pereorando as egrejas em Lisboa, Leal, quiçá por aligeirar a via-sacra, fez-me ouvir a sua ultima poesia, uma ode ao sol, se bem me lembro, pedindo-me que lhe revelasse com toda a sinceridade a minha impressão.

E' claro que tomei como simples cumprimento o interesse que me manifestava por um juizo que, por obscuro em nada podia influir na reputação gradualmente crescente do já então estimado poeta.

No entretanto, satisfiz sem tergiversar, applaudindo incondicionalmente o seu trabalho.

Insiste Leal, rogando-me que me não deixe levar por considerações de delicadeza ou de amizade e que examine detidamente a poesia, afim de declair se produzirá bom effeito.

Escuto-lh'a de novo, com todo o prazer e tenho a satisfacão de confirmar o meu juizo.

Passam-se tempos e uma bella noite, entrando na cervejaria Leão, por aquelle tempo ponto de reunião de artistas e poetas, avisto abancados Fernando Leal e o malaventurado Cesario Verde.

Como quer que naquelle mesmo dia tivesse apparecido publicada a poesia que eu escutara a Fernando, apressadamente a felicital-o mais uma vez pela sua bem trabalhada producção.

Ainda agora não explico a mim mesmo o que levou o autor da ode ao sol, que áquella hora já havia recebido do publico a consagração da sua obra, a instar mais uma vez pelo meu parecer.

"Com franqueza, observei-lhe. E' uma bella poesia. Apenas algum grammatico em demasia escrupuloso poderá fazer reparo em que tratando o autor por "tu" o sol, logo adiante passe a tratal-o por "você," obrigando os verbos a uma evolução da segunda para a terceira pessoa; mas isto, afinal de contas, até imprime nos versos um certo sabor de naturalismo, visto como são frequentes taes saltos na conversação familiar."

Palavras não eram ditas, eil-o que cresce para mim numa invectiva por tal fórma insultuosa, acompanhada de gestos por tanta maneira decisivos de me atirar com qualquer cousa, que, se Cesario não se mette de permeio, com certeza teriamos offerecido á galeria o espectáculo gratuito de um esmurraçamento olympico.

Não satisfeito com este movimento inconsiderado de uma irritabilidade atrabiliaria, retirou-me a sua amizade.

Com Cesario Verde, que tão nobremente conseguiu libertar-me da ira enfurecida do poeta allucinado, aconte-

ceu-me um caso um tanto semelhante, que, comquanto menos violento, não delva de patentear igualmente como é feuil de azedar-se o fermento de que é feita a inspiração dos poetas.

Uma manhã subiamos nós o Chiado, de braço dado, e Cesario ia-me repetindo uma bellissima poesia, de cujo nome não me recordo, em que comparava a fructos as diversas partes do corpo humano, fazendo avultar, com aquella originalidade que só elle possuía, a estranha ligação que prende o homem á restante natureza.

Ouvi-lhe os versos com o sorriso nos labios, como quem encontra no sorriso a mais suave expressão das alegrias interiores, quando a alma sente expandir-se na contemplação maravilhada de qualquer quadro encantador.

Ao terminar a poesia, o meu jubilo havia attingido a maxima intensidade, que se traduziu na mais irreprimida jovialidade que dar-se pôde.

Qual não é, porém, o meu espanto ao ver Cesario retrahir-se-me, e orar até ás orelhas e observar-me, encordado: "E' preciso que V. saiba que nunea me passou pela idea que os meus versos fariam rir quem quer que fosse. Si o tivesse adivinhado teria poupado a mim mesmo essa desillusão e a V. o esforço supremo de esanear as mandibulas."

E nunea mais me disse versos. E esta?

Aproveitaram-me as lições. Dahi em diante jámais deixei de oppor a mais inexpressiva das physionomias sempre que um poeta me concede a suprema ventura de desenrolar diante dos meus olhos ou dos meus ouvidos as maravilhas do seu estro.

Por isso avalio bem quanto aquella sentença firmada por tres poetas de primeira grandeza deve ter bulido profundamente com o amor proprio de cada um dos concorrentes. No entretanto, ousou affirmar, não ha motivo para isso.

Os distinctos poetas julgadores não podiam melindrar com o seu parecer nem os traductores nem as traducções. Não podiam melindrar os traductores pela razão de que ignoravam absolutamente quem estes fossem; não podiam melindrar as traducções porque não tendo elles jámais recebido de nenhuma dellas a mais ligeira offensa, não se pôde razoavelmente aereeditar que hajam tido o minimo interesse em lhes serem desagradaveis.

Si as receberam com quatro pedras na mão é que ellas se lhes não apresentaram com aquelle requintado esmero que convém a filhas que pretendem honrar o nome de seus pais. Foi, portanto, por consideração com esses mesmos progenitores que elles lhes negaram a caricia affectuosa com que poetas daquella elevação tem o poder de transmitir n'um beijo a immortalidade.

JULIO VALMOR.

O ETERNO DIALOGO

A Valentim Magalhães.

O coração

Eu sou o fœo, o centro, o fundo
De toda a sensação humana:
Concreto e resumido mundo,
Em que é real tudo, e nada engana.

Si o olhar, por um pendor magnetico,
Pousa, febril, em outro olhar,
Ou vulto finamente esthetico
Se delicia a contemplar;

Si affaga o ouvido um som mavioso,
Uma voz melga e femilna,
Que todo o enleva e attrahe, no goso
Da symphonía mais divina;

Si prende o olphato a undosa coma,
Ou o beijo de uma ideal mulher,
Ou flôr, que penetrante aroma
No seio d'ella foi colher;

Logo, em meu amago desperta,
Reflecte uma sonora fibra,
A emoção justa, a imagem certa,
Que nos sentidos freme e vibra.

Em mim, da criação demora
O multiplo segredo; em mim
Guardo da vida, hora por hora,
Germen, principio, melo e fim!

O cérebro

Ha um verme occulto no organismo,
—Verme immortal, que, a pouco e pouco,
Cava de ruina hiante abysmo,
Onde o homem cahe, perdido e louco;

E és tu, não outro, o feroz verme,
Que, pelas trevas e á traição,
Rasga, trueida um peito inermes,
O' presumpçoso coração!

Com teus encantos não me illudo,
Nem julgo poucos os teus crimes;
Tudo destroes, corrompes tudo,
De teus furores nada eximes!

Não fôras tu, genio perverso,
Genio fatidico do mal,
Que outro seria, que diverso
Nosso destino! Quietos, igual,

Corrêra o fluxo da existeneia,
N'uma perpetua primavera,
Entre os enlevos da sciencia,
E a luz do sol, que o prazer gera!

A vida é lugubre contigo;
Pois, de erro em erro a progredir,
Em cada ser um inimigo
Teu e meu queres conseguir!

Pões entre mim e a natureza
Um véo de pranto e sangue e lucto;
Do teu elamor sem termo prêsas,
Si quer a voz de Deus escuto!

O coração

A' sêde atroz que nos consome,
Fonte escassissima propões;
Ha nella balsamo que dome
A aneia das nossas afflicções?

A sciencia! então, os seus arcanos,
Por mais serenos e elevados,
Saeiar logram os humanos
Desejos? Dormem socegados.

Na alma os activos sentimentos,
Porque demonstra Galileu
Que a terra, em longos gyros lentos,
Rola atravez do infindo ceo?

Si os astros seguem, cautelosos,
A lei, que os rege em seu caminho,
Nós revoltamo-nos frosos
Contra fadario tão mesquinho!

Quem de um brocardo ou de um theorema
Na sequidão pode suppor
Exista a predica suprema,
Que o choro estanca e leva a dor?

Surja e responda o velho Fausto,
Que ao torvo nume da verdade
Se devotara em holocausto,
Desde a mais verde mocidade!

Onde essa fonte encanecida
A' juventude renasceu?
Loura e piedosa Margarida,
Não foi, mulher, no selo teu?

O cérebro

Ousas falar-me de mulheres!
Tu, que do bem, trêdo, as afastas,
E com visões impuras feres
A phantasia das mais castas!...

Por ti, Helena o esposo honesto,
Insana, prófuga, trahiu;
E em dura guerra e exilio infesto
A avlta Hion se consumiu!

Por ti, num osculo subllime
(Como vivêra, si o não dêsse?)
Francesca o amor culpado exprime,
E em justiceiras mãos perece!

Por ti, o virus do adulterio
Macúla os leitos conjugaes;
E odio, clume, vituperio
Vem resolver-se em pranto, em als!

Mas que acerbissima vingança
Te faz soffrer a sorte dura!
Tua fraqueza não descansa
Nunca, do berço á sepultura!

Urdirno tramas e desgraças,
De que, não raro, o acaso ri,
Nas proprias rêdes te embaraças,
E fazes mal sómente a ti!

A vasta liberdade eu tenho;
Tu serves a um senhor cruel,
Submisso o adoras,—com que empenho!
Contaminar-te em lodo e em fel!

Debil, arrastas as cadelas
Da escravidão mais degradante;
Gemes, e lubricas sereias
Zombam de ti a cada instante!

O coração

Que importa? Assim qual ful creado,
Palpitarei até morrer;
Amar, si bem não sendo amado,
—Eis meu supplicio... eis meu prazer!

Haurir do goso a taça inteira,
E a do Infortunio, aspero e rude,
Esta é a gloria sobranceira
Da vida em sua plenitude!

Si tudo mente em toda parte,
Si as nossas creanças nada são,
Ao menos tenho a divina arte:
Fazer um céo... de uma illusão!

Magalhães de Azeredo.

Uma hora sósinhos

(VIAGEM PELO PAIZ DA TERNURA)

1884

A minha mãe

Uma manhã ella disse-me:
— Preciso sahir hoje para fazer algumas compras; as creanças estão sem roupa. Sei que não podes acompanhar-me, mas podes ficar com os meninos; eu levarei commigo Elizinha e demorar-me-hei pouco.

Eu tinha nessa época um trabalho colossal e urgente entre mãos, que, dia e noite, me trazia amarrado á secretária; não podia perder um minuto.

Disse-lhe que sim, que levasse a menina, que eu ficaria em casa com os meninos.

— Mas... tomas sentido nelles?... Tu andas tão occupado... Posso ir tranquilla?...

— Podes, podes.

Foi difficil convencer os meninos de que a demora da mamãe seria curta. Elles tambem queriam ir. O passello tem taes encantos para as creanças!...

O Manoelito, fazendo beicinho e com os olhos rasos de agua, dizia:

— Eu já sei vestir-me sósinho, mamãe, eu já sou um homem; não é preciso que você me vista, quer ver?...

O Alfredinho, mais pratico, para mostrar tambem que não precisava de auxilio estranho para vestir-se, tinha posto já um grande chapéo na cabeça e, de babelro, arrastando a minha bengala, dizia alegremente com os seus labios

vermelhinhos e ainda lusentos do leite que acabara de beber :

— Estou prompto, mamão.
— Afinal, ante a promessa de umas gulodices, resignaram-se a ficar.

Mela hora depois, da minha mesa de trabalho eu ouvia as ultimas recommendações que ella lhes fazia :

— Que se comportassem bem... que ella voltaria em breve e elles havia de trazer muita cousa boa.

Ouvi fallar vagamente em empadinhas de camarão, *mãe-bentas*, *balas* de ovo e *boubons fondants*.

Depois, entreahriu-se a porta do meu escriptorio e ella disse-me :

— Até já; vê lá se te esqueces de olhar pelas creanças...

— Podes ir tranquillá, ficam ao meu cuidado.

Sahiu.

Fazia um bello dia primaverino. Pelas janellas do meu escriptorio completamente abertas, o sol entrava alegre e creador e illuminava o aposento com uma luz viva e saudavel. Na rua, as carroças corriam á *disparada*, fazendo um ruido ensurdecedor sobre o calçamento. A casa vibrava á passagem das carroças e os canarios da vizinhança enchiam o ar de canticos festivos. Uma manhã deliciosa, propicia ao prizer e ao labor da penna.

Eu, depois de haver recommendado muito aos creados que olhassem pelas creanças, que as não perdessem de vista, que não fizessem outra cousa senão vigial-as, voltei para o escriptorio e recommencei o meu trabalho. Absorvido completamente pelos meus calculos, eu ouvia, de quando em quando, o estridulo argentino das risadas dos meninos á mistura com as falas e os risos dos creados e sentia-me tranquillillo. A minha penna, embriada pela musca carlosa d'aquelles risos, revelava rapida e feliz sobre o papel e eu via com prizer as tiras esgulas, cheias de letras e de algarismos, amontoarem-se na minha frente.

Uma hora depois ella voltava, acompanhada por um homem carregado de embrulhos.

Foi um algazarra infernal.

— Mamão!... Mamão!... ahi está Mamão! dizem os meninos, batendo palmas e dando pulos de satisfação.

Eu ouvia e percebia tudo isto do meu gabinete, trabalhando sempre.

Ella entrou no escriptorio.

— Então como se comportaram elles? perguntou-me, offerecendo aos meus beijos o rosto pallido da nossa filha.

— Admiravelmente.

E posei, a penna, para tomar a creança nos meus braços e beijal-a.

Ellos — o Manoelito e o Alfredinho — haviam ficado na sala contigua a namorar os embrulhos.

— Não houve quedas, nem brigas, nem travessuras más?

— Nada.

— Viginaste-os sempre?

— Sempre.

E, distraidamente, pensando n'uma formula algebraica que, minutos antes, havia escripto e cuja construcção me parecia defeltoza, tomei uma das tiras escriptas e comencei a reler-a. Ella trouxe-me a menina do collo e sahio. O trabalho absorveu-me de novo.



Os canarios da vizinhança continuavam a cantar ao desfilio, e o sol, então mais quente, invadia já a minha secretaria e mordida-me as costas.

Minutos depois, ella reentrou no meu escriptorio. Vinha visivelmente contrariada e exclamou logo :

— Então? Foi assim que olhaste pelas creanças?...

Um pouco assustado, perguntei, levantando-me :

— Mas... o que foi? o que houve?

— Veni ver.

Segui-a.

Levou-me primeiro ao nosso quarto de dormir. Que horror!... No centro da cama, erguia-se uma pyramide de cadeiras, enclmada por uma calxa de papellão de dentro da qual surgiam, n'uma grande pujança de vegetação tropical, as folhas carnudas e setinosas de uma begonia lindissima, que serve de ornamento á minha meza de jantar. Junto á cama via-se uma escada dupla que tinha servido de andaime para construcção d'aquelle monumento.

Não me foi possivel conter o riso.

Ella, esforçando-se em balde por fingir-se muito zangada, indicava-me com o dedo a colberta branca, alvissima, posta all uma hora antes, completamente zebraada pelas pegadas deixadas por quatro sapatinhos enlameados.

— Vês? pois não é tudo; dizia-me ella, querendo engulir o riso que, irrisistivel, lhe borbulhava nos labios.

E, deixando o quarto, tomou a direcção do jardim.

No jardim, as renovações tinham sido estupendas. Uma linda roseira — um *principe Alberto* genuino — que floria em uma tina proxima ao muro, tinha sido transplantada para o centro de um canteiro de morangos; dentro da tina e no lugar da roseira, via-se a armação de um guarda-chuva, desprovida de seda, completamente aberta e de cabo espetado ua terra.

Os pés de violetas de um alegrete tinham desaparecido todos e, em vez de violetas, o alegrete dava-se ao luxo de produzir botões de rosa que surgiam espontaneos da terra como pequeninos repolhos rubros!...

O caule vigoroso e onduido de uma beija-trepadeira — a *glycinea* — que na primavera enflora de um azul celeste o portão do jardim, fora transformado em balanço e, em virtude do peso e dos arrauços que supportara, havia esgarçado!...

Pelos canteiros, em todas as direcções, viam-se os vincos fundos, deixados na terra fóta pela passagem de tres rodas de um velocipede irreverente e tresloucado. Uma calamidade!...

E, onde estão *elles*?...

Elles tinham desaparecido!...

Procurámo-los por toda a casa, de phisionomia carregada, rindo-nos á sucupa, ella por um lado, eu pelo outro.

Não appareciam.

Os creados esses admiraveis creados, como sempre, não sablam de cousa alguma, não tinham visto nada.

— Mas onde estão os meninos?...

Os meninos, não davam signal de si e já a inquietação se a poderava de nós.

Afinal, occorreu-me uma idea luminosa. Quando entrava, pela segunda vez, no nosso quarto de dormir gritel :

— Quem quer pão de ló?

Respondeu-me logo a voz do Alfredinho, dizendo :

— Eu quero, eu quero.

Essa voz, porém, vinha do tecto!...

Do tecto!

Estupefacto, levantei a cabeça e vi então o Alfredinho accoorado no ultimo degrau da escada dupla muito quietinho, occultando-se com o cortinado da cama!

Receiundo uma queda fatal, cheguei-me de manso para a escada e, com o coração aos trancos, subi tremulo o primeiro degrau, de olhos cravados no enclabrado, cujo corpinho rollo desapparecia lá em cima sob as dobras do cortinado.

Ao longe, no ultimo quarto da casa, ouvia-se a voz *d'ella*, que dizia, u'm tom adocicado e medroso :

— Sai d'ahi meu filho, sai sem medo, que mamão não te fará mal.

Era de certo com o Manoelito, cujo esconderijo havia sido descoberto tambem.



Minutos depois, entravamos ambos na sala de jantar, ella por um lado, eu pelo outro, trazendo

cada um de nós pela mão, um d'aquelles dois terriveis leonoclastas, que em uma só hora de liberdade tinham revirado a casa toda.

Elles vinham pallidos, cheios de medo, silenciosos, de olhos cravados no chão e arcon-stricto.

Ella, para prevenir uma explosão possivel da minha colera, deu-se pressa em me comunicar que já havia castigado severamente o Manoelito; eu, pela minha parte, asseverei, muito serio, que tinha esfolado o Alfredinho.

Mentiamos como dois bandidos.

Elles entreolhavam-se desconfiados.

— Então, por agora — disse eu, de sobrecoelho carregado, affectando una ares terriveis — por agora basta de pancendaria, já tiveram bastante; mas para outra vez... Sim, para a próxima que fizerem...

E agitei a mão de um modo traçoso, pondo os olhos em alvo...

Ella, já não podendo conter-se, soltou uma gargalhada e eu outra.

E, enquanto nos riamos, elles mariuhavam para os nossos collos e enchiam-nos a cara de beijos.

O Alfredinho inqueria-me por entre os beijos, olhando-me de frente com os seus olhos muito luzentes e pretos :

— Papai, você *gáhe* (gosta) de mim? O outro armava á ternura da mãe, dizendo-lhe : — Eu guardel uma cousa para você.

E mostrava-lhe um bodego!...

Como não se hu de adorar a estes cherubina — mafarriços?...

Depois de muitos afagos, elles apoderaram-se dos embrulhos de doces e principaram a fazer n'elles o mesmo destroço que os francezes fizeram nos chins.

Voltei então para o meu escriptorio e formula, que antes não me sabia correcta, surgiu-me dos bicos da penna facil e perfeita.

E, enquanto as carroças passavam na rua e os canarios tinham, eu ouvia a voz do Alfredinho, que segredava ao Manoelito :

— Sabe? Papai não me bateu, não... E o Manoelito por sua vez :

— Mamão tambem não me bateu...

Depois, ficaram muito tempo a cochlear.

Não ouvi mais nada, mas os patifes tramavam de certo uma nova revolta.

(Excerpto das *CARICIAS* — livro inédito)

GARCIA REDONDO.

GAZETILHA LITTERARIA

O trabalho que, firmado pelo nosso illustre collaborador Dr. Garcia Redondo, hoje publicamos é um excerpto do seu livro inédito *CARICIAS* (Viagem pelo paiz da ternura); livro intimo, feito de amor, bordado desses nada insignificantes que são a vida do coração e de que se fazem os grandes poemas.

E' uma obra no genero das de Loti, pelo lado do seu subjectivismo, mas, a julgar pelo delicioso trecho que hoje inserimos, deve ter mais variedade, mais movimento, mais alegria.

CARICIAS vae ser impresso e editado com todo o capricho e elegancia, ornado de finas gravuras sobre madeira, de que são specimen as que illustram hoje as nossas columnas.

Eis uma noticia de encher de contentamento os amantes das boas letras e dos bellos livros.

Na secção "Os que surgem" tem A SEMANA hoje o viva prizer de apresentar aos seus leitores e recomendar á attenção dos nossos confrades um novo poeta, o Sr. Themistocles Machado, natural do Ceará, que veio estudar na Faculdade Livre de Direito desta Capital.

A poesia que hoje publicamos—*Vatico*—pertence ao livro "Myrtos," prompto a entrar no prelo e que será prefaciado por Valentim Magalhães.

Nella se revellam qualidades notaveis de poeta e que serão affirmadas em outras composições que se lhe hão de seguir nas columnas desta folha, qualidades de fundo e de forma:—sentimen-

to imaginação, espontaneidade, correcção e elegância.

Parece-nos que devem esperar bastante as letras brasileiras do joven conterraneo de Antonio Salles.

A proposito da apresentação do joven poeta cearense, registremos com satisfação os bons resultados produzidos pela carta aberta dirigida por nosso director a Martins Junior em o n.º 3 da SEMANA e que foi por este reproduzida em um dos diários de maior tiragem do Recife.

Não só nos trouxe a colaboração do illustre poeta das "Visões de hoje," como tambem a de Faria Neves Sobrinho, de quem ainda no ultimo numero publicamos uma canção lindissima—Gervasio Fioravanti, Alcindo Coelho, Artur Lemos e outros escriptores do Norte, a que vêm juntar-se agora Themistocles Machado e outros, cujas produções estão na gaveta dos originaes aguardando a vez.

Além disso, vão-nos sendo enviados os livros novos, publicados por escriptores nortistas.

Era o que desejavamos; e se A SEMANA conseguir ser o espelho, humilde e pequeno embora, da litteratura de todo o paiz, sem distincção de regiões nem de escolas, realiado estará seu ideal.

SILVESTRE MINEIRO, assignatura da traducção premiada no concurso poetico, é pseudonymo do conhecido poeta mineiro Sylvio de Almeida, autor do livro EPHEMERAS.

Já lhe enviámos o respectivo premio—uma linda edição illustrada, "mignonne", de uma das peças de Molière.

MOLA REAL

Ha uma lei fatal que rege a natureza,
Uma vivida luz, oostantemente accesa.
Que alenta o coração e que sustenta a vida.
O mundo, como a flor sem viço, reseguida.
Que em morbido laugor inclina-se ao galho,
Abre sequioso o seio ás gottas desse orvalho,
Quando fez o Universo, o Supremo Architecto
Sobre o orbe derramou o germen desse affecto.
Mais vasto do que o céo, mais forte do que o mar,
Levanta em cada peito um fervoroso altar;
E' nobre, impetuoso, heroico, omnipotente,
E' cego, e nada vê que lhe embarace a frente.
Não sabe o que são leis, não conhece o impossivel,
E é, como o proprio Deus, mystico, indefinivel.
Faz de um mendigo um rei, de um despota um
escravo,
De um justo um coudemuado e de um cobarde
[um bravo;
Liga em estreito abraço os incolos da terra,
Estabelece a paz e estabelece a guerra;
Soccorre a viuvez, ampara a orphandade,
E, subline, ideal, chama-se a Caridade;
Esmaga uma injustiça, escuda-se ao civismo,
E' o recto Direito, é o sancto patriotismo;
Em prol da humanidade off'rece uma existencia,
Immola Galiléu, e cbama-se a Sciencia;
Cada dia registra esplendido successo,
Faz prosperar o bem, é o colossal Progresso.

* * *

Este affecto grandioso, unico, incomparavel,
Que experimenta o feliz e sente o miseravel;
Este enorme motor, que o globo faz mover,
E faz brotar o riso e o pranto faz verter;
Terra da Promissão p'ra a qual sempre se avança,
Guiado por um facho—o pharol da esperanza;
Febre, hallucinação que leva ao sacrificio,
Tornando em ambrosia o calix do supplicio;
Magico talisman que permite a ventura,
Foice aguda, roaz, que cava a sepultura;
Que tem a suavidade e a doçura do mel,
E tem ao mesmo tempo o acre sabor do fel;
Este maravilhoso e herculeo sentimento,
Base, pedra angular de todo o monumento
Da obra da Creação; que a todos leva a palma,
Porque é o proprio Deus; este alicerce d'alma,
Esta noute, este sol, este riso, esta dôr
E' o que ha de mais nobre e mais sancto: é o
Amor!

DOMINGOS DE CASTRO LOPES.

MANA MINDUCA

"Volto afinal... Espera-me; irei hoje."
Mana Minduca sorriu. De pé, ao lado, o moleque esperava. Era em 80, na velha casa da rua de Riachuelo, ao canto da rua dos Invalidos. "Volto afinal..." Bem dita carta! Mana Minduca fitava attentamente os olhos no papel. Talvez não fosse a sua letra... E mirava o talhe delgado da escripta. Verdade é que não parecia a mesma. Um pouco mais firme... D'ahl, em doze annos a gente muda de letra. Valha-lhe Nossa Senhora! O moleque esperava, tímido, amarrotando o chapéo entre as mãos.

Bem dita carta! E Mana Minduca mirava o talhe delgado da escripta. Agora já lhe parecia que era delle. O córte d'aquelle t, os ll. "Volto, afinal." Era. Mana Minduca sorria. O sorriso derramou-se-lhe por todo o rosto, appareceu brilhando nos olhos. Nem havia mais duvidas. Era delle; Nossa Senhora trazia-o alfim. E Mana Minduca olha em roda. Parece-lhe que se alegra a sala. A mesa redonda, ao centro, coberta de poeira e de livros, é justamente agora tocada de um ralo de sol.

Esses que ha doze annos lhe fallam do rosto pallido, das lagrimas e da voluntaria clausura, vejam-n'a agora. Mana Minduca sorri; nem se lembra mais do moleque. Si alguém ha que vá passando na rua que surpresa não ha de ter quando vir que ella abre as janellas. Abre-as todas, não um bocadinho, como o faz ha doze annos, não como aquella por onde entrou o ralo de sol; abre-as de par em par. Debruça-se bem para fóra, cantarolando. Volta, senta-se. O moleque esperava, olhos fitos no chão, amarrotando o chapéo. Levantou a cabeça, olhou timidamente. Mana Minduca relia a carta. Por certo que era delle... Milagrosa Nossa Senhora das Dores!

—Tá intrégue?

O amo que fosse ficarla para allí, sem resposta, como o moleque. Mana Minduca está que não cabe em si de contente. "Volto, afinal." Aquelle "afinal" diz bem. Doze annos ha que o espera. Viram-se no fogo da Lapa. Que festa! Povo, assim... Mana Minduca deixava-se levar á toa. Chegou a pensar que aquillo já se la demorando muito. Mas, de subito, o coração estremeceu-lhe, quasi parou, até! Corou muito. Que tinha? Nada. Não deu mais um passo que se não voltasse para traz. E os seus olhos achavam sempre um par de olhos que iam em sua procura.

Doces olhos! Os delle unicamente, não; os de ambos. Os delle então, fol tamanha a impressão que lhe fizeram, a ella, que ainda agora se lhe destaca a scena da primeira noite em que os vio. Attenta bem no modo porque ella a faz reviver agora, á simples leitura daquella carta. Parece-lhe que lá vae outra vez pelo meio do largo. Povo, assim... O dono dos olhos lá está, apoiado a um lampião, quasi juntinho do coreto. Doze annos passaram já sobre tudo isto, e ella ainda os revê, aquelles doces olhos. Que festa! Mana Minduca demorava o passo. "Anda mais depressa" recommendaram. Era o pae. Ella disse que sim: "Sim, senhor." E voltou a cabeça para o lado do lampião. D'ahi por diante andou ainda mais devagar.

—Tá intrégue?

—Ah! Diga que está entregue... Olhe... Diabo de moleque! Diga que venha cedo, ouvio? A's 6 horas. Passe

pela porta que eu estou na janella. Que venha cedo, ouvio?

O moleque batia longe. Deitára a correr pela rua de Riachuelo acima. Em pouco já se não o avistava. Mana Minduca ficou á janella. Os olhos vagavam-lhe ao longe. Si elle não viesse... Mas ha do vir. E Mana Minduca fecha os olhos para revel-o bem. Que figura terá elle agora? Ha doze annos era magrinho, com um pequeno buço; mas em doze annos a gente muda. Deve estar gordo. Dizem que em S. Paulo se engorda, por causa do frio; e elle volta de lá—bacharel em direito.

Levou doze annos a fazer o curso. E' muito tempo, mas ha quem tenha levado mais. Um visinho, para amostra—o Quincas, neto do conselheiro Domingues. Levou dezoito annos em S. Paulo e veiu com o curso alnda por acabar. Concluiu-o em Pernambuco. Ha tantos outros... Bacharel em direito! Dr. Eduardo de Campos Lustosa, Dr. Campos Lustosa, advogado. Campos Lustosa é um nome que fica bem á porta, n'uma chapa escura, com letras pintadas a ouro. "O Dr. Eduardo de Campos Lustosa e D. Carminda de Barros Lustosa participam a V. S. o seu casamento..."

Pensamento de Mana Minduca, detende-vos! Coisas ha em que toda a precipitação é perigosa. Mas vão lá deter o pensamento de uma moça que esperou doze annos pelo noivo e tem-n'o agora á mão. Dr. Campos Lustosa... "O Dr. Eduardo de Campos Lustosa e D. Carminda de Barros..." Carminda de Barros ou Carminda Vianna Lustosa? O pae é Frederico Vianna de Barros; Chico Vianna, conferente da alfandega. Vianna talvez ficasse melhor, ou Vianna de Barros. E Mana Minduca sonha já com os seus cartões de visita—lilaz, dourado nas extremidades, com uma pontinha dobrada e o nome em corpo minusculo; "Carminda Vianna de Barros Lustosa."

Volta, afinal! Virá pedil-a por certo. Doida é ella que se não prepara para recebê-o. E Mana Minduca correu para o quarto. Olhem-n'a. Abre gavetas, fecha gavetas. Procura, esquadrinha, meche, revolve... Tres vezes sahio prompta. O espelho, porém, grita-lhe que já se não sabe vestir. E Mana Minduca volta. Destrança os cabellos, solta-os, trança-os de novo. Davam cinco e meia. Valha-lhe Nossa Senhora! Mana Minduca veiu para a janella.

Veiu para a janella. Santa de que ella é devota, poupa-lhe a dor de ficar allí eternamente a esperal-o... Fóra, ia cahindo a noite. Mana Minduca debruçou-se quasi toda para as trévas; interrogou o fim da rua, longe. Ninguem; a noite apenas, Mana Minduca mergulhava bem os olhos na escuridão da noite. Um homem passou, lépido, correndo de um para outro lado. Atraz delle iam ficando accesos os lampêes de gaz... O frio augmentava sempre; frio de Junho, frio que penetra a alma.

Valha-lhe Nossa Senhora! Mana Minduca distinguio alguém, longe. Não lhe via bem o rosto, via-lhe apenas o vulto. Vulto de homem. Mana Minduca debruçou-se bem da janella. O homem apoiára-se a um lampião. Alguém, perto, dizia-lhe qualquer cousa. Agora, eil-o que mettia a mão no bolso. Tirou um objecto, deu-o. O outro desappareceu a correr. Em pouco já se não o avistava. E o homem approximou-se. Talvez fosse o Lustosa... Não era. Era um sujeito baixo, gordo. A barba inteira cobria-lhe

o rosto antipathico. Mana Minduca teve vontade de sahir da janella. Antes sahisse! Mas ficou.

O homem approximava-se mais. Quem quer que fosse com certeza que andava á procura de alguém. Demorou-se um bocadinho ao canto da rua dos Inválidos. Depois, velu, devagarinho. Mana Minduca viu-o passar, olhando-a muito. Parecia que o homem tinha vontade de fallar-lhe. Ella propria julgava que já o vira. Mas onde? Não sabia. O homem foi até mais adiante e voltou.

Agora, vinha resolutamente. Deteve-se á porta, tirou o chapéo. Que diabo queria elle? O homem murmurava o que que era. Mana Minduca desbrucou-se mais para ouvi-lo.

— O Sr. Vianna de Barros?

— E' papae; móra aquil mesmo.

O homem levantou a cabeça, fitou-lhe bem o rosto magro. Que olhar curioso! Mas agora o rosto do homem tomava uma expressão de piedade.

— E... e uma sua filha solteira?

Mana Minduca não respondia. O homem não lhe tirava os olhos do rosto:

— E uma sua filha solteira?

— Minduca? Sou eu.

— Ah! é a senhora!

E o homem levou a mão ao chapéo. Santa de que Mana Minduca é devota, dizel-lhe que esse que ahí está é o mesmo que ella espera ha doze annos. Mas o homem levou a mão ao chapéo:

— Ah! é a senhora! Pois, minha senhora, queira desculpar...

E seguiu. Que bem verdade é que doze annos de lagrymas envelhecem a gente. Nessa que ahí ficou á janella, quem ha que possa reconhecer a moça do fogo da Lapa? Vejam como o Lustosa lá vac, a toda pressa, á procura do bond. Aquelle não volta nunca mais. E Mana Minduca ficou á janella. Não o reconheceu, não comprehende nada. Espera sempre como na véspera, como ha doze annos. E a noite augmenta, o frio cresce com ella; Mana Minduca mergulha bem os olhos na escuridão da noite...

PEDRO RABELLO.

SCINTILLAS

A Henrique de Magalhães

Ha alguma coisa que inda me impulsiona Para as regiões do bello e do sublime; De entre as fizes aljôfra e sobe á tona Uma impressão que a magua e a dôr redime.

Sinto alentar-me, ainda, de tua alma Essa commum particula divina Que nos dourava uma existencia calma, Filha do Azul, estrella vespertina!

Negros de inferno, hlanetes de pezaros, Mãos, aggressivos, baixos e cobardes Corrent-me os tempos, contam-se-me os dias!...

Porém, emquanto não me abandonares, Veulam miseria e dôr com seus alardes: Transformaremos tudo em alegrias!... Juiz de Fóra.

SILVA TAVARES.

OS COLLEGAS

O conhecido e apreçado jornal lisboense "Diario Illustrado," de propriedade do Sr. José Maria Baptista de Carvalho, acaba de publicar no seu numero de 31 de outubro proximo passado o retrato do nosso director, Dr. Valentim Magalhães, acompanhado da biographia escripta ha tempos pelo nosso distincto amigo Dr. Lucio de Mendouça e que o "Album" estampou nas suas columnas de hora.

Precedendo a mesma biographia, o nosso distincto collega do "Diario Illustrado" escreveu algumas linhas chelas de viva sympathia e de extrema benevolencia, que agradecemos penhorados.

Por ordem da Policia foram tambem suspensos no dia 6 do corrente os nossos collegas THE RIO NEWS e L'ETOILE DU SUD, que prefazem o numero de oito jornaes suspensos.

E' o caso de dizer com o povo "Mal de multos consolo é."

OS QUE SURGEM

VIA TICO

Deixa que á sombra morna e carinhosa Do teu pequeno e carinhoso leito, Descanse a minha fronte angustiosa Sobre a pellicia branca do teu peito.

Trago os pés lacerados dos espinhos, O coração das urzes lacerado, Dá-lhes a luz do teu olhar magoado, O calor baptismal dos teus carinhos.

Venho de estranhos climas foragido, Das remotas paragens da Saudade, Sósinho, triste, exanime, ferido, Pedir conforto á tua mocidade.

Estrela de um sonhado paratizo, Irmã dos anjos, pura entre as mais puras, Venho pedir a unção do teu sorriso Para as minhas secretas amarguras.

Ao sopro quente e bom do teu bufejo A alma resurge do antro dos pezaros, Banhada pelo orvalho do teu beijo, Purificada pelos teus olhares.

Teu amor é o sacrario estrelado, Cheio de luz, de paz e redempção, Onde, livre das chammas do peccado, Eu abrigo o meu triste coração.

Deus te acompanhe sempre aonde fores E te proteja sempre onde estiveres! Oh! flor mais pura do que as outras flores, Bemdieta sejas tu entre as mulheres!...

THEMISTOCLES MACHADO.

Dos "Myrtos"

Factos e Noticias

O telegrapho transmittit-nos a noticia do fallecimento de Luiz Augusto Palmeirim, director do Conservatorio de Lisboa.

Poucos saberão talvez que este nome é o de um poeta que teve a sua epocha, espontaneo como poucos, e que mereceu a consagração popular, como ainda nenhum outro.

Ha trinta annos não havia palacio ou choupana onde se não entoasse:

"Eil-o erguido no topo da serra Recostado no seu arcabuz.

Proclamaram-no o Beranger portuguez. Houve exagero na cognominação; mas o homem que conseguiu com as suas trovas levantar a alma do povo em transportes do mais acendrado patriotismo merece uma lagrima á sua memoria.

O senador Ruy Barbosa dirigin de Buenos-Aires ao "New-York Herald" a 4 de Novembro, o seguinte protesto em nome do partido da revolução:

"Acabamos de saber que no estrangeiro se espalha a opinião de que o nosso fim é restaurar a monarchia. E' falso e absurdo. O Brasil permanecerá fiel á republica, mas não aceitará o governo de um dictador militar. O almirante Mello é dedicado á republica e quer apenas restabelecer o regimen con-

stitucional. Declara que qualquer tentativa de restauração será por elle repellido com energia. A marinha é absolutamente republicana."

Com a assistencia de varios artistas e representantes da imprensa, realizou-se, na quinta-feira da semana passada, no salão da casa Bevilacqua, o pequeno concerto do tenor portuguez Nascimento, chegado ha pouco a esta cidade.

O programma constou de uma parte unica em que figuraram as tres bellissimas árias da "Martha", "Gloconda" e "Mignon" e uma canção hespanhola que levantou muitos applausos. O tenor M. Nascimento possui voz agradável e forte, mas o que nos pareceu é que as notas que elle emite, quer sejam fortes ou fracas, vêm-lhe da garganta, o que para os artistas e entendedores parecerá uma falta. Em todo o caso, e esta é opinião de muitos artistas presentes, o Sr. Nascimento tem valor como artista e não precisa lutar muito para fazer-se applaudir pelo nosso publico.

Consta-nos que o illustre tenor pretende dar alguns concertos nesta cidade.

Felicitamol-o desde já pela sua idéa e cá estamos para applaudil-o como bem o merece.

Na PLATÉA, jornal de S. Paulo, encontramos a narrativa do "interview" que teve um de seus "reporters" com o Dr. Eduardo Prado a proposito da apprehensão feita pela policia de toda a edição do seu livro A ILLUSÃO AMERICANA.

Como simples curiosidade, sem, está claro, fazermos nossas as opiniões do illustre entrevistado, transcrevemos a referida narrativa. Ell-a:

"O Dr. Eduardo Prado recebeu muito graciosamente o nosso companheiro e não pareceu dar muita importancia um ao livro nem á sua prohibição.

Eis, mais ou menos, o que elle nos disse: — Na minha infancia, havia na rua de S. Bento um sapateiro que tinha uma taboleta onde viuha pintado um leão que, rairoso, mettia o dente n'uma bota. Por baixo ha-se: Rasgar pôde—descozer não. De-me licença para plagiare o sapateiro e para dizer: Prohibir podem, responder não.

Quanto ao honrado chefe de policia, penso que S. Ex. lisongeeu-me por extremo julgando a minha prosa capaz de derogar instituições tão fortes e consolidadas como são as instituições republicanas no Brasil.

Demais, S. Ex. pôde dizer-se que, só por pulpite, prohibiu o livro. Sabem o volume ás 4 horas e ás 5 foi prohibido, antes da autoridade ter tempo de o ler.

Confesso que a publicação foi um acto de ingenuidade da minha parte. Não quero dizer que confiei e por isso digo antes que estribel-me no art. 1º do decreto n. 1.565 de 13 de Outubro passado, regulando o estado de sitio. O vice-presidente da Republica e o Sr. seu ministro do interior disseram nesse artigo:

"Art. 1º. E' livro a manifestação do pensamento pela imprensa, sendo garantida a propaganda de qualquer doutrina politica."

E com suas assignaturas empenharam a sua palavra nessa garantia. Escrevo um livro sustentando a doutrina politica de que o Brasil deve ser livre e autonomico perante o estrangeiro e adopto o aphorisma de Montesquieu de que as republicas devem ter como fundamento a virtude.

O governo é contrario a essas opiniões e está no seu direito. Manda, porém, prohibir o livro. Onde está a palavra do governo, dada solemnemente n'um decreto, em que diz garantir a propaganda de qualquer doutrina politica?

A sabedoria popular diz: Palavra de "rei" não volta atraz. — O povo terá de inventar outro proverbio para a palavra do vice-presidente da Republica.

Foi deportado o cidadão francez Georges Héroult, ex-redactor-chefe do Echo du Brésil, que nós receberamos nestas columnas com as mais finas amabilidades, por não sabermos das torpezas que contra o Brasil e os brasileiros vomitara

aquelle senhor nas suas correspondencias para o GIRONDE e outros jornaes europeos. Oxalá produza bons resultados, como exemplo, esse acto de louvavel energia do governo.

MAGDALA, é o titulo de uma excellente walsa poetica do conhecido Sr. Julio Reis. Enviou-nos um exemplar dessa nova produçãõ a casa Fontes & Cia, nossos visinhos, que dispõe de bem montada officina lithographica e editora de musica. A capã da excellente walsa é um primor.

A POLITICA

A sahida do "Aquidaban", levando a seu bordo o chefe da revolta, precedido pelo "Esperança", frigorifico de grande velocidade, e acompanhado de uma torpedeira de alto-mar, na madrugada de 1 do corrente, veio mudar inteiramente, cremos, a marcha dos acontecimentos, comquanto não altere sensivelmente a face da questãõ deploravel que ha tres mezes convulsiona, inquieta e depaupera o paiz.

A nós, profundos ignorantes de materias bellicas, terrestres como maritimas, não nos causou nenhuma estranheza a sahida do "Aquidaban", não só porque antes já haviam sahido, forçando a barra, o "Republica", o "Pallas", o "Meteor", o "Uranus" e outros navios, como porque sempre nos quiz parecer que exactamente para affrontar fogos de fortalezas e mórmente, maerobias e imperfeitas como as nossas, é que se constróem monstros de aço como o "Aquidaban."

Mas a imprensa e a gente governistas "à outrance" haviam falado taõto em torpedos na barra, encerramento da esquadra na bahia, ameaças de fazer ao "Aquidaban" o mesmo que se fez ao "Javary", isto é: fural-o e mettê-lo a pique com uma bala Krupp calibre 32, que a repetiçãõ da aventura do "Republica" entrou a parecer-nos quasi impossivel.

Que aconteceu? Realizou-se, com immensa repercussãõ na opiniãõ publica. De quem a culpa do mau quarto de hora que ao prestigio do governo fez passar aquelle feito dos revoltosos? Do "ursismo" dos seus amigos, unieamente.

Desde o dia 6 de Setembro que o Sr. Vice-presidente deve ter erguido ao Deus dos Exercitos a supplica famosa: "Livra-me, Senhor, de meus amigos, que de meus inimigos me livrarei eu."

Tem sido notavel a inhabilidade dos defensores do governo legal, principalmente alguns jornaes. Prejudicam-n'o tanto, defendendo-o, que melhor fariam se o accusassem, porque a ineptia das accusações convertel-as-lu em defesa.

Cegos de paixãõ, desvairados de partidario, furiosos de intransigencia, inventam e chegam a negar a propria evidencia.

Qual o resultado? O resultado é que como o publico, o povo, a populaçãõ lezente não é toda composta de apaixonados como elles, nem de bochos, reconhece a verdade e ri-se de taes "amigos".

Uma dessas miserias é negar a bravura, o denodo, o heroismo dos homens da armada, dos marinheiros revoltados e de seus chefes, é cuspir-lhes diariamente a calunnia e a injuria de cobardia.

Por isso, encheu-nos de satisfiçãõ o editorial do "Brésil Republicain" do dia 6. Transcrevemos, traduzindo-os, os trechos fimes, em que justiça é feita ás forças de terra como ás de mar:

"Uma cousa, porém, certa, é que, de parte a parte, desenvolvem-se a mesma actividade, a mesma energia e a mesma coragem, e que, tanto na marinha como no exercito, tanto nas forças legas como nas forças revoltosas, esta coragem chega ás vezes á temeridade e ao heroismo. A valorosa defesa de Niteroy, resistindo durante tres mezes e victoriosamente, nos ataques e aos bombardeios dos couraçados e de Villegaignon, sobretudo a tomada da Armação e a sua guarda pelas tropas, pode-se dizer que improvisadas, defeza a peito descoberto, a toda hora do dia e da noite do immenso litoral do districto federal; serviço esse feito, ora pela guarda nacional, ora pelos corpos de voluntarios ou ainda pelas forças de linha e os batalhões patrióticos etc. e, de outro lado, a resistencia da guarniçãõ de Villegaignon, a temeridade dos marinheiros em varias de suas tentativas contra a terra, a sahida do "Republica" e do "Pallas" e hontem ainda a do "Aquidaban" e do "Esperança" são feitos que muito honram a nação brasileira, mas fazem ao mesmo tempo lastimar que todo esse heroismo, toda essa bravura sejam postas em acção de irmãos contra irmãos, contra cidadãos da mesma patria, n'uma luta que só pôde trazer-lhe o luto e o sofrimento. Mas o estrangeiro observador pôde apreciar o que valeriam e fariam o exercito e a marinha brasileira no caso de guerra contra o estrangeiro e ficar certo de que este povo ha de saber portar-se como deve, se algum dia forem atacados a sua independencia e a sua honra."

CORREIO

Su. A. DE C.—A poesia que nos enviou e a que deu o titulo:—"Confidencia"—precisa de ser limada.

Pecca duas vezes, a sua produçãõ, pois além de frivola, primeiro peccado, traz erros de metrificaçãõ, peccado segundo e imperdoavel num poeta. V. S. confunde a cada passo decasyllabos com versos de nove syllabas. Dou como exemplo a estrophe abaixo, cujo primeiro verso é onosyllabo, sendo os demais decasyllabos:

Hontem á noite como era bella (9)
Toda de branco, num sorrir divino, (10)
Como meu peito suspirou por ella, (10)
Por esse alvo cysne peregrino (10)

(Este ultimo é frouxissimo!)

V. S. do que precisa para produzir versos aproveitaveis é de ler os mestres. Aconselho-lhe os versos de Raymundo Corrêa, de Olavo Bilac, de Machado de Assis, Alberto de Oliveira, Victor Silva e outros.

Leia-os e só depois de muito confabular com elles, dê-nos um ar de sua Musa. Parece-me que lhe estou dando um conselho de amigo, não acha? Olhe, não se esqueça de estudar metrificaçãõ, porque, poesia sem ella é como musica sem compasso e pão de loth sem ovos.

SR. CENZANO.—Da sua caceteaçãõ só poderel vingar-me despejando-lhe pela cabeça abaixo as tolices da primeira quadra do seu soneto "Calma aparente." Lá vou emborcã-a (leitor, acoute-la-te!):

Oh! quantas vezes no imo de tu'alma,
Dirás lembrando-te, talvez, chorosa:
Que ironia aquella! Eu na paixãõ nervosa,
Elle tão pallido em lascivia calma

Ora pipocas! Pois não vê que isto de estar mettido em lascivia calma é ainda mais vergonhoso do que errar versos? Valha Deus, homem! E continúa o amigo:

Eu procurava entãõ embriagar su'alma
Do meu seio uma violeta perfumosa etc.

E depois:

E que, á noite, ao meu leito tu não vinhas.

Santa Barbara! Pois não é que o homem queria que o carro andasse adiante dos bois? E nem ao menos tem vergonha de dizer que estava pallido, quando ella estava "na paixãõ nervosa."

E depois de tamanho fiasco ainda quer o banana que...

Santa Quiteria de Meca!...

Ainda nos vem falar em "violeta perfumosa do seio." Que pretensão!

Quaes violetas! Cravo de defunto é o que você lá tem na peituga! Se assim não fosse...

Calate, boca!

Sabe que mais? Trate d'essa pallidez!

Isso é um perigo.

Tonicos para a frente!

SR. L. T.—Quatro versos errados num soneto leva um poeta a galés perpetuas!

São pelo menos quatro cadeias que o prendem á ignorancia!

Quando vi seu soneto escripto a tinta vermelha com uma florinha separando cada estrophe, pensei que aquillo prestasse para alguma cousa; mas apenas comeci a lê-lo foi-se tudo quanto Martha fiou! Vi logo que não dizia a cara com a careta.

"O nada é a vida," diz V. S. Muito bem. E a tollice? E' capaz de me dizer o que é a tollice? Si não puder dar-me esta

definição queira ao menos dizer-me, quantas eram as nove Musas.

Diz mais V. S.:

"Sensato sómente é o suicida."

Sim Sr., concordo. E' uma opiniãõ como qualquer outra. E tanto é verdade que só o suicida é sensato, que V. S. de sensatez, tem tanto como eu tenho de grego.

Quando cá receber um dia uma poesia sua com senso commum, tratare logo de rezar-lhe pela alma, visto que o Sr. é o proprio a dizer que só terá juizo no outro mundo. São "opiniões!"

Mas meu caro, quer o conselho de um tolo? Vá se deixando ficar por cá, mesmo com a maluqueira que o apoquentã e diga que o engano.

Se me derem a escolher entre um asno vivo e um philosopho defunto, está claro que escolherei o asno, ainda que faça lombo duro á sahida!

SR. M. P. C.—Seus versos são passaveis.

Em seus sonetos, manda a verdade que se diga, não encontrei um verso errado. Deploro apenas que V. S. não ponha a sua Musa ao serviço de idéas mais levantadas e menos communs. Encontrei tambem um perfumesinho de piegulce nas suas produções; mas isto quasi que não é defeito. Tanto assim que peço venia para transferir para aquil um dos originaes que me mandou, fazendo-lhe ao mesmo tempo a promessa de procurar na Collaboraçãõ um lugar para o outro.

O que escolhi para esta secção é o seguinte:

O CASAMENTO

O casamento é uma canção dourada,
Toda repleta de emoções fogosas,
Onde farfalha a seda de custosas
Roupaçens niveas d'uma esposa amada.

Em cada verso, em cada linha, em cada
Phrase puñulam sonhos eor de rosas;
E por entre carinhos languorosus
Beija o filhinho a doce esposa amada.

Mas quando o esposo a arte pouco estima,
A abandonando a mais formosa rima,
—O filho louro que sorri num berço—

O casamento, essa canção dourada,
Entãõ se torna uma canção truncada,
Porque lhe falta o derradeiro verso!

M. P. C.

Depois disto vá pensar que tenho, como talvez lhe pareça, um coração de javali! Não sou tão matamouros como talvez pense.

SR. R. X. L.—A sua poesia é tão longa que a meio caminho da leitura, bumba! cahi extenuado! Tem bem legua e meia, fóra a cauda!

Mas, agora, diga-me cá o amiguinho: onde diabo poude desencovar tanta sandice? Pois é possivel caber tanta batata num só cabaz?

"Rosas desfolhadas" els como V. S. lembrou-se de baptisar o seu destempatorio rimado. Lá desfolhado, e bem desfolhado é elle, mas rosas!? Santo Deus! Que calunnia ás pobres flores, que não fazem mal a ninguem.

Tenha paciencia, aquillo cheira-me muito, mas é a jarriinha, a flor tão primorosamente descripta pelo nosso inspirado e distinctissimo collaborador Garcia Redondo na sua inimitavel "Botanica amorosa."

Abotoe-se, Sr. X das duzias, obotoe-se com esta, e ponha-se ao fresco, antes que eu lhe atire por cima a propria quitanda que em tão má hora nos mandou (desgraça de que sempre Deus o livre).

ERICO.

Tratos á bola

Como sempre, os valentes campeões que honram estas columnas, portaram-se como verdadeiros tigres!

Cahiram sobre as pobres charadas com tal denodo, que ellas ficaram mais rasas que um prato. Foi um combate feroz!...

Quem desta vez cantou victoria em primeiro lugar foi K. T. Portou-se com uma galhardia digna de nota. Cheguese, portanto, ao premio e diga que lhe engano.

Logo em seguida chegaram-se á fala, os seguintes topetudos — "Falstaffino Bibliophilus" (que matou algumas), "Pi, que perdeu 2 tiros, Amor-Perfeito, Thianor, Alva Colombina, Valerino Madilena, Nemocid, Bigode de Arame, Arraza-Pratos, Violetina e P. K. Dor (A ambos agradeço o reforço mandado).

Enão é que P. K. Dor, só agora é que se lembrou de mandar as decifradellas do n.º 16?! Que peccado!

As do ultimo "numbaro" são as seguintes:

1ª, Valentim Magalhães, primoroso "conteur"; 2ª, Carapá; 3ª, Palanque-Palanquim; 4ª, Sabujo-Sabugo; 5ª, Pinhola-pinhota; 6ª, Petropolis; 7ª, Regata; 8ª, Manacá; 9ª, Catalogo; 10ª, Lilazia; 11ª, Um-mú; 12ª, Mutum.

Agora livra! que lá vae lenha fresca! Sr. Marquez, tem a palavra.

ENYGMATA

O K

MARQUEZ.

LOGOGRIPHO

A' LILAZIA

Se o bello rio passar, 2, 3, 6, 1.
Minha senhora, 5, 4, 7.
Mesmo em frente vai me achar.
Decifre agora.

LORD NECKWER.

CHARADA EM TERNO

Se tiveres a vontade
Deste ganhos arranjar,
Passe a tinta na charada
Para o amigo decifrar.

AMOR-PERFEITO.

ALEXANDRINA

ELLE: Nome de homem mui facil de encontrar.
ELLA: Mimoso flôr; procura que has de achar.

FRITZ.

A' LILAZIA

E' uma flôr muito mimosa
E tambem muito estimada — 2
E' verbo — 2

E' dama formosa
Decifre agora a charada.

LOGOGRIPHO (por syllabas)

Que escrevesse, me disseste
Uma missiva de amor — 1—3.
E no teu olhar me deste
Um assumpto de valor.

Então busquei um lugar — 2—3
Cheio de sombra e de flôres,
Onde fosse imaginár
A carta de teus ardores.

Procurei palavras bellas.
As imagens mais formosas,
Radiando a luz de estrellas
Desprendendo olor de rosas.

Mas foi isso insana lida
Que o cer'bro quasi consome,
Só pude escrever:

"Querida"

E logo após o teu nome.

LILAZIA.

CHARADA

A FREI ANTONIO

Vá depressa, caro amigo — 1
Lá na caverna buscar — 2.
Que a planta medicinal
Com certeza deve achar.

VANÔRA.

E agora que todos os "famas deram o seu recado, permittam que tambem o fradeco diga alguma cousa. La vai:

Aqui se finda — 2
A medicação — 2
Que a medição
Pertence ainda.

'Stá com o major, que pergunta! — 2
Mas no meio do telheiro, — 1
Da cara metade juncta,
Fica muito mais vasqueiro. — 1

CONCEITO

Porém semelhante cousa
Faz qualquer dar o cavaco;
Se outra vez o amigo ousa
Apanha p'ra o seu tabaco.

Este som, com este som, feito de sons — 1—2.
E mais nada.

De S. Paulo foi premiado Ninguem, porque ninguem veio.

Em seguida apresentaram-se galhardos os ausentes.

De Minas tem direito ao premio a mesma pessoa que a teve em S. Paulo. Vieram em seguida uns pungas que nada, absolutamente nada fizeram. Eraram da primeira á ultima. Benza-os Deus!

Por despedida vou dar uma novidade palpitante no genero charada. E' de pôr tonta até a cabeça do "Canhoto". Lá vae. Quero ver quem a destrincha:

Branco é, gallinha o põe;
Com elle se faz fritada.
Quem quebrar desse ovo a casca...
Não chucha nada!

E até ás uvas!

FREI ANTONIO.

P. S. "Nemocid" Aceitarei com nil vontades a sua collaboração.

"Paulista Monteiro". Optima a "lenha" que mandou. Obrigadissimo.

"Papa-fina". O que mandou é aproveitavel. Sahirá em tempo.

"Thianor". Recebi; pelo que muito lhe agradeço.

FREI ANTONIO.

A SEMANA

Continuando a sua primitiva maneira de ser, e para em tudo respeitar as tradições da folha, concedemos aos Srs. assignantes quites com ella, mas só a estes, as seguintes vantagens:—a) fazer á folha uma consulta medica ou juridica por mez; b) fazer-lhe perguntas ou pedir-lhe informações sobre qualquer assumpto. Tanto aquellas como estas serão respondidas com a maxima presteza, em ordem chronologica e do modo mais satisfactorio que nos for possivel.

O serviço de consultas gratuitas foi introduzido na imprensa brasileira pela "Semana" e é uma vantagem de grande valor para o assignante, por poupar-lhe algumas dezenas de mil réis no anno.

Como as respostas ás consultas são dadas pelo correio, só serão respondidas as que vierem acompanhadas dos respectivos sellos.

Roga-se aos Srs. assignantes o favor de indicar, sempre que possam, o numero de seu recibo quando hajam de consultar-nos.

A SEMANA

São representantes e agentes d'A SEMANA

Em S. Paulo — Os Srs. José Filinto da Silva e Achilles Spilborgha.

Em Santos — Os Srs. Azevedo Sodré Junior e Weinmann & C.

Em Campinas — Sr. A. Genoud.

Em S. Carlos do Pinhal — O Sr. Carlos de Carvalho.

Em Tieté — O Sr. Julio Garcia Vieira.

Em Ouro Preto — Os Srs. Zoroastro Pires e J. A. de Souza Vianna & C.

Em Juiz de Fora — Os Srs. Annibal Jaguaribe e Rodrigo de Souza Borges.

Em S. João d'El-Rey — O Sr. Arthur Alvim.

Em Barbacena — O Sr. Dr. Feliciano Penna.

Na cidade de Palma — Os Srs. Raulolpho Barbosa & C.

Em Porto Alegre — O Sr. A. Mazon.

Na Parahyba do Sul — O Sr. Verissimo Pacheco.

Em Campos — O Sr. Mario Fontoura.

Em Santa Theresa de Valença — O Sr. Antonio de Avellar Werneck.

Na Victoria — O Sr. Manoel Corrêa de Jesus.

Na Bahia — Livraria Olivieri, do Sr. Fernando C. Koch.

Em Sergipe — O Sr. Jacintho Gentil de Almeida.

Em Maceió — O Sr. Enéas Moreira, a Livraria Francino e a Livraria Novo Mundo.

Em Pernambuco — Os Srs. Dr. Isidoro Martins Junior e Hugo & C.

Na Parahyba — O Sr. Manoel Henriques de Sá.

No Rio Grande do Norte — O Sr. Manoel Coelho da Silva Oliveira.

No Ceará (Fortaleza) — Os Srs. Antonio Moreira de Souza e Joaquim José de Oliveira & C.

No Ceará (Baturité) — João de Pontes Medeiros.

No Maranhão — Os Srs. Ramos d'Almeida & C.

Omittimos os nomes de alguns amigos a quem escrevemos, porque não tivemos até esta data resposta das respectivas cartas. Uma vez, porém, que estas cheguem, postosamente incluiremos os que se dignarem aceitar a agencia da "Semana".

No escriptorio d'A SEMANA, rua dos Ourives n. 71, 2.º andar, accitam-se encomendas de trabalhos typographicos de qualquer natureza, garantindo-se a modicidade nos preços e absoluta nitidez.

ANNUNCIOS**ESTABELECIMENTO
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO**

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado

115 — Rua Sete de Setembro — 115

Rua da Carioca, 12 e 14

FILIAL EM PETROPOLIS

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A' CASA PASCHOAL

CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133

Importação por todos os paquetes

Completo sortimento de chapéus para homens,
senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.

Rio de Janeiro

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE

FLORES ARTIFICIAESRibeiro de Carvalho & C.
RUA DO PASSEIOTêm sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas, flores,
etc., etc.**PIANOS E MUSICAS
FONTES & C.**

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

O PEDAGOGIUM

13 Rua do Visconde do Rio Branco 13

BIBLIOTHECALaboratório de Chimica, Gabinetes de Physica
e Historia Natural.**EXPOSIÇÃO DE MATERIAL ESCOLAR**

ESTÁ FRANCO AOS ESTUDIOSOS

Nos dias uteis das 10 horas da manhã ás 3 da tarde

REVISTA PEDAGOGICAOrgão do PEDAGOGIUM. Distribuição gratis aos
Srs. Professores.

ESTA PUBLICADO O 1º FASCICULO DO TOMO V

Dr. R. Rajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas

Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

DR. VALENTIM MAGALHÃES

ADVOGADO

RUA DOS OURIVES N. 71

SEGUNDO ANDAR

DE 1 A'S 3 HORAS

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade : *Partos e Molestias das Senhoras*

Residencia e Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

Papelaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.

Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.

A SEMANA

DIRECTOR: VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, rua dos Ourives n.º 71, 2º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 16 DE DEZEMBRO DE 1893

EXPEDIENTE:

Assinatura annual. . . 12\$000
 " semestral 7\$000
 Numero avulso. . . \$200
 " ultrazado . . . \$300

As assignaturas terminam sempre em junho e dezembro

Terminando neste mez o 1º semestre da segunda phase d'A SEMANA, rogamos aos nossos dignos assignantes o inestimavel favor de mandarem reformar suas assignaturas, a fim de que não seja suspensa a remessa da folha.

SUMARIO — Historia dos sete dias — Julio Valmor; A choradeira litteraria — Urbano Duarte; Cantico dos canticos, poesia — Henrique de Magalhães; Nocturno — Luis Rosa; Ao oriente, soneto — Geravasio Fioravanti; Apuros de um ministro — Dr. Castro Lopes; De sonho em sonho, soneto — Maria Moraes; Gazetilha litteraria; Dos vicios de linguagem — H. de Godoy; Parnaso Alegre: A uma chineza, soneto, Manoel da Horta; Theatros; Collaboração; serenata arabe — Julio Reis; Factos e Noticias; Arquivo.

Historia dos sete dias

Já os senhores se estão a sorrir porque audevem que, nesta "historia dos sete dias," de historia ainda poderá haver alguma cousa, dos sete dias é que não haverá cousa nenhuma.

Mas tambem quem ha ahi que possua actualmente uma noção exacta do tempo? Qual dos meus amigos seria capaz de afirmar á luz do sol, diante das ultimas descobertas da sciencia de governar os povos, que o dia tem rigorosamente vinte e quatro horas?

A acreditar-se o Conte, o unico principio absoluto é que nada é absoluto. Ora, eu, que sempre me deixei levar pelos philosophos, compenetrei-me por tal arte daquella theoria, que ha muito tempo que não emitto o meu pensamento sem o rodear de tantas restricções, condições, concessões, etc., que elle não possa por fórma alguma pretender o absoluto que os sabios negam ás affirmativas humanas.

Assim, por exemplo: Um amigo encontra-me na rua e interroga-me:

— Como vaes, Valmor, Estás bom?

— Eu te digo: Se estar bom é ter o organismo em condições perfeitas de funcionamento, de modo que os centros vitaes não soffram o menor embaraço, havendo completo isochronismo na systole e diastole, enquanto os vasos se mantem perfeitamente calibrados, se assim ouso exprimir-me, eu talvez possa afirmar que...

Uma senhora inquire:

— Gosta de flores, Sr. Julio?

Respondo, minha senhora. Se a flor não é como a flor de liz, como a flor do

café, o distinctivo de uma seita, de uma bandeira, eu não tenho duvida em assegurar a V. Ex. que...

E assim em tudo o mais.

Por este meio, fica a gente bem com a sciencia e não fica mal com os homens.

Que, nisto de duvidar de tudo, o chronista leva as lampas ao Descartes. Sim, porque elle afinal sempre acreditava que existia, por isso que pensava, emquanto eu, de um septicismo muito mais afinado, chego até a duvidar que pense.

Com o fim de rebater os impetos da nossa natureza expansiva dão os moralistas pela bocca de D. João Manoel o seguinte conselho que convem muito meditar em cada manhã:

"Seis coisas sempre vê
 Quando fallares te mando:
 De quem fallas, onde, o que,
 E a quem, e como, e quando."

Tomadas estas precauções, a vida torna-se uma verdadeira delicia: póde uma pessoa gozar de inteira liberdade, indo para as praias observar o bombardeio, depois de jantar. Se vier alguma granada perdida da baralha já conhecem a receita: assim que lhe ouvirem o assovio é atirarem-se de barriga ao chão. Mas cautela com o garoto que aqui no Rio não é melhor do que em Paris. Este patife, quando foi do cerco, ao avistar um burguez adiposo, de grande ventre, a custo sustentado pela flaxidez enxundiosa dos membros inferiores, gritava-lhe logo: "gare l'obus," só para ter o gosto de o ver atirar-se de cachapuz na lama.

O escritorio da redacção da SEMANA tem ultimamente sido mimoseado com uma granada e varios projectis de pequeno calibre. Entendamo-nos. Isto aqui é fortaleza de outra feição. Emquanto a coisa vai de manlichers de ironias perfurantes, de kropatcheks de adjectivos percuientes, jogados por detraz de baterias compactas de metaphoras, com sentinellas alarmanes de interjeições exclamativas, muito bem; sim senhores, cá estamos nós. Mas se se trata de balas das que furam a pelle e estraçalham os tecidos, para virem cá dentro apagar com um sopro a chamasinha da vida, que tanto custa a alimentar, tenham paciencia, mas não é conosco. Deixem lá exclamar o epico:

"Para servir-te braço ás armas feito,
 Para cantár-te mente ás musas dada."

Nenhum de nós aqui tem a pretensão de ser Camões.

Mente ás musas dada, vá que seja: estamos ás suas ordens, e o vencedor, se nós sobrevivermos, póde contar conosco para lhe cantarmos a Odyssea. Braço ás armas feito é que não, porque, de avesado que está á penna não tem força para sustentar uma espada.

Portanto, vejam lá se fazem a dança sem nos darem embigadas de balas, para nos obrigarem a entrar para a roda.



Realisou-se no domingo ultimo a collação do grau aos estudantes da faculdade livre de direito que concluíram o curso.

Entre os nomes dos adeptos figura o de João Ribeiro, poeta, jornalista, philologo e professor de humanidades, e tudo de primeira qualidade, o que mais é.

Até agora elle era alguma cousa que nem todos são; pela investidura do grau, adquiriu o direito de conclamar com o Junqueiro:

"Sou, como toda a gente, um bocharel formado."

A homens da estatura de João Ribeiro um grau em qualquer faculdade não pode dar nem girar honras. No entanto, invertido o apophtegma do Dr. Antonio Ferreira, concluiremos parallelamente que

"Não fazem danno ás musas os doutores."



O leiloeiro levanta ao alto um livro de versos, em oitavo, encadernado e grita:

— "Meus senhores, um livro de poesias."

UM LANÇADOR — "Dois vintens."

O LEILOEIRO — "Dois vintens, dois vintens o livro. Não ha quem mais lance?"

O LEILOEIRO — "Pois não ha ali quem offereça mais de dois vintens por uma obra onde ha bellezas destas: (Abre o livro e lê):

"Era noite sem lua sem nada..."

O LANÇADOR — "Está lá isso? Nesse caso retiro o lance."

E' com facecias deste jaez que os rapazes da geração litteraria do chronista se davam a metter a riso a reputação que como poeta conquistara o autor do "Guerrilheiro," esse Palmeirim que acaba de finar-se em Lisboa.

E, no entanto, o autor da "Vivandeira" poderia retorquir áquelles Virgílios de entre o Marrare e o Martinho, que toda a vida haviam preferido a somba da olata aos ocios nada seguros de bivac: As minhas estrophes profundamente sentidas escavassaram-se-me todas do coração effervescido na ebullição de um sangue estuante de amor da patria no encarnicamento das refregas civis, quando eu andava de arma ao hombro a dar caça á tyrannia, como os mais ousados de entre vós apenas tomam hoje dar caça ás perdizes. Por isso o povo, de norte a sul, entoava as minhas canções com uma commoção e um estremecimento que, ai de vós, nunca experimentará ouvindo os vossos versos, na maior parte encadernados apenas

para gaudío das irmandades, nos lausperennes da fidalgaria das letras, d'onde exeluis a arraia miuda. Dizei ao vosso de Bauville, ao vosso Lecomte de Lisle, ao vosso João Maria de Heredia que o auctor da "Anninhas" não trocaria por todos os thronos em que elles vivem adorados, nas egrejinhas que a si proprios se erigiram, a suave emoção consoladora, que muitas vezes tem experimentado, quando no campo, ao cair da tarde, emquanto atravessa a levada, equilibrando-se a custo nas alpondras resvaladas, escuta na azenha proxima a voz da moleira cantarolando:

Anninhas, Anninhas
Isto assim não dura.
Anda fazer queixa
Ao teu padre cura.

Nenhum de nós deixaria naturalmente de lhe dar razão. No entretanto, desconfessavamo-lo com amargas ironias, de que elle agora se vingava, aniquilado como se encontra na porção meos valiosa do seu ser, unica susceptivel de ser attingida por epigrammas de botequins, e rediuvia a parte mais nobre na ternura impercível da alma popular.

JULIO VALMOR.

A choradeira litteraria

Cá entre nós quando um rapaz sente vocação para as letras, começa escrevinhando em jornaes de provincia ou em gazetas de segunda ordem. Si tem de véras talento, este não tarda a ser notado. Os entendidos fazem-lhe festa, elogiam-n'o, animam-n'o.

Esta auspiciosa estreia o enche de ardor e de esperança.

E' a primeira phase: a do enthusiasmo. Com as illusões e inexperiencia da mocidade, o joven escriptor julga que fez a conquista do publico e penetrou no templo da gloria. Então "lança" o seu primeiro livro, prosa ou verso, quasi sempre verso.

Em geral (ha excepções que todos sabemos) o livro de estreia nada significa, por mediocre, sem cunho pessoal, repizador de cousas sedicões. Compulse o leitor com volumes de versos que se têm publicado no Brasil de certos annos para cá: encontrará quatro ou seis bons, denunciando talentos originaes e vibrantes, verdadeiros cultores da arte; os restantes podem ser resolutamente atirados á cesta dos papeis inúteis, sem prejuizo sensível para a litteratura patria.

O estreante vê que os seus versos não produziram o effeito almejado durante as insomnias da gloria; ninguém comprou o livro, os jornaes apenas lhe fizeram uma referencia ligeira e banalmente elogiosa.

Temos a segunda phase: a da choradeira.

Tristonho, desanimado e ferido no seu amor-proprio, o novel litterato transformou-se em uma especie de Mariosito a lacrimar sobre as ruinas da Carthago das suas illusões contrariadas.

Um massador de primeira força! Elle não escreve quatro linhas a respeito de qualquer assumpto, sem encaixar umas jeremiadas assaz soporíferas sobre o decahimento da litteratura nacional, sobre a indifferença do publico, o analfabetismo das massas, o egoismo dos editores, e o mercantilismo corrodor dos ideias; sem dizer que o

culto das letras é um sacrificio inglorio, que mais vale fabricar tamancos do que dar á luz obras primas, e quejandas lamentações "à faire dormir debout."

A' essa phase segue-se a terceira: a da descompostura.

Detraeta os litteratos mais velhos e de reputação feita, acha-os fóra de moda, morrinheiros, ruins, e não hesita mesmo em classificar-os na familia zoologica dos muars.

Depois de passar pelo enthusiasmo, pela choradeira e pela descompostura, transforma-se em "fruit sec" e renuncia a conquista da gloria.

Talento não lhe faltava, quem lh'o matou foi a "choradeira."

E' contra este dissolvente microbio que me ergo com todas as forças.

Nada existe de mais contagioso do que a descrença e o desanimo.

De resto, os litteratos brasileiros não têm absolutamente razão de desanimar do seu officio.

Os leitores hão de surpreender-se com esta audaciosa asserção que faço, e cuidarão talvez que provém de qualquer velleidade paradoxal.

Vejamos.

Evidentemente, o Brazil está longe de ser uma nação litteraria e artistica, pois o nosso meio social não chegou ao estadio de adeantada e refinada civilização que differencia as profissões a ponto de dar feição industrial permanente aos productos da imaginação. As letras não constituem entre nós uma profissão, uma carreira, uma industria. Todos que escrevemos somos mais ou menos amadores e dilletantes, e a prova é que ninguém até hoje tem conseguido manter-se exclusivamente com os proventos da penna. Aceita esta preliminar, pergunto: dos nossos poetas, romancistas, dramaturgos, chronistas, jornalistas, pintores, musicos, esculptores, de verdadeiro e genuino talento, qual o que tem o direito de se queixar?

Carlos Gomes, o nosso mais genial artista, tem ganho rios de dinheiro no Brasil, a gloria nunca o desamparou, saciaram-n'o as ovações populares.

Bernardelli está encarregado de trabalhos que o hão de enriquecer; o seu nome é saudado onde quer que se o pronuncie.

Alencar é uma celebridade nacional e quasi não ha dia em que não seja lembrado; os seus livros deram-lhe vasta nomeiada e um bom par de contos de réis, sendo inda hoje lidos de norte a sul.

O mesmo se póde dizer de Macedo e Bernardes Guimarães.

Qual o grande poeta que não fosse recompensado pela popularidade e pela gloria?

D'entre os litteratos militantes, um só não vejo que se possa queixar da injustiça dos homens ou da inclemencia da sorte. Si se queixarem, fiquem certos de que é por "luxo."

Pela minha parte, sem aliás me considerar incluído na brilhante pleiade, confesso-o ingenuamente: ha quinze annos, que escrevinho pr'aqui e pr'ali, sem grandes pretensões. Pois absolutamente não me queixo, nem do publico, nem de pessoa alguma. Acho sinceramente que os meus escriptos tem-me angariado não só em notoriedade como em nickéis, exactamente o que elles valem, nem mais nem menos. Si por vaidade me julgasse "méconnu," mentia.

E' innegavel que os acontecimentos politicos tem perturbado e paralisado o

movimento litterario, porém isso é cousa passageira.

Quem se sentir com gello para a cousa, trabalhe com persistencia e coragem por que ha de vencer a apparente indifferença do publico.

E nada de choradeira!

URBANO DUARTE.

CANTICO DOS CANTICOS

Que nem da rosa o aroma exhale-se!
Cale-se a voz queixosa do alado...
E mudo fique o bosque e o vento e o mar feroz!
Pois que, como o lilaz entorna o odor do calice,
A deusa meiga, em placida attitude,
Da urna da bocca entorna a voz!

E quando a voz golpeja emphatica,
—Versos dizendo em otro cinzelado—
De sua bocca, que tem o aroma de um jardim,
Das aves vem-me á idéa a gralhada chromatica,
De uma gruta no concavo enfiado,
Aberto em mar e marfim.

Amor, ouvir-te, é ouvir o Cantico dos canticos
Da Sulamita pela voz maviosa!
Quando começa a falar,
Minh'alma vai vogando em murmuros atlanticos
Sem remos e sem barco,—venturosa,
Toda banhada de luar!

Voga, até descobrir plagas paradisiacas,
Onde ha cascatas de otro as mais sonoras,
Onde é sonora a propria luz:
E ha perdidas pelo ar sonancias elegiacas...
E para um doce rosicler de nuroras
D'esse encantado mundo á flux.

E' o nosso mundo, amor! Amor, é o mundo
Que, d'essa voz ao feiticero encanto,
Do chaos, esplendido, rompeu!
Nelle a calumnia não rasteja e o odio tragico
Não ruge; e em vez de ter caudales de pranto,
Possue o sol do riso teu!

Se, em gondola que nos leve ao Adriatico,
Os versos me disseses de Petrarca,
Embora, blasphemo, o tufo
Ululando passasse,—enbevecido, extatico,
Eu te ouvira, a sentir do peito na arca
Bater fremente o coração!

Que nem da rosa o aroma exhale-se!
Cale-se a voz queixosa do alado...
E mudo fique o bosque, e o vento e o mar feroz!
Pois que, como o lilaz entorna o odor do calice,
A deusa meiga, em placida attitude,
Da urna da bocca entorna a voz!

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

NOCTURNO

Dizem que as estrellas mentem. Não creio. Só sei que ellas fazem-nos ás vezes revelações de tal genero, que recorrendo hoje e por instantes a conversação que com ellas tive numa noite de Junho, poeticamente silenciosa em torno de mim, como que me sinto elevado, suspenso no ar, cheio de uma musica rythmada e doce, e coberto como que por um amplo e largo manto luminoso, phosphorescente e diaphano,—um pedaço da Via-Lactea arrancada ao céu.

Mas que venham dizer como isso foi; nem eu mesmo o sei contar. Lembra-me apenas que tinha a cabeça encostada ao tronco de uma arvore do meu quintal aromado e os olhos voltados para cima. Scismava. Scismava em que? Ora, em que ha de scismar um homem que ama, digam-me lá. Na mulher que adora por certo. E era o que eu fazia, mas fazia-o de uma maneira poetica, que me deliciava tanto e tanto que, muito embora o vento aspero e frio fizesse tremor as violetas nas moitas e os ninhos nos ramos em torno, tinha desejos de allficar a noite inteira a scismar, a scismar por longas horas assim.

E' que sinto uma adoração extranha pelo silencio; fatiga-me o murmurio do mundo aspero e rude, e só sinto a alma melancolica desabrochar como uma flor dentro em mim, quando me sinto só, rodeado do silencio, n'um bosque, onde possa evocar, sem que me perturbem, todos os meus sonhos e todas as minhas aspirações. Só, cominigo mesma, com a minha alma apenas, como n'essa noite de Junho; só, na paz melancolica do meu jardim cheio de rosas que velam a noite inteira a tiritar de frio, nos beijos frios da lua. A' imaginação volvem-me então os gozos mais tenues e meigos, de uma meiguice adoravel; sinto que novos desejos irrompem-me da alma e a imagem d'essa por quem vivo, recorde, limpida e suave, trazendo nos labios a musica rythmica das alegrias que me hão de vir um dia nas azas do seu riso e nos seus osculos de esposa meiga. Sonho de olhos abertos, como um vidente. Sonho e goso assim por longas horas da noite, cercado sempre pela paz, pela monotonia que a noite traz no seu manto mysterioso. Mas, n'essa noite de Junho, embora o frio cortasse, sentia-me bem. Tinha um mundo de illusões a bailarem-me no cerebro e um bando de caricias a enflorarem a alma. Scismava e scismando insensivelmente fechei os olhos e vi—ó visões conatelladas das noites frias!—vi uma estrella sorrir-me do alto e desprendida do ceu, como se tivesse o vôo de uma pyrilampo enorme, descer, descer, leve e dourada e vir pousar sobre a minha fronte. Estremeci sentindo roçar-me a fronte a maciez vellutina, sedosa de uma aza espalmada.

E na doce quietação da noite ouvi uma voz doce e languie, como a nota desprendida de um violino magico:

— "Eu sou o teu melhor sonho, poeta. Canto como uma cotovia e venho desprendida do céu, dourar-te a rima melhor, a melhor estrophe que burilas..."

Depois, leve e dourada sempre, dourada e leve subiu ao alto e inscrustou-se de novo no azul do infinito como um diamante precioso num estofa carissimo.

Mas, outra estrella seguindo a esteira de luz, descendo a escada de raios fulgurantes que a primeira deixára após si, como uma fita de ouro e chammás, desceu a terra e veio pousar-me no hombro.

— "E eu sou o teu melhor desejo, me disse ella com a voz a trahir as notas magoadas de uma flauta languida e tremula.—"Cantam dentro de mim todas as delicias e brillham dentro em meu seio todos os sóes de limpidos olhares. Desei para cantar-te ao ouvido a musica alare e ruidosa da esperança. Sonha... poeta, sonha ainda..."

E senti roçar-me os labios um labio morno, tepido, aromado...

Mas, apenas a estrella volvera ao seu logar no céu amplo e azul e já uma outra descia a pousar a cabeça luminosa sobre o meu peito. E ouvi então:

— "Não me conheces? Eu sou o teu melhor sonho e o teu melhor desejo juntamente. Trago-te luz brilhante de alegrias nos olhos, e delicias adoraveis no riso. Trago-te todas as inspirações, trago-te todos os desejos. Vamos, meu poeta, accórda. Não me conheces, então?"

Abri os olhos e—ó goso infinito, ó realidade sublime!! aconchegada a mim, tremula e a tiritar de frio, ELLA repousava a fronte scismadora sobre o meu

peito e fitava-me com os seus grandes e bellos olhos quasi negros.

— Vamos, meu amor, ha tanto calor na tu'alma e eu estou tão fria! me disse.

E eis ahí porque vou jurar que as estrellas não mentem.

LUZ ROSA.

AO ORIENTE

Purtimos! Vem lá onde a plaga expira
Da Índia escrava, ardente e seminda,
Lá onde o rio santo a vaga estira
E os mortos passam no clarão da lua.

Dos pagodes á sombra, quasi nua
Daica a ronda de amor que aos céos delira;
Além! além! o seio morno estua,
A noite geoe, o cupinzal suspira.

Vem! Não esperes que a vellice ingrata
De teus cabellos uode o ouro em prata,
E as cordas quebre, que em oco labio tanges.

Lá, de rajahs um palanquim teremos,
E dos bonzos á reza acouharemos
Ouvindo o triste soluçar do Ganges.

Recife, 1889.

GERVASIO FIGORAVANTI.

APUROS DE UM MINISTRO

— Então, eu não lhe dizia, meu marido? Ganhei a aposta; tem de me dar aquelle côrte de vestido, que vi na "Notre Dame de Paris."

— Está muito contente? Já não se lembra dos aborrecimentos, que tive da outra vez que fui ministro?

— Ora! Neste mundo ha de a gente soffrer sempre alguma cousa. Mas não desconverse; você está, já ha um mez, com a pasta, e por ora nada de vestido.

— Amanhã, amanhã.

— Isso me diz você todos os dias.

— Amanhã é sem falta. Agora vou trabalhar; tenho que assignar o expediente.

E subiu para o segundo andar o laborioso ministro, deixando a querida consorte entregue á doce esperança de receber no dia seguinte o preço da aposta, que fizera de que elle seria chamado para o novo gabinete.

Passados alguns instantes é annunciada a visita da Sra. D. Jeronyma, acompanhada de sua filha.

A Sra. D. Jeronyma é uma viuva de bella apparencia, apesar dos seus quarenta e cinco annos de idade. Sua filha, magrinha, e algum tanto curvada para diante, tem as faces pallidas, e profundas olheiras.

Entrando para o salão, ahí se conservam as visitantes cêrca de meia hora, á espera da dona da casa, que foi concertar o penteado, e mudar de vestido.

De repente entra esta ultima com passo apressado, e ao ver a Sra. D. Jeronyma, e a filha, exclama:

— Ora! Porque não me mandou o seu cartão? Podiam entrar para a sala de jantar...

Todas estas palavras foram pronunciadas entre beijos e abraços dados nas visitantes.

— O que me parece é que vim incommodal-a.

— Não ha tal; dá-me sempre muito prazer com a sua visita.

— Muito brigada, minha boa amiga. Como está o Sr. conselheiro?

— Não passa muito bem; trabalha muito, e até alta noite. Eu fiquei tão aborrecida com esta nomeação d'elle para ministro, que até aconselhei-o que não accitasse.

— Isso não; seria uma desfeita. E chegando-se para mais perto, diz com a mais doce inflexão de voz:

— Minha amiga, minha querida Chiquinha, venho pedir-lhe uma cousa, e espero que não me falte.

— Sendo possível, minha boa amiga, conte que está servida.

— Eu quero que você se empenhe com o conselheiro, affirmo de que elle arranje um logar para um moço, a quem muito estimo, e a quem desejo de todo o coração servir.

— Peço-me exactamente um impossível.

— Porque?

— Porque Quincas me prohibiu absolutamente de empenhar-me para arranjar empregos, ou negocios, que dependam do governo.

— Meu Deus! Isto é uma infelicidade, que eu não esperava...

— Mas não desanime; peça você mesma; elle não gosta de receber empenhos.

— Porém...

— Olhe, Quincas não pôde tardar; estou ouvindo passos; é elle que vem descendo.

Um instante depois entra na sala o amavel ministro, a quem D. Chiquinha se dirige nestes termos:

— Quincas, D. Jeronyma, e sua filha, que nos vieram visitar.

— Minhas senhoras, atalha o conselheiro, dirigindo-se a D. Jeronyma, e á sua filha, não poderia eu ter surpresa mais agradavel. E assentando-se, proseguiu:

— V. Ex. sempre bem disposta; vejo que gosa prospera saúde, e a Yáia ercio que...

— Yáia não passa bem; sempre o seu maldito nervoso.

— E' verdade; está um pouco pallida; mas de uma pallidez encantadora...

— E mal sabe V. Ex. que está em suas mãos dar remedio a este padecimento.

— Não sou medico; mas, si de mim depende o restabelecimento de tão preciosa saúde, estou ás ordens de V. Exc.

Neste momento D. Chiquinha diz:

— Minha amiga, você não é de cerimonia; fique conversando, que eu vou dar umas ordens lá dentro, e volto já.

— Sr. Conselheiro, continuou D. Jeronyma, entre nós deve haver toda a franqueza.

— Toda a franqueza, minha senhora.

— Um moço, a quem muito estimo por suas boas qualidades deseja casar com...

— Com V. Exc.?

— Não senhor, com Yáia.

Neste momento a menina tem um forte estremecção, fecha os olhos, e solta um longo suspiro.

— Oh! Yáia está desmaiando, diz o Conselheiro um pouco assustado.

— E' o tal nervoso; é o tal nervoso; mas passa já. E ao dizer isto, abre o indispensavel, d'onde tira dous vidriuhos: um de vinagre aromatica, e outro de sal ammoniaco, que applica ao nariz da nervosa menina.

Esta dá um estrondoso espirro, e abre os olhos, que começam a verter lagrimas, como perolas a deslizar pelas faces.

O ministro dá o braço á menina, e diz a D. Jeronyma:

— Vou levar-a á minha senhora, para que a distraia.

Um momento depois volta, e ouve de D. Jeronyma as seguintes palavras:

— E' o que V. Ex. acaba de vêr; em se falando no noivo, ou no casamento,

tem logo um ataque. Tenho-lhe feito umas poucas de juntas medicas; e todos os Srs. doutores dizem que é preciso casal-a, casal-a quanto antes.

— E' verdade: os medicos aconselham em certos casos o casamento.

— Por isso venho pedir a V. Exc. que me arranje um bom emprego para o moço; é uma nomeação, de que V. Exc. não se ha de arrepender.

— Minha senhora, pôde ficar certa de que tomo na consideração, que merece, o seu pedido.

— Ora muito obrigada.

— Vou hoje, mesmo, daqui a pouco, nomear uma commissão encarregada de saber as vagas, que existem nas diversas repartições do meu ministerio. O nome do seu futuro genro é...

— Por causa desse nome é que elle já não está empregado: Carlos Fagundes.

— Mas não posso comprehender...

— E' que o nome delle é igual ao do fallecido paç, que era de partido contrario ao dos ministros que cahiram.

— E' desconfiança de V. Exc. Eu conheci muito a pessoa, cujo nome me disse: era muito respeitada, não obstante ter opinião politica diversa da dos meus predecessores.

— Então, Sr. Conselheiro, fico certa...

— Pôde V. Exc. ficar na certeza que tudo farei para servil-a.

— Muito agradecida. Agora, vou-me despedir de D. Chiquinha; e a V. Exc. só digo que se lembre que a nossa amizade não é de hoje.

— Minha senhora, empregar o seu futuro genro será d'ora em diante a minha idéa fixa.

— Bem, adeos; peço-lhe um abraço.

— Esse pedido é para mim uma ventura; será o vinculo, que mais me prenderá ao gostoso dever de servil-a.

Sahem mãe e filha.

— Então, que me diz a isto, Quincas?

— Si eu advinhasse, não teria apparecido. Está vendo ao que se expõe quem tem a desgraça de ser ministro?

Esta conversa do marido e da mulher se passava no corredor fronteiro á escada, onde inesperadamente surge um pretendente, ao qual não pôde o ministro escapar.

— A's ordens de V. Exc.

— Foi uma fortuna apparecer; queira entrar; tenho que dar-lhe uma boa noticia.

— Sr. Conselheiro, eu sou tão "caipora," e aquelle outro pretendente gabase de que tem os melhores empenhos...

— Eu não cedo a empenhos; deixe-o falar; o senhor ha de ser o nomeado; vá, vá descansado, e amanhã leia o "Jornal."

— Beijo as mãos de V. Exc.; muito agradecido.

E sahe o misero supplicante.

D. Chiquinha, que tem ouvido da alcova o dialogo, abrindo a porta, pergunta:

— Quem é este Quincas?

— Não me lembro do nome; nem sei mesmo o que elle pede.

No dia seguinte, quasi á mesma hora, reaparece no mesmo lugar o pretendente, que avista o ministro no momento em que este ia para o segundo andar.

Desta vez foi o proprio ministro o primeiro que falou.

— Oh! entre, entre. E dirigindo-se para o salão, em frente ao misero diz-lhe com o mais amavel dos sorrisos, e abrindo para elle os braços:

— Ora, dê-me um abraço.

O pretendente recua espantado; e por um instante passa-lhe pela mente a idéa de que o ministro estava louco...

— Como, senhor! ?...

— Então, não viu o "Jornal"?

— Vi, Sr. Conselheiro, mas...

— Mas não está satisfeito?...

— Nem é possível! Estou desesperado! V. Exc. nomeou o meu contrario.

— Que está dizendo? Que está dizendo?

— A verdade, senhor: aqui está o "Jornal"

— Pois o senhor não se chama "José Francisco da Silva"?

— Não, senhor; esse é o nome do outro.

O ministro leva ambas as mãos á cabeça, e deixa-se cahir em uma poltrona, exclamando:

— Eu acabo louco!... Creia, meu amigo; são tantos os negocios, tantos os nomes dos pretendentes, que eu, desde que o senhor teve esta pretensão, julgava que era este o seu nome!... Olhe; quer saber de uma cousa? uma vez, até em um aviso, em lugar de pôr a minha assignatura, escrevi o nome do pretendente!... Mas tranquilize-se; eu vou nomeal-o para logar muito melhor; ha males que veem para bem. Vá, vá descansado.

E foi assim amigavelmente despedindo o infeliz, de quem acabava de zombar sem dó, nem compaixão.

Acompanhou-o até á escada, por onde subia nesse momento D. Jeronyma, que desta vez vinha só.

— Sr. conselheiro, cá estou eu, disse a quarentona, adocicando o mais que pôde a voz.

S. Exc. desceu alguns degraus, e offerecendo o braço, ao subir com aquella, foi-lhe soltando esta amabilissima phrase:

— Sem duvida destinou Deus o dia de hoje, para que eu gozasse do maior prazer e ventura.

— Não seja lisongeiro; ainda não perdeu esse costume?

Já na sala, e sentada no sofá, D. Jeronyma dirigiu-se ao ministro:

— Olhe, que não lhe venho lembrar.

— Nem é preciso. A commissão tem trabalhado com todo o esforço; porque eu recomendei urgencia: qualquer destes dias ha de dar o relatório, e o official de gabinete fará o extracto da exposição.

— Muito obrigada, muito obrigada. D. Chiquinha como está?

— Foi ao dentista, Excellentissima.

— E eu que bem preciso tambem de ir. Mas, meu caro conselheiro, então breve...

— Minha senhora, isto deve ser quanto antes; porque creio que tenho de deixar a pasta dentro em muito pouco tempo.

— Que me diz? Não faça tal.

— Não é possível, Excellentissima; ha uma questão de gabinete.

— Sim; eu ouvi dizer que a Inglaterra nos quer declarar guerra.

— Não posso divulgar o motivo; porém se eu ficar no ministerio, a guerra é infallivel.

— Oh! isso não! Então deixe, deixe a pasta. Não faz idéa com que dôr lhe digo isto. Eu sei; esses malvados inglezes o que querem é que o Brazil não tenha escravos, para ficarmos pobres. Ah! Sr. Conselheiro, eu quando vejo um inglez, é o mesmo que vêr o diabo: são elles a causa de estarem os escravos tão caros; antigamente compravam-se por dez ou doze dobras; hoje são contos e contos de réis.

— Excellentissima, eu vou á secretaria mandar de novo activar a commissão; por isso...

— Bem; pois voltarei breve; e desculpe a massada.

— Não imagina a satisfação, que sinto, quando tenho a fortuna de sua visita.

— Muito obrigada; até breve, muito breve.

O conselheiro, offerecendo-lhe logo o braço, desceu com ella até a porta da rua, onde redobrou os amaveis cumprimentos.

Aquelle dia, porém, em vez de estar destinado para prazeres e venturas, tinha sido marcado para apuros e apertos do desventurado ministro.

Entra nesse instante um moço, parente de S. Exc., que com elle sóbe, dirigindo-se ambos para o interior da casa.

— Então, você me enganou?

— Que está dizendo, rapaz?

— Eu fui ao inspector da alfandega, e disse que era a pessoa, por quem você lhe tinha fallado para elle me propor ao ministro.

— Já sei; elle lhe disse que não era exacto; que eu não lhe tinha fallado. Nem lhe devia dizer outra cousa; você é que fez muito mal em lá ir. Estes negocios não se fazem assim; é necessario guardarem-se as conveniencias; você transtornou tudo. E' bem feito; é bem feito; mas emfim...

— Emfim, eu não quero mais incomodal-o.

— E' isso; ainda em cima hei de carregar com a culpa, que não tenho. Bem; eu vou para a secretaria, e...

— E eu para casa, ficando na certeza de que, emquanto fôr ministro, não ponho mais aqui os pés.

E foi-se.

D. Chiquinha, de volta do dentista, entra instantes depois da sahida do ultimo pretendente, e pergunta ao marido:

— Que tem o Juca, que está tão enfadado com você?

— E' um creançola; eu disse-lhe que tinha fallado ao inspector da alfandega para propol-o ao ministro; mas essa tenção era tão firme em mim, que antes de tel-a realizado, assegurei-lhe que já tinha conferenciado com o homem. Elle tira-se dos seus cuidados, e dirige-se ao inspector, que respondendo-lhe a verdade, disse-lhe não o ter eu ainda apresentado. Veja, veja como é bom ser ministro!...

— Quincas, e o vestido?

— Até você, Chiquinha.

— Eu não sou pretendente; ganhei a aposta.

— Amanhã, amanhã sem falta.

No dia seguinte cahiu o ministerio, e até sua propria mulher ficou lograda.

DR. CASTRO LOPES.

De sonho em sonho...

"Comme une feuille morte, échappée aux boulevards
"Qui sur une onde en pente erre de flots en flots..."

V. Hugo

De flôr em flôr, as providas abelhas,
—Ebrias do rocio em lucidas ampoulas,
Vão dos jardins nas idéaes corbelhas
Sugar o mel das virgíneas corollas.

E ora beijam as castas verdeselhas,
Ora immergem no seio das papoulas,
Sobre o corpo a luzir, como scentelhas,
Do pollen fulvo as aureas lentejoulas.

Na veiga lyrial do pensamento,
Irisada de um puro sentimento,
Nossa alma, assim tambem, com o mesmo ardor,

No afficto aneio de um porvir risinho,
Irrequieta, vae de sonho em sonho,
Como as abelhas vão de flôr em flôr.

Maceió.

MARIA MOREIRA.

GAZETILHA LITTERARIA

No discurso pronunciado por Emilio Zola no sumptuoso banquete offerecido pelos representantes da imprensa e da litteratura russa em Paris aos da imprensa e da litteratura franceza encontram-se as seguintes eloquentes e nobres palavras:

Acima da alliança entre dois povos está a alliança entre todos os povos. E, sem duvida, um sonho. Mas por que não sonhal-o? Porque não esperar da grande corrente de bondade humana que se está formando manifestamente e por que não confluir a causa aos escriptores, a essas vozes pujantes, que vôm de uma a outra nação encontrando um echo em todas as almas, fazendo de toda a humanidade soffredora uma familia unica?"

E é a esse homem que muitos chamam realista, pessimista, materialista?

Acaba de apparecer em Lisboa, reunida em um só volume, toda a preciosa lyrica de João Deus, incluindo composições inéditas, coordenada por Theophilo Braga sob o titulo CAMPO DE FLORES, e por elle precedida de um excellente estudo sobre o poeta e a sua obra.

Em jornaes portuguezes vemos annunciada a venda do livro "Demônios" de Aluisio Azevedo, editado pela casa Teixeira & Irmão, de S. Paulo, e impresso no Porto, segundo cremos. O livro tem obtido lá boa acceitação da imprensa.

Deixem-me sonhar, se é sonho. A realidade é o heito do mundo, o sonho é a gala.

MACHADO DE ASSIS.

Dos vicios de linguagem

Sr. redactor d'A SEMANA.

O grande Francisco Rodrigues Lobo, louvando a lingua portugueza, diz: "E para que diga tudo, só um mal tem, e é que, pelo pouco que lhe querem seus naturaes, a trazem mais remendada que capa de pediute."

E assim é. Os melhores escriptores abusam terrivelmente dos termos estrangeiros; querem occupar muletas por força, embora tenham pernas sans e direitas!

De França nos vem a maior cópia de termos: quem não sabe empregar uma palavrasinha franceza que, como uma deformidade, fique de cocoras em meio de phrases por vezes elegantes, não é gente, é asno!

Por isso a nossa lingua anda coberta de mazellas, tropega, informe.

Lendo agora ha pouco um livro finalmente litterario—"A Familia Medeiros," escripto pela nossa primeira escriptora D. Julia Lopes de Almeida, deparei com muitos termos estranhos, que afoiam a sua linguagem rutilante.

Citemol-os: "Montres, cottage, coquetterie, veloutine, bouquet, fauteuil, grisette, marron, white-rose, ménage, ménagère, tricot, traine, etc."

Para que empregar a palavra—montre, quando temos—amostra; bouquet, em vez de ramilhete; fauteuil por poltrona, etc.?

Além destes, a illustre escriptora emprega—toilette, abat-jour, crochet, gare—que são correntes, mas, alguns, dispensaveis.

Commummente lê-se pelos jornaes os seguintes termos:

"Meeting, carnet, grève, nonchalance, failure, interview," etc., etc.

Ora, não seria melhor empregar—assembléa, ajuntamento ou comício, em vez de meeting; canhenho por carnet; deleixo, indolencia, desmasello—por nonchalance; falto por failure; entrevista por interview, etc.?

Quem possui termos proprios, para que ha-de mendigal-os aos estrangeiros?

E' commum encontrar-se phrases como estas:—Struggle for life, great attraction, dulce far niente, etc., que só têm a propriedade de afeiar a nossa bella lingua.

V. S. mesmo, Sr. Redactor, emprega—interview por entrevista, etc., etc.

A SEMANA, sendo uma bella revista litteraria, não só deve evitar estrangeirismos, mas deve, creio, legislar sobre este assumpto, para que os noveis escriptores (e até os rabiscadores como eu) não caiam em taes vicios.

Ha poucos annos ninguem escrevia a palavra "revólver" com certeza; todos escreviam "rewolver," inglezando o termo!!

O saudoso escriptor Julio Ribeiro "encostou" bolos nos teimosos peccadores, e sahiu-nos por ali, correcta, a palavra "revólver."

Agora os jornaes publicam diariamente um termo errado—projectis!

Vejamos o que diz João Ribeiro em sua grammatica, 2º anno, pag. 91, flexão do plural 4º: "os nomes terminados em "il" atono, mudam o "il" em "eis"; projectil, projecteis; fragil, frageis."

Não será por um descuido lamentavel que os jornaes empregam erradamente aquelle termo?

Si os grammaticos, como Pacheco Junior e Lameira de Andrade, ("Grammatica Portugueza," pag. 503,) chamam ao estrangeirismo—vicio de linguagem—não devemos evitar esse vicio inutil?

HORTO DE GODOY.

Rio-Claro—1893.

PARNASO ALEGRE

A uma chineza

O rabicho me impões; mas... acontece.
Que acontecer, não cedo ao teu capricho...
Se já no coração trago rabicho,
Pra que trazer rabicho na cabeça?

Quizera em kiosque azul, como num nicho.
De chá servir-te; embora reconheça
Que é melhor moita de bambús, espessa.
Onde não possa entrar gente uem bicho.

Como porta que range sobre os gonzos.
Rangem teus dentes sempre aos meus carinhos.
O' flor, que os maudarius puzeste zozos.

Por ti, no entanto, sou capaz dos niulos
Comer das andorinhas, como os bonzos.
E até comer o arroz com dois pausinhos.

MANOEL DA HORTA.

Uma das pretensões mais audaciosas de nossa época é acreditar-se mais perversa que as épocas anteriores.

AURELIEN SCHOLL

THEATROS

O habil. applaudido maestro Domesnech compoz sobre o bello soneto de Raymundo Corrêa "Beijos do céu" uma linda "romanza" que será hoje cantada no theatro Phoenix Dramatica pela Sca. D. Fiase, que tem uma bella voz e bon methodo de canto.

A reaparição do popularissimo actor Branelio no "Abacaxi", apóz a sua temporaria ausencia por doente vale-lhe uma entusiastica ovação que provou mais uma vez como é querido do publico.

Hoje terá esta occasião de applaudir o em uma de suas mais felizes creações "Os typos da actualidade" do saudoso França Junior.

Brevemente fará tambem o Branelio uma scena-cançoneta "A suggestão" para elle escripta pelo nosso amigo Marcos Valente.

Um destes dias "Pum" no Apollo.

O "Pum!" de Arthur Azevedo e Eduardo Garrido (salvo seja!) É um a proposito engraçadissimo. Ha entre outros, um numero de musica que vae dar sorte: aquelle em que se canta:

Aqui da bam...
(Pum! Pum!)
Aqui da bam...
(Pum! Pum!)
Aqui da banda do arsenal...

No Recreio voltou á scena o "Pif-Paf" fazendo desta vez o papel do príncipe protagonista a elegante e sympathica actriz-cantora Nina Leoni, que tem agradado muito.

OS THEATROS DE PARIS

A estação theatral de Paris de 1892-93 foi das mais brilhantes e variadas.

"Eis um bom anno para a arte dramatica,—diz o illustrado critico Léo Claretie, numa revista de que tomámos estes apontamentos—sim, um bom anno, si a prosperidade theatral pôde ser medida pela quantidade das obras, sua variedade e sua sensatez, sem que nenhuma tenha convulsionado o paiz nem accendido o facho das discordias.

No dominio da comedia de costumes e do drama de observação abundaram as obras e novos nomes surgiram no horizonte das futuras celebridades."

Eis naquelles dois generos as peças que mais agradaram: "Jean Darlot," de Louis Legendre, drama popular, que fez applaudir na Comedia Franceza um triumphador do Theatro Livre. Outro "inventado" pelo famoso Sr. Antoine, director deste theatro, onde se tornara conhecido com "Les Fossiles," François de Curel, fez-se applaudir com força no "Vaudeville," com "L'Invitée," que produziu grande impressão no publico como na critica, que nelle saudou "un de nos futurs maîtres." "Celles qu'on respecte," de Pedro Wolff; "Les paroles restent," de Paulo Hervieu; "La Crise," satyra de costumes parlamentares, de Mauricio Bonifacio; "Mariage d'hier," de V. Jannet; "Monsieur de Reboval," de Brieux; "Les amants légitimes," de Janvier e Ballot; "Gens de bien," um

Interessante estudo de família, que trouxe a reputação de Denier, começada com "Les Jéhards," escripta de colaboração com Guillon; peças todas de novos. Os veteranos também obtiveram triumphos: "Flipote," de Julio Lemaître, um interessantíssimo estudo da vida dos actores e de suas famílias; "La paix du ménage," do pranteado G. de Maupassant; "Un drame parisien," de Ernesto Daudet, em que tanto brilhou a linda, a encantadora Mlle. Darland; "Charles Demailly," de Alexis e Méténier; "Monsieur Cobiseta," de Blum e Toché; "L'argent d'autrui," de Hennique, fizeram successo franco.

Resumindo—considera o citado critico—não houve nessa ordem de peças nenhuma obra prima ruidosa, uma dessas peças de duradouro exito; os grandes chefes ficaram em repouso: Alexandre Dumas, Pailleron, Sardou, estiveram em silencio, trabalhando em peças que farão o successo da temporada futura. Mas, atrás delles ha uma verdadeira legião de dramaturgos habéis, que vão abordando com felicidade o theatro de caracter, de observação ou de condição."

O drama historico colheu também bastantes louros no "Maria Stuart," de Cressonnois e Samson, no "Reine Juana," de Parodi—"impregnado de alta poesia, tragica e rude." A poesia graciosa e ligeira só se fez representar pela "Sapho," de Armand Silvestre, a qual pareceu alambicada e rethorica.

Das peças de pura fantasia, as mais notáveis foram a "Lysistrata," de Donnay, e "L'homme à l'oreille cassée," arranjada, e mal, do livro de About por Decourcelle e Mars e ainda "Les trois sultanes," de Favart, "em réprise," em que teve um successo de graça, travessura e faceirice a adorável Mlle. Ludwyg.

A peça de Donnay foi principalmente, e dahi o seu exito, uma deslumbrante exhibição de lindas mulheres e appetitosas cortezãs, que faziam uma encantadora moldura ao talento da Réjane e da Tessandier. (Ai, nós lá!)

O genero vaudeville esteve em alta, pelo numero e pela qualidade, graças á "verve" inextinguível e desopilante de Blum, Toché, Vallabrègue, Gandillot, Feydeau, Rolle, Gascogne, Ordonneau e outros muitos felizes sacerdotes do Santo Riso.

"Le voyage de Berluron," "Le système Ribadier," "Le Sous-Préfet de Chateau-Buzard," "Champignol malgré lui," "Corignan contre Corignan," "Le premier mari de France" foram os "vaudevilles" de maior fortuna, principalmente o ultimo, já nosso conhecido da exhibição no Lucinda, pela companhia do Peixoto, na qual a distincta actriz Clementina si não deu idéa do que fazia do papel a deliciosa Mlle. Lender, foi naturalmente por não tel-a visto.

"Champignol malgré lui" não agradeu menos que "Le premier mari de France."

E' uma peça endiabrada de graça e movimento, uma meada embrulhadíssima de qui-pro-quês que os autores desatam e desfiam com uma habilidade espantosa e um comico inextinguível.

Outro genero que obteve o favor publico e rendeu bons milheiros de francos aos empregarios foi o melodrama, o veneravel e "immorivel" melodrama, o que é devido á excellente disposição do povo, muito menos "blasé" do que se pensa e sempre capaz de illusão e

emoção—o que prova a sua boa saúde moral. "A troça é o bacillo das multidoes"—sentencia o nosso critico.

Ellas choraram novamente e com muito prazer ante as desgraças e aventuras de "Latude ou 35 annos de prisão," "A casa do banhista," "A ramilheira dos Innocentes" e a immortal "Graça de Deus," que ali está também a fazer derramar cachoeiras de pranto no Recreio Dramatico.

A velha guarda, commandada por d'Ennery, Piréxicourt, Anicet Bourgeois, Maquet, etc., vai sendo continuada e rendida pela nova, em que se distinguem Dormey, D'Aigremont, Duchez, Bompard, Mahalin, Roddas, Lefèvre, Mary, autores de "Les cadets de la reine", "Le capitaine Belle Humeur," "Valmy," "La nuit de Noel," "Le maître d'armes" e "La Mère la Victorie," que foram os melodramas de maior successo.

Concluindo, diz Léo Claretie:

"Tres factos dominam e caracterisam a temporada ultima: a ausencia dos mestres consagrados, o grande numero de escriptores novos e o appello aos theatrographos estrangeiros. (Está grassando em Paris a mania de acclimar as peças do Norte, de Ibsen, Björnsen, Hamptman, Stringberg Heyermans, Maeterlink, nebulosas, sinistras, symbolicas e insupportaveis.)

"Nota-se uma vigorosa impulsão para a arte dramatica, que readquire vida intensa e activa, a vida que se traduz na quantidade de autores que ora trabalham no theatro, phalange laboriosa e ardente de que vão sahir os mestres de amanhã.

"Si o movimento é manifestação de vida, facil é constatar que o theatro francez é dos que gozam melhor saúde e tem diante de si um futuro digno de seu longo passado."

P. TALMA.

A alegria é uma innocencia como o bom humor é uma virtude. Sejamos alegres: a alegria é a flor da coragem.

ANATOLE FRANCE.

COLLABORAÇÃO

SERENATA ARABE

— "Ouve, formosa huri, a voz do misero cantor que, juncto á tua morada, —erguida entre as tilias e os alamos e engrinaldada pelas madresilvas e jasmims — desfere na confidente mandôra esses cantos que lhe inspiram os desejos, as aspirações de um coração em que soubeste implantar o amor mais ardente, sem igual..."

"Ouve, adorada Saphir, ouve a voz do triste beduino, que sequioso vem do terrivel deserto, á procura deste oásis tão sonhado, á procura desta lympha que apagará os ardores de sua alma..."

"Ouve a minha supplica, e te erguei á sombra dos palmeiras floridos uma tenda de purpura, mais deslumbrante que os alcaçares de Granada, mais opulenta que o harem de uma Sultana..."

"Ouve a minha voz, e terás um pavilhão de marmore encrustado de rubis e opálas, com um lago em volta, povoado de pavões, cygnos e garças, entremeados de jardins de magnolias e baunilhas, e guardado por dous leões de juba dourada..."

"Terás flôres, muitas flôres, das mais custosas e aromaticas; tudo isto terás e mais um escravo, que esse eu serel, si quizeres retribuir este amor que me inspiraste,—amor sem igual, immenso como os desertos de minha patria, fiel como o dromedario que conduz a minha tenda, deslumbrante como o Paraiso de Allah!..."

Cantára o jovem Mourhad, com voz apaixonada, ao som da graciosa mandôra...

O luar esplende nos céos, inundando de suave claridade os prados, onde as flôres em botão esperam a volta da madrugada, que as fará desabrochar!...

A pequena distancia, o camello espéra o amo. Mourhad, envolto no amplo albornoz, encostado a um muro, lucha com a fadiga e com o somno... Em vão espera... Adormece finalmente...

Pequeno ruido faz-se ouvir na casa fronteira, residencia da formosa Saphir. Uma janella se entreabre e um vulto assoma...

Mourhad tranquillamente dorme, e mais adiante o fiel dromedario mastiga a terra hervinha que lhe serve de alfombra.

Em breve uma porta gira nos gonzos e um vulto apparece no limiar.

Saphir adianta-se e contempla o somno do joven arabe:

— Dorme... e como é bello o meu querido!... Traz um raminho de flôres atado ao braço da sua mandôra!... São para mim! Pobre Mourhad, quanto me ama!... Dizem que o amor desarma... Tentarei a experiencia roubando-lhe a sua adaga, e como compensação...

Saphir, ligeira como o beija-flôr quando suga o nectar das balsaminas, imprimiu na bronzeada face do seu amante um beijo de fogo, e rapida sacou-lhe a adaga e o raminho de flôres.

Carregada com tão precioso fardo, em um momento acha-se em seu gracioso aposento, encantador ninho de fada, e cheia de infantil jubilo espregueia o amante e espera risonha o effeito que produzirá a sua traquinice.

A curiosidade, genio máo dos enamorados, suggere-lhe, porém, uma idéa:

— Ouvi de meu pai e muitas vezes, que os beduinos têm a poetica superstição de trazer gravado em suas armas predilectas o nome da mulher que adóram, e consideram este singello uso como uma égide protectora em todas as phases de sua vida... Vejamos si o meu nome aqui está...

Saphir empunha a pequena adaga, aproxima-a da lampada que illumina o aposento, eléva-a, vólta-a, examina a lamina, observa o punho... Um grito de dôr infinda escapa-lhe dos labios:

— Allah! deus de meus paes! Sêde mais uma vez bemdito, porque revelastes toda a verdade á vossa humilde serva!... Mourhad não me ama! O miseravel busca o meu amor como um passatempo, como uma distracção; quer-me para amante e não para esposa! Tenho-as aqui, as provas, terriveis provas, nesta arma, toda encrustada de pedras preciosas!... Porém, homem perverso, não me possuirás. O beijo que te dei na face, trahidor, era a aurora do nosso amor; será agora a noite de minha vida... E como eu o amava... Elle mesmo, nem o podia avaliar... Trahir-me, enganar-me, preferir outra, zombar do affecto que eu lhe dedicava e que era todo o meu encanto!

E Saphir chorava, torcendo as mãos com desespero:

— Trahir-me... Não, não serei tua... Guarda esse beijo de vida que a tua perfidia transformou em beijo de morte...

E, desvairada, louca de dôr, banhada em lagrimas, Saphir empunha a adaga e fere-se...

Mourhad acôrda sobresaltado.

Ouvira um grito lancinante, agudissimo, que lhe varou o coração como si fosse uma frécha...

Um sinistro presagio escalda-lhe a fronte e volve o olhar para as altas janelas da casa de Saphir.

Tremulo, febril, entra; sóbe uma escada, transpõe o patamar, vê uma alcova illuminada; precipita-se nella...

Que scena horrivel se lhe depára! A encantadora Saphir ali está, morta, banhada no proprio sangue, conservando entre as mãos cruzadas, como um funebre trophéo, a pequena adaga...

— Allah! exclama attonito o joven arabe. A minha adaga... e Mourhad arranca-a das mãos da morta... Comprehendo. A fatalidade fez com que nos olhos de Saphir apparecesse o nome de Fatmé, e ella, a minha adorada Saphir, julgou-me desleal, trahidor, perjúro... Oh! desventura, exclamou louco de dôr o pobre amante, cahindo de joelhos e beijando por entre torrentes de lagrimas o bello rosto da morta:

— Era o nome de minha mãe!...

JULIO REIS.

(“Scenas e Fantasias.”)

A gloria é como os pharóes gyatorios. O seu clarão ora se occulta, ora apparece: mas essa luz intermittente conduz e guia a humanidade por entre as trevas e os recifes.

JAYME DE SEQUIER.

Factos e Noticias

Realisou-se no dia 11 do corrente a festa de inauguração (dedicada á imprensa) da “Escola de Esgrima Sportiva”, estabelecida no elegante theatriuho da Maison Moderne. Compunha-se de duas partes o programma.

Constou a primeira de um assalto a sabre entre Hercules e Gnerra, sendo este vencedor, de um assalto de florete entre Pepito e Ruina, vencendo este e de outro a sabre entre Arthos e Porteno, que mostraram grande firmeza e pericia, vencendo aquelle.

Entre a primeira e a segunda parte houve um “extra” — um duello a varapao entre dois portuguezes, cremos, e que agradou muitissimo não só pela variedade e graça do jogo como pela pericia dos jogadores.

Seguiu-se a “quiniela” de oito pontos em que tomaram parte Ruina, Dutilh, Taco, Tosco, Italo, Bob e Fanfulla. Ganhou Tosco, reguindo-se-lhe Dutilh, que fez sete pontos.

Fechou a porta com chave de ouro — um assalto a florete entre os mestres Vezin e Walbornn. Foi brilhantissimo, sendo os habilissimos contendores muito applaudidos.

Depois da “quiniela” offereceu a directoria aos seus convidados uma profusa e delicada ceia, copiosamente regada a Champagne, Porto, Xerez e outros vinhos.

O director-gerente Sr. Manoel Martija saudou a imprensa, sendo este brinde correspondido pelo representante d’“A Semana” que bebeu á prosperidade da “Escola de esgrima Sportiva”, fazendo votos para que seja ella util á educação physica de nossa mocidade.

Na proxima semana será franqueada ao publico esta nova diversão, de que é director tecnico o Sr. O. Walbornn e administrador Thomaz Mayor.

O nosso escriptorio vai sendo um dos pontos favoritos das balas.

Na celebre noite de 9 do corrente uma granada, ao passar, espatifou-nos a claraboia, espantando com o enorme fracasso os empregados que faziam a expedição da folha e tres dias depois uma bala de canhão-revolver visitou o gabinete do nosso director, não passando, todavia do ferro.

Muito louvavel essa discreção.

A casa Colombo teve a gentileza de offerecer-nos dous detestaveis pesos para papel.

Agradecidos?

ARCHIVO

Recebemos o 7º numero d’A REVISTA, publicação litteraria escripta em lingua portugueza em Paris, e de que são redactores os Srs. Xavier de Carvalho, Jorge Collaço e Antonio de Souza.

Traz um excellente retrato do Sr. Hintz Ribeiro e variada collaboração litteraria. Agradecidos.

CONTOS DE MEU TEMPO, por Oscar Leal. Recife. 1893.

MINEIRAS, poesias de Francisco Amédée Peret. Ouro Preto, 1893.

TRAÇOS CÔR DE RÔSA, poesias de Zeferinu Brazil. Porto-Alegre, 1892.

A SEMANA

Continuando a sua primitiva maneira de ser, e para em tudo respeitar as tradições da folha, concedemos aos Srs. assignantes quites com ella, mas só a estes, as seguintes vantagens:—a) fazer á folha uma consulta medica ou juridica por mez; b) fazer-lhe perguntas ou pedir-lhe informações sobre qualquer assumpto. Tanto aquellas como estas serão respondidas com a maxima presteza, em ordem chronologica e do modo mais satisfactorio que nos for possivel.

O serviço de consultas gratuitas foi introduzido na imprensa brasileira pela “Semana” e é uma vantagem de grande valor para o assignante, por poupar-lhe algumas dezenas de mil réis no anno.

Como as respostas ás consultas são dadas pelo correio, só serão respon-

didadas as que vierem acompanhadas dos respectivos sellos.

Roga-se aos Srs. assignantes o favor de indicar, sempre que possam, o numero de seu recibo quando hajam de consultar-nos.

A SEMANA

São representantes e agentes d’A SEMANA

Em S. Paulo — Os Srs. José Filinto da Silva e Achilles Spilborgba.

Em Santos — Os Srs. Azevedo Sodré Junior e Weimann & C.

Em Campinas — O Sr. A. Genoud.

Em S. Carlos do Pinhal — O Sr. Carlos de Carvalho.

Em Tieté — O Sr. Julio Garcia Vieira.

Em Ouro Preto — Os Srs. Zoroastro Pires e J. A. de Souza Vianna & C.

Em Juiz de Fora — Os Srs. Anibal Jaguaribe e Rodrigo de Souza Borges.

Em S. João d’El-Rey — O Sr. Arthur Alvim.

Em Barbacena — O Sr. Dr. Feliciano Penna.

Na cidade de Palma — Os Srs. Randolpho Barbosa & C.

Em Porto Alegre — O Sr. A. Mazerot.

Na Parahyba do Sul — O Sr. Verissimo Pacheco.

Em Campos — O Sr. Marlo Fontoura.

Em Santa Theresã de Valença — O Sr. Antonio de Avelhar Werneck.

Na Victoria — O Sr. Manoel Corrêa de Jesus.

Na Bahia — Livraria Olivieri, do Sr. Fernando C. Koch.

Em Sergipe — O Sr. Jacintho Gentil de Almeida.

Em Maceió — O Sr. Enéas Moreira, a Livraria Francino e a Livraria Novo Mundo.

Em Pernambuco — Os Srs. Dr. Isidoro Martins Junior e Hugo & C.

Na Parahyba — O Sr. Manoel Henriques de Sá.

No Rio Grande do Norte — O Sr. Manoel Coelho da Silva Oliveira.

No Ceará (Fortaleza) — Os Srs. Antonio Moreira de Souza e Joaquim José de Oliveira & C.

No Ceará (Baturité) — João de Pontes Medeiros.

No Maranhão — Os Srs. Ramos d’Almeida & C.

Omittimos os nomes de alguns amigos a quem escrevemos, porque não tivemos até esta data resposta das respectivas cartas. Uma vez, porém, que estas cheguem, gostosamente incluiremos os que se dignarem aceitar a agencia da “Semana”

No escriptorio d’A SEMANA, rua dos Ourives n. 71, 2º andar, acceptam-se encomendas de trabalhos typographicos de qualquer natureza, garantindo-se a modicidade nos preços e absoluta nitidez.



ANNUNCIOS**ESTABELECIMENTO
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO**

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado

115 — Rua Sete de Setembro — 115

Rua da Carioca, 12 e 14

FILIAL EM PETROPOLIS

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A' CASA PASCHOAL

CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133

Importação por todos os paquetes

Completo sortimento de chapéus para homens,
senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.

Rio de Janeiro

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE

FLORES ARTIFICIAES

Ribeiro de Carvalho & C.

RUA DO PASSEIO

*Têm sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas, flores,
etc., etc**PIANOS E MUSICAS
FONTES & C.**

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

O PEDAGOGIUM

13 Rua do Visconde do Rio Branco 13

BIBLIOTHECALaboratorio de Chimica, Gabinetes de Physica
e Historia Natural.**EXPOSIÇÃO DE MATERIAL ESCOLAR**

ESTÁ FRANCO AOS ESTUDIOSOS

Nos dias uteis das 10 horas da manhã ás 3 da tarde

REVISTA PEDAGOGICAOrgão do PEDAGOGIUM. Distribuição gratis aos
Srs. Professores.

ESTA PUBLICADO O 1º FASCICULO DO TOMO V

Dr. R. Rajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas

Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

DR. VALENTIM MAGALHÃES

ADVOGADO

RUA DOS OURIVES N 71

SEGUNDO ANDAR

DE 1 A'S 3 HORAS

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade : Partos e Molestias das Senhoras

Residencia e Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas Telephone 1138

Papelaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades

Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.

A SEMANA

DIRECTOR VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, rua dos Ourives n. 71, 2º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 23 DE DEZEMBRO DE 1893

EXPEDIENTE:

Assigntura annual. . . 12\$000
 " semestral 7\$000
 Numero avulso. . . \$200
 " intruzido . . . \$300

As assignaturas terminam sempre em Junho e dezembro

Terminando neste mez o 1º semestre da segunda phase d'A SEMANA, rogamos aos nossos dignos assignantes o inestimavel favor de mandarem reformar suas assignaturas, afim de que não seja suspensa a remessa da folha.

SUMMARY.—Historia dos sete dias—Julio Valmor; O Natal—Marco Valente; O poeta laureado de Inglaterra—F. X.; O Natal, poesia, Henrique de Magalhães; Os Concursos literarios d'A Semana; A Boneca, soneto—Luiz Delfino; Poemas da Juventude, A bella viagem—Garcia Rondon; Gazetilha Litteraria; Canicular, soneto—Magalhães de Assredo; Cartas á minha irmã—J. V. de Assredo Sobrinho; Conto Oriental—Damasceno Veiros; Factos e Noticias; Theatros—P. Talma; Correio—Enrico; Tratos á bola—Pr. Antonio.

Historia dos sete dias

Já notaram que, apesar das difficuldades com que a musa das chronicas alegres vai conduzindo por montes e valles o autor da "historia dos sete dias", elle ainda não teve que se lamentar uma só vez da esterilidade da época em que foi chamado a este posto, ou para melhor dizer, a este poste "E" que pela lei, das compensações, se, por um lado, a escassez da quadra em assumptos litterarios poderia pôr em apertos a inexperiencia do chronista, mal affeito a escapar-se pela tangente de uma anedocta ou de uma phantasia ao circulo restricto traçado pelos sete dias da semana; por outro lado a certeza de que ninguem o lê, dá-lhe um desembaraço que, em vão, se esforçaria por adquirir em tempos menos alvorçados, com os vinte mil olhos, dos dez mil leitores da "Semana" a mirarem-no de alto a baixo e os Polyphemos da critica a monocularem-lhe os dizeres.

(Nota.—O chronista não está bem certo de que sejam dez mil os leitores desta folha, mas como na apresentação que delle fez aos referidos leitores, José do Egypto, se denominava Xenophonte e não se comprehende Xenophonte sem os dez mil, d'ahi a conclusão.)

Ha dias observava-me uma senhora, coração sensível como o de V. Ex., amavel leitora: Como é possível ter vontade de rir, quando de tantos peitos que o luto ennegreceu pendem milhões de lagrimas congeladas pelo soffrimento?

Desculpei-me. O riso dos commentarios alegres á tragi-comedia do mundo não é gerado absolutamente nos seios

d'alma onde se engendra a compaixão misericordiosa pelos infortunios da especie humana; é uma simples contracção dos musculos faciaes produzida pelo contraste das cousas da vida e não calcada na mesma forja das reconditas agonias que roem e rugem cá por dentro.

E' aquelle movimento instinctivo que obriga V. Ex. a descerrar os labios quando vê alguém estender-se desgraciosamente na calçada, não obstante reconhecer perfeitamente quanto uma queda pôde ser fatal.

A vida é assim mesmo. Caminha um homem a passo lesto, trampolim da existencia fóra, sabendo bem que na extremidade está suspenso o desconhecido, a apothese calorosa da multidão ou o abraço gelado da morte, e, todavia, vai alegre; vai alegre porque se sente menos opprimido da massa de ar que sobre elle pesa, graças á illusão compensadora do mecanismo propulsivo. E' a isto, supponho eu, que se chama a alegria de viver.

Que ha tambem quem ria um riso amargo, que outra cousa não é a ironia de um Swift, concentração do orgulho recalçado do estudante preterido de Dublin, ou o rir satânico de um Beaude-laire, succo acre do fructo mal sasonado da vida em conserva de opio e hatchis.

Nenhum d'estes, porém, é o rir do moderno folhetim. Este é um descendente em linha recta d'aquelle rir de Rabelais, extracto duplo da philosophia de Erasmo e da mordacidade do espirito gaulês.

Mas a que vem tudo isto? Ah! já sei. Vem para dizer que a minha gentil interlocutora fez-me prometter-lhe que no presente numero d'A SEMANA me occuparia de alguma cousa serla.

Exactamente tenho aqui á mão o que quer que seja com que possa satisfazerla. E' um commentario despretençioso a um bem intencionado artigo que o Sr. Horto de Godoy, de Rio Claro, publicou em o ultimo numero d'esta mesma folha sob o titulo—VICIOS DE LINGUAGEM.

N'este artigo lamenta o Sr. Godoy: "Agora os jornaes publicam diariamente um termo errado: projectis."

Como o chronista é dos que se obstinam no erro, tendo dado materia para corpo de delicto ainda na ultima HISTORIA DOS SETE DIAS, onde, a dous terços da segunda columna empregou aquelle plural, pede venia para ponderar que, segundo elle pensa ou antes, segundo elle sente, porque na arte de escrever ha cousas que mais se experimentam do que se explicam, nem um exercito inteiro de linguistas, tendo á sua frente generaes do valor de João Ribeiro, invocado pelo articulista, e ainda de Laet, Fausto Barreto, Alfredo Gomes, Adolpho Coelho, Said-Ali, Pacheco Junior e Lameira de Andrade, com os quaes poderia, porventura, engrossar a sua phalange, bastaria a con-

ter o impeto da onda popular que desde Portugal vem arremettendo de todas as partes com "agudos" projectis que fazem calar os "graves" projectis immobilizados na tonica originaria, sem vibratilidade, sem onomatopela, sem vida.

Não fossem estas considerações oppostas por um simples contador de historias e era aqui o lugar de contrapor á opinião do Sr. Horto as autoridades que se acostam á forma por elle repellida, mas como "ne sutor ultra crepidam," ninguem manda a sapateiro tocar rabecão, limita-se a afirmar que cá para o officio "projectis" não lhe soam.

No entretanto, assegura ao Sr. Godoy que a sua lição não foi de todo perdida e que, quando se encontrar com linguistas ha de mostrar-lhes que tambem é dos que bebem do fino.

Agora, visto que o Sr. Godoy é caroavel d'estas investigações de vernaculidade, atrevo-me a pedir-lhe que nos seus ocios de Rio Claro se sirva indagar da legitimidade d'aquella expressão que se lê no seu artigo: "deparel com multos termos estranhos."

Está-me a paricar que aquella maneira de dizer não tem a chancellia dos auctores mais escolhidos, que a consideram um dos vicios com tão boa consciencia profligados pelo artigo a que me reporto.

Em portuguez de Bernardes, de Frei Luiz de Souza ou de D. Francisco Manoel aquella phrase deve ser substituida pela seguinte: "depararam-se-me multos termos estranhos", ou ainda por est'outra: "a leitura de tal obra deparou-me multos termos estranhos."

Omitto as razões em que me firmo, porque isto aqui não é cadeira que se firme em cousa nenhuma, é uma simples gangorra litteraria em que o fazedor da chronica só se conserva no alto no momento — bem longo para o leitor — em que o José do Egypto demora lá por baixo a descanzar.

Accusa mais o artigo a que me vou referindo:

"Commumente "lê-se" pelos jornaes os seguintes termos"...

E mais adiante:

"E' commum "encontrar-se" phrases como esta..."

Ora a mim "têm-se-me deparado" muitas vezes á porta de estalagens e de estrebarias litterarios assim concebidos: "Aluga-se quartos" "Ferra-se cavallos." Eu entendo o que elles querem dizer, mas, se acerto de ir com o Said-Ali ou com o Alfredo Gomes e que damos de cara com uma taboleta assim redigida, reparo em que elles sorriem sempre dando a entender que o estalajadeiro ou o ferrador, para serem benemeritos de Francisco Rodrigues Lobo, deveriam escrever "Alugam-se quartos" "Ferram-se cavallos."

Estava eu n'esta crença quando surge agora o artigo do critico de Rio Claro

sanccionando tacitamente aquella forma assaz corrente entre cortijos e alquillarias, mas que ainda não havia adquirido fóros de corteza de modo a poder figurar condignamente na "Côrte na Aldeia" do auctor predilecto do Investigador de Rio Claro.

Complamente o Sr. Horto de Godoy aquellas corcovas desgraçadas no liso dorso da sã linguagem portugueza e conte depois com este seu creado para irmos juntos, de Moraes em punho, dar caça sem tregua nem mercê aos estrangeirismos de má raça.

JULIO VALMOR.

O NATAL

Festas! Festas!

Boas festas!

Eis o brado que resôa na cidade, do Sacco do Alferes á Ponta do Cajú, de Botafogo á Prainha.

Esse brado é a um tempo o "requiescat" do anno velho e o "salve" do novo.

O "Natal" é o dia mais alegre e mais poetico da civilização christã.

Mesmo sobre os espiritos mais negativos á fé, menos evadidos de religiosidade, que repellem o dogma da natiuidade divina, exerce esta doce e suavissima lenda um poder ineffavel de ternura e encanto.

Que ignorado Homero foi esse que em seu cerebro genial creou-a? A pergunta parecerá sacrilega aos crentes; mas é racional—talvez por isso mesmo.

Que infinito poema nesse Deus que se faz homem e nasce, de humildes paes, sobre as palhas douradas de um presépe, entre os bons animaes pacíficos e amigos do homem—como o filho do mais obscuro e pobre casal aldeão!

E tudo o mais—esses poderosos monarchas que vêm dos mais longinquos continentes, guiados por uma estrella, a estrella do pastor, a Vesper, a Venus, a linda estrella d'Alva, que, sob tantos e tão diversos nomes, é sempre o mesmo limpido e incorruptivel pharol dos céus; essas offerendas por elles depositas aos pésinhos do Deus recém-nado e os céros de zague e a fuga para o Egypto...

Quanta poesia singela e consoladora em tudo isso!

O Natal é, sobretudo, uma festa encantadora por ser a festa das crianças.

No mais fidalgo palacio parisiense como na mais pobre choupana russa a noite de hoje é cheia de doces promessas e doces mysterios para a criança.

De paiz a paiz variam as lendas e os usos de festejal-a, mas o fundo é o mesmo. O Deus menino manda regalos, brincos e teteias aos seus amiguinhos; manda-lh'os mysteriosamente por uma fada muito boa e muito loura ou por um grande velho risonho, de barbas de algodão, que desce pela chaminé, quando já frio o borralho e adormecida a casa.

Como são madrugadoras as crianças neste dia!

Com que pressa e anciedade se atiram para fóra das caminhas!

E' porque sabem que, no interior dos sapatos, dentro dos bolsos ou das gavetas hão de encontrar os presentes que o menino Jesus lh'es manda, para commemorar o dia em que se fez pequenino e fraco como todas as crianças.

A alegria d'estas faz a dos paes e dos avós e transforma os lares em ninhos muito verdes e floridos, gorgendos de passarinhos.

E a missa do gallo?!

Quantos risos e gritos e beljos pelos caminhos escuros, pelos campos humidos, entre as sebes espinhentas, emquanto o sino da igreja distante repica festivo e os gallos vão passando a senha de quintal a quintal, de herdade a herdade.

E' no campo, é na roça que a missa do gallo é bella e devéras encanta.

Nas cidades, com o transporte a carro e os feis vestidos á moda e os templos refulgentes de luxo, ella não fala tanto á alma, nem faz tanto bem á gente.

A festa dos simples entre os simples deve ser celebrada, e por elles, com humildade, na paz dos campos, na communhão das plantas e dos animaes.

O Natal no Rio de Janeiro, como em todas as grandes cidades, é, por isso, relativamente frio e pallido. Resumese, actualmente, em arvoresinhas do Natal, pinheiros artificiaes, carregados de quinquilharias caras e numa chuva impertinente de pedidos de festa.

Oh! as festas! Todos as pedem—o padeiro, o caixeiro do armazem, o leiteiro, o carteiro, o entregador do jornal, os criados, os afilhados, os sobrinhos, os primos—todo o interminavel exercito dos parentes e serviçaes.

E' uma perseguição, quasi uma praga, que se prolonga até ao dia de Reis.

Todos pedem as suas "amendoas." Ora as "amendoas" têm muitas vezes de ser de ouro e brilhantes; e mesmo as que são apenas cobertas de assucar custam um dinheiro louco!

Se a gente for a dar as festas a todos que nol-as pedem, ou mesmo sómente áquelles a quem devemos dal-as, lá se vão as economias—quando as ha!

Se eu fosse bastante rico para dar uma festa de pobre, era do modo seguinte que eu celebraria o Natal.

Ferraria toda a casa de palmas verdes e festões floridos; armaria um presépe rustico, bem rustico, com um menino-Deus rosadinho e papudo no meio do seu classico "entourage," que nossos avós sabiam arranjar com tão encantadora ingenuidade; cobriria de teteias um grande pinheiro natural, para que as crianças lhe dançassem em volta e colhessem os "fructos" e daria á familia e aos intimos uma "consoada," á primitiva, com baixella de barro e vinho de uva, devendo todos trajarem de pegureiros e zagaias.

E a "consoada" começaria depois da missa do gallo, resada ali assim, deante do divino pequerrucho, no presépe, com céros de crianças e donzellas, ao toque de gaitas e frautas rusticas.

Mas como não sou rico, resigno-me a festejar o Natal arruinando-me em amendoas.

MARCOS VALENTE

O POETA LAUREADO DE INGLATERRA

Trata-se de fazer em Inglaterra a nomeação do poeta laureado, cargo vitalicio que vagou, ha um anno, por morte de lord Tennyson, pois, como é sabido, entre as joias da corôa ingleza contam-se as gemas da poesia. A nomeação, apezar das interpelações que a esse respeito tem-se feito ultimamente ao Sr. Gladstone na Camara dos Communs,

não é da alçada do governo, mas da do lord-mordomo da casa real. O primeiro ministro é talvez ouvido sobre a pessoa do candidato; d'ahi a intervenção do parlamento.

O cargo tem sido até aqui servido pelo poeta reputado o primeiro entre os seus contemporaneos, mas cujas produções não são inteiramente estranhas ás glorias da patria ou da familia restante. Wordsworth foi uma excepção á regra, mas já a nomeação de Alfred Tennyson foi devida a uma ode sobre a morte do duque de Wellington. Hoje é substituto de Tennyson, indiciado pela critica e pela voz geral, é Swinburne. Mas esse sabe-se de antemão que não será escolhido por estar no caso do immortal de Daudet em relação á Academia Franceza: escreveu a "Toute Nue," titulo que explica toda a obra, primorosa embora, de Swinburne.

A proposito da demora da nomeação, o ultimo numero da "Revista de Edinburgh" traz um artigo em que se mostra apprehensiva sobre a extincção do lugar e manifesta-se contra essa medida, por ser elle o unico reconhecimento official do genio litterario do paiz; e lembra o alvitro de o deixar vago até que appareça alguem que, nas graças da Corôa, seja digno de o merecer. O artigo da "Revista" é inter essantissimo como critica e por longo demais não podemos traduzil-o para "A Semana." Todavia reproduziremos em synthese algumas de suas idéas para dar a conhecer aos nossos leitores a nova geração poetica de Inglaterra.

Mr. Traill, critico londrino, num artigo de "magazine" do anno passado offereceu uma lista de sessenta e cinco poetas inglezes contemporaneos, dentre os quaes classificou quinze (cujos nomes prudentemente calou) de verdadeiras notabilidades, estudados á luz de qualquer época da litteratura daquelle paiz. O artigo em questão da "Revista de Edinburgh" trata de vinte e cinco ao todo, e é sem duvida mais severo para com elles do que o critico a que nos referimos.

Dentre esses, Swinburne, que mereceu estudo especial em outro numero da REVISTA, é por ella o eleito por ser o primeiro lyric da actualidade. Segue-se William Morris "poeta de imaginação deslumbrante, de individualidade propria, de estylo elevado, senhor da lingua e do verso," mas republicano e socialista. O ultimo livro de William Morris, POEMS BY THE WAX, é uma collecção escolhida de suas melhores produções, algumas dellas muito populares. Em relação ás probabilidades de sua nomeação o articulista refere o seguinte dialogo ouvido em um "smoking-room":

— Creio que Morris será o nomeado.

— Não é possível. E as suas idéas republicanas?...

— Ah! bem, eu não me refiro a Morris, o poeta; refiro-me ao outro Morris.

O "outro" é Lewis Morris que tem-se evidentemente em conta de poeta; e as "Obras de Lewis Morris," reunidas em um volume de quinhentas paginas, á razão de duas columnas para cada pagina, em titulo, impressão, typo, retrato, lombada e no mais exteriormente identicas ás "Obras de Alfred Tennyson," fazem crer no proposito de uma suggestão. E quem quer que julgue injusta a critica da REVISTA use a sua receita, lendo pela manhã o poema dramático em seis actos intitulado GWEN, de Lewis Morris, e lendo á tarde o poema dramático em seis actos intitulado MAUD, de Alfred

Tennyson, que saberá do que é capaz o "outro" Morris, no sentido de uma "anexação." Alfred Austin é outro que pode ser tomado a serio porque é auctor de algumas poesias lyricas e de alguns sonetos magnificos, mas de quem em relação ao cargo não se poderá dizer como elle diz de si no seu poema AT DELPHI:

Cinge a c'roa que é tua até á morte
Cantor do Mar do Norte.

Edwin Arnold tambem é fóra de duvida que não será nomeado. E' bom poeta, mas os assumptos que o preocupam são estranhos á nacionalidade e aos costumes Inglozes. A LUZ DA ASIA, o seu melhor livro, está na vigesima quinta edição, mas quem não for familiar com a lingua japoneza não poderá entendel-o. Exemplo:

Então vem o "koti, nahnt ninnahut"
"Chyo mo kawaranu fufo zo."

Ambrey de Vere é auctor do ALEXANDRE, poema dramatico, e das LEGENDAS DE SÃO PATRICK, mas teria tudo a lucrar se se limitasse a algumas poesias e a alguns sonetos realmente bellos. Coventry Patmore é incomprehensivel em tudo quanto faz, mas escreveu o ANJO DO LAR, obra prima de estylo e de originalidade. F. Tennyson faz versos de escola bem cuidados e correctos quanto á metrificacão. E', comtudo, um poeta de raça... por ser irmão do ultimo laureado.

W. Watson conhece o segredo de extenar grandes pensamentos em poesias curtas e bem acabadas. Norman Gale, cultiva exclusivamente o genero pastoril, equilibrando-se por vezes no sublime e não raro na vulgaridade. Lord de Tabley é homem cultivado e de fino sentimento poetico. Os seus livros são cuidadosamente impressos e encadernados. O CANTO NUPCIAL e o ESTUDO DE UMA ARANHA são as suas composições mais inspiradas.

Marzials e Le Gallium, poetas "fin-de-siècle," são os nephelibatus de Inglaterra. A ULTIMA METAMORPHOSE DE MEPHISTOPHELES é a obra prima de Marzials, e PAOLO E FRANCESCA, poemeto á maneira de Byron, a obra prima de Le Gallium. Ambos têm bons sonetos e poesias. O DECADENTE E A ALMA é o titulo de uma poesia notavel do ultimo. Bridges confina com os "fin-de-siècle." Parece que não é considerado nephelibata porque escreve dramas classicos e é o traductor do HEAUTONTIMORUMENOS. Diz um critico que "o seu verso parece prosa e a sua prosa parece verso." Austin Dobson é o cantor dos PROVERBIOS EM PORCELLANA, um livro primoroso de sentimentalismo das cousas e dos homens do seculo passado, em versos modernissimos. Nada mais delicado nem mais bem feito do que uma sua poesia sob o titulo UM CHAPÉO QUE VAE BEM. Lang é um prolongamento de Dobson com originalidade propria, principiando pelo titulo de seu livro: BALADAS EM LCUÇA AZUL. Gosse é um impeccavel da escola dos dois ultimos; Myers, para acabar com os poetas de primeira plana, tem mais de philosopho do que de poeta.

Entre as poetisas são dignas de menção Miss Ingelow, Miss Rosseti e Mrs. Augusta Webster. — Miss Ingelow em primeiro lugar. Wilfrid Blunt, Alfred Lyall, R. L. Stevenson e Kipling occupam o segundo plano.

E assim termina o artigo da REVISTA DE EDIMBURGH, e sem quebrar lanças pela nomeação de Swinburne, por julgal-o incompativel com a c'orte, e sem apresentar outro candidato, Tendo em vista

a influencia que ella exerce nos circulos officiaes, desde a epocha em que malsinava Byron, é provavel que o cargo fique vago por algum tempo, ou talvez, enquanto viver Swinburne, que por ser "shoking", na opinão de seus conterraneos, deixa de ser o poeta laureado.

F. X.

NATAL

Já da cigarra a ceza-reza
Sóa no espaço fanfarrante;
E a natureza inteira offega.

Pois o Verão arvora a flamula flameante!

Reim Dezembro, o mez ardente,
O ardente mez das bóas festas!
Parece altar resplandecente

O seio aberto em flór das virides florestas!...

E como um clown que affronta quedas,
A pó de estrellas polvilhado,
No seu carril de labaredas,

O sol galga do céu o viaducto elevado!...

E, emfim, congesta, chega ao alto
E faz prodigios de equilibrio!

E vai, depois, de salto em salto,

Cahir ao mar que rosna e o cabre de ludibrio!

Chega o reinado das amendoas,
Já das criangas ouço os risos!

Eu fico alegre alegres vendo-as!...

Cada risada lembra um tiliutar de guizos!

Cantam as aves pelo espaço,
Nadam olores na atmosphera:
Flores encontro a cada passo

E sinto o halito bom da gentil Primavera.

Em toda a parte, em todo o Globo,
Reino o Verão ou reino o Inverno,
Ruja faminto o foro lobo

Ou solte o passaredo o seu cantico ternu.

Em toda a parte se festeja
O grande e memoravel dia,
E não é só na austera Egreja:

— E' tambem no palacio e na choça sombria.

Por este tempo, na Judéa,
Talvez que em dia assim faustoso,
Fallou-se que, ua Galiléa,

De paes pobres nasceu um menino formoso.

Esse menino quando adulto
Soffreu por toda a Humanidade,
Do Bem prégando sempre o culto

E o culto da Justiça e o culto da Verdade!

E emtanto o audaz propagandista
Da Liberdade e do Direito,
Que, assim fazendo, tinha em vista

Prender um coração de pomba em cada peito.

Cuja cabeça altiva e loura
Trazia a idéa de um sacario.
Numa acanhada mangedoura

Nasceu da esposa fel de um simples operario!

Portanto a festa de quem leve
Um unscimento tão modesto
Não deve ser p'ros ricos, deve

Ser p'ros fillos do Povo estarrapado e honesto,

Que o parco pão, ganha com custo
E bebe o vinho p'lo gargallo
E assa a castanha no magusto

E alegre á noite vai ver a missa do gallo!

O' tristes fillos da Canalha,
Ao menos isto vos console:

— Christo nasceu em feno e palha,

Palha da c'ór do sol e feno fresco e molle!

Mas como, a todos nivelado.

Elle nos fez irmãos, hosana!

Que o goso eu possa ver reinando

Na vivenda fidalga e ua humilde choupana!...

22-12-93.

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

CONCURSOS LITTERARIOS

Vamos estabelecer de Janeiro do proximo anno em diante quatro concursos trimensaes, de prosa e verso.

O primeiro, que fica desde já aberto, será encerrado no dia 15 de Fevereiro; o segundo será aberto a 1 de Abril e encerrado a 15 de Maio; o terceiro será aberto a 1 de Julho e encerrado a 15 de Agosto, e o ultimo será aberto a 1 de Outubro e encerrado a 15 de Novembro.

CONDIÇÕES GERAES

Os manuscritos, dirigidos ao director d'A SEMANA, trarão, em vez de assignatura, uma divisa ou legenda e devem ser escriptos em letra bem intelligivel.

Devem ser todos completamente inéditos.

Cada manuscrito será acompanhado de uma sobrecarta, na qual se leia a divisa ou legenda correspondente ao manuscrito, e dentro da qual virão o nome e a residencia do autor do trabalho.

Quer para as composições em prosa como para as em verso a máxima liberdade é concedida para a escolha do assumpto e a fórma da obra.

Os trechos de prosa—contos, quadros, fantasias, seja o que fór—não deverão ter menos de 150 linhas (de uma tira de almaço) nem mais de 400.

Os poemas não conterão menos de 14 versos nem mais de 150.

Nos mezes de Março, Junho, Setembro e Dezembro serão publicados os trabalhos premiados em cada concurso anterior.

OS PREMIOS

Para o concurso de poesia só estabelecemos um premio. Para o de prosa—tres: primeiro, segundo e terceiro. Se acontecer que dous, tres ou quatro poemas mereçam o premio unico, será este conferido a um e os outros passarão para o seguinte concurso. O mesmo para o caso de merecerem varios trechos de prosa o primeiro dos tres premios.

Consistirão estes em livros de luxo, raridades bibliographicas, autographos preciosos, retratos de celebridades, ricamente emmoldurados, etc.

OBSERVAÇÕES

A organisação destes concursos é, com pequenas modificações, a mesma dos concursos mensacs do Echo de Paris Litteraire Illustré.

Os manuscritos remettidos para aquelle fim não serão restituidos.

A DIRECÇÃO.

A BONECA

ASPASIAS

Como a loira boneca da Allemaucha,
É farta, gorda, alegre, bôa: os seios
Amplios, olhos sem luz, mas negros, cheios
De um barulho de rua e d'harpa estranha.

No rosto, lnda nuporal clarão, que o banha:
Tem o verniz da infancia, o riso enleios:
E, como a onda balança, a praia ganha,
Não anda, ondula em languidos meneios.

Ha-de em breve raiar n'algunha sala,
E ás mãos de alguém de fórma seductora,
Que lnda, em beijos gulôsos, acabá-la

E da covã, que o crime enpluma e doura,
Calir n'outra, sem côr, sem voz, sem falla,
A pobre!... a pobre da boneca loura...

LUIZ DELFINO.

POEMAS DA JUVENTUDE

I

A BELLA VIAGEM

"Flick-flack, Flick-flack", fazia o pingalim do cocheiro — um nubio brunido pelo sol dos tropicos — fustigando o dorso dos pequenos poneys, que arrastavam o nosso microscopico landau.

E nós, abraçados, mãos e labios unidos, na ventura do goso, voavamos para o paiz das chimeras, dentro do pequenino "LANDAU", enquanto o chicote do nubio fazia "Flick-flack, Flick-flack", sobre o dorso dos fogosos poneys.

*

De vez em quando, os labios d'ella desuniam-se dos meus e o murmúrio da sua voz suavissima disia ao cocheiro: — Mais depressa, mais depressa...

E o pingalim estalava de novo sobre o dorso dos pequenos poneys, fazendo sempre "Flick-flack, Flick-flack."

E o "LANDAU" rodava celere, vertiginosamente, pela linda estrada branca, orlada de boninas e de madresilvas em flor, por entre os pinheiros balsamicos, n'um bello dia de primavera, luminoso e fresco.

*

Assim viajámos longas horas — eu e ella — sempre unidos, sem nunca attignirmos esse delicioso paiz das chimeras, para o qual voavamos ás tontas, sem guia, sem itinerario, arrastados apenas pelo impulso satânico dos nossos desejos lubricos.

*

Na volta, quando o pingalim do cocheiro fazia "Flick-flack, Flick-flack" sobre o dorso dos pequenos poneys, ella, desunindo os seus labios dos meus, ordenava: — Mais de vagar, mais de vagar...

Mas o nubio, lembrando-se talvez das bellas ethiopes do seu paiz abrazado, fustigava sempre os poneys e o "LANDAU" rodava, rodava sempre pela linda estrada branca, orlada de boninas e de madresilvas em flor.

E, enquanto o landau corria esmagando as lindas flores da innocencia, que haviam ficado esparsas pela estrada a fora, e o pingalim do cocheiro fazia "Flick-flack, Flick-flack" no dorso dos nervosos poneys, eu sentia tambem o chicote do remorso a fustigar-me a consciencia e fazendo igualmente "Flick-flack, Flick-flack."

GARCIA REDONDO.

GAZETILHA LITTERARIA

Vamos fazer uma pequena resenha das ultimas novidades parisienses.

Começaremos por dedicar algumas palavras a um dos ultimos livros de GYP — PAS JALOUSE!

GYP é o pseudonymo da condessa de Martel de Janville, Sybilla Gabriella Maria Antonietta de Riquetti de Mirabeau ("Excusez du peu!").

Entre seus livros mais apreciados e mais famosos estão AU TOUR DU MARIAGE, AU TOUR DU DIVORCE e PETIT BOB.

PAS JALOUSE! é um delicioso romance, que melhor talvez se intitulara LE FLIRT, pois nelle se estudam e descarnam os terriveis inconvenientes desse mal moderno, que a moda impõe e requinta.

Os typos dos protagonistas ANTOINETTE, condessa d'Etiolles, e seu marido são admiravelmente traçados, com uma verdade flagrante: — aquella, intelligente, bôa, meiga, honesta, profundamente amorosa de seu marido; este, adorando a mulher, mas irremediavelmente viciado na vida do "grand monde" absorvido pelo polvo luctador e macio do "flirt," que o faz deixar a mulher querida dias e noites seguidas, na solidão de seu castello, para ir borboletar banal e gentilmente entre as "coquettes" dos castellos visinhos, em almoços, jantares e "pic-nics" interminaveis. Todo o livro, cujo entreocho não contamos para não tirarmos aos leitores o prazer da surpresa, é escripto com uma elegancia e fineza de estylo e um espirito encantadores. Nelle abusa-se um pouquinho de almoços e jantares. Quasi não se trata de outra cousa. Verdade é que no mundo "où l'on s'embête", a não ser d'aquillo só de amor se trata.

Recomendamos PAS JALOUSE! aos maridos — borboletas para que nelle aprendam ao que se arriscam.

TOUT BAS, de F. Poitevin é antes um diario de impressões que um romance. Tem apreciaveis qualidades de observação e de estylo.

DEBORAH, do conde Estanisláu Rzewuski é uma historia simples, banal mesmo, desfiada em estylo rethorico e empolado.

LE NEZ DE CLEOPATRE, de H. de Saussine conta rivalidades amorosas em que Cleopatra não mette o nariz senão no fim, e isso mesmo sem que o leitor saiba para que.

LE ROI DE LA CRÉATION, de Cadol, é um livro agradável.

L'IRRESISTIBLE, de ETINCELLE, é uma historia banal, contada com certa habilidade.

UN VIEUX MÉNAGE, é um romance de Madame Gréville, em que ella supprime o que lhe falta em energia e vibração por certa naturalidade e graça amavel.

CŒUR FERME, de Trouessart, é uma historia parecida com a de "L'irresistible" com a grande differença, comtudo, que a heroína não chega a claudicar, o marido volta ao aprisco conjugal, recomeça a lua de mel e o amante em perspectiva vae espalhar as maguas em longes terras. Livro anodyno.

LES PETITES MANCHABALLE, de Richard O' Monroy é uma serie de perfis divertidos, que lembram Les PETITES CARDINAL para não fazel-as esquecer.

MADAME LA DUCHESSE, de Gyp, uma duzia de dialogos, em que se encontra o picante moralista, o amavel pintor do "monde" com sua vivacidade de observação, sua agudesa de espirito, e mesmo com essa superior discreção, cuja ultima

palavra é uma ironia, sempre prompta a esfagnhar: " diz um crítico.

MONSIEUR VEUT RIRE, de Alfred Capus, é uma colleção de quarenta historietas engraçadas, umas mais que outras, como é natural.

Citaremos para fechar a resenha dois romances historicos LA TUEUSE, de Cahum, e LE DRAGON IMPERIAL de Mme. Judith Gauttier, ambos interessantes e curiosos, tanto pelas aventuras como pelos scenarios em que se desenrolam.

A pedido do director do ECHO DE PARIS, Edmundo de Goncourt entregarlhe-á proxivamente, para ser publicado naquella folha, um novo volume do JOURNAL DES GOUCOURT, que comprehende os annos de 1885 a 1889.

Jean Lorrain seu ultimo livro BUVEURS-D'AMES, faz um curioso estudo sobre a dor, cheio d'uma psychologia profunda e interessante. Apareceu em fim de novembro ultimo em Paris, editado pela conhedidissima casa Charpentier Fasquelle.

Com vivo prazer vemos virem chegando-se a nós, a retomarem seus logares, os nossos antigos collaboradores — Hontem foi Urbano Duarte, o nosso grande humorista, e hoje são Moraes e Silva, o castiço e imaginoso escriptor a quem os annos não conseguem envelhecer o coração de poeta, e Fontoura Xavier, o original e masculino artista, de quem damos hoje um esplendido artigo sobre o "poeta laureado" da côrte da rainha Victoria, que deve receber a pesada successão de Tenysson.

Os outros hão de chegar tambem, um a um, para, dessa forma, auxiliarem e recompensarem os nossos esforços no sentido de tornar A SEMANA um repositório precioso das mais bellas e valiosas produções da litteratura nacional.

GYP, a humoristica auctora de tantos volumes esplendidos, acaba de publicar, além dos que citamos acima, editado pela casa Charpentier e Fasquelle, um novo livro — "DU HAUT EN BAS." É uma espirituosissima satira ás pessoas da alta sociedade parisiense, que são fustigadas pela penna da auctora com uma ironia fina e mordaz, que dá um bello relevo ao seu espirito de observação.

MARCOS.

CANICULAR

Ao meio dia, quando a calma intensa cresta
Os leques do cocheiro e as recortadas parras,
E o sol a pino lista o espaço de igneas barras,
— Exagerada luz, que o nosso olhar molesta,

Eu gosto de dormir, voluptuoso, a sesta,
A' monotona voz chilrente das cigarras,
Que vibra forte, além — como um som de faufarras,
Atroando o ar, echoando ao longe, em plena festa.

Ouço, encantado e tonto, essa musica estranha,
Que não pára, que, activa, a cada instante cresta:
Um profundo torpor os meus sentidos ganha...

E os olhos cerro: e, sem cuidados, me abandono
Ao olvido subtil, que do céu quente desce...
E dura, até que baixe a noite, o doce somno...

MAGALHÃES DE AZEREDO.

CARTAS Á MINHA IRMÃ

I

19 DE JULHO.

Hoje recebemos uma carta tua de Londres, a cidade collossal em que passeias, tão longe materialmente de todos nós que, entretanto, não te deixamos

partir do nosso coração, nem a tua face risonha e amiga da retina dos nossos olhos, tão saudosamente brasileiros...

Nesse paiz barbaro de ultra-civilizados, em que não tens a ternura dos nossos avós, nem a bondade dos nossos paes, minha cara irmã, quantas vezes não se hão de ter sombreado os teus expressivos olhos com saudades do teu irmão... Ah! nessa Inglaterra de ferro, levada num enlace vertiginoso de longes cidades a cidades longes, como já não pensaste na viagem de trolly das fazendas de tua terra!... Aos lados da estrada pendem unidas as flores de S. João e de longe em longe um rio vem, com sua cabelleira de sargação, cantando ruidoso a sua cantilena aquatica... Vê: de casebre que se esborða, caipiras olham o trolly que vac acordando o pé, e comprimentam respectuosos e fraternos, na mesma communião da terra protectora e do grande ceu, que derrama a luz, enquanto no ar vivente arde o sol...

Na cidade londrina, porém, o astro não rutila, occulto sempre em nevoas e nas fumaças, halitos de fabricas immensas, que o vencem, e se, por acaso, ousa atravessar as nevoas rotas, não tem, oh! eu estou certo, o fogo do nosso Brasil; lá elle poderá atravez de uma cortina, le desmalar nos cabellos louros de uma miss, a quem tomará por um dos seus raios louros, enquanto aqui, em campo alto, em plena campina, as coboclinhas lhe offerecem sua pelle morena, de que elle gosa, afogando-a de luz... E o sol é tão bello!

Ah! que rumor, que vida! dizes tu; foste ver tal abbadia e tal palacio e poustaste os olhos no logar em que Anna Bolena perdeu a vida e a sua bella cabeça medieva... Cá, na fazenda que foi tua, o sol batia de chapa na casa caiada de branco, e na encosta que sobe até ella, pelas ameixeiras os passarinhos rumorejavam as mesmas canções que conheces; no cafezal os colonos trabalhavam, alguns lembrando-se de ti...

A' noite foste ouvir a CAVALLERIA RUSTICANA regida por Mascagni... Applausos delirantes, não?... Aqui, a lua subia no ceu e das florestas chegava o odor incbrante dos pinheiros; á porta de sua morada um preto cantava toadas ao som do violão, e ao longe, incessantemente, numa perenne gala, ouvia-se, ensurdecido pelo espaço, o rio cantando sua cantilena aquatica...

... Minha querida irmã — é crepusculo; seis badaladas o sino deu e o echo foi repetindo além, além, as seis pancadas do sino bronzeo. Da minha mesa de trabalho, que tão bem conheces, eu vi, pela janella aberta, o sol deixar-me... Roubou-me um olhar de saudade e fugio...

Crepusculo, hora das inconscientes lagrimas e das orações catholicas, cheias de mysticismo, de enlevo e fé... O céu ainda não escureceu de todo, mas já grandes nuvens negras pairam no cimo como immensas aves extaticas. No occaso ainda ha os sulcos dos passos do sol e já, aquem, a lua crescente nos mostra seu sceptro argentino.

... E recebe, oh! lua diaphana, oh! mundo dos simples, esta lagrima que róla...

J. V. DE AZEVEDO SOBR^o.

Ser amado, amar no meio de requintado luxo — eis o ideal a que todos se sacrificam.

TH. DE BANVILLE.

CONTO ORIENTAL

Em um dos pateos do palacio egypcio tinha-se armado o toldo escarlate, de seda do Japão, para que a princeza, que se sentia morrer, encontrasse refrigerio ao canção que a prostrava.

Sobre acolchoado divan, Zenobia — a formosa princeza de olhos profundamente negros como dois ethiopes — recostou-se pensativa, arfante o seio esculptural, apoiado o cotovello á almofada de velludo bordada de aureos labores em relevo se contemplava as espiraes caprichosas do fumo que se desprendia da bronzea caçoula em que ardiam cheirosas resinas.

Circundavam o pateo columnas de granito rosado, cortadas de hieroglyphos em que se narravam as façanhas do grande Ramsés; enormes bois de pedra, semelhantes ao Apis, achavam-se enfileirados, a servir de pilastras ás extensas galerias; grandiosas esphynges, impoentes na sua monstruosidade, erguiam as esbeltas cabeças singelamente enlidadas pelo toucado egypcio e exhibiam nús os opulentos seios; em vasos chinezes plantas de largas folhas e de flores exquisitas embalsamavam a tepida atmosphera.

Altissimos obeliscos, crivados de figuras de homens, de irracionaes e de figuras geometricas, gravadas por algum historiador contemporaneo dos antigos Pharaós, serviam de relogios do sol, determinando com a sua sombra a marcha apparente do rutilante astro.

Colossaes estatuas representavam heróes guerreiros ou divindades, sobressahindo d'entre todas, pela magestade do porte, a que era consagrada á deusa Isis, talhada em porphyro purpureo, figurando uma robusta mulher a sinister sobre os joelhos uma creança a quem offerecia o bem contornado e entumecido seio. Impressionava a grandeza religiosa d'aquelles monumentos, rudes creações de um povo semi-barbaro, considerado pelo poder despótico dos reis como uma multidão inconsciente de trabalhadores escravos.

O palacio de Zenobia — da princeza que morria na flor da idade, apaixonada e hysterica — semelhava um magnifico templo de Karnac, pela abundancia e valor das esculpturas e pela importancia inestimavel das escripturas simbolicas.

Escravas nubianas, negras e lustrosas como flautas de ébano, cingidas de amplas tunicas listradas de cores vivas, meneavam compridas palmas que agitavam o ar, á semelhança de leques; donzellas assyrias, graciosamente sentadas sobre os calcanhares, em avelludados tapetes da Persia, tangiam harpas e cytharas e cantavam brandamente com o fim de adormecer a bella enferma.

Decorridos alguns momentos, ella despertou do vago seismar a que a arrastaram os perfumes e os cantos e olhando com tristeza para uma escrava phenicia, de olhos languidos, rasgados em fórma de amendoads, disse-lhe, com voz pausada, quasi sumida pela aproximação da morte:

— Quero ouvir-te agora, Astartéa. A lyra de marfim ha muito não sente a caricia de teus dedos. Tange-lhe as cordas, que os deuses inspiram, e canta-me uma trova que lembre o teu paiz e o teu amante. Antes de morrer, quero — ao menos pela imaginação — partilhar de tua felicidade e persuadir-me,

neste supremo transe, que sou amada como tu, delirantemente, com toda a vehemencia da mocidade que me escaldada as veias.

Astartéa, a escrava favorita, que se distinguia das demais pela correção das formas, a lembrar uma estatua negra de marmore de Paros e pela magnificencia dos ornatos em que sobressahiam as argolas de ouro pendentes das rosadas orelhas e os collares e braceletes de pedras preciosas vindas do Indostão. Astartéa, cuja tunica de seda verde-claro trazia á idéa a côr do Mediterra-neo a espratar-se, murmurante e suspiroso, sobre as alvas areias da costa phenicia, ajoelhou-se aos pés de sua infeliz senhora e com toda a virginal frescura dos dezoito annos cantou comovida:

O meu paiz é distante,
Colocado á beira-mar!
Alli vive o meu amante
Que não cesso de adorar!

Ao som da lyra queixosa,
Envio um terno suspiro
A' minha terra formosa,
A' sempre risonha Tyro!

Minh'alma ao longe vagueia
É sente um goso ideal
Em sulcar a branca areia
Da minha terra natal!

Naquelle paiz distante
As horas correm ligeiras
Ao lado do moivo amante,
A' sombra das tamarceiras!

E Zenobia morria, á semelhança do formoso cacto, "a rainha das flores," abrazado pelo calor tropical.

Nunca homem algum sentira o extraordinario prazer de contemplar a sem véo; as faces da pudica donzella jamais expuzeram-se, em plena luz, á audacia de um olhar masculino. Morria amortalhada na sua virgindade e nas suas illusões de moça.

Morria, amando; mas o profundo sentimento fóra inspirado por um joven official de sua guarda — um estrangeiro, um syrio — com o qual seria crime espantoso ligar-se de qualquer modo. A louca paixão, ao passo que lisongeava-lhe o coração de mulher, indignava-lhe o amor-próprio de princeza.

Ciosa da altivez de sua raça, que jamais se contaminára com allianças espurias; firme no proposito de recalcar a melindrosa flor que sentia brotar no seio, Zenobia, a orgulhosa descendente de reis, preferia, de bom grado, a morte á deshonra.

Em breve, seu cadaver embalsamado em mumia, iria occupar logar de honra na galeria subterranea da grande pyramide e seu nome, inscripto em indeleveis caracteres, passaria glorioso á posteridade.

Quando o sol desceu no horizonte, alongando enormemente a sombra dos obeliscos, e a lua cheia, como uma flor de neve, despontou radiosa no oriente para vir substituir com luz suave as ardentes irradiações de Osiris, a princeza exhalou o ultimo alento, fundando assim a dynastia dos novos Pharaós. Sua alma immaculada subiu ao céu em um raio do luar para mais tarde vir unir-se ao corpo e desfructarem ambos o goso de venturosa immortalidade no selo do deus Phtah, o creador de todas as cousas.

DAMASCENO VIEIRA.

Factos e Noticias

Parte por estes dias para S. Paulo o nosso redactor-gerente Max Fleiuss, que não só visitará a capital do adiantado estado como varias cidades do seu interior.

O nosso redactor-gerente vai promover assignaturas e fazer a propaganda da folha n'aquelle estado, que tão fidalgamente tem recebido A SEMANA.

Esperamos que os nossos collegas recebam o nosso companheiro de modo que a sua viagem seja proficua.

Antecipamos os agradecimentos.

Com o numero de 30 deste mez distribuiremos um pequeno calendario nos dignos assignantes d'A SEMANA.

Pretendiamos offerecer um mimo verdadeiramente artistico, com o retrato dos nossos redactores e collaboradores mais importantes. A exiguidade de tempo e a falta de material adequado tolhem-nos a vontade e assim só daremos um calendario simples.

Prevalendo-nos, porém, da extrema gentileza de nosso illustre amigo Dr. Ferreira de Araujo, que auctorisou a execução da parte zineographica de nosso trabalho nas officinas da GAZETA DE NOTICIAS, publicaremos n'A SEMANA os retratos dos redactores e collaboradores desta folha, que serão desenhados pelo nosso estimado companheiro e brilhante artista Belmiro de Almeida e acompanhados de ligeiras notas biographicas.

TSCHAIKOVSKI

A Russia acaba de perder um dos seus mais notaveis musicos — Pedro Tschai-kovski, director do Conservatorio de Moscow; falleceu no dia 7 de Novembro em S. Petersburgo de um ataque de cholera, após tristissima e demorada agonia.

O illustre compositor era como Rubinstein, Glinka, Verstowski, Popper, etc., uma das glorias da musica russa. Ha apenas oito annos que o seu nome tornou-se conhecido na França e logo as suas composições obtiveram o maior successo.

Alto, magro, cabeça pequena, emoldurada de uma barba loura onde alguns fios de prata brillavam, a fronte larga, o olhar azul, quasi triste, Tschai-kovski não possuía nada no seu physico que trahisse a origem slava; dir-se-hia ao vel-o, um parisiense puro, um "boulevardier", tal era a apurada elegancia aristocratica do seu perfil, a correção do seu andar e do seu espirito na conversação.

Nasceu em Volkinsk, provincia de Viatra. Os parentes imaginavam fazel-o magistrado, diplomata talvez, e, em boa hora, atiraram-n'o ao mundo official. Logo que completou vinte e cinco annos, Tschai-kovski, abandonando a magistratura e a diplomacia, fez a sua entrada como professor no Conservatorio de Moscow e tornou-se logo amigo dedicado e discipulo de Nicolau Rubinstein.

A obra do grande compositor russo é consideravel: operas, symphonias, concertos, missas; durante trinta annos, com fecundidade extraordinaria, Tschai-kovski compoz. As partituras e as paginas que deixa são numerosas e si todas ellas não primam pela inspiração elevada e poderosa, não deixam, no entanto de provar que elle era um musico de valor.

Na Russia, e tambem na França, alguns dos seus poemas symphonicos po-

pularisáram-se, como: A TEMPESTADE, ROMEO, FRANCESCA, MANFREDO; e tambem algunos de suas operas, taes como: MAZEPPA, ONEGUINE, JOANNA D'ARC, VOYEVODE; e ainda mais a sua abertura MIL OTOCENTOS E DOZE e toda a série de romances originaes, cheios de melancholias melodiosas. Tschai-kovski soube encher os seus poemas de uma viva sensação das paisagens de sua patria: adivinha-se, nas tristes sonoridades da orchestra, atravez o canto das flautas e o murmurio dos violinos, a infinita solidão das "steppes", e as florestas selvagens de pinheiros por onde perpassam os ventos do Norte.

Em fim a Russia deve vestir-se de luto porque a morte, arrebatando Tschai-kovski, roubou-lhe uma das suas mais puras e legitimas glorias artisticas.

Aprender a conhecer as mulheres é aprender antecipadamente o mal que ellas nos farão, sem meio de prevenirmo-nos.

Essa sciencia consiste em augmentar a miseria do amor pela previsão lucida da mesma miseria.

P. BOURGET.

THEATROS

Realisou-se no dia 28 de Outubro ultimo, no Vaudeville de Paris, a primeira representação da peça "Madame Sans-Gêne," original de Victorien Sardou e Emile Moreau. Os seus principaes papeis foram assim distribuidos: "Napoleon," Sr. Duquesne; "Le marechal Lefebre," Candé; "Fouché," Sr. Lérand; "Catherine," Mme. Rejane; "La princesse Elisa, Mme. Dranzer e "La reine Caroline," Mme. Verneuil. A peça fez ruido; ao que dizem, devido isso mais á sua primorosa encenação e movimento espantoso que ha em todo o deslizar das scenas. Mais tarde nos occuparemos da peça em questão, dando ainda algumas noticias sobre o entrecho e a interpretação dos papeis, pelos artistas acima indicados, alguns dos quaes, são estreiantes.



O festejado comediographo Alexandre Bisson acaba de colher mais um triumpho com a "reprise" de sua peça "Le député de Bombignac," recentemente representada no "Gymnase de Paris" E' uma comedia desopilante, de scenas engraçadissimas. Mr. Alexandre Bisson, idealizando um thema por demais leve, soube no entanto, escrevendo, convertel-o n'uma fantasia delicada e alegre. Fazer rir o espectador é o fim principal da comedia, e crivada, como está, de ditos graciosos e de uma bregeirice fina e atilada, mereceu assim as honras do "successo" em que vai proseguindo com muito prazer, já se vê do emprezario do Gymnasio e do auctor da peça, que é nossa conhecida, havendo aqui representada pelo papá Coquelin na sua primeira "tournée."



Mais uma nova peça subiu á scena em Paris, na "Comédie Française" e isto no dia 26 de Outubro ultimo. Como peça original de François de Curel, a quem já nos referimos aqui, esperava-se que ella fizesse "successo" espantoso ou

pelo menos "successo" identico ao das duas peças de que falámos, sabbado passado.

Não queremos dizer que "L'amour brode" cahiu de todo; não, a "Comédie" continuou a annuciá-la e o publico, comquanto diminuto para o grande theatro, não deixou de frequentá-la. Sómente não agradou a todos os palhares, porque a peça baseia-se n'um estudo de pathologia mental, cheio de raridades psychologicas; e depois estas ultimas tomam um rigor tal de axiomas que os espectadores não podem deixar de protestar e revoltar-se contra ellas.

CORREIO

Sr. M. V.—Sim Sr., lavrou um tento, desta vez teve espirito, teve. Gostei dos seus AZEITES DO CABOCCO. Diz o amigo, na sua lenga-lenga de cabocco desabussado:

"Olhe lá, senhor Enrico,
Não me apode de chinfrim !...
Não faça que o sangue trepe
A' cachola cá de mim.
Olhe lá, senhor Enrico,
Não me apode de chinfrim !..."

Si rabisco o meu versinho,
Será da conta de alguém ?
Eu cá sou cabocco teso,
Não devo nem um vintem
Si rabisco o meu versinho
Será da conta de alguém ?

A Juca das Cachinadas
Achou meu verso bem bom ;
Só seu Enrico é o "acha tudo
Aguado," sem tom, nem som.
A Juca das Cachinadas
Achou meu verso bem bom.

E, demais, que o não achasse,
Para que tanto zum-zum ?
Verso mau é cousa rara ?
Não, é cousa mui commum.
E, demais, que o não achasse,
Para que tanto zum-zum ?

Mas "o diabo sempre as tece,"
E' como VANCE fallou :
Não querem cochile a gente
Quando Homero cochilou.
Mas "o diabo sempre as tece",
E' como VANCE fallou. "

(Assignado) M. C.

Diz um velho rifão que—assim como se toca assim se dança. Eis a razão porque vou tambem cahir no DEQUIPANGA. Grudo a banza e lá vai cangica!

Affirma o mocotó, cabocco velho !

RESPOSTA

Seu cabocco de uma figa,
Toque lá pela chalaça ;
Sua engraçada cantiga
Vale um copo de cachaça !
Seu cabocco de uma figa
Toque lá pela chalaça !...

Mas aqui, sabendo fique,
Não me pisa botucudo !
Mesmo que seja um cacique,
Seja embora topetudo,
Sim, aqui, sabendo fique,
Não me pisa botucudo !

Se a Musa não sai da tóca,
Vai buscar uma tapuya,
Com a qual comas mandioca

E cará na mesma cuia...
Se a Musu não sai da toca
Val buscar uma tapuya.

Que isto não é tambarana
Com que botucudo brinca.
Quando achares caninana
Afina o tacape, afina!
Que isto não é tambarana
Com que botucudo brinca.

Mette a cabeça no matto,
Que caboclo não tem luxo!
Vai lá matar carrapato,
Aguenta-te no repucho!...
Mette a cabeça no matto
Que caboclo não tem luxo!

Sr. SOTER DA LUZ—Diz V. S. que seu "soneto é um réo e eu o juiz"—Pois em verdade lhe digo que tenho tido por cá criminosos muito mais dignos de gemer eternamente na gaiola do que o seu, que, se crime commetten, não é dos que merecem condemnação. Tanto assim que o condemnno apenas a... a... a ser publicado quando houver espaço. E bata com o Pão d'Assucar aos peitos!

Sr. IPÊ.—Seu proprio nome o perslga por toda a vida, ou pelo menos até fazer-o perder a mania de choramingar em verso. Ipê! Qual ipê nem qual carapuças! Cacete é o que você me parece. Bem te conheço, páu de lrangeira! mas has de ser publicado só quando o ipê virar garapiápunha!

Lhe de lhe mostrar de quantos páus se faz uma canôa! Já que você anda a fazer da poesia cara de mãe, apanha para seu tabaco com seu proprio pseudonymo!

Olhe, você dava no vinte mas era se passasse a chamar-se jequitibá!
Ipê não me cheira bem.

Sr. NHÔSINHO.—O menino não quer antes uma cocada? Uma cocadinha não vale? P'ra poeta, é asneira teimar, Nhôsinho não dá.

Se ha de se pôr a inticar com as Musas, que são senhoras respeitaveis pela idade avançada que contam, acho melhor que o menino vá mudar a fraldinha.

Está cheirando mal o nonhó.
Com que é que escreveu a sua versalhada? foi com calda de assucar?

Ai! nonhó, que aquillo está muito melloso. Não, menino, tenha paciência, escusa de escarafunchar no nariz, o menino aqui não mette o bedelho! Vá se criar, ande, vá se orlar.

Sr. OURICO.—Que nome perigoso que você tem, creatura, mas que nomesinho! Ouri... que perigo! Credo!

Chrisme-se, homem; rebaptise-se, mude de nome.

Deste nome ha de lhe vir muito caiporismo. Um delles é já a sua não entrada na SEMANA.

A sua ou daquillo que o amigo mandou e que pretende ser cousa litteraria. Maude aquillo para outra parte. Olhe que aqui corre o risco de ser atrado na praia!

Então quer uma opinião "a respeito de uma producção do seu importante bestunto?"

A opinião tem-na aclma. Quanto ao seu bestunto creio que ficaria mais bem definido e muito mais ganharia se Vmce. lhe tirasse o unto que o está emporca-lhando.

Para cousa pouco limpa já bastam as duas primeiras syllabas do seu nome.

ENRICO.

TRATOS Á BOLA

Charadistas, a postos.

Desta vez o misero frade, ainda mais depauperado pelas penitencias, oferece-vos um cabaz de tratices, que vale bem por um cabaz das flores mais bellas e rescedentes da mais rescedente Primavera!

Ides encontrar de tudo. Trago charadencia para todos os paladures. E' só pedir por bocca. Chega, pois, rapaziada, enquanto a qultanda está quente! Com estas os meus amiguinhos vão suar um pouco mais o topete!

Tenho certeza de que não lhes hão de metter o dente com a mesma facilidade com que o metteram nas outras. Isto agora fia mais fino: é vinho de outra pipa!...

Antes de desaparafusar a torneira, tornem atraz: isto é, digamos quem se regalou com o premio, por ter deslido toda a meada do passado numero.

O topetudo victorioso desta vez foi — "Corogondó da Silva."

Vieram em seguida — "Bigode de Arame", "Cancurenha", "Falstallino", "Coriolano", "Bombardon", "Magnolia", "Fulustreco", "D. Trompazio", "Grogotó", "Thlamor", que perdeu por cinco, "Vanôra" por igual numero e "Liluzia."

As decifrações são as seguintes:
Do logogripho—A SEMANA.

Charada em terno — c o r
o r o
r o m

Alexandrina — "Acacio", "acacia."

Charada (A' Liluzia) — Liluzia.

Logogripho — "Carlota."

Charada — "Julapa."

Antiga — "Thermometro."

Idem — "Bandalheira."

Novissima — "Dobrado."

O enygma não sahio bom, razão porque não o mataram.

Para quem decifrar a "charadencia" que abaixo dou, reserve um premio, an! an! nem lhes digo nada!...

Lá vai:

CASADA

Foge "della", tem-lhe horror,
Que te póde "ella" matar; } 3
Na pharmacia, bom leitor, }
Elle póde te curar.

1—2 No matto vê-se uma herva que serve para tempero.

LORD NECKWER.

ENYGMATA

(A FREI ANTONIO)

cinco	9.9.9.	f
cinco = 20	ora	VII

TARECO.

NOVISSIMAS

2—2 Tem poder a ave que é ave.

2—2 Tem poder o homem militar.

2—2 O signo é planta no homem.

MIRA-FLORES.

CHARADA ENYGMATICA

(por syllabas)

Pego aos bravos charadistas
Que respondam com cuidado,
Dizendo-me qual o "homem"
Que é assim appellido. 2.º, 1.º, 3.º

ALVA COLOMBINA.

ANTIGA

Masculino ou feminino
Este animal singular:—1
E' tecido que se come
Em mela nave no mar.—1

Queres conceito? Ah! vai!
De duas partes formado,
O meu todo é bem igual
A' minha primeira parte:

E dest'arte,
Basta assim ter achado
O começo original
Para ter-se o animal.

NEOPUNITOS PAULISTAS

Agora feito o esconjuro ao demonio, entra o fradeco em serviço. Com licença de V.V. S.S.

Esta conjunção — 1
Que n'um alto tal está, — 2
Dobra-lhe a porção
Que n'um quinto caberá.

Está na capa esta parenta da escripta.—1—2.

E' mais nada por hoje.

Aos dignos e incansaveis charadistas que tanto tem abrilhantado esta secção com o seu valioso auxilio, todos os meus agradecimentos.

Desta vez vejam lá se erram a pontarla como da vez passada, hein? ...
E sabem que mais? Mais nada.

FREI ANTONIO.

A SEMANA

Continuando a sua primitiva maneira de ser, e para em tudo respeitar as tradições da folha, concedemos aos Srs. assignantes quites com ella, mas só a estes, as seguintes vantagens:—a) fazer á folha uma consulta medica ou juridica por mez; b) fazer-lhe perguntas ou pedir-lhe informações sobre qualquer assumpto. Tanto aquellas como estas serão respondidas com a maxima presteza, em ordem chronologica e do modo mais satisfactorio que nos for possivel.

O serviço de consultas gratuitas foi introduzido na imprensa brasileira pela "Semana" e é uma vantagem de grande valor para o assignante, por poupar-lhe algumas dezenas de mil réis no anno.

Como as respostas ás consultas são dadas pelo correio, só serão respondidas as que vierem acompanhadas dos respectivos sellos.

Roga-se aos Srs. assignantes o favor de indicar, sempre que possam, o numero de seu recibo quando hajam de consultar-nos.

ANNUNCIOS**ESTABELECIMENTO
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO**

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado
115 — Rua Sete de Setembro — 115
Rua da Carioca, 12 e 14
FILIAL EM PETROPOLIS

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A' CASA PASCHOAL
CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133
Importação por todos os paquetes
Completo sortimento de chapéus para homens,
senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.
Rio de Janeiro

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE

FLORES ARTIFICIAES

Ribeiro de Carvalho & C.
RUA DO PASSEIO

Têm sempre um grande e e-colhido sortimento de grinaldas, flores,
etc., etc

**PIANOS E MUSICAS
FONTES & C.**

Rua dos Ourives 51
Telephone 1051
RIO DE JANEIRO

O PEDAGOGIUM

13 Rua do Visconde do Rio Branco 13

BIBLIOTHECA

Laboratorio de Chimica, Gabinetes de Physica
e Historia Natural.

EXPOSIÇÃO DE MATERIAL ESCOLAR

ESTÁ FRANCO AOS ESTUDIOSOS

Nos dias uteis das 10 horas da manhã ás 3 da tarde

REVISTA PEDAGOGICA

Orgão do PEDAGOGIUM. Distribuição gratis aos
Srs. Professores.

ESTA' PUBLICADO O 1º FASCICULO DO TOMO V

Dr. R. Rajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas
Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

DR. VALENTIM MAGALHÃES

ADVOGADO

RUA DOS OURIVES N 71

SEGUNDO ANDAR

DE 1 A'S 3 HORAS

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade : *Partos e Molestias das Senhoras*

Residencia e Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

Papelaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.
Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.

A SEMANA

DIRECTOR: VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, rua dos Ourives n.º 71, 2º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 30 DE DEZEMBRO DE 1893

EXPEDIENTE:

Assignatura annual. . . 12\$000
 " semestral 7\$000
 Numero avulso. . . \$200
 " atrazado \$300

As assignaturas terminam sempre em junho e dezembro

Terminando neste mez o 1º semestre da segunda phase d'A SEMANA, rogamos aos nossos dignos assignantes o inestimavel favor de mandarem reformar suas assignaturas, a fim de que não seja suspensa a remessa da folha.

Os Srs. assignantes de anno tem direito ao livro BRIC-À-BRAC, de Valentim Magalhães.

SUMMARIO.—Historia dos sete dias—Julio Verim; O anno terrivel—V. M.; Tumulo Silente, soneto—Luis Ross; Historia do Natal—Maria C. C. Santos; Poemas da Juventude, II, "Never Mind"—Garcia Rodondo; Outra ora e hoje, soneto—Theodorico Machado; O Rio das Mortes—J. de Moraes Silva; Poesia e Poetas—Ascanio Magno; Gazetilha Litteraria; Vaso Mystico, soneto—Placido Junior; Cartas á minha irmã, II—J. de Azevedo Sobrinho; Correio—Henrico; Facias e Noticias; Au clair de la lune, soneto—Societade de Sonna; Os collegas; Tratos á bola—Fr. Antonio.

Historia dos sete dias

Na segunda-feira celebrou-se em todos os templos christãos o nascimento de Jesus.

Só por um refinamento de hypocrisia social é que poderíamos fingir acreditar que este acontecimento tenha levemente impressionado os corações d'este fim de seculo.

Na realidade. O que tem que ver uma geração que dia a dia aperfeiçoa os meios de aniquilar-se pela dynamite, pela nitro-glycerina, pela melinite com Aquelle que vejo ao mundo exclusivamente a pronunciar palavras de resignação e de conforto?

Em que pôde interessar a uma raça espantosa, que padece da ancia da exhibição, da vertigem da notoriedade, a appareição no mundo d'aquelle humilde que pregava: "Não façais as vossas obras diante dos homens a fim de serdes visto por elles?"

O que ha de commum entre homens que inventaram a caridade espectral das kermesses e dos bandos precatórios, o beneficio tilintante, por intermedio das folhas diarias e das subscripções publicas e o Ente divino que ensinava: "Quando deres a esmola, não saibas a tua mão esquerda o que fez a tua mão direita!"

Onde ha ahí ouvidos que escutem, em meio ao troar dos canhões e ao gemido estufante das bombardas, aquella voz que do alto da montanha clamava:

"Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos tem odio e orae pelos que vos perseguem e calumniam?"

Em que corações se alberga um germen, siquer, da semente de confraternização e puro amor desprendida dos seus labios divinos em palavras da mais eloquente simplicidade?

Não, filho de David. Sente-se bem que a doutrina do seculo não é essa que tu vieste a ensinar-nos. Aquella é a dos escribas e phariseus e que tu mesmo condemnaste.

Por isso os justos e os bons, ao festejarem-se as alegrias do teu nascimento, só têm nos labios uma prece fervorosa: "Jesus, volta de novo. Volta de novo, Jesus!"

Agora vejo que, na symphonia que vou tangendo neste orgão... de publicidade, em lugar de ter de mão o registro dos canticos triumphaes, em que ha trombetas de anjos e harpas sonoras de seraphins, puxei, por descuido, os embolos que regulam o canto-chão das jeremiadas roufenhas e saiu-me aquillo desentoadado e lacrimoso.

Emendo a mão. O Jesus que se gloria é aquelle louro menino que os outros meninos adoram, no seu throno da côr do céu, refulgente de estrelãs de ouro. E' o infante Jesus dos presépes, onde ha pastores que dansam, bois que pastam, cordeiros que balam.

E' Elle que faz que a arvore de Natal floresça em luz e fructifique em cartuchos de balas, cofresinhos de amendoas, polichinellos, cochichos, caixinhas de surpresas, arcas de Noé, soldados de chumbo, bolas, gaitinhas, pandeiretas, numa infinidade de dons, que deslumbram os pequeninos cerebros.

E' elle que reúne na alegre consoada das aldeias e dos campos os parentes dispersos, que dos pontos mais afastados accorrem á residencia do patriarcha da familia, uns em carros de bois, que se annunciam de longe, pela chiadeira das rodas no macadam das estradas, outros a cavallo, outros de liteira ou de cadeirinha.

Este é o Jesus eternamente querido e eternamente adorado, cuja imagem nunca do mundo se verá delida, gravada como está em caracteres inapagaveis nos corações bondosos das crianças e nas almas serenas dos velhos.



Acaba de sahir da scena do mundo, na bonita idade de oitenta e cinco annos, alguem que a tantos facultou a entrada na referida scena. Quero fallar da parteira Mathilde Durocher, cujas mãos peritas trouxeram á luz entre cinco mil e tantas existencias, mais ou menos obscuras, a preclara descendencia de uma estirpe regia.

Não foi, porém, esta circumstancia, seja dito de passagem, que lhe valeu a

notoriedade. Quando a illustre profissional se assentava na sua cadeira de membro titular da Academia de Medicina, lugar que conquistara exclusivamente pelo proprio merecimento, devia julgar-se superior a thronos de reis.

Contam-se d'ella excentricidades, a começar no traje que usava,—meio de homem, meio de mulher,—talvez para inculcar inteira imparcialidade no tocante ao sexo d'aquelles que tinha de introduzir na vida. Meia quartola na cabeça, collete e casaco preto, caindo sobre a saia lisa da mesma côr. Foi assim que ella passou por mim a ultima vez, ha bons seis annos.

Muito ha que a julgava morta; tanto assim que ao vêr agora annunciado o seu frespasso, cuidei que tal nova não passava de um daquelles recursos de que, segundo affirma Alphonse Karr, se prevalecem todos os jornaes em época certa de crise do noticiario: caça a monstros, thesouros descobertos etc.

Não brinquemos, porém, com a morte. Bem amigo de rir era o Julio Cesar Machado e, no entre-tanto, deu uma vez aos seus amigos a seguinte lição de seriedade:

Certa occasião em que varios litteratos e jornalistas tinham ido acompanhar ao cemiterio não me lembro agora quem, depois que cada um delles lançou a sua pá de cal na sepultura do morto, Xavier Cordeiro dirigiu-se ao adoravel conversador, seu amigo particular, no seguinte tom, pouco mais ou menos:

—O' Julio, manda embora a carruagem e vem comigo, que escusa cada um de ir só, a matutar por ahí abaixo.

Ao que o Machado, que tinha melindres de verdadeira sensitiva, por vezes irritantes, retorquiu de prompto, todo formalisado:

—Ora, meu amigo, sempre cuidei que fizesses mais justiça aos sentimentos com que venho a um enterro. Asseguro-te que não tenho vontade nenhuma de me rir nem de conversar.

E foi-se. Um desconfiado aquelle Julio.



Assim tristes deviam tambem ter voltado do campo dos mortos os que lá foram levar um dia d'estes o Augusto Fabregas,—um que escrevia comedias e scenas para fazer rir a gente, quando já a morte o andava minando por dentro.

Verdadeiramente affavel que elle era. Nunca me aconteceu aproximar-me da sua banca no PAIZ, por mais atarefado que elle estivesse, que me não acolhesse com a maxima cordealidade. Não quero dizer que não actuasse nisto a influencia do meio, mas nem por isso é menos valiosa a parte que cabia á sua personalidade.

Intelligencia dispersiva, teria valido muito mais para as letras, se a neces-

slidade de ganhar a vida lhe não houvesse negado um momento em que pudesse concentrar as proprias facultades.

A' sua memoria envio a minha saude.



Fim de anno. Caem murchas as esperanças que não fructificaram nos trescentos e sessenta e cinco dias em que andámos a fazer o nosso giro, em volta do sol, para no mesmo logar serem plantadas novas esperanças, que por sua vez, terão o mesmo destino, volvidos que sejam outros trescentos e sessenta e cinco dias.

Que importa? Se de todos os Ideaes que hão de surgir na mente dos sabios, na imaginação dos poetas, na phantasia dos artistas, alguns, por poucos, conseguirem vingar, podem sumir-se para todo o sempre as previsões vesgas dos politicos de todas as cores, as theorias bicorneas dos legisladores de todas as escolas, que não fazem cá falta nenhuma.

Appellemos, pois, para o anno que entra, que, se nos não resolver nenhum dos graves problemas em que andam empenhados os povos, dar-nos-á cousa muito melhor: a SOGRA de Aluizio Azevedo, o BRIC-A-BRAC de Valentim Magalhães, as CARICIAS de Redondo, as ESTROPHES de Fontoura Xavier, o LOTUS de Luiz Rosa etc.

E tudo isto sem sairmos barra fóra.

JULIO VALMOR.

O ANNO TERRIVEL

On ne voit plus le phare; on ne sait que penser; Vient-on de reculer ou vient-on d'avancer?

(V. Hugo. *L'année terrible*: Loi de formation du Progrès.)

Explra amanhã este maldicto 1893, que ha de passar á Historia do Brasil sob a designação condemnatoria de ANNO TERRIVEL.

Ha de expirar como um réprobo, regougando a sua agonia sinistra entre espumas de sangue, sob a chuva das nossas maldições frementes.

Morre, anno — bandido, anno — assassino, anno — Caím!

Teus dias foram marcados no calendario a dedadas de sangue.

Em 1889, um seculo contado após a queda da Bastilha, tivemos a derrocada do throno bragantino; em 1893, um seculo após o Terror, tivemos a revolta Custodio — Saldanha, a luta fratricida. E' a indefectibilidade das leis historicas, a fatalidade dos acontecimentos, que as leis sociologicas não explicam ainda no que se refere a esse acaso ou coincidência de realisação num periodo certo, como essas enfermidades de marcha cyclica.

Quem rablca estas linhas escreveu, pouco ha, no PAIZ um artigo em que pretendia explicar o delirio de calamidades que vae assolando o mundo e enlouquecendo o Homem de dor e raiva, como sendo uma liquidação de fim de seculo.

Deus, o Acaso, a Providencia ou o Diabo, precisando fazer "sortimento novo" para o seculo proximo vindouro, está "queimando" tudo o que d'este ainda resta e vae liquidando-o a ferro, a fogo, a agua... E os seus agentes — a Guerra, a Fome, o Incendio, o Cyclone,

a Cheia, a Tempestade, a Peste não descansam um momento.

O Anarchismo lavra, assustador, implacavel, assolante, novo "flagello de Deus," percorrendo todos os continentes no seu carro de fogo — Elias macabro do Nada.

E' uma fogueira só e colossal o mundo, fogueira que se inflammará fragorosa e rugente, a mais e mais, de anno em anno, até que o seculo XIX se extinga.

Então, do solo da Alma Humana, purificado pelas chammas e nutrido de selvas novas pelas cinzas do incendio, começará de brotar, poderosa e ridente, a sementeira dos ideaes do seculo XX.

Até lá, resignação, ó homens, irmãos meus! Leiamos o livro de Job e abençoemos o Senhor. Abençoemol-o e supliquemos-lhe a graça de nos fazer convivias do banquete perenne da confraternidade universal, cuja mesa immensa ha de ser posta no campo de batalha em que se massacram agora os povos — nas almas com theorias delirantes, nos corpos com guerras, revoltas e conflictos.

Se o Brasil não fosse o Brasil, uma terra de fartura e de paz, em que a generosidade maternal da terra só pôde ser medida pela bondade primitiva dos seus indigenas, o anno de 93 marcar-lhe-ia a data da fome, da bancarota, da ruina.

Por sel-o, porém, elle só lhe marcará a data lugubre do fratricidio.

Esses milhares de homens que em terra e no mar com bravura homérica se batem, se atacam, se exterminam, são irmãos, brasileiros todos.

Nem desgraça maior nos podia desfechar a mão cruel de um deus mortifero, incendiado em coleras de vingança.

E, no entanto, essa luta crimlnosa prolonga-se e quando o anno terrivel houver feito a cambalhota final, no insondavel apodrecedouro dos tempos, ella estará mais accesa, mais frenetica de acção, mais sedenta de sangue, mais ameaçadora de males!

E' esta a herança do 93. Seu espolio é esta guerra estúpida; são esses cadaveres mutilados e sangrentos, que a Noite recebe em lagrimas, amortalhados no silencio, e que guardará, ciosa do santo deposito, até o grande momento de entregar-os á Historia para a suprema reivindicação da Justica, tumulos abertos, ao pleno sol da Verdade.

De ninguem sei a quem haja sido benigno e dadivoso esse anno que ahi estertora, moribundo.

Da plantação larga de esperanças que em todos os corações se faz no dia de "anno bom" chamado, fez o miseravel uma colheita de desenganos, dores e trabalhos.

Apertou a vida ao operario, roubando-o no preço do pão, da carne, de todos os comestiveis, estreitando-lhe os horizontes com a difficultação dos meios de subsistencia; complicou e irritou a politica a ponto de fazer della um volcão hediondo, vomitando a ruina e a morte infatigavelmente; cumulou-nos de sofrimentos e apprehensões dolorosas; fol, em summa, um anno negro, a cujo cortejo de eumenides só faltaram, felizmente, as epidemias.

E' com alegria indissivel que o vemos todos sumir-se na voragem do Tempo — com as classicas barbas brancas chamuscadas de polvora e as mãos tintas de sangue.

E para o que vae surgir do mesmo alcapão que devorar o outro, que sentimentos devemos ter?

Povo, eterno menino! Planta de novo o teu coração de esperanças, baila e canta e ri, em ronda festiva e vertiginosa, em torno do recém-nado successor d'este bandido. Espera. Esperemos. Esperar é viver.

V. M.

TUMULO SILENTE

(AO DR. SILVA HAMOS)

Canta, poeta, canta sempre, porque os teus cantos não morrem. Abriudo as azas de luz, voador para o azul do infinito e esperam: se já ficam, é para viverem no seio luminoso e casto das estrellas risonhas; se voltam, é para brilharem no seio de uma rosa ou na cor alacre e sanguinea de alguma papoula de luxo.

(DE UM LIVRO).

Páro á beira do tumulto de um poeta: "Alma, que dormes sob o escuro manto Da noite, acorda, coração de asceta! Muda em rimas de perolas o pranto.

Deve ser triste o teu sonhar, porquanto Canta de dia o aroma e a borboleta Abre as azas de luz no campo santo, Treme o orvalho no calix da violeta.

Foge das trevas desse leito escasso, E, como um deus mergulhador, de rastros Surge cheio de joias rutilantes!

Surge e canta! — Mas nisto olhei o espaço: Por sobre mim vinham tombando os astros Numa constellação de diamantes!

LUIZ ROSA.

CONTO DO NATAL

(A'S CRIANÇAS)

Vamos, avósinha, vamos, conta-me a historia do Natal que me prometteste.

E a velha, contente, deixando transparecer no bondoso sorriso que lhe adornava a face pallida e macilenta, o signal visível da alegria, disse: "O Caminho do Céu" — é um livro de historias para as crianças; nelle todas as paginas do coração humano estão desenhadas primorosamente. Ha alegrias rosas e gorgelios de passaros naquellas linhas singelas e sublimes. O Conto do Natal — o primeiro do livro — é a historia de um menino pobre, muito bom, carinhoso e meigo, como tu, meu anjinho, que recebeu no grande dia do nascimento de Deus, — o premio de suas virtudes.

Se bem me lembro, era assim:

"Perto de um rio caudaloso e bello, sob uma abodada de verdura fresca, brincava alegremente o pequenito Edgard.

"Era um dia delicioso, céu azul, limpido, sereno.

"Edgard estava contente, não havia em seu olhar vislumbre sequer de uma tristeza.

"Lento e lento, aproxima-se um velho de longas barbas, brancas como a neve, cajado á mão e olhos de indizível bondade. — Meu menino, disse, tenho fome, desde hontem que não tenho siquer uma codea de pão, dá-me uma esmola pelo amor de Deus.

"Era na vespera do Natal.

"Edgard ficou triste com a desgraça do velho e deu-lhe uma moeda de ouro, que trazia no bolso — o premio que havia

conquistado dias antes, no seu primeiro exame do collogio.

"Depois... o velhinho fol-se embora, tendo beijado a pequena e bondosa mão de seu bemfedor.

"Deus ficou tão contente com Edgard, que nessa noite mandou-lhe um grande presente, pelo anjo encarregado de trazer, escondido de todos, as boas-festas para os bons meninos. E que presente! continuou a avósinha, tudo quanto Edgard desejava possuir—os mais deslumbrantes e custosos brinquedos,—porque Deus, meu anjinho, adivinha!

"Elle sabe de tudo, prescruta o nosso coração e conhece os nossos mais reconditos segredos.

—Se é assim, avósinha, se Deus adivinha tudo quanto a gente quer, eu vou ser, d'aquél em diante, muito bom, nunca mais hei de teimar, nunca mais hei de mentir e nem pedir nada na mesa, e, de certo, no outro dia de Natal, Deus, em vez das amendoas que me manda todos os annos, ha de me dar o que mais desejo—a mamãe, fazendo-a viver outra vez! Coitadinha! lá onde ella está, no cemiterio, é tão frio, é tão triste! e eu tenho tanta saudades della!

Nem uma palavra poudé articular a desventurada velha, tal foi a impressão dolorosa que aquellas palavras credulas—chelas de ignorancia e sublimidade—lhe fizeram no coração.

As lagrimas saltaram-lhe dos olhos e ella, num transporte de amor, beijando o netinho apaixonadamente, louca de dor e de saudade, sentia que beijava a filha morta!

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.

POEMAS DA JUVENTUDE

II

NEVER MORE...

"Nunca mais... nunca mais..." dizia ella com o seu flosinho de voz crystallina e fresca como o murmurio de um regato.

E, trémula como uma avesinha assustada, mostrava-me a ponta do seu dedo roseo, onde uma gotta, uma pequenina gotta de sangue manchava a alvura da epiderme.

E enquanto eu, sollicito e tambem um pouco tremulo, castigava a criminosa—alinda rosa-musgo, que tanto mal fizera—ella, sentindo-se desfallecer á vista do sangue, envolvia o dedo, o mimoso dedinho roseo, nas dobras do seu "peignoir" de musselina alvissima, repetindo sempre:—"Nunca mais... nunca mais..."

Adiante, no fim da alameda, havia um caramanchel e ao lado, guardando a entrada, erguia-se a estatua de Diana—a caçadora esbelta—de um corpo moço e appetitoso, talhado na brancura immaculada do marmore de Carrara.

Docemente, docemente, seguimos para o Caramanchel e ali, sob a fronde protectora das heras, espiados sempre pelo olhar de marmore de Diana—a bella—passámos horas felizes, segregados do mundo, num recolhimento doce, a ouvir segredos de aves palmeiras.

O ruido dos nossos beijos casava-se ao chilrear da passarada em nupcias e ella, sentindo sempre a dor pungente na

ponta do seu dedinho roseo, repetia balzinho:

— "Nunca mais... nunca mais..."

Quando deixámos a sombra amiga do Caramanchel era já tarde.

O sol descambava ao longe e apenas um tenue raio do astro, coando-se a custo através a fronde do parque, dourava ainda o rosto triumphante da bella Diana.

Enlaçados sempre, sentindo o doce torpor da languidez, parámos um momento á porta do Caramanchel e só então, á claridade fugitiva do dia, é que ella viu uma pequenina mancha de sangue ruborisando a musselina alvissima do seu "peignoir," no mesmo lugar onde envolvera o dedo ferido.

E sentindo-se desfallecer de novo á vista do sangue, ella, apontando para a mancha, dizia com o seu flosinho de voz crystallina e fresca:

— Nunca mais... nunca mais...

A linda estatua fitava ironicamente o horizonte longinquo e os seus labios de marmore repetiam sorrindo:

— Nunca mais... nunca mais...

1886.

GARCIA REDONDO.

OUTR'ORA E HOJE

Quão diferente nos parece agora
A vida, desse tempo em que risonhos
Iamos juntos pelo campo afóra,
Ao morno afago dos primeiros sonhos!

Hoje os dias são longos e tristonhos,
A mesma acre saudade nos devora,
Negros phantasmas, espectraes, medonhos,
Nubiam nossa alma onde a tristeza mora.

Acerba magoa, acerbos dissabores
Toldam de escuras nuvens procellosas
O ceu dos nossos infantis amores.

Ai! quem nos dera, minha boa amiga,
A' sombra das palmeiras magestosas,
Poder gosar aquella paz antiga!

Rio—7—11—93.

THEMISTOCLES MACHADO.

O Rio das Mortes

Elle estava em cima da montanha, no platô: o rio era um lago tranquillo, formoso; uma alameda celeste: ás margens o arvoredado multicolor, florido, odoroso, mudo, somnolento, cabeceando; no centro, o caminho azul, com rasgos de ouro.

Tão lenta e reflectidamente andava aquelle céo que lhe parecia ser antes elle quem andava: tal é a vertigem deslumbrante das agoas caminheiras: uma embriaguez externa.

Empoleirado n'um garrancho, que excedia a ribeira, estava um bem-te-vi; abaixo, n'uma angrasinha: metade de um espelho oval, apparecia outro bem-te-vi; ambos esvoaçavam, ambos abriam o bico; mas o canto melodioso era sómente de um, como a moça faceira que fala consigo diante de sua "toilette:" miragens da agoa imaginaria.

Mais adiante, de outro braço, qual o da Discórdia, cahio um pomo dentro do

liquido argenteo, que se esparrinhou turbilhando: um grande girasol de aljofares.

Uma borboleta azul, como uma nuvem de ceo, passou, malmente espicacando a tona d'agoa, e chuchurreando em resaltos, sem parar: pequeninas zonas recochetadas abriam-se na corrente, e lá iam atrás della.

Passou uma flor de pressa, como si fosse a um baile.

Passaram diversas folhas empenadas e concavas: uma esquadriha de nau-tillos.

Um peixe de prata saltou no ar e abrio um Maelstronziinho.

Veio a marrequinha faceira, a pequenina Cleopatra, adornada de ouro e pedrarias.

Elle estava triste e pasmo; pensou:

"A agoa, na sua rotação incessante, n'um circulo vicioso, descendo do alto das serras, e subindo outra vez pela attracção do sol de cima; a que tem azas voando ás nuvens; a outra, inalada, descendo novamente até ao fundo do mar opulento, attrahlida pela força de gravidade do archeo, que é o sol subterraneo: quanto é prodigiosa!

Assim n'um motu-continuo, caridosamente dá de beber aos que têm sede, pois que a terra, sua irmã gemca, dá de comer aos que têm fome."

Elle foi indo pelo declive.

Já de longe ouvia o ribombo das agoas que desolam.

Crescia o rumor.

O cantochão monotonico e profundo o foi atordoando.

Approximou-se.

Augmentava a vozeria ensurdecente, qual o clamor da multidão faminta que desce sobre Paris.

Elle procurava por entre os claros da mata ver o rio que passava estrebuxando, bramante e preclipte.

Vio o rio a prumo; ondas em pé de um mar perpendicular!

O rio é como o povo: tem o recolhimento manso e dormente e a precipitação dos leões que desfilam a bramir com as jubas embaudeiradas.

Parou surpreso, diante o horror tão attrahente!

Ouvio uma voz acusmatica, que vinha da cachoeira; um gemido afrautado, talvez de Siryx que fogia.

Tremeo, oihou, quiz ver mais, quiz ver bem, avidamente: assim os poetas, que vêem o invisível a todos: Egle, a Venus do rio!

Crescia o rumor, a claridade fascinante das ondas revolutas, cruzavam-se os reflexos: era o principio do encanto, o momento da transição fantastica!

Lá vinha a formosa Patomides, seminúa, a resupino, no seo coche de mal-leavel madreperola com chuveiros de iriantes pedrarias: tinha nos quadris o movimento onduloso de Triallis; sahiam-lhe dos encontros barbatanas de catarsoi canjante, espadanando fios de perolas; os cabellos cheios de luz faiscante; a bocca cheia de risos ciciantes, os seios pulados com bicos de brilhantes; as pernas roliças, mal envoltas em lenções chrystalinos; a tunica mais subtil e transparente que a de Lais....

Vinha do seio da mata virgem o doce perfume, em lufadas, como de oscillações de turibulos do ar.

Elle viu bem, viu avidamente, viu de mais: a Nympha branca do rio, branca como as filhas do pólo.

Não pôde conter-se: seguio, copiando a margem, de alpondra em alpondra, rompendo os borbotões, ancioso.....

Ouvia o canto das Náyades que o acompanhavam.

Lá foi de roxo, de cachoeira em cachoeira, seguindo a mulher de gelo.

Ella olhava para elle, batia as azas, ria, e ria...

Elle ia correndo de precipicio em precipicio, louco de ventura, alongando os braços para abraçá-la; trombejando os lábios para beijá-la.

Ella emfim chegou ao abysmo, e acenou-lhe com o seu lenço branco, bordado de prata: não era um adeos, era um chamado.

Elle tambem lá foi: beijou-lhe os seios, suffocou-se em beijos, cahiram juntos!

Dahi a pouco ella estava no mesmo lugar em que foi vista á primeira vez: vinha arrastar outro poeta ao abysmo!

E' que o encantamento das Patomides, como o das Sereyas, não acaba nunca.

Parece que as donzellas das agoas deveriam apenas saber chorar: entretanto, dá agoa pura e christalina sómente tomaram o frio, o riso gelado, o olhar de morte, e o coração de pedra das mulheres perdidas que matam de amor.

J. DE MORAES SILVA

POESIA E POETAS

TRAÇOS COR DE ROSA—Versos de Zeferino Brasil.—Porto Alegre—1892.

O livro de que vou tratar (250 paginas) é dividido em duas partes, que têm por títulos:—a primeira "Poemas do coração" e a segunda "Rhapsodias."

Bem impresso está elle. Vejamos, porém, se a parte material está em analogia com a parte poetica; se tão bello cofre encerra perolas e diamantes ou se apenas pingos d'agua.

Ao contrario de certas operas, que dão quasi tudo que têm de dar na prothophonia, reservando apenas o bagaço melodico para os cantores, a opera poetica do Sr. Zeferino dá, tão pouco na "Symphonia," poesia com que abre o livro, que quasi obriga o espectador a erguer-se da sua poltrona e dirigir-se á bilheteria afim de reclamar o seu dinheiro.

Pouco amigo, porém, de julgar o sabor do fructo pela casca, resignei-me a virar a primeira pagina.

Senti logo que o trecho musical que então me feria os ouvidos era sempre um pouco melhor que toda a melodia antes ouvida.

E appliquei o ouvido e fui deixando que nelle cahissem os schersos e os rondós, os ritornellos e os concertantes; e, ao cahir o panno, digo, a ultima pagina da primeira parte, não tive remédio senão bater palmas ao autor da partitura, ouvindo ainda vibrar nos ares o campanolar da ultima rima.

Dahi porém a dizer que o compositor dos versos de que com tanto prazer me occupo, é um consagrado, um poeta feito, val simplesmente um abysmo.

Commette erros e não pequenos.

Sou porém forçado a dizer que, em todo o brilhante exercito de versos que vi desfilar ante os olhos, ao mando do general Brasil, apenas vi lá um ou outro soldado sahir fóra da linha ou des-accertar o passo!

A maioria do pelotão, porém, perfilou-se sempre galhardamente, ainda mesmo

quando obrigada a seguir a marche-marche.

Não obstante, de quando em quando deparava-se-me este ou aquelle bravo marchando com um pouco menos de firmeza. Mas, em todo o caso, lá la cumprindo o seu dever como podia. Ahi vão alguns indisciplinados para exemplo.

Sentido! fóra da fórmula:

"Que quando a noite um dia com seu bafo al-
[gente.]

"Pois bem, sê bondosa, minha flôr."
"Elle "vio" o "navio" sumir-se nos espaços."
"A's florestas sombrias, á deveza—a tudo."

E mais alguns recrutas incorrigiveis, que não acertam o passo nem á força de muita chibata!

Agora lá vão desfilar os soldados que têm apenas as pernas bambas pela fadiga da marcha forçada, mas que são, no emtanto, disciplinados.

Um passo á frente:

"Parecia tal como eu a sonhara."
"Todo garrulo a me falar de amores."

Máu rythmo. Ahi vão outros do mesmo rythmo; versos que, sendo certos, são contudo mal soantes:

"O teu amor entra-me pelo craneo."
"A treva estenda-se na immensidão."
"Como uma cythara que soa e vibra."
"Nesse teu carcere sem claridade."
"Uma nostalgica canção que chora."

Este "cacção" é detestavel!

E fico por aqui, pois se fosse a citar todos os versos mal soantes e froixos occuparia com este artigo quasi todo o espaço d'A SEMANA.

Outros defeitos tem o livro; pequenos senões que no tempo em que reinava o Romantismo passariam talvez sem reparo, mas que, hoje, no reinado do Parnasianismo, são imperdoaveis; pelo menos num poeta que com um pouco mais de paciencia e de boa vontade poderia ser correcto.

Nota-se no livro do Sr. Zeferino uma grande pobreza de rimas. Raras vezes usa elle de outras que não sejam as que terminam em "ante," "ente," "osa," "oso," "udo," "ado," "ada," "ia." Tive a pachorra de contar as rimas das tres ultimas terminações e encontrei 99 em "ado," 90 em "ada" e 129 em "ia"! Emprega frequentemente as palavras: passrada, alvorada, soluçosa, e outras, o que parece provar a escassez do seu vocabulario.

Encontram-se frequentemente phrases, estrophes e mesmo poesias inteiras que parecerem sido escriptas (á parte algumas incorrecções) pelo poeta dos VERSOS E VERSÕES, umas vezes, outras pelo da MORTE DE D. JOÃO e outras ainda por Luiz Murat.

Estylo proprio é o que falta inteiramente ao Sr. Zeferino Brasil. Note-se que, em todo o seu livro, não encontrei porém um unico plagio. Ha somente imitação ou assimilação, ou que melhor designação tenha, da maneira de outros poetas.

Provarei citando trechos que parece terem sido inspirados muito de perto por este ou aquelle verzejador.

"Adormeci sorrindo e despertei cantando."

Parece ser de Casimiro de Abreu:
(Meus oito annos)

"Adormecia sorrindo
E despertava a cantar.!!

(Se me não falha a memoria. Não tenho presente o volume das PRIMAVERAS.)

"..... a rima soluçosa
Que diz-te tudo... sem dizer-te nada."

Puro R. Corrêa no soneto "As despedidas" que assim termina:

"Tu, formosa Bentriz, nada disseste;
Mas, sem nada dizer, disseste tudo."

Vou citar varios versos que lembram outros de Luiz Murat. Versos que têm todo o feitiço dos d'este poeta:

"Das nossas seismas e do nosso amor."

Outro:

"A voz de um monge dentro de um santuario."

Mais outro:

"..... um céu sobre outro céu,
Um infinito sobre outro infinito!"

Mais:

"Não tinha flores e nem passarinhos."

Ainda mais:

"As minhas esperanças e os meus sonhos."

Emfim, toda a poesia que tem por titulo "A voz das flores" parece escripta pelo autor das ONDAS. Pelo menos lembra muito a poesia d'aquelle poeta que se intitula "Atravez do passado."

Dos sonetos do livro citarei como melhores: "Nunca," "Trista," "Porque foges?," "O meu amor," "Pagina intima," "Metamorphose," "Perto-longe," "Para o que vivo" e outros; e das poesias: "Credo do amor," "Bilhetes de amor," "Soror Conceição," "Uma historia verdadeira," "Versos de um clown" e poucos mais.

Além de falta de originalidade e indecisão de phrase, commette o Sr. Zeferino pequenos peccados contra a Metrica, como:—não symetrisar as rimas, collocar extemporanea e illegantemente agudos numa poesia sómente de graves e emfim repetir rimas numa mesma producção poetica.

Emancipe-se o poeta de alheias sugestões, lime seus versos o mais que puder, leia os de primeira agua que se occultam nos escriptos que conhecemos na ourivesaria litteraria sob os titulos de "Versos e Versões," "Alleluias," "Sonetos e poemas," "Phalenas," "Americanas e Chrysalidas," "Panoplias "Sarças de fogo" e "Via Lactea," e poderá, dentro em pouco, tomar lugar entre os artistas que taes primores fizeram.

E como este artiguete já vae ficando artigão, vou, como é de estylo, fechal-o com a chave costumeira.

DEBORAH

"Bastou que eu te fitasse um certo instante,
Bastou que a tua voz divina ouvisse,
Para que logo o coração amante
Esta paixão que sentei então sentisse."

E se como eu te vi, nunca te visse,
Todo este amor de uma rudez cortante
Que me fêre, talvez não me ferisse
Tão deshumano e tão mortificante."

Só por ouvir-te e só por ver-te, dóe-me
Esta afflicção que o seio d'alma dóe-me,
Funda, cruel, satanica, sombria!

A dura cruz do teu amor carrego...
Ah! Deus, quem dera que eu nascesse cego!
Ai! ceus, quem me fizera surdo, um dia!

E venham para cá dizer-me que não é de ouro, e ouro de 18 quilates, esta chavesinha com que conseguio fechar este insulso desarrasado, com que, amaveis leitores, vos ia matando de aborrecimento, este que se presa de ser vosso humilde criado e venerador

ASCANIO MAGNO.

GAZETILHA LITTERARIA

Entrou para o prélo o livro BRIC-A-BRAC, de Valentim Magalhães, destinado para premio dos assignantes annuaes d'A SEMANA.

Esperamos distribuil-o em fins de Fevereiro do anno vindouro, pois vamos activar-lhe a impressão, para não retardar o cumprimento da nossa promessa.

Devido á amabilidade de um amigo do nosso director, recebemos de Lisboa um exemplar do novo livro CAMPO DE FLORES, do conhecido poeta João de Deus, edição authentica e definitiva, coordenada por Theophilo Braga, que a prefacia.

É um grosso volume de 703 paginas, bem impresso e dividido em 12 partes, a saber: Cançõetas, Odes e Canções, Elegias, Idylls, Disticos, Canticos, Fabelas, Satyras e Epigramas, Poemetos, Versões e Imitações, Theatro e Additamento.

O trabalho typographico, que é da Imprensa Nacional de Lisboa, é excellente. Mais de espaço e em artigo especial nos occuparemos do CAMPO DE FLORES.

Por falta de espaço não publicamos hoje a purgação do plebiscito litterario por nós proposto para os seis primeiros contos de litteratos brasilleiros.

Fal-o-emos no proximo numero.

VASO MYSTICO

(A VALENTIM MAGALHÃES)

Quero que seja meu, quero sorver sóslho
O vermello hoór que delle se levanta;
Este vaso é o melhor; bebe-se nelle um vluho,
Delicioso e subtil, que a alma nos aquebranta...

Deixa bejal-o bem, com todo o meu carinho,
Bejal-o ao teu olhar, que o meu olhar encauta,
E em teus olhos sentir tudo quanto adivlho
Nelle, onde o nosso amor sonóramente cauta...

Repara que lavor, que linha nobre e alrosa
Lembra uma taça real, onde brilha uma rosa,
Arrancada ao calor de uma tarde de outubro.

Ab! quizera beber eternamente, nesse
Fino vaso — tua bocca — onde se empurpuresce
O teu sangue febril, delicioso e rubro...

PLACIDO JUNIOR.

CARTAS Á MINHA IRMÃ

II

18 DE NOVEMBRO.

Hontem, ao abrir um velho dictionario, para procurar uma palavra, achei entre as suas folhas amarellecidas uma flôr secca. Quedei-me, ao vê-la, e como a manhã estava brusca, toda ennevoadá, aquella flôr morta foi-me a evocativa de uma saudade, que despertou de manso no meu coração e se alastrou violenta á proporção que eu cheirava os filamentos fanados e já sem cheiro da flôr esquecida... Quem a esquecera allí, naquelle livro annoso que foi de meu pai e que eu, ingrato, abandono a um canto, só de quando em quando o consultando, para buscar a harmonia cantante de uma palavra ignorada, a qual dê lustre ao meu pobre escripto? Quem a esquecera allí,

naquelle livro tão antigo, já roído pelas traças incançaveis? Talvez minha avó, como a mais modesta e a mais grata lembrança para o seu filho... Talvez minha mãe quando foi noiva, e que, deitando-a naquelle livro velho symbolisava a amizade duradoura, quasi eterna como aquelle sabio livro, mais duradouro que uma vida, que ella votaria ao seu escolhido... Talvez fosse minha mãe que allí a tivesse posto, mas folheando mais o dictionario, achei mais flôres, algumas até já rompidas pelos tempos, e, junto ás quaes, a que eu achara primeiro tinha um resquicio de mocidade, uma côr dos meus dias... Então, foste tu que allí a puzeste, não foste, minha querida irmã, minha Albertina?

... E eu ôlho a flôr secca, como que achando que a envolve uma nevoa infinita de recordações tuas, donde como que se me desprendem os teus olhos adorados, fitando-me muito; parece-me até ouvir a tua voz chamar-me, e, nesta manhã fusca, ella toma um timbre mysterioso, como que vinda de muito longe, de muito longe...

Viajas, vês paizes que não conhecias, aprendes usos que ignoravas, no teu adoravel descuido de sempre rir... Passas pelo mundo, guardando na memoria tudo o que viste, para depois m'o contares, muitos dias a fio, embalando-me com a tua voz carinhosa, eu, com as palpebras cerradas em um meio sonho, transportando-me, a correr para todos os logares que tiveram a sensação deliciosa de ouvir as tuas risadas, e que tu me descreverás com a tua imaginação ardente, onde borbulha a phantasia viva e todo o encanto das brasilleiras, das filhas d'este paiz de enlevo e de poetas... Contar-me-ás tudo o que viste, não é assim?

... Japão! E' ahí que agora deves estar, no paiz das sedas. Só este nome — Japão — retumbante e curto como uma nota de violoncello, como uma pancada de bombo, traz-me á mente um millhar de paizagens exóticas, um bando alegre de japonezas, com grandes alfinetes nos cabellos e dentes envernizados a lacca, com suas mãos de fada a balança a ventarola, em que vem pintado o amor de um equilibrista pobre, de chinelas velhas, com a filha do magnata, de covinha de riso no rosto, onde brilham dois olhos acafroados...

Basta este nome — Japão — breve e empolado como um beijo sensual, para me trazer á mente uma miragem que se estende em frente de uma planicie branca de plantações de arroz, batidas de um sol valente, que se pendura do céu, allumiando a região exquisita do Japão.

E eis que volta este nome em que as duas unicas syllabas rebentam cantantes e cheias. Traz-me agora a vontade do amor excentrico de uma japoneza catita, chamada por exemplo Mei-Ilo, que por mim se apaixonasse e que eu raptasse ao pai, um velho impossivel, de nariz adunco, e lá nos fossemos em fuga para a China proxima, numa barcaça, eu a beijar-lhe a bocca perfumada de essencias, por sobre o falar zangado e continuo das aguas e enfiado pela brisa marinha, que lhe desmancharia, á japoneza catita, o tufo dos seus cabellos enrolados no alto da cabeça pequenita e redonda, emquanto ao longe, mui ao longe, muitissimo ao longe, se perdem as costas e se afundam as cascas de tectos acafroados do encantado paiz do Japão.

Lá vem de novo o nome, que me crystallisa o cerebro em uma idéa de alegria; e como aquil, por este céu brasilleo, o sol já atravessou as nuvens, dando-lhes pinceladas de azul, e assim não ha motivo para tristezas, tendo ido o velho dictionario dormir de novo no canto das traças, eu abandono-me á minha natural alegria e acompanho-te em phantasia, minha irmã, pela terra mirifica que honra o nome sonoro de Japão; corro atraz daquelle velho japonex maluco que allí vae, ás pernas, com desu-gonço, corto-lhe o longo rabicho, o qual embrulhado em brocado fino, trazo para esta minha banal choça paulistana e, pregando-o na parede, me servirá de inspiração nos dias de tedio...

J. V. DE AZEVEDO SOBRº

S. Paulo, 1893. (10º anno).

CORREIO

SR. BENTO ERNESTO JUNIOR.—Tenho de V. S. uns bonitos versos, ha um seculo recebidos, que só por falta de espaço não sahiram ainda. Sahirão porém dentro em pouco. Para o consolar e fazer jús ao seu perdão, vou dar aqui, como festas aos meus leitores o seu sonetinho que se intitula: "Indifferença." Lá vae elle, pois:

Deus
Vê
Que
Meus

Als
Não
São
Mals

De
Má
Por

Ti,
O'
Flôr!

Comparando o titulo d'este soneto com elle proprio, é o caso de applicar aquelle proloquio que diz: maior é o nome que a pessoa, — o qual costuma ser applicado aos typos pequeninos, a que o vulgo chama de "castiças do Inferno," quando tem por ahí uns nomes de legua e meia, afóra a alcunha.

A sua "Despedida" virá breve, razão porque lhe apresento a minha.

SR. L. R. C. A. F.—E' flado no rifão que diz que mais vale tarde que nunca, que me animo a responder-lhe. O seu apresentado tem, de facto, talento e os versos d'elle, que V. S. nos mandou, agradaram-nos bastante, áparte alguns pequenos defeitos remediaveis. E' bem possivel que, sobrando-nos espaço, possamos publical-os, não obstante a inoportunidade d'elles, que só ao rabis-cador d'esta secção é devida; pois, tendo, ha bastante tempo, recebido os mencionados versos, acompanhados pela sua carta, só agora lhe foi dado tratar d'aquelles e d'esta. Terá V. S. tanta bondade que o faça resistir ao desejo de mandar-me para a casa do diabo?

SR. LYDIO PAIVA.—O seu "Metaphisico" vai ser mettido na Collaboração, se Deus nos der vida e saúde e. . . e não mandar o contrario.

Gostei, gostei! Mandem-nos sempre consilhas assim, que nunca havemos de jogar as cristas!

Cá fica o melro na sala de espera.

Sr. A. GAMA.—Agradou-nos o seu soneto "Ulara," apezar de alguns senões. E' original, creio, a idéa que nelle se encerra e bastante poetica.

Tanto nos elle agradou, que decidimos fazê-lo apparecer n'A SEMANA logo que haja nella espaço disponível. Apenas temos de fazer-lhe alguns ligerrissimos reparos, que, certamente, ao copial-o, lhe escaparam; reparos esses que em nada alterão o pensamento e a forma do soneto e que por tão insignificantes talvez que até V. S. os não percebera.

Desculpe-nos a ousadia de metter a mão em scara alheia, sim?

Sr. FIGUEIREDO.—Cá recebi a sua poesia—"A minha esposa (No dia de suas nupcias)".

Mas, seu Figueiredo, você sempre me sahio um pandego! Pois a gente lá pode publicar aquillo, homem de Deus! Começa V. S. logo d'este modo:

"Esta "fracção vulgar" (errado)
Nunca seria "unidade,"
Se não tivesse encontrado
A sua cara "metade."

Muito bem; mas como é que S. S. começa galhofando, e entra depois no serio, para cahir afinal na chalaça de novo?

Mais um pouco da geringonça.

Agora o homem encolhe a risota, entornece o mais que pode o grão do olho e falla grosso, mas commovido:

"Trilhei já d'este mundo a senda escura
Sosinho, abandonado.
Mas hoje sou feliz, tenho a ventura
Sorrindo-se a meu lado!

Achei-a nos teus dotes, Marianna..."
Marianna eu venho aqui
Venho só te bisitá,
Que eu sou um rapaz "sorteiro"

Não tenho contas qui dá;
Uma moça como esta
Custa munto a si encontrá.

Fecha a porta, Marianna
Deixa o dia inclariá.
Segura bem que a fita não caia...."

Ora esta só a mim acontece!

Pois não é que por ver o nome de Marianna, confundi logo a poesia do amigo Figueirudo, digo Figueiredo, com uma cantiga de fado que ouvi um sertanejo cantar uma vez? Esta minha cabeça! Já agora salto ao fim da poesia do Figueirando, Figueiredo, digo:

"Tranquillo jazerei entre perfumes,
A' sombra do arvoredó... (ai! gentes!)
E teus olhos serão os doces lumes
Velando-o.

Figueiredo."

Amigo Figueirante, quer você lavar um tento? Se quer, não custa nada. E' transformar numa modinha a chora-deira que nos mandou, chegar aos peitos o violão e assim só no choro, cantar aquelle melaoço todo. E' isto, meu amigo, cante aquillo á sua mulher; vá você lhe cantando, que lavrará até em vez de um, dois tentos!

Sr. ZEFERINO.—Pergunta-nos V. S. como se pronuncia a palavra "pantano." Quer saber se a palavra é esdruxula ou grave, pois tem ouvido pronunciar tanto pantano, como pantano. Só o que lhe posso dizer é que pantano é horrroso! Se é por isto, também ha quem pronuncie lampáda por lampada. Olhe,

quando encontrar pessoa, que pronuncie pantano, accentuando a 2^a syllaba, metta o desgraçado dentro d'elle de cabeça para baixo até morrer afogado!

Como o Sr., alguém escreveu-me uma carta, que perdi entre a minha papelada, e em que se me consultava sobre se se devia pronunciar pegáda ou péga-da. Cá por mim fico o mais pegado possível á primeira pronuncia e comigo está João de Deus, o qual, sempre benemerito, nos aconselha pelo seu Dictionario Prosodico que pronunciemos pegáda e sempre pegáda.

Se podemos pronunciar péga-da, porque carga d'agua não podemos também esdruxular a palavra passáda? Porque não havemos de dizer caminhada, e tudo o mais pelo mesmo diapasão esdruxulico? A Cezar o que é de Cezar: portanto ao pantano a sua pronuncia esdruxula e á pegáda a sua pronuncia aguda; do contrario a pegáda é muito capaz de querer esborrachar as ventas ao pantano ficando nelle segura!

E com esta d'aqui me desapego.

Sr. GIL PETIT—Diz V. S. que "dentre os diversos e variados "bijous" litterarios que tem lido, ahi nos sertões de Goyaz, destacam-se tres das nevoas de sua memoria." (Eis ahi um homem bem original. Basta dizer que tem nevoas na cachola. Estas nevoas com certeza hão de se desfazer em chuva, de quando em vez. Que perigo, ein?) D'ahi tempestades, cirrus, cometas mesmo, o diabo! Não ha que ver, é uma cabeça astrológica, direi melhor astral, porque logica nem sempre ella ha de ser, principalmente nas epochas de chuva.)

Diriginda-no V. S. a palavra relativamente ao plebiscito d'A SEMANA sobre os seis melhores contos brasileiros, cumpre-me dizer-lhe que a sua opinião será respeitada. Unicamente não conhecemos o Sr. Ismael Vaga, nem o seu conto "Bellinha," lá d'elle Vaga, por V. S. escolhido.

Diz V. S. que nol-o mandará (o conto e não o Sr. Ismael) para que com elle travemos conhecimento, caso o não tenhamos visto mais grammatical.

Pode mandal-o, pode; achavamos porém mais acertado que o amigo, em vez do referido conto de Goyaz, que correria o risco de chegar aqui transformado em conto do Vigario, nos mandasse, lá d'esse mesmo Goyaz, um pouco de fumo.

Isto não é caso. porém, para que V. S. fique fumando.

ENRICO.

Factos e Noticias

MADAME DUROCHER

Foi sepultada no dia 26 do corrente esta celebre parteira.

Nasceu em Paris, no anno de 1808 e de lá embarcou para o Brasil com a idade de dezeseis annos.

Fixando residencia nesta cidade, Mme. Durocher cursou as aulas da nossa Faculdade de Medicina, obtendo, depois de serios estudos, o diploma de parteira de 1^a classe e mais tarde o de 1^a parteira do Brasil.

Dotada de uma rara intelligencia, estudiosa e conhecendo bem a sua profissão, Mme. Durocher recebia em sua residencia muitas das nossas summidades medicas, que a procuravam com vivo empenho de ouvir os seus auctori-

sados conselhos e opiniões referentes á sua clinica. Admira que depois de ter assistido ao nascimento de mais de 5,000 pessoas e exercendo por longos annos a profissão que a distinguia, Mme. Durocher tenha morrido sem deixar fortuna. Pois é essa a verdade e dizem mais que a illustre parteira morreu pauperrima, o que se explica pelo muito que fazia pela pobreza o seu coração franco e bonissimo. Mas, succumbindo aos 86 annos de idade, deixou apenas entre os que com ella privavam uma recordação eterna, como um raio de luz que não se extingue,—a recordação que costumam deixar no mundo as almas sãs, dotadas das melhores virtudes, os corações piedosos e cheios de bondade.

Mme. Durocher era membro adjunto da nossa Academia de Medicina, sendo esse titulo conferido pela mesma academia depois de uns trabalhos por ella apresentados sobre a sua clinica. O seu corpo fica descansando agora num cemiteiro do cemiteiro de S. Francisco Xavier.

Infelizmente no nosso numero de hoje somos obrigados a noticiar mais um fallecimento: o do nosso mallogrado companheiro de imprensa, Augusto Fabregas, que durante alguns annos redigiu a secção APARAS, d'O PAIZ, tão procurada pelos seus assíduos leitores.

Augusto Fabregas succumbio victimado por uma lesão cardíaca, que ha muito tempo lhe minava a existencia, e deixa uma serie de escriptos, contos, comedias e dramas traduzidos, monologos em verso e um volume publicado — APARAS — em que está reunida toda a serie de quadrinhas humoristicas insertas n'aquelle jornal.

Era um espirito vivaz, alegre e extremamente activo, mas que infelizmente não deixou uma obra duradoura, digna de si.

Augusto Fabregas deixa viuva e filhos em completa pobreza.

(Quando se fundará uma sociedade de beneficencia para os homens da imprensa?)

Por alma do inditoso jornalista faz hoje a redacção d' "O Paiz" resar uma missa na igreja de S. Francisco de Paula, ás 9 horas.

FOLHINHAS E ALMANACHS

Recebemos um exemplar da veneranda FOLHINHA LAEMMERT, que já conta 55 annos de existencia. Na sua chronica alegre, cheia de espirito e de pilherias de bom gosto, encontrámos as seguintes linhas amistosias com referencia á SEMANA:

" Nas letras, em que se vae notando certo movimento auspicioso, o mais notavel successo foi o reaparecimento d'A SEMANA, a excellente revista litteraria fundada por Valentim Magalhães, o conhecidissimo critico, jornalista e poeta, presidente também d'A EDUCADORA, a prospera e solida companhia nacional de seguros de vida. A SEMANA traz o mesmo corpo de colaboradores, em que se contam os principaes escriptores brasileiros—o que constitue uma garantia do seu exito.

A todos os meus leitores aconselho, se querem dar uma prova de intelligencia e bom gosto—que assignem A SEMANA."

Agradecidos pelo preconicio.

A conhecida papalaria do Sr. Luiz Macedo offereceu á SEMANA uma bella folhinha de desfolhar, para o anno de 1894.

Da Livraria Lammert & C. recebemos tambem duas bonitas folhinhas de parede.

Partio para S. Paulo na manhã de 27 do espirante o nosso presado compa-
nheiro Max Fieluss, que vai naquelle estado fazer a propaganda d'A SEMANA, de que é redactor-gerente.

Paris, que é, decididamente, a cidade das exposições, teve, ha pouco, mais uma, de grande originalidade — a Exposição dos retratos do seculo XX. Essa idéa, provinda da anterior exposição de retratos de escriptores do seculo, tiveram-na Roinard, redactor-chefe dos *ES-
SAIS D'ART LIBRE*, e o escriptor Edmundo Girard, o ousado editor dos *NOVOS*. Tiveram-na e reallsaram-na com exito satisfactorio.

Os intuitos dessa exposição explica-os o proprio Roinard nestas palavras: "dar, pelo agrupamento de individualidades esparsas, (precursores, militantes e recém-vindos) a physionomia geral dos espiritos e do movimento, animado pela grandiosa esperança de libertar a humanidade proxima vindoura pelo individualismo artistico e social."

Para completar a obra significativa e ousada dessa exposição, vão publicar brevemente os seus iniciadores a collecção desses retratos, como dos de muitos outros notaveis do seculo XX que nella não figuraram — como Barrès, Léon Bloy, Charles Morice, Mallarmé, Maeterlinck, Rosny, Stuart Merrill, Viélé-Griffin etc.

O Club dos Democraticos enterrará hoje o anno velho com um baile espantabilisozas, que não deslustrará certamente as tradições de opulencia e bom gosto do famoso Castello.

Agradecidos pelo amavel convite.

AU CLAIR DE LA LUNE

Muito alto, presa á abobada Infinita,
Envolta em veste tremula de prata,
Em fios brancos toda se desata
A lua que na Immensidão palpita.

Constellações ligadas n'uma fita,
Que a lenda dos pastores nos relata,
Parecem-nos do campo, junto á matta,
De luzernas um bando que volita.

Assentados na gramma verde e fria,
Enquanto nas roseiras se desfia
A aragem leve que o frescor conduz,

Bocca na bocca, olhos nos olhos, dadas,
Num extasis supremo as mãos nevadas,
Os noivos vão, aliferos, á luz.

SOARES DE SOUZA.

OS COLLEGAS

A' espera ainda dos ns. 1 a 6 ,recebemos com vivo prazer o numero 8 da excellente folha litteraria A *REVISTA*, dirigida em Paris pelo nosso conterraneo e collega Sr. Xavier de Carvalho. Escrip-
to com supremo cuidado e proficiencia, traz este numero varios desenhos bem feitos, sobresahindo d'entre elles os retratos dos nossos distinctos collegas d'O PAIZ, Srs. Jovino Ayres, Rodolpho Abreu e Manuel Cotta.

Que continue a *REVISTA* a prosperar e a visitar-nos é esse o nosso maior desejo.

A *GAZETA POSTAL*, de Belém, de que é redactor o Sr. Raul d'Azevedo e que já conta quatro annos de existencia, annuncia o encerramento do concurso litterario, que abraza para sonetos, em 12 do corrente. Nesse mesmo numero encontramos um bom artigo do Sr. Guilherme de Miranda, ultimo de uma polemica travada entre esse nosso collega e o Sr. E. de Azevedo acerca do "nephelibatismo" e noticias criticas dos livros *A NORMALISTA* e *BLOCOS*. Muito interessante a *GAZETA POSTAL*.

— *REVISTA INDUSTRIAL*, — de Minas Geraes. — Excelente folha de que é director o Sr. Alcides Medrado, bibliothecario da Escola de Minas. O n. 3, que é o que temos aqui sobre a nossa meza de trabalho, traz varios artigos e noticias sobre a industria mineralogica daquelle estado.

TRATOS Á BOLA

Caros tratistas.

Começarei dando-vos as boas festas. Fical certos de que, nestes ultimos dias, outra coisa não tenho feito que não seja rogar a Deus que vos dê felicidades, dando-vos a boa inspiração de produzir charadas para gloria vossa e encanto e beneficio desta secção.

Agora sempre quero pôr por um pouco as contas para uma banda, afim de fazer a minha perna.

Ai! filhos, filhos da minh'alma, que sortimento que vos trago desta vez!... Pelas contas do meu rosario! Pelo cordão do meu habito vos asseguro que nunca debaixo do sol veio á luz delle proprio sol e da publicidade uma charadação tão completa.

A ellas, pois, pledosos ouvintes, a ellas!

Primeiro, é de meu dever declarar-vos que quem comeu do bol, isto é, quem comeu o premio conferido ao decifrador exacto das do numero passado, foi P. K. Dôr. Felizão!... Pedaco de felizardo! Em seguida vieram com a galhardia de sempre, "Corongondó", "Bibliophilo", "Cancureinha", "Bigode de Arame", "Marquez" e "Pi."

Ahi, supimpas! Gostei do rasgo!...

As decifrações do passado numero são:

- 1.^a—"Granada", "Granado."
- 2.^a—"Tomate."
- 3.^a—"Cinco vezes cinco vinte e cinco, noves fóra sete."
- 4.^a—"Papagaio."
- 5.^a—"Papalino."
- 6.^a—"Leonardo."
- 7.^a—"Machado."
- 8.^a—"Mulo."
- 9.^a—(Sahiu errada).
- 10.^a—"Caneta."

A declma, por ter sahido errada, vai ser reproduzida agora, correcta:

A preposição—1
Que num alto tal está—2
Dobra-lhe a porção
Que num quinto caberá.

Agora a nova lenha.—Escorvai as armas, sectarios do Logogryphismo! Sapi-
entes esgaravadores da Enygmato-
logia, — a grande sciencia occulta, —
preparai a cachimonia, que a lucta sa-
grada val começar! A postos, topetu-
dos! Aguenta o turumbamba, povo des-
atracado! Aguenta!...

ANTIGA

Planta de pé—2
Para ligar—1
A' herva moura
Não singular.

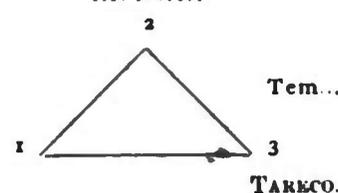
THIAMOR.

BISADA

Que o appellido
— Ma —
Está pendente,
Eu não duvido.

ALVA COLOMBINA.

ENYGMA



TARECO.

PROBLEMA



Uma duzia retrando
Dos palitos que all estão.
Um paiz encontrarão,
Com cuidado procurarão.

Fritz.

NOVISSIMAS

- 2-1 O parente de Ismael é homem?
- 1-2 Já foi na Igreja irritar?
- 1-2 O elemento tem vergonha da musica.

ADEOL.

PERGUNTAS ENYGMATICAS

A VIOLETINA

I

Qual é a interjeição que é um quadru-
pede?

II

Qual é o bolo que é um rio?

III

Qual é o vento mais conhecido?

PI.

MICROSCOPICA

— Ca — Pa —

Logar é gentil
Do nosso Brazil.

HARRY CLIFFORD

E por hoje nada mais. Desta vez quiz descansar. Cumpre-me, antes de concluir, dizer a Mr. JOHN, que preciso que sem demora me mande a decifração de sua charada (a Violetina) a qual ainda não sahiu por falta daquella, e a Pi, que se a mais tempo não publiquei as suas "tratices," pelo que peço desculpar-me, foi porque, tendo muito material, mandado por benemeritos charadistas, precisava ir contentando a todos gradualmente. Cá fico esperando pelo novo fornecimento e posso garantir-lhe que os seus trabalhos tem-me agradado muitissimo, fique certo.

Nunca attribúa a demora na publicação delles á condemnação de minha parte; tanto que, penhorado, delta-lhe a sua benção, bem como aos demais devotos, o masca-orações que se chama

FREI ANTONIO.

ANNUNCIOS

ESTABELECIMENTO
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado
115 — Rua Sete de Setembro — 115
Rua da Carioca, 12 e 14
FILIAL EM PETROPOLIS

CHAPELARIA AMERICANA
EM FRENTE A' CASA PASCHOAL
CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133
Importação por todos os paquetes
Completo sortimento de chapéus para homens,
senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.
Rio de Janeiro

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE

FLORES ARTIFICIAES

Ribeiro de Carvalho & C.
RUA DO PASSEIO

Têm sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas, flores,
etc., etc.

PIANOS E MUSICAS
FONTES & C.
Rua dos Ourives 51
Telephone 1051
RIO DE JANEIRO

O PEDAGOGIUM
13. Rua do Visconde do Rio Branco 13

BIBLIOTHECA

Laboratorio de Chimica, Gabinetes de Physica
e Historia Natural.

EXPOSIÇÃO DE MATERIAL ESCOLAR

ESTÁ FRANCO AOS ESTUDIOSOS

Nos dias uteis das 10 horas da manhã ás 3 da tarde

REVISTA PEDAGOGICA

Orgão do PEDAGOGIUM. Distribuição gratis aos
Srs. Professores.

ESTA PUBLICADO O 1º FASCICULO DO TOMO V

Dr. R. Rajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas
Residencia Praia do Flamengo n. 96
TELEPHONE 5032

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

DR. VALENTIM MAGALHÃES

ADVOGADO

RUA DOS OURIVES N 71

SEGUNDO ANDAR

DE 1 A'S 3 HORAS

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade : Partos e Molestias das Senhoras

Residencia e Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

Papellaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.
Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.

A SEMANA

DIRECTOR: VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, rua dos Ourives n. 71, 2º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 6 DE JANEIRO DE 1894

KXPDKIKNTE:

Assignatura annual. . . 12\$000
 " semestral 7\$000
 Numero avulso. . . \$200
 " atrazado . . . \$300

As assignaturas terminam sempre em junho e dezembro

Havendo terminado o 1º semestre da segunda phase d'A SEMANA, rogamos aos nossos dignos assignantes o inestimavel favor de mandarem reformar suas assignaturas, afim de que não lhes seja suspena a remessa da folha.

Os Srs. assignantes de anno tem direito ao livro BRIC-À-BRAC, de Valentim Magalhães.

SUMMARY.—Historia dos sete dias—Julio Volmer; O romance brasileiro: A Normalista—Ararife Junior; Sertanejas, sonetos—Themistocles Alchada; Plebiscito literario; Azas de marmore, soneto—Wenceslau de Queiroz; Cartas á minha mãe, III—José Vicente Sobrinho; A noite, poesia—Julio Cesar da Silva; Gazetilha Litteraria: Os collegas; Theatros—P. Talma; Musica e Dança—J. Soudra; Concursos litterarios; Colaboração: A dança do véu—Julio Rêis Nectambulos, soneto—Domingos Leão; Factos e Noticias; Archivo.

Historia dos sete dias

Anno bom! Anno bom!

Dece illusão, que se nos renova n'alma a cada percurso da ecliptica e que não bastam a extinguir dentro em nosso meio tantos desenganos experimentados ao descrever de nova orbita, tantas desgraças, tantos infortunios, tantos dissabores, que aos deuses aprouve repartir com mão igual pelas diversas paragens do tempo, disseminando-os pelo mundo como pretextos delicados para sahirnos d'elle a ponto e não ficarmos para ahi eternamente a acotovelar-nos uns aos outros na expansibilidade incompressivel de nosso ingente gaudio.

Anno bom! Anno bom!

Eu lá estava tambem debruçado sobre a corrente dos tempos, á luz embaçada das estrellas, quando á meia noite de 31 de Dezembro o teu predecessor te passou o mundo e te entregou um inventario a que torceste o nariz, porque suppunhas ingenuamente que terias de resolver perante os fados os intrincados problemas de que elle não lograra encontrar o "x."

Enganas-te, bom anno. Tu não estás obrigada a cousa nenhuma. Deixa-te ir, formula de philosophia politica tão fecunda como aquell'outra "laissez faire," porque ainda que tu sejas mais suave que uma rola, mais insinuante que uma carícia, mais dadivoso do que um deus, nem por isso te aguardará menos, ao sahires pela porta que dá para a eternidade, o côro de execração

universal entoado pela multidão infinita dos incontentados.

Anno bom! Anno bom! Dá-nos a paz para que voltem as alegrias aos corações; faze que sonhos bellos embalem os meus leitores, que de os fazer adormecer me encarrego eu.



O mais interessante acontecimento dos ultimos sete dias foi, sem duvida nenhuma, a reaparição da GAZETA.

Não imaginam a alegria que eu tive ao ver de novo enfileirados nos respectivos postos, o inimitavel humorista da "semana," um escriptor que possui a graça de um Tackeray, americanizada de leves tons á Marc Twain; o scintillantissimo F. A. ou simplesmente F. ou simplesmente A. de variadas secções, inculcativas de um espirito positivo como Taine, bonachão como Sarcey, empulhador como Armand Silvestre e que dispõe, como este ultimo, da ternura insinuativa do estylo; o eminente romancista dos "Echos de Paris"; o colorista vivacissimo da "Chronica livre"; o considerado critico musical, que, mal coberto pelo pseudonymo Alfredo Riancho, nos transmite as suas impressões de excursionista, cheio de espirito, sob a fórma atrahente de despretenciosas narrativas.

Além de tudo isto, a GAZETA apparece agora illustrada de novo com desenhos e caricaturas de Belmiro, o distincto professor da Academia de Bellas Artes, o amavel collaborador artistico da nossa folha.

Emfim, um encanto em tudo, que não ha mais dizer.



Sem sahir da GAZETA.

No primeiro numero d'este anno, appareceu a conclusão de umas cartas litterarias assignadas por C. A. que eu recommendo ao leitor pela extrema veridura dos conceitos.

Não serei eu, simples chronista, que me atreva a fazer a analyse das cartas a que me reporto. Ha alli afirmativas arrojadas, que acobardam a critica bissonha. No entretanto, não resisto a transcrever o ultimo periodo, do qual ouso permittir-me extrahir ao deante a conclusão.

Leiam: "Já é tempo de fazer-se uma selecção rigorosa dos que escrevem por decidida vocação, com sacrificio da propria vida e não por um simples dilettantismo. A litteratura e as artes de um paiz são cousas muito mais sérias do que se julga vulgarmente."

A este grito—é tempo já—com certeza não deixariam de correr de todas as partes aquelles que, como o Sr. C. A., andam empenhados na procura dos verdadeiros artistas, com o fim de extremal-os dos simples dilettanti, se lhes não prelizisse que o autor das cartas

litterarias é que é o homem talhado pela natureza para operar aquella selecção de um caracter por extremo melindroso.

Estou d'aqui a ouvil-o confabular com os filhos de Apollo, no fio unico de joiral-os no crivo d'onde ha de sair estremada a raça immiscivel dos genios, ficando a dansar na penhora aquelles para quem a arte é uma pangeda.

— Poeta A., as tuas estrophes extasiam. Os teus carmes lembram flligranas de ouro bordadas pelo luar na serenidade dos lagos. Ouvir-te é cuidar a gente que vae librado nas azas dos anjos em demanda do azul immaculado. Mas escuta: já penetraste alguma vez no seio denso da floresta esbrazeada pela tempestade, ouvindo lá dentro rugir as feras, que a furia dos elementos agula e assanha, no intuito sobrehumano e verdadeiramente genial de te deixares devorar, trocando d'esta maneira a vida terrena pela immortalidade reservada aos verdadeiros vates? Não respondes. Adivinho que não. Oh! n'esse caso não esperes nunca ascender ao paraizo dos artistas, onde ha visões beatificas, logradadas apenas pelos predestinados. Fica-te para ahi no purgatorio dos "dilettanti", dos que tanto dedilham a lyra de Orpheu como a guitarra do "Mané Gregorio". Não serás tu que te assentes jamais ao banquete dos deuses; regala-te nos repastos modestos do restaurante da Cascata ou da "Malson Moderne".

— Agora tu, vate B. Os teus versos são detestaveis; afagam-nos a pelle como se nol'a friccionassem com raspasinhas de chifre; o que manqueja num, noutro sobeja, e, ao envez do que succede com o poeta idealizado por Junqueiro,

Foge a lua dos campos do horizonte,
 Fogem anjos, os soes, o proprio Deus
 Por não te ouvir o canto.

Tu, porém, de uma vez que te correram á pedra na praça publica por ateimares em impingir os teus versos á multidão desprecauida, resististe com a mais endurecida fronte á ira desenfreada d'aquella turba fundibularia. Nesse momento o martyrio sagrou-te genio. Corre, pois, aos meus braços, a receber o salvo conducto para a immortalidade.

Se não é este o pensamento que se encerra naquelle periodo é que a ideia que o fecunda transcende em muito a minha acanhada comprehensão. O periodo anterior, porém, não deixa a minima duvida de que tal é a mente do autor das cartas, quando contesta a poetas consagrados a qualificação de artistas.

Tem razão o articulista quando remata: "A litteratura e as artes de um paiz são cousas muito mais sérias do que se julga vulgarmente".

Das esperanças litterarias reverdecidas com a entrada do novo anno uma ha que ainda não vi reitorida, com bastante magua do meu coração, que lhe quer muito, pelo alto conceito em que tem o seu cultivador.

Refiro-me ao ALBUM, de Arthur Azevedo: planta, ao que parece, da familia das sensitivas, visto como o simples fumo de um canhoneio a obrigou a retrahir-se, por algum tempo. Creio que anda nisto excessivo de sensibilidade affectuosa do autor dos CONTOS POSSIVIS, que lhe não permite divertir o coração e a intelligencia dos infortunios da patria.

Que cessem estes quanto antes e que aquelles volvam breve a sorrir-nos no ALBUM são os votos sinceros do mais obscuro dos chronistas.

JULIO VALMOR.

O ROMANCE BRASILEIRO

A NORMALISTA.—SCENAS DO CEARÁ—
—por Adolpho Caminha.—1893.

I

Em todas as capitães provincianas existe uma sociedade meã, privada de dinheiro, mal educada, ordinaria pela origem, relaxada pela educação, que invade os interstícios deixados em aberto pela população morigerada. Essa gente, que, apesar da falta de recursos, figura e entra em competencia com os mais abastados do lugar, é precisamente a que sae ao encontro do observador superficial e se impõe aos visitantes da cidade como typo da civilização indigena. O grupo, assim organizado para surpreender a admiração dos incautos, compõe-se de arribados de outras provincias, de desclassificados na vida commercial do lugar, de empregados publicos gastos no instrumentalismo politico, e dos residuos de todos os temperamentos ruidosos attrahidos pelo movimento do centro provinciano ás sombrias aspirações da grandezza e do luxo. Syphilis moral era o nome que com mais propriedade se deveria dar a tal congresso de ruindades, se, com effeito, os elementos nelle aggregados não denunciassentendencias progressivas e audacias dignas de melhor direcção. Infelizmente a actividade, pelo menos cerebral, que sem contestação se nota no alludido agrupamento, tem applicações immediatas só para o mal, que com os seus arrojões e adiantamentos trazem a perversão e o infeccionamento precoce das familias menos acauteladas.

O phenomeno não é raro, e mais de um sociologista tem observado as suas devastações em povos incipientes. Febre de progresso chamam uns, philonéismo denominam outros; em todo caso trata-se de um estado doentio, produzido pelo desequilibrio entre a illustração e a capacidade de individuos indisciplinaes e por isso mesmo promptos para todas as aventuras. Victimas de verdadeira intoxicação intellectual, mestiços pela maior parte, ingorgitados de uma civilização que ainda pouco comprehendem, elles começam pela auzenia de escrupulos e terminam pelo completo naufragio do sentimento moral.

No Ceará essa especie de "babysmo" como bem o diria Lombroso, tem-se tornado caracteristico após as periodicas calamidades climatericas, corporisando-se em mania expedicionaria, cujo alvo principal é o extremo norte do

Brasil. Embora tangidos pela fome, pelas agruras dos sertões de sua terra, raros são os retirantes que se não suppõem conquistadores dos seringaes, civilisadores dos rios desertos e destinados a purgar as regiões inhospitas do Alto Amazonas dos regatões portuguezes, e dos especuladores fibusteiros peruanos. Durante os tempos de tranquillidade e paz esse genio innovador traduz-se pela accepção dos costumes os mais livres, e pela introdução de tudo quanto é bizarro na vida cidadã, sem que busquem guardar as devidas proporções, nem a modestia dos povos conservadores.

No meio d'esta movimentação irritada, é facil comprehender quanto a familia não deve soffrer no seu socego e na sua dignidade.

Nas grandes cidades, nos emporios commerciaes como o Rio de Janeiro, está visto que o relaxamento dos laços domesticos facilmente encontra escaudouro nos Polytheamas e nas casas de pensão equivocadas. A depravação não permanece por muito tempo desclassificada e o lar com pouco esforço desinfecta-se. Em cidades pobres, porém, onde a prostituição não existe systematisada, e, portanto, não dispõe de latibulos doirados, nem de "paraísos" discretos ou biombos tolerantes, que possam abrigar aspirações voluptuosas, succede que as irregularidades de costumes, sentindo-se encurraladas pela execração publica, conservam-se por mais tempo no interior das casas de familia, guardando uma attitude correcta entre as mais honestas. Pode-se afirmar que, na maior parte dos casos, taes indignidades, não encontrando modo de vicejar e expandir-se por falta de um ambiente apropriado, acabam por uma reabsorpção igual á que se nota nos tumores abortados.

Parece que uma intoxicação d'essa natureza operou-se no Ceará depois da ultima secca e aggravou-se consideravelmente com algumas innovações introduzidas na capital d'aquella provincia pelo presidente de então, moço de innegavel talento, de aptidões raras para a administração, dotado de imaginação febril, acostumado á vida phantastica dos boulevards de Paris e ainda avido de sensações fortes. Essa intoxicação ou desequilibrio seria com mais probabilidade produzida pela irritação do "babysmo" alludido, por ventura adormecido na rotina da época anterior; e que naquelle periodo accendeu-se em appetites gargantuescos de um luxo impossivel, de uma vida high-lifeana sem base, e de um "flirt" avesso ao matutismo ainda não desbastado dos indigenas. E' precisamente esta situação historica da vida cearense que o Sr. Adolpho Caminha surpreheende como fino observador e transporta para o livro, formando com ella a "mise en scène" do seu romance.

II

O entrecho da obra é simples e nada tem de original, versando como versa sobre um abuso de confiança que tem servido de assumpto a mais de um romance. Todavia, o modo pelo qual se effectúa esse abuso de confiança sae fora da vulgaridade, e os meios observados pelo romancista não parecem substituidos de eloquencia.

Padrinhos como João da Matta, que seduzem affilhadas abusando da intimidade domestica e da ascendencia tutelar, tem existido muitos; mas o que não é encontrado a cada passo é o se-

ductor caviloso de aidela, que, espelando a influencia do meio pervertido em que proprialmente introduz a sua victima, precipita-se sobre esta no momento critico da sua passagem do estado de casta para o de loureira, ao mesmo tempo que a admoesta e favorece a intercorrência de uma paixão ideal de moça romantica.

Neste ponto o Sr. Adolpho Caminha pode se lisonjejar de ter conduzido os personagens principais do seu romance com maxima felicidade.

Por mais repugnante que seja a substituição de Maria do Carmo, menina ingenua e desamparada, e a sua imprevisita capitulação deante de um homem sordido que ella detesta e repelle, é irrecusavel que a naturalidade do facto justifica-se cabalmente não só pela composição do ambiente que a cerca, mas tambem pela entontecedora e subita invasão de costumes livres capazes de anarchisar os cerebros mais seguros, quanto mais a cabeça de uma creança desfibrada pelo contacto de pessoas desbriadas e destituidas dos mais rudimentares estímulos moraes.

João da Matta apresenta-se um pulha, incapaz do mais insignificante acto de audacias, suino no corpo e no espirito, indefezado contra as proprias asnidades. Entretanto, quando menos espera, encontra-o o leitor, transposto o Rubicon dos escrupulos paternos, triumphante, apesar de tratar-se de uma rapariga que está apaixonada por outro com quem ancia casar-se. Tudo isto, porém, desfaz-se sem grandes lutas, quasi, por assim dizer, de um modo material; e são as circumstancias, as putefrações adjacentes ao meio que se encarregam do desenlace fatal.

Maria do Carmo vae passear uma tarde á avenida Caio Prado, em companhia de uma collega normalista, e ahí encontra-se com o redactor da PROVINCIA, que não perde por falta de audacia e com o estudante Zuza, que a requesta com toda a delicadeza de estudante intelligente. A avenida está repleta de povo, e a banda de musica "dá começo a um tango, repinicado, saltitante e carnavalesco." O prestigio das multidões apodera-se da pobre moça, que, perdendo logo a noção da dignidade domestica, deixa-se deslumbrar pelo ruido festivo da sociedade; aceita o braço que o namorado lhe offerece e não tarda achar-se, como qualquer "cocotte," junto a uma meza de botequim, a tomar cerveja e a ouvir commentarlos "fin de siècle." Os effeitos d'essa audaciosa excursão no mundo desconhecido da roda sem escrupulos limitam-se, entretanto, em quanto a imprevidente moça conservava-se no jardim, ao furto de um beijo, arrebatado numa passagem mais escura da avenida. Ao entrar em casa, porém, a situação da pobre normalista assume um caracter gravissimo. Não é impunemente que uma menina bebe cerveja em companhia de rapazes num lugar publico. Maria do Carmo penetra no lar domestico "offegante, esfalfada, com a cabeça a arder, muito corada e alegre, o olhar cheio de meiguice, transfigurada pelos effeitos da cerveja, rindo por dá cá aquella palha." João da Matta, que espreeita a occasião, á espera da "maré do carvoeiro," não deixa passar a vasa, e embora naquelle instante não se prevaleça da embriaguez da affilhada, aproveita o momento da inconsciencia para, desculpando-lhe a falta, preparar terreno ao futuro triumpho. Nesta noite fatal Maria do Carmo

ente uma mão de homem afagar-lhe pela primeira vez o seio, e, completamente transtornada, como estudante que volta da sua primeira orgia, mergulhada nesse intermundo phantastico da inconsciencia, que é a ante-câmara do vicio, atira-se "pesadamente na rede, vestida como estava, sem ao menos lembrar-se de soltar os cabellos," adormece e é assaltada por pesadelos indecentes.

"Suava em bicas, muito pallida," diz o livro, "como se acabasse de sair de um forno. Só então reparou, muito admirada, que estava com a mesma roupa com que fóra ao Passeio Publico. Riscou um phosphoro com a mão tremula, accenden a velinha de carnaúba e começou a despir-se depressa.

"Lá fóra, na rua, passava uma serenata. Uma voz de homem cantava uma modinha conhecida, acompanhada de violão e flauta:

"Não cho... res, querida Elvira..."

"Maria sentia-se doente, com um sabor desagradavel na bocca e uma dôr forte nas temporas. Vinha-lhe uma vontade de vomitar, de deitar fóra a cerveja que bebera; sentia um mal estar geral em todo o corpo, como se estivesse para cahir gravemente doente.

"Que seria, Deus do céu? Approximou a vela do espelho, um velho traste com o aço muito estragado, e achou-se muito abatida, os olhos fundos, uma crosta esbranquiçada na lingua. Nunca mais havia de tomar a tal cerveja, uma bebida selvagem, sem gosto, repugnante como um vomitorio. Só tomara naquella noite por causa do Zuza, porque ouvira dizer que "era moda nas grandes cidades" na Côrte e no Recife, as senhoras tomarem cerveja. Mas noutra não enha...

"Quiz chamar a Marianna para lhe fazer um chásinho de laranja, mas era muito tarde, podiam desconfiar, e depois o padrinho agora dormia na sala de jantar...

"Não, não, era melhor não incommodar a ninguem! aquillo havia de passar, se Deus permittisse.

"Tinha até se esquecido de resar... Ajorhou-se, mesmo em camisa, diante da oleographia que representava o Christo abrindo o coração á humanidade, balbuciou uma oração, persignou-se, e, mais aliviada, mais fresca, adormeceu novamente, pensando no estudante."

Esse amor pelo estudante, não obstante, deixa de exercer força no coração da donzella, premunindo-a das más companhias, das imitações civilisadas e dos pessimos caminhos por onde lhe parece mais facilmente poderá chegar ao casamento.

O sordido e crapuloso batracio ali está, proximo d'ella, no compartimento immediato, suggestionando-lhe o passo voluptuoso. O homem que lhe surprehendera o halito alcoolisado e a humilhara atufando-a nessa suprema demoralisação: que a desbriara, tolerando todas as suas imprudencias e quasi estabelecendo um "modus vivendi" de contactos lubricos, a todo o instante e a cada canto, só tinha que dar um salto e cahir sobre a presa estarecida.

E' o que por fim succede. A seducção verifica-se nas condições psychicas as mais propicias para um semelhante attentado. João da Matta contrariava systematicamente o casamento da tutelada, enlace que aliás se figurava á rapariga como um dom do céu, graças á posição social e á familia do namorado.

Pois bem, o repellente seductor surprehende-a mal acordada, e, no escuro, despertando-lhe curiosidades indiziveis, quasi em estado hypnotico, entre terrores, anseios, excitações genesicas, e promessas de um noivado proximo, consuma o sacrilegio nefando.

O novel escriptor, como se vê, escolheu o pincel naturalista. Da palheta saem-lhe tintas gritadoras de um realismo muitas vezes obsceno; e a linguagem de alguns dos personagens excedem as raias do que de ordinario se permite em livros.

Deante das actuaes tendencias mysticas da litteratura é bem natural que o Sr. Caminha encontre uma critica prevenida a insurgir-se contra as paginas do livro, as quaes por isso mesmo, ha bem poucos dias, seriam lidas, relidas e applaudidas como especimens da mais apurada poesia,

Mas a mim pouco interessa que a obra tenha as características d'esta ou d'aquella escola, desde que essa obra revele talento e as mais pronunciadas disposições para o genero litterario de que se trata.

ARARIPE JUNIOR.

(Continúa.)

SERTANEJAS

(A VALENTIM MAGALHÃES)

I

Um sol de Abril esplendido radia,
Brosando de oiro as trevas searas;
Uma briza outomnal, fresca, arrepia
De leve a copa ondeante das taquaras.

Pela aba azul da vasta serra
Cascatam regatos de aguas claras;
Na solidão da matta erma e sombria
Grasnam os papagaios e as araras.

Cantado da cacimba as lavandetas,
Dessem cantando, alegres, bandoleiras,
Uma canção de amor em tom magoado.

Ao latido longinquo de um rafeiro
Une-se a voz sonora de um vaqueiro
Pelas quebradas abaiando o gado!

II

Trilham elgarras pela matta umbrosa.
E' meio dia: os fartos ruminantes
Boseam a sombra augusta e mysteriosa
Das grandes oitycias farfallhantes.

Cantam as aves dos sarcaes distantes
A' beira da corrente murmurosa;
De um toiro, ao longe, os brados retumbantes
Resoam como troupa estridulosa.

Ladeira abaixo, desce galopando
Um grupo de vaqueiros, fustigando
Os ardentes e lepidos cavallos.

Um tropeiro assobia estrada fóra;
Distante echôa, limpida e sonora,
A compassada musica dos gallos!

III

E' tarde: o aracaty de manso beija
A fronde collossal dos joazeiros.
Voltam as vaccas aos curraes, arqueja
O sol, doirando os valles e os outeiros.

Voam bandos de pombos forasteiros
Em busca do sertão que além verdeja;
Os lavradores voltam galhofeiros
Da lucta do trabalho bemfazeja.

Balem ovelhas; pela serra estruge
O grito dos mocós; no pateo nuge
O gado manso á beira dos curraes.

Ao murmurar dos grandes arvoredos
O sabiá coufia seus segredos.
Livres, á solidão dos vastos mattagães!

IV

Céo de outomno. As estrelas vão abrindo
Lentamente as pupilas abrazadas;
O firmamento austero colorindo
De rutilantes vestes encantadas.

A luz do luar, no ether reluzindo,
Se derrama nas mattas sombriadas,
Como um pallio idéal se diluindo
Em ondas de quebradas em quebradas.

A' porta hospitalara da cabana
Desconta seus amores a serra
Meiga e dolente ao som de uma viola.

Depois, na solidão, erma e deserta...
Como uma eterna sepultura aberta,
A noite a cabeleira de senrola!

THEMISTOCLES MACHADO

PLEBISCITO LITTERARIO

QUAES SÃO OS SEIS MELHORES CONTOS
ESCRITOS POR LITTERATOS BRASILEIROS?

Como terminasse a 23 de Novembro ultimo o prazo marcado para o recebimento de votos para este plebiscito litterario, effectuámos a apuração das cédulas recebidas, a qual deu o resultado que se segue:

Para o primeiro logar obteve maioria de tres votos o conto — No Horto, de Coelho Netto, tendo sido menos votados os seguintes:

Para o inverno, de Coelho Netto; Venus, divina Venus! de Machado de Assis; Impossivel, de D. Adelina Vieira; O Imperio da lei, de Valentim Magalhães; Jesus de Nazareth, de Coelho Netto; Carisa, de Guimarães Passos; Noite na taverna, de Alvares de Azevedo; Um distico, de Machado de Assis; O primeiro dente, de Valentim Magalhães; Christo em Capharnaum, de Coelho Netto; Uma visita de Alcibiades, de Machado de Assis; O tio Jeronymo, de Medeiros e Albuquerque; Miss Dollar, de Machado de Assis; Regina, de "Ignotus"; Theoria do Medalhão, de Machado de Assis; A Casa Verde, de Machado de Assis; Magdala, de Coelho Netto; Lacrimatorio, de Coelho Netto; O ultimo concerto, de Luiz Guimarães Junior; A carteira, de Machado de Assis; Adagio, de Coelho Netto.

2º logar. — Houve um empate entre os contos: O primeiro dente, de Valentim Magalhães e De além tumulo, de Magalhães de Azeredo.

Recebemos ainda votos para os seguintes: Nostalgia da vaga, de Coelho Netto; O rebelde, de Inglez de Souza; Flôres de panno, de Valentim Magalhães; Lembra-te de mim, de José de Alencar; Os argonautas, de Virgilio Varzea; O paraíso, de Coelho Netto; A carteira, de Machado de Assis; Jesus de Nazareth, Christo em Capharnaum, Saudades e As flôres, de Coelho Netto; A grande estréa e Paradoxo do amor, de Valentim Magalhães; Primitivos, de Coelho Netto; Lien-Hôa, de Luiz Rosa; Coração de Caipira, de Lucio de Mendonça; A Forma, de Coelho Netto; Pés nús, de Emmanuel Karnero; As visitas, de "Ignotus".

3º logar. — Houve empate entre os seguintes contos: No Horto, Christo em Capharnaum e Innocencia, de Coelho Netto; Toalha de crivo e Desejo de ser mãe, de Arthur Azevedo; Canario doido e A grande estréa, de Valentim Magalhães.

Foram menos votados os seguintes: Lagrimas de noiva, de Coelho Netto; Atravez do passado, de Domicio da Gama; A parasita azul, de Machado de Assis; Ide! fazei o bem, de Medeiros e Albuquerque; O diabo, de Aluizio Azevedo; Estudo do Feio, de Machado de Assis; A peste, de Silva Tavares; Entrevista, de Arthur Azevedo; Bis in idem, de Medeiros e Albuquerque;

O Rabbi da Galiléa, de Luiz Rosa; As tres gottas, de Coelho Netto; As ruínas da gloria, de Fagundes Varella.

4º lugar.—A apuração para este lugar deu como resultado a primazia ao conto Fio de Ouro, de Alberto de Oliveira, seguindo-se-lhe A Walsa Phantastica, de Affonso Celso.

Foram recebidos mais votos para os contos que se seguem: Toalha de Crivo, de Arthur Azevedo; Goso não cobigado, de Luiz Rosa; Mãe Cabocla, de Lucio de Mendonça; A morte do Clown, de Valentim Magalhães; Uma lição, de Aluizio Azevedo; Desejo de ser mãe, de Arthur Azevedo; Innocencia e Pombas, de Coelho Netto; Marie Duvernoy, de Heitor Guimarães; Em nome da lei, e Honra profissional, de Viveiros de Castro; A perola, de Cesar de Carvalho; Jesus de Nazareth, de Coelho Netto; O palhaço, de Magalhães de Azeredo; O padre, de E. Rodrigues; A virgem loura, de Casimiro de Abreu.

5º lugar.—Mais um empate deu-nos o resultado da apuração para este lugar. Obtiveram o mesmo numero de votos os contos: Toalha de Crivo, de Arthur Azevedo; A perola, de Cesar de Carvalho e Um homem superior, de Heitor Guimarães.

Foram ainda votados os que se seguem: A grande estréa, de Valentim Magalhães; Zahuri, de Coelho Netto; Lien-Hôa, de Luiz Rosa; As violetas, de Julia Lopes; Plebiscito, de Arthur Azevedo; Noite na taverna, de Alvares de Azevedo; Aos vinte annos, de Aluizio Azevedo; Nostalgia da vaga, de Coelho Netto; Walsa fantastica, de Affonso Celso; Salamandra, de Coelho Netto; Desejo de ser mãe, de Arthur Azevedo; Convalescente, de Heitor Guimarães; Jesus de Nazareth, Jettatura e Magdala, de Coelho Netto; O segredo profissional, de Viveiros de Castro; Regina, de Julia Lopes; Na fazenda, de Ezequiel Freire; Coralia, de Oscar Rosas.

6º lugar.—Obteve-o A grande estréa, de Valentim Magalhães, seguindo-se: Desejo de ser mãe, de Arthur Azevedo; Um distico, de Machado de Assis. Houve ainda votação para os abaixo discriminados:

A saudade, Jesus de Nazareth, Nostalgia da vaga, Innocencia e As pombas, de Coelho Netto; Amor de Maria, de Inglez de Souza; A borboleta azul, de Emmanuel Karnero; O que é plebiscito?, de Arthur Azevedo; O retrato, de "Ignotus"; Flôres de panno, A grande estréa, Agencia de sovas e Antes Sapateiro, de Valentim Magalhães; A caôlha, de Julia Lopes; Soror Martha, de Arthur Azevedo; O ultimo tiro, de Guimarães Passos; O anão, de Emmanuel Karnero; A palavra de Deus, de Guimarães Junior; O lenço da condessa, de Affonso Celso; A cabeça de Tiradentes, de Bernardo Guimarães e Convalescente, de Heitor Guimarães.

O resultado da nossa consulta litteraria foi negativo, portanto, uma vez que só para tres lugares é que não houve empate na votação. Foi um acaso curioso esse de haver empate em tres dos logares, facto bem explicavel por serem os mesmos contos votados para collocações diversas, o que dividio muito a votação.

Do que observámos e pôde tambem observar o leitor, os contistas mais lidos são Coelho Netto, Machado de Assis e Valentim Magalhães—o que é natural, pois são elles os que mais numerosa e

assiduamente têm cultivado esse difficil genero.

Publicamos em seguida algumas das chapas firmadas por nomes authenticos.

Dos contos de litteratos brasileiros lidos por mim, os 6 que considero melhores são:

1º, O ultimo concerto—Luiz Guimarães Junior; 2º, Lembra-te de mim—José de Alencar; 3º, A parasita azul—Machado de Assis; 4º, A morte do clown—Valentim Magalhães; 5º, As violetas—Julia Lopes; 6º, O que é plebiscito?—Arthur Azevedo.

S. Paulo, 6 de Dezembro de 1893.

GARCIA REDONDO.

N. B.—Nas condições em que foi estabelecido o plebiscito, me parece que as Rhapsodias, de Coelho Netto não podem entrar em concorrência por consideral-as mais no genero de quadros do que de contos. Não fôra isso, e eu lhes daria o meu voto, porque considero-as um primor de fórma e de originalidade.—G. R.

1º, A carteira—Machado de Assis; 2º, Flôres de panno—Valentim Magalhães; 3º, Atravez do passado—Domicio da Gama; 4º, Mãe cabocla—Lucio de Mendonça; 5º, Lien-Hôa—Luiz Rosa; 6º, A borboleta azul—Emmanuel Karnero.

VICTOR SILVA.

1º, A casa verde—Machado de Assis; 2º, Flôres de panno—Valentim Magalhães; 3º, O diabo—Aluizio Azevedo; 4º, Desejo de ser mãe—Arthur Azevedo; 5º, Noite na taverna—Alvares de Azevedo; 6º, Innocencia—Coelho Netto.

FONTOURA XAVIER.

1º, Rose Castle—Virgilio Varzea; 2º, Nostalgia da vaga—Coelho Netto; 3º, No Horto—Coelho Netto; 4º, Toalha de crivo—Arthur Azevedo; 5º, A grande estréa—Valentim Magalhães; 6º, Jesus de Nazareth—Coelho Netto.

CESAR DE CARVALHO.

1º, Jesus de Nazareth—Coelho Netto; 2º, Paradoxo do amor—Valentim Magalhães; 3º, Bis in idem—Medeiros e Albuquerque; 4º, O palhaço—Magalhães de Azeredo; 5º, O segredo profissional—"Ignotus"; 6º, O ultimo tiro—Guimarães Passos.

M. B. CEPellos.

1º, Theoria do medalhão—Machado de Assis; 2º, A carteira—Machado de Assis; 3º, Estudo do feio—Domicio da Gama; 4º, Innocencia—Coelho Netto; 5º, Aos vinte annos—Aluizio Azevedo; 6º, Flores de panno—Valentim Magalhães.

PLACIDO JUNIOR.
MAX FLEIUSS.

1º, Venus, divina Venus!—Machado de Assis; 2º, A fórma—Coelho Netto; 3º, As ruínas da gloria—L. N. Fagundes Varella; 4º, A virgem loura—Casimiro de Abreu; 5º, Na fazenda—Ezequiel Freire; 6º, Antes sapateiro—Valentim Magalhães.

ARTHUR GOULART.

1º, No Horto—Coelho Netto; 2º, Primitivos—Coelho Netto; 3º, Canario doido—Valentim Magalhães; 4º, Jesus de Na-

zareth—Coelho Netto; 5º, A toalha de crivo—Arthur Azevedo; 6º, A grande estréa—Valentim Magalhães.

BASILIO DE MAGALHÃES.

1º, Adagio, ("Rhapsodias"),—Coelho Netto; O rebelde, ("Contos Amazonicos")—H. Inglez de Souza; 3º, Lagrimas de noiva, ("Rhapsodias")—Coelho Netto; 4º, Goso não cobigado—Luiz Rosa; 5º, Zahuri, ("Rhapsodias")—Coelho Netto; 6º, Amor de Maria, ("Contos Amazonicos")—H. Inglez de Souza.

FARIA CASTRO.

1º, Theoria do medalhão—Machado de Assis; 2º, No Horto—Coelho Netto; 3º, João Mandy—Lucio de Mendonça; 4º, Fio de ouro—Alberto de Oliveira; 5º, A caôlha—Julia Lopes de Almeida; 6º, Pedro Gobá—Ezequiel Freire.

VALENTIM MAGALHÃES.

1º, Canario doido—Valentim Magalhães; 2º, Theoria do Medalhão—Machado de Assis; 3º, Fio de ouro—Alberto de Oliveira; 4º, Innocencia—Coelho Netto; 5º, O palhaço—Magalhães de Azeredo; 6º, Os argonautas—Virgilio Varzea.

LUIZ ROSA.

1º, O caso da vara—Machado de Assis; 2º, Desejo de ser mãe—Arthur Azevedo; 3º, Cinzas frias—Alcindo Guanabara; 4º, João Mandy—Lucio de Mendonça; 5º, Flores de panno—Valentim Magalhães; 6º, Os primos—Emmanuel Karnero. (Com a declaração de que essa ordem é apenas a ordem em que elles me vêm á memoria).

PEDRO RABELLO.

1º, Nostalgia da vaga—Coelho Netto; 2º, Flores de panno—Valentim Magalhães; 3º, Lien-Hôa—Luiz Rosa; 4º, Aos vinte annos—Aluizio Azevedo; 5º, A carteira—Machado de Assis; 6º, A grande estréa—Valentim Magalhães.

JULIO DE SOUZA.

1º, A caôlha—Julia Lopes de Almeida; 2º, A morte do clown—Valentim Magalhães; 3º, Pedro Gobá—Ezequiel Freire; 4º, Cantiga de esponsaes—Machado de Assis; 5º, Mãe cabocla—Lucio de Mendonça; 6º, O balanço de Annita—Alberto de Oliveira. (Se houvesse mais um lugar seria para "Os palhaços" de José Vicente Sobrinho.)

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

AZAS DE MARMORE

(A MAX FLEIUSS)

Passas por mim, tão fria, ó flôr do pólo,
Que me lembras a frígida esculptura
De um anjo que eu já vi, ó desconso!
De azas abertas, numa sepultura...

Fria expressão no marmore fulgura:
O anjo, no entanto, mãos em cruz no collo,
Os olhos prega na celeste altura,
As azas despregando d'este solo...

E, vendo-te, somnambula formosa,
Passar, indifferente, silenciosa,
Como dentro de um manto de luar,

Penso que do teu corpo o alvo peccado
E' mais frio que o marmore sagrado
D'aquellas azas brancas a voar...

S. Paulo—Novembro—1893.

WENCESLAU DE QUEIROZ

CARTAS Á MINHA IRMÃ

III

28 DE DEZEMBRO.

Num papel fino com flores ligeiramente bordadas, numa tira extensa e larga, fomos hoje alegremente saudados pelas primeiras notícias tuas da terra do Mikado. . . Esse papel japonês trouxe-me uma sensação nitida do magnifico palz e, atravez das delicadas ramagens das flores artificiaes, surgiu-me perfeita a caraça bonachona de um burguez do Japão, serio e grave, com o rabicho torcido em uma penca no cocuruto. . . Abriu-se-me a bocca em um riso jovial, ri-me, e a japoneza sumiu-se e desenrolarem-se-me á vista as linhas da tua escripta apressada e impressionista, que se vae bamboleando pelo papel abalxo como uma mandarina de Tokio vae pela rua principal da sua cidade, á escolha de rendas com que se enfeite para, á hora calmosa da sesta, enquanto o vento toca sua marcha solemne de assobios pelos arvoredos do jardim, Ir, toda gentil, toda esbelta, toda em enfeites, coçar com o dedo minlmo o queixo rapado do marido pausado. . . E o arvoredo, por entre os assobios, estremece, pois é a hora sagrada em que o occidente com sua guéla de fogo engole o sol, deixando o céu vivo sepultar-se na treva, d'onde brotará (se os deuses quizerem) o globo macio da lua, com o facho languido do seu clarão a rodar pela terra. E a tua escripta vae bamboleando pelo papel abalxo. . .

Depois, quando me contas que no banal dia de S. Malaquias, nessa sexta-feira luminosa em que completou mais em feliz anno S. M. o Imperador do Japão, todo mettido na sua tunica de seda crúa, em que recortes de fibra de bambú fazem bordados, indo ao baile de gala que então Tokio viu, quando me contas que ahí admiraste uma princeza com a frente de sua veste toda repleta de joias de custo, saltou-me na mente, na mente phantasiosa que o teu irmão tem, um sonho asiatico que me foi, sem cerimonia alguma, collocando no salão de baile, nos braços cbr de marfim da princeza, n'uma dança cheia de mencias acrobaticamente voluptuosos. E noutro dia teu irmão, mlnha adorada irmã, era um príncipe, pesado de pedrarias, depois de ter passado algumas curtas horas, á espera do sol, num immenso leito principesco, em um quarto coherito de tapeçarias, com uma clarabola de vidros de côres, por cima da qual a lua arregalava o seu olho sensual. . . E apenas a manhã, a doce e fresca manhã japoneza, desabrochava do calice escaurlate do oriente, eu ia passeiar nas ruas e praças da cidade a mlnha riqueza e a mlnha felicidade, e nas lojas de "bibelots" os cuixeiros, sentados nos balcões, embasbacavam-se a me olhar, e á porta das vivendas dos nobres, dos ministros, dos fidalgos de rabicho que se arrasta pelos pés, as meninas aristocraticas vinham offerec-me, num sorriso atrevido dos seus olhos compridos, a sua deliciosa virgindade. . . .

E lá se me foi o sonho asiatico, e aqui me acho só, com a penna na mão e com uma saudade maguada das joias de custo da princeza. . .

Esperas ancioso pelo proximo dia da festa dos crysanthemos, no decimo dia do mez de Novembro, que, segundo di-

zes, promettia maravilhas, pois é a festa da flôr de coração do japonês, o symbolo justo do paiz brilhante na sua côr de ouro desmaiado, a flôr cuja prisão galante é a cabelleira que rescende ao musgo cheio de volupia mysteriosa, juntamente com o aroma provocante do arroz secco. E quantas d'essas cabeças chelas de aroma não hão de ir encantar a festa dos crysanthemos, e al! como eu sinto não ser japonês para as enrolar debaixo do meu braço, pelas noites callidas, e ir beijando-as, beijando-as, até que o sol salte no céu, jocoso e rubro, qual um demonio chocadoreiro. . .

. . . E passaste o Natal de Christo, o nosso Deus, no paiz de Confucio, o philosopho mystico de sol e de divindades pagãs de grandes ventres. Emquanto ahí estás, nasceu por cá o menino Jesus e ai! que lindo que elle nasceu! Depois de uma grande trovoadá, brilhou no céu lavado a lua pura, casta e immacula como Maria de Nazareth, e em todas as hortas, por entre o halito fresco das hervas, os gallos cantaram boas-festas, e os sinos badalaram tranquilos, com revoadas de preces, chamando-me para a missa, a mim, este teu irmão hereje, que sente no emtanto a alegria expandir-se-lhe na alma no santo dia de Natal.

JOSÉ VICENTE SOBRINHO.

S. Paulo, 1893. (19º anno).

A' NOITE

A estas horas, enquanto o amplo sendal das
[brumas
Escurece lnda mais a noite, amplo e disforme,
Dos tépidos lençoes entre as alvas espumas,
Olhos fechados, bocca entreaberta, ella dorme. . .

Dorme, enquanto cá fóra as nocturnas baifagens,
Que atravessam o espaço em morosos arraucos,
Annunciam que sob o tecto das folhagens
Perpassam subtilmente unctuosos corpos bran-
[cos. . .

Dorme, ou vela talvez, que hoje, timida e canta,
Me disse, olhando o céu como quem olha a esmo,
Numa voz clara, onde erra uma nota de flauta:
"Espero-te hoje, á noite." E acrescentou: "Vem
[mesmo?"]

"Venho, mas, para que?" Disse-lhe com ternura,
Olhando-a após com a mais fugida indifferença,
Ella teve no olhar um brilho de censura,
E na formosa bocca una phrase suspensa. . .

E eis-me a esperal-a, pois. Mlh'alma se retouca
De impaciencia de vel-a. . . E sinto-me tão farto
Já de esperal-a. . . Como um halito de moça,
Evolu-se-me em torno o aroma do seu quarto.

Mas ell-a! O aureo cabello atado por um nastro,
Branca, pallido o rosto, inquite o vacuo, espiolha
A sombra. . . E o seu olhar claro e brilhante de
[astro
Parece illuminar todas as cousas que olha.

Reconheceu-me, emfim! Já se aproxima: os
[passos
Move; olha em toruo; pára; accende o olhar;
[caminha. . .
"Não temas, sou eu mesmo. . . Els-te, emfim, nos
[meus braços!
Minha, e de mais ninguem! minha, sómente
[minha!"]

S. Paulo. JULIO CESAR DA SILVA.

GAZETILHA LITTERARIA

Está publicado o novo livro do nosso eminente collaborador Dr. Martius Junior:—**TELA POLYCHROMA**. Ainda não tivemos, comtudo, o gosto de ler a nova obra do illustrado cantor das **VISÕES DE HOJE**.

O **CORAÇÃO** intitula-se a collecção de poesias de Zalina Rolim, a nossa joven e inspirada poetisa. E' um volumezinho elegante, nitido, convidativo. Só não nos agrada o retrato da autora, em xylographia.

O original é infinitamente mais deli-cado, sympathico e formoso. Sem tempo para dizer do livro neste numero, recommendamos com empenho a todas as nossas leitoras os versos encantadores de Zalina Rolim — harmoniosos e puros como a sua alma de virgem.

Araripe Junior, o critico eminente de José de Alencar, volta a honrar-nos com a sua collaboração. D'elle começamos hoje publicar um estudo d'**A NOU MALISTA**.

Accedendo gentilmente ao nosso convite, está Araripe Junior escrevendo o retrospecto litterario do anno findo.

Para que esse trabalho seja o mais completo e consciencioso possível, pedimos a quantos hajam publicado obras no correr do anno transacto a gentileza de nos enviar um exemplar, que faremos chegar sem demora ás mãos do illustrado autor do nosso **RETROSPECTO LITTERARIO**.

Terminaram, ao que parece, as **CARTAS LITTERARIAS** de A. C. na **GAZETA DE NOTICIAS**.

O autor conclue proclamando Coelho Netto e Aluizio Azevedo os dois escriptores mais activos e operosos da geração actual,—no que tem talvez razão,—e fazendo taboa rasa de todos os demais, só considerando artistas Cruz e Souza e Bernardino Lopes—o que é clamorosa injustiça.

Vê-se logo que o critico é joven, tem sangue na guelra e quer fazer barulho para dar na vista. Bom proveito.

Coelho Netto vae encetar n'**O PAIZ** a publicação de um novo romance, intitulado **INVERNO EM FLOR**—um titulo soberbo.

O assumpto é o estudo da paixão amorosa de um velho por uma sua pupilla, a analyse minuciosa da transformação do santo amor de pae no desregrado e vehemente amor carnal. O mesmo assumpto, em summa, do **DOCTOR PASCAL** e quasi o mesmo d'**A NORMALISTA**. Estamos anciosos pela leitura do **INVERNO EM FLOR**.

Para o primeiro dos nossos 4 concursos annuaes já recebemos um trabalho. Traz a legenda—"SUA ALMA, SUA PALMA."

OS COLLEGAS

Reappareceu **L'ECHO DU BRÉSIL**. Traz agora como redactor-chefe ainda um Jorge; mas, desta vez é o Sr. Jorge Lardy, jornalista de pulso firme e tirocinio feito.

O programma do Echo continúa sendo o mesmo. O artigo de fundo, epigraphado **LA SITUATION**, é criterioso e justo. Termina por estas palavras, cheias de alentadora confiança no futuro do Brasil:

"A educação politica está se fazendo rapidamente ao troar do canhão e ao zunir das balas, e quando a Nação sair d'esta crise, que todos os povos livres têm atravessado, ella saberá dirigir-se sózinha e a Republica nada terá que temer das ambições pessoais."

Saudamos ao digno collega.

Eil-a novamente a visitar-nos a nossa velha amiga **GAZETA DE NOTICIAS**, que uma ordem policial havia suspendido; eil-a a visitar-nos todas as manhãs, leve, travessa, variada, e agora enriquecida por illustrações humoristicas do nosso Belmiro de Almeida.

THEATROS

Com a prolongação da revolta, que, ha quatro mezes paralyza todas as manifestações da actividade nacional, os theatros cada vez menos fazem e vão se dissolvendo ou emigrando as companhias que nelles trabalhavam.

A do Variedades anda excursionando ainda pelo estado de Minas; a do Santa Anna desmanchou-se; a do Lucinda não dá signal de vida. Só resistem ainda a do Recreio, que vaeservindo ao publico o velho repertorio dramatico, e a do Apollo, que vaendo tem-te-não caias, com A VOLTA DO MUNDO, o ABACAXI, etc.

Grças a essas causas consternadoras, viram-se Eduardo Garrido e Arthur Azevedo obrigados a suspender os ensaios do PUM! que fica para melhores tempos.

O Conservatorio Dramatico prohibio a representação do novo quadro escripto pelos autores do ABACAXI em additamento a esta revista, e que se intitulava UM ARRASTADO EM CASA DE MARIA RITA.

E porque prohibio o Dr. Ataliba Dramatico, queremos dizer: o Conservatorio Dramatico a exhibição do promettedor "Arrastado?" Explicou-o Vicente Reis, um dos paes do ABACAXI, em uma carta, espirituosa e sensata, dirigida a O PAIZ. Foi por não estar o tal quadro escripto em "linguagem litteraria!" "Où la litterature vâ-t'elle se nicher!" Esta é de rebenta-cós!

E' necessario eliminar a Censura. Ella não pode existir em face do § 12º do artigo 72 da Constituição e, sobretudo, ante o espirito alta e amplamente democratico e livre do nosso estatuto fundamental.

A censura prévia, hoje, no Brasil é uma excrecencia moral, sobre ser um attentado constitucional.

Abaixo a Censura! Abaixo o Conservatorio!

E' tempo de apeiar o amavel mas obsoleto continuador da Mesa do Desembargo do Paço do alto dos seus tacões magestáticos.

Além de que, não se comprehende a coexistencia de duas censuras: a do Conservatorio e a da Policia. Se uma só é de mais!

Que a Policia assista, representada por pessoa idonea, ao ensaio geral de cada peça, como se faz em Lisboa, e autorise, modifique ou prohiba o que lhe parecer offensivo aos bons costumes e á ordem publica — é razoavel, é admittivel. Tudo o que for além é abuso, é attentado, é ridiculo.

Lembram-se, porventura, os leitores de que haja feito beneficio o actor Maggioli? Não; nem eu. Ha nove annos que o velho e proveccto artista, um dos ultimos abencerrages da boa arte dramatica não se soccorre a esse meio de que usam e abusam as seus collegas para recheiar o bolsinho.

Pois bem. Maggioli fará beneficio a 24 deste mez, no Recreio Dramatico, a cuja companhia pertence, com o venerando mas sempre applaudido drama de D'Ennery — A CRUZ DA MORTA, em 5 actos, 7 quadros e innumeras comcoções.

Como ha nove annos que elle não se beneficiava, cada um de seus admiradores, que são muitissimos, deve-lhe nove bilhetes de beneficio; portanto, nove bilhetes, deve comprar cada um d'elles para o beneficio do Maggioli, a 24 do corrente.

Em Maio d'este anno deve chegar aqui a companhia de opereta de que é director Souza Bastos e que ora trabalha no Theatro da Trindade, de Lisboa.

Eis o seu elenco. Actrizes: Pepa Ruiz, Anna Pereira, Amelia Barros, Mercedes, Blasco, Augusta Cordeiro, C. Fantasy, Izaura Ferreira, Amorim Vianna, Adocinda Lobato e Estephania Pinto; actores — Raymundo Queiroz, Augusto, Portugal, Alfredo Carvalho, Gomes, Oliveira, Justino, Miranda, Fernandes e Teixeira.

Repertorio: A HERANÇA DO ALCAIDE, D'ARTAGNAN, TRES DIAS NA BERLINDA, BARBA AZUL, O MIKADO, VIAGEM DO REI CARRAPATO, O TRAGABALAS, A CÔRTE DO REI PIMPÃO, A GUERRA ALEGRE, OS 28 DIAS DE CLARINHA, A SULTANA, O SEGREDO DE UMA DAMA, UMA NOITE EM VENEZA, BOCCACIO, OS GRANADEIROS, A MASCOTTE, RAPHAEL E A FORNARINA, DIA E NOITE, REVISTA DE 1893, D. JUANITA, FIM DE SECULO, TIM-TIM POR TIM-TIM, etc., etc., etc.

P. TALMA.

MUSICA E DANSA

CONCURSO MUSICAL

Ao encetar suas transacções commerciaes, a casa Fontes & C., estabelecida com commercio de pianos e musica, instituiu premios annuaes para os compositores, cujas produções musicas, editadas pela mesma casa, maior successo obtivessem durante o anno.

Nesse sentido, o concurso do anno findo, teve o seguinte resultado:

MUSICA E DANSA (piano)

Premios: 150\$000 ao 1º e 50\$000 ao 2º

Premiadas: MADRIGAL, valsa, de Aurelio Cavalcanti.

ANDALUZA, valsa, de J. Ferreira Torres.

PEÇAS ORIGINAES (piano)

Premios: 150\$000 ao 1º e 80\$000 ao 2º

Premiadas: AMOR DE MÃE, gavotta infantil, de Miguel Cardoso.

MAGDÁLA, valsa poetica, de Julio Reis.

Logo que o digno director do Instituto Nacional de Musica communique á firma Fontes & C. o nome do alumno que terminou o curso em 1893, com maior applicação e brilhantissimo, selhe-ha conferido o premio de 200\$000. Este premio tambem é annual.

Como festas recebemos da mesma acreditada casa dos Srs. Fontes & C., exemplares das seguintes peças editadas em seu estabelecimento:

PAGLIACCI, transcripção para piano; MAGDÁLA, valsa poetica; I PESCATORI DI PERLE, transcripção para piano, todas do nosso collaborador Julio Reis; MADRIGAL, valsa, de Aurelio Cavalcanti; ANDALUZA, valsa, de J. Ferreira Torres; AMOR DE MÃE, gavotta infantil, de Miguel Cardoso; UFANA, valsa, por D. Amalia Braga; CAROLINA, mazurka, de Aurelio Cavalcanti; SAHE POEIRA! polka, por D. Julia L. d'Oliveira.

Decididamente o sympathico Fontes vai ser o nosso Ricordi!

Os bravos e invenciveis Democraticos enterraram o negregado anno velho na noite do dia de S. Silvestre com um baile archi-metralhativo e ultra-ribombastico. As mais illustres representantes do "monde de la haute nocte" estiveram, apezar do calor nubiano que liquefazia os cerebellos, á altura de um principio... final.

Dançou-se com enthusiasmo até que a aurora com os seus classicos dedos cor de rosa entreabrisse as venezianas do céu. A ceia, que esteve o-pi-pa-ra, foram erguidos vivas e "hurrahs!"

Honra aos foliões heroicos que desafiam as granadas a pinchos de cancan!

Como antes tarde que nunca, apresentamos nossos cumprimentos e boas vindas ao joven e talentoso maestrino Luiz Moreira, que chegou ha pouco de França, onde passou oito mezes frequentando conservatorios e casas de opera. Luiz Moreira deve regressar á França em Março proximo, para completar seus estudos musicas.

J. SONÓRO.

CONCURSOS LITTERARIOS

Fizam estabelecidos quatro concursos trimensaes, de prosa e verso.

O primeiro, aberto, desde já, será encerrado no dia 15 de Fevereiro; o segundo será aberto a 1 de Abril e encerrado a 15 de Maio; o terceiro será aberto a 1 de Julho e encerrado a 15 de Agosto, e o ultimo será aberto a 1 de Outubro e encerrado a 15 de Novembro.

CONDIÇÕES GERAES

Os manuscritos, dirigidos ao director d'A SEMANA, trarão, em vez de assignatura, uma divisa ou legenda e devem ser escriptos em letra bem intelligivel.

Devem ser todos completamente inéditos.

Cada manuscrito será acompanhado de uma sobrecarta, na qual se leia a divisa ou legenda correspondente ao manuscrito, a declaração: "Prosa" ou "Poesia", e dentro da qual virão o nome e a residencia, do autor do trabalho.

Quer para as composições em prosa como para as em verso a maxima liberdade é concedida para a escolha do assumpto e a fórma da obra.

O mesmo autor pôde concorrer a ambos os torneos, tanto o de prosa como o de poesia. Cada concorrente só pôde apresentar um trabalho.

Os trechos de prosa—contos, quadros, fantasias, seja o que for—não deverão ter menos de 150 linhas (de uma tira de almaço) nem mais de 400.

Os poemas não conterão menos de 14 versos nem mais de 150.

Nos mezes de Março, Junho, Setembro e Dezembro serão publicados os trabalhos premiados em cada concurso anterior.

OS PREMIOS

Para o concurso de poesia só estabelecemos um premio. Para o de prosa—tres: primeiro, segundo e terceiro. Se acontecer que dous, tres ou quatro poemas mereçam o premio unico, será este conferido a um e os outros passarão para o seguinte concurso. O mesmo para o caso de merecerem varios trechos de prosa o primeiro dos tres premios.

Consistirão estes em livros de luxo, raridades bibliographicas, autographos preciosos, retratos de celebridades, ricamente emoldurados, etc.

A DIRECÇÃO.

COLLABORAÇÃO

A DANSA DO VÉO

Pallidos tons do crepusculo vespertino illuminam as esbeltas columnatas do Templo d'Isis e ouvem-se rumorejar ao longe as fertilisadoras aguas do Nilo!

Suave brisa agita os leques das esguias palmeiras e a sacra Isis já ensaia o véo ao caro ninho, escondido entre os lotus e as tuberosas!

De vez em quando, as baunilhas e os cinamomos entreabrem as avelludadas coróllas e inebriantes perfumes imprégnam o ambiente!

Esplendido luar já illumina parte do atrium sagrado, e desenha ao lado magica sombra!

Por clima da leve areia estendem o listrado tapete. Afinam-se as frantias, alçam-se os tamborins, as douradas harpas recostam-se ao hombro dos músicos e desprendem electrizantes acórdes!

A turba dispõe-se em circulo.

Um vulto, especie de fada dos amores, como por encanto, surge em cima do tapete!

Longo véo côr-de-rosa envólve-o todo. A' proporção que a musica anima-se,—o véo ondêa, ála-se, deixa admirar o contorno do niveo braço, a fórma da pequenina mão, a graça do mimoso pé, a linha voluptuosa do corpo seductor!

De repente, no voltar do tentador ballado, o véo desprende-se, desliza, cahe,—oh! deslumbramento! — e resplende divinal o alabastrino corpo da Almêh,—os pésinhos a furtivamente beijar a alfombra, o dorso alrosamente curvado, as mãos a agitar a dourada pandeireta, os rijos seios a arfar, os negros cabellos a acariciar a sombra,—toda abrazada a celeste huri pela fadiga, amorosamente beijada pelos extaticos olhares da turba que applaude, que exulta, e que se embriaga com essa visão toda luz, toda perfumes, toda amôres!

Durante a scena, mil estrellas scintillam nos céos, como outras tantas huris, avidas de gosar aquella feérica visão, porém chelas de inveja d'essa mulher, que parece irmã das Nymphas e rival de Venus!

JULIO REIS.

("Scenas e Fantasias.")

NOCTAMBULOS

Abro a janella, e, como se eu souhasse, O Azul todas as noites contemplando, Vejo passar aligero, fugace, Bando de sombras, mysterioso bando...

Passa, revêta tão subtil, tão brando, Tão brando e leve, do infinito em face, Que, assim, parece quando vai voando Turba de sylphos que a voar passasse...

Não pára, segue. E quanto mais os vejo, Lida taes uma vez ficar desejo Esses espectros pallidos, tristonhos!

Ninguem os vê, ninguém os viu ainda, Pois nenhum outro olhar, nenhum, deslinda Sombras que são as sombras dos meus sonhos...

Reefte—1893.

DOMINGOS LEXO.

Factos e Noticias

O nosso estimado collega Coelho Netto, ora em Vassouras, acaba de perder seu filhinho Paulo, de dois mezes de idade—aurora permanente de seu lar feliz e calmo. Nossas condolencias.

O nosso companheiro Max Fleiuss, tem recebido larga e cordialissima hospitalidade em S. Paulo, tanto dos collegas de imprensa como do publico. A todos agradecemos, em nome d'elle e em nosso nome, penhoradissimos.

O Dr. Joaquim Dias Laranjeira, cunhado do nosso collaborador e amigo Urbano Duarte, acaba de ser duramente golpeado no coração com a perda de sua querida esposa, filha do general Azeredo Coutinho. Nossos pesames.

Pede-nos o nosso collaborador Damasceno Vieira a inserção do seguinte erratum:

"Em o n. 21 d'A SEMANA, pag. 163, 7ª linha, onde lê-se "a lembrar uma estatua negra," lê-se: "a lembrar uma estatua grega."

FOLHINHAS E ALMANACHS

D'A EDUCADORA recebemos alguns lindos e elegantes calendarios perpetuos de pôr sobre a mesa, em fórma de quadros.

Nelles se lêem os dois seguintes aforismos, cuja ponderação recommendamos aos leitores:

"O seguro de vida é a providencia dos pobres."

"O seguro de vida é a tranquillidade dos ricos."

Pelos proprietarios da grande e opulenta casa de artigos para homem A Torre Eiffel, os Srs. F. Portella & C., fomos mimoseados com dois lindos calendarios de parede, duas perfumosas carteiras de seda e varias colleções de cartões—chromos; tudo revellando muito bom gosto, além da refinada gentileza dos offerantes.

Obrigadissimos.

Os Srs. Cardozo, Freire & C., estabelecidos nesta cidade com officinas de impressão e composição, offereceram-nos, como presente de bons annos, uma esplendida folhinha de desfolhar, collocada num mimoso cartão com desenhos chromoltographados. Acompanhando o gracioso presente, recebemos ainda seis calendarios-agenda, tudo para o anno de 94. Calendarios e folhinha são dignos de ser apreciados pela perfeição, nitidez e supremo gosto com que foram feitos naquellas officinas, talvez as primeiras d'esta cidade. Os Srs. Cardozo, Freire & C. levaram a sua bondade para com a imprensa ao extremo de mandarem gravar em cada uma das folhinhas o nome dos jornaes por elles mimoseados.

Pela parte que nos toca enviamos-lhes d'aqui sinceros agradecimentos pelo mimo de bom gosto.

ARCHIVO

Recebemos e agradecemos:

O MAR—novella do Sr. Alves de Farias, com uma carta-prefacio do conhecido contista Virgilio Varzea.

Folheto de 60 paginas, regularmente impresso em Carangola.

— AMÉRICO DE ALBUQUERQUE, homenagem ao talento, ao caracter e ao civismo. É uma polyanthêa encommiastica dos talentos e virtudes d'aquelle cavalheiro, com o seu retrato na primeira pagina.

— DA ALIMENTAÇÃO DA CRIANÇA, historia apresentada á Academia Nacional de Medicina pelo Dr. Publico de Mello. 1893.

— O CORAÇÃO, poesias de Zalina Rólim. S. Paulo. 1893.

— VERSOS DE UM BOHEMIO, por Braz Patife. Rio de Janeiro, 1893.

— A REDEMPÇÃO DE TIRADENTES, drama historico, em um prologo, quatro actos e quatro quadros (original brasileiro) por Fernando Pinto de Almeida Junior. Rio de Janeiro, 1893.

ANNUNCIOS

EU ERA ASSIM:



E CHEGUEI A FICAR QUASI ASSIM:



Soffria horrivelmente dos pulmões, mas graças ao milagroso Xarope Peitoral de Alcatrão e Jatahy, preparado pelo pharmaceutico Honorio do Prado,

CONSEGUI FICAR ASSIM:



COMPLETAMENTE CURADO E BONITO!!

Esse xarope cura TOSSES, bronchites, asthma e rouquidão.

Vidro..... \$500

DEPOSITOS:

28 RUA DOS OURIVES 28

115 RUA DO LAVRADIO 115

DROGARIA QUIRINO

99 Rua de S. Pedro 99

DROGARIA PACHECO & C.

150 RUA DE S. PEDRO 150

**ESTABELECIMENTO
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO**

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado
115 — Rua Sete de Setembro — 115
Rua da Carioca, 12 e 14
FILIAL EM PETROPOLIS

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A' CASA PASCHOAL
CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133

Importação por todos os paquetes

Completo sortimento de chapéus para homens,
senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.
Rio de Janeiro

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE

FLORES ARTIFICIAES

Ribeiro de Carvalho & C.
RUA DO PASSEIO

Têm sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas, flores,
etc., etet

**PIANOS E MUSICAS
FONTES & C.**

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

O PEDAGOGIUM

13 Rua do Visconde do Rio Branco 13

BIBLIOTHECA

Laboratorio de Chimica, Gabinetes de Physica
e Historia Natural.

EXPOSIÇÃO DE MATERIAL ESCOLAR

ESTÁ FRANCO AOS ESTUDIOSOS

Nos dias uteis das 10 horas da manhã ás 3 da tarde

REVISTA PEDAGOGICA

Orgão do PEDAGOGIUM. Distribuição gratis aos
Srs. Professores.

ESTA PUBLICADO O 1º FASCICULO DO TOMO V

Dr. P. Pajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas
Residencia Praia do Flamengo n. 96
TELEPHONE 5032

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

DR. VALENTIM MAGALHÃES

ADVOGADO

RUA DOS OURIVES N 71

SEGUNDO ANDAR

DE 1 A'S 3 HORAS

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade : *Partos e Molestias das Senhoras*

Residencia e Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

Papelaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.

Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.

A SEMANA

DIRECTOR: VALENTIM MAGALHÃES

Factor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, rua dos Ourives n. 71, 2º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 13 DE JANEIRO DE 1894

EXPEDIENTE:

Assignatura annual. . . 12\$000
 " semestral 7\$000
 Numero avulso. . . \$200
 " atrozado \$300

As assignaturas terminam sempre em junho e dezembro

Havendo terminado o 1º semestre da segunda phase d'A SEMANA, rogamos aos nossos dignos assignantes o inestimavel favor de mandarem reformar suas assignaturas, afim de que não lhes seja suspensa a romossa da folha.

Os Srs. assignantes de anno tem direito no livro BRIC-À-BRAC, do Valentim Magalhães.

SUMARIO.—Historia dos sete dias—Julio Valmor; O romance brasileiro: A Normalista—Ararip Junior; Victor Hugo. poesia—Soares de Souza Junior; Mãe—J. de Moraes Silva; D. Alda, poesia—J. da Silva; Cartas á minha irmã, IV—Vicente Sobrinho; Poesia e Poetas—V. M.; Chronica dos livros—L. R.; Mario, soneto—D. Castro Lopes; Gazetilha litteraria; No livro—Rosa; Theatros—P. Talma; Factos—Correio—Eurico; Tratos á bola—Frei Antonio; Archivo.

Historia dos sete dias

Porque será, pensava eu pouco antes de me assentar a esta mesa, que entre nós quasi todos os chronistas são metamorphoses de poetas? Poeta o da "semana" da GAZETA, poeta o da "Chronica livre" da mesma, poeta o da "Chronica luminense" do ALBUM, poeta o da "Chroniqueta" do PAIZ que lá fol agora chroniquetar para o ECHO DE DIAMANTINA, poeta o José do Egypto, e se lhe fosse permittido metter-se na roda, poeta mais por aqui, mais por alli, orabiscador d'estas historias.

Sem pretender inculcar extraordinaria perspicacia, não me demorei muito tempo em responder a mim proprio.

E' que a chronica suppõe acontecimentos; ora os acontecimentos têm por vezes caprichos singulares, como por exemplo, não acontecerem, ou acanharem-se, segundo as leis do pudor, quando o pudor das leis aperta com elles, de vir posar inteiramente nus diante da critica esmiuçadora.

N'estas circumstancias é que os poetas são de um valor inestimavel, attenta a facilidade com que exploram o campo da phantasia, não correndo o risco de que a falta de assumpto os obrigue a "ficar curtos," para me servir da expressão franceza.

Peço perdão pelo gallicismo, mas é que o acho extremamente pittoresco: "ficar curto." Nós, pelo contrario, costumamos dizer de um sujeito que não sabe como se ha de sair, que se estendeu. Ora a locução gaulleza é incom-

paravelmente mais expressiva, principalmente tratando-se de chronistas, que verdadeiramente só se estendem, quando se não estendem bastante

Como ia, pois, dizendo, graças áquelle dom com que as musas os dotaram, entendeu-se aproveitar de preferencia os poetas na doce missao de entreterem os leitores em cada semana com historias, toda a vez que os factos não deem de si historia.

Que para este effeito ha quem diga que os philosophos são melhores. Em estes senhores apanhando o fio de uma ldela já o não largam mais, emquanto não urdem com elle uma tela tão complicada que é muitas vezes nada mais nada menos do que um systema completo e fundamental para a comprehensão dos phenomenos da vida.

A meu ver, taes sujeitos andam deslocados n'este fim de seculo. Nós não precisamos absolutamente de comprehender a vida, nem temos tempo para isso, o que precisamos é de viver. Não conseguí nunca pôr em concordancia as duas partes do aphorismo—primeiro viver, philosophar depois—. Depois, quando?

Por isso, encontrando-me, ha dias, com um amigo, que é um dos ornamentos da nossa Escola Polytechnica, no correr da conversa, deixei escapar a seguinte phrase: a philosophia é a dyspepsia do espirito. Como, porém, caminhassemos ambos com pressa e em direcções oppostas, não tive tempo de desenvolver-lhe a minha theoria, o que agora faço, prodigalizando-a, aos leitores para quem não tenho segredos.

E' cousa sabida que, sempre que o nosso organismo funciona com inteira regularidade, que a circulação se faz sem embaraços, que a digestão não encontra impedimentos, que ha, enfim, completo equilibrio em todo o systema, não nos importamos absolutamente com o nosso corpo; trate lá de si, ande como bem quizer, não temos nada com isso. Mas, por pouco que se nos azede o estomago e se nos turve o sangue, ahí entramos nós a observar o nosso organismo, a prescrutar-lhe o funcionamento, a procurar acompanhar passo a passo todo o processo physiologico com uma solicitude verdadeiramente enervadora.

Ora com o philosophismo dá-se exactamente a mesma cousa. Emquanto a nutrição do nosso orgão mais elevado, sede culminante do espirito, se opera espontaneamente e de um modo natural, emquanto a massa encephalica se conserva em toda a plenitude da força creadora que constitue a vitalidade cerebral, não ha perigo que a porção de Hamlet que reside em cada um de nós lhe perturbe a actividade com curiosidades indiscretas: "Ser ou não ser"—"Dormir! Dormir? Sonhar talvez!" E outras que taes.

Mas, tão depressa o absyntho amargo do pik-nik da vida nos sobe á cabeça, estado assás conhecido de todo o mundo pelo nome piccaresco de macaquinhos no sótão, ahí começa cada um a interrogar a esphyngue, com o mesmo ardor obstinado com que um Falstaff das guas, atestado de aguardente, interroga os lagados da calçada.

Na ancia de novidades litterarias com que satisfazer os meus leitores, e por des-sedentar-me a mim proprio da sede que me devora o espirito, percorro as livrarias. Os livreiros negam-me a consolacão de uma obra qualquer que mereça as quatro horas da leitura e os tantos mil réis pelos quares elles mandam traduzir os tres ou quatro francos exarados na lombada.

Então recordo para me contentar o que me disse um dia o escriptor Teixeira de Queiroz, conhecido no mundo das letras por Bento Moreno.

Andando nós a flunar em uma feira de cousas velhas a que dão em Lisboa o nome sibyllino de Feira da Ladra, como aquelle meu amigo me visse encaminhar para um alfarrabista, segurou-me pelo braço e, compondo a luneta com um gesto que lhe é peculiar, quando pretende dar solemnidade á expressão, exclamou: — Anda-te embora. Não precisamos de livros. Livros sabemos nós fazer.

Ficou-me aquillo a trabalhar cá por dentro e muitas vezes penso comigo: Não seria melhor fazermos nós mesmos os nossos livros com as nossas proprias ideias, que, quando não prestassem para mais nada, serviriam ao menos para nosso uso, do que andarmos por ahí á cata de idéas em segunda mão, que nos chegam da França a tres e a quatro francos o volume, principalmente agora que o franco está a 930? Não valeria bem mais concentrarmos nós mesmos as nossas faculdades no recolhimento mysterioso de uma fecundação vivificante?

Vão dizer-me que nem todos são para tudo, que não é fertil quem quer, que ha ahí cerebros verdadeiros Saharas, cabeças verdadeiras Saras no tocante a esterilidade.

Para esses, porém, poderiam talvez experimentar-se com vantagem os meios artificiaes.

Haveria chocadeiras de inspiração, em que actuassem os excitantes, como o café, o alcool etc., com tesourinhas de cortantes ironias, que, á felção de espevitadeiras, aticçassem o cerebro, fazendo-o chispar em bons ditos. Estufas de nobro ardor patriotico sopradas por uns que têm a patria sempre na bocca, o que os desobriga de a terem no coração, com o fim de conservar continuamente des-perto o fogo sagrado que origina as epopeias. Pensar-se-ia na maneira de

injectar-lhes n'alma as grandes commoções interiores que fazem brotar as ideias com a exuberancia das florescencias tropicaes.

Tudo isto poderia haver e muito mais ainda, mas, enquanto nada d'isto ha, que, ao menos, aquelles dos nossos homens de letras, que têm sempre acceso na cabeça o lume vivo a que se refogam os guisados litterarios, se compadeçam na nossa anemia.



— Oh! Então já por aqui! Venha de lá esse abraço. Tinha-me dito que ia ficar por S. Paulo uns dois mezes e agora vejo que não chegou a demorar-se quinze dias.

Esta exclamação aproveito-a tal qual me saiu agora mesmo espontanea, ao dar de cara no escriptorio da redacção d'esta folha com o seu redactor-gerente, que eu fazia-nas delicias da Paulieca, a estragar-se com os mimos com que alli o receberam.

— Vim, mas volto breve, atalhou. Você não pode imaginar o que aquillo é: que vida! que progresso! que edificações! que riqueza! E as pessoas então, que franqueza! que cordalidade! que hospitalidade! E no amor ás letras são de uma cegueira... Imagine você que até gostam das suas chronicas.

— Oh!

JULIO VALMOR.

O ROMANCE BRASILEIRO

A NORMALISTA.—SCENAS DO CEARA'
—por Adolpho Caminha.—1893.

(Conclusão)

III

Não é romancista quem quer ser-o; nem basta o uso de certos processos para que se consiga compôr uma historia ou narrar um episodio da vida de todos os dias de modo a causar sossobro.

E' preciso antes de tudo ter imaginação, alliada a um grande poder de observação; é preciso mais que o escriptor possa meditar o desenvolvimento logico dos caracteres, e traduzil-os ou suggeril-os no espirito do leitor pela intensidade da expressão, que, segundo diz E. Véron, constitue o supporte de toda a arte moderna. Sem estas qualidades, pertença o escriptor a escola que pertencer, nunca passará de insulso relacionador de acontecimentos.

O romance, para merecer esse nome, exige que em suas paginas se imprima uma profunda sensação da vida e da verdade; e é precisamente por isto que, ao passo que as escolas desaparecem, os bons romances rejuvenescem, desafiando a influencia do tempo e o embate das opiniões dos estheticistas; é por essa razão tambem que hoje lemos com o mais vivo interesse o "Tom Jones" de Fielding, os livros de Jane Austen, o "David Copperfield" de Dickens, o "Ontario" de Cooper. Embora oriundos de epochas e phases litterarias diversas e de temperamentos antagonicos, estes romances guardam entre si um parentesco, que é o que resulta da pintura sincera da verdade e do sentimento da continuidade da vida humana. E' ainda devido a essas qualidades que os romances de Tolstoi e Dostoiewsky invadiram o gosto francez e que as obras de Ibsen e Bjornstjerne Bjornson, aliás pela maior parte escriptas ha bons vinte annos, estão no momento actual excitando os appetites poeticos da juventude parisiense, apezar

de todas as pretensões dos novos cenáculos litterarios.

Ora, o autor d'"A Normalista," se não é um mestre consumado na arte de narrar e descrever caracteres, apresenta, pelo menos, no seu primeiro livro uma força de execução notavel, que poderá ser aproveitada na escola que o romancista quizer seguir.

A grande questão é que o escriptor cearense tem a sensação forte e maneja com facilidade a machina do livro. Hoje vemol-o acompanhar como bom discipulo a Emillo Zola ou ao proprio Aluizio Azevedo; nada obsta que amanhã, se o temperamento não o contrariar, enverede pelos estudos psicologicos de Bourget, pela phantasia erudita e impressionista de Huyssmann ou pelo occultismo das ethopeas de Josephin Péladan.

Uma circumstancia, porém, não escapará ao leitor d'"A Normalista;" é o effeito resultante do conjunto dos aspectos exteriores que constituem a "mise en scene" do livro.

Só quem conhece a arte practicamente pode avaliar o valor d'esses elementos exteriores aos personagens do romance. Ha talvez quem supponha que para que um caracter se fixe na imaginação do leitor, violentando-lhe a attenção, basta desrevel-o ou passal-o por diante dos olhos; e assim pensando naturalmente recorda-se da simplicidade, antes da singeleza de Paulo e Virginia, de Hermann e Dorothea, de Graziella e o poeta, e de outras figuras litterarias, que parecem feitas a dois traços e a duas tintas. Pois bem, nada de mais complexo, na sua aparente singeleza, do que esses quadros de amores primitivos.

E' fóra de duvida que as telas não estão sobrecarregadas de incidentes; mas não é menos certo que os autores dessas obras nada perderam do ambiente que pudesse concorrer para dar realce aos vultos sympathicos d'aquelles amourosos.

O idyllo de Bernardin de Saint-Pierre não seria o que é se o não envolvessem a vida e a paisagem tropical da ilha de França. A innocente historia de Goethe não teria para nós o mesmo sabor se não surgisse em torno das duas despretenziosas creaturas a patriarchal aldeia allemã. Os amores de Paulo, tão sentimentamente descriptos por Lamartine, não achariam em nossa alma o mesmo echo doce e melancolico se o poeta não fizesse ouvir o marulho das ondas do golpho d'Ischia e o canto longinquo de pescadores.

Todo o grande segredo de narração reside, portanto, na habilidade com a qual o narrador consegue ligar os seus personagens ao meio em que estes se agitam, colorindo o dialogo e dando intensidade ás figuras pelo jogo da perspectiva.

Não escassa esse dom no autor d'"A Normalista." Se empreendesse analysar com o microscopio um por um dos caracteres é bem possivel que encontrasse grandes hiatus na sua desenvolução logica e até contradicções sob o ponto de vista do determinismo. Mas estes defeitos são perfeitamente resgatados pela adaptação dos personagens ao meio e pelo movimento do ambiente.

Emquanto se lêem aquellas paginas vive-se um pouco no Ceará.

Os accidentes physicos estão todos nos seus logares. As ruas principaes da cidade, o Passeio Publico, o Trilho, o Pajehú, o Mocoripe surgem aqui, alli, além, suggestivos e pittorescos. Os aspectos partiares dos costumes cearenses confundem-se a todo instante

com a acção do romance. A visita do presidente Dr. Castro á escola normal, o exame das normalistas, o "flirt" á tarde na avenida Calo Prado, o casamento de Lydla, o gabinete de redacção da "Provincia," as scenas de um café provinciano; os "hors d'œuvre," em fim, do livro illustionam e completam por tal modo o movimento do romance que quasi o absorvem.

O Sr. Adolpho Caminha não é um preocupado de estylo. A sua narração corre ao natural, sem atavios, mas tambem muito descuidada.

Para os tempos que fluem isto é um crime imperdoavel. Os factos da phraseologia, pelo menos, não o deixarão passar sem atirar-lhe uma pedrada. Nem todos, porém, nascem com o temperamento exigente de um Flaubert ou de um Goncourt. O proprio Emillo Zola nunca se preocupou senão com o vigor da expressão, desprezando tudo quanto pudesse interessar á subtilidade e aos detalhes do pensamento.

Todavia seria para desejar que o estreante evitasse de futuro tal increpação. Nem tanto ao mar, nem tanto á terra.

O estylo não é um fim, mas um meio; e convem que esse meio não se converta em vehiculo de falsas sensações.

ARARIFE JUNIOR.

D. ALDA

("Lieds" modernos)

Hoje D. Alda madrugou. A's costas
Solta a opulenta cabelleira d'ouro,
Nos labios um sorriso de alegria,
Vae passear ao jardim; as flores, postas
Em longa fila, alegremente, em coro
Saúdam-n'a: "Bom dia!"

D. Alda segue... Segue-a uma andorinha;
Com seus raios de luz o sol a banha;

E D. Alda caminha...
Uma porção de folhas a acompanhar...
Caminha... Como um fulgida brilhante,
O seu olhar fulgura.

Mas — que cruel! — ao dar um passo adante
Emquanto a barra do roupão sofreda,
Pisa um cravo gentil de lactea alvura!

E este, sob os seus pés, inda murmura:
"Obrigado, D. Alda!"

FRANCISCA JULIA DA SILVA.

MÃE

"Mãe é mais que mulher.
"Mãe é mais do que tudo.
"Mãe é como dois céos!"

Foram estas as minhas exclamações quando a vi passar, porque não a conheci: ella era outra muito diferente.

A moça que eu vi outr'ora, flexivel, malleavel, esguia como a palmeira, tal qual uma ampulheta de dois corações presos pelo apice, em que se formara a cintura annellada, subtil, papilionacea; a moça que eu vi outr'ora era elegante, gentil, vaporosa, adoravel! e todos que a encontravam sabia que ella queria ser a vestal querida dos deuses, mas não como Iliá.

E' aquella que alli vae?!

A moça que eu vi no balle quando valsava no meio de uma brisa perfumada; e levantava os olhos, levantava as azas... e fazia ver uma nuvem branca no céu?!

Será aquella?!

Ella guardava os seios virgens como se foram os fructos de ouro; olhos cubicosos não podiam penetrar aquelle jardim trançado.

E surgiu a mãe daquelles seios; e surgiu a mãe daquelle ventre; o ventre de Maria?!

Lá vai ella: o peito desvelado, sem temer a cubita, sem ver os olhos penetrantes e furtivos; o filho no collo, como a cruz do amor e da honra, que se prega no peito dos heroeas.

Não tem pejo, não, como o mamoeiro, que é a Pomona metamorphoseada. O passarinho do céu espicaça o fructo maduro, onde está guardada a ambrosia doce e chelrosa.

A cintura mimosa cedeo á chrysalida; cahiram as petalas da flor, ficou sómente o calice, que tem mel nos labios e fel no coração.

D'antes mostrava-se como as estatuas dos jardins, as deusas que estão acima de nós, e vestem-se de nuvens.

Tinha um riso que fazia rir até chorar; tinha um olhar que attrahia sem querer, como Iman que não sente. A bocca faria peccar; os olhos fariam ajoelhar.

Tão formosa!

Agora já não ri para mostrar as perolas e os rubins; já não olha para chamar sem saber: só tem o filhinho no collo; dá-lhe de mamar nos fructos do coração, não traz a couraça das mulheres que ainda querem conquistar; tem o deleixo das deusas que se desvelam porque não temem mais a ousadia dos homens.

Diana transformou-se em Ceres.

Não quer mais que olhem para ella, quer sómente que olhem para o seu filhinho.

E' aquella?! Nem ella mesma o sabe, porque pensa que ninguem vê.

Não quer que a amem: amem só a seu filhinho, tão lindo! tão puro! — e mostra-o.

Acabou-se a palmeira; fugio a borboleta; não resta mais nada d'aquella formosura ostensiva.

O filho algum dia ha-de vel-a sem nada do que fol: martyr somente; sem botões de flor; sem collo presumptoso, sem q'into de Venus; — mãe somente.

Até mesmo a Magdalena se fosse mãe não teria medo da primeira pedra.

A mulher é o principio, a mãe é o fim: a terra e o céu.

Aquella deixou tudo pela ambição santa de ser divina e creadora.

A mulher tem tudo o que o homem tem; mas a mãe tem mais do que o pai: tem madre e tem seios; a madre é o sacrario; os seios são as azas: os anjos têm azas no dorso para subir; as mães têm azas na peito para descer.

Oh! sim, sim: mãe é mais que mulher; é mais do que tudo; é como dois céos: é mulher porque tem seios, é céo porque guarda os anjos.

J. DE MORAES SILVA

CARTAS Á MINHA IRMÃ

IV

1º de Janeiro.

Anno Bom, badalando doze vezes, doze graves vezes, chegou por uma noite negra, mais negra que o rei Melchior, o mago, o qual a estas horas se encaminha pelas estradas de Bethlém, á procura do presepe, para dobrar seus joelhos perante o Messias e oscular-lhe a bocca, a bocca ainda humida de leite, e que será osculada por Judas e que será osculada por Maria de Magdala... Anno Bom chegou, trazendo festivos risos e promessas de encantar, e, a esta hora em que trabalho, ouço lá fora cantarem os passaros, e eu sinto dentro de mim o meu coração encher-se todo elle de esperança, como se o meu coração, san-

grento de saudades tuas, fosse uma preciosa esmeralda...

Saudades tuas e muitas, minha irmã Albertina, enquanto tu ahí, no insular imperio japonéz, adoras com a tua admiração as collossaes estatuas grotescas dos Budhas, e, vestindo-te á japoneza, vaes de braço cruzado com o de teu marido, em cuja cabeça creio que já se balance um rabicho, curiosamente perambular pelas ruas de Yeddo, seguindo com os olhos, pensativos de recordações do Brasil, os papagaios de papel que os pequeninos japonezes soltam no céu claro e que lá se vão para outras terras...

As ruas são populosas, cheias de bazares de quinquilharias, dentro dos quaes se vêem os pacientes e immoveis filhos de Nipon, com seus narizes sensuaes, olhos obliquos e côr de marfim revelho na face larga, cuidadosamente recortando, em enormes dentes de elephante, "marionettes" de bufalos das montanhas do seu Nipon, ou fazendo de um tronco de páo surgir a figura bizarrissima de um bonzo, com immensos bugalhos d'olhos, cauda de serela e uma bocca chata de peixe... E alli elles se ficam, horas e mais horas, numa paciencia de Job, o nossô biblico, tão mudos e quietos como o enorme candelabro de bronze que a um canto do bazar levanta a sua figura exotica de uma grande cegonha erguendo-se sobre a massa rusa de uma tartaruga... E o sol sobe e o sol desce e tu sempre a passeiar com teu esposo, o novo mandarim Alfredo, com a curiosidade a rir-se na tua bocca, nos teus lindos olhos, e no farfulhar constante de tua roupagem de seda de senhora mandarina...

— Mikado! Mikado!... e assoma no extremo da rua a figura do chefe do paiz do arroz, saudado pelos gritos da população, na sua linguagem interessante, em que as palavras como se vão quebrando em syllabas.— Mikado! Mikado!... e a caleça d'ouro aproximando-se, as cabeças curvam-se em adoração ao divino e optimo japonéz, e é ainda sob os gritos de Mikado! Mikado! que a caleça se some no outro extremo da rua, tendo passado como uma visão pelos olhos do mandarim Alfredo e da mandarina Albertina, os dous falsos japonezes, que vão peregrinando o seu amor pelo imperio das ilhas, pelo amoroso paiz da porcellana... Mikado! Mikado! e o imperador passou, e immoveis, com a paciencia biblica de Job, japonezes nos bazares recortam "marionettes" de bonzos...

... Mas, subito, estala na imaginosa cabeça brasileira do mandarim falso, uma idéa; cresce, cresce mais, e envolve-lhe a cabeça, rubramente, como um barrete phrygio: — a Republica Japoneza!

A felicidade acompanha os estrangeiros como agora os tres reis magos estão acompanhando a estrella que os conduz a Bethlém: revoluciona-se pois o Japão e para o céu claro, claro como um prato de porcellana, sobe o optimo e divino Mikado, que se matou de tristura, dormindo no seu salão imperial, no meio de uma multidão immensa de crysanthemos em flor, que cheiravam agudamente, na sediciosa noite em que pelos ares do Japão, refrescado de brizas marinhas, corriam e se cruzavam os gritos de Republica, e, quando a aurora se torceu em convulsões louras lá para os lados em que o sol nasce, o mandarim Alfredo, teu esposo, minha irmã, era quem presidia o paiz dos arrozaes, como Cidadão divino e optimo.

Oh, nesta S. Paulo, na minha vida banalissima, recebo um telegramma: "Vinde, sois o meu mandarim letrado, o meu ministro das letras; mando ao porto de Santos para vos trazer uma jangada de placas de ouro e velas de seda. Busca-vos o nobre Taiko-Sima e alimentar-vos-eis com deliciosas ontras que mandei apanhar no estreito de Sangar e com as perolas que nellas achardes, fareis adorno para a veste de mandarim que Taiko-Sima vos leva." E eis-me no mar, no mar sem fim, a aprender o japonéz com Taiko-Sima, que é um galante mancebo, que já me vai iniciando no mulherio de Yeddo, contando-me historiolas de namorados...

— Terras de Zpangú, terras de Zpangú! e Taiko-Sima, agitando seu lenço bordado, berrava de alegria, vendo pular das ondas a terra do Japão.

Festas varias, funcções de gala inacreditavel, folgares do poviléo em massa e uma mensagem laudatoria em papyrus excellente dos litteratos japonezes, acolleram o ministro das letras. Correram boatos de que muitos senhores serlos entraram em casa de suas burguezas esposas a oscillar e parlando em demasia, e disseram mesmo que o novo mandarim letrado tomara uma camocca... Calumnias, senhora minha irmã, a mandarina, calumnias...

Passada entretanto a azafama festiva, a saudade de uma formosa mulher de profundos olhos negros, que eu deixara no Brasil, foi-me prendendo na sua melancolia, e fugia-me da penna a inspiração ao escrever os relatorios litterarios, pois me obscura a nostalgia do mar negro dos olhos da brasileira formosa. Mandei-a buscar na minha terra, e, na vespera de sua chegada, mizei meu corpo nos espelhos do meu rico palacio: já engordara algum tanto e já o meu rabicho se balançava ao vento, quando ventava... Estava formoso.

Jangada de placas de ouro e velas de seda, que fostes buscar minha amada, agora podéis chegar; aqui da prala vos saúdo e os meus braços abriram-se e estão abertos á espera de estreitar dous seios grandes, grandes como duas grandes rosas.

E a jangada chegou e nella a minha formosa patricia trazla seus profundos olhos negros.

— Salamaleque! mandarim peralta.

— Salamaleque! feiteiceira dama.

E dando-lhe o braço, ella deu-me o seu, e foi assim que entrámos, eu na minha redondeza de mandarim gordo, ella na sua alegria de ser minha, pelas ruas de Yeddo, e festas varias, funcções de gala inacreditavel, folgares do poviléo em massa saudaram nosso consorcio, quando patriarchal sacerdote budhista nos uniu.

A' noite entrámos juntos, pela primeira vez sósinhos, no nosso quarto de casados. Ella vinha medrosa; eu vinha atrevido, e furtei-lhe um beijo dos labios, um beijo dado com tanta força que... acordei sem querer do sonho que vinha dormindo por estas tiras abaixo...

São lindos, são, os sonhos que nos vêm pelos dias de céu claro, claro como um prato de porcellana, porém é pena que elles não durem algumas horas mais, até que a aurora se torça no Oriente em convulsões louras.

Mas, seja feita a vontade do Deus Confucio.

Jose' VICENTE SOBRINHO.

S. Paulo, 1894 (20º anno).

VICTOR HUGO

Depois que fez o mundo, ás nuvens Deus su-
[biundo,

Olhou e viu a terra—um ninho, e então, sorrindo,
Mil beijos atirou nas pontas dos seus dedos;
As flores nos lisins brotaram dos rochedos;
Cravarão-se no azul as limpidas estrellas;
O mar teve a canção das ondas; aquarellas
O sol no seu poente,—o prado as açucenas
E a bandoleira luz das celeres phalenas;
E Adão, no Paraíso, á sua companheira,
Amo-te! murmurou, sorrindo, a vez primeira.

Era o sétimo dia, o dia do descanso,
E Deus cerrou o olhar sereno, puro e manso.

Mas nisto Gabriel, o cherubim formoso,
Que de longe viera, e nas hyalinas azas,
Branças como crystaes, com renigios de brazas,
Librou-se magestoso,
Ao vel-o a dormir, murmura brandamente,
Com dulcissima voz de trepida corrente:
— Meu Deus, meu Pai, Senhor,
De um bando de anciãos, de velhos peregrinos,
Grandes como o Ararat, e tímidos meninos,
Eu sou o embaixador.

Ouvlu-lhe Deus a voz, e disse:—Que me querem?
Quem são e d'onde vêm?

— Os seculos, meu Pae;
Respondeu Gabriel.
— Os seculos? que esperem,
A vez que a cada um no livro do Destino
Marquei para reinar.
— Ao decreto divino
Curvam-se, mas falar vos querem. — Filho, vae.
E diz que os espero.

E Gabriel as azas,
Branças como crystaes, com renigios de brazas,
Abriu, fende o espaço.

Desceu o arbanjo ao monte onde os seculos
[dormem

Do Chãos no regio paço,
Até que se transformem
Nos dias de verão, de sol, de primaveras,
Ao eterno rodar das infinitas éras;
E em seguida os levou nas hyalinas azas,
Branças como crystaes, com renigios de brazas.

— Eil-os aqui, Senhor,
E pedem-vos uns dons, munifico favor
Que esperam alcançar de vossa Omnipotencia.
Nos olhos sorridentes
De Deus brilhou um raio, um raio de clemencia,
E subiram-lhe á frente e aos labios esplendentes
As alegrias mansas,
D'essas que as tem só Deus e as candidas crianças.

— Vamos, dizei, dizei, contai-me o que quereis,
Que a cada um de vós darei por sua vez
O que me fôr pedido.

Assim falou o Eterno,
Nelles cravando o olhar, o doce olhar paterno.

E os seculos falando,
Por elles o bom Deus, o prodígio divino,
Os finissimos dons foi repartindo e dando

Do cofre adamantino,
Do divinal erario encrustado de sóes,
Feito do azul do ceu com laivos de arrebóes,

A este deu a Força, áquelle a Liberdade,
A um a Santa Paz, a outro a Magestade,
Ao que falou em guerra
Deu-lhe Deus o Poder e o mando sobre a terra,
E ao que pediu o Amor concedeu-lhe Jesus...

Mas um vendo em silencio, assim Deus lhe
[falou;
— Seculo dezenove, o que quereis?

— A Luz.
— Quereis a Luz? Pois bem! Terás — VICTOR
[HUGO!

SOARES DE SOUZA JUNIOR.

(Da RAÇA HUMANA, poema inedito.)

POESIA E POETAS

CORAÇÃO chama-se o livro de versos de Zalina Rolim, a nossa joven collaboradora.

Na carta de Ezequiel Freire que a autora, "obdecendo ás solicitações de seu affecto e de sua saudade" estampou á frente de seu livro para substituir o prefacio que o saudoso homem de letras não tivera tempo de escrever, chamado pela Morte, diz elle:

"O seu livro ha de causar, auguro, uma delicada e risonha surpresa á nossa mocidade intelligente. Ha tanto tempo

não vemos a Arte tão pudica, sincera e casta!

"Se me permite um simile que traduza a minha idéa, direi que os seus versos parecem-me vestidos de "mouscelines" caseiras, aromatisados com aquelles peculiares e suaves perfumes das gavetas dos moveis intimos:—folhas seccas de rosas e malvas e o doce effluvio da raiz do veti-vert."

O illustre e inesquecivel poeta das FLORES DO CAMPO não podia encontrar simile mais fiel, mais feliz para definir a poesia da autora do CORAÇÃO.

Ella é aquillo mesmo. Canta e responde com uma suavidade, uma doçura, uma harmonia encantadoramente castas.

Cheira a roupas leves, singelas, perfumadas por folhas seccas de malvas e rosas.

E' um livro delicioso — dizemol-o sem a minima lisonja, fazendo critica sómente.

Zalina tem uma alma de poeta e possui, felicidade rara, a linguagem propria a servil-a. D'ahi o sentimento,—pouco variado, mas suave e sincero sempre,—que lhe anima as composições e a admiravel força expressiva do vocabulario. Ides vêr. Lêde, primeiro, este soneto:

OLHANDO O CÉO

Manhã limpida e fria. Alegremente,
Por entre as grandes arvores coada,
Num largo feixe luminoso e quente,
Vara do sol a flua luz dourada;

Palpitam azas, velludosamente,
Na maciez dos ninhos... Esgarçada
Pelo tremor da aragem, lentamente,
Sobe do fumo a fita desdobrada.

Madrugadoras, leves andorinhas
No azul sereno, em trepulos adejos,
Passam, traçando capriciosas linhas...

Idem com ellas, meus anhelos sautos,
E ao coração, que é o céo dos meus desejos
Meus sorrisos levae, levae meus prantos.

A idéa de certo é velha e tem sido cantada mil vezes; como, porém, ainda o não foi "assim" com esta doçura, este encanto secreto de sentimento e expressão, o soneto é original, é novo, e lindamente novo, o que é melhor.

Não ha uma só nota violenta neste livro.

O proprio gemido é discreto.

CORAÇÃO é uma paizagem tocada com firmeza e emoção, mas em que só ha meias tintas, em que o céo é azul, mas de um azul diaphano e leve como o dos velhos caolins japonezes. Tem a facultade descriptiva e tão delicada e sensível que os seus quadrinhos palpitam nos menores detalhes. Vêde este

CROQUIS

Quarto de moça: abrindo-se ao Levante,
Uma janella emoldurada em flores,
Donde se avista o campo verdejante,
Que o sol nascente inunda de esplendores.

Completa ausencia de primores d'arte,
Raros adornos, moveis de recreio;
Mas, esvoaçando aereo, em toda parte,
O grato aroma salutar do acoo.

Ao centro o leito pequenino e leve,
Sem ornamentos de maior valia;
Cortinas alvas de um candor de neve,
Que a alma refresca e os olhos delicia.

Além a estante de madeira fina,
A mesinba de estudo, a pasta e as pennas,
Que pacifica e tepida illumina
A claridade das manhãs serenas.

Rente á janella o toucador e ao lado
Sobre o tapete a cesta de costura:
Flores, setins, tesouras de bordado,
Numa engenhosa, artistica mistura.

E o sol entrando alegre e satisfeito
Pela janella, fulgido, allumia
O livro de orações junto do leito
E á cabeceira a imagem de Maria.

Tão simples, tão banal, tão velho, tudo isso; mas que frescura, que graça, que repouso moral respiram esses versos! Como fazem bem ás nossas almas combalidas e inquietas de caçadores de novo de garimpeiros de Ideal!

Não fecharei estas rapidas notas sem assignalar a extrema correção de metrica de Zalina Rolim. Versifica com toda a arte e o mais apurado gosto, sem a preoccupação da rima rica, mas sem esquecimento das boas regras que a dominam.

Se houvesse nesta pobre terra, convulsionada por paixões politicas, famelicis e uivantes como bandos de lobos, publico que bastasse a esgotar a edição de um livro de versos castos, a do CORAÇÃO seria consumida em uma semana.

Beijonas mãos da joven poetisa, gratissimo pelo bem que me fizeram seus versos.

V. M.

CHRONICA DOS LIVROS

MAR—Por Alves de Farias—Folheto de 60 pags. impresso em Carangola, 1893,

O Sr. Alves de Farias, um moço de bastante talento, acaba de lançar á luz da publicidade um delicado folheto, MAR, de 60 pags. apenas, mas atravez das quaes se presente a alma vibratil de um artista, se não extraordinario, pelo menos, digno de occupar logar saliente entre os escriptores da moderna geração litteraria.

Alves de Farias não é um desconhecido, sobretudo para aquelles que não se encastellam no indifferentismo da quasi totalidade do nosso publico, que só tem os olhos voltados para o jogo e para a politica, que, como um polvo monstruoso, distende de dia para dia os seus tentaculos fortes e tenta absorver a attenção d'esses que ainda gastam algumas horas em ler litteratura.

MAR é uma novella agradavel, que reúne em si todo um poema de amor de marinheiro, todo um trecho de marinha habilmente desenhado, com os seus verdadeiros tons, copiado do natural e descripto com uma singeleza de phrase, rude ás vezes, ás vezes tocante e deliciosa, que nos faz ter pelo seu auctor um quasi que enthusiasmo, aliás bem merecido, si não fossem alguns senões que encontramos aqui e alli, espalhados pelas 60 pags. do livrinho.

Queremos com isto apontar o abuso dos estrangeirismos tão copiosamente empregados pelo Sr. Alves de Farias.

E' assim que depois da má impressão que nos deixou a palavra "abat-jour" á pag. 7, mais para adiante encontramos ainda: "berceuse," repetida quatro vezes, "rondeur," silhouettes" (duas vezes) e por ultimo toda uma phrase: "souple de couleuvre." (?)

Não sabemos porque o Sr. Alves de Farias, tendo a facilidade de manejar a phrase, conhecendo mesmo os segredos da fórma, não se deu ao trabalho de substituir aquellas expressões por outras propriamente tiradas da nossa lingua.

Pois é tão vasto o nosso repositorio linguistico, tão vasto e tão rico de termos, que procurados com um pouco de paciencia, caberiam perfeitamente no espaço occupado por aquelles outros puramente francezes e que tão mal se apresentam (a nosso ver) no decorrer da graciosa novella.

Não nos taxem de rigorosos por apontarmos estes senões no MAR, nem mesmo queira ver o seu auctor nestas desprezíveis linhas uma prevenção contra a sua obra, a primeira talvez que atira á luz da publicidade.

Somos os primeiros a declarar que em rigor aquelles senões não passam de uma simples exsistite e nada mais, e nunca poderão ser tomados como um defeito capital que esteja para alli a destruir o valor da producção.

Seja embora tambem uma exsistite nossa isso que ahí fica dito, o que é certo, porém, é que nos causou má impressão todo esse regimento de termos estrangeiros que, por muito lindos que sejam, só deveriam apparecer num livro escripto em lingua franceza, para que os sentíssemos bem e lhes achássemos o verdadeiro sabor.

Pondo de parte isso, o MAR em si, em todo o seu conjuncto, é um bom trabalho; possui typos bem apanhados, paizagens bem delineadas, marinhas esplendidas, em que se avista e sente ora o ceu azul e largo, arqueando-se sobre o mar sereno e como reflectindo o ceu nas suas agias, ora o mar, esse mesmo mar agora em furia, espumoso, rugindo uns rugidos de fera, sob a escuridão profunda do infinito em noites procellosas.

Como garças brancas, rapidas no vôo leve, surgem de quando em vez imagens novas e felizes.

A phrase canta pelo livrinho afóra como se tivesse sido afluada pelas vozes do oceano, e de cada pagina que volvemos desprende-se um cheiro acre de algas e sargaços.

Um bello estudo impressionista, afinal, uma novella de marinheiros, descripta com sinceridade que não podemos deixar de dizer — impressionados como estamos com o phraseado d'aquellas 60 pag., — que quem escreve já como o Sr. Alves de Farias deve impor-se a si mesmo o dever de honrar as lettras patrias, mimoseando-as de quando em vez com outras producções, que se tiverem o valor d'esta, que acabamos de ler, não de render-lhe os mais justos applausos.

MAR foi prefaciado pelo conhecido contista Virgilio Varzea.

L. R.

MARIO

(A MEU FILHINHO RECEM-NADO)

Vae! que neste penoso Itinerario,
Iuvio e fallaz, de espinhos margeado,
Saibas levar, herolco, forte, honrado,
A cruz da vida no cimo do Calvario!

Vae, meu amor, meu pequenino Mario!
E possas pelo mundo ser louvado
No papel difficillimo e arriscado
Que exhibirás do mundo no scenario.

Do vicio os ouropéis, do erro as escorias,
Que esta jornada perflida contém,
Não te fasciem, tredas e illusorias.

Segue, minha Esperança! Além!... além!...
Hora o meu nome e cobre-me de glorias.
Saibas ser homem, possas ser alguem.

DOMINGOS DE CASTRO LOPES.

27-12-1893.

GAZETILHA LITTERARIA

O formoso "lied" "D. Alda" que hoje publicamos, da lavra de D. Francisca Julia da Silva, foi-nos por ella enviado e, juntamente, a seguinte carta:

Sr. Director d'A SEMANA — Ah! vae um "lied" Sei demais que nestes tempos em que o espirito já se não compraz com o perfume campesino, com o ingenho lyrico da poesia antiga, tão sincera e tocante na sua simplicidade, mormente no Brazil onde a poesia allemã nunca exerceu influencia apreciavel, os "lieds" que tenho composto, á imitação dos de Goethe, vão passar despercebidos. O "lied" é a poesia popular da Allemanha.

Inspirado no amor, ora expansivo e alegre, ora terno e intimo, tocado d'essa melancolia morbida, d'esse vago e ineffavel languor a que os allemães deram o nome suave de Sehnsucht, o "lied" é o espelho onde se reflectem todas as tradições, todos os sonhos, toda alma, emfim, essencialmente romantica, daquelle povo.

Henri Blaze, o eximio traductor de Goethe, tentou debalde aclimal-o na França.

Fialho d'Almeida já escreveu com muito criterio: "Como generalisar uma tal poesia, quando o espirito não tem mais o perfume da adolescencia e a frescura das edades primaveris? O lyrico profundo morre, pois, falto de condições sociaes que o impulsionem e fecundem."

E aclimar o "lied" no Brasil, principalmente nesta época, é uma utopia.

Mas, para que se não diga que eu nunca "tentei" alguma cousa, ahí vae um. Mais tarde lhe hei de mandar outros da minguada collecção que tenho. — Sua etc., FRANCISCA JULIA DA SILVA.

Ao nosso redactor-secretario communicou José Vicente Sobrinho, o brilhante e original autor d'"Os palhaços" que deixou de votar no nosso plebiscito ultimo por descuido; porém que se o fizesse daria o primeiro logar ao conto "A Caõilha", de Julia Lopes de Almeida, e não esqueceria o "Jeromo", de Pedro Rabello, e "Firmo o vaqueiro", de Coelho Netto. "Este ultimo, então escreve o nosso collaborador enthusiasmo-me completamente e se o não li cem vezes, é porque o li cento e uma."

O bello excerpto que do poema inédito "A raça humana", de Soares de Souza Junior, hoje publicamos, devemolo á gentileza do nosso joven e estimavel collaborador Soares de Souza irmão do malgrado poeta, de cujo talento tanto era licito esperar ainda.

Se, como cremos, o poema ficou completo e acabado, deve o seu depositario empenhar todos os esforços para publicalo. E não julgamos lhe seja isso muito difficil, tanto mais que outro não é o seu desejo.

Na apuração do ultimo plebiscito publicamos por engano uma chapa assignada pelo nossos collaborador Placido Junior e redactor-gerente Max Fleiuss. Rectificamos hoje. A chapa publicada trazia unicamente a assignatura de Placido Junior.

Max Fleiuss deu o seguinte voto: I "Conto Alexandrino" de Machado de Assis. II "Fio de ouro" de Alberto de Oliveira. III "A lição de historia" de Domicio da Gama. IV "Praça de escravos" de Valentim Magalhães. V. "Valsa Phantastica" de Afonso Celso Junior. VI "Uma hora sósinhos" de Garcia Redondo.

Para o nosso primeiro concurso de prosa recebemos dois trabalhos mais: um com a legenda QUERER É PODER e o

outro com o ditisco PODE SER QUE SIM. Para o de poesia recebemos uma producção com a legenda — AINDA É SEMPRE.

Recommendamos aos Srs. concorrentes a mais rigorosa observancia das condições por nós estabelecidas e publicadas em todos os numeros da folha.

Na primeira columna do nosso amavel collega de S. Carlos do Pinhal, em S. Paulo, ORDEM E PROGRESSO, depa-rou-se nos um artigo intitulado "Ismael Vaga," escripto a proposito da resposta que, a uma carta do Sr. "Gil Petit," foi dada no CONCRETO do nosso numero 22, pelo nosso companheiro de redacção "Enrico."

Naquelle resposta "Enrico," porque lhe citasse o Sr. "Gil Petit" o nome de Ismael Vaga como "conteur," nome para elle inteiramente desconhecido nas lettras, chalaceou um pouco, longe de suppor que um tal pseudonymo, encobrisse como encobre, segundo nos informa o nosso collega de S. Paulo, o nome de um distinctissimo cultor das lettras, como sempre o foi o Dr. Gama e Silva.

Em todo caso é tempo ainda de fazer o acto de contricção. "Enrico" arrepende-se da troça feita, ainda que inoffensiva, e que foi menos dirigida a Ismael Vaga, em quem está disposto a reconhecer um mestre, do que aquelle que nos deu occasião de descobrir sob aquella concha de modestia uma verdadeira perola da litteratura goyana.

E' caso portanto o agradeceremos penhorados a "Gil Petit" ter-nos inspirado a pilheria que derramou luz sobre esta nova face do talento do illustre escriptor Gama e Silva, que não sablamos que no meio dos seus trabalhos de largo folego ainda podesse encontrar momentos disponiveis para a feltura paciente do conto e da phantasia.

Que nos desculpe a pilheria o nosso illustrado collega, e prove que o faz honrando estas columnas com algum luminoso pensamento seu e illuminando-as com a fulguração do seu nome assaz respeitado no arrajal das lettras brasileiras. (Sim porque ellas ainda não são "arraiaes").

Quando ao provento ministro do Tribunal de Justiça de Goyaz não sobre tempo para espedir em ninarias litterarias, tel-o ha certamente o talento cinzelador de tropos e contos gentis.

Começa bem, muito bem o novo anno para as lettras. Além do Coração, de Zalina Rolim, temos a TELA POLICROMA, de Martins Junior e as BOAS FESTAS de Alvares de Azevedo Sobrinho.

De todos esses livros palpitantes de talento, diremos brevemente e com a franquesa de critica que ninguem deiva de reconhecer-nos.

NO INVERNO

Diz a rosa:

— Pesa sobre a minh'alma o luto da saudade; aves desertam d'este valle frondoso e insectos partem num bando seguindo a primavera. Como é triste o inverno, como é nostalgico e triste!

E a ave repete:

— Pesa sobre mim a nevada tristeza; rosas não brilham mais nas moitas orvalhadas e insectos que outrora zumbiam aqui e alli, partem seguindo a luz. Como é saudoso este inverno, como é saudoso e pesado!

E o insecto diz:

— Pesa sobre a natureza toda a neve da saudade, o luto da tristeza; aves não cantam mais nem rosas vejo que brilhem como outr'ora, na primavera!!

O céu chora copiosas lagrimas de neve que esfriam as azas e maculam as petalas dos lyrios. O bosque é silencioso! A luz espia a medo pelas frinças das arvores, sem folhas quasi, e no chão, outr'ora verde, de um verde de esmeralda, não passam larvas nem pousam borboletas. Como é nostalgico o inverno, como nos punge e magôa tanto este inverno pesado e triste!

Um rio que passava perto, ouvindo estas ultimas canções da natureza, poz-se a repetil-as, magoado, nas suas aguas revoltas:

— Outr'ora a Primavera vinha banhar-se no meo seio e as minhas aguas abriam-se para recebê-la e beijá-la como um amante beija o seu amor... Aves brancas, espalhando-se no meu crystal luminoso, passavam, tocando a minha superficie calma com a ponta das azas finas.

A musica dos insectos, e o lyrisimo suave dos ninhos alegravam-me, e estas arvores, que me ensombriam e affagavam eram como fructeiras enormes cobertas de pomos rubros, eram como gaiolas de ouro repletas de passaros estranhos.

Hoje tenho a silente e dorida quietação da morte. As minhas aguas não correm, crystalisam-se como lagrimas no meu seio e a luz que se reflecte em mim não brilha como antigamente. Inverno, luto d'alma! luto da natureza, eu te maldigo.

E no entanto na choupana alegre de um casal de zagaes cousadiferente se ouvia. Falava o zagal:

— Mais preciosos que os meus rebanhos são os teus olhos negros, pastora... Os teus risos são ovelhas brancas, mais brancas do que as minhas ovelhas. Sinto o balido d'alguma que se perdeu no campo, vêm-me á recordação os dias em que te via de longe pastoreando o teu gado, mas sem poder tocar-te de leve ao menos com a ponta dos meus dedos. O verão brilhava em todo o seu esplendor, E tu me disseste: Emquanto não chegar o inverno, que é o tempo em que as ovelhas ficam no redil e os zagaes não sahem das choupanas, enquanto não chegar o frio inverno, pesado e silente, guardarei sempre na minh'alma o beijo que tenho para dar-te.

Pede ao inverno que volte e á Primavera que parta, ás rosas que se esfolhem, e ás aves que não cantem!...

E o inverno chegou afinal; as ovelhas balam nos redís e enquanto a natureza dorme sobre o manto alvo da neve, beijo os teus labios e gosas os meus beijos. Inverno! Como é bom este inverno! Inverno, alma do amor! Inverno, não partas nunca! Nunca, oh! nunca!

E a pastora repetia tambem:

— Não partas! Não partas! Inverno, alma do amor, não partas!

LUIZ ROSA.

THEATROS

Houve na semana dois beneficios importantes—o do Xisto Bahia, no Apollo, e o da Aliverti, no Recreio. Ambos muito concorridos. O Xisto teve mais uma occasião de reconhecer quanto o preza e estima este publico. A Aliverti apanhou um "casão." Além de muitos louros—muitas louras. Parabens á gentil actriz.

Um d'estes dias um d'estes jornaes noticiou que a actriz Herminia, a nossa saudosa Herminia da "Mascotte," residia em Pau, num magnifico castello de sua propriedade.

A gente que frequenta o mundo estranho dos bastidores ha muito que o sabia e mais: que o tal castello lhe veio do seu antigo "collage" com certo "homme d'affaires" de boa "mira."

Pois bem; o correspondente do "Brésil Republicain" em S. Paulo, o trefego e copioso Sr. E. Hollender, a esse proposito escreveu naquelle periodico as seguintes linhas: "Segundo um jornal do Porto, a actriz Herminia possui um castello em Pau. Conheceram-na bem os nossos leitores paulistas: foi ella que creou no theatro brasileiro o genero ultra-canalha. Não me lembra haver jamais visto alguém emittir a obscenidade com tanto impudor como aquella actriz. Herminia havia posto em moda uma cançoneta:

"A Suzanna nos domingos vae á missa, Mas nos dias de semana tem preguiça" que ella cantava com extrema indecencia, e tinha formas plasticas exuberantes, que ella se comprazia em exhibir. Seu ultimo successo no Brasil foi a sua creação no celebre "Bendegó." E agora, ella definitivamente installada em Pau, onde saboreia as doçuras do "pot-au-feu" francez, depois de haver cantado e celebrado a pimenta do vaptá."

Ora ahí está: como a Herminia tem um bello castello na deliciosa região de Pau—sova nella: indecente, indecorosa... etc... Irra! Moralidade—Ninguem pode ter castellos... senão na Hespanha.

P. TALMA.

COLLABORAÇÃO

Carta de uma menina

(AO PRIMOROSO POETA RAYMUNDO CORREIA)

Fiquei chorando quando tu partiste,
Fiquei chorando e sem nenhum corforto;
E a dor que eu sinto nunca tu sentiste,
Nem mesmo o Christo que soffrera no Horto.

O meu sombrio olhar, olhar absorto,
No céu eu oravo como lança em riste;
Descrente eu vivo, o coração já morto,
Descrente eu vivo, pensativo e triste.

Eu soffro muito e minha fronte me arde,
Eu soffro muito, ouvindo o estranho alarde
Dos crociantes corvos da agouia;

Pois dos meus sonhos e paixões só resta:
O torvo espectro da ventura mesta,
O torvo espectro da melancolia!

RAMOS ARANTES.

Ouro Preto, 1—12—1893.

Factos e Noticias

FOLHINHAS E ALMANACHS.

Da casa Guimarães & Ferdinando, que bem pode ser chamada "O reino dos chromos," recebemos duas esplendidas folhinhas em que se vêem tres gajos de casaca vermelha e calção preto, monoculo e claque. Quem são elles? Os tres jacarés do "Tintim por tintim?" os "trioletes" do "Tio Celestino?" os "tres bemóes" ou os "Tres ratas?" Olhem que é possível: ha por ahí muito "rata" de casaca, só com a differença de ser poeta.

Além d'essas, mandou-nos tambem uma folhinha de fitas, com pintura delicada e finissima.

São dois papelleiros de bom gosto os Srs. Guimarães & Ferdinando, não ha quem a não salba; mas temos prazer em repetil-o.

E' nosso representante geral em S. Paulo o distincto collaborador d'esta folha Dr. Manuel Ferreira Garcia Redondo, a quem publicamente agradecemos os grandes serviços que a ella tem prestado.

Em Campinas é nosso representante o digno Major Manuel Francisco Mendes, e em Rio Claro o Sr. Major Modesto Antonio Pereira, alli vantajosamente conhecidos.

A todos estes cavalheiros os nossos agradecimentos.

CONCURSOS LITTERARIOS

Ficam estabelecidos quatro concursos trimensaes, de prosa e verso

O primeiro, aberto, desde já, será encerrado no dia 15 de Fevereiro; o segundo será aberto a 1 de Abril e encerrado a 15 de Maio; o terceiro será aberto a 1 de Julho e encerrado a 15 de Agosto, e o ultimo será aberto a 1 de Outubro e encerrado a 15 de Novembro.

CONDIÇÕES GERAES

Os manuscritos, dirigidos no director d'A SEMANA, trarão, em vez de assignatura, uma divisa ou legenda e devem ser escriptos em letra bem intelligivel.

Devem ser todos completamente inéditos.

Cada manuscrito será acompanhado de uma sobrecarta, na qual se leia a divisa ou legenda correspondente ao manuscrito, a declaração: "Prosa" ou "Poesia", e dentro da qual virão o nome e a residencia do autor do trabalho.

Quer para as composições em prosa como para as em verso a maxima liberdade é concedida para a escolha do assumpto e a fórma da obra.

O mesmo autor pôde concorrer a ambos os torneios, tanto o de prosa como o de poesia. Cada concorrente só pôde apresentar um trabalho.

Os trechos de prosa—contos, quadros, fantasias, seja o que for—não deverão ter menos de 150. linhas (de uma tira de almagão) nem mais de 400.

Os poemas não conterão menos de 14 versos nem mais de 150.

Nos mezes de Março, Junho, Setembro e Dezembro serão publicados os trabalhos premiados em cada concurso anterior.

OS PREMIOS

Para o concurso de poesia só estabelecemos um premio. Para o de prosa—tres: primeiro, segundo e terceiro. Se acontecer que dous, tres ou quatro poemas mereçam o premio unico, será este conferido a um e os outros passarão para o seguinte concurso. O mesmo para o caso de merecerem varios trechos de prosa o primeiro dos tres premios.

Consistirão estes em livros de luxo, raridades bibliographicas, autographos preciosos, retratos de celebridades, ricamente enmoldurados, etc.

A DIRKÇÃO.

CORREIO

EXMA. SRA. D. CELIA. (Juiz de Fora)—Penhorados em extremo por sua gentilissima carta. Tudo nella é fino e distincto—a calligraphia, a redacção, os conceitos. O BRIC-A-BRAC deve ser distribuido aos assignantes e exposto á venda em fins de fevereiro; as CARICIAS um pouco mais tarde. Somos inteiramente do seu parecer quanto ao excerpto que d'ellas publicámos—um mimo! Já que V. E. se mostra tão benevolente para o conto O PRIMEIRO DENTE, do qual diz-nos V. E. haver fornecido copia a todas as suas amigas, vamos fazer-lhe uma confidencia: do autor d'O PRIMEIRO DENTE será publicado até junho um livro intitulado NO LAR, todo composto de trabalhos no genero d'aquelle. Diz-nos V. E. que não havemos nunca do conhecê-la. Isso é que é crueldade, minha senhora, e que nos dóe fundo, por injustissima.

Sr. H. DE G. (Rio Claro)—Sempre que nos haja de honrar com trabalhos seus, pedimos-lhe que escreva só de um lado das tiras.

Sr. DR. F. DE A. (Ouro Preto)—Registrada, e com recibo de volta, recebemos uma amostra de su'alma. Devolvemos-lhe a sua obra, e, mandando-a ao autor, mandamos tambem o autor á obra. Cada um dá o que tem, bem sabemos; mas, por quem é, não desfalque a sua perfumaria. Um conselho para terminar: não é prudente abusar de aromas fortes, e é provavelmente pelo uso immoderado que V. S. faz do extracto do perfumista Cambonne que V. S. é tão pallido. Moderação, doutor.

Sr. UM ASSIGNANTE.—Não respondemos ás suas perguntas porque V. S. não assignou a carta nem indicou o numero de seu recibo.

Sr. L. DE T. (Casa Branca)—Seu artigo, interessante pelo assumpto, digno de attenção pelas autoridades em que se firma, será publicado na primeira oportunidade. E continue: sua collaboração será sempre bem recebida.

D. M. C. C. S.—Póde mandar; publicaremos, e tambem o soneto que nos enviou.

Sr. M. B. C. (S. Paulo)—Muito bem vindo! Recebidos os seus sonetos. Obrigados pela dedicatória do primeiro—VERÃO. Estou com elle, quasi como os lagartos—adormecido. Serão publicados. Pudera! Se além de bonitinhos, são escriptos com uma calligraphia de lambar... as letras!

ENRICO.

Tratos á bola

O jejum, meus caros tratistas, foi o jejum e a penitencia que me obrigaram a afastar da cachola durante alguns dias as cousas profanas e só cuidar das cousas que levam ao paraiso. Agora, purificada a alma pela maceração e pelas cilicias, volto ás "tratices."

E como um dia não são dias, atiro o capuz para traz das costas, desato o cordão da cinta arregação um pouco o habito, (não se assustem), e caio na cançica, dizendo como aquelle collega de immorredoura memoria:

Não sou padre não sou nada, sou um homem como os outros!

Sabem os meus piedosos ouvintes quem agadanhou da vez passada o premio, que era mesmo de arregalar o olho e euchar a bochecha d'agua?

Sabem quem foi? Foi o felizardo do "Thlanor."

Atraz d'elle, e com pés de lã vieram os Babylonias (Thebas já está muito batido!) conhecidos nas luctas charadisticas pelos nomes assaz gloriosos de "Marla P."—"Pi"—"Bibliophiol" (algumas)—"Nogueira Junior"—"Cancureinha"—"Euquirneh"—"Papafina" que falharam alguns tiros. Mas... tardaram!

As decifradellas do passado, isto é, das charadicas do n. 22 são:

1ª Decimo—2ª Solano—3ª Camachocacho—4ª Triangulo tem tres angulos 5ª Chile—6ª Manoel—7ª Exaltar—8ª Arpejo—9ª Ai—10ª Apa—11ª Noto 12ª Jacarépaguá.

Agora toca á fazenda nova.

ENYGMATA

Metto-me por toda parte,
Mesmo sem ser convidado;
Quente ou frio sou chamado,
No mar estou, sou de Marte;
De todos sendo invisivel,
Sou, comtudo, imprescindivel.
Reina a morte onde não 'stou,
Na arte tambem sou visto;
Tenho poder sem ser Christo;
Em conclusão: Deus não sou.
Quereis agora encontrar-me?
Junto a vós podeis achar-me.

FRITZ.

NOVISSIMA

(A' Lilazia)

E' virtude que estudei na musica em certo espaço de tempo. Encontrei um homem.—1, 1, 1, 2.

Mata e corre para o movel.—2, 2.

Na hendeandria está alegre a lettra porque a interjeição é mulher.—1, 1, 1, 1.

ALEXANDRINA

Por já se ter dado
Não é um facto virgem
Que "ella" muitas vezes,
A "elle" dê origem.

ALVA COLOMBINA.

LOGOGRIPO

Que eu bem sirvo de adorno
Nao posso aqui negar; 1, 10, 7, 5.
Cavallo de Plutão... 9, 11, 6, 4, 8.
E toca a procurar;
Si agora no navio
Prestares attenção
Encontras esta parte 2, 3.
Sem grande amolação.

CONCEITO

De vaidades já isento,
Aborrecido do mundo,
Encontrarás certo homem
Que é mestre e mestre profundo.

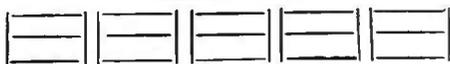
VIOLETINA.

No alfabeto brilha esta cidade—1, 1.

A flor corre para o devoto—2, 2.

URUBU MALANDRO & RAPA QUEIJO.

PROBLEMA



[Palitos]

Dos vinte e cinco que tenho
Doze deves retirar
E dos treze que te restam
Um nome deves formar:
Sou do Brasil,
Bem longe d'aqui
'Stou no Amazonas
Não passo d'alli.

MARQUEZ.

E agora, como chave de ouro, lá vae esta minha, que ha de ser decifrada quando as gallinhas tiverem crista:

O que é que repica,
Que, sendo de bronze,
Não só bate as onze
Mas doze tambem,
Que é no alto da torre,
Das festas regalo,
Que, tendo badalo
Tambem bocca tem?

Duvido que mettam o dente nesta!
E sem mais...

FREI ANTONIO.

ARCHIVO

Boas FESTAS, versos de Alvares de Azevedo Sobrinho. Sem data nem indicação de typographia.

— TELA POLYCHROMA, versos de Isidoro Martins Junior, Rio de Janeiro, 1893. Editor Dr. Rodolpho de Faria, S. Paulo, com um retrato do autor.

A SEMANA

São representantes d'A SEMANA:

Em S. Paulo—O Sr. Dr. Manoel Ferreira Garcia Redondo.

Em Campinas—O Sr. major Manoel Francisco Mendes.

Em Rio Claro—O Sr. major Modesto Antonio Perelra.

Em Santos—O Sr. Azevedo Sodré Junior.

Em S. Carlos do Pinhal—O Sr. Carlos do Carvalho.

Em Ouro Preto—O Sr. Zoroastro Pires.

Em Uberaba—O Sr. Theophilo de Medeiros.

Em Maceió—O Sr. Dr. Enéas Moreira.

Em Pernambuco—O Sr. Dr. Isidoro Martins Junior.

São agentes:

Em S. Paulo—Os Srs. José Filinto da Silva, Achilles Spillborghs e Anselmo de Carvalho.

Em Santos—O Sr. Welmann & C.

Em Campinas—O Sr. Pedro José Gonçalves.

Em Tieté—O Sr. Jullo Garcia Vieira.

Em Ouro Preto—O Sr. J. A. de Souza Vianna & C.

Em Juiz de Fora—Os Srs. Annibal Jaguaribe e Rodrigo de Souza Borges.

Em S. João d'El-Rey—O Sr. Arthur Alvim.

Na cidade de Palma (Minas)—Os Srs. Randolpho Barbosa & C.

Em Leopoldina (Minas)—Os Srs. L. Guimarães & C.

Em Porto Alegre—O Sr. A. Mazon.

Na Parahyba do Sul—O Sr. Verissimo Pacheco.

Em Campos—O Sr. Marlo Fontoura.

Em Santa Theresa de Valença—O Sr. Antonio de Avellar Werneck.

Na Victoria—O Sr. Manoel Corrêa de Jesus.

Na Bahia—Livraria Olivieri, do Sr. Fernando C. Koch.

Em Sergipe—O Sr. Jacintho Gentil de Almeida.

Em Maceió—A Livraria Francino e a Livraria Novo Mundo.

Em Pernambuco—O Sr. Hugo & C.

Na Parahyba—O Sr. Manoel Henriques de Sá.

No Rio Grande do Norte—O Sr. Manoel Coelho da Silva Oliveira.

No Ceará (Fortaleza)—Os Srs. Joaquim José de Oliveira & C.

No Ceará (Baturité)—José de Pontes Medeiros.

No Maranhão—Os Srs. Ramos d'Almeida & C.

Omittimos os nomes de alguns amigos a quem escrevemos, porque não tivemos até esta data resposta das respectivas cartas. Uma vez, porém, que estas cheguem, gostosamente incluiremos os que se dignarem aceitar a agencia da "Semana".

**ESTABELECIMENTO
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO**

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado
115 — Rua Sete de Setembro — 115
Rua da Carioca, 12 e 14
FILIAL EM PETROPOLIS

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A CASA PASCHOAL

CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133

Importação por todos os paquetes

Completo sortimento de chapéus para homens,
senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.

Rio de Janeiro

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE

FLORES ARTIFICIAES

Ribeiro de Carvalho & C.
RUA DO PASSEIO

Têm sempre um grande e collido sortimento de grinaldas, flores,
etc., etc

**PIANOS E MUSICAS
FONTES & C.**

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

O PEDAGOGIUM

13 Rua do Visconde do Rio Branco 13

BIBLIOTHECA

Laboratorio de Chimica, Gabinetes de Physica
e Historia Natural.

EXPOSIÇÃO DE MATERIAL ESCOLAR

ESTÁ FRANCO AOS ESTUDIOSOS

Nos dias uteis das 10 horas da manhã ás 3 da tarde

REVISTA PEDAGOGICA

Orgão do PEDAGOGIUM. Distribuição gratis aos
Srs. Professores.

ESTA' PUBLICADO O 1º FASCICULO DO TOMO V

Dr. R. Rajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas

Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

DR. VALENTIM MAGALHÃES

ADVOGADO

RUA DOS OURIVES N 71

SEGUNDO ANDAR

DE 1 A'S 3 HORAS

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade : *Partos e Molestias das Senhoras*

Residencia e Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

Papelaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.

Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.

A SEMANA

DIRECTOR: VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, rua dos Ourives n. 71, 2º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 20 DE JANEIRO DE 1894

EXPEDIENTE:

Assignatura annual. . . 12\$000
 " semestral 7\$000
 Numero avulso. . . \$200
 " atazado . . . \$300

As assignaturas terminam sempre em Junho e dezembro

Havendo terminado o 1º semestre da segunda phase d'A SEMANA, rogamos nos nossos dignos assignantes o inestimavel favor de mandarem reformar suas assignaturas, affirmo de que não lhes seja suspensa a remessa da folha.

Os Srs. assignantes de anno tem direito ao livro BRIO-A-BRAC, de Valentim Magalhães.

SUMARIO.—Historia dos sete dias—José do Egypto; O romance brasileiro: O Missionario—Araribe Junior; Sonho africano, soneto—Francisca Julia da Silva; Dia de Reis—Silva Tavares; Eterno assumpto, poesia—Alcides Flavio; Lili—Garcia Rodondo; Struggle of life, soneto—Luis Delfino; Vicios de linguagem—Horio de Godoy; A lucta—Leopoldo Brígido; Vigilia mortal, poesia—Magalhães de Azevedo; Gazetilha litteraria; Factos e Noticias; Correio—Enrico; Tratos á bola—Frei Antonio.

Historia dos sete dias

Sim, minhas senhoras, sou eu!

Sou eu, sim, meus senhores!

Eu—rubro, eu—bambo, eu—gago, eu tremulo de cólera.

Sete semanas havia que ás quintas feiras pela manhã, quando nesta ideal cidade do Riso, do Perfume e da Virtude as carroças da Gary poeticamente recolhem o lixo das ruas e as vacas bimbam bucolicamente de porta em porta, a distribuir o pallido leite de seus magros ubres, sete semanas havia que ás quintas feiras, nessa hora paradisíaca, eu me refestelava em frente do tinteiro fechado e da penna oxydada, estendendo-os, extatico de goso, docemente atascado até ao "gógó" na volupia do ceio, contemplava, em mente, deliciado, o doce quadro das torturas do Valmor a escavar a chronica, a parir a historia dos sete dias.

No gabinete claro, em que o sol infante travessava alegremente, dando espanadellas de luz na lombada dos livros arrumados nas estantes, inclinado, dobrado em dois sobre a linda secretaria adiosa, eu via o nosso Julio a suar, a cavoucar duro e firme... e ouvia-o suspirar afflicto... e refocilava no meu santo ocio, saboreando-lhe o soffrimento.

Via-o depois erguer-se, voltando para o Levante a bella fronte inspirada e es-campa e, sublime no seu ardor mental no seu "robe de chambre," avocar as

Musas bandoleiras, imprecisar os céus, farejar o assumpto, mais que arredio—hypothetico:

—De que escrever, Apollo amigo, de que escrever, se as notas da semana continuam sendo de clarins guerreiros? se os casos historiaveis são ainda casos... "belli," se é Bellona, sempre Bellona e não Clio, Thalia, ou Polymnia quem ao apello me acode? Fazer "omelette" sem ovos, preparar café com leite sem leite, compor um "bouquet" sem flores, pintar sem pinceis nem tintas, oh! tudo é infinitamente mais facil que escrever uma historia—sem factos! Maldicto sejas tu, José, menos do Egypto que do Diabo, maldicto pelos seculos sem fim, por me haveres mettido nesta alhada!

E as lunetas de Julio Valmor tremiam e a dextra lhe tremia tambem, estendendo-se, prolongando-se pela janella afora, na direcção do meu "ubi"... e eu, refestelado, a chupitar o meu café com leite e a fumar um "misturado" e a regalar-me na leitura do "Correio" d'"O Paiz":—"SR. AMIGO DA LEGALIDADE—Sim. Dentro de poucos dias. Haverá aviso prévio. Tenha paciencia. 72 horas de antecedencia. Esteja tranquillo..."

Mas ainda não era isso o que mais me alagava de goso a alma: não era o delicioso espectáculo do soffrimento do meu amigo, nem o "misturado," nem as respostas da folha de que é secretario o jornalista de bocca mais pequena e mais bonita que tenho visto (não sois de minha opinião, gentis interlocutoras d'O PAIZ?), não, o que mais me deliciava, o que mais feliz me fez durante sete quintas feiras foi não receber pela manhã a visita do Fleiuss, a entrar-me o gabinete com o arruido de um tambor de festa em arraial e a alegria de um papagaio á chuva, a pôr-me em cima os seus olhos enormes, inundados da alegria de viver, e a dizer-me, a gritar-me de dentro do seu sorriso de labios rubros e dentes saos:

—Bom dia, José das Arabias! Venha de lá esse primor! Salta historia para cinco mil! (Porque esse extraordinario gerente até em mim proprio quer embutir o carapetão de que A SEMANA tem cinco mil leitores!) D'isso é que eu estive livre durante sete semanas—d'essa importuna e insupportavel visita de crêdor litterario... É agora estou tremendo... o ouvido á espreita... Ah! vem elle!... Não... É' o padeiro. Valha-me Deus!

Chamei ao Fleiuss credor litterario; mas que crêdor, meus confrades, que "cadaver"!

Eu, sua victima eterna, aqui vos deixo um conselho: não deves nunca um tostão de litteratura a esse descaravel sujeito. Não imaginaes o que isso é. Perguntae-o ao Rodrigo Octavio, ao

Fontoura Xavier, ao Julio Valmor... Não m'o pergunteis a mim, sobretudo á hora do jantar, porque não poderia dar-vos resposta... nem sopa, com a carne a mil réis o kilogramma e com 50 grammas de osso.

Elle desfere sobre a victima cartas e mais cartas, muito amaveis mas ferocissimas: "Querido mestre, um grande abraço e não esqueças o artigo... Que venha até quarta feira: o promettido é devido (sic). Espero-o com impaciencia, grande amigo e querido mestre!"

E um portador logo em seguida, com recado de bocca, "a buscar a resposta da carta," enviada meia hora antes! Um horror! A elle com rasoio teria applicado Balzac aquelle dicto em referencia a um credor que o não deixava respirar: "Ça commence a devenir musical!"

E é nas garras d'este homem sem entranhas que o tal Sr. Julio Valmor me arremessa novamente! Mas esse Julio é um monstro: mas esse Valmor é um fraticida!

Quando hontem Max, o Crú, me dobrou ante os olhos myopes e pavidos a cartinha em que o meu substituto, allegando a affluencia de trabalhos, lhe pedia que me avisasse para que presto lhe reassumisse o posto—o póste, é que é—a primeira cousa que fiz foi procurar uma cadeira e a segunda foi desmaltar... sentado. A terceira foi descompor o malvado.

Agora, que, por fas ou por nefas, tenho de receber-lhe a cruz, mais resignado á sorte impia, limito-me a não comprehender como pode esse homem relegar de si tarefa tão doce e tão proveitosa qual a de ser o historiador da semana n'A SEMANA.

Porque é preciso que se saiba, que elle não ganhava um vintem para nos contar as suas lindas e bem feitas "historias;" que tinha constantemente á ilharga, a reclamal-as o supradito Crú: que subia os não sei quantos degraus d'A SEMANA para vir rever as provas; e que não tinha assumpto, por cumulo de bens.

Pois bem; apezar de tantas e tão captivantes vantagens, esse homem não quiz continuar a substituir-me! Já é ser incontentavel! Que mais queria elle? Os canutões de coronel? Uma cajuada feita de caju? Os figados grammaticaes do Sr. Horto de Godoy ou uma costelleta de nephelibata?

Ah! mas eu vingome! Olá se me vingoi! E sabem de que modo? Tirando a esse abominavel senhor a capa do pseudonymo em que andou sete semanas embrulhado, espalhando flores e perolas nesta folha.

Saibam todos quantos este virem que "Julio Valmor" é Silva Ramos, o suave e inspirado poeta, o gracioso e vernáculo prosador, bem conhecido mas não tanto quanto o merece.

Ao illustre compadre, digo: confrade, aqui e agora apresento e deixo os meus agradecimentos mais cordiaes e as minhas maldições mais rubras.

✱

Esperem... Ouço passos... Agora é "elle." Só elle sobe trinta degraus em meio segundo... Que lhes dizia eu?

—Bom dia, José! Como estás? Bravos! Já sentado á banca! A que horas temos isso prompto?

—Aqui tens já. Toma e some-te!

E sumio-se, radiante, com uma das duas libras da minha carne no bolso, o adoravel Shylock.

JOSÉ DO EGYPTO.

O ROMANCE BRASILEIRO

O MISSIONARIO — Romance por L. Dolzani (Dr. H. M. Inglez de Souza). 1891.

I

O MISSIONARIO é um livro que entonce, embriaga e farta como uma bebida forte do Amazonas. Em suas paginas ha tanta vida quanto pode existir em uma obra copiada do natural. Embora se trate de um trabalho feito por um escriptor sobrio e comedido em suas manifestações, vê-se que o autor do MISSIONARIO possui grande vigor de imaginação, intensidade passional e esse colorido quente peculiar a todos que têm convivido com os habitantes da zona equatorial. Paraense nascido em Obidos, o Dr. Inglez de Souza, durante os primeiros annos de sua vida, perlustrou as margens do grande rio e ahi recebeu as impressões que deviam enriquecer a palheta do paizagista. Grande analogia existe entre a placa photographica e a sensibilidade humana. Expoz-se qualquer poeta ao sol abrasador d'aquellas regiões magestosas e tel-o-ão transformado em um colorista de primeira ordem. Foi o que succedeu com o escriptor de que me occupo. A força suggestiva da vida amazonica dominou-o como um facto que tem sido celebrado por todos os viajantes. Não ha livro escripto sobre o Amazonas que se não resinta de um colorido singular. E' ao maravilhoso d'essas tintas que devem todo o seu valor artistico os livros de Emille Carrey, de Gomes de Amorim, de Agassiz, de Bates, de Herbert Smith.

Eu mesmo que escrevo estas linhas, ainda hoje quando me recordo das scenas que alli observei, menino, sinto o arpejo de uma forte sensação retrospectiva; e, no sossobro do entusiasmo, julgo antever a phrase emotiva que revigora a expressão litteraria. Ainda hoje e com a mesma grandeza passam por diante dos meus olhos aquellas mysteriosas e selvagens florestas dominadas pela monotonia soberana de rios infindaveis. Tremeo pensando nos perigos do Guamã, e de subito sinto-me, como outr'ora, arrebatado n'uma igarité tripolada por indios mansos, descendo o rio ora de bobuia, ora ao esforço vigoroso do braço do mundurucú, abrigado sob um toldo de guaramã.

Cabria a tarde rapidamente, e, segundo ouvira dizer, perigos indefiniveis nos ameaçavam. Era preciso, portanto, que a canôa alcançasse a "espera," antes de escurecer. Os indios, então á ordem do capataz, curvaram-se sobre os remos, e, sem protesto amiudaram os movimentos.

A igarité resvalou pelo meio da corrente como um patinador por sobre o gelo.

Vieio a noite; entretanto não chegavamos ao ponto determinado. A escuridão já era grande, e os reflexos apenas das estrellas destacavam das margens as massas escuras dos arvoredos, que se deitavam sobre as aguas. Em baixo seguia o rio silencioso por entre selvas negras e alagadas, que pareciam boiar como plantas aquaticas opulentas, collossaes, cobrindo a superficie sinistra de um lago immenso.

Tudo parecia endurecido pelo silencio. Os remos mal ciciavam; na tolda o estupor da solidão abafava as vozes dos tripolantes. Ao meu coração tranzido de medo, a callidez do ambiente, precursora da tempestade, antepunha o frio predecessor das emoções causadas por uma marcha para o desconhecido. Os remadores á prôa da embarcação oscilavam como phantasmas. As folhas dos iugás, quando passavamos em baixo de alguma moita, não se moviam. Com intervalos muito longos, da matta partia o pio angustiado da urutáo ou o ganir do cão silvestre. Adiante fustigavamos o rosto a vibração violenta do ar, ferido pela aza do morcego. A sornuidade d'esse scenario trazia-me o sangue gelado nas veias como se o sobre-natural alli estivesse acenando do escuro em illusões vertiginosas de espectro solar, de gemidos distantes, surdos e plangentes, de uivos entrecortados e dilacerantes e de ronos de sucrujubas gigantescas.

—Ella ahi vem; disse por fim um dos mundurucús.

—Ella quem? perguntei eu no auge do pavor, procurando sorprehender nas palavras de todos um amparo contra o perigo que se avizinhavá. E alguém alli perto de mim, com a voz aguda dos sinos em alarma, sussurrou que seria talvez a pororoca, mas que a "espera" felizmente estava á vista.

Recrudescu a velocidade da igaraté; e, na escuridão, sem que percebesse nitidamente o que se passava, senti que sahiamos da grande correnteza para entrar num leito mais estreito.

Houve uma sensação de alivio. Os indios mansos começaram a falar, e um torrão de almecega acceso foi posto á prôa da canôa. Então pude vêr que tínhamos penetrado num igarapé. A' amplidão do Guamã succedia a angustura de um canal, em que as arvores esgalhadas e abraçando-se de lado a lado occultavam os unicos fogos que nos guiavam,—os das estrellas. De quando em quando gravetos e cipós raspavam o toldo de guarumã. Os remadores, desembaraçados das pás, afastavam os ramos e iam arrastando a igaraté quasi por assim dizer atravez do mattagal.

Numa volta estacou a embarcação; existia uma aberta no matto, alguma coisa se assemelhava a um ponto de passagem de antas. A influencia das aguas difficilmente chegaria até alli, diziam. Todavia a igaraté foi encalhada e amarrada por cordas aos troncos marginaes.

Para mim as recordações do que se seguio são vagas e neste instante apresentam-se-me ao espirito adornadas dos tons fugitivos e fulgurantes de uma magica theatral.

Um dos selvagens tinha me tomado ao hombro e depois me collocara em terra. Ao clarão da almecega fomos conduzidos todos para região mais elevada.

Passaram-se minutos. Um clamor ao longe, muito ao longe, se fez sentir no

espaço; silencio; novo clamor; fragmentos de rumores desconhecidos espalham-se dilacerados pelo vento da floresta. Os ouvidos difficilmente apprehendem a symphonia de ruidos mysteriosos que se avizinha. Era a pororoca que emfim chegava.

Um rugido indescrível atroou nos ares, propagando-se em mil outros tons que se perdiam pelas arcarias da selva sem limites, e num crescendo diabolico, ao qual pareciam assistir todas as bigornas do inferno invisível, a onda alva e espumante, de longe mal presentida, aturdiu-me até á paralyzação do sentido auditivo.

E assim passou por junto de nós todos tranzidos o pesadelo da natureza amazonica. Investindo as aguas tranquillias do Guamã, a pororoca tyranisava as florestas vergadas sob a agonia de sua raiva epileptica.

Os mattos estalavam; desarraigavam-se arvores collossaes; subia a agua em espumas até ao ninho das aves; a fauna e a propria flora, desperta de seu somno, lançava o alarido de socorro.

Insensível, porém, a esse alarido infernal, a onda avançava sempre; e um brado superior, a todas essas vozes, dominou a amplidão.

Enorme, revolta, furiosa, entalada entre duas massas escuras, devastando, destruindo, deitando por terra tudo quanto obstava a sua passagem, a onda soberana, como o genio sombrio d'aquelles rios, desapareceu no mysterio como d'elle havia surgido.

As aguas mortas do igarapé, impellidas até quasi o oiteiro para onde nos haviamos abrigado, foram se escoando a pouco e pouco; e a floresta, tornando á primitiva quietação, de repente balsamisou-se dos aromas exhalados das hervas despedaçadas pela violencia da torrente. A' tepidez da atmosphaera, congestionada pela electricidade, succedeu o frescor produzido por uma aragem solicitante e bemfazeja.

Passaram os banheiros; voltámos á canôa e d'ahi a instantes, á força de remos, corriamos, rio abaixo, em busca do Bojarei...

II

Abrindo as folhas d'O MISSIONARIO sinto-me de subito transportado a esse Pará que conheci na minha puericia. Vejo-o vivo, quente, luminoso, como se a fada do romance me houvesse tocado com a sua vara de condão e me convertesse em habitante d'aquellas regiões.

Embarcado na phantasia de escriptor que manobra um estylo ductil e cristalino, acho-me na villa de Silves, e assisto a todas as intrigas do logarejo. Todos os graúdos da terra me são apresentados; e scenas curiosissimas desenrolam-se diante de meus olhos absortos.

Aqui está o Sr. Macario, sachristão da matriz de Silves, mixto de devoção e velhacaria, não obstante julgar-se o "machiavelismo" em pessoa. Nada mais interessante do que esse typo de rato de sachristia com as suas pretensões a sacudir poeira nos olhos dos freguezes e á dominação politica da villa por meio da tutella que suppõe exercer sobre um vigario moço e inexperiente.

Agora é o Sr. tenente Valladão, subdelegado de policia, "magro, esgrouviado, e tísico," mas não obstante isto "muito boa pessoa" e respeitavel tanto pelo comprido cavaignac grisalho, como pelos seus oculos imponentes.

Mais adiante surge o collectos das rendas geraes e provincias o Sr. Manoel

entes da Fonseca, influencia politica no logar, negociante importante e honra de toda a consideração, sem embargo da grande barriga que o precede da barba sempre feita que lhe dá a feição sacerdotal.

E não tardam a apparecer as outras notabilidades da heroica villa: o presidente da Camara Municipal Neves Barreira, tambem "muito boa pessoa," "cara de carneiro com largas ventas cheias de Paulo Cordeiro;" — o professor Grego Annibal Americano Selvagem Brazilleiro, segundo era voz publica, intelligente e serio, e além d'isto mulato de olhos de tartaruga; — o logista Joaquim da Costa e Silva, proprietario de uma boa loja de modas á rua do Porto, bazar onde se vende de tudo e se corta na pelle de todo o mundo, homem tambem muito honrado, apesar de "fazer commercio de regatão mais por divertimento do que por necessidade."

Esta sociedade minuscule de Silves var apparecendo á proporção que as paginas do livro se desdobram; e aqui, ali, além, vou encontrando figuras al-pures entre-vistas em aldeias do sertão.

Por ultimo exhibe-se o typo completo e acabado do publicista da roça. Eis-me em presença do Sr. Xico Fidencio.

Este personagem, diga-se a verdade, é um dos mais bem apanhados especimens da fauna social brasileira. Eis typo pobre o qual se move toda a primeira parte do romance; elle representa bem o papel do dlabo solto num povoado, onde uma metade do povo é ruim e a outra imbecil, com rarissimas excepções.

A psychologia desse individuo é feita com cuidado e apuro e o seu retrato trabalhado com amor.

Xico Fidencio é um sujeito de educação truncada; arribado do sul, charlatão de marca, dotado de loquella inestinguivel e de uma "vis scribendi" furibunda, tinha tomado Silves de assalto, e procurava supplantar os matutos com uma linguagem lardeada de latinorios e de citações historicas fais-cadas nos compendios e no Cesar Cantú.

O enredo em pessoa, batido em sua mediocridade pelas forças sociaes onde quer que pousara antes de chegar a Silves, vingava-se agora das injustiças da sorte apossando-se d'aquella pobre gente para, "in anima vili," pôr á prova a alta capacidade intellectual de que se suppunha dotado. Assim o charlatão se constituirá o oraculo do povoado, o explicador de todas as coisas difíceis, arauto da moral publica e chefe virtual de todos os motins e agitações movidas nas redondezas da lagôa de Saracá.

Ao tempo em que se passa a acção do romance dirigia a Diocese do Pará o bispo D. Antonio de Macedo Costa e a questão maçonica percorria o periodo mais agudo.

D. Antonio procurava reanimar o valle do Amazonas, insufflando nos indios, pela catechese, e nos regatões, pela predica, o espirito christão. Em seus aureos sonhos até imaginara a creação do "Christophoro, cathedral fluctuante e phantastica, que singrando pelas aguas do grande rio, iria attrahindo ao seio da igreja pelo grandioso das harmonias, qual novo Orpheu, não só os habitantes das selvas, mas tambem os especuladores de especiarías materializadas pelo demonio da ganancia commercial. Estas e outras tendencias mysticas eram então alimentadas pelo seminario maior de Belém, de onde saham todos os annos alguns padres

dedicados á causa, e ainda mais pelos jesuitas que do collegio latino-americano de Roma vinham auxiliar a obra iniciada pelo prelado. Pode-se, portanto, calcular como ao surgir a questão maçonica, estas machinas padreseas deviam irritar os maus de temperamento e os que de ordinario gostam do escandalo e se alegram com o espectáculo da perturbação das consciencias.

Xico Fidencio, pois, em Silves fez-se o defensor da liberdade e o arauto do "Bode Preto;" e apparelhou-se em opposição systematica a tudo quanto cheirasse a sachristia. E' facil adivinhar em que livros foi o atrabiliario mestre-escola buscar os logares communs de polemica religiosa com que devia espantar a burguezia matuta da infeliz freguezia que lhe coubera por sorte.

O vigario de Silves na epoca de que se trata, era um homem de moral pouco segura e cúmplice de todos os costumes de seu tempo. Estava pois indicado o ponto de partida para a campanha e o romancista em uma pagina magistral nos mostra como o Fidencio se desempenhou d'essa missão.

ARARIPE JUNIOR.

(Continúa.)

SONHO AFRICANO

Eillo em sua choupana. A lampada, suspensa
Ao tecto, oscilla; a um canto um velho e her-
[vado flimbo.
Entrando, porta dentro, o sol lhe forma um nimbo
Cór de cinabrio em torno á carapinha densa.

Estira-se no chão... Tanta fadiga e doença!
Espreguiça, bocejando... O apagado cachimbo
Na bocca, nessa moça escuridão de limbo,
Molle, semi-cerrando os dubios olhos, pensa...

Pensa na longe patria... As florestas gigantes
Se estendem, sob o azul, onde cheios de magia,
Vivem negros pituns e enormes elephantés...

Calma em tudo; dardeja o sol raios tranquilos...
Desce um rio, a cantar... Coalham-se, á tona
[d'agua.

Em compacto arpetão, os velhos crocodillos...

S. Paulo, 6—1—1894.

FRANCISCA JULIA DA SILVA.

DIA DE REIS

(A VALENTIM MAGALHÃES)

Amanhecia ainda e a estrella d'Alva, fulgurante e bella, desmaiava em languores pelo céu divino.

A alvorada subia, uma alvorada feita de cantos e de endeixas biblicas, onde o calor das musas tropicaes juntava um quente e um rubro longe ás scenas bem-ditas da tradição lendaria, que as trovas simples e merencolicas traduziam e lembravam.

A filha do fazendeiro gorducho, anciosa e garrula, deixava o leite e abria as cortinas do seu "habitat" risonho — um sotão espaçoso e delicado, a encimar a casa de vivenda, a antiga moradia encantadora de uma antiga familia de lavradores intelligentes e amigos.

"O' de casa, nobre gente,
Vinde fóra e ouvideis..."

Psalmodeava o coro stentorico dos "cabras mãos" acompanhados a cordas por uma banda inteira de violas, afinadissima e sonora.

"Da parte do Oriente
São chegados os tres Reis.

E depois, seguindo uma esfusiada alegre de metaes, um tilintido harmonioso de repiques e batidos, privilegiados

ponteios e rasgados promptos, — a toada, de novo, entremeando a boa graça infantil e saloia aos accents sagrados e mysticos, de um velho perfume agradável e honesto, sincero, bom, profundo, da poesia travadora antiga e festeira do Menino Deus, vindo entre os homens.

Sentia-se ali o ar do campo e a sim-plez das cousas que vivem sem artificios nem esgares, o ar puro que dá aquelles peitos oxygenados e vibrantes, de calxa forte e salientes clavículas rudes e pesantes, de labor e coragem, abnegação e desprendimento do dinheiro, do mal, da ambição e do orgulho matreiro, varioso, da cidade e do bulicio.

— Vamos dar cachaça a estes malucos, Dona! — convidou o fazendeiro enfiando as chinellas e descendo a escada, enquanto a boa mulherzinha ia ao armario e apparelhava uma garrafa para os musicos tirarem o jejum e "abrir o corpo."

— Pois então vocês não têm mais que fazer senão vir acordar a gente com cantigas, seu Matheus? Olha só o diabo do cabra com ome olha sonso! Levanta essa cabeça, patife!

"Raça de vagabundos! dizia afinal o velhote a rir-se, satisfeito das pilherias, espiando a cara desconfiada de alguns da banda, que não lhe conheciam o genio, e pedindo, afinal, uma valsa, mas uma valsa bonita e nova, para variar e alegrar aquellas tristezas dos "reis," que elle detestava — dizia — fingindo sempre, como lhe era natural e sabido.

Descia ao tempo a Rosinha, e as requintadas se apresentaram a substituir as violas, o ophicleide antigo de chaves á voz barytona dos sólistas e côro da farandula grata de mestre Matheus dos Passos e seu filho Eugenio, o mais velho, aquelle que elle um dia quizera ver ainda "na corte," entre glorias e triumphos; pobre velho e pobre pae sonhador e triste, mas de uma tristeza não desconsolada e amarga, sim a tristeza mascula de artista e de resignado, varonil e ruidosa, tristeza alegre e sem ironias, por fim, de que só na roça existe ainda talvez a amostra exemplar e rara.

Tres compassos de entrada soaram, originalmente talhados e ridentes, uma valsa ternã e poetica seguio-se, e era de contemplar com desvelo a ternura do velho mestre acompanhando com amor a requinta apaixonada do filho, o pobre auctor — virtuose executante, cabisbaixo e timido, em cuja face nada se lia, enquanto que as suas notas choravam pela sala, enchiam tudo e lambiam gementes a pyra extincta de um éstro morto e estiolado, como branca anemoua, ali onde outr'ora houvera talvez um cactus vermelho de inspiração e de amor, gloria e desejos que mal agora se definiam sequer, no olhar velado e morbifero do alentado "cabrócha" Intelligente e humilde, sympathico e bem lançado no gesto maneiroso e distincto.

Terminou saudosa a melodia pedida, circulou a "giriba" em um só calice, de fórmula e gosto secular, e a banda ergueu-se de novo para retomar as violas e o pandeiro-adufo, em que umas fitas brincavam ás voltas, dando aspecto festivo a tudo com revolteios de flammula em boda alegre e campezina.

Seguiu a farandula a despertar na estrada o passaredo com as suas flautas e cascateios de rima chilreante e sonora; o sol erguia a ponta de véos neblinosos matutinos, e a Rosinha ficava á janella, pensativa e doce, num olhar compassivo de orgulho triumphante da sua realza

formosa de anjo, olhando a natureza em festa e ouvindo os rumores da banda agreste, fugidia pelas encostas do burgo em fóra, além, além... muito além.

Juiz de Fóra, 1894.

SILVA TAVARES.

ETERNO ASSUMPTO *

Se eu espalhasse pelo mundo a fria e insuperavel dôr que me devora, e o meu orgulho por tal fim calcasse,

Talvez da multidão frívola um dia, um segundo, um minuto, acaso uma hora, tivesse o chasco me gilvando a face.

Fôra-me então bem triste e desenlace d'esta paixão... tristissimo. Annos tantos tudo encobrir, mostrar-se venturoso, e após tanto martyrio silencioso manchar de risos os sagrados prantos.

Menos cruel emtanto o torpe insulto do que o cancro esconder, soffrel-o occulto... Mas soffrerei, que amor o determina: Nem um momento assim terá censuras a immaculada mão que me assassina.

1889

ALCIDES FLAVIO.

* A forma d'esta composição, que ainda não foi, ao que me consta, usada em portuguez, não é arbitraria. Vide: D. "Quijote de la Mancha." part. I, capit. XIV, "Cancion de Grisostomo."

LOLI

(VIAGEM PELO PAIZ DA SAUDADE)

A' Elisa

Numa destas manhãs alegres de verão tépido e aromatico em que a natureza inteira canta e ri, minh'alma, cheia de tristeza, pediu-me um conforto intenso.

E, ouvindo o chilrear da passarada em jubilo e o hilariante estridulo da cigarra em nupcias, subi a encosta que leva á mansão dos mortos.

E allí, entre rosas e jasmims cheirosos, procurei o marmore branco que guarda o corpo ainda mais branco d'aquella que enflorou os meus dias durante tres annos felizes.

Havia muito sol pelas lousas e muito cantico pelo ar; mas no meu coração havia a sombra da tristeza e nos meus olhos borbulhava a dor.

No alto de uma casuarina, um pintasilgo debruçado á beira do ninho pipilava contos de fada á doce prôle silente e, em baixo, occultos sob a terra quente, uma legião de grillos grazinava o seu cri-cri amoroso, abençoando o bom sol creador e fecundo.

Tudo ria, tudo cantava nessa região da tristeza. O lyrio branco fazia madrigaes ás rosas e o manacá oloroso segredava amores á violeta pudica. Aqui, allí, por toda a parte, a héra abraçava os troncos, os muros, os marmores num amplexo luxurioso de sultana lasciva; e, ao longe, um trabalhador pertinaz desafiava o melro com o seu assobio melodioso e são.

A natureza inteira rejubilava-se numa alegria communicativa, num prazér ruidoso, que ia do verme á ave, do ninho á flor.

E estes risos todos invadiam-me a alma como um grande sarcasmo atirado á minha desdita.

Sobre o marmore branco onde só ha um nome—Laura (ou Loli, como ella propria se designava)—um punhado de rosas emmurcheia; mas, d'entre ellas surgia um botão que, longe de fenecer, deixava-se desabrochar, como um protesto ao languor das companheiras.

Então, enquanto a passarada cantava e o trabalhador enchia o ar com o seu assobio melodioso e são, no meio da grazinada dos grillos e das cigarras, eu retirei as rosas murchas de sobre o marmore e cobri-o de flores frescas e viçosas

Muito tempo, muito tempo eu consumi a dispor com arte estas flores cheirosas—pedaços de minh'alma—que tinham de ficar ali velando por ella, acalentando-lhe o eterno somno e povoando-o de sonhos perfumados.

Lembrei-me então, que fôra assim, por uma manhã risonha, que ella viera ao mundo entre rosas e boninas, entre beijos e caricias.

E, como as rosas, ella vivera um instante,—tres annos só!... o tempo preciso para se deixar idolatrar e... partir.

Um indifferente, um d'estes infelizes, sem mulher, sem filhos, talvez sem mãe, que atravessam o campo da vida sem plantar uma arvore, sem colher um fructo, sem estancar uma lagrima, passou juntou a mim, trauteando um trecho de musica alegre e petulante.

E, ao ver-me, encostado ao marmore, enchendo-o de rosas e de caricias, este desgraçado parou e repetiu o nome, que minhas mãos affagavam.

Depois, sem se aperceber da minha dôr, recomeçou a trautear a mesma musica e seguiu por entre os tumulos como uma sombra errante.

E eu pensei que, em todo aquelle vasto ambito, não havia talvez uma campá que lhe guardasse um ente querido, onde elle fosse lançar um goivo ou desfolhar uma saudade.

Era de certo mais desgraçado do que eu esse feliz, tão infeliz que não tinha um pezar.

O sol esquentava e mordida-me fortemente a epiderme. O marmore, o meu querido marmore, alvejava ao sol, circumdado de grinaldas, mosqueado de flores, por entre as quaes sobresahia a flor mais bella—aquelle nome querido—que falla á minh'alma na linguagem dos anjos.

E, desse marmore subia para o ar uma onda de perfumes suaves, tão suaves que a pouco e pouco suavisaram, dulcificaram a minha dôr.

Sentindo-me reconfortado por aquelle aroma indefinivel, eu, quasi alegre, sem pejo, sem constrangimento, encostei a minha bocca ao marmore e osculei-o demoradamente.

E, pareceu-me então que o marmore, no ponto em que eu havia encostado a minha bocca, se adelgaçava, se diluía ao contacto dos meus labios quentes e que, do outro lado, outros labios procuravam os meus e a elles se uniam num osculo ardente e santo.....

Quando volvi á casa, uma hora depois, todo o jubilo intenso e infrene da natureza tinha-me invadido a alma.

Comecei então a comprehender a linguagem das flores e o cantico das aves.

E, enquanto eu ouvia as rosas murmurarem á minha passagem—"Nunca mais!... nunca mais!" um pintasilgo, talvez o que acalentava os filhos na casuarina, e que d'elles se lembrava, disse-me:

—Sê feliz. . . sê feliz.

E do seu biquinho cahiu uma perola de orvalho, que me pareceu uma lagrima.

S. Paulo, Março 1893.

GARCIA REDONDO.

(Do livro Inedito "Caricias.")

STRUGLE OF LIFE

(NUVENS E RAIOS)

Ful-me viver nas sombras da floresta,
Viver ali só, ahí só buscar repouso,
E a serena alegria, e o intimo gozo
Do céu cheio de luz, da terra em festa.

Pois olhem, nada d'isto achei, e ousou
Crer, que ninguém a paz haurira nesta
Mentida calma: um véu delicioso
Cobre o odio, e a tração, que o campo infesta.

Fura o bysso da tunica impolluta
Do lyrio a larva immunda, e o insecto — e ouço
O rumor surdo d'aspera disputa

Do berço á flor, do pranto em grilo ao fosso:
E dão o amor da vida e o horror da luta
Annas no verme, espantos ao colosso...

LUIZ DELFINO.

VICIOS DE LINGOAGEM

Subordinada a esta epigrapha, recebemos uma nova carta do Sr. Horto de Godoy (pseudonymo) em resposta ás observações que á primeira fizera em o n. 20 d'A SEMANA o nosso illustrado col-laborador Julio Valmor.

Representando esta segunda carta uma defesa e havendo nós inserido a primeira, consideramo-nos no dever de publical-a tambem.

Mas tanto a Horto como a Julio pedimos, pelo amor de Deus, que não estiquem a questão.

Olhem que umá querella grammatical é calamidade quasi tão grande como um terremoto ou uma inundação!

Eis a carta:

SR. REDACTOR. — O meu humilde artigo, inserto em o n. 20 d'A SEMANA, valeu uma severa contestação da parte do seu illustre chronista, o Sr. Julio Valmor.

Voltando a campo, faço o papel de David em lucta com o gigante Goliath, lucta desigual mas proveitosa, visto que da discussão sae a luz.

Humilde, desconhecido, sem competencia, não ousaria sahir ao encontro de um gigante experimentado em armas, si a tanto não fosse chamado.

Antes, porém, de ferir o alvo, tenho a lamentar que o Sr. Valmor, tractando de assumpto serio, como promettera a uma "gentil interlocutora," venha nos sahindo com lettreiros de "estrebarras," etc.

Não foi serio nesse poncto, e "a gentil interlocutora" deve manifestar-lhe pezar por isso.

Quanto ao termo "projectis," deixo-o entregue ao Sr. João Ribeiro e ao publico que nos lê: ao primeiro mandará corrigir o preceito grammatical; ao segundo satisfará, explicando-se melhor.

"Agora visto que o Sr. Godoy é caroavel d'estas investigações de vernaculidade, atrevo-me a pedir-lhe que nos seus ocios de Rio-Claro se sirva indagar da legitimidade d'aquella expressão que se lê no seu artigo: "deparei com muitos termos estranhos."

Vou satisfazer-lhe a curiosidade.

Abra o livro—Vocabulos e Locuções da Lingua Portugueza, do Sr. G. Bellegarde, pag., 39, v. Deparar, e leia até á pag. 42, onde encontrará:

"Perguntar-lhes-iamos se "deparam com" espectaculos semelhantes nas antigas republicas gregas...

(A. F. de Castilho — Proemio á traducção das PALAVRAS DE UM CRENTE, pag. 16).

“Nacaça “deparara” co’estes paços.” (Garret, D. Branca, c. 4º, pag. 93.)

“Deparei com a cara sciencia de um santo e venho exhibir-vol-a!” (Padre Senna Freitas — Jesuitas, traducção, vol. 1, pag. 89.)

O Sr. Valmor concordará que — “deparci com” bons companheiros.

Veja o que dizem Pacheco Junior e Lameira de Andrada sobre o “se” Gram. Port. pag. 482.

Consulte Grivet — Grammatica Analytica, publicada em 1865, pag. 189.

Terminando sua argumentação, Grivet cita o seguinte trecho: “Nini, côrte de Nino, foi a maior cidade do mundo: endava-se, de porta a porta, não menos que em tres dias de caminho” (Padre A. Vieira) Isto é... “a gente” andava, de porta a porta etc.

Ora, si nos exemplos de Pacheco Junior e L. de Andrade e nos de Grivet, como este, pode-se dizer “a gente andava” etc. porque naquelle outro — commummente se lê, “etc., não se pôde dizer: “commummente a gente lê pelos jornaes, etc.?”

Si o “se” pode servir de eujeito em um, pode servir em outro caso também.

O Sr. João Ribeiro diz em sua — Grammatica Portugueza, 3º anno, pag. 268, terminando a argumentação sobre “se”:

“A litteratura contemporanea, tão approxmada das fontes francezas, acabará talvez por fixar o uso do “se” como sujeito, apezar da resistencia que a isso oppoem os grammaticos.”

Poderia discutir mais longamente a questão, mas não quero enfadar os leitores com insulas pretensões de “sablhão.”

Termina o Sr. Julio Valmor dizendo: “Complanc-me o Sr. Horto de Godoy aquellas corcovas desgraciosas no liso dorso da sã linguagem portugueza e conte depois com este seu creado para irmos juntos, de Moracs em punho, dar caça sem treguas nem mercê aos estranheiros de má raça.”

Poderia aceitar o convite, si o Moraes não estivesse cheio das taes “corcovas.”

Leia o que diz o Sr. Aulete no “Dicionario Contemporaneo,” publicado em 1881, sob o titulo — PLANO.

O Sr. Valmor deve concordar comigo que — a bella linguagem portugueza, tão querida de Francisco Rodrigues Lobo, anda “remendada como capa de pedinte” e a causa principal disto é que nós não queremos sujeitar-nos a aprendel-a bem.

Os jornaes andam sempre abarrotados de grossas asneiras, devido tão somente ao descuido, ao desmazelo, ao pouco caso “dos naturaes da lingua.”

Depois que os “dez poetas” tomaram aquella grande tunda, depois da critica terrivel feita ao livro do Dr. V. de Castro, não se deve admirar que o desconhecido rabiscador Horto recebesse lições de Julio.

Agradecendo summamente a lição gratis, fico á disposição do illustre chonista.

Rio-Claro, 1894.

HORTO DE GODOY.

A mesma paisagem nos parece alegre ou triste conforme o tempo; e a mesma opinião nos parece sensata ou insensata segundo a impressão que nos domina no momento.

JULIO SIMON.

LUCTA

Em meio do capinzal, ao pé do morro, proximo ao leito do caminho de ferro, quedava um touro — forte, grande e bello, que viera dos sertões longinuos, onde se estendem as campinas claras, para os pastos da fazenda. Era um animal raro, o mais bonito, o mais valente do seu campo nativo.

Tinha o pello preto e luzido, com uma larga mancha branca no dorso potente. O seu aspecto era todo de glorias e de força, quando corria pelas varzeas, balançando pesadamente o corpo solido, fazendo tremer o chão com as patas rijas, ou quando escarvava a terra e urrava altaneiramente, levantando o fucinho ao sol. Era indomado; e nunca tinha visto uma habitação humana antes de ter sido preso, ao decidirem vendel-o: luctava então desesperadamente, fatigava dias e dias os vaqueiros mais esforçados refugiando-se raivoso e indignado pelas varzeas e pelos mattos, apegando-se, com um amor e uma valentia de heroe, á liberdade que lhe queriam roubar. Depois fôra outra série de esforços quando o trouxeram em meio da boiada numerosa, pelos caminhos agrestes, marchando dezenas de leguas, por longos dias e noites; havia sobre elle uma vigilancia continua e tenaz, pois o animal mostrava-se temeroso, ao sentir-se assim levar á força, atravez d’aquelles campos vastos, d’aquellas serras ricas, por onde elle podia escapar-se, destemido e livre.

Chegado á fazenda nessa manhã, soltaram-no logo a pastar. E o touro estacara alli muito tempo, de pé, sentindo-se livre, em meio do largo valle dourado do sol, mirando as aguas claras do rio, que rolava perto, marulhante e vasto, sorvendo o cheiro grato do capinzal vicejante; mas desconfiado e surpreso d’esse paiz que lhe era desconhecido. — e olhando longamente para os trilhos do caminho de ferro, que contornavam o morro perto, e seguiam para além, em linha recta, symetricos e negros, sobre o terreno vermelho da estrada.

Eram dez horas, o sol fulgurante subia num céu azul clarissimo, e banhava vivamente tudo; o rio parecia estorcer-se de goso sob a luz macia e fina; os galhos altos das arvores da margem e do cafesal que cobria o morro scintilavam como prata, movendo-se á aragem morna e calada que soprava. O corpo negro do touro tinha um brilho de ebano polido, a mancha branca no dorso espelhava vibrantemente; e por todo elle passava uma leve ondulação voluptuosa, que produziam a caricia do sol e o sopro delicado da brisa.

O touro fitava longamente, melancolicamente, a estrada extensa e vermelha. De repente recuou, poz-se estatico a vinte passos longe, como á espera de um ataque: um ruido pesado e crescente abalava o chão, um tremor passava pelos trilhos; e logo um silvo altissimo e vibrante partio pelo ar. O animal violentamente voltou-se, de um salto, e avistou ao longe um trem que se approximava, rapido e ruidoso; um forte estremecimento sacudio-lhe o corpo todo, e os seus olhos fitaram com espanto e raiva aquillo que caminhava para elle. A pata forte e pesada cavou o chão, — o touro estava prompto para o ataque.

Aquelle estranho animal grande, negro, fumegante, que rolava como uma tempestade, que rugia cem vezes mais

forte que elle, tornou-lhe o peito frio de espanto e de admiração; mas o sangue valoroso da raça agitava-se, bramia; o monstro não o devoraria indefeso; o touro queria luctar, luctaria com o ardor grandioso de um sêr bravo, livre, destemido, que tem innato o odio de outra especie; queria luctar, queria morrer feliz e orgulhoso, esmagado sob as patas do cyclôpe...

A locomotiva audaz vinha cada vez mais perto, negra e altiva, arrastando a cauda gigantesca. Quando a uns dez passos de distancia, outro silvo cortou o espaço; — e o touro, com o dorso elastico, os olhos inflamados, rapido como uma bala, abateu-se furiosamente sobre o trem.

Um grito altisono e soberbo de agonia prolongou o silvo da locomotiva. Quando o comboio passou, ostentava-se sobre os trilhos a carne rasgada, rubra, fumegante do animal, o sangue golfante ensopava o chão vermelho, fazia manchas destacadas pelo caminho a fora, como um rastro victorioso, e salpicava ainda das rodas do ultimo wagon, que fugia rapidamente por detraz do morro.

LEOPOLDO BRIGIDO.

VIGILIA MORTAL

Bato ás portas do Somno. “E’ escura a noite — llorado —” eu morro de angustia e de fadiga! A essa negra tormenta ha quem se affoite? Ha ser que tanto mal bata e persiga?

Abre-me o teu palacio, Fada amiga: Dá-me um leito de olvido em que me acosite! Ninguém responde. O trovão rugiu; o açoite Da ventania as faces me fustiga...

E é fechado o palacio, onde, no encanto Das miragens, se esquece este enfadonho Mundo... O somno me foge, e eu soffro tanto!

E, no clarão de relampago medonho, Vejo, transido de terror e espanto, O sonho horrivel que acordado eu sonho...

MAGALHÃES DE AZEREDO.

GAZETILHA LITTERARIA

O nosso projecto collega do JORNAL DO COMMERCIO, na noticia com que amavelmente accusou a publicação do nosso numero ultimo, disse: “Além da historia dos sete dias e de poesias “algumas inéditas” etc.

Devemos informar ao collega e a todos os leitores que os trabalhos publicados em nossa folha, em prosa como em verso, são todos inéditos, salvo excepções rarissimas.

Pôde muito bem acontecer, e já tem talvez acontecido mais de uma vez, publicarmos trabalhos não inéditos; mas podemos assegurar que os recebemos na crença de que o eram, e manuscritos; o que é perfeitamente desculpavel, visto que não é possivel ler e conhecer tudo o que se publica por ahi, mormente na imprensa estadual.

Não transcrevemos, como regra geral; como excepção, porém, ou declaramos a origem de escripto reproduzido, eu não o declaramos, por havermos obtido autorisação prévia para isso do collega que primeiro o publicou.

Pequena, modesta, insignificante embora, A SEMANA, no caso de lhe impingirem cousas publicadas por inéditas, lançará ao “Index” o nome do collaborador que tal deslealdade haja commetido.

□ Não se recusa a republicar; mas deseja, quando o fizer, que seja isso considerado

uma prova, alta e grande, de apreço á obra e consideração ao autor, e, sobretudo, não quer ser "embrullhada."

Ahi fica de uma vez por todas a declaração.

Para o nosso primeiro concurso de poesia recebemos mais dois trabalhos—um com a legenda QUEM ESPERA SEMPRE ALCANÇA e o outro com a de QUERER É PODER.—que pela segunda vez é usada. Para distinguirmos dois trabalhos vindos com este distico puzemos no primeiro a letra A e no segundo a letra B.

Dentro de alguns dias annunciaremos os premios.

Foi com prazer que vimos voltar a collaborar n' O PAIZ o nosso Arthur Azevedo. Parabens a ambos, mas principalmente ao publico.

Escrevendo a um dos nossos collegas de redacção diz o nosso distincto collaborador Silva Tavares sobre o plebiscito ultimamente encerrado por esta folha:

"Devo dizer-te a minha opinião sobre o plebiscito dos contos e resumo—a dizendo-te que os melhores "conteurs" nossos são Valentim Magalhães, Machado de Assis, Raul Pompéa, Domicio da Gama e Arthur Azevedo. De Machado tudo é bom. Do Dr. Valentim, nos "Vinte contos," chamam a minha attenção "A loucura de um sabio," "O sapatinho do Luiza," etc.; Domicio revelou-se n' "As calças do Manuel Dias"—um primor de estylo suggestivo e sobrio, de um humorismo classico e bom até a chimera!—um portento!

"Raul Pompéa tem um conto digno de quem escreveu o precioso livro do "Atheneu"; chama-se "Grande gala" e sahio na "Gazeta" ha annos, ou na mesma SEMANA, se me lembro.

"Entre o 2º grupo, que devera ser commandado por Aluizio, creio, teriam lugar os "novos," entre os quaes o nosso Heitor Guimarães, que nos "Multicores" tem a meu ver uma pagina de mestre "Um homem superior," não fallando já em outros rapazes de muito talento que cultivam o genero. Os plebiscitos são uteis quando tratam assim de assumpto ao alcance de quantos lêem e podem avaliar do criterio dos votantes. Instruem e educam litterariamente o povo e dão-lhe o amor das suas glorias patrias."

CONCURSOS LITTERARIOS

Ficam estabelecidos quatro concursos trimensaes, de prosa e verso

O primeiro, aberto, desde já, será encerrado no dia 15 de Fevereiro; o segundo será aberto a 1 de Abril e encerrado a 15 de Maio; o terceiro será aberto a 1 de Julho e encerrado a 15 de Agosto, e o ultimo será aberto a 1 de Outubro e encerrado a 15 de Novembro.

CONDIÇÕES GERAES

Os manuscriptos, dirigidos ao director d' A SEMANA, trarão, em vez de assignatura, uma divisa ou legenda e devem ser escriptos em letra bem intelligivel.

Devem ser todos completamente néditos.

Cada manuscripto será acompanhado de uma sobrecarta, na qual se leia a divisa ou legenda correspondente ao manuscripto, a declaração: "Prosa" ou "Poesia", e dentro da qual virão o nome e a residencia do autor do trabalho.

Quer para as composições em prosa como para as em verso a maxima liberdade é concedida para a escolha do assumpto e a fórma da obra.

O mesmo autor pôde concorrer a ambos os torneos, tanto o de prosa como o de poesia. Cada concorrente só pôde apresentar um trabalho.

Os trechos de prosa—contos, quadros, fantasias, seja o que for—não deverão ter menos de 150 linhas (de uma tira de almaço) nem mais de 400.

Os poemas não conterão menos de 14 versos nem mais de 150.

Nos mezes de Março, Junho, Setembro e Dezembro serão publicados os trabalhos premiados em cada concurso anterior.

OS PREMIOS

Para o concurso de poesia só estabelecemos um premio. Para o de prosa—tres: primeiro, segundo e terceiro. Se acontecer que dous, tres ou quatro poemas mereçam o premio unico, será este conferido a um e os outros passarão para o seguinte concurso. O mesmo para o caso de merecerem varios trechos de prosa o primeiro dos tres premios.

Consistirão estes em livros de luxo, raridades bibliographicas, autographos preciosos, retratos de celebidades, ricamente emoldura, dos, etc.

A DIRECÇÃO.

Factos e Noticias

Dos Srs. Cateysson & C., proprietarios da excellente typographia "L'Express" recebemos alguns elegantes cartuchos de "confetti" carnavalescos. São redondinhos, leves, de mil cores... Só lhes falta cheirar! Guardámo-los para o proximo carnaval, que promete ser extremamente alegre e animado.

Regressou ha dias da Europa o socio da importante livraria Laemmert e presidente da Companhia Typographica, nosso amigo Sr. Gustavo Massow, cavalheiro muito conhecido e estimado nas rodas litterarias por sua illustração e affabilidade. Damos-lhe as boas vindas.

Sabem qual é o brinquedo mais antigo do mundo? E' a vara de páu com cabeça de cavallo, em que tanto gostam de galopar as crianças. Encontram-se no Museu de Louvre alguns interessantes specimens destas cabeças de cavallo, de que Syracuse, quatro seculos antes da era christã, tinha o monopolio da fabricação.

Eram grosseiramente moldadas em barro cosido.

O invicto e heroico Club dos Democraticos festeja hoje, 20 do corrente com um mirabolante archi-sumptuoso baile o 27º anniversario de sua fundação. Ao grande "Socrates," secretario do Club nossos agradecimentos pelo amavel convite que nos enviou em nome da Directoria.

FOLHINHAS E ALMANACS

Recebemos dos editores em Porto Alegre, Srs Echenique & Irmão, um exemplar do ALMANACK POPULAR BRASILEIRO para o corrente anno.

E' um repositorio completo de indicações commerciaes, tabellas de estradas de ferro, taxas e outras informações sobre a industria e o commercio d'aquelle estado.

Vem ornado de uma parte litteraria bem escolhida, em que figuram nomes de poetas e prosadores conhecidos e de valor provado, tanto nacionaes como portuguezes, taes como: Alberto de Oliveira, Raymundo Corrêa, D. Julia Lopes de Almeida, Fontoura Xavier, Gonçalves Crespo, Guerra Junqueiro, João de Deus e outros. Uma publicação excellente e que começa bem, pios en-ceta agora a sua existencia.

Agradecemos.

A Companhia Typographica do Brasil mimoseou-nos com uma folhinha de desfolhar para o anno de 1894.

Agradecemos o mimo.

CORREIO

SR. CASTRO CINTRA. — A PEQUENA de V. S. (soneto) não faz travessuras que peçam castigo de palmatoria. E' uma pequena galante e bem educada, benza-a Deus. Sahio ao pae, com certeza; quanto á boa educação, entenda-se, porque quanto á galanteria, que certamente o distingue, nada posso dizer porque não o conheço pessoalmente.

Em todo caso pode-se julgar da arvore pelo fructo.

E' verdade que quem atolar o dente num abacaxi, se não conhecer a arvore, ha de julgá-la um jequitibá no tamanho, e no entanto enganar-se-á quadradissimamente.

Mas, afinal, estou a gastar tanto palanfrorio e não disse ainda o essencial. Olhe, Sr. Cintra, para dizer tudo em duas palavras: A sua pequerrucha cahio no gotto cá do Bibi. Portanto...

SR. A. M. — As suas quadrinhas que têm por titulo NO TRIBUNAL, não primam quanto á forma, mas têm chiste. Pelo menos, quando não tenham outro merito, tem o da originalidade. Parece-me nova a idéa. Depois tudo quanto traz um ligeiro cheirinho de humorismo é tão raro, que qualquer cousa d'este genero que appareça, ainda que não seja um primor, deve ser logo agarrada pelo pésinho como se faz ao conhecido bacorinho do brocardo. Isto quer dizer que os seus versos não são para desprezar e que, portanto, logo que houver oportunidade, virão elles a lume.

SR. SANCHO PANÇA. — Primeiro que tudo: que novas me dá do D. Quichote? e o burrinho que tanto o aguentou no pellego, mastiga ainda bem a ração que o meu caro Pança lhe não ha de negar?

Continúa Vossa Mercê a esvasiar com a mesma galhardia o seu odre, sempre tumefacto de boa gottta? E os moinhos de vento, recebem ainda a grande honra de um golpe de lança dado pela generosa mão do seu illustre amo? Mas o meu amigo cá por estas alturas, em pleno fim de seculo! Isto é novidade, e não pequena! Ora queira desembuchar. An! logo vi! o meu amavel Sancho deu em poeta! Ora já se viu! Vejamos.

Bravos! um bello soneto!

Mas has de me enganar quando eu for frade! Quem faz tão bellos versos poderá ser Sancho Cabeça, mas Sancho Pança é que nunca!

Vae para a sala de espera o seu mimmo. SR. SILVEIRA NETTO.—O seu conto ou phantasia ou artiguete, intitulado A BORDO, é possível que o publicemos na COLLABORAÇÃO. Tem uma boa qualidade, quando outras o não recomendem: — é curto.

O seu soneto A MINHA DÔR, fica esperado para quando houver nestas columnas um cantinho disponível.

Agora veja se me deixa ficar com bocca de lacaio, ein?

SR. JOAQUIM TELLES.—O senhor é um benemerito! O senhor é todo uma alma e alma aberta escancarada, escancaradissima ao Bem! Inda não é isto! Arreganhada mesmo, arreganhada é que é o termo proprio. Uma alma arreganhada inteiramente ao Bem!... Um arco de triumpho lhe ergueria eu, se não temesse que o tomassem por gente do arco do Telles. Ainda Telles do arco podia passar, mas a outra denominação, cruces...

Magnanimo cidadão, o soneto que você me mandou de um tal Sr. H. R. e que illuminou um dia as columnas da TRIBUNA de Goyaz, mette, não já num chinello, mas mesmo num tamanco velho todos os sonetos de Petrarcha, Camões e Bocage! Que maravilha! Que Alhambra de rimas! Que penca de bellezas! Que bebedeira de assombros! Que... que... nem sei!... Um horror, uma calamidade de vocabulos bestialogicabumbaticos!...

Olhem-me para isto, pelo amor da Virgem Maria! Olhem-me só para esta... esta... Emfim lá vae!

Salto logo ao fim, porque, do contrario, se eu der todo aquelle nectar a beber ao leitor, elle apanha uma carraspana que lhe ha de pôr os miolos em pandarecos! O que é bom custa caro.

E' comer pouco para não acabar logo. Lá vae:

"E num "catêreté" de espiritos enfermos, Longe... constellações, no almo "can-can" do [Espaço] Cuspein diamantes sobre os descampados ermos!"

Ai! quem me acode! Aqui d'El-Rei que me matam!

SR. S. PINTO DE A.—Antes o senhor nos tivesse mandado uma garrafa de bom leite lá de Minas, do que um soneto aleijado. Não temos aqui muletas para estropiados, meu amigo.

Depois, se o senhor é Pinto, não se metta a cantar de gallo. Faltou-lhe o milho da inspiração. Sacuda fóra a gosma que por ora o está engasgando, tire a pevide do bico, erga a crista (salvo seja) e só então salte ao terreiro.

SR. ALVES MORENO. (Santos)—O nosso director não podia deixar de receber com sympathia a sua carta, tão intima e tão franca. Seus versos não são perfeitos: encontrámos tres completamente errados. Corregimol-os. Podem ser publicados. Mas preferimos publicar outra poesia sua, mais curta, menos chorona. S. S. tem a fagulha, e nós estamos dispostos a auxiliar-lhe a irradiação.

EXMA. SRA. D. C.—A pessoa que tanto deseja conhecer e cujo llvro tanto está agradando, reside em S. Paulo, á Rua de Paraná, 60. Seu desejo acerca das CARICIAS encontra satisfação neste numero. Obrigado pela sua amabilissima carta. (Vê como fui discreto?)

ENRICO.

Tratos á bola

Vós que não tendes stygmas, Decifradores de enygmás, Que lambeis só mel de páu (Que é petisco nada máu), Vassalos do Logogrypho, Que zombaes de febre e typho, E a pedra philosophal Sempre encontraes, afinal, E a quadratura da esphera; Vinde, ó Fama; vinde, ó Cuéra, O' Gajo, ó Sucio, ó Pimpão, Invencivel esquadrão; Moleques de tres colletes, Cantando alegres mottetes, Tinguazibas juvenis, Que andaes em busca do X, Vinde, e vós tambem, ó barras, Que eu quero ver quem as garras Põe no premio, d'esta vez, Que é de truz e vale tres! E attenção que lá vae obra! Quero ver quem mata a cobra.

(Antes d'isto, aqui, em prosa rasa e que ninguem nos ouça, sempre vos direi que quem a matou da vez passada, fazendo jus ao premio foi Falstaffino, seguindo-se-lhe "Pi," que não pode metter o dente em duas, "Carmen," que tambem errou em duas; K. C. T. A Dôr, idem; "Josephina B.," idem; "D. Joanninha B.;" "Cancurenha;" "Fricassé;" "Thianor Devoto e C^a." e "Henriford.")

As decifrações das charadas mortas são as seguintes:

- 1.—"Ar."
- 2.—"Policiano."
- 3.—"Armario."
- 4.—"Henriqueta."
- 5.—"Luta," "luto."
- 6.—"Frei Antonio."
- 7.—"Queluz."
- 8.—"Rosario."
- 9.—(Problema) Cucui.

Dizer que a 10.^a é "sino" é offender a perspicacia dos meus illustres tratistas.)

Agora entremos em serviço:

LOGOGRYPHO POR LETRAS.

A' MIMOSA

Eu sou flor e bem bonita—5, 2, 3, 4, 9
Que na Italia encontrarás—1, 6, 8, 6
Mas tambem em toda Igreja—8, 4, 6.
Com certeza me acharás.

Em todas nações eu vivo,
Em todas classes estou,—6, 7, 9, 3
Moro no breje, no charco—10, 6, 1, 9.
E ás praias tambem eu vou—10, 4, 3, 4.

Livres filhos das florestas,
Davamos luz scintillante;
Hoje, presos, só brilhámos
Quando nos tiram da estante.

CAMILLINHA.

NOVISSIMAS

2—2—No fim dá e come-se

BENTO ERNESTO JUNIOR.

PROBLEMA



Se ao problema acima posto
Quatorze traços tirar
Logo fructo brasileiro
Com certeza vaes achar.

MARIA P.

ANTIGA

Quem um só tem se diz que é aleijado
E ninguem mesmo aqui jamais duvida:
Mas dizendo tambem que foi medida
Nunca pode o leitor estar errado.—1

Ponde-lhe mais um b, que eu não contesto
Que fosse pobre, e foi; d'isto ha certeza,
E não era dotado de belleza
Quem não tinha p'ra si nem triste resto.—1.

A face da donzella côr de rosa
Torna-se e convulsivo o lindo seio,
Por ouvir do amado em menelo
Uma phrase d'amor tão primorosa.

JOSEPHINA B.

No Brasil a letra grega termina esta
serra—3, 1, 3.

Na Herzegovina a nota musical estuda
dava bella senhora, 1, 1, 2.

Ruim prescripção na Catania é molestia
periodica—1, 1, 1.

URUBU' MALANDRO & RAPA QUELJO.

MICROSCOPICA

—Ta—ra—

Lugar do nosso Brasil
De todos o mais gracil
E de uma belleza rara.

LILAZIA.

Lá vae mais esta que me deu um amigo,
e que não juro que seja nova:

2—2. Anda e vóa, vóa e anda; não
anda nem vóa.

E agora, para acabar estas cá do fradeco:

E' panno fino—2
(Stá na tabella)—1

Diga, menino,
Que folha é ella.

Agora esta, indecifrabllissima! Tão
indecifavel que quem a matar. não
ganha nada:

De vidro é feito,
Tem aço, é liso;
Tudo perfeito
Nelle diviso. . .
'Stá nas alcovas
Das casas ricas
Por sobre escovas
E outras futricas.

E por hoje mais não disse.

SR. NOGUEIRA JUNIOR.—Pode mandar os seus trabalhos que serão recebidos com summo prazer.

SR. K. C. T. A. Dôr.—Terei muita satisfação em receber e publicar trabalhos seus.

D. JOANNINHA B.—Cá fico á espera da sua collaboração.

A minha velha amiga D. Josephina B. escreve-me em verso, sendo este o final de sua carta:

"Por isso sua benção rogo,
Meu bom mestre idolatrado,
Me livre do amor, que é fogo,
Que eu me livro do peccado."

Deus a abençoe, minha amavel devota e a livre de outro amor que não seja o de

FREI ANTONIO.

ANNUNCIOS

CORAÇÃO
LIVRO DE POESIAS
DE
ZALINA ROLIM
A' venda na Livraria Fauchon. — Preço 4\$000

**ESTABELECIMENTO
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO**

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado
115 — Rua Sete de Setembro — 115
Rua da Carioca, 12 e 14
FILIAL EM PETROPOLIS

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A' CASA PASCHOAL
CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133

Importação por todos os paquetes

Completo sortimento de chapéus para homens,
senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.

Rio de Janeiro

FÁBRICA ORPHANOLOGICA

DE

FLORES ARTIFICIAES

Ribeiro de Carvalho & C.
RUA DO PASSEIO

Têm sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas, flores,
etc., etc

**PIANOS E MUSICAS
FONTES & C.**

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

Ø PEDAGOGIUM

13 Rua do Visconde do Rio Branco 13

BIBLIOTHECA

Laboratorio de Chimica, Gabinetes de Physica
e Historia Natural.

EXPOSIÇÃO DE MATERIAL ESCOLAR

ESTÁ FRANCO AOS ESTUDIOSOS

Nos dias uteis das 10 horas da manhã ás 3 da tarde

REVISTA PEDAGOGICA

Orgão do PEDAGOGIUM. Distribuição gratis aos
Srs. Professores.

ESTA PUBLICADO O 1º FASCICULO DO TOMO V

Dr. R. Rajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas

Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

DR. VALENTIM MAGALHÃES

ADVOGADO

RUA DOS OURIVES N. 71

SEGUNDO ANDAR

DE 1 A'S 3 HORAS

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade : *Partos e Molestias das Senhoras*

Residencia e Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

Papelaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.

Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.

A SEMANA

DIRECTOR: VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, Gonçalves Dias n. 67, 1º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 27 DE JANEIRO DE 1894

EXPEDIENTE:

Assinatura annual . . .	12\$000
" semestral . . .	7\$000
Numero avulso . . .	\$200
" atrazado . . .	\$300

As assignaturas terminam sempre em junho e dezembro

havendo terminado o 1º semestre da segunda phase d'A SEMANA, rogamos aos nossos dignos assignantes o inestimavel favor de mandarem reformar suas assignaturas, a fim de que não lhes seja suspensa a remessa da folha.

Os Srs. assignantes de anno tem direito ao livro BRIC-À-BRAC, de Valentim Magalhães.

SUMMARY.—Historia dos sete dias—José do Egypto; O romance brasileiro: O Missionario—Araripé Junior; A Musa, soneto—Sílvia Ramos; A mãe de Ricardo—Gastão Housquet; Trio Faceto—S. R.; Gazetilha litteraria, Coração triste, poesia, —Luiz Rosa; Cartas á minha irmã—J. Vicente Sobrinho; Verão, soneto—M. R. Cepellos; Theatros—P. Talma; Emma, soneto—Circ.; Factos e Noticias; Collaboração; Quadro intimo—Ignez Sabino; Recados e Respostas—O. Sabeludo; Correo—Enrico; Tratos á buca—Frei Antonio.

Historia dos sete dias

Mudámo-nos.

Mudámo-nos de um segundo andar da rua dos Ourives para um primeiro da de Gonçalves Dias e do n. 71 para o n. 67.

Descemos, quer de andar quer de numeração. Mas, descendo, subimos.

Nesta terra não pôde haver nada que prospere e floresça num pavimento que não seja o primeiro ou unico — com excepção dos cravos e da malva-maçã.

Cientes, constituintes ou assignantes preferem procurar outro medico e advogado e não assignar a folha, a subirem algumas duzias de degraus; (e nós lá tinhamos mais de quatro duzias!)

Só credores se resignam a isso. Mas, coltados, esses andam atraz do seu dinheiro e para enconral-o sujeitam-se até a descer ao inferno, como Orpheo, em busca de sua dama.

Para uma redacção é até util morar num quarto ou quinto andar, não só para ver as questões de bem alto, com vistas largas, como para que os redactores fiquem altamente collocados.

Mas o publico é que não quer subir tanto, nem tanto nem nada.

O povo é commodista e escravo de seus habitos. O nosso, sobretudo. Acreditto que o seculo vindouro lhe trará os melhoramentos que elle requer para ser completamente feliz.

Além do telephone, que o approxima de muita gente pelo ouvido, e de outros

apparelhos em que o Sr. Edison trabalha e que hão de approximal-o pela vista, o brasileiro ha de ter em casa, encanados — ar fresco, leite gelado, fumo, noticias, lições, partidas de xadrez e gamão — talvez mesmo a roleta! — o serviço da secretaria, as intrigas do bairro, a roupa lavada e engommada, as discussões parlamentares, as representações theatraes, o "sport," a missa, o "interview," a litteratura, a politica, o amor e o bombardeio.

Será a idade de ouro. Viver sem andar nem subir. A civilisação a toda hora ao alcance da mão, sem sahir de casa nem do "robe de chambre."

Sempre que lá no segundo da rua dos Ourives apparecia alguém a assignar a folha ou a comprar-lhe um exemplar, esse raro animal era tratado pelo gerente com ternura, por mim com espanto.

Eu o contemplava, mirava, remirava. Pensei até em photographar esses heróes para remettel-os á admiração dos posteros, mas a gerencia oppoz-se, allegando frivolas razões economicas.

Agora, a cousa é outra. Estamos num primeiro andar, quasi na rua, a metter a folha pelos olhos dos transeuntes. D'essa altura o panorama que se desfructa é encantador, além de grandioso. Descortina-se o interior das lojas e quasi o das algebralas dos que passam.

Outra vantagem é que alguns d'elles vêm á redacção de um pulo, chamados da janella, e, como o patrão tem o escritorio de advocacia na sala da frente, elles tanto parecem assignantes como constituintes. O paraíso!



Momo vem perto. Já se lhe ouvem tintilar os guizos.

O Baptista já postou ás janellas os seus manipaños mascarados, que olham, curvos para a rua, estupidamente, com uma sinistra fixidez, os batalhões que desfiam.

Nada mais agradável aos bofes de um nevropatha fim de seculo que esta mistura da insania com a morte; que ver guizalharem ao roupas multicores de Arlequin ao vento da guerra e estremecerem as carrancas de papelão ao ribombo dos tiros.

Já me fez saber um diario que o carnavaal será adiado, porque com estado de sitio não pôde haver carnavaal. Não chego a comprehender as subtis razões que o impeçam.

O estado de sitio é a suspensão da Constituição. Mas para louquejar não se precisa de garantias. A Folia dispensa a Constitulção. O peor que poderia acontecer ao cidadão era ir dormir no xadrez — de dominó, ou entrar no presidio da Conceição em camisola, com um az de copas na fralda, sem falar na risonha perspectiva de ser espatifado por uma granada em meio aos pinchos do cancan,

de taça em punho. Sangue e vinho — é um "cocktail" historico, que vem da Biblia e que tem feito heróes. Porque recusal-o a este pobre povo de desfibrados e anemlicos?

Vamos! que o trovejar das fortalezas e dos navios, tanto da Legalidade como da Revolta, se misturem aos ribombos dos zabumbos e que ao mar em fogo, estrugindo, responda a cidade em pangeda: "Zé Pereira!"

A grande figura ridente e obesa de Momo, escarranchado com o bom padre Linco na pipa tradicional, dirijam-se os foliões, sob o cruzar das balas, e exclamem com entusiasmo, atravez das mascaras: "Ave, Cesar! Morituri te salutant!"



Houve dois acontecimentos na semana: o "Pum!" no theatro Apollo e o poeta B. Lopes na "Gazeta de Noticias."

O primeiro é uma fabrica de gargalhadas, o segundo é um fabricante de delicias.

No "Pum!" a veia comica do Garrido e do Arthur correo, espumejou e scintillou á vontade.

Ha pilherias alli de uma graça enorme. Não contarel nenhuma. O leitor que vá ao Apollo regalar-se com ellas.

Venhamos ao Sr. B. Lopes. A "Gazeta" contractou este gaturamo para vir trinlar-lhe na ramaria, ás segundas. B. Lopes é o poeta das elegancias, dos refinamentos mundanos.

Todo elle é condessas louras, marquezinhas languidas, caçadas fidalgas, pescarias nobres, convescotes finos de champagne e truffas, "boudoirs" capitosos com amantes amollentadas de calma, chupando cigarrilhas aromadas; todo elle é braços e beljos, rendas e cambraias, suspiros e minuetes.

E' no Brasil o "pendant" do Papança; pelo que bem podemos chamal-o — o Mamata.

Não o conheço pessoalmente; mas imagino-o — e commigo quantas lettras, mais ou menos duquezas! — Imagino-o um louro mancebo, formoso como Zanetto e guapo como Fabiano Fabiani, vestido a Luiz XV, de rendas de Inglaterra e velludos de Utrecht, perfumado a feno fresco, de unhas nacaradas e dentes admiraveis, habitando um castello torriculado, em que se aninham aguias, no alto da Tijuca, e crescendo com penna de cysne, ao som de um quinteto de cordas, regido pelo Cernicchiaro.

Será elle assim? Deus o permita, para gloria das lettras patrias e das nossas duquezas, mais ou menos lettoras.

Pois bem; segunda-felra passada fez elle a sua estreia na copa da "Gazeta," desafiando algumas "rimas" ricas e no-

bres. São treze quadrinhas, deliciosas de leves, de distinção, de graça patricia. Vejam só:

"Aqui. Armemos a tenda
"Em que ha de pousar a graça;
"—Cinco ou seis nesgas de cassa.
"—Toda beirada de renda.

O peor é que o poeta, versos adiante, arromba a fina cassa da tenda:

"D'onde olhando por um rombo..."

e para que arromba elle a fina cassa, como se fosse uma parede? Para contemplar

"A gloria que no mormaço
"Deixa a plumagem de um pombo.

E por ahi vae, diaphano e irisado como phalena maravilhosa, até exclamar:

"E, rubra, sobre a barraca,
"Grite uma flammula solta
"De liberdade e revolta
"Como uma lingoa polaca.

E' lindo, é cantante, é "exquis"; mas confesso que não pude comprehender que necessidade teve o poeta de fazer polaca a lingoa de que precisou para dar ideia da "flammula solta."

Serão as linguas polacas mais vermelhas e compridas que as romaicas, as persas, as chinezas, as norueguesas, as nubianas, as gregas, ou mesmo as francezas?

Não me consta. E como chegaria o poeta a essa convicção? Só se foi mandando todos os povos deitar a lingua de fóra.

Era muito mais simples ter recorrido para o desejado effeito da imagem á lingoa de vacca, que ainda é a lingoa mais comprida e rosada que se conhece. E note-se que, além da maior propriedade da imagem, a substituição da lingoa polaca pela de vacca nem alterava a rima. Ora verifiquem:

"E, rubra, sobre a barraca,
"Grite uma flammula solta
"De liberdade e revolta,
"Como uma lingoa de vacca.

Perfeito, não é?

Mas, aparte essa questão de lingoa, em que o poeta deve ser autoridade, não ha nas suas "Rimas" senão finas bellezas e preciosas raridades de arte.

Parabens á mesma.

JOSÉ DO EGYPTO.

ROMANCE BRASILEIRO

O MISSIONARIO—Romance por L. Dolzani (Dr. H. M. Inglez de Souza). 1891.

III

Em Silves não havia ainda imprensa; isto, porém, não foi razão para que Xico Fidencio desamorçoasse.

"Um dia, lembrara-se de escrever uma "correspondencia" para uma folha de Manãos, a proposito da ultima sessão do jury, e dissera umas coisas agradaveis ao juiz de direito, que lhe valeram a proposta para adjuncto do promotor publico. E, satisfeito com o resultado obtido, puzera-se em activa correspondencia com o jornal de Manãos, o DEMOCRATA, "orgam politico, noticioso, commercial, scientifico e independente," que lhe estampara a prosa, contente por ter materia nova com que encher as columnas da obrigação. As cartas de Xico Fidencio não seriam talvez muito lidas na capital da provincia, mas em Silves eram devoradas avidamente, commentadas, discutidas durante quinze

dias a fio. O seu estylo tinha umas vezes o sarcasmo ferino da conversação ordinaria, e outras, quando o Xico calçava as suas tamancas de jornalista grave e queria discutir um assumpto com a seriedade necessaria, subia aos phraseados sonoros, recheiados de declamações bombasticas, de trechos de bons autores, de citações novas, com muita erudição de ideias e palavras, bebidas aqui e ali, na leitura de periodicos e pamphletos.

"E eram esses artigos, de que mais se orgulhava, que reputava melhores, que lia e relia aos amigos, chamando-lhes a attenção para o phraseado cheio, para as referencias sabias e o rebuscado do estylo, os mais raros e os menos apreciados. O publico, ignorante e grosseiro, preferia as pilherias e as criticas mordazes, que iam subindo de tom até o diapásão da descompostura, degenerando em maledicencias e calumnias.

"Quando chegava o paquete e o DEMOCRATA apparecia, pequeno, massudo e mal impresso, coberto de "pasteis" e de falhas, como de uma lepra incuravel, toda gente queria saber se o "Constante leitor," o pseudonymo do Xico Fidencio, escrevera a sua carta, datada de Silves, com quem bolia, se desencava padre José ou o subdelegado, se falava na Luiza ou na dona Prudencia, se contava os novos amores do vigario, ou descobria as recentes ladroeiras do escrivão da policia.....

"O vigario vingava-se das correspondencias, fazendo-lhe uma guerra de morte. O collector, que era o homem mais importante do logar, não gostava d'elle, embora lhe tivesse medo. As mulheres eram-lhe hostis, não liam as suas cartas, não viam senão o homenzinho feio, que desrespeitava os santos e pregava heresias. Estranho á terra, sem ligações de familia na provincia, sem a tradição d'um passado qualquer que o protegesse, reconhecia-se fraco e dispunha-se a abandonar o campo, quando surgiu de chofre o segundo periodo da questão religiosa, ferida entre os bispos do Pará e de Olinda e a Maçonaria.

"A gente de Silves não tinha interesse algum na questão, mesmo porque o seu vigario, um pandego, valha a verdade, não se occupava muito de cousas da egreja. Mas o espirito de partido, muito vivo nas povoações pequenas, o amor da novidade, o instincto de contradicção e de lucta que divide os homens, mesmo desinteressados e indifferentes ao assumpto da discussão, fraccionaram a população em dous grupos. Um formara-se dos maçons, dos parentes dos maçons, dos inimigos pessoases do vigario e dos rapazes mais arduos e mais instruidos. O outro constituiria-se com os homens timoratos e pacificos, que, de preferencia ás innovações, queriam viver com os padres, acreditando, ou fazendo por acreditar, em tudo o que esses exploradores da humanidade dizem. Francisco Fidencio tornou-se naturalmente chefe do partido maçonico.

"A lucta, a falar a verdade, consistia unicamente em discussões fortes á porta do collector ou junto ao balcão do Costa e Silva, e na insistencia dos maçons em acompanhar as procissões e "Nossos Pães" de blandrau e tocha. Francisco Fidencio era irmão do Santissimo. A sua brilhante opa encarnada, que, por acinte, tinha na sala exposta a todas as vistas, apparecia em toda a parte. Padre José "bufava." Por fim tomara o pretexto de tão grande irreverencia para acabar com festas e pro-

cições que lhe davam muita massada; mas o melhor fóra que o correspondente do DEMOCRATA lucrara com a questão.

"Primeiro que tudo, dedicando as suas cartas ao assumpto da pendencia que dividia os espiritos, atacando o papa, os bispos, os padres todos e especialmente os Jesuitas, poupava os habitantes da villa, com excepção do vigario. Mereceu com esse procedimento que se corresse um véo sobre as criticas antigas, amortecendo os odlos dos offendidos. Não era mais o "escrevinhador insolente," que se occupava da vida privada de cidadãos conhecidos, achincalhando a reputação do capitão Fulano ou do negociante Sicrano.

"Passava a ser um escriptor preocupado de questões sociaes, um sujeito que zurzia os padres, uma especie de adversario platonico. Os padres que se defendessem! As antigas victimas rejubilavam-se descançadas, livres do temor, esforçando-se por fazer esquecer as descomposturas recebidas no DEMOCRATA. Eram agora ellas mesmas que chamavam a attenção publica para os artigos do professor, que commentavam indagando hypocritamente se seria verdade tudo aquillo que se dizia do padre José, alardeando indignação, exclamando que taes monstruosidades eram dignas de severo castigo.

"Francisco Fidencio contava á reacção do DEMOCRATA, por mludo, as pandegas collossaes do vigario, as aventuras nocturnas, as bambochatas em canôa, as orgias nas praias de arcia, ao tempo da desóva das tartarugas. Citava nomes, falava da Chica da outra banda, da mulherdo Viriato, da Luiza e até da D. Prudencia,—veladamente—"uma certa Imprudencia." Dizia que o vigario bebera o dinheiro da provincia com as mulatas, em vez de concertar a Matriz, que seduzia as beatas, que prostituia as confessadas, que era ministro de Barabás... q' diabo!

"Padre José ficava furioso. Ameaçava "quebrar as bitaculas áquelle safado," e calumniava-o, espalhando que Xico Fidencio fóra condemnado no Rio por gatuno e expulso do corpo de permanentes do Pará por máus costumes,—"peccados contra a natureza."

E' com este terribilissimo director da opinião de Silves que tem de se medir o novo parochio que figura como protogonista do romance e pelo qual se alvoroga toda a população da villa, apenas se divulga a noticia da aproximação do paquete que o conduz.

Os primeiros capitulos do livro descrevem os preparativos para a recepção de padre Antonio de Moraes e a azafama do sacristão Macario, que fóra incumbido de arranjar-lhe conveniente aposentadoria. Ruas enfeitadas, repiques de sinos, girandolas de foguetes, multidão pelo caes, folhas de mangueira espalhadas pelo pavimento, arcos de murta: nada falta para dar á chegada auspiciosa do vigario o tom festivo dos grandes dias.

A villa acolhe o padre Antonio, pre-surosa; os catholicos rejubilam por terem agora em seu seio um cura d'almas moço, formoso e illustrado; o Fidencio vê-o passar, acompanhado do beaterio, e atrai-lhe de revez o riso hostil das inimidades systematicas e abstractas. O recém-chegado, entretanto, corre á igreja para fazer a oração do estylo; encontra-a devastada, sem paramentos, quasi em ruinas; e pezaroso recolhe-se ao silencio da sua habitação com as ingenuas curiosidades do novo e a op-

pressão da responsabilidade do futuro. Entregue nos seus pensamentos, o joven sacerdote reflecte na sua espinhosa missão, lança uma vista sobre o passado e a sua alma transfigura-se, retratando um dos typos mais românticos que a disciplina dos seminarios já conseguiu produzir plasmando um temperamento tropical.

Padre Antonio de Moraes não é, como apparenta, um asceta egual a tantos outros, um mystico de natureza, lapidado pela educação, petrificado pela disciplina e pela monita jesuitica. Ao contrario d'isto, elle apresenta todos os caracteres do detento de uma profissão, de um illudido por capricho de direcção.

ARARIPE JUNIOR.

(Continúa).

A MUSA

"Quem me deu fazer versos"... disseste,
Lendo uns versos que eu fiz, toscos e rudes...
Tu, que tens n'alma todas as virtudes,
Cuidas não ter aquelle dom celeste.

Não sabes que é um olhar que nos reveste
O cerebro de luz? como te illudes!
Se não hu dôr que em risos tu não mudes,
Quantos poeminis de amor já não fizeste!

O que em nós vibra é a musa estremeçada:
Laura, Beatriz, Natércia, Margarida,
São ellas a poesia eterna... e quando

Arrebatado eu ergo, de repente,
Num canto enternecido a voz tremente,
Alma serena, estás em mim cantando!...

1886.

SILVA RAMOS.

A MÃE DE RICARDO

Já ao longe, voltando a esquina, desapparecera ha muito o caixão negro do infeliz Ricardo, todo coberto de cordões e cercado de povo, e ainda por toda a rua e em frente á casinha do voluntario os curiosos se ajuntavam com ares tristes, em pequenos grupos. De um lado e d'outro a casaria branca se desenrolava, janellas e portas fechadas, numa melancolia pungitiva de avenida de cemiterio ao cahir da tarde. Distantemente, um cão preso uivava.

Dentro, na pequenina casa de rotula, ha agora um largo silencio, depois da gritaria dilacerante das mulheres ao sahir do enterro. No lusco-fusco da alcova aberta vultos negros se agrupavam, mudos, em volta de Dona Rosa, a coitada! que de novo se deixara cahir sobre a estreita cama, suffocando os soluços no traveseiro ainda ensanguentado da cabeça do morto.

Como lhe trouxessem um caldo, vendendo-a recusal-o, teve de novo cada circunstante uma phrase banal de consolação. Dona Rosa nada ouvia. Quando porém o coronel Borges começou a falar com sua voz grossa e pousada, lembrando-lhe a patria e as mães que mandavam os filhos ao campo da batalha, perguntando-lhe se preferira ver o Ricardo desertar, corrido de infamia,—a pobre senhora num desabafo, magestosa na auréola de sua cabelleira grisalha em desordem, levantou o busto altivamente, num impeto, cravando no rosto do compadre os grandes olhos inundados d'agua:

—Preferira, sim! preferira vel-o desertor! Que me importava que toda a gente o achasse infame se eu o tinha vivo, perto de mim? Para mim nunca seria um infame, não! Odiado, injuriado, seria sempre o meu filho, o meu

querido filho, o meu unico filho, o meu unico amor. Maldita a hora em que elle, desprezando minhas lagrimas, doido de entusiasmo, foi alistar-se no batalhão patriótico. Ricardo foi um herói... Seu nome andará cheio de glorias de jornal em jornal, de bocca em bocca... Mas de que me vale tudo isto, a mim que nunca mais o terei? A patria... Que me importa a patria sem elle?

E apertando a cabeça entre as mãos, num tremor convulsivo:

—Mil vezes desertor! mil vezes coberto de vergonha! Não! não eram mães essas que mandavam os filhos para o campo da batalha... Essas não eram mães... Não! não creia que haja uma só mãe que não colloque a vida de seu filho acima da patria, acima do mundo, acima de tudo...

GASTÃO BOUSQUET.

(Do "SANGUE")

TRIO FACETO

Graças a reminiscencias de antiga bohemia, podemos hoje brindar os leitores d'A SEMANA com um interessante inedito, que, comquanto tenha uma parte de graça propriamente local, por se referir a typos de Lisboa, sobejalhe ainda muitissimo espirito para ser saboreado pelos amantes da boa chalaça emitida com singularissima arte.

Não commentaremos, para não estragarmos com a insulsez da nossa prosa a espontanea belleza da seguinte versalhada:

Numa noite de chuva e de novembro, tres Menestrels sem coupé, sem guardasol inglez, Sem amantes, sem ponche e mesmo sem dinheiro, Tres menestrels: Leal, Jayme Victor, Junqueiro, Sentados no Montanha á meia-noite e um quarto, Em vez de irem dormir cada um no seu quarto, Como um velho burguez adiposo e prudente, Decidiram fazer o que faz toda a gente, Uma cousa banal, um poema em trinta cantos, Que faça adormecer á noite o Guerra Santos, Ó Ellas, o Cócó, o Theophilo, o Albuquerque, Que todos por dez réis eu dou a quem m'os mereque.

Que havemos de fazer, ó Musa, em taes assados? Deixa por um momento os pincaros alados, O Musa sensual, a libra por cabeça; Talvez tu queiras mais—á noite é fria e espessa— Em vez de viuho, tu, em vez d'esta zurrapa, Uma cama de liho e um cobertor de papa.

Felta, como é de estylo, a invocação á Musa, — Cerimonia gentil, tuas que já se não usa, — Montemos todos tres o Pegaso da Aurora, Nos frementes ilhaes entrecremos-lhe a espóra; Amigos, eia sus! correr á redea larga, E' bem leve o corcel e é bem ligeira a carga. (Nota: nós todos tres pesados por inteiro, Incluindo ainda mesmo o nariz do Junqueiro, Pesaremos talvez, ó sarcasmo cruel, O que pesa o nariz do Alherito Piueutel.)

(Neste ponto, os poetas, acreditando que a chuva cessou, resolvem):

Mas, como já parou da chuva o rijo agoite, O poema ficará para amanhã á noite.

(Chegam á porta e observando que o aguacelro recrudescer, retrocedem):

Enganei-me, perdão, a chuva cae na rua, E então, por conseguinte, o poema continúa.

Será bom começar por um assumpto largo: A Guiomar Torrezão ou o oceano amargo, A calva do Lobato, o ventre do Sampaio, Gordo, obeso, brutal, como um sileno em maio, O queixo do Luciano, o nariz do Pequito, O metro que Deus fez p'ra medir o infinito!

Que havemos de cantar? O Cosmos. Francamente, E' um assumpto pequeno e reles, em que a gente Se não pode guindar ás alturas do empyreo, Oude orneia Vidal e onde floresce o lyrio, Cosmos, Cosmos, que és tu, esphynges de granito, Diante da qual eu, verme, implacavel medito Trausino de terror?!

Cosmos! Cosmos! que és tu? E's tudo? és pouco? És nada? E's a junça do brócol? és a harpa quebrada Nas mãos do trovador? E's o Principio? o Fim? a Noite? a Causa? a Efectiva? Quer tu queiras quer não, ó Cosmos, tem paciencia!

Has de dizer quem és... E's o Bombes o Mal? és a Luz? és a Treva? Antro d'onde surgiu Miguel Angelo e Eva, Satanaz e Moyses... Tu has de pôr p'raqui a certidão de idade! Já foste capitão? amanueuse? frade? Enigma que o olhar do homem não abarca! Já foste alguma vez cabeça de comarca? Já foste forribo? já foste sacristão? Não te me faças fino, ó Cosmos, diz-me então: O que é que foste tu e onde é que tu moras. Não 'stou p'ra te aturar. São já quasi tres horas, E eu jurei d'esta vez não salír do Montanha Sem saber quem tu és. Out'ora uma montanha Parlu um rato, e nós, com a agudez do vinho, Parlmos todos tres, tres montes, um ratinho: Este poema...

As reticencias puzeram-lh'as os creados do Montanha que, sem consideração pelos filhos das musas, os vieram advertir de que eram horas de fechar e que por consequencia se puzessem no olho da rua.

Resta-nos pedir desculpa aos illustres poetas pela indiscreção da nossa memoria, que, ainda para mais, nos poderá ter atraído num ou noutro verso; certissimos como estamos de que esta brincadeira em nada desmerece o conceito em que são tidos os seus nomes.

S. R.

Não mintaes nunca a uma pessoa porque sereis obrigado a dizer a verdade a uma outra e v'reis um dia essas duas pessoas se encontrarem.

C. CHINCHOLLES.

CORAÇÃO TRISTE

—Dizem que tenho a face desbotada Pelo rigor do inverno aspero e frio; E que minh'alma, out'ora allucinada, Não sente agora os gosos que sentio.

Seja: que importa a mim que o vento leve Estes desfeitos sonhos esplendentes, Se o mesma peuso: vai cumprir-se em breve O que julgamos as linguas maldizentes?

Se, quando sinto o coração ardente, Volvo em busca do olhar que me resiste, Logo esse olhar me foge de repente, E se me fita, fita-me tão triste!

Velha?!.. Cubram-me as sombras da saudade!... Pois quando olhar-me a dama que se abraza, Para sorrir cousinto que, á vontade, Tape os olhos com o leque aberto em aza.

As minhas tranças, vêde, são de arminho, E o espelho de ouro, o meu fiel amigo, Quando me pinta o labio sem carinho Já não traduz aquelle brilho antigo.

Pois o que é certo, é que, agitada e rindo, Gosando ha pouco a sombra do Jardim, O meu rosto nas agnas traduzindo, O proprio lago quiz zombar de mim.

Mas, pondo a mão tremente, que vacilla, Sobre o meu peito desolado e mudo, Sinto que para o bem e o mal rutila Uma geral compensação em tudo.

O ceu azul que fito, ha quantos annos Fuige este ceu e o sol que d'elle pende?! Bem como os tristes corações humanos Deve ser velho o ceu e o sol que explende

Chamem-me velha embora, no meu peito Resta ainda um clarão de mocidade; Talvez que um dia um sol nelle desfulto Possa augmentar-lhe a branda claridade.

E, ah! que importa afinal que o meu cabello Mostre o rigor dos annos agoureiros, Se o proprio lago cobre-se de gelo, E cobrem-se de neve os pe agoureiros!...

LUIZ ROSA.

(Do "LOTUS")

GAZETILHA LITTERARIA

Fol com vivo prazer que recebemos a visita de Gastão Bousquet, o distincto poeta e jornalista, bem conhecido e, ha algum tempo, afastado das lides litterarias.

Além da amabilidade da visita, teve a de nos offerecer um quadro de seu livro inédito—SANGUE! que hoje publicamos.

E' uma pagina profundamente humana.

Para o primeiro concurso de poesia recebenos mais quatro trabalhos com as seguintes legendas: LAURO DE SIMAS, ALEA JACTA EST, PORQUE NAO? e TODOS CANTAM SUA TERRA; e para o de prosa mais um com o proverbio DE VAGAR SE VAE AO LONGE.

Chamamos a attenção dos senhores que tencionam concorrer para o que publicamos acerca dos nossos concursos em outro logar da folha.

Publicaremos os premios no seguinte numero.

CARTAS Á MINHA IRMÃ

V

9 de Janeiro.

Sabbado, dia de S. Julião do anno de Christo de mil oitocentos e setenta e cinco, no seio progressivo d'esta cidade de S. Paulo, nascia o teu irmão que te vem cançando já ha quatro missivas, agarrado a uma pobre penna que se vae opiando de originalidade, uma originalidade falsa, procurada á força nas transparencias do sonho japonéz em que eu vivo, sonho feito da inscurecível saudade tua, que preencheu o pedaço vasio do meu coração, que levaste para a patria do sol.

O dia está claro como o astro japonéz e o bom do astro parece-me uma mina de ouro que se não esgota. Na minha alma levantam-se, deliciosamente, as memorias que tenho de ti, dos annos passados da infancia, de quando usavamos roupas curtas e que tinhamos arufos.

Tu eras mais velha, porém tão pouco que por mais que quizesse não te achava razão de me ralhares quando eu travesseava, e eis porque me arrufava comtigo, queria quebrar tuas bonecas, e lá vinha o papae prender-me, sentando-me numa cadeira durante um seculo, o que me não impedia de, quando elle virava o seu rosto em que o sorriso queria rir, fazer-te caretas e dar de hombros, como se aquillo me não fizesse mozza, quando no imo eu arrenegava de não poder ir comer uvaías no terreiro ou torcer o pescoço da tua mais linda boneca. . . Tu, séria como uma menina bonita, batias com os dedos nas teclas do piano, e, se acertavas em alguma toada de lundú, fugia-me toda a zanga e eu ficava p'ra alli encantado, com o riso a vôr-me nos labios, olhando de esguelha para o papae, e com admiração, ao vê-lo ler attentamente o jornal da "Côrte" que vinha com as historias de ministerios. De vez em quando elle me olhava e eu, num apice, dava á cara uma feição chorona, emquanto o lundú da mana se ia quebrando nas teclas do piano. Afinal o papae me soltava, eu levantava-me com uma cara feia, mas tu, minha Nênhê de outrora, punhas-me de fóra a lingua, tão adoravelmente que eu desatava a rir. . .

Depois, cresceste, tornaste-te bella, e veio o namorado e roubou-te á minha affeição, e quando te casaste senti uma vaga saudade dos nossos tempos de crianca crepiar-me o coração, e assim que o padre, todo rico em suas vestes de ouro, benzeu a tua união, julguei que a aza leve de uma lagrima vinha esvoaçar nos meus olhos. Mas, vendo a formosa alegria de que te alegraste quando, finda a cerimonia amorosa, tuas amigas te cobriram de folhas de rosas, eu senti que apenas fóra sonhada aquella lagrima, e subiu-me da alma um diluvio de alegria, que cheirava bem como as folhas de rosa que se iam demorando nos teus cabellos e no teu vestido branco de nupcias. . .

E finda a tradicional lua de mel, e quando alegre nascia o bom sol da grande vida, partiste, carregada pelo mar, a ver outras terras, terras longinhas de japonezes, o oriente amarellado do nascer do sol e da pelle pallida dos seus filhos. Partiste, e, ao se sumirem além os mastros do navio que te conduzia, eu, com toda a minha crença de sentimentat, com toda a ingenuidade de irmão mais moço, pedi ao oceano que te levasse bem docemente, pois que tu eras minha irmã, e, chorando de saudades sobre o mar, as minhas lagrimas formaram uma onda, a qual é certamente a que te vae levando com tanto amor e com tanta brandura por esses mares levantinos de nomes estranhos, onde não chega a brisa suave das palmeiras do Brasil e o canto melancolico da jurity.

E eu, sonhando que estou contigo, sonhando que te acompanho como te acompanha o meu coração, vou embriagando de originalidade a minha penna, e ella, opiada, pensando em galantes raparigas japonezas e julgando-se ser de um elegante moço de Tokio, de grandes olhos rasgados, vae correndo pelo papel, saltitante como uma esguia senhora de Yokohama que se vae jubilosamente retratar em um quadrado de seda, para o que o senhor seu noivo lhe collocou nos dedos gentis, perfumados a junquillo, a pequenina moeda, que se dá de tença ao artista.

Mas, olho sagaz de um velho e sabio mandarim que, requebrando-se, vae nas aguas da senhora, esguia qual um bambú, para sussurrar-lhe nos tubos auriculares uma audaciosa declaração de amor, offercendo a sua arruinada e infima choupana á mais linda dama do mundo inteiro, na linguagem de mandarim experimentado—de repente se fecha com malicia, torna a abrir-se perscrutador, de novo se fecha em piscadellas entendidas, e o seu dono, dando meia volta ao salto raso do bello sapatão bordado, lá se vae a rir, pois descobrio que a esguia senhora saltitante nada mais é que uma estrangeira falsificada em japoneza, para se regalar com os olhares lambareiros dos mandarins gorduchos.

E' o que acontecerá a estas cartas quando as lerem os graves homens de letras do Japão; hão de rir-se gostosamente como homens de espirito, e pespegando um piparote no meu nome que não tem a suprema elegancia de ser, japonezamente, engraçado, dirão:

—Ora veja, collega Yu, o novo Nifon que o americano descobrio.

E o mandarim Yu, segurando com as mãos a veneranda pansa:

—E' d'arromba.

JOSE' VICENTE SOBRINHO.

Anno XX. S. Paulo.

VERÃO

(A VALENTIM MAGALHÃES)

Gloriosamente cálida irradia
A fuiva luz do sol pelas campinas.
Em melodiosa e fêbii symphonia,
Aves e fontes vibram, crystallinas. . .

Contemplando os verdores das colinas,
Minh'alma scismadora se extasia:
—Pois lembram-me as miragens repentinas
Que no Sahára apparecem todo o dia. . .

Num festivo clangor de mii fanfarras,
O canto estriduiante das cigarras
Val echoando, a zunir, de serra em serra. . .

A' beira dos caminhos, estendidos,
Os lagartos estão adormecidos. . .
E o sol num manto jaide envolve a terra. . .

M. B. CEPellos.

S. Paulo—Janeiro—94.

THEATROS

PUMI

Foi representada na noite de terça-feira no Apollo esta peça de Arthur Azevedo e Eduardo Garrido, a que os autores chamaram opereta e é quasi revista.

A peça tem um defeito capital:—um acto de mais. O terceiro acto, que é tambem o ultimo, é uma verdadeira excrescencia. O fragil enredo acaba perfeitamente no segundo com o escandalo enorme dado pelo Sr. Joaquim, encontrado numa estribaria em "tête-à-tête" com a Monica. E' claro que depois d'isto Lainha (que dlabo de nome!) não poderá mais desposar-o; e se os autores fizessem intervir alli, naquella occasião, o Mello, afugentado tambem pelo bombardeio, ficaria logo resolvido o casamento della com o Cazuza. Não fizeram isso e o resultado foi darem-nos esse terceiro acto sem graça nem interesse, que destróe pensosamente a impressão agradabilissima (como diria o Mellissimo) deixada pelos anteriores.

Estes são dois actos chelos, magníficos, animados de uma veia comica abundante e da melhor agua.

A peça é tudo o que ha de mais simples. Um portuguez taverneiro faz olho terno a uma mulata "faisca," mucama da casa de "seu" Anacleto, continuo de secretaria e pae de Lainha, uma menina interessante, já perdida de amores pelo Cazuza. Mas os paes, percebendo o partidão que era o "seu" Joaquim, ageitam as cousas de modo a que este se resolva a casar com ella.

Na vespera do dia determinado, á meia noite, Lainha, em companhia da Monica, dá entrada no quintal da casa ao Cazuza, que lhe pedira aquella conferencia, justificada pela gravidade das circumstancias. Nella se resolve que Cazuza impedirá o casamento, celebrando elle o civil, disfarçado em pretor, e afastando o padre para não effectuar o religioso.

A primeira parte do programma é cumprida á risco. A segunda ia falhar por não ter surtido effeito o estratagemata empregado para afastar o padre; mas, como ha uma Providencia para os namorados, ella interveiu a favor d'estes, sob a forma odiosa do bombardeio.

Foi isso a 13 de setembro. Noivos, paes, padrinhos, convidados, todos, em summa, fogem assustados, espavoridos, e vão dar na casa de um tal Bibiano, na Tijuca, que a vê invadida por uma horda enorme e irrefreavel.

Disfarçado em mendigo, Cazuza também apparece para espreitar o que se passa e impedir o casamento.

Assiste ao derriço do vendeiro com a mulata, vê-os irem arrulhar na estrebaria, avisa o velho Anacleto e rebenta o escândalo, que torna impossível o casamento. Mas o velho também não quer que a filha despose o farcista de Cazuza, que o embrulhara com a comedia do casamento civil. Mas apparece o Mello, antigo companheiro de troças e rapasadas de Anacleto e Barbalho e pae de Cazuza, e o turrão do Anacleto cede, dá a mão da filha ao rapaz e a da mulata ao "seu" Joaquim. É só.

Essa insignificante acção é habilmente bordada de episodios comicos impagáveis. Todos os typos são tomados do real com uma verdade flagrante. A começar pelo seu Joaquim. É uma photographia. Depois, a mulata, typo perfeito da mucama faceira e dengosa, que fica "mordida" pelo vendeiro o qual, apalxonado apreciador da fructa essencialmente brasileira e amator de café com leite. (E sem leite também vae—diz o da peça) vê na união com a mulata uma fonte de economias soberba. Anacleto, o continuo, Barbalho, o musico, sua mulher Gilda, italiana, ex-cantora, que se pretende amiga das maiores celebridades musicaes, o commendador, atacadista, que se presta a servir de padrinho de casamento a um simples varejista para não parecer orgulhoso, o sachristão, são typos apanhados com grande felicidade na vida fluminense.

Essa verdade tão bem observada nos personagens, não se encontra, porém, em muitos episodios e scenas da peça.

Começa por não ter nenhum dos quadros, com excepção dos dois ultimos, que se passam na Tijuca, local determinado, não podendo o espectador preclisar, nem mesmo pelos scenarios, que são vagos e mais europeos que nossos, se aquillo é Santa Thereza, Castello, Praia, etc.

Tambem não é verdadeira aquella vida em commum, do vendeiro com o sachristão, a quitandeira e os vizinhos. Já foi. Hoje, felizmente ou infelizmente, aquellas scenas singelas e ingenuas de vida de bairro pobre já se não observam.

Uma inverosimilhança grande e palpavel é não possuir o "seu" Joaquim senão um paletó e esse de palha de seda.

Não ha vendeiro nas condições d'aquelle que não tenha uma sobrecasaca preta para assistir ás sessões da Maçonaria. Tambem não era natural que elle, morando a dois passos da igreja e a noiva tambem, mandasse fazer casa para o casorio. Outras inverosimilhanças notadas devem ser levadas á conta do pouco cuidado dos artistas.

O Sr. Colás, por exemplo, provou não ter visto nunca—um pretor e um mendigo brasileiros; por isso fez d'aquelle um conspirador da Augot e impingiu o mendigo do Boccacio—de barbaças, sombrero, capa remendada de grandes quadros de todas as cores. Essas duas cencas artisticas, imperdoaveis num actor feito, como é o Sr. Colás, prejudicam enormemente a naturalidade da peça.

Falemos do desempenho. Peixoto fez uma creação do papel do taverneiro Joaquim. Não temos um senão a notar-lhe.

Depois de Peixoto, cabem as honras da noite a Gabriella Montani, actriz

muito intelligente e que, bem aproveitada, muito daria de si. Fez o papel da mulata tão a primor, com tanta verdade em tudo—nas inflexões, na caracterisação, no vestuario, nos gestos, que a gente comprehende facilmente o "rabicho" doido do taverneiro e chega a invejar-o!

Rosa Villiot deo-nos uma graciosissima Lainha e cantou bem todos os seus numeros, especialmente o que começa: "Papae! Mamãe! Seu Joaquim."

Bahia, Clelia, Aliverti, Zeferino, Araujo deram perfeito desempenho aos seus respectivos papeis. Nunes, Mathilde, Fernando Maia (que tem o veso prejudicial de imitar Augusto Rosa) Leonardo e Raposo concorreram effizamente para a harmonia do conjuncto.

Fará carreira o PUM? Merece fazela. Mas talvez assim não aconteça, porque a musica é mal escolhida, um tanto monótona, o terceiro acto não tem interesse e a peça só devia ser representada depois de acabada esta interminavel e estopantissima revolta.

P. TALMA.

EMMA

(A VALENTIM MAGALHÃES)

Quando Emma despedio-se, foi chorando!... Mas seus olhos sómente é que o mostravam! — Pois, seus labios, sorrindo, contestavam O que os olhos estavam confessando.

— Fui seguindo-a com a vista; porém, quando No longe o trem sumiu-se, vi, voavam Duas aves no céu; e se encontravam, E o vento rijo as ia separando.

Assim, de nosso amor as aves, soltas, — Desencontradas, —vão para o impossível D'ausencia, percorrendo longas voltas!

— Oh! quando voltarás? — o indizível Poema de teus olhos diz que voltas... — Mas teus labios diziam — "é possível!"

Circ...

Factos e Noticias

Com o titulo DIARIO DA TARDE appareceu mais um jornal, dirigido pelo Sr. Aristoteles de Souza. Pelos primeiros numeros publicados podemos affiançar que o DIARIO vai longe, se o publico d'esta cidade prestar-lhe o seu auxilio, que merece. Pela parte que nos toca desejamos longa vida ao collega.

Realizou-se no sabbado ultimo nos vastos salões dos Democraticos, o esplendido baile em commemoração do 27º anniversario d'aquella sociedade. A festa esteve acima do que se pôde imaginar. Desde muito cedo começou a encher-se o Castello e á meia-noite em ponto já se tornava difficil a entrada no edificio, convertido em um segundo paraíso terreal, repleto de graciosas Evas e cavalheiros distinctos e correctos. A impressão que trouxemos da excellente festa foi a melhor possível e não podemos deixar de agradecer a maneira affavel e attenciosa porque fomos tratados pela directoria em geral e pelo amavel Socrates em particular.

Hoje ha novo baile, que será digno emulo do ultimo.

Em beneficio do ex-redactor do HERALDO ESPAÑOL, Sr. Fernando Gonzalez, realisa-se brevemente, no theatro Recreio, um esplendido espectáculo.

O organizador da festa é o distincto actor Dias Braga, que se encarregou

ainda de preparar o programma, que a julgar pelo seu fino gosto vai attrahir muitos e muitos espectadores áquella casa de espectaculos.

Está em S. Paulo o nosso distincto collaborador Dr. Neves Armond, sub-director do Museu Nacional que para alli partiu em excursão botânica.

COLLABORAÇÃO

QUADRO INTIMO

A medo encaminhei-me ao bito Immaculado Onde dormia um anjo envolto em branco linho Quasi sem lhe tocar a roupa, eu de mansinho Beijei-lhe a face casta e o labio assestado....

Quão bello é ver dormir sorrindo descaudado Um ente pequenino e louro em desalinho, Velar a candidez que orna-lhe o corpinho De antemão preservando um negro e duro fado...

Seu nome murmurar; um beijo será paga Dos lablos de coral, mimosos como a vaga Osculando submissa a petola formosa...

Um bem estar enorme ao peito se me achega Se qual um lyrio á haste, e anjo se conchega E colla junto á minha a face côr de rosa.

IGNEZ SABINO.

RECADOS E RESPOSTAS

— SR. JONAS OLYNTHO (Campanha, Minas)—Respondemos:

1. "Fanny" (e não "Fany") é a abreviatura ou antes o diminutivo do nome proprio "Fan," de "Frances" (Francisca). Podemos traduzir "Fanny" pelos diminutivos portuguezes "Chiquinha," "Chiquita etc."

2. Os nomes geographicos e historicos não tem pronuncia em nossa lingua. Em geral, pronunciamos á maneira latina: "Occeaia," "Algéria" etc. A tendencia contemporanea é conservar aos nomes geographicos a sua orthographia e prosodia de origem; já não é costume dizer-se "Bordeus," "Cantuarria," mas sim Bordeaux, Kanterbury. Por outra parte, damos aos nomes geographicos, mórmente das linguas slavas e germanicas, a transcripção franceza, e é por isso que escrevemos: "Londres," "Munich," "Anvers," "Varsovia" (London, München, Antwerp etc.)

No tempo de Manuel Bernardes e no de Vieira dizia-se—"os Esquicardos,"—e depois passámos a dizer, á maneira franceza,—"os Suissos."—Não damos, pois, nenhuma regra; mas os factos formulam-se assim: "aportuguezamos os nomes geographicos das linguas mais proximas á portugueza" (hespanhol—"Saragoça, Corunha;" italiano—"Florença, Milão") e mais ou menos, "afrancezamos o resto." Não é raro ver-se escripto e pronunciado "Esquimau" em vez de "Esquimó," igualmente "Sou-Tchéou" em vez de "Sú-tchéu" etc. Tudo isso prova que não temos ainda uma prosodia fixa dos nomes geographicos.

Quanto aos "nomes de pessoa," o uso é menos anarchico. Apontaremos as prosodias erradas, "Cyriáco," e "Satyro," de uso no Brazil. Todos os nomes gregos em "es" são exdruxulos; deve-se pois pronunciar "Aristóteles," "Pérlcles," "Diógenes," "Alcibíades," "Temístocles," "Démocles," "Agátocles," "Saphocles" (1) Os nomes semíticos em

(1) D'esta regra exceptuam-se naturalmente os nomes em "edes" que são graves: "Diomedes, Archimedes" etc. São exdruxulos os nomes em "idas": Leónidas, Bráidas.

"bal" ou "boal," em regra, devem ser agudos: "Annibál, Asdrubál, Adherbál;" entretanto nesses nomes o uso popular é excessivamente incerto e ha quem leia: "A'nnibal, Annibal" (é o mais commum entre nós) e "Annibál." Outros erros derivam da ignorancia das linguas originaes; é claro que "Darwin, Washington" só podem ser pronunciados á ingleza; "Wirchow, Meyerbeer, Beethoven," á alleman. Deve-se ler "Bolivar" e não "Bolivár." O nome russo "Fedora" que no nosso theatro ficou com a pronuncia "Fédora," preferível á prosodia franceza "Fedora," ou á prosodia exacta "Fédora" ("Fédór" e "Fédóra" são os nomes russos correspondentes a "Theodoro" e "Theodora.")

3. Ha diversos tratados. Citaremos o de Aarão Reis, em portuguez, e o de F. I. C. em francez, que se encontram com facilidade em nossas livrarias.

—SR. OCTAVIO PIRES (Pará) —Muito gratos pela sua gentileza. Sentimos não nos poder enviar tambem o primeiro volume da excellente revista de que é V. S. director. Aqui ficamos ás suas ordens.

—SR. C. D. (S. Paulo) —Recebido o novo capitulo do seu romance, que publicaremos na primeira oportunidade. Esperamos que acudirá tambem ao nosso concurso de prosa.

—SR. S. V. J. (S. Paulo) —Recebido. A sua 5ª é publicada neste numero. Porque não manda o seu TOUREIRO para o concurso? Excede de 400 linhas de tira de almaço? Se não excede, está nas condições. Contamos que, com esse ou com outro, será dos concorrentes.

Faz muito bem em ler a série dos ROUGON-MACQUART pela ordem da publicação dos volumes que a compõem. E' o melhor meio, ou antes o unico, de formar juizo seguro e completo sobre o conjunto d'essa estupenda obra. Preferir Loti a Zola! Mas o amigo está caçoando! Com essas cousas não se brinca...

Desculpa responder-lhe aqui e ás pressas?

—SR. S. DE A. (S. Paulo) —Já tinhamos entregado ao Dr. A. J. um exemplar de seu bonito livro.

—SR. DR. A. P. (Ribeirão Preto) —A' gentil Odilla o director e redactores d'A SEMANA, que tanto estimam o seu papae, desejam todas as venturas. Que a vida lhe seja sempre um estendal de rosas.

O. SABETUDO.

CONCURSOS LITTERARIOS

Ficam estabelecidos quatro concursos trimensaes, de prosa e verso.

O primeiro, aberto, desde já, será encerrado no dia 15 de Fevereiro; o segundo será aberto a 1 de Abril e encerrado a 15 de Maio; o terceiro será aberto a 1 de Julho e encerrado a 15 de Agosto, e o ultimo será aberto a 1 de Outubro e encerrado a 15 de Novembro.

CONDIÇÕES GERAES

Os manuscritos, dirigidos ao director d'A SEMANA, irarão, em vez de assignatura, uma divisa ou legenda e devem ser escriptos em letra bem intelligível.

Devem ser todos completamente inéditos.

Cada manuscrito será acompanhado de uma sobrecarta, na qual se leia a divisa ou legenda corres-

pondente ao manuscrito, a declaração: "Prosa" ou "Poesia", e dentro da qual virão o nome e a residencia do autor do trabalho.

Quer para as composições em prosa como para as em verso a maxima liberdade é concedida para a escolha do assumpto e a forma da obra.

O mesmo autor póde concorrer a ambos os torneos, tanto o de prosa como o de poesia. Cada concorrente só póde apresentar um trabalho.

Os trechos de prosa—contos, quadros, fantasias, seja o que fór—não deverão ter menos de 150 linhas (de uma tira de almaço) nem mais de 400.

Os poemas não conterão menos de 14 versos nem mais de 150.

Nos mezes de Março, Junho, Setembro e Dezembro serão publicados os trabalhos premiados em cada concurso anterior.

OS PREMIOS

Para o concurso de poesia só estabelecemos um premio. Para o de prosa—tres: primeiro, segundo e terceiro. Se acontecer que dous, tres ou quatro poemas mereçam o premio unico, será este conferido a um e os outros passarão para o seguinte concurso. O mesmo para o caso de merecerem varios trechos de prosa o primeiro dos tres premios.

Consistirão estes em livros de luxo, raridades bibliographicas, autographos preciosos, retratos de celebridades, ricamente emoldura, dos, etc.

A DIRECÇÃO.

CORREIO

SR. A. RAYARD—Sua PAIZAGEM é muito imperfeita. Tem cada aleijão! Veja lá se V. S. mesmo não se horripilla com este verso: "Ouve-se suaves cantares." Errado como grammatica e como metrificacão. O que eu não como são os seus versos, tenha paciencia. O meu collega X. que está ao meu lado, diz que a sua PAIZAGEM é quando muito de bananeiras murchas, das que já deram cacho. Em todo caso, agradecimentos pela dedicatória. A intenção foi boa, foi, mas os versos!...

—SR. A. P.—A sua BONECA DOENTE deve morrer. Pobresinha: é de trapo! Sempre é bom, no entanto, consultar o pallido mas profundo Dr. F. de A. de Ouro Preto. Elle é medico especialista de borracheirites.

—SR. OURO PRETANO—Diz o senhor que

O amor que desabrocha é luz que nasce
E banha as serras de clarões brilhantes
e mais que é "flor doirada" e "voz que canta na florida selva"...

Não será tambem uma velharia muito mofada que serve para os poetastros nos moerem a paciencia? Desconfio que sim. E o senhor tambem não desconfia?

Ora deixe lá o amor arranjar a sua vida... E não se zangue commigo, sim? Seus versos estão correctos—o que já é alguma cousa.

—SR. F. G. (Palmares)—A sua TUA CARTA é um máo soneto e uma ruim carta. E' melhor não mandal-a á destinatária... pela imprensa. Dos quatorze versos quatro são errados, outros quatro frouxos, tres pernetas e tres zarolhos. Mas os restantes são bons.

SR. M. V. DA F. (Falcão)—Corri os olhos pela sua poesia, REVELAÇÕES e achei que ella é obra para ser guardada

e não para ser publicada. Ah! se a plihasse um amator de antiguidades, d'esses que andam atraz da boceta de D. João Sexto por exemplo! que festa que elle faria! Que ella é bem do tempo do Onça, o Sr. não pode negar. Vejam só isto:

"Já se contam quinze dias
E não vejo a luz do sol!
Nuvens negras e sombrias
São o diúrno pharol!
Essa massa, polvoreta..."

Polvoreta, gostei! Não passemos, porém, da massa, que pode ser perigoso!

SR. HOUBIGANT.—Tudo lhe poderia perdoar, menos o errar-me o nome. Chamar-me—Eurico—é apenas um cumulo! Eu rico! Rico eu, que nunca pude Henrique ser!... Não lhe perdão esta ironia, tenha paciencia.

Pede-nos V. S. que reproduzamos nesta secção as poesias de Valentim Magalhães que tem por titulos: "Visita a um tumulo" e "Liberdade."

Este pedido seria satisfeito sem demora, se não fosse prova de immodestia a transcripção de poesias do director da folha, aliás bem conhecidas.

SR. SYLVIO DE OLIVEIRA.—Não é uma obra prima o seu PAPAGAIO, não é dos louros o mais palrador, talvez; não obstante dá satisfatoriamente o seu recado, e se o não dá melhor é por ser apenas um papagaio de papel. Tenha, pois, fé que elle virá a lume, embora não seja verde—a côr que symbolisa a esperanca. No meu conceito elle empina regularmente; não afaço, porém, que suba do mesmo modo no conceito publico.

Algum leitor gaiato será bem capaz de dizer ao seu conto: "Papagaio, dá cá o pé."

Em todo o caso deixe passar a chacota, certo de que eu, que tenho para elle reservada a gaiola da COLLABORAÇÃO, hei de gritar-lhe, para animal-o:

"Papagaio real, quem possa, meu louro? E' o leitor que vem-te ás phrases? Toca trombeta e caixa."

SR. TASSO.—Comquanto o Sr. não seja positivamente tão inspirado como o seu homonymo, de saudosa memoria, não será isto rasão para recusar um lugar nesta folha ao seu soneto "Crepe."

Demais a mais é um crepe que não cobre de lucto as Musas; portanto, longe de leval-o ao cemiterio, conduzi-emos á COLLABORAÇÃO.

Não paga ad menos uma "Pá" gelada?

SR. SILVA SOUZA.—Não lhe sei dizer se Violetina, que collabora nos "Tratos á bola," é a mesma "Violeta" da extincta CAPITAL, folha vespertina do Dr. Gonzaga filho, com quem, diz V. S., suppondo-a uma senhora, "ter entretido o mais interessante commercio de letras sem cotação nas praças mundanas." O que lhe posso, porém, asseverar é que a referida Violeta, com quem V. S. rasgou sedas e rendas, era o proprio Dr. Gonzaga Filho, com quem V. S. só devia ter rasgado casimiras e diagonaes. Isto acontece a muito menino bonito. Quem é que se não engana? O Sr. só: "Minha Sra. V. Exa." E' boa.—Passemos porém a outro polo.

O seu PRESO vae ter liberdade. Sim, a sua poesia que tem aquelle titulo, vae sahir do carcere da nossa gaveta, para as avenidas das nossas columnas.

SR. AUGUSTO S.—Só tenho louvores para o seu soneto, se é V. S., de facto, um estreante, como diz ser na sua amavel carta. Dal-emos muito breve.

SR. A. F. DE OLINDA.—O Sr. está calumniando aquella cidade. Da Cova da

Onça, do Pau da Fome ou do Quebra — Cangalhas é que o Sr. me parece ser. Terra que tal poeta possui, pode gabar-se de que está bem livre de uma penhora!

O Sr. não aguenta tempo!... Basta dizer que a sua poesia termina assim:

"O canto fervil de colica andorinha." E ainda se anima a dizer-me: "Sei que nasci para ser poeta (leia-se pateta) e jamais servirei para outra cousa." O parenthesis é meu.

Não seja tão modesto! Serve para muito mais. Olhe, pelo menos, para mastigar marmellada... para os doentes dos hospitaes.

SR. C. R.—Os seus versos me agradaram. Tanto que vou dal-os mesmo aqui, pois que, afinal, esta secção sempre merece ser lá de quando em vez perfumada com umas petalas poeticasas:

HONTEM E HOJE.

I

Acaso não sel se viste,
Quando por ti eu passava...
Estavas pallida e triste,
O quanto alegre eu estava.

II

Por mim tu hoje passaste,
Teu rosto de mais sorria,
No entanto, flôr, (que contraste!)
Eu, como nunca, soffria...

Ouro Preto, 93.

C. R.

Muito bem, muito! (Não ouve de lá as minhas palmas?) Se quiser mandar cousa de mais vulto, cá estamos para publical-a.

SR. CANTIVAL DE CAJESO.—(Vejam que calamidade de nome!) Pois o Sr. para voar lá no seu Parnameirim, precisava me pedir licença, moço? Pode voar sem cerimonia. Depois pede-me que lhe não corte as azas!

Gentes! tão malvado não sou eu. Penalizam-me tanto os filhotes de pombos que, ao comel-os com batatas, o pranto escorre-me pelas barbas abaixo!

Não sou capaz de lhe atirar sequer uma bodecada, ainda que o Sr. commetta crimes orthographicos como o de escrever: "Luciôla," e "Pyseudonimo." (Livra!)

Apenas dou-lhe um conselho; o de entrar para uma escola de primeiras letras. Pode entrar, sem receio que de ha muito está abolida a Santa Luzia, a tal dos cinco olhos.

SR. A. G. DA C. L.—Sim, Sr. Cá fiquei sabendo que é V. S. professor de Rhetorica e Philosophia, autorizado pelo conselho de Instrucção Publica do Vatapá, quero dizer, da Bahia. (Onde estou eu mettido!) E igualmente cá estou saboreando o seu "somneto," de que passo a transcrever parte

"Um dia ella appareceu pallida e bella
Mostrando um leve arfar noseio virgem:
Dir-se-hia prostrada ao peso da verti-
gem,
D'esse amor cujo dorso se encapella!"

Ah! cada vez mais na tremula donzella
Se alargava de amor..."

Pois que se alargue, que eu por aqui fico.

Não, meu caro Sr., tenha paciencia; isto nunca foi rhetorica da Bahia. Póde ser, quando muito, da baia, mas da Bahia, nunca!

Tambem não acredito no titulo do "somneto": RUINAS D'ALMA. Não, senhor: ruinas da grammatica, da metrica e do senso commum é o que aquillo é.

E ainda o Sr. nos ameaça com um poemeto de 150 estrophes!

150 estrophes, a 10 asneiras por estrophe, somma em 1.500 asneiras, S. E ou O.

Nada, meu amigo, não temos lugar em que possa caber toda esta bicharia! Agente-se com a bucha!...

SR. VALDOMIRO SILVEIRA. (S. Paulo) —Vae ter um alegrão o amigulho a quem por minha infelicidade nunca vi mais gordo. Vae ter um alegrão, seu felizão. Sua carta, lida com attenção pelo patrão despertou-lhe interesse pelo seu conto. Leu-o; gostou que se regalou (e olhe que elle não tem o paladar facil); chamou-me e disse: "Oh! Enrico, dize ao Valdomiro Silveira que o conto d'elle intitulado VINÓ é obra de quem tem "quelque chose là," na cabeça, a prometter bellas cousas, e que no proximo numero será publicado na secção Os QUE SURGEM, reservada para os taes que têm a tal "quelque chose."

E' o que faço, dando-lhe os parabens e perguntando-lhe porque é que sómente agora nos deu o ar de sua graça.

EXMA. SRA. D. C.—Enganei-me: é rua Santo Antonio e não Paraná; o numero é o mesmo que lhe indiquei. Quando nos escreve novamente?

ENRICO.

Tratos á bola

Sahe cinza e poeira!

(PROV. DE SALOMÃO)

Tratologos

Após deitar-vos a minha benção costumelra e cheirar a minha pitadinha do saboroso cangica (vicio este de que não pude ainda libertar a venta peccadora e inclinada aos cheiros profanos), vou embrenhar-me um pouco,—cilicios e rosarios de orações postos á banda por alguns momentos,—vou embrenhar-me pois, no mattagal dos embroglios.

Que me perdoem as onze mil virgens, de que tão devoto sou, se as esqueço durante segundos, pelos filhos do peccado, habitantes d'esta charneca de vicios.

E feito este ligeiro acto de verdadeira contricção, passo ás tratices.

O primeiro decifrador das ultimas e que teve jus ao premio, foi "D. Joanninha B."

Seguiram-se-lhe "Angelina A.," "Pi," "Lilazia," Falstaffino," "Bigode de Arame," "K. C. T. A. Dor," "Tope-tudo.

As decifrações, eil-as: 1.^a—Pyrl-lampos; 2.^a—Amendoa; 3.^a—Xuxú; 4.^a—Pejo; 5.^a—Paranápiacaba; 6.^a—Hersilia; 7.^a—Maleita; 8.^a—Itaborahy; 9.^a—Caçarola; 10.^a—Gazeta; 11.^a—e ultima (indicifavel!) Espelho.

Para hoje temos:

NOVISSIMAS

Exlstit rancor é tardio.—1, 3.
O tecedo da Inglaterra é parente que explode.—1, 1, 2.

URUBU MALANDRO & ZAPA-QUEIJO.

Nove horas no relógio, cheira?—1, 2.
A maior letra do alphabeto é o final.—1, 1.

PAULISTA MONTEIRO.

CHARADA EM TERNO DUPLO

(A FREI ANTONIO)

Bella fructa é encontrada
Mesmo logo na terceira;
Pelo exercito bem formada
Verás tambem a primeira;

Na segunda, procurando,
Numa casa pelo chão;
Acharás verbo na quarta
Para formar a questão.

Na quinta, bem pode ver
A rezar o bom christião;
Onde eu tambem, religioso,
Venho fazer oração.

THIANOR.

ENIGMA

(AOS COLLEGAS)

500

0550

VIOLETINA

PROBLEMA

Tirar d'este quadro, composto de 40 pequenas linhas, 16 d'entre ellas, de modo a formar 3 quadros perfectos entrelaçados.

JUCA BENEDICTIA.

LOGOGRYPHO

Do tempo faz a divisão—5, 2, 4.
No papel grava nossa idéa—1, 2, 7, 8, 4.
Assim alegres como estão—3, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10.
Não pode ser; é cousa feia.

CONCRETO

A Historia recolheu
O seu nome immortai,
Porque quasi nos deu
Regimen actual.
Terra que o vio surgir
Seu nome immortalisa
Ezendo-lhe erigir
Cousa que o symbolisa

NHÓ ZECA RÔXO.

Agora chegou a vez de Doniques:

ANTIGA

Esta moça gentil, que por trajo—2
Tinha um panno grosseiro, coitada!—2.
Eu a vi na garupa de um gajo—1.
Que é um bicho que dá ferroada!

NOVISSIMA

1, 1, 1.—Tiri-ninho! teré-nenê!—Rato na casaca e no chapéu. Pum!

Ao primeiro decifrador exacto, um premio esgaravatiumpyquirionisante! A elle, pois, tratistas!

E por hoje fecho o cenobio.

FREI ANTONIO.

P. S. Recebi decifrações dos Tratos do n. 24 mandados por "Mafa & Kean," "Nogueira Junior" e "Marla P."

—"Angelina." Grato pelas charadas mandadas. Brevemente sahirão.

—"Araken, o Pagé." Recebi e publicarei algumas. Ha umas tantas que peccam por muito facéis e outras por deffituosas. Em todo caso deita-lhe a benção

FREI ANTONIO.

**ESTABELECIMENTO
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO**

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado
115 — Rua Sete de Setembro — 115
Rua da Carioca, 12 e 14
FILIAL EM PETROPOLIS

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A' CASA PASCHOAL
CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133

Importação por todos os paquetes

Completo sortimento de chapéus para homens,
enhoras e crianças, guarda-chuvas, bengálas, etc., etc.

Rio de Janeiro

FABRICA ORPHANOLOGICA

DR

FLORES ARTIFICIAES

Ribeiro de Carvalho & C.
RUA DO PASSEIO

Têm sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas, flores,
etc., etc

**PIANOS E MUSICAS
FONTES & C.**

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

O PEDAGOGIUM

13 Rua do Visconde do Rio Branco 13

BIBLIOTHECA

Laboratorio de Chimica, Gabinetes de Phisica
e Historia Natural.

EXPOSIÇÃO DE MATERIAL ESCOLAR

ESTÁ FRANCO AOS ESTUDIOSOS

Nos dias uteis das 10 horas da manhã ás 3 da tarde

REVISTA PEDAGOGICA

Orgão do PEDAGOGIUM. Distribuição gratis aos
Srs. Professores.

ESTA PUBLICADO O 1º FASCICULO DO TOMO V

Dr. R. Rajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n, 22, das 2 ás 4 horas

Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

DR. VALENTIM MAGALHÃES

ADVOGADO

67 Rua Gonçalves Dias 67

PRIMEIRO ANDAR

DE 1 A'S 3 HORAS

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade : *Partos e Molestias das Senhoras*

Residencia e Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

Papelaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.

Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.

A SEMANA

DIRECTOR VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, Gonçalves Dias n. 67, 1º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 3 DE FEVEREIRO DE 1894

SUMMARY.—Historia dos sete dias—*José do Egypto*; A caçada, soneto—*Francisca Julia da Silva*; O romance brasileiro: O Missionario—*Araripa Junior*; Divina luz, poesia—*Maria Clara da C. Santos*; Botanica Amorosa, V.—*Garcia Redondo*; Na partida, poesia—*F. Khossard*; Gazetilha litteraria: *M. de Amor*, soneto—*W. de Queiroz*; Os que surgem, Vinó—*Valdemiro Silveira*; Se ey fosse ave, poesia—*José de Freitas Guimarães*; E pantano ou pantano?—*Lafayette de Toledo*; Factos e Noticias: *Correio*—*Enrico*; Tratos á bola—*Frei Antonio*.

Historia dos sete dias

Semana triste, mais triste ainda que as tristissimas, que semi-mortos, hemos vivido ha cinco mezes.

Velo-lhe esse acrescimo de tristeza do passamento de um grande brasileiro. Morreu o Conselheiro Dantas, e o seu cadaver enorme encheu os sete dias. A historia d'estes fol a historia d'elle.

Nenhum dos diarios a contou completa e seguida. Tambem nós não podemos contar a; falta-nos tudo para isso: dados, tempo, espaço e animo.

Para aferir-se a estatura moral e intellectual de Dantas basta de sua vida, honrada e fecunda, relembrar dois factos: os serviços enormes que prestou por occasião da guerra do Paraguay, galvanizando toda a sua provincia com a fagulha poderosa de seu patriotismo, e o seu papel na questão do elemento servil.

A abolição tinha-se tornado a suprema aspiração nacional, a causa do povo, da nação em peso.

A abolição predicava, amaldiçoava, gemia, impunha, ameaçava — nos jornaes, nas tribunas dos clubs, nos theatros, nos "meetings;" — e as classes governantes, — assim consideradas as que dispõem da capital e da influencia politica, — fingiam nada ver, nada ouvir.

E a abolição ajuntou á palavra o acto, á propaganda pelo argumento e pelo sentimento a propaganda pelo facto, pela resistencia defensiva e offensiva.

Uma duzia de homens de fé e energia, ao Norte e ao Sul, cujos nomes a Historia já recolheu, conflagraram o palz no santo incendio da Liberdade; — e as classes governantes fingiam ainda nada ouvir nem ver!

O governo acreditava ou simulava acreditar que aquelle movimento geral da alma popular, inflada em onda alterosa e rugente, representava apenas a opinião "dos que nada tinham a perder," dos "pescadores de aguas turvas."

E o Parlamento, apesar da campanha vehemente de alguns representantes, capitaneados por Joaquim Nabuco,

acompanhava o Governo na sua funesta politica de "não cogitar no assumpto."

Foi quando, por um aceno benigno do capricho de Pedro II, subiu Souza Dantas á presidencia do Conselho de ministros, organisando o immortal ministerio "Seis de Junho."

O que elle então fez foi quasi nada e fol tudo: incluiu no seu programma a questão abolicionista, melhor: fez d'ella o seu primeiro artigo.

O valor de sua obra não consistio no projecto que pedia a liberdade dos sexagenarios; mas no acto simples e honesto de ver e de ouvir a questão abolicionista; de tornar a artigo obrigado e iniludivel de todos os futuros programmas de governo.



Não lhe coube a gloria de fazer a abolicção radical, porque o imperador, havendo-o animado a principio e prometido todo o seu apoio, teve medo depois, e abandonou-o.

Dantas retrou-se; mas a sua missão estava cumprida e completa a sua obra: a esphera de luz rolava cada vez mais rapida com o impulso titanico que lhe imprimira seu pulso.

Como no verso do poeta latino a outro couberam as honras do feito: "tulit alter honores."

Mas a Justiça da Historia começou desde hontem a obra da reparação: —

acompanhando o venerando cadaver, vio-se, num compungido prestito impo-nente, a parte aurifera das nossas camadas sociaes — os mais legitimos e lusidos representantes da Política, do Direito, da Sciencia, do Exercito e da Imprensa.

Foi uma apothese esse prestito funebre. Era a Patria que ia ahi, pesada de luto, soluçando a sua immensa dor, cansada de soffrer tanto, mas levando estampada nas faces pallidas, que os Infortunios continuos têm emmagrecido, a magestade santa da resignação e da esperanza.

A obra de justiça começou, entretanto, apenas. E é indispensavel concluir-a: o Brasil deve uma estatua a Manoel Pinto de Souza Dantas. Quando lhe pagará essa divida de bronze?



Um telegramma de Buenos-Ayres para O Paiz annuncia que no theatro da "Zarzucla" d'aquella cidade fôra exhibida uma peça, intitulada "Juca Tigre," em que se troçava e infamava atrozmente o Brasil. Essa patifaria tem como autor um Sr. Nicoláo Granada, deputado uruguayo.

Felizmente a pasquinada theatral não ficou impune. Os nossos patricios patearam-na epicamente e tal charivari de protesto fizeram que foram presos, sendo logo depois restituídos á liberdade. Foram prohibidas as representações de "Juca Tigre." E assim terminou o incidente.

Triste fadario o do Brasil. E' mina opulenta, inexaurivel e sempre escancarada para todos que desejam enriquecer.

O povo é tudo o que se conhece de mais Mané Cão e João Bocó: deixa-se "embrulhar" e depennar sem desconfiar — antes, nem gritar — depois. Em vez de explorar e aproveitar bem as forças e apti-

dões dos aventureiros que aqui vêm ganhar o que nunca sonharam, deixa-se explorar por elles e ás vezes com um descaramento e uma simplicidade comovedoras.

E qual a paga de tudo isso?

A paga é sermos achincalhados, debicados, troçados, ridiculizados, infamados e conspurcados!

Não se limitam esses milhafres a nos esvasiar os bolsos, e deixar em camisa: riem-se de nós depois, divertem-se á custa da victima!

E' preciso decorar bem o nome do tal comediographo. Chama-se Nicoláo Gra-

nada. O sobrenome é facil de reter, pois tem a maior oportunidade.

Talvez que o possamos engalfinhar um dia.

A todos quantos esta lerem recomendo que, se Granada encontrarem, se apressem a rebentar Granada—a pontapés.



Temos novo estado de sitio até 25 d'este mez, e não teremos carnaval externo.

O bol gordo que faça o seu passeio triumphal por dentro das casas, sem deitar á rua as pontas enfeitadas da sua gloriosa armação. Momo que vá para as praias, se quer divertir-se, apanhar conchas e balas de "Cruz Pacheco." Folia que tenha julzo.

O chronista declara-se contente. Não terá que ensurdecer com o "zêpe-reirar" dos grupos de foliões, nem que melancollisar-se com o "desesperito" e a "desgraça" d'elles.

Aproveitará os dias de folga para ir refocillar no seio verde e amigo da Natureza. Além de que um carnaval existe que ninguem lhe pode tirar—o da Historia. Que melhor?

José DO EGYPTO.

Nunca se ama tanto quanto se é amado; por isso a arte de ser feliz em amor consiste em dar tudo sem nada pedir. E' o que ensina a phrase admiravel de Philline a Wilhelm, em Gothe: "Se eu te amo, que tens tu com isso?"

MME. DE MAINTENON.

A CAÇADA

(A VALENTIM MAGALHÃES)

Ao mirante gentil, de construcção bizarra,
Acabou de subir naquella mesmo instante
Em que o seu noivo foi á caça; e, palpitante,
Lá fóra cuida ouvir os sons de uma fanfarra.

E, ao mesmo tempo ouvindo o selvagem descante
Que, entre as folhas, sibila a estridula cigarra,
Ella vae ler a carta onde o seu noivo narra
A dor que ha de soffrer quando estiver distante...

E dorme vendo o sol que, a travez de uma escaza
Nuvem branca, illumina as ingremes encostas
Dos montes onde ondeja a matilha da caça:

E, bem perto, ao rumor de trompas e ladridos,
O seu noivo gentil que, de espingarda ás costas,
Lhe offerta uma porção de passaros feridos...

FRANCISCA JULIA DA SILVA.

O ROMANCE BRASILEIRO

O MISSIONARIO—Romance por L. Dolzani (Dr. H. M. Inglez de Souza). 1891.

IV

Padre Antonio não era um contemplativo. Sanguineo e forte, a sua natureza pedia movimento e lucta, gozo e triumphos ruidosos.

Antes de entrar para o Seminario fôra um selvagemzinho. "Levara uma vida livre, solto nos campos, ajudando a tocar o gado para a malhada, a metter as vaccas para o curral." Os seus divertimentos, então, eram montar bezerras, subjugar poldros de anno e meio, madrugarem em excursões atraz de ninhos de garças e maguarys, afrontando brejos, rios e florestas, "saturado de sol, de ar, de liberdade, de gozo."

Semelhante vida, comprehendendo-se, não podia senão aticar-lhe o sangue e

apparelhar a carne. Não obstante, e quando o selvagemzinho mal solettrava a "Historia do imperador Carlos Magno e dosdoze pares de França" e começava a perseguir as mulatinhas, entenderam que uma batina la-lhe ao plntar; e o eunxiqueiraram no aprisco sagrado, cortando-lhe subitamente o desenvolvimento da puberdade. Os padres conseguiram domal-o; mas a redução do menino fez-se com algum trabalho. Era inevitavel que a intrepidez do antigo perseguidor de maguarys, atravessando a sua educação theologica, entre a duvida e a contradicção, levantasse successivamente todas as bandeiras que a heresia e a impiedade tem destraldado para inquetar a consciencia catholica desde Origenes até Luthero. Assim, elle fôra maniqueu, com Santo Agostinho, millenario com S. Justino e Santo Ambrosio, dualista com Marcião, mystico com Montario, chegando mesmo a adoptar a heresia dos valerios e dos originistas. Tudo isto, porém, modificava-se diante da disciplina e de alguns encarceramentos, e por ultimo dissipava-se com o recebimento das ordens e com a vigararia de Silves. Todavia a imposição do ministerio sagrado, se o submette, não o transforma.

O parochio, que agora encontramos frente a frente a Xico Fidencio, cheio de modestia, de unção religiosa, e preoccupado do incremento da fé, quer acção, luz e theatro para largos movimentos.

Em pouco tempo a monotonia do exercicio parochial o arroja para as concepções gigantescas. A historia das missões o embevecia e as biographias dos grandes soldados da milicia de Christo causavam-lhe verdadeira febre de gloria.

"O padre levantava-se cedo, ás seis horas, lia o breviario e passava a dizer missa. Depois da missa confessava, e ao sair, no adro, palestrava com os homens, indagando da saude de cada um, muito cortez, dando conselhos de hygiene privada. Terminada a aula de religião que dava aos meninos, recolhia-se a concertar com o lorpa do Macario sachristão sobre as necessidades do culto. Jantava ás quatro horas, saia a dar um breve passeio pelos arredores da villa, a espairecer, sempre serio, de olhos baixos, compenetrado do dever de dar o exemplo de sinezude e da gravidade. Voltava ás seis horas, ao toque de Ave Maria, descoberto, passeando lentamente, recolhia-se ao quarto a lêr o breviario..."

"Os baptisados e casamentos, atrazados um semestre, um ou outro enterro, achavam-n'o sempre prompto, nada exigente quanto a propinas, observando com affectado escrupulo a tabella do bispado, e fechando os olhos á qualidade maçonica do padrinho, do defuncto ou do nubente..."

Esta mansuetude e correcção no cumprimento dos deveres parochiaes concorrem para tornar ainda mais monotona e incolor a vida do pseudo-asceta. O proprio Xico Fidencio sente-se desarmado, e o unico elemento de escandalo que podia agitar o "forum" de Silves, falha de um modo descoroçoador, tirando a "verve" ao folliculario e preparando a evasão do joven sacerdote.

Padre Antonio, dia a dia, reconhece que o escopo de sua vida não é prégarem sermões eloquentes entre as quatro paredes de uma velha igreja despovoada de fieis. Com effeito, aquelle "padre triste", que, segundo dizia o Fidencio,

"tinha mysterios no gesto e uma aggressão no olhar", não podia permancer á margem do Saracá, entre gente estúpida, inactivo e sujeito a morrer de um momento para outro sem que sobre sua sepultura se inscreva um feito digno de memoria.

Não lhe basta o cumprimento banal do dever. Seu ideal é ser um santo célebre e para conseguil-o só ha um meio: — fugir ás tentações da carne que o aguilhoam naquella villa ociosa e emprender a missão da Mundurucania. E' preciso correr perigos e illustrar uma pagina do "Flos Sanctorum." Padre Antonio não hesita mais, e um dia, acompanhado do sachristão Macario, numa igarité, abandona Silves, com um sonho prodigioso no cerebro.

A floresta brasilica já se transfigura na cathedral poetica dos tempos aureos; e no delirio do romantico voejam todas as grandezas e sumptuosidades que a memoria oriental e a legenda medieval têm accumulado em sua imaginação de voluptuoso. Em seu espirito, privado da mulher, forma-se o ruidoso poema das grandes creações sociologicas. O Amazonas se lhe affigura o centro do Universo e a missão da Mundurucania uma nova construcção de Ignacio de Loyola.

ARARIPE JUNIOR.

(Continúa.)

Os prazeres são como os alimentos: os mais simples são justamente aquelles que nunca nos aborrecem.

CH. NODIER.

DIVINA LUZ

(A ANGELINA SANTOS)

Morrem as graças, os encantos
Da formosura,
Muda-se a aurora em negros prantos,
Em noite escura!

Tudo fenece e tudo passa...
O proprio amor,
— Passaro errante que esvoaça,
Perde o fulgor!

Vislumbro certo de esperanza
E de alegria,
A gloria—até a gloria cança...
Alfim um dia!

Só não fenece a luz sagrada,
Divina luz
Que vem dos olhos, encantada,
E o amor traduz!

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS,

BOTANICA AMOROSA (*)

V

Eram seis horas da manhã, de uma manhã primaveril, fresca e perfumada, e eu, mais madrugador do que ella, passeava já no lindo jardim do seu ninho amado, esperando o bom sol creador e fecundo, quando de repente senti o estalido da areia premiada por pésinhos leves e ouvi uma voz suave e melodiosa dizer-me quasi ao ouvido:

— Bom dia, Daphnis.

Era ella.

— Bom dia, Chloé.

Estalaram beijos.

E, tomando entre as minhas as suas mãos macias, conduzi-a docemente até o alpendre engradado por onde trepavam glyclinias e bougainvilleas vermelhas.

(*) Vide Ns. 15, 16, 17 e 18.

Sentámo-nos, e á espera do sol, ouvindo o chilhêdo da passarada feliz e o ruído da larva glutona que devora a folhagem, ella, impaciente por me ouvir discorrer sobre cousas galantes, disse-me:

— Els-me aqui, meu amigo, prompta e preparada para a segunda lição. Prometteste-me hontem que a farias hoje no meio do nosso jardim, entre flores e aves, logo que o sol rompesse. E eis ahí o primelro ralo do astro, que acaba de descambuçar-se do seu albornós de nevoas e que doura já a corolla das rosas e dos lyrios gentis. Estamos na hora e, para comçar, permite que eu te faça uma confissão franca e sincera: Imagina que eu não sei nada, nada dos maravilhosos segredos da natureza, a não ser o pouco que hontem aprendi contigo no nosso delicioso passeio á floresta. Quero saber tudo e devo confessar-te que no meu espirito palra a confusa ldeia de que o animal e a planta têm afinidades tão intimas que quasi se confundem. Será isto exacto?

— E', minha gentil Chloé; sómente o animal superior é mais perfeito do que o vegetal.

De passagem, já te falei do coral e da esponja, que, sendo animaes, embora tenham a forma de vegetaes, são entretanto mais imperfeitos do que algumas plantas carnivoras, porque estas possuem o movimento parcial das folhas, dos pelios e dos ascídios, as passo que aquelles são intelramente immoveis. Isto, porém, constitue uma excepção. Em regra, a despeito da grande afinidade que existe entre o animal e a planta, o primeiro é mais perfeito do que a segunda. Basta recordar que o animal possui, em geral, um orgão para cada função, quando a planta por um mesmo orgão pode exercer diversas funções, para vêr-se quanto o animal é mais perfeito do que o vegetal.

Exemplifiquemos: a "dionéa" digere e respira por um mesmo orgão, — a folha, ao passo que o animal possui orgãos especiaes para digerir, e outros, muito diversos d'aquelles, para respirar.

Ella interrompeu, preclpite:

— Isso se dá excepcionalmente com a "dionéa" e com as outras carnivoras. Mas, nas plantas que absorvem a nutrição pelas raizes e que respiram pelas folhas e pelo tronco, como me explicaste hontem? Não têm ellas um orgão especial para cada função?...

E, orgulhosa, com o prazer do triumpho nos labios rubros, ella me fitava anciosamente, aguardando a resposta.

— Gostei da objecção, minha encantadora discipula, e ella vale bem um beijo nesses labios purpurinos, que a expuzeram com tanta lucidez e graça. Na realidade, as plantas geralmente allmentam-se pelas raizes e respiram pelas folhas, pelos galhos e pelo tronco; mas devo esclarecer-te que, ainda nessas, os orgãos destinados á nutrição podem transformar-se em orgãos respiratorios e vice-versa, o que significa que na planta, um mesmo orgão pôde exercer funções diversas.

— Como assim?

— Fazendo com que as raizes se transformem em galhos e produzam folhas e obrigando os galhos a transformarem-se em raizes.

O espanto da minha gracil companheira pintava-se no seu rosto formoso. A sua bocca deliciosa abria-se num "oh!" admirativo e os seus olhos negros scintillavam de impaciencia, cravados em mim.

Não te admires, eu me vou explicar melhor. Vês aquelle "hibiscus splendens" (mimo de Venus) coberto de flores vermelhas, manchadas de purpura, cuja copa folhuda se ostenta graciosa sobre o caule alto, liso e delgado como se fosse um "bouquet" gigantesco? Vês ainda, mais adiante, no centro do ultimo canteiro da esquerda, aquella elegante "azalea gloire de Belgique" coberta de flores brancas, mosqueadas de pontuações roseas, que rivalisa na belleza e no porte com o "hibiscus splendens"?

Pois bem; eu vou commetter a crueldade e o sacrilegio de curvar o tronco d'essas duas plantas e mergulhar as suas copas pomposas debaixo da terra. Daqui a mezes, eu mesmo virei verificar se os galhos enterrados já se transformaram em raizes e, então, quando isso succeder, eu desenterrarei as raizes que ellas hoje possuem e as virarei para o céu para que tomem o lugar da copa. Verás então, minha eterna desconfiada, que essas raizes se cobrirão de folhas e de flores e se transformarão em copa como esta se transformou em raizes.

— Mas isso é estupendo, inacreditavel quasi! exclamou ella, visivelmente estupefacta. E' a inversão da planta.

— Precisamente.

— Pode-se então virar uma arvore fazendo-se com que a copa fique debaixo da terra e as raizes no ar?...

— Pode-se, e é isso o que vou fazer já para que te não reste mais duvida alguma.

E, abandonando o alpendre, seguiu em direcção ao canteiro onde se erguia o "hibiscus," cuja copa luxuriante e florida enterrei no sólo, depois de ter dobrado o caule cuidadosamente, para não esgarçar.

Quando me dirigia para a "azalea" ella interceptou-me o passo e, com os olhos empanados de lagrimas divinas, disse-me, supplicante:

— Não, não; para experiencia basta uma. Vamos poupar a linda "Azalea," que é a alegria do meu jardim.

— Poupar!...

— Sim, porque tu a vais matar como mataste o "hibiscus."

— Não tenhas receio, minha querida incredula, O "hibiscus" não morrerá; um pouco de agua, um ralo de sol pela manhã e sombra nas horas callidas do dia hão de fazer o milagre que te annunciarei. E, uma vez feito, tu te convencerás então que as raizes podem respirar e florir assim como os galhos e as folhas podem absorver.

E, como ella apontasse com as mãos supplices para a linda "azalea," eu a enlacei nos meus braços e a reconduzi para o alpendre.

Ella murmurava sempre:

— Estupendo! quasi inacreditavel!...
— No entretanto é real, minha doce Chloé, e este phenomeno, tão extraordinario na apparencia, é naturalissimo, como vais vêr. Dize-me: nunca viste fazer a reproducção das plantas pela mergulhla?

— Já; ainda hontem o jardineiro fez isso no pomar com uma videira.

— E como procedeu elle?

— Escolhendo uma das melhores varas da vide, fazendo-lhe uma incisão com o canivete e mergulhando essa parte da vara de baixo da terra, de modo que uma extremidade ficasse ligada ao tronco e a outra surgisse fóra da terra.

— Perfeitamente. E elle não te explicou pelo que e para que fez isso?

— Disse-me que, d'aquella mezes, a parte da vara mergulhada na terra criaria raizes e que, uma vez enraizada a vara, elle a separaria do tronco constituindo assim uma outra videira nova, cuja copa, que agora está nua, se havia de cobrir de folhas e de saborosos cachos como a videira mãe que lhe deu origem e que ainda a está allmentando agora com a sua seiva.

— Exactamente, minha aproveitada discipula; e d'ahi tu debes inferir que, assim como um galho "enraiza," assim tambem a copa inteira, que é composta de muitos galhos, pôde "enraizar." Resta agora verificar se uma raiz pode enfolhar e florir.

— Esse é que é precisamente o ponto duvidoso para mim; disse ella.

— Pois a duvida vai desaparecer já.

E, apontando para o pomar, que verdejava além do jardim, perguntei:

— Vês aquella jaqueira umbrosa cujas raizes sahem da terra em corcovas que lembram giboiás enormes?

— Vejo.

— E o que tem ella na corcova de uma dessas raizes?

— Uma grande jaca.

— O que é a jaca?

— Um fructo.

— De onde provem o fructo?

— Da flor.

— Basta. Aquella jaca não poderia existir alli sem ter sido primeiramente flor. Logo, aquella raiz produziu uma flor e, como a flor não passa de uma modificação da folha, tu chegarás fatalmente á conclusão de que as raizes podem enfolhar, florir e fructificar.

— Admiravel e convincente, meu querido mestre.

E ao dizer isto, cheia de uma alegria infantil, ella quiz apertar-me agradecida entre as serpentes brancas dos seus braços roliços, quando assomou á porta do alpendre o vulto crecto do criado francez que lhe disse, respeitoso e curvo: — "Mademoiselle est servle."

E, apenas essa figura lmportuna desapareceu atraz do reposteiro, ella ergueu-se e, de um pulo, veio cair nos meus joelhos, cobrindo-me o rosto de beijos.

Depois, apoderando-se do meu braço, conduziu-me ao pequenino salão de jantar onde nos sentámos, um em frente, outro a uma meza elegante, pejada de vinhos louros, llnhos frescos, crustacs, flores e fructas.

O seu dedinho rosco pousou então sobre o botão de um tympano e resurgiu de novo a figura erecta do criado trazendo, o primeiro prato do nosso delicioso almoço.

O relógio de Flora apregoava oito horas.

(Continúa).

GARCIA REDONDO.

MISSA DE AMOR

A GARCIA REDONDO.

Sobre o teu branco ventre, cor de leite,
— Allucinante marmore de Paris, —
Canto, ó meu sonho, a missa do do-leite,
Eu, o ministro de teus sonhos raros.

Lubrificam-te os olhos, como o azeite
Da lampada de um templo, os éstos claros
Da volupia... Ah, assim, amote, amote,
Altar ungião de meus beijos caros.

Vamos! Que as hostias brancas do teu seio,
Tremulas, saltem da camisa, louca...
Que o calix seja a tua bocca langue...

De joelhos, présto! A missa vai em tempo...
— Póde o beijo cantar na tua bocca! •
— Póde romper a orchestra do teu sangue!

S. Paulo—Outubro—1893.

WENCESLÁO DE QUEIROZ.

GAZETILHA LITTERARIA

Livros que devem apparecer no correr d'este anno, segundo noticias publicadas em diversos jornaes e informações que possuímos.

Prosa:

BRIC-À-BRAC — (quadros, contos, humorismo); NA ESTACADA — (critica) — de Valentim Magalhães.

A SOGRA — de Aluizio Azevedo.

INVERNO EM FLOR e REI PHANTASMA — de Coelho Netto.

CARICIAS e BOTANICA AMOROSA — de Garcia Redondo.

CRYSTAES — de Luiz Rosa.

CRITICA — de Araripe Junior.

NOTAS TREFEOAS — de Max Fleiuss.

NO PAIZ DOS YANKEES e BOM CREOULO — de Adolpho Caminha.

IMPRESSÕES DE OURO PRETO — de Olavo Bilac.

LUPE — de Affonso Celso Junior.

MARES e CAMPOS — de Virgilio Varzea.

CONTOS — de Alberto de Oliveira.

SANOUE — de Gastão Bousquet.

ARISTO (2ª. edição) — de Rodrigo Octavio.

Poesia:

ESTROPHES — de Fontoura Xavier.

OPERA LYRICA — de Pedro Rabello.

LOTUS — de Luiz Rosa.

SONETOS — de Henrique de Magalhães.

CINZAS — de Victor Silva.

MYRTHOS — de Themistocles Machado.

VERSOS e RYTHMOS — de Alberto de Oliveira.

RIMAS DE OUTR'ORA — de Affonso Celso Junior.

CIGARROS — de B. Lopes.

SARCASMOS — de Julio Cesar da Silva.

POESIAS — de Francisca Julia da Silva.

SONHOS DE OURO (drama em verso) — de Rodrigo Octavio.

Prosa e verso:

NO LAR — de Valentim Magalhães.

Hoje, na secção OS QUE SURGEM, temos a honra de apresentar ao publico litterario um novo prosador e um novo poeta: Valdomiro Silveira e José de Freitas Guimarães.

O primeiro tem vinte annos, é paulista, e estudou o ultimo anno do curso juridico em S. Paulo.

O segundo, muito moço tambem, cursa a terceira série juridica da mesma faculdade, e, como é pobre, trabalha no commercio em Santos.

Um e outro parecem-nos cheios de talento e ricos de promessas.

O lindo conto VINÓ é o segundo que escreve Valdomiro Silveira.

O primelro fol publicado, ha dias no CORREIO PAULISTANO e intitula-se NERVOSA.

A SEMANA tem vivissimo prazer em apresental-os aos seus leitores, certo de que o seu exigentissimo paladar ficará satisfeito.

O BRIC-À-BRAC, além de ser primorosamente typographado, trará um excellent retrato do autor, trabalho do xylographo portuguez Pastor e uma capa illustrada por Belmiro de Almolda. Um mlmo bibliographico, com que se vão regalar os assilgnantes d'A SEMANA.

Para o nosso primeiro concurso de prosa recebemos mais tres trabalhos com as legendas: AB, TINTIM POR TIN-

TIM e TEUS OLHOS ME GUIAM e para o de poesia mais uma producção com a legenda—HERMENOARDA.

A SEMANA tem a honra de dar aos seus leitores a grata noticia de que vai deliciar-os dentro em breve com uma finissima joia litteraria.

Olavo Bilac, o imaginoso poeta da VIA LACTEA e das PANORLIAS, está terminando um poema historico, eplodio da grandiosa epopeia dos Bandeirantes, que destina a esta folha, que tem estado saudosissima pelos inspirados versos do inolvidavel "Phebo-Apollo" que tanto abrilhantou as columnas d'A SEMANA na sua primeira phase.

GUACUHY, é o titulo do poema e celebra, segundo nos escreve o seu autor, a morte de Fernão Dias Paes Leme, o caçador de esmeraldas (1680).

Esperamos publicar ainda este mez, o novo trabalho do illustre poeta.

NA PARTIDA

Fez Deus a noite para os sonhos; quando
O astro-rei no poente se reclinou
E as trevas, pouco a pouco, vão baixando.
Vae Elle alvorotando
Dos sonhos meigos a legião divina.

Depois, quando, fogoso, o rei do dia
Faz a noite medrosa se esconder,
De novo a realidade principia
A mostrar tal qual é,—placida e fria.—
O Bem ou Mal que nos agita o ser.

Vejo-te scismadora; e no momento
Em que por outras terras vaes, querida,
Parece-me sentir o pensamento
Adormecer tranquillo, quando attento
Nos olhos teus, urnas da minha vida.

Luz de meu ser, é justo que, fugindo
Tu de perto de mim, a noite desça
Sobre minh'alma, e o peito meu,—sentindo
As callignas que vão-n'o revestindo,—
P'ra em ti pensar, em souhos adormeça.

Dorme para sonhar; emquanto fores
Navegando contente em mar de rosas
E a lua, nuns phantasticos ardores,
Beijar-te os rubros labios tentadores
Em suaves caricias luminosas,

Elle, entre nuvens, sonha ter-te dito
Na elegante linguagem da paixão,
—A linguagem do olhar,—o amor bendito,
Maior que o céu, grande como o Infinito,
Com qua tu desvairste-me a razão.

O orgulho meu, condor impetuoso
Que aspira a tudo que jamais se alcança,
Baixou do vacuo ao contemplar-te, e ancioso
Foi procurar dos ninhos o repouso
Nas tuas mãos franzinas de criança.

Domina-o, pois; vingá, com teus sarcasmos,
As ingénuas que outr'ora torturei;
Fal-o estorcer-se em horridos espasmos...
Cega, com teu fulgor, meus olhos pasmos,
Que, mesmo cego, inda te fitarei.

Confesso que domaste-me, sereia...
E se ao dizel-o o rosto meu não cora,
E' que o fazer da vida um grão de areia,
Se é cobardia ás mãos de quem se bdeia,
E' intrepidez aos pés de quem se adora.

Foge! parte! não cessa a idolatria
Que apurei do meu peito no crysol;
Vae, que não temo a horrenda noite fria,
Pois á minh'alma ha de voltar o dia,
Quando voltares tu, que és o meu sol!

FREDERICO ROSSARD.

OS QUE SURGEM

VINÓ

Mal lhe entrára o cerebro, insufficientemente allumiado ainda, aquella visão encantadora de Salú na aldeia, Vinó fol outro: já não fechava tão certamente os patos, quando a tarde caía; já não tirava d'agua, com a mesma firmeza d'antes, as rutilas trahiras buliçosas, ao aclarar festivo das manhãs.

A pouco e pouco, deixara-se invadir por uma indolencia vaga, sonhadora, que se transformou depois numa verdadeira desidia contemplativa, semelhante á de um anachoreta entregando seu destino ao poder sobrehumano de alguem que as nuvens encobrem.

Boquejavam na aldeia estranhas cousas. Um tal affirmava ter observado o moço imberbe a traçar na areia de beira rio, horas esquecidas, lineamentos confusos e tremulados. Outro, que o vira ermando pelos coquelraes, noite velha. Chegavam a pretender que uma feia bruxa, durante os placidos somnos do rapaz, lhe bebia o ardente e vigoroso sangue, a chupões esgotadores...

Já se tornava objecto de compaixão. Virgens de olhar sereno e meigo, de alma singela e simples, chamavam-n'o á conversa, querendo teleital-o. E Vinó sorria-se, sorria-lhes, seguindo depois pelas estradas vermelhas, sósnho, como carregando com algo algum segredo que nunca jámais ninguem devêra conhecer.

Salú vlvia dentro da alma d'elle. Avincava-lhe a testa, alegrava-lhe os sonhos, preparava-lhe o coração para as esperanças: de tal sorte que uma vez, podendo afinal encontrar-se com ella ao pé de uma restinga, Vinó poz-se a enumerar bonitos planos.

Chamou-a, quiz beljal-a, fez-lhe caricias com a voz insinuante, já que o genio altivo da rapariga não permitia abraços nem beljos. E Salú, cheia de graça, la ouvindo satisfeita, satisfeita: se não dizia eguaes phrases, era só para não repetir o que elle dizia. Ficava absorta nas palavras de Vinó, e tanto, que elle se calou e ella parecia ouvil-o ainda, muito tempo...

Depois, quando a noite caiu,—pois ha sempre uma noite para todas as venturas—elle embevecidamente permaneceu no mesmo logar escuso, emquanto ella partia, deixando o ar irrequieto, palpitante de um odor suavissimo de baunilha madura. E Vinó, numa grata allucinação, cria estar sentindo sempre o saudavel respiro d'ella, numa fresca aragem que descêra do morro.

Quando teve de voltar á palhoça, la de olhar muito fixo numa grande estrela piscapisca, lucida e oscillante no azul escuro da amplidão tranquillita: era a estrella de Belém, a protectora dos amantes, a que dulcifica a indole impetuosa das creaturas amadas, a que faz a gente feliz.

Olhando-a, Vinó querla endereçar-lhe porventura uma supplica: desejava pedir áquella que tinha palpitações febris por se ver tão só no infinito, que o não separasse da mui dilecta Salú, muito embora a desventura passasse pelas choupanas, destruindo os mais callidos juramentos e as mais arrebatadoras promessas.

E penetrou a palhoça. E dormiu.

Rede leve e embaladora, não contes aos ventos indiscretos o que soubeste, em confidencia, de um espirito apaixonado que se abria descuidoso como uma timorata papoula á sombra. Sapés austeros do tecto, que tendes julzo e amizade ao bello joven aborigene, guardae sigillo. Flechas, que ides voar tão longe, caluda!—nunca as aves conheçam faes mysterios.

O dia alvorejou. Desencapotou-se o cabeço verde dos montes, rasgaram-se os lençoes de neblina que estavam sobranceiros a valles e corregos, ôsol arriscouse—e, não vendo estorvos, tomou posse absoluta do riquissimo firmamento.

Salú cantava ao longe... E de quebrada a quebrada, de serra a serra, alastrava-se aquella sonora canção, toalha harmoniosa que se desenrolou vagarosamente, que se fechou mais vagorosamente ainda. Silenciavam os pitangús palmeiros, conservavam-se immotos os veados na humidade soturna das cavernas.

E Vinó, levantando-se, levantava-se feliz. Sonhára, acordára, talvez estivesse sonhando ainda, talvez sonhasse sempre... Empunhou as flechas, o arco, a bolsa ruda e palmilhou o carreadouro que ia desembocar no rio.

Comtudo os *azaçarys* quasi lhe esfolavam a cabeça, no vôo demorado; os *nambús* quasi lhe bicavam as multicores sandalias de pennas: os *suruquás* de peito rubro passavam no ensombramento das arvores, interrompendo o silencio da matta com subitos rufos d'azas: o moço caçador apenas tinha vontades de atrair a uma ave—a sua phantasia, que subira aos ares, muito longe, e de lá descobria paizes appeteciveis, em que a felicidade é eterna e as horas correm murmurando como os régatos.

O sol brilhava firme. Começava a subir da terra para o sol, como uma offerenda de servas submissas, o perfume mais ebriante que as flores pudessem ter. E o perfume das varias flores, subindo assim ao sol, era uma declaração cuidadosa de saes e promptas puberdades, que o astro robusto trataria de desenvolver e gosar até á tarde, senpre alacre e sempre voluptuoso.

Muitas freiam de leye, muito de leve, á passagem do moço: parecia contarem-lhe ignotas historias agradaveis, num pequeno bulicio que fazia lembrar cochichamentos de meninas brejeiras. Mas no adyto das esarpas, entre samambaias e fetos sonorosos, havia uma longa barulheira, enormemente ironica, promovida pelos sagazes caxinguelés que se penduravam, brincando, dos ramos curvos.

Vinó compenetrou-se desses d'esenxabidos sarcasmos covardes que os hilares animaesinhos lhe dirigiam. E se d'antes pensava roseas cousas, ia agora pensando cousas tristes: via Salú, junto á corredeira espumejante do rio, a preparar a tarrafa para a proxima pesca—, e tinha medo que ella se debruçasse sobre a ribanceira, e algum máo espirito a tentasse do fundo d'agua, tão linda estava Salú.

De subito, farfallharam bem ao perto batidas ramarias: o perfil desempenado de um indio, trajado á guerreira, entrou-se na aberta das folhas. Encaminhou-se para Salú, que o contemplava, e falaram-se alongadamente. Sentaram-se depois ao pé da corredeira. O sol nimbava lrmãmente as duas emplumadas cabeças, frementes ao macio teral.

Vinó, que os via, sentiu bater-lhe no animo a setta do ciume, envenenadamente recoberta de virary. Ergueu num momento o arco rijissimo, deixou-o cair de novo em cima dos rins, descançando sosegado.

Sentia-se, no emtanto, desalentado. E foi com um doloroso dilaceramento intimo que voltou pelo mesmo carreadouro. Desejava, nesse instante, não ter olhos para não ver as mesmas moitas cicantes que lhe tinham feito mesuras á passagem,—não ter ouvidos, para não apprehender a musica purissima que ainda voejava errante por sobre os arvores.

Fez alto. Demoradamente, prendeu olhares de affeição viva á soberba montanha, fidalgamente presenteada pelo sol, a essa hora, com barras de ouro claro. Galgou-a, e levava já no cerebro, menos opaco, mais escandecido, a ldeia de a visitar ainda uma vez, a derradeira. Pois Vinó queria morrer.

A natureza escutaria seus ultimos gemidos, quando algum jaguar, saindo a abscansa furna, o atacasse enraivado. E se o dente acceirado das feras lhe não conseguisse romper de prompto as musculosas carnes, empedernidas da vida livre, despenhar-se-lhe de algum abrupto alcantil afiado e seus membros rolariam no seio amiccissimo da natureza, tremulos ainda.

Vinó subiu, subiu. Do cimo da extrema encosta, descortinava as planuras, miseravelmente diminuidas na distancia, acanhadas entre as gargantas glaucas das serranias.

Deitou-se em riba de uma velha rocha, que as vegetações de avenca tornaram cõr de limo. O minimo rumor saído d'entre os troncos, avisa-o-ia da morte. Não tinha já os mesmos elyseos pensamentos de outrora; mas ahí, fia solidão prazenteira da selva refforida, teve talvez allivios para o seu amargurantissimo desespero.

Encolheu-se instinctivamente, ao ouvir um rumor que augmentava, approximando-se. Era estralejar de lianas puxadas com violencia, era gravetos quebrados, com barulho estallitante, era tremer convulsivo de parasitas que se abraçavam a lianas. Borboletas esquivas, assustadas com certeza, abriram tremulamente as espalmadas ventarolas. Tovacas e urús dormentes suspenderam a sêsta; a matta desentorpeceu-se por inteiro.

Essa agitação inquietada de vida era para Vinó perfeito annuncio de morte. Por isso, foi com olhar de quem se despede para sempre que contemplou amorosamente as alvas trombetas que lhe serviam de docel, movediças ao favonio faguero. As jetys zumbidoras embalavam-lhe os multiplos pensares. Uma juruva cantava triste, em vergonhosa imitação de arrulhos. O sol conseguira adentrar-se na recatada pudicicia da matta.

Quando o rumor se fez sentir mais proximo, Vinó fechou os olhos. Entretanto, admirou-se: contrairam-se-lhe os musculos da face, com sensação exterior de um beijo; humanos braços cingiram-lhe o busto; ennastradas melenas cairam-lhe nos hombros. Desperto affnal do inconsciente pavor, olhava agora:—Salú, tentadora como Salú sabe ser tentadora, estava-lhe á beira...

Repelliu-a, que um joven guerreiro não acceta a mulher amada de dous homens e de dous homens amante. Mas Salú ria-se, e a alegre risada de prata sonorizava o ar limpidamente. E disslhe:

—Era meu pae, Vinó!

Levantaram-se então. Meio abraçados desceram ao valle. Abriu-se a palhoça de Vinó, risonha á entrada da capoeira frondejante.

Em seguida... Rede, sapés e flechas, nunca ninguem saiba por vós o que os dous enamorados se entre-disseram!

VALDOMIRO SILVEIRA.

Não ha maioria contra a consciencia.

JULIO SIMON.

SE EU FOSSE AVE!

Na limpidez azul do teu olhar,
No céu azul dos olhos teus, existo
A terna luz crepuscular e triste
Que inunda o firmamento, ao descambar

Do sol, á tarde. Doce luz, suave
Luz a do teu olhar! Que luz tranquilla
Essa que anima a celestial pupilla
Dos olhos teus! Se eu fosse, ó Flor! uma ave

E pudesse attingir a curva immensa
Do firmamento, as azas acudindo,
O vôo erguera ao anilado lludo
Dos olhos teus — o céu da minha creença!

Mas assim mesmo, Flor! ave não sendo,
Nem tendo azas de forte envergadura,
Mesmo assim, multa vez, da noite escura
Em que vivo sepulto, azas bateudo

Ideias, de fim gaze, o pensamento
Ascende, allucinado, ao infinito
D'esse céu, d'esse olhar, que, mais eu fito,
Mais desejo fitar! Eu só lameuto

Não poder penetrar d'essa saphyra
Desmaiada o segredo! Eu só desejo
Ver n'esse olhar aquillo que não vejo:
AMOR! Que os olhos falem como a lyra,

E, como ella, estalando, corda a corda,
A historia conte do meu peito afflicto,
Digam tambem do seio do infulto
Azul, que doce luz de si transborda,

Todo esse amor — se o têm — doce e suave
Como o limpido azul da curva immensa
Do céu, da linda abóbada suspensa
Por sobre nós! Se eu fosse, ó Flor! uma ave

E pudesse vôar, vôar, vôar
Ao céu azul dos olhos teus, abrindo
As azas, fortemente acudindo
A forte envergadura, lá pousar

O vôo nesse céu suave e doce!

O vôo erguera á celestial pupilla
Dos olhos teus de calma luz tranquilla,
Se eu pudesse vôar, se eu fosse eu fosse!

(Dos "Combates Intimos.")

JOSÉ DE FREITAS GUIMARÃES.

Os preguiçosos têm sempre vontade
de fazer alguma cousa.

VAUENARGUES.

E' PANTÂNO OU PÂNTANO?

"Causará hilaridade e será ferido pela critica mordaz quem disser "pantâno" (com o acento na penultima syllaba) em meio de pessoas entendidas. Será isto bastante para se por em de quarentena os seus creditos litterarios. Um dirá: — Pois elle não saberá que é "pântano"?"

— Não sabe a nossa lingua! — accrescentará outro.

— E' caipira! — responderá talvez um terceiro. "No emtanto, neste ponto, a verdade está do lado dos ignorantes, que compõe as baixas camadas sociais. O povo pronuncia "pantâno", e os eruditos em geral "pântano" (com o acento na antepenultima syllaba). A pronuncia mais correcta é a popular:—"pantâno". E' esta a preferida por Moraes, 1ª edição; assim pronuncia o eximio philólogo braziliello, o meu amigo e coestadino Julio Ribeiro, que escreveu, ao ver dos entendidos e competentes, a melhor grammatica portugueza que possuímos. Eu estou com estes dous grandes mestres da lingua vernacula e com o povo: — pronuncio "pantâno" — JOSÉ MENDES."

"Neste presidio em que fui arrojado pelos accidentes da "struggle for life", foi um lenitivo o excellent. porém, pequenino artigo que, sob o titulo supra, publicou o MONITOR PAULISTA, em seu numero de 5 de Agosto ultimo. Lastimel que fosse tão diminuta a dose, e disse commigo: — Por que o Sr. José Mendes não se estendeu ao menos até o fim da columna?"

"Foi diminuta, sim, mas confortou-me e agradeceu-me muito.

"Um amigo, a quem muito prézo, pediu-me a opinião sobre o assumpto. Que poderel eu dizer depois da citação de Moraes e Julio Ribeiro? Só me é licito citar tambem. Encontrei em Fonseca e Roquette (1871) "pântano", com acento na primeira syllaba. Aulete não indica o acento d'essa palavra, que, segundo diz, vem do Hespanhol.

"Creio que em todo o presidio não existe um só dicionario hespanhol: e, nestas condições, como emittir e fundamentar opinião?"

"Por semelhança o analogia?"

Mas temos em portuguez — "humano, engano", com accento na penultima syllaba, o "láudano e rábano", com accento na antepenultima syllaba. Por esse lado nada se arranja.

Nos dictionarios francez, luglez o latiuo, não encontro essa palavra.

Ando descrente de tudo, até da prosodia: tenho ouvido sempre dizer "nóvel", mas, apuradas as razões, vi que é novél, com accento na ultima syllaba. Uns dizem "imbécil", outros, porém, sustentam que é "imbécil", accento na ultima.

Até do purismo e correção da linguagem descreto. Escrevi uma vez que "guardar o leito", no sentido de estar de cama, era gallicismo. Hôga que tal disseste! Um illustre director de collegio, em um hotel, esbravejou contra mim, e eu, durante a tempestade, só tive o expediente de esgotar a taça de vinho que o pedagogo teve a feliz idéa de me offerecer.

Nunca pensei que "c'est á dire" se pudesse traduzir por — "é dizer", e seria capaz de jurar que "é dizer" é gallicismo; eutretanto, encontrei por vezes essa locução na excellente traducção do TELEMACO, feita por Filinto Elysis.

Finalmente direi que, por minha parte, o artigo a que alludo abalou, mas não mudou a minha convicção; e, por isso, continuo a acompanhar a maioria que pronuncia "pântano", accento na primeira syllaba, e assim não me tôrno notavel, e poupo-me ao trabalho de estar a cada passo justificando meu modo de pronunciar.

— Agora, perguntar-me-ão:

— Por que tamanho rodeio para dizer tão pouco sobre o assumpto?

— Um discipulo de Appelles pintara Helena pouco formosa, porém muito adornada. Disse-lhe Appelles;

— Sabeis porque a pintaste tão rica? Porque a não soubeste pintar formosa.

— Respondo pois:

— Divaguei porque pouco podia dizer sobre a these.

Avaré, Setembro, 1893.—A. CESAR."

A natural tendencia de meu espirito para os estudos philologicos, em luta muita vez com a necessidade de afastar a d'esse caminho, fez-me entrar na questáo que o meu amigo Dr. José Mendes em boa hora levantou no MONITOR PAULISTA.

E "pântano", ou "pantano"?

A meu vêr, nós os brasileiros, que falamos uma lingua cuja accentuação phonetica é manifesta e cresce dia a dia, devemos pronunciar o vocabulo nasalando a penultima syllaba.

Assim fazeudo, praticamos a boa regra phonologica, obramos de accôrdo com a etymologia da palavra e com os bons ensinamentos dos mestres.

E de facto, "pântano" é palavra hespanhola, que passou para o portuguez integralmente, com a mesma orthographia, com a mesma prosodia. Não vem do Latim, ou Grego, como supõe Constantino em seu "Dictionario critico e etymologico da lingua portugueza". Em italiano se diz tambem — "pantano".

Alguns escriptores usam indistinctamente da palavra com o accento na primeira syllaba e sem accento algum. Escrevem comtudo, sempre, "pantana", que é siuonymo de "pântano".

João Ribeiro, um dos nossos melhozes grammaticologos, mencionando os caracteres phonologicos, que na maioria distinguem a linguagem popular da erudita, constata a existencia de "pântano" ("Dictionario grammatical," 1889, pag. 76).

Macedo Soares, nos "Estudos lexicographicos do dialecto brasileiro," publicadas na "Revista Brasileira," diz:

"Pântano, pantano, com o seguudo "a" longo, corresponde ao portuguez — "pântano;" e tão boa é uma pronuncia, como a outra. Eutretanto, um folhetinista do "Jornal do Commercio," tendo acompanhado o ministro d'agricultura num passeio a Leopoldina e parado na fazenda do "Pântano," pertencente ao Dr. Santos Silva, pôz-se muito atrapalhado com esta pronuncia e concluiu: porque "pântano" não é Portuguez, mas é o nome da fazenda (*), escrevamos "Pântano, Pantano". Mas então em materia de linguagem, o que não é portuguez não pôde ser brasileiro?"

Esquagnolle Taunay, no seu interessante livro "Céus e terras do Brasil," fala dos "pântanos" do Pequiré e acrescenta, em nota, que "no interior pronuncin-se a palavra grave, e não esdruxula, mais conforme assim com a etymologia."

Depois da citação de taes autoridades, como João Ribeiro, como Macedo Soares, como Taunay, que tauto hão estudado a nossa lingua e os nossos costumes, parece ousadia de minha parte continuar no assumpto. Eutretanto, seja-me permitido declarar porque adopto a fórma popular de pronunciar o vocabulo.

A lingua falada no Brasil é o dialecto castelhano, e o Portuguez antigo, com differenciações

(*) Conheço logares em Minas com o nome de "Pântano," como sejam: uma fazenda em Uberaba e o arrual — "Dóres do Pântano." Em S. Paulo ha a estação do "Pântano," no Ramal Descalvadense, da linha Paulista.

N. DO A.

apenas produzidas pelo tempo, pela conquista de vocabulos novos, pela influencia de factores physicos e moraes, segundo a classificação geral de William Dwight Whitney, na "Essenciais de english grammar," de Henry Thomas Buckle, na "History of civilisation in England," e de Dellus, na "Romanische sprachfamilie".

Depois de 1640, os Portuguezes trataram quanto possivel de afastar da lingua do seus oppressores (os Hespanhoes) o dialecto castelhano, — diz o Sr. Paranhos da Silva. A adopção da orthographia latina nos livros de Portugal, — continua o mesmo autor, — para substituir a portugueza dos escriptores gallicantistas, bem claramente indica a idéa que os Portuguezes tiveram de fazer sua lingua "parecer" muito diversa da castelhana.

Essa opinião é robustecida pela de Whitney, que diz, a respeito do falar da gente inculta, que "estas cousas provém em parte da tradição, e não são seuas a lingua antiga, tal qual a falaram alguns seculos antes as classes cultivadas."

Ainda hoje os nossos caipiras empregam phrases e termos que a nós outros nos parecem erros palmares. No emtanto ha para isso uma razão forte; o caipira tem motivos, que elle proprio ignora para assim proceder.

Muito frequentemente ouvimos os matutos dizerem "maginar, entoncos, dispois, corage, ventage, desgraçia, differença, ansim," em vez de — "imaginar, então, depois, coragem, vantagem, desgraça, differença, assim."

Isto que supponho "batatas" tem comtudo sua razão de ser: o caipira não erra, não está deturpando a lingua, — conserva apenas aquella herança que a tradição lhe transmittiu. Com effeito, "maginar," é portuguez classico; "entoncos, despues, corage, ventaja, desgraçia, differença," se encontram no Hespanhol, e "ansim" é do antigo castelhano.

Em Camões lêem-se repetidas vezes — "dispois, mas porém..."

Não zombemos do linguajar do poviléo. Ello, disse o Julio Ribeiro, é conservador tenaz dos elementos archaicos da lingua.

Acompanhem-o antes, pronunciando tambem "pântano." O povo está com a verdade historica da linguagem.

Casa Branca, 1893.

LAFAYETTE DE TOLEDO.

A amizade é um sentimento nobre e raro que só experimentam os capazes de inspiral-o.

XXX.

Factos e Noticias

CONSELHEIRO DANTAS

Falleceu o conselheiro Manoel Pinto de Souza Dantas, á 1 hora da madrugada do dia 29 do passado.

Foi na Bahia que nasceu, a 21 de Fevereiro de 1831, o grande brasileiro que, durante toda a sua vida, prestou á sua patria tantos e tão relevantes serviços.

Tendo-se formado em 1851 na academia de Olinda em sciencias juridicas e sociaes, passou logo a exercer com grande brilhantismo o cargo de procurador fiscal na thesouraria do Estado que lhe foi berço.

De então em diante a sua carreira foi uma serie ininterrompida de luctas e de glorias, bem conhecidas de todos.

Embalsamado pelo Dr. Costa Ferraz, realizou-se na tarde de 31 do passado a trasladação do corpo da casa do conselheiro Rodolpho Dantas para a capella do cemiterio do Carmo, onde ficou depositado.

O acto foi solemnissimo pelo enorme quantidade de carros que compunham o prestito, pela elevada posição das pessoas que prestavam aquella homenagem ao illustre morto, pelo grande numero, riqueza e gosto das grinaldas funebres e emfim pela profunda magua que se via impressa em todas as physionomias.

A SEMANA que, em sua primeira phase, soube comprehender e applaudir a obra do conselheiro Dantas, quiz tambem associar-se ás geraes manifestações de preito e dó pelo seu passamento.

Não tendo sido possivel fazer-se representar por algum dos seus redactores, enviou uma grinalda de saudades e amores perfectos, tendo nas fitas pretas a seguinte inscripção:

"Ao grande brasileiro—A SEMANA."

E hoje estampamos um retrato, especialmente feito para a nossa folha, pelo nosso collaborador Belmiro de Almeida.

Falleceu e sepultou-se hontem uma filha do illustre magistrado Dr. Macedo Soares, de nome Judith, moça formosa e intelligente, que era o enlevo da familia, á qual damos sinceros pesames.

O artigo que no ECHO DU BRÉSIL de 20 do mez passado escreveu o nosso director sob o titulo LE BRÉSIL EN FRANCE teve a honra de ser traduzido e reproduzido em S. Paulo pelo CORREIO PAULISTANO e aqui pelo DIARIO DA TARDE. Para satisfazer os pedidos de varios leitores d'A SEMANA reproduzimos o proximo numero, servindo-nos da excellente traducção do CORREIO PAULISTANO.

Ao artigo LE BRÉSIL EN FRANCE respondeu o director do ECHO DU BRÉSIL em seu numero de sabbado passado em um artigo cheio de verdade e bom senso, no qual apresenta como causa principal de não ser o Brasil devidamente conhecido em França a falta de propaganda, lembrando que só uma tentativa se fez, devida á iniciativa do saudoso dr. Couty, tentativa que não foi reproduzida.

Ha, de certo, muita verdade nisso. O Brasil não tem feito propaganda de seus recursos, costumes, riquezas, etc. no Estrangelro.

No tempo do imperio tinhamos uma réclame viva e perambulante—o monarcha; mas que tambem não bastava, tanto que o Brasil ficou ignorado. Na Republica nada temos feito. E é preciso fazer alguma cousa.

CONCURSOS LITTERARIOS

Ficam estabelecidos quatro concursos trimensaes, de prosa e verso.

O primeiro, aberto, desde já, será encerrado no dia 15 de Fevereiro; o segundo será aberto a 1 de Abril e encerrado a 15 de Maio; o terceiro será aberto a 1 de Julho e encerrado a 15 de Agosto, e o ultimo será aberto a 1 de Outubro e encerrado a 15 de Novembro.

CONDIÇÕES GERAES

Os manuscritos, dirigidos ao director d'A SEMANA, irarão, em vez de assignatura, uma divisa ou legenda e devem ser escriptos em letra bem intelligivel.

Devem ser todos completamente inéditos.

Cada manuscrito será acompanhado de uma sobrecarta, na qual se leia a divisa ou legenda correspondente ao manuscrito, a declaração: "Prosa" ou "Poesia", e dentro da qual virão o nome e a residencia do autor do trabalho.

Quer para as composições em prosa como para as em verso a maxima liberdade é concedida para a escolha do assumpto e a fórma da obra.

O mesmo autor pôde concorrer a ambos os torneos, tanto o de prosa como o de poesia. Cada concorrente só pôde apresentar um trabalho.

Os trechos de prosa—contos, quadros, fantasias, seja o que for—não deverão ter menos de 150 linhas (de uma tira de almagão) nem mais de 400.

Os poemas não conterão menos de 14 versos nem mais de 150.

Nos mezes de Março, Junho, Setembro e Dezembro serão publicados os trabalhos premiados em cada concurso anterior.

OS PREMIOS

Para o concurso de poesia só estabelecemos um premio. Para o de prosa—tres: primeiro, segundo e terceiro. Se acontecer que dous, tres ou quatro poemas mereçam o premio unico, será este conferido a um e os outros passarão para o seguinte concurso. O mesmo para o caso de merecerem varios trechos de prosa o primeiro dos tres premios.

Consistirão estes em livros de luxo, raridades bibliographicas, autographos preciosos, retratos de celebidades, ricamente emoldurados, etc.

A DIRECÇÃO.

CORREIO

SR. BOREL. Eis como começa Sua Mercê o seu desaforo em forma de carta:

“Tu que és tão prompto em castigares...”

Castigado estás tu e vingado estou eu só com esta primeira phrase do teu desarrasado. Com que, amigo Borel (Nem ao menos o diabo é Burel!). E' que elle quiz, certamente, fugir ás tres primeiras letras fataes do proprio nome; mas nem se lembrou que a cauda lhe ficava á mostra!) Com que, achas tu (senhor typographo, carregue-me neste “tú”) achas, então, que os actuaes collaboradores d'A SEMANA são morcegos, hein? Sublo-te de certo toda a toleira á cabeça!

Mas, pelo amor de Deus, leitores, olhem-me para este bananzola! Não percam esta delicia! Puchem-lhe só pelos cordels para ver como elle brinca!

Ahi, Fulustrédo! Desengonça, Chico!

Olha, carinho, tu te espichaste vergonhosamente! Quizeste dizer—“ta-tá,” e não te chegou a lingua!... Morcegos, ouviste? não são os collaboradores d'esta folha, mór cego és tu que lhes não vês o talento! Mas verdadeiramente morcego sabes tu quem é? Morcego... morcego é a avó!

Engula esta e abaixe a grimpa, “seu” troixa!

SR. RAMOS ARANTES.—Os seus QUATRO SONETOS (devia antes dizer sonetinhos) são regulares. Um pouco piegas, mas... passam, passam! Ficam esperados, e não hão de perder em esperar, visto que quem espera sempre alcança.

Dir-me-a porém o amigo que, ás vezes, um rapaz leva a arrastar a aza a uma moça na esperança de casar-se com ella; e, tanto cóca, e tanto espera que uma bella occasião alcança. Mas o peor é que, em vez de alcançar a mão da bella, como era de justiça, alcança mas é a manopla do pae pelas tabaqueiras! O que se chama uma boa nota de cinco!... (Já é um dote!)

Com o Sr., porém, tal não acontecerá, assevero. Os seus sonetinhos hão de alcançar publicação.

SR. D. DE O.—(Recife) Lindos os seus versos “Flor del ciclo” e “A Gloria” D'estes é que gosto de receber. Ah! meu caro, se todos os que recebo fossem d'esta qualidade! Vae ver que bonita collocação vão ter os seus.

E mande malá.

SR. J. M. DE A. (Rio Pardo)—Seu continho “Impressões Agradaveis” acaba de fazer uma viagemzinha: foi até á cesta dos papéis velhos. E' muito piégas, mesmo muito. Tudo aquillo é rococó como um par de botinas de duraque e biqueiras de verniz. Mas não desanime: quem porfia....

ENRICO.

Tratos á bola

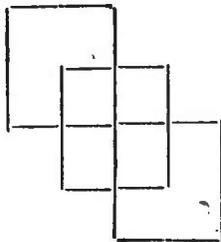
Devido a grande atrazo no meu expediente religioso (só a santa Genoveva devo eu nada menos de seis padrenossos, e dois pelos menos a cada uma das outras santas), devido a isto, passo hoje pelas tratices como gato por brazaa ou como passa por missa de finados um padre com dôrdô barriga!

Para não perder tempo, entro já em serviço:

As do numero passado, mortas em primeiro lugar por “D. Joanninha B.” que fez jús ao premio, e depois por “Josephina B.,” “Janina O.,” “K.C.T. A. Dor,” “Cancurenha,” “Bombardon,” “Bigode de Arame” e “Lupse,” são estas:

1ª Serodio, 2ª Lanterneta, 3ª Ixora, 4ª Morte, 5ª Ala, Lar, Arasá, Ser, Ara, 6ª Tiradifraavel, 7ª (Decifração adeante), 8ª Tiradentes, 9ª Saracutinga, 10ª Nictheroy.

DECIFRAÇÃO DO PROBLEMA



La váe mecha!

D'esta vez só o Dégas tem a palavra:

ANTIGA

Sou um adverbio, segundo Aulete—1.
Na mão do obreiro sou conhecido—1.
Quando me mettem duro cacete,
Eu no cacete fico mettido—1.

Por fim o riço cacete acabo
Eu que sou riço mais que o Diabo—1.

Em conclusão: implumado
Eu sou sem passaro ser.
Oh! charadista illustrado,
Decifra e vem me dizer.

NOVISSIMAS

E' adverbio? Substantivo? E' letra,
letra do guerreiro.—1, 1, 1, 1.

Cobre-te, filho da Biblia, cobre-te!—2, 2.

O vestuario conta do homem—2, 2.

ANTIGA

*Stou na moringa,—1
Mas cubro o corpo;—1
Sou da botica—1
Mas cubro o corpo.

Flic-flac
Roseiral
Catrapuz
Calvario
Salcelro
Thesouro
Ataulph.
Engracia
Nestes nomes, que são oito,
Se achares em diagonal
O nome da cousa tal,
Has de ganhar um biscoito.

DECAPITADA

Cobre o coco—
Sem ser nada—
Não sou pouco—
Letra achada
Sou no livro,
No A B C;
Não me livro
De quem lê.—

PERGUNTAS

Qual o objecto que faz um numero fatal de eunuchos?

Cobre o soldado com o bicho que se põe nos hombros ás avessas, e com o numero que, ás avessas, faz o tecido?

LOGOGYPHO

Soporifero—3, 6, 7, 5, 9
Páo esgulo—1, 2, 3, 4, 5, 9
Que navega
Com destreza,—1, 2, 5, 9
E' do Codigo,—3, 6, 7
Tapa o frio...—1, 2, 3, 2
Oh! que esfrega!—8, 9, 3, 9
Põe-o á mesa.

ENIGMA

Eu vivo sempre no alto,
Mas onde me toca a mão;
Na peleja eu nunca falto
Dominando o batalhão!

O topete põe por baixo
Dos outros o meu topete...
Mesmo quando uns oito eu acho,
Heide sempre contar sete.

Sou tambem do capadocio
Bom companheiro, oh! se sou!
Comigo não faz negocio
Nem fedelho nem vovô.

Tenho pena de mim proprio;
Dos outros caso não faço...
Quem queimou Felix que sobre-o!
Podem dizer que sou de aço!...

Pois quando um golpe me apanha
Que amolgar-me um pouco venha,
De mim na crua campanha
Pena acho acaso quem tenha!
Quatro syllabas eu conto
E com esta... ponho o ponto.

Tem dois cês e pê e tê
Tem dois ás e tem dois és;
Mas não tem pés
(Não sei porque!)...
O que é??

E agora para terminar, esta qua é novinha como o azeite de peixe e a chuva de pedra:

Branco é, gallinha o põe.
(Olha esta omelette que saia!)

Ao primeiro decifrador de toda a quitação, inclusive esta que é dura como um chifre, um premio capaz de matar de inveja Mephistopheles.

E sem mais, abençoa-vos

FREI ANTONIO.

**ESTABELECIMENTO
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO**

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado
115 — Rua Sete de Setembro — 115
Rua da Carioca, 12 e 14
FILIAL EM PETROPOLIS

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A' CASA PASCHOAL
CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133

Importação por todos os paquetes

Completo sortimento de chapéus para homens,
enhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.

Rio de Janeiro

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE

FLORES ARTIFICIAES

Ribeiro de Carvalho & C.
RUA DO PASSEIO

Têm sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas, flores,
etc., etc.

**PIANOS E MUSICAS
FONTES & C.**

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

O PEDAGOGIUM

13 Rua do Visconde do Rio Branco 13

BIBLIOTHECA

Laboratorio de Chimica, Gabinetes de Physica
e Historia Natural.

EXPOSIÇÃO DE MATERIAL ESCOLAR

ESTÁ FRANCO AOS ESTUDIOSOS

Nos dias uteis das 10 horas da manhã ás 3 da tarde

REVISTA PEDAGOGICA

Orgão do PEDAGOGIUM. Distribuição gratis aos
Srs. Professores.

ESTA PUBLICADO O 1º FASCICULO DO TOMO V

Dr. R. Rajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas.

Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

DR. VALENTIM MAGALHÃES

ADVOGADO

67 Rua Gonçalves Dias 67

PRIMEIRO ANDAR

DE 1 A'S 3 HORAS

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade : *Partos e Molestias das Senhoras*

Residencia e Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

Papelaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64.

Importação de papel de todas as qualidades.
Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.

